3 1761 06679387 8

O MUNDO DO LIVRO
L. da Trindade, 11 - 13
Tel. 2 9951 — LISBOA
18022

245

A Rainha Santa

(D. ISABEL D'ARAGÃO)

ARMANDO DA SILVA E CALDAS CORDEIRO

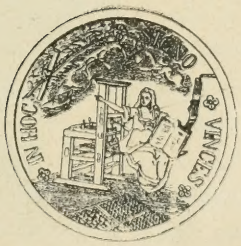
A Rainha Santa

(D. ISABEL D'ARAGÃO)

Romance historico, illustrado com chromos e gravuras

DE

CONCEIÇÃO SILVA E DO DR. VALLE E SOUSA



1903
LIVRARIA EDITORA
GUIMARÃES, LIBANIO & C.IA
108, Rua de S. Roque, 108
LISBOA

650

Brief
PQD
000 3325

Digitized by the Internet Archive
in 2010 with funding from
University of Toronto

http://www.archive.org/details/rainhasantadisab00silv

A RAINHA SANTA

Mestre Guterres

CAPITULO I

A vingança

ELAS nove horas de uma noite de fevereiro do anno de 1294, oito cavalleiros seguiam pela estrada á beira do Tejo que conduzia á parte oriental de Lisboa. O vento soprava rijamente, agitando com força as grandes arvores que ladeavam o caminho. Grossas nuvens brancas acumulavam-se no ceu; mas a lua, apesar d'isso, conseguia alumiar com a sua luz pallida a estrada por onde cavalgavam os oito individuos. Dois d'estes vinham um pouco distanciados dos outros e absorvidos n'uma animada conversação. Um era um homem ainda novo, de trinta annos, quando muito, rosto trigueiro, barba e cabellos pretos, beiços grossos e uns olhos chammejantes, como indicando os sentimentos rancorosos de

que vinha possuido. O outro era um velho que teria mais de sessenta annos, os cabellos e os pellos do rosto completamente brancos.

— Sr. D. Ruy Mendes, disse este ultimo para o mais novo, lembro-vos mais uma vez os perigos que ides correr e as vinganças terriveis que ides provocar. Estamos ainda a tempo, meu senhor, poderemos voltar para o castello.

— Não, não; é impossivel, respondeu Ruy. É tarde. Jurei vingar-me, planeei para hoje essa vingança e agora, quando só faltam apenas momentos para a ver realisada, havia de recuar? Essa idéa não parece tua, meu bom Gonçalo. Foste o meu aio, educaste-me desde creança, deves pois saber que não conheço o medo.

— Podeis desconhecer o medo, mas conhecer a prudencia, meu senhor. Não me obrigueis a repetir-vos o que vos tenho dito ha mais de uma hora. Deus é testemunha que se vos acompanhei, foi com a esperança de que os meus conselhos tão razoaveis vos demoveriam do vosso arriscado intento. Agora, porém, meu senhor, começo a perder a esperança...

— Devias tel-a perdido, quando te disse ser inutil acompanhares-me, pois nada conseguirias.

— Bem, realisae o vosso intento; e como dentro de alguns dias tereis de homisiar-vos, lá irei eu com os meus sessenta e dois annos experimentar pela primeira vez os albergues de Castella ou de Aragão, se é que ahi nos não chegar a justiça de D. Diniz.

— Nunca te conheci tão receoso e prudente.

— Ah, meu senhor, tudo que vos digo é pensando no vosso bem. Eu, por mim, já nada espero da vida, e só almejo morrer em paz; mas vós, meu senhor, que deveis contar com um brilhante futuro, que tendes deante uma vida de honras e de fausto, que com o tempo havereis de vencer o mau humor do rei, que será o primeiro, quando as luctas intestinas do reino estiverem apaziguadas, a estender-vos a mão e a elevar-vos ás posições a que tendes direito de subir, vós, por uma colera má conselheira, ides deitar-vos a perder e inutilisar de vez esse futuro brilhante que vos espera.

— Não me illudas mais, meu bom Gonçalo; sabes que eu nasci guerreiro, mas não nasci cortezão. Ora o que querias era que eu calasse todos os insultos e todas as espoliações, que devo a D. Diniz, que esperasse que a colera do rei se abrandasse ou que chegasse a sua tardia justiça, e então beijasse submisso a mão que me tem ferido,

e, humilde, curvado ante a sua regia omnipotencia, fosse mendiga-mercês ás portas dos paços de Lisboa, de Santarem, de Leiria ou de Coimbra.

— Digo-vos, meu senhor, que, embora tendo sido educado por este vosso servo, pareceis mais um d'esses casuistas doutorados em Bolonha ou em Pisa do que um discipulo de Gonçalo Fernandes. A vossa teimosia encontra respostas para tudo. Vejo que quereis perder-vos sem remissão.

— Perder-me! perder-me! eis as palavras que saem da tua boca. Parece-me que vingar-me de um infame judeu que me roubou, apoderando-me da filha, essa judia enfeitiçadora que me tratou com tanto desdem, não é agora um crime que mereça forca. Todos os dias, homens muito menos fidalgos do que eu se apoderam de mulheres e fazem-lhes todas as violencias, sem que por isso sejam castigados.

— Desculpae que vos diga: não pensaes o que acabaes de dizer. São razões para vós mesmo vos illudirdes e não para mim, meu senhor. Ao judeu e á judia, que os leve o diabo a ambos, e, se antes de Satanaz os levar, vós lhes quizesseis arrancar a pelle, bem me importava a mim com isso! Mas é que a vossa vingança toca no rei, que tanto tem protegido o maldito velho, e que tomará a offensa como feita a elle. Livrae-vos da colera do rei! Se elle vos põe mão...

— Pois seja! Adivinhaste-me, Gonçalo. O odio que me devora, não é só contra os dois miseraveis hereges; vae mais alto, vae até ao rei. Odeio D. Diniz! Ah, meu Gonçalo, nem tu sabes como eu o odeio! Odeio-o, porque me roubou o que era meu, doado por seu pae ao meu pae, para o dar ao infame mercante! odeio-o porque me não tem poupado humilhações, despojando-me de quasi todos os direitos de senhor que exercia nas minhas terras por direito tradicional, em proveito da coroa, dos burguezes e até do povo! E achas que o não devo odiar? Hoje sacío parte do meu odio. Veremos o que fará esse rei.

— Por respeito para comvosco, prefiro calar-me. Demais, chegámos á cidade.

As casas começavam a apparecer; do lado direito da rua onde tinham entrado, viam-se as colinas de Lisboa, com as suas egrejas, os seus paços, a sua casaria, onde, aqui e alem, bruxuleava alguma luz mortiça.

Chegaram a um arco, que conduzia a um largo, cercado de pequenas casas baixas. Ruy Mendes mandou parar os seus homens. Depois, tendo coberto o rosto com uma mascara preta, entrou no largo, observou as moradas, onde o socego parecia ser sepulchral, e, fixando com attenção uma das habitações, tornou para junto dos seus companheiros.

— Meu bom Gonçalo, espera-me aqui com dois dos nossos homens. Basta que sejamos apenas cinco.

Escolheu efectivamente quatro d'elles e disse-lhes:

— Cubram os rostos com as mascaras. Evitem violencias ou derramar sangue. Homens ou mulheres que lhes appareçam, é enlaçal-os com as cordas, amarral-os bem, e deixal-os, que não mais vos poderão fazer damno.

Os cinco cavalgaram até ao largo de S. Silvestre, e, tendo alcançado uma das casas baixas para onde momentos antes D. Ruy tinha dirigido os seus olhares investigadores, apearam-se. Um dos homens ficou segurando os cavallos.

D. Ruy e tres dos seus companheiros aproximaram-se da habitação. Era uma casa baixa, com quatro pequenas frestas em fórma de ferradura, e uma porta estreita, á qual se subia por dois degraus de pedra.

O fidalgo fez accender os archotes, e, aproximando-se da porta, arrombou-a ás machadadas. Entraram todos precipitadamente. A luz amarella dos fachos mostrou-lhes logo no pavimento de entrada os rostos apavorados de duas mulheres e de um homem. Este só teve tempo de proferir um grito rouco, que foi logo abafado pela mordaça; amarraram-n'o depois.

Das mulheres, a mais velha, teve tempo ainda de dar alguns gritos pedindo soccorro, mas em poucos momentos teve a sorte do homem.

A mulher mais nova é que tinha achado desnecessario proferir alguma palavra. Parece que percebera tudo.

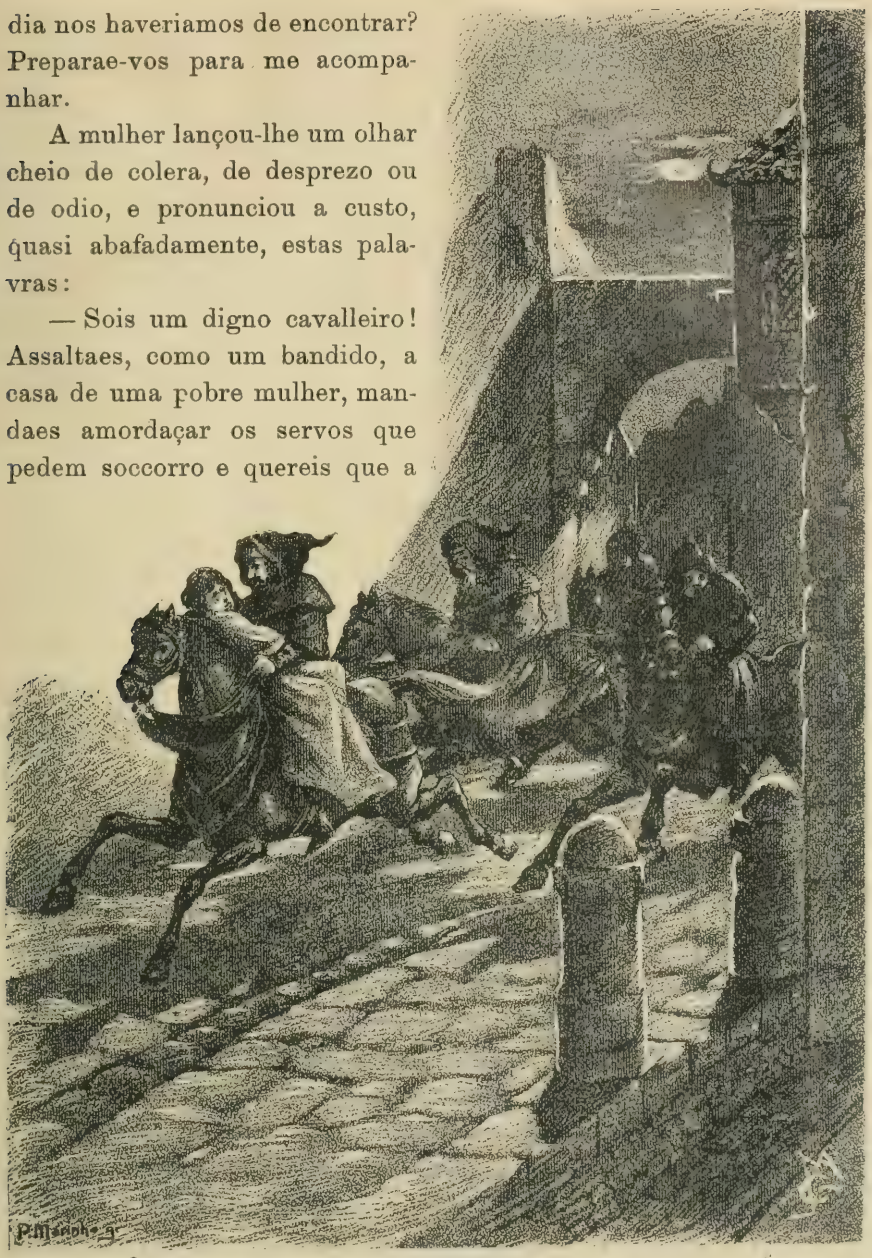
Ruy Mendes fixou-a durante alguns instantes. Era uma mulher de uns vinte e cinco annos, alta e forte; no seu rosto branco sobresaiam os olhos negros e os labios vermelhos. A sua formosura radiante produzia um mixto de attracção, de respeito e de ternura. Ruy, arrancando a mascara, disse-lhe com um modo brusco e de escarneo:

— Aqui me tendes, bella desdenhosa. Não vos disse que um

dia nos haveriamos de encontrar? Preparae-vos para me acompanhar.

A mulher lançou-lhe um olhar cheio de colera, de desprezo ou de odio, e pronunciou a custo, quasi abafadamente, estas palavras:

— Sois um digno cavalleiro! Assaltaes, como um bandido, a casa de uma pobre mulher, mandaes amordaçar os servos que pedem soccorro e quereis que a



O rapto da judia

victima da vossa violencia vos siga submissa.

— Senhora, senhora, calae-vos! exclamou Ruy sentindo o sangue subir lhe ás faces. Não venho aqui para discutir comvosco. O que

tinhamos a dizer já o dissémos em outra occasião. Venho para cumprir a minha promessa, e hei de cumpril-a! Digo-vos uma vez ainda: quereis seguir-me?

— Só pela força, só arrastada, me levareis de casa de meu pae! exclamou ella.

— Ah! é a vossa ultima palavra?

E Ruy chamou os seus homens a quem ordenou:

— Amarrem e amordacem esta mulher. Vamos, depressa, que não temos tempo a perder.

Quando se aproximaram para a enlaçarem, ella deu um grito convulso, e teria cahido desamparadamente no chão se a não tivessem sustido.

— Bem, poupa-vos o trabalho de a amordaçar, disse Ruy, agarrando a mulher nos seus braços vigorosos.— Agora a caminho.

Chegados ao largo, montaram, alcançaram os outros companheiros, e Ruy, que levava a mulher desmaiada no seu cavallo, deu ordem para baterem á desfilada. Durante alguns minutos ainda se ouviu o ruido da cavalgada fugindo atravez a noite; pouco a pouco os sons foram-se tornando mais distantes, até que aquella parte da antiga Lisboa tombou de novo no seu costumado silencio e socego nocturno.

*

* *

Se Ruy, quando saiu da casa do largo de S. Silvestre, tivesse menos pressa em partir, e examinasse, como fez ao começo, as moradias circumvisinhas, teria percebido n'uma d'ellas, que ficava fronteira á que elle assaltara, uma luz passando e repassando atravez as diversas frestas e indicando que ali havia gente que velava e se agitava. Eram as trazeiras d'uma taberna, celebre n'aquelle tempo por vender um esplendido vinho da Ameixoeira e por diversas especialidades em petiscos. O seu dono chamava-se Pero Guterres e era sujeito tido e conhecido como homem de boas contas e que soubera fazer prosperar o seu negocio. Na tasca de mestre Guterres juntavam-se individuos de todas as classes.

A entrada para a taberna era por uma porta na rua da Mercê.

Pelas dez horas da noite em que esta historia começa, mestre Guterres, com a porta da tasca quasi cerrada, tentava fazer levantar

tres homens, que, sem duvida, entorpecidos pelas continuadas libações do espumoso vinho da Ameixoeira, de que havia ainda grandes vestigios sobre a meza, principiavam a roncar com uma certa força.

— Ó Braz! disse elle, dirigindo-se a um individuo que assistia de pé e silencioso a toda esta scena. Vê tu tambem se me ajudas a levantar estes borrachões, que são horas de nos irmos deitar.

— O patrão bem vê que não ha meio de os pôr em pé, respondeu Braz, n'um encolher de hombros resignado.

Mestre Guterres ia a responder, quando um ruido qualquer lhe chamou a attenção. Escutou durante certo tempo e perguntou ao companheiro:

— Não sentes que cavalgam para estes sitios?

— Sinto, sim, senhor.

— Vae depressa fechar a porta e cerrar as frestas, que eu não quero gente a estas horas. São capazes de ser alguns fidalgos que venham aqui fazer tavolagem e teremos de perder a noite a atural-os.

Braz obedeceu, e, tendo cumprido as ordens, veio dizer:

— Cá fechei tudo, mas olhe que pela rua não vem ninguem.

Guterres, que continuava a escutar e que d'esta vez ouviu bem distinctamente o bater das patas dos cavallos nas pedras da calçada, ajuntou:

— Só se é pelos lados do largo. Espera-me, — disse elle, tirando da parede, onde estava pendurada, uma tosca candeia de azeite, — e se baterem não abras a ninguem, ouviste?

Braz fez com a cabeça um signal de que entendera, e Guterres levou a candeia por um corredor, collocou-a sobre uma arca, e, chegando-se a uma das frestas, começou a observar o que se passava. Devia ser com effeito bastante interessante, porque o taberneiro agitava o corpo, levantava os braços, proferia exclamações vehementes, emfim um monologo onde a energia das palavras era condignamente acompanhada pela violencia dos gestos.

O que tanto excitava mestre Guterres era vêr que assaltavam a casa do seu visinho judeu.

Quando viu os homens sair e montárem, o taberneiro abriu cuidadosamente uma pequena porta, e, encostado ás paredes, seguiu-os até que elles encontraram os companheiros e partiram á desfilada.

— Ah! perros, perros! tivesse eu agora alguem em estado de em

punhar as béstas e eu vos diria as balas e as setas que vos haviam de chover em cima. Mas não perdem!... terminou Guterres, com uma vaga ameaça, fixando com attenção a estrada por onde Ruy Mendes e os seus companheiros fugiam.

Em seguida voltou á taberna, tomou a candeia e dirigiu-se a casa do judeu. Entrou, e, tendo percorrido uma parte das casas, foi encontrar a mulher e o homem que Ruy Mendes mandára amarrar e amordaçar. Examinou-os com uns olhares piedosos, e, percebendo que estavam vivos, disse-lhes:

— Esperem, tenham mais um pouco de paciencia, que eu e o Braz já vimos soltal-os.

Correu á taberna, chamou Braz, tirou de um canto duas enormes facas, e, entregando uma ao criado, disse lhe:

— Toma esta faca e vem ajudar-me a cortar as cordas com que os infames ladrões amarraram a tia Rita e o pobre João, os servos do nosso visinho judeu.

Braz segui-o sem proferir palavra. Subiram rapidamente á casa onde os dois amordaçados estavam, e, depois de algum trabalho, conseguiram livral-os. A tia Rita chorava convulsamente; o infeliz João, esse, parece que perdera de todo a fala.

— Antes esses bandidos me tivessem morto, senhor Guterres! Como hei de eu apparecer ao meu amo, quando elle chegar da sua viagem, e dizer-lhe que roubaram a menina!

— Raptáram a menina Sarah! exclamou Guterres. E eu, que julgava que os individuos que assaltaram a casa eram ladrões, que vinham ao cheiro do ouro.

— Antes fossem ladrões! exclamou Rita.

— Sabem, disse Guterres, depois de meditar durante uns momentos, parece-me que ainda alguma coisa se poderá tentar para se saber onde pára a menina Sarah.

Rita e João chegaram-se a elle e esperaram com interesse.

Guterres, porém, aproximou-se de Braz e disse-lhe:

— Vae apparelhar a egoa; mas isso depressa!

O criado saiu a cumprir as ordens. Guterres dirigiu-se então aos servos do judeu:

— Eu vi a estrada por onde seguiram os assaltantes e ainda poderei, empregando, já se vê, todas as cautellas para que não deem comigo, conseguir saber para onde levaram a menina. É isto o im-

portante. Sabendo onde ella está, o vosso patrão poderá pedir justiça ao rei, e os homens d'armas de D. Diniz hão-de — tenho fé em Deus! — restituil-a ao pae sã e salva.

Rita e João desfizeram-se em palavras de agradecimento.

Braz veio annunciar que a egoa estava apparelhada. Guterres tornou á taberna, poz á cinta um punhal, afivelou nas botas as esporas, carregou sobre a cabeça um enorme chapeu de feltro, embuçou-se n'uma grande capa de pano roxo, e, tendo montado o animal, partiu.

O taberneiro calculava, e bem, que para poder ainda alcançal-os era preciso que a sua egoa galopasse a toda a força por alguns minutos. Por isso, ao passo que lhe ferrava os acicates, dirigia-lhe as mais animadoras palavras.

CAPITULO II

No paço da Alcaçova

Dois dias depois d'aquelle em que occorreu o episodio nocturno que deixamos narrado, notava-se um desusado movimento no Castello da Alcaçova, cujas muralhas abaluartadas e corucheus de azulejos se erguiam com arrogante sobranceria a cavalleiro do morro de Lisboa. Havia para isso um duplo motivo. Fazia n'esse dia um anno o infante D. Affonso, e esperava-se El-Rei, que fôra a Beja n'uma caçada.

Na camara da rainha encontrava-se D. Izabel, acompanhada por algumas das suas damas e donzellas.

A rainha estava assentada no estrado sobre uma almofada de velludo. Rodeavam-n'a, todas sentadas sobre a alcatifa da Persia que cobria o estrado, a condessa D. Leonor Affonso, filha natural de D. Affonso III e já viuva do segundo marido, o conde D. Gonçalo Garcia de Sousa; tres das suas donzellas, Marqueza Rodrigues, que era tambem sua collaça, D. Izabel de Cardona e D. Maria Ximenes Cornel; e a sua camareira Estevainha Martins. A joven infanta D. Constança, então de quatro annos, brincava com a aia, a nobre D. Be-

taça, filha do conde de Ventemilha e neta do imperador do Oriente Theodoro Lascaro II. O pequenino infante estava ao colo de Sancha Peres, sua ama de leite.

Em frente do estrado real estavam, de pé, o mordomo-mór da rainha D. Martim Gil, que foi mais tarde feito conde Barlos, e Frei Pedro da Serra, da ordem dos Mercenarios, o confessor que D. Izabel trouxera comsigo de Aragão. Acocorado a um canto, sobre o ladrilho mourisco, o jogral do rei parecia inteiramente absorvido na contemplação da areia, que caia na ampulheta collocada em cima de uma mesa de prata que-lhe ficava proxima.

A rainha contava n'essa epoca vinte e tres annos e estava em toda a pujança da sua bellesa. Era alta e bem proporcionada, o rosto comprido e muito alvo, as mãos finas, com dedos longos e estreitos. Sobre a testa, larga, desciam graciosamente os anneis dos seus bellos cabellos loiros, e sob a elegante curva das sobrancelhas appareciam, tão serenos como um lago, os seus olhos de um verde puro da esmeralda. De todo este conjuncto de admiravel gentileza emanava um perfume de rara suavidade e de graça encantadora.

D. Izabel escutava, n'aquelle momento, com evidente interesse, a extraordinaria narrativa que lhe estava fazendo o seu mordomo mór.

— Jacob Usque, proseguia D. Martim Gil, tinha ido a Marrocos, parece até que em serviço particular d'el-rei. Aproveitando-se da sua ausencia, D. Ruy Mendes, auxiliado por quatro homens seus, assaltou-lhe a casa, e abrindo a porta a golpes de machado, mandou amordaçar e amarrar os dois velhos servos do judeu, e conduziu a linda Sarah, á força, para o seu castello.

— E quem vos contou tudo isso? perguntou a rainha, como que duvidando ainda da realidade do facto.

— O proprio Jacob, que ha pouco encontrei no recebimento, onde aguarda anciosamente a chegada de el-rei para se lhe queixar e pedir-lhe justiça.

— Que meu esposo e senhor decerto fará, affirmou D. Izabel em tom convencido.

— Vossa real mercê esquece que se trata da filha de um hereje, observou Frei Pedro, e que el-rei, além d'isso, tem obrigação de ser indulgente para os pecados de amor.

A rainha perturbou-se, e o jogral, interrompendo bruscamente a

sua teimosa contemplação, levantou os olhos, com uma expressão imprecativa, á preciosa cupula de cedro pintado que cobria a camara.

Mas, n'esta occasião, ouviu-se fóra um grande ruido. O mordomo mór correu a uma das estreitas janellas e annunciou logo:

— E' el-rei!

Tinham abaixado a ponte levadiça do castello, e D. Diniz acabava de entrar no espaçoso pateo interior ou recebimento, seguido pela sua comitiva.

D. Izabel erguera-se apressadamente, e chamando a filha que tomou pela mão, e a ama do infante, saira á ampla varanda de arcarias cobertas, apoiadas em columnellos, que corria em toda a volta do pateo. Todos quantos estavam na camara seguiram-n'a.

O rei apeara-se, e tendo visto o velho judeu, que o esperava immovel e silencioso, apesar da violenta agitação que se adivinhava no desorientamento do seu olhar e no tremor convulsivo das mãos, fez-lhe um signal amigavel.

— Obtiveste-me as cinco mil dobras de oiro que te tinha pedido, meu bom Jacob? perguntou D. Diniz, assim que o judeu chegou perto d'elle.

— Estão já entregues ao thesoureiro de vossa real mercê, respondeu o velho. Mas emquanto eu fui a Marrocos, para satisfazer o vosso desejo, roubaram-me muito mais do que isso, e venho denunciar-vos o ladrão e reclamar o seu castigo.

— Roubaram-te muito mais! disse el-rei surpreso. Mas, far-t'o-hei restituir e castigarei severamente o criminoso. Dize-me o nome d'elle.

— Dom Ruy Mendes.

— Que nome disséste? Um fidalgo ladrão! Não é possivel!

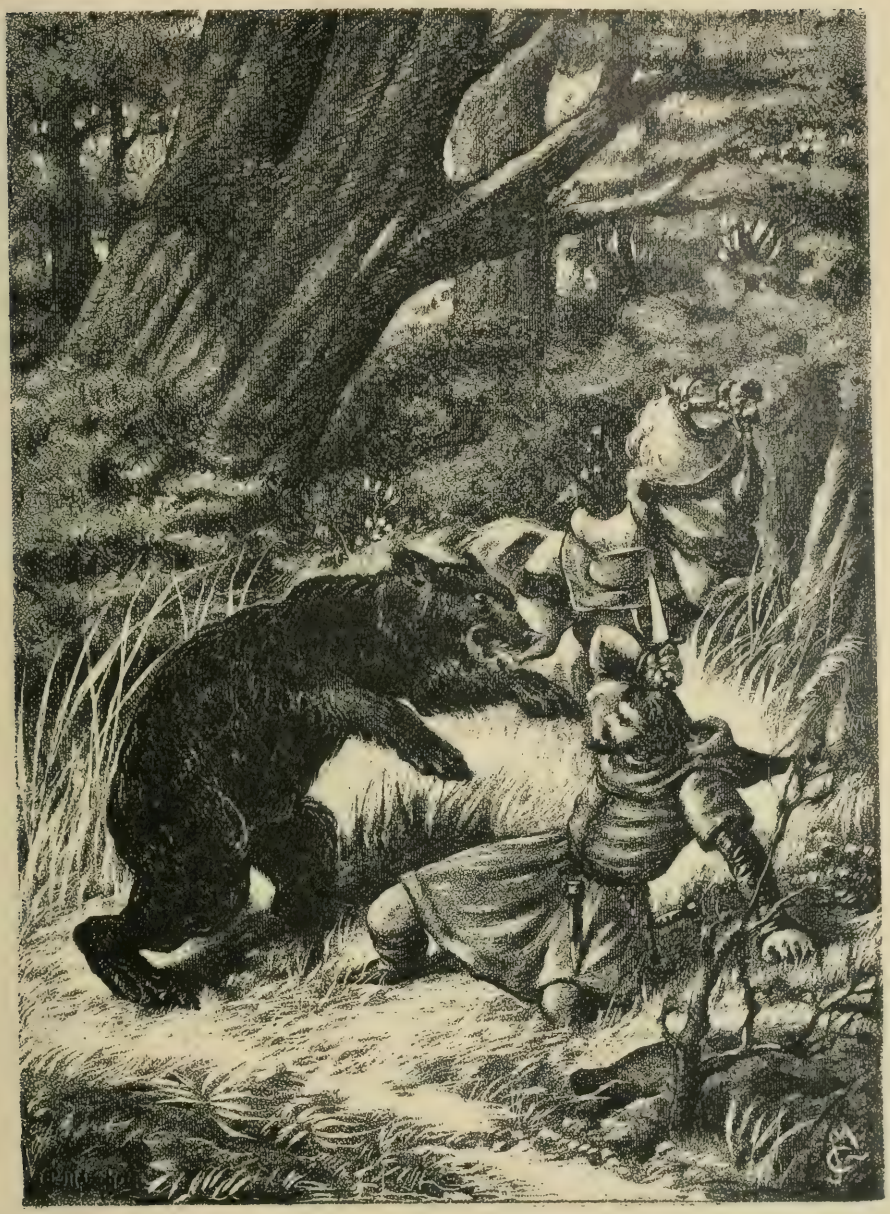
— Pois foi o proprio D. Ruy Mendes que assaltou a minha casa, com gente sua, na noite da vespera da minha chegada, e me roubou minha filha Sarah.

Pelos olhos de D. Diniz passou um relampago de colera terrivel.

— Espera-me aqui, Jacob, que eu volto já. Tomarei a afronta que te fizeram como feita a mim proprio, e prometo-te que esse refece traidor a ha de pagar cara.

O rei dirigiu-se em seguida para a escada de pedra, forrada de azulejo mudejar em relevo e coberta por uma alcatifa da Persia, que, de um lado do recebimento, subia para a varanda.

Quando chegou acima, com a phisionomia já serenada, D. Izabel



D. Diniz matando o urso

saiu-lhe ao encontro, ladeada pela infanta e por Sancha Peres, e radiante de alegria.

—Aqui me tendes, senhora, depois de escapo a um grande perigo.

A rainha empallideceu, e nos seus olhos garços desenhou-se uma anciosa expressão interrogativa.

D. Diniz sorriu á esposa para a socegar, e depois de afagar o pequenino infante, que Sancha Peres trazia ao collo, e sua filha Constança, continuou:

— O caso foi simples. Eu tinha-me apartado dos meus companheiros de caçada quando, de surpresa, me acometteu um urso, que erguendo-se nas patas de traz, me derribou do cavallo. Felizmente conservei o sangue frio e tive a fortuna de conseguir matal-o com uma punhalada.

— Graças, meu Deus! exclamou D. Izabel commovida.

— Socegae, senhora minha e meu bem, que aqui estou salvo, e quando voltar a Beja farei organisar uma grande batida aos ursos, para os exterminar.

— Ainda ha outras feras mais perigosas, que precisam igualmente de exterminio, observou o jogral em voz baixa, mas de fórma que fosse ouvido por el-rei.

D. Diniz olhou para o bôbo, como a perguntar-lhe a significação do que acabava de dizer, mas, recordando-se logo do rapto da filha de Jacob Usque, respondeu impetuosamente:

— Ha, tens rasão. Ahi está, por exemplo, esse fidalgo villão que se chama D. Ruy Mendes. Mas a essas outras feras tambem a minha justiça as exterminará.

— Hum! replicou o jogral chocarreiramente. Ainda ha bocado o mercenario dizia que não se faria justiça por se tratar da filha de um hereje e por vossa real mercê ter obrigação de ser indulgente com pecados de amor.

El-rei fitou um olhar severo e cheio de ameaça em Frei Pedro Serra.

— Palavras de jogral, de que vossa real mercê decerto não fará caso, apressou-se a acudir o frade aragonez.

— Antes palavras de jograes, que são sinceras, do que palavras hypocritas de mercenarios, respondeu promptamente o outro.

— Bem, calae-vos, ordenou D. Diniz, com um gesto de enfado. E vós, Frei Pedro, visto que pretendeis prever assim os designios da minha justiça para com os ruins fidalgos, cuidae tambem de prever os designios d'ella que vos digam respeito.

— Perdôe-me, vossa real mercê, mas não posso deixar de lem-

brar-lhe que a sua justiça vae perseguir um fidalgo christão só para vingar uma hereje, e isso exactamente quando a divina Providencia acaba de praticar um milagre em vosso beneficio, salvando-vos a vida.

— Creio piamente que a Providencia me terá salvo algumas vezes a vida, o que não fez decerto para que eu deixe os christãos praticar impunemente toda a casta de violencias e de infamias contra os mouros e os judeus; d'esta vez, porém, quem m'a salvou foi o meu punhal, sem necessidade de qualquer milagre. Em todo o caso, dispenso os vossos conselhos, Frei Pedro, e recommendo-vos que tenhaes cuidado.

Em seguida, voltando-se para D. Martim Gil, que era tambem seu alferes-mór, o rei deu esta ordem:

— Ide ao recebimento dizer ao velho Jacob que venha ter comigo á minha camara, e vinde vós com elle.

Depois, despedindo-se de D. Isabel e dos filhos, dirigiu-se lentamente, com ar pensativo, para a pequena porta que dava ingresso, mesmo da varanda, para os seus aposentos.

CAPITULO III

A lucta entre o rei e a nobreza

O rei entrou sosinho na sua camara, toda forrada de pannos de Cordova; mas mal se assentara n'uma rica cadeira marchetada, assomou á porta a figura veneravel do velho bispo de Coimbra.

D. Diniz ergueu-se logo, exclamando com visivel satisfação e sympathico alvoroço:

— Ah! meu bom Aymeric, ha muito que vos não via!

— Tem-me detido o peso dos annos, que já é demasiado para a jornada, senhor. Mas, agora, que suppuz vos seria porventura util o conselho prudente e desinteressado de um amigo experiente e leal, acudi presto, pelo muito desejo de vos servir no pouco tempo que ainda me resta de vida.

D. Diniz tomara assento de novo, depois de ter feito sentar tambem o prelado, com carinhosa deferencia, em outra cadeira proxima da sua.

O bispo de Coimbra, a quem effectivamente restava tão pouco tempo de vida que n'esse mesmo anno o seu bello espirito se escondeu nas sombras do tumulo, era Aymeric d'Ebrard, o famigerado mestre francez que fôra perceptor d'el-rei. Tinha estado na universi-

dade de Paris, que era então um dos fócos mais luminosos da sciencia da idade media, e era uma intelligencia clara e subtil, que muitas vezes se avantajava, com um dom admiravel de previsão, á concepção estreita da sua epoca. Fôra elle quem formara o espirito de D. Diniz por uma maneira tão superior ao dos seus rudes antecessores, transmittindo-lhe a melhor somma das idéas e dos conhecimentos do seu tempo, tornando-o amante da poesia provençal, e poeta elle proprio como seu avô Affonso o Sabio, ao passo que os dois aios escolhidos com igual acerto, Nunes Martins de Chacim e Lourenço Gonçalo Magro, o descendente do honrado Egas Moniz, lhe formavam o caracter, com igual primor. Foi assim que D. Diniz pôde ser, na phrase de Pedro de Mariz, «entre todos os do seu tempo o mais excellente Principe que no mundo houve.»

Á educação de Aymeric d'Ebrard, e á influencia salutar que elle depois exerceu nos primeiros annos do reinado do joven soberano, se devem muitos dos actos que tão brilhantemente assignalaram a sua notavel administração. No momento em que a nossa historia principia, D. Diniz encontrava-se em lucta aberta com as classes privilegiadas, cujos abusos tentava energicamente reprimir, revogando até doações que elle proprio fizera antes, afim de reforçar as prerogativas da corôa e aliviar o povo. Mas, isso não se fazia sem uma forte e ousada reacção da nobresa, que por todos os feitios pretendia impedir que o rei a esbulhasse dos seus latitudinarios privilegios. O bom senso de D. Diniz aconselhara-o, porem, a apoiar-se no povo contra a nobresa, seguindo assim o exemplo de Eduardo III de Inglaterra, e o que é certo é que o rei tornara se immensamente popular.

Era a esta situação que o bispo de Coimbra alludia, dando ao rei informações a respeito da attitude de declarada rebeldia de alguns fidalgos mais poderosos, e recomendando-lhe que se prevenisse contra qualquer surpresa.

— Bem sabeis, meu bom Aymeric, que eu não podia fazer outra cousa, acudiu D. Diniz, em resposta ao prelado. Dentro em pouco não haveria no reino senão honras e coutos, com os seus moradores isentos de hoste e de fossado, de fôro e de toda a peita. O Recabêdo regio ficaria desprovido de todos os seus bens, e eu não teria sequer com que pagar as soldadas a esses fidalgos e ás suas hostes quando as precisasse para a guerra. Por isso é que mandei fazer as inquirições.

Chamavam-se honras as terras que pertenciam a qualquer nobre. Coutal-as era escusar os seus moradores de qualquer obrigação para com a corôa. Os fidalgos, não contentes, porem, com o coutamento das suas terras, que tomára, aliás, um grande desinvolvimento, arranjavam ainda os amadigos. Terra onde vivesse a ama que lhes criasse um filho, embora fosse reguengo regio, passava logo a ser amadigo, e ficava isenta da mesma maneira. Foi por causa de semelhantes excessos que D. Diniz mandou fazer inquirições em 1284, a fim de averiguar quaes os bens que andavam assim distrahidos do Recabêdo regio ou patrimonio do estado, e fazel os restituir. O abuso dos amadigos fôra prohibido depois, em 1290.

— Fizestes bem procedendo conforme procedestes, observou o bispo; mas é preciso que não deixeis de andar acautelado, porque alguns d'esses senhores ameaçam não vos obedecer e até disputar á mão armada os privilegios que lhes mandais tirar.

— Ah! replicou o rei com firmeza. Hei de mandar destruir as torres erigidas nos seus solares, e porei em toda a parte corregedores para impedirem os abusos da sua justiça senhorial. Tenho por mim o povo, que estava cançado, e que sabe já que eu tomei na minha mão a sua causa; e tenho tambem agora ao meu lado, contra elles, o clero, desde que dei ordem ao meu meirinho mór para impedir que os padroeiros de igrejas e conventos lhes exigissem tributos que não estivessem na proporção dos seus rendimentos. Só os herdeiros do padroeiro do convento de Pedroso eram mais de tresentos, e todos queriam que o convento lhes pagasse. Foi outro acto de justiça, e com elle consegui dividir essas duas classes, para maior segurança da corôa e não menor beneficio do reino.

N'esta occasião entrou na camara o judeu, conduzido por D. Martim Gil.

— Ides já vêr, Aymeric, como eu castigo os atrevimentos d'esses senhores.

E, voltando-se para o judeu, proseguiu:

— Hei de restituir-te tua filha, Jacob, e castigar severamente o traidor que t'a roubou. Conta-me, porém, tudo o que sabes a tal respeito.

— Pouco é, senhor. Voltei hontem de Marrocos, onde fui por respeito do vosso negocio, e encontrei, os dois velhos servos que possuo, na maior desolação. Na noite anterior quatro homens mascara-

dos tinham entrado por assalto na minha casa, amordaçado os meus servos, e levado com elles a minha doce Sarah. Felizmente tenho um bom visinho, mestre Pero Guterres...

— O taberneiro do largo de S. Silvestre? inquirio el-rei.

— Esse mesmo, senhor. As trazeiras da sua tasca deitam para a rua da Mercê, e a sua attenção foi despertada pelo inusitado tropear dos cavallos áquella hora da noite; acorreu a vêr o que seria, e suppoz que fossem ladrões excitados pela cubiça do meu dinheiro. Como me sabia ausente, acudiu logo á casa, e desamarrou os meus servos, pelos quaes soube que fôra a minha Sarah e não o meu oiro o objecto do assalto. Teve então a bôa lembrança de seguir os raptores, cuja direcção observara antes, e, sellando a sua mula, foi-lhes rapidamente no encalço. Foi assim que eu poude saber que o auctor da infamia tinha sido D. Ruy Mendes, acompanhado pelo seu aio Gonçalo Fernandes e mais seis villões.

— Imaginava Gonçalo Fernandes um homem honrado, e bastante me surprehende a sua participação em semelhante attentado, observou em tom pesaroso o bispo Aymeric.

— A pobre da minha Sarah perdera os sentidos. D. Ruy Mendes, com os seus, levou-a n'esse estado para Unhos, e tem-na encerrada ahi no seu castello. Que afrontas não terá a infeliz sofrido e de que violencias não terá sido victima! Ao pensar n'isto sinto que enlouqueço, senhor, porque não posso afazer-me á idéa de a ter perdido.

— E não a perderás, Jacob, descança. Ainda que tenha de destruir-lhe o castello pedra a pedra, arrancarei a Ruy Mendes a sua presa, e depois hei de cortar-lhe as garras.

— Oxalá que vossa real mercê chegue a tempo de salvar-me a filha, que é a luz d'estes olhos e o unico amparo da minha velhice.

— Espero que assim succederá, respondeu D. Diniz.

E, dirigindo-se ao seu alferes-mór, continuou:

— Chamae Vasco Annes, que é um esforçado e generoso moço, e dizei-lhe que parta immediatamente, com os homens de armas que julgar necessitar. Se fôr preciso derrocar e queimar o castello de Ruy Mendes que o faça, mas que resgate a sua prisioneira, e que me traga manietado o fidalgo villão, com os seus cumplices.

D. Martim Gil saiu a cumprir a ordem, emquanto o judeu se lançava aos pés d'el-rei, agradecendo-lhe por entre lagrimas, que as suas barbas brancas embebiam.

— És um amigo fiel, Jacob, e eu devia-te este auxilio, disse o rei commovido.

— Podeis dispôr de tudo quanto é meu e da minha vida, senhor.

— Vae á tua casa, se tens lá que fazer, e volta á Alcaçova, que creio que ainda esta noite te poderei entregar tua filha.

O judeu deixou a camara real, cheio de confiança, ao tempo em que pela estreita e tortuosa sahida do paço de Lisboa partiam trinta cavalleiros bem montados e armados. Era Vasco Annes com os homens de armas que escolhera para o acompanharem.

N'um dos eirados do castello, cuja vista alcançava a cidade, o jogral d'el-rei contemplava a cavalgada, que seguia a galope.

— D. Diniz fez sempre tudo quanto quiz, e continuará a fazer tudo quanto quizer, monologou elle. A boa Sarah hade ser salva, e a hora do castigo chegou afinal para Ruy Mendes. E' pena que não chegue ao mesmo tempo para aquelle hypocrita do mercenario. Mas, atraz de tempo, tempo vem.

CAPITULO IV

No Castello de Unhos

ABANDONANDO a povoação que tem o mesmo nome, o rio Sacavem, aperta-se entre montes e vae dar a um logarejo chamado Unhos. Aqui a vegetação é mais rica e contrasta com a aridez dos outros logares que o rio atravessa.

Os pinhaes, os olivedos, as colinas plantadas de vinha e de trigo, tornam este sitio deveras aprazivel.

Na colina mais elevada, mais agreste e mais pedregosa de Unhos, levantava-se o castello para onde Ruy Mendes se dirigia. Com suas quatro torres dominadas por outra sobranceira, o torreão, com as suas ameias, a sua barbacan, as suas levadiças e o seu fosso, as paredes enegrecidas, onde se divisavam frestas, postigos e algumas janellas ogivaes, este castello era por assim dizer uma testemunha de um passado desapparecido. O tempo tinha-o tisnado e marcado d'uma maneira indelevel. No fosso, na barbacan e no pateo, a herva crescia sem que alguem tivesse cuidado em arrancal-a. Nos muros pretos, e bastante fendidos, a hera brotava como dos seus elementos propicios: — a velhice e a humidade. Parecia contar mais de

dois seculos; e de certo fôra theatro de luctas terriveis entre os christãos e os mussulmanos.

Ruy Mendes, com a escolta, chegára ao cimo da colina; um dos seus homens, empunhou uma corneta e tocou-a durante alguns minutos, até que lhe responderam de dentro do Castello.

Os homens armados chegaram á porta, fizeram descer a levadiça, e receberam o amo e a comitiva.

Ruy Mendes entregou Sarah, que continuava desmaiada, a dois dos companheiros, desmontou, e, dirigindo-se a um dos que o vieram receber, perguntou-lhe:

— Bento, houve por cá alguma novidade?

— Não, meu senhor. Seu tio, os monges e cavalleiros já se acham recolhidos.

— Fizeram bem. — E eu tambem preciso repousar, acrescentou Ruy, entrando no pateo.

Os da escolta tinham-se apeado. Ouviram estas palavras com um verdadeiro alvoroço de alegria. Todos vinham mortos de somno e frio. Subiram á sala do palacio. Ruy, tendo entregado Sarah aos cuidados de duas servas, despediu-se do aio e dos companheiros e recolheu ao quarto. Mesmo vestido, atirou-se sobre o leito, e d'ahi a alguns segundos, sem que o seu espirito fosse perturbado pela minima preoccupação ou pelo menor escrupulo, roncava bestialmente como um digno gentilhomem da idade-media.

*

* *

No dia seguinte, pelas sete horas de uma manhã clara, dois individuos cavalgavam na direcção do castello. Parece que não tinham grande pressa de chegar, por que nenhum d'elles pensava em acelerar as pachorrentas passadas das mulas.

Um, que parecia ser o mais novo, alongava a vista pelos campos, pelos montes, pelos pinheiraes, e dir-se-ia embebido n'uma meditação contemplativa. Era um homem de uns trinta e cinco annos, de barba loira, crescida e inculta, cabellos castanhos, onde appareciam já muitos brancos, o rosto com sulcos mais dos desgostos do que dos annos.

O outro apparentava pouco mais ou menos a mesma idade. Os

seus olhos eram pretos como azeviche, os cabellos muito mais brancos e a barba ainda mais crescida do que a do seu companheiro. Via-se que eram dois homens que tinham sido bem experimentados pela vida; mas nada tinham de triste nas physionomias, e até pelo contrario davam uma impressão de expansiva jovialidade.

— Ha quinze annos que não pisava estes logares! exclamou o das barbas loiras. Já vou estando na idade de ter saudades, meu bom Ayres.

— Sim, sim, disse o outro meneando a cabeça. Por causa das suas saudades, viemos nós d'essas bellas terras de França e de Italia, onde tanto gozámos...

— E tambem padecemos bastante.

— Talvez. Mas gozámos muito mais do que soffremos. Deixámos pois essas bellas terras só por que o senhor tinha saudades... da patria! A patria! «A patria é onde se está bem» dizia Villain, aquelle engraçado jogral de Paris.

— E é, confirmou o companheiro, que parecia pouco disposto a discutir. Mas sabes lá tu se d'aqui a algum tempo não estaremos cá tão bem como estivémos n'essas terras.

— Duvido, meu senhor, duvido bastante.

Haviam chegado ao sopé do monte onde se erguia o castello de Ruy Mendes.

— Por Belzebuth! exclamou o companheiro que parecia mais velho, ao passo que fazia uma careta de comico terror. Aquillo deve ser mais uma moradia de cobras e de lagartos do que a habitação de gente christã, sr. D. Alvaro! E havemos nós de ir ali fazer companhia aos bruxos e ás almas penadas que devem habitar aquelle tição negro!

Alvaro, rindo d'este fingido terror, respondeu-lhe:

— Socega que o interior do castello sempre está melhor do que o exterior.

— Valha-nos isso!

Chegando ao fosso, os dois individuos apeáram-se e parlamentaram com a sentinella. D'ali a alguns momentos, o proprio Ruy Mendes fez descer a levadiça e, tendo-a atravessado, veio sair ao encontro dos viajantes.

Ruy e Alvaro abraçaram-se com enternecimento.

— Como estás acabado, primo! exclamou Ruy depois de o ter contemplado.

— Quinze annos de exilio em terras estranhas puzeram-me assim, meu primo! respondeu Alvaro. Mas fala-me a teu respeito, conta-me a tua vida. Depois de tantos annos de ausencia, dois amigos de infancia devem ter bastante que contar um ao outro.

— Sim, meu querido Alvaro; mas é melhor subirmos ao castello.

— Vamos lá; mas antes de mais nada, deixa-me apresentar-te Ayres Peres, o fiel companheiro n'estas longas viagens a que me levou a minha indole aventurosa.

Ayres e Ruy saudáram-se.

Sentados na sala d'armas, Ruy e Alvaro contaram mutuamente os acontecimentos decorridos n'aquelles quinze annos.

Alvaro Mendes era primo co-irmão de Ruy, filho de um tio d'este. Tendo perdido os paes aos dezanove annos e ficando possuidor de alguns bens, uma paixão por uma fidalga de Leiria, que se deixou raptar e seduzir por um escudeiro, obrigou-o a procurar fóra da patria o esquecimento da sua desdita de amor. Bem acolhido na côrte de Castella, pelejou contra os moiros; depois viajou pela França e pela Italia. Nas cidades d'estas nações, acostumou-se mais á vida nos paços do que ás aventuras guerreiras. Viveu no meio dos trovadores e dos jograes e com elles aprendeu os seus jogos e folgares.

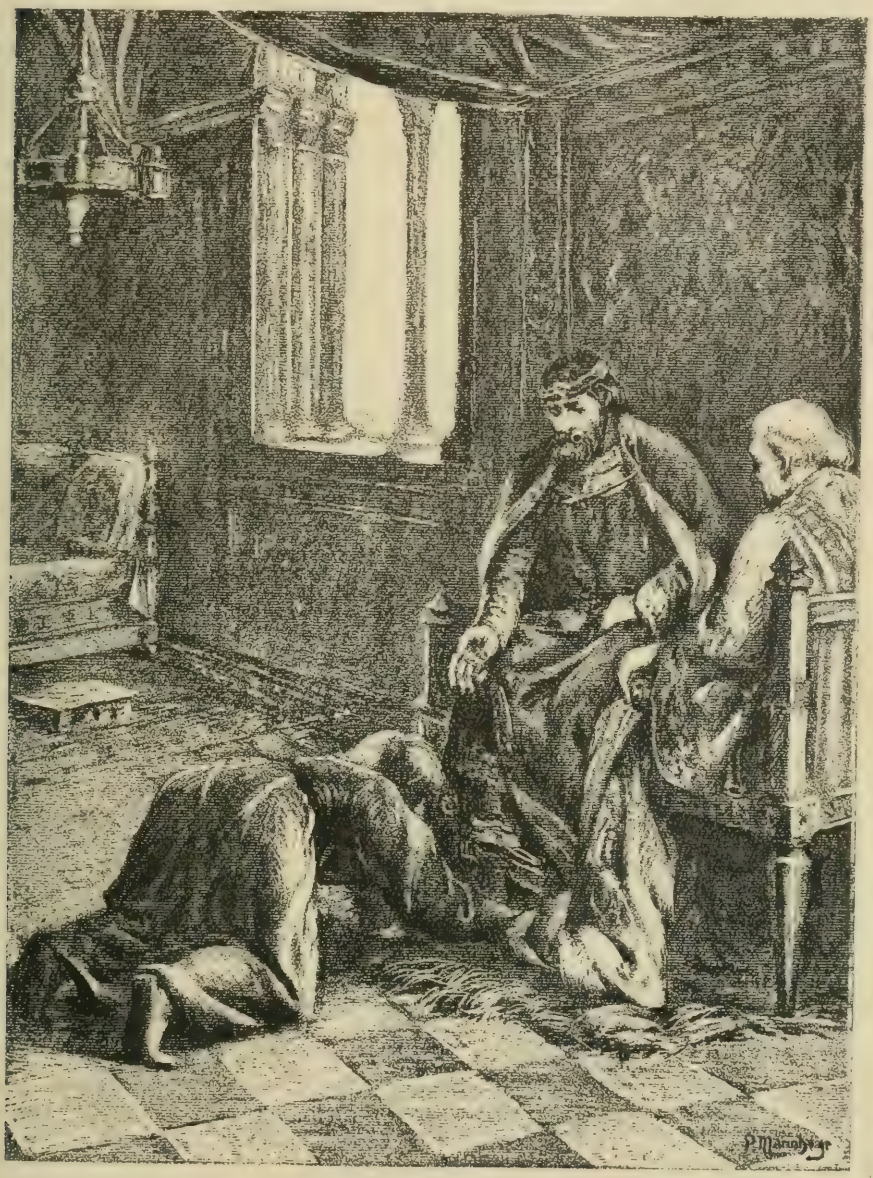
Ayres Peres, jogral levado para Castella pela rainha D. Beatriz, mãe de D. Diniz, quando esta, por morte do marido e pelo despeito de seu filho não a fazer partilhar dos negocios do estado, se recolheu a essa côrte, conheceu ahi Ruy Mendes e entre os dois estabeleceu-se uma amisade inalteravel.

Alvaro Mendes teve um dia saudades da patria. Decidiu vir a Portugal saber em que estado se achavam as terras do seu patrimonio. Ao mesmo tempo tinha curiosidade de conhecer uma côrte tão falada no estrangeiro, como era então a côrte portugueza. A fama dos talentos de D. Diniz e das virtudes de D. Isabel já se tinha espalhado. A visita ao primo era motivada por ser Ruy Mendes, alem de seu companheiro de infancia, o unico parente, talvez o unico amigo que lhe restava na terra de Portugal.

Alvaro, tendo contado a Ruy toda a sua vida do exilio, concluiu:

— Agora, aqui me tens, meu caro primo, disposto a passar o tempo que hei de viver em Portugal o melhor que puder. Tenciono frequentar o paço de D. Diniz e tomar parte em seus torneios trova-

dorescos e amorosos. Eu e Ayres Peres trazemos bom peculio de trovas e de romances. Espero que muitos não serão ainda conheci-



O judeu lançou-se aos pés d'el-rei, agradecendo (pag 19)

dos por cá. Havemos de ver se a côrte do rei merece a fama de que goza lá fóra.

R. S.

— Frequentar a côrte de D. Diniz! exclamou Ruy, cheio de espanto. Não sabes quem é esse rei? Ouve-me bem, Alvaro. Vou contar-te o que D. Diniz me fez, e veremos se depois de saberes tudo ainda ousarás, tu o meu parente mais proximo, tu um Alvaro Mendes, apparecer na côrte do homem que me despojou. Conto comtigo como um amigo, mais do que um amigo, como um irmão, para me auxiliares na lucta da nossa familia contra um rei que não reconhece os nossos direitos de fidalgos.

Ruy Mendes narrou então tudo a D. Alvaro. Deixou porém em silencio a historia do rapto de Sarah.

Ao ver, ao contrario do que seria para suppor-se, que o primo não manifestava a menor indignação e não partilhava nenhuma das suas coleras, Ruy ainda mais se excitou. Alvaro, indifferente, deixou passar a onda tempestuosa, e respondeu-lhe:

— Vejo que em tudo andaste muito mal e com bastante falta de discernimento.

Alvaro atalhou um gesto e uma resposta brusca de Ruy, ajuntando:

— Ouve-me até ao fim; após dirás o que te parecer. Hoje Ruy, as questões dos senhores com os reis, já se não decidem só pela espada; é preciso um pouco de politica, é esta até que nos póde fazer levar a melhor. A força! Mas tu não vês, meu caro Ruy, que nem essa mesmo já nós temos. Sim, bem sei, que ainda temos as nossas espadas, os nossos cavalleiros e os nossos servos... Mas de que nos aproveitará isso ante a força dos reis que pactuaram com o povo? O porfiarmos n'uma lucta vã e esteril só servirá para que nos arrazem os castellos, nos confisquem os bens e nos reduzam quasi á mendicidade. Ao passo que com os meios brandos, poderemos ainda muito. Basta que nos cheguemos á côrte, e os reis percebam as vantagens da nossa alliança com elles; e lisongeando-os por um lado, por outro lado beneficiando os povos e os logares onde ficam os nossos castellos e os nossos senhorios, estabeleceremos um pacto com estes nossos inimigos naturaes, podendo tu crer que, vivendo todos em boa paz, nem o rei, nem o povo, terão interesse em destruir esse pacto. E nós ainda muito menos.

— Desconheço-te, primo! exclamou Ruy com sincero assombro. Ha quinze annos, quando partiste, eras um guerreiro esforçado e prestes a vingar todas as injurias, agora voltas cheio de idéas de prudencia, que mais parecem de medo! Que transformação!

— Não estou para me zangar, Ruy. Calo-me pois; mas espero que ainda has de pensar no que te disse e que não farás nenhuma imprudencia que te perca irremediavelmente.

Uma forte gargalhada de Ruy Mendes foi a mais rapida resposta que Alvaro obteve.

— Que significa semelhante desproposito?

— O que significa? Significa que pelo teu criterio já me acho perdido. Sabes o que fiz? Se não receasse perturbar ainda mais essa indole cheia de pavores e receios contar-te-hia o attentado que perpetrei na noite de hontem, concluiu ironicamente Ruy Mendes.

— Conta, se quizeres, mas dispenso-te o escarneo. Tive sempre como lemma falar com franqueza, com rudeza até, a todos. Não podia exceptuar-te, mesmo por seres um amigo da mocidade e um parente proximo.

Ruy apertou a mão de Alvaro, e disse-lhe:

— Bem sei e acredito-te. Mas deves dar desconto ao meu genio irrequieto e perturbado pelas provações e humilhações que por ultimo tenho soffrido... Já te contei como D. Diniz me despojou. Sob pretexto de que as terras do dominio d'este castello nunca tinham sido cultivadas, intimou-me durante quatro annos para que as semeasse. Recusei. Devo confessar-te que, mesmo que o quizesse fazer, não tinha para isso nem braços, nem dinheiro. D. Diniz então, esse rei justo e severo, esse monarcha zeloso do bem publico, roubou-me, sim, roubou-me, — é o termo proprio, — as minhas terras, e deu-as a um vil mercante judeu, a um tal Jacob Usque, sujeito digno da protecção de um tão poderoso senhor. Queres saber então o que eu fiz, Alvaro? O judeu tinha uma filha, uma bella creatura por signal, uma mulher linda como as que ha mais lindas; eu, durante certo tempo, rondei-lhe a casa, procurei travar conversa com ella quando saia, ou quando, ás vezes, assomava a uma adufa da sua morada. Desejava seduzil-a. Não a amava, — ah, não! — o odio contra o pae, impedia-m'o. Mas desejava-a, como se deseja uma bella mulher, só pelo gosto de possuil-a, de saciar a carne Ella nunca me attendeu; tratava-me sempre com desdem. E eu, que não queria que a minha vingança me fugisse, decidi raptal-a. E foi o que hontem fiz.

— E ella?

— Desmaiou e desmaiada tem estado, sem dar accordo de si.

— E que tencionas fazer d'essa mulher? perguntou Alvaro com curiosidade.

— Essa tua pergunta, Alvaro! Ora o que hei de fazer d'essa judia, a quem odeio o pae, e por quem tenho os mais lubricos desejos que podem agitar um homem. Hei de fazel a minha serva e minha barregan! exclamou Ruy com os olhos acendidos pela colera e pela luxuria.

— Pela força?

— Pela força ou pelos meios brandos, se elles a poderem convencer.

— E se não poderem, o que farás?

— Estás deveras interessado pela sorte d'essa judia, primo? Ainda ha pouco ella continuava desmaiada... Quando voltar a si, e lhe passar o abalo que soffreu, conversaremos eu e ella, e do que resolver te darei parte... Por este lado descança... E agora, que tudo te contei, o que me respondes?... Ainda queres frequentar a côrte de D. Diniz.

— Agora mais do que nunca! Tudo nos separa Ruy: os costumes, os habitos, as idéas. Os nossos genios são bem differentes e com o tempo ainda mais essa differença se acentuou. Nenhum de nós poderá convencer o outro. Por isso, contra o que tencionava, passaremos, eu e Ayres Peres, uns dois ou tres dias aqui, e depois has de consentir que sigamos os nossos destinos.

— Queres pois deixar-me, Alvaro! exclamou Ruy com uma resignada melancolia. A colera tinha-lhe desapparecido.

— Não serei eu que contrarie teus intentos, acrescentou Ruy... Mas durante estes tres dias pertences-me... Vou levar-te a visitarmos o castello... Ah, mas antes vejamos se a judia já accordou do desmaio. Ha tantas horas assim! Vem, que vaes ver um bocado de mulher digna de um rei.

Alvaro seguiu Ruy ao aposento onde Sarah se achava desmaiada. Uma serva velava junto do leito.

— Já abriu os olhos? perguntou Ruy á criada.

— Ainda não, meu senhor, respondeu esta. De vez em quando agita-se, parecendo que tem convulsões.

— Se ella acordar manda-me prevenir, ordenou Ruy.

— Sim, meu senhor, respondeu a serva.

— Agora vamos visitar o castello, disse Ruy para Alvaro.

Sairam do aposento.

— Como achas a minha judia?

— Pareceu-me uma bonita mulher, respondeu Alvaro. Mas uma creatura desmaiada é como se estivesse morta e eu nunca tive attracção pelos mortos. Por isso não calculas quanto te agradeço o teres-me arrancado bem cedo a esse espectaculo... Mas deixemos isto. Vem mostrar-me o teu solar, que me parece ter mudado muito durante os annos da minha ausencia.

*

* *

Sarah abriu os olhos, percorreu com a vista o aposento em que se encontrava, e, vendo uma mulher á cabeceira do seu leito, perguntou-lhe com voz sumida:

— Onde é que eu me encontro?

— Estaes no castello do sr. D. Ruy Mendes, meu amo, respondeu a serva... Mas socegae, senhora, e cobrae animo... Ha tanto tempo que estaes desfallecida!... Deveis estar muito fraca; deixae que eu vá mandar que vos preparem algum alimento.

— Pois sim, balbuciou Sarah. Ah! que sede tenho!

A serva apresentou-lhe uma taça com agua. Sarah bebeu a com soffreguidão. Depois, um pouco mais animada, poude erguer-se do leito.

A criada saiu e, dentro de pouco tempo, voltou com alguns alimentos.

A judia comeu com apetite.

No seu espirito começava a fazer-se luz. Pouco a pouco a sua memoria reconstruiu todos os incidentes da vespera, e percebeu então nitidamente em que situação se encontrava. Estava em poder do maior inimigo de seu pae, do fidalgo de quem ella repudiára os galanteios, d'um homem que a tinha raptado e que havia de perdel-a sem piedade!

A serva, em quanto Sarah estava entregue a estas meditações, fôra prevenir o amo, como este lhe tinha ordenado.

Por isso a judia, ao levantar os olhos, achou-se frente a frente com Ruy Mendes. Recuou instinctivamente.

Ruy, fingindo não perceber o gesto, perguntou-lhe com brandura:

— Estaes melhor do vosso incommodo, senhora? E' forçoso que

os vossos receios desappareçam... Este castello em que vos achaes, não é uma prisão, mas uma moradia que eu me esforçarei de tornar digna de vós... Portanto, supplico-vos, deixae essa expressão de tristeza que cobre o vosso rosto e procurae distrair-vos e restabelecer-vos.

— Distrair-me! E sois vós que ousaes dizer-me isso, depois do que me fizestes? disse Sarah com uma resignada melancolia.

— E o que eu vos fiz não merece que me desculpeis? Não foi por que vos amava, que eu procedi assim? Oh! Sarah, Sarah, eu nada vos peço senão um pouco do vosso amor!

— Essa palavra na vossa boca é uma blasphemia! exclamou Sarah, que começava a cobrar todo o seu antigo vigor de mulher forte Se me amais provae-o verdadeiramente, arrependendo-vos do passo que destes e entregando-me á liberdade. Sois um cavalleiro, ainda o quero crer, por isso estaes a tempo de remediar o mal, esquecendo eu a offensa e reconhecendo-vos digno de estima.

— Não é a vossa estima que me satisfaz, senhora. Ambiciono mais alguma coisa e para obter esse mais que ambiciono é que dei o passo que dei!

— Quereis então que eu vos ame á força? perguntou Sarah com escarneo.

— Ouvi-me bem, senhora. Quando para aqui me dirigi fiz a mim mesmo a promessa de vos falar com toda a brandura e de procurar convencer-vos do meu amor. Previno-vos, porém, que a paciencia tem limites e podereis arrepender-vos — oh! mas muito! — de me falardes como me tendes falado!

— Ameaçaes-me! Tendes, razão, senhor, perdoae que eu já me tinha esquecido que estava em vosso poder... As palavras que ao principio me dirigistes foram o motivo do meu engano.

— E eram sinceras, Sarah, deveis acredital-o... Mas fostes vós que primeiro as repelistes.

— Seria... Não vale a pena esclarecer isso... O que preciso saber é o que quereis de mim.

— Já vol-o disse: o vosso amor.

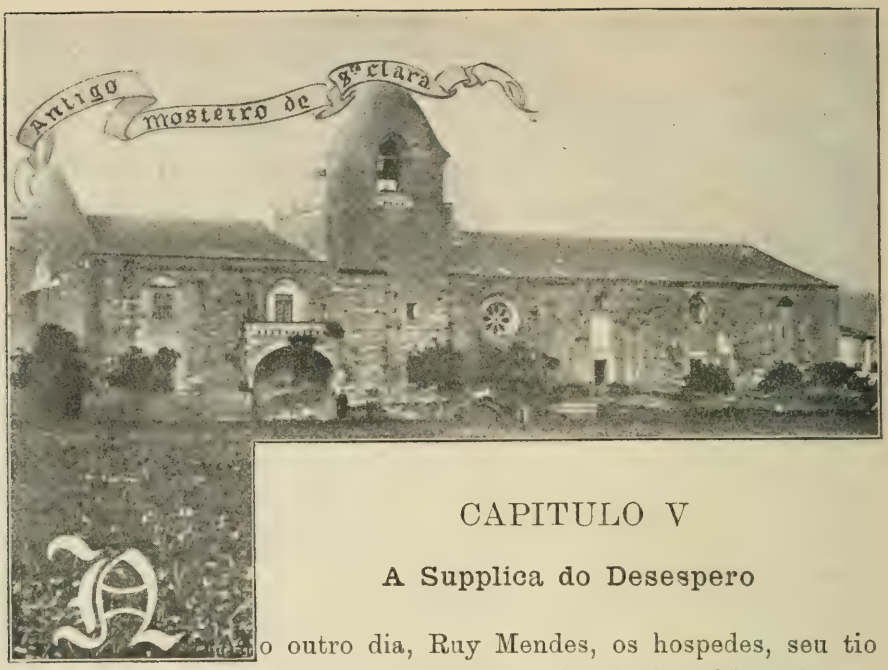
— Mas se eu não vos amo! — exclamou Sara com verdadeiro desespero.

— Não me amaes! não quereis amar-me! mas que me importa!... Agora sim, que me obrigaes a arrancar a mascara... Eu, tambem,

pouco me importa que me ameis ou não... Estaes em meu poder, eu desejo-vos, e juro-vos que hei de saciar o meu desejo... Haveis de ser minha! Ou a bem ou mal! Ah, descançai, que eu não procurarei fazer-vos por agora a minima violencia... Não... Quero ter o antegosto de vos experimentar. Por isso, peço-vos que penseis no que vos digo... Dou-vos até ámanhã para a decisão... Reflecti, e lembrae-vos que ha nos subterraneos d'este castello carceres onde vos poderei encerrar, e onde os gritos afflictivos de alguem que eu queira guardar se não podem fazer ouvir!

Ruy, tendo pronunciado esta terrivel ameaça, saiu do aposento.

Sarah permaneceu aterrada. As ultimas palavras do senhor de Unhos soavam-lhe aos ouvidos como uma sentença de morte. Estava perdida! Como poderia luctar ella, pobre e fraca mulher, contra um senhor que tinha tantos servos a auxilial-o.



CAPITULO V

A Supplica do Desespero

Ao outro dia, Ruy Mendes, os hospedes, seu tio e Gonçalo Fernandes, depois da refeição da manhã, achavam-se reunidos na grande sala d'armas do castello, quando a porta do aposento de Sarah se abriu com violencia e esta se aproximou de subito da meza onde todos aquelles homens se juntavam.

— Uma pobre mulher sem defeza e ameaçada de um grande perigo, vem pedir-vos protecção, senhores cavalleiros! exclamou a judia, cruzando as mãos n'uma atitude supplicante.

— Sahi immediatamente, senhora! bradou Ruy erguendo-se disposto a expulsal-a. O vosso logar não é aqui; e estes senhores teem mesmo coisas mais sérias de que tratar do que das vossas queixas.

Muitos dos cavalleiros, hospedados no castello de Ruy para combinarem uma acção commum contra o rei, murmuraram qualquer observação.

— Deixae que a ouçamos, Ruy! disseram tambem algumas vozes.

— Sim, meu sobrinho, apoiou um septuagenario, que distilava vinho e luxuria pelo seu rosto de satyro; deixae que ouçamos, como nos cumpre, as queixas de uma donzella que pede protecção a cavalleiros!

— Mas..., ia a observar Ruy, quando a atitude dos fidalgos lhe

mostrou que o melhor era consentir que a judía falasse pois que elle em nada seria prejudicado.

Até seria interessante deixal-os gozar o espectaculo aphrodisiaco de uma bonita mulher toda chorosa e implorativa.

Portanto Ruy sentou-se, encolhendo os hombros n'um gesto de assentimento resignado.

— Falae, bella dama! disse o tio de Ruy galantemente.

— Senhores, sei que as leis da cavallaria vos obrigam a defender as mulheres das injustiças e das infamias! No meio de vós, vejo tambem sacerdotes d'essa religião de Christo — (referia-se a dois monges de S. Bento que ali estavam e que, muito bebados, fixavam em Sarah os olhos ternamente lacrimosos) — que manda defender os fracos e os despretegidos! Pois bem, senhores. Eu hontem fui raptada pelo nobre D. Ruy Mendes de casa de meu pobre pae, e hoje fui ameaçada por elle de ir jazer n'um dos subterraneos d'este castello, se não corresponder ao seu amor! Quer fazer-me á força sua concubina! Mas vós, senhores, não podeis consentir que semelhante crime se commetta no castello em que vos hospedaes! D'entre vós ha de haver algum gentilhomem para me defender com a sua espada! Salvem-me, senhores, salvem-me! pelo vosso Deus vos peço! Salvem uma desgraçada mulher da infamia e da morte!

Sarah, no meio d'um religioso silencio, proferira esta supplica entrecortada de choro e soluços. Por fim caira de joelhos.

O tio de Ruy correu pressuroso a erguer a judia.

Ruy entendeu dever dizer algumas palavras, após uma scena tão inesperada.

— Esta mulher disse-vos a verdade... Mas o que vos não disse é que é a filha do infame judeu em beneficio de quem o rei me despojou.

— Uma judia! exclamaram alguns com espanto.

— Sim, uma judia, que ousa pedir soccorro a christãos,—continuou elle,—que não farão caso d'estas queixas exageradas. Para terminar, meus senhores, digo-vos que tenho esta mulher em meu poder e que ella me pertence! exclamou Ruy n'um gesto de desafio.

— Os judeus estão amaldiçoados para sempre, regougou um dos monges. Christo disse do alto da sua cruz: «que o meu sangue caia sobre vós e sobre a vossa raça!»

— Sim, ninguem d'essa raça maldita pode ser protegido por christãos! apoiou um dos cavalleiros.

Ruy dirigiu-se então a Sarah:

— Retirai-vos, senhora, se não mandar-vos-hei recolher á força por um dos meus servos. Já vêdes que ninguem está aqui disposto a defender-vos!

— Enganae-vos, senhor! exclamou com voz forte Ayres Peres, ao passo que dava um vigoroso murro na mesa. Tomo essa dama sob a minha egide, e digo-vos que o que fizestes foi uma infamia, que envergonharia a qualquer refece villão quanto mais um fidalgo d'uma linhagem tão nobre como a vossa! O vosso primo e o meu companheiro Alvaro Mendes tem as faces rubras de vergonha pelo vosso proceder. Se elle teve escrupulos, por ser vosso tão proximo parente, de vos atirar em rosto com a indignidade da vossa conducta diante de tantos cavalleiros, eu é que não posso hesitar. Venho de terras onde uma infamia como a que vós commettestes não tardaria tanto em ser punida. Por isso deixae-me sair com essa dama, que irei entregar a seu pae, e permitti que eu á porta d'este castello dê graças a Deus por ter saido, não de um paço de fidalgo, mas de um antro de besta fera!

Ruy estava livido de colera. Foi pois com uma muito forçada placidez que respondeu:

— Com que direito levantaes a voz aqui? Sois acaso cavalleiro fidalgo para ousardes ter a pretenção de me dictar leis? ou suppondes que eu cruzarei a minha espada com a vossa, senhor jogral!? Se vos admitti á minha meza e vos tratei como aquillo que não sois, deveis agradecel-o a Alvaro Mendes.

— Sou jogral e trovador e honro-me muito com estes titulos a que de certo não tendes direito, mas sou tambem tão fidalgo como vós. O vosso primo poderá testemunhal-o. Mas ainda quando o não fosse, que admira que um jogral tome a defeza de uma mulher fraca, victima da vilania de um nobre, quando entre tantos cavaleiros, ninguem se me adeantou n'essa defeza!?

Alguns gentishomens mumuraram n'uma attitude de ameaça.

Mas Ayres Peres, serenamente, proseguiu:

— Os murmurios e as ameaças não me intimidam... Vamos, senhores, deixae-me sahir, para bem de nós todos.

Ruy atatalhou-o com um riso sardonico:

— Mas este homem endoideceu. Julgará que alguem aqui o acompanha?

E, tendo percorrido com a vista, os rostos dos cavalleiros, Ruy tranquillisou-se e accrescentou:

— Já vedes que estaes só e nada podeis.

— Estou só! E que me importa? perguntou Ayres Peres com uma imperturbavel ousadia. Digo-vos que hei de sair d'aqui com esta dama! e hei de sair!

Tinha desembainhado a espada e dispunha-se a abrir caminho, quando Alvaro Mendes, cujo longo silencio fôra um verdadeiro enigma para todos, e muito mais para Ruy, entendeu dever quebral-o com estas palavras:

— E eu digo-te que não sairás, Ayres Peres! Ha pouco invocaste o meu testemunho para confirmar que és um fidalgo; dou-t'o. A rainha D. Beatriz deu-te terras e senhorios em Castella e nobilitou-te. Ruy Mendes podia pois cruzar a sua espada com a tua, se as palavras que acabaste de proferir merecessem que elle assim procedesse. Mas eu é que nunca consentiria que Ruy Mendes se batesse com um homem que acaba de endoidecer. Admiraes-vos, senhores? Pois afirmo-vos que Ayres Peres ensandeceu, e tinha plena razão o meu querido primo quando ha pouco notou essa loucura. Não julgueis, porém, que eu queira diminuir a responsabilidade de Ayres Peres ou attenuar o seu crime. O que quero é intimar o senhor d'este castello, o cavalleiro e fidalgo que acaba de ser insultado sem justiça e sem razão, a que cumpra com o seu dever, punindo severamente o insultador. Ayres Peres foi meu amigo, mas Ruy Mendes é o meu mais proximo parente e tem por seu lado a justiça. Por isso, eu calco aos pés a amizade, para me lembrar dos insultos que foram dirigidos ao fidalgo dentro do seu castello e diante de tantos cavalleiros, e por que motivo? Porque uma mulher judia acusou Ruy Mendes de proceder como qualquer de nós procederia. Ruy exerceu sobre essa mulher uma vindicta, que segundo as nossas tradições de fidalgo, é sagrada.

A fala de Alvaro produziu uma impressão extraordinaria. Ayres Peres, ao começo cheio de espanto e colera, percebeu qualquer estranho sentido n'essas palavras, e longe de se mostrar indignado, resignou-se a uma attitude passiva, dizendo:

— O quê! vós, o meu melhor amigo, o meu companheiro de tantos annos, abandonaes-me!

— Sim, abandono-te, e aconselho-te a que não agraves mais a tua situação, proferindo novas infamias! disse-lhe Alvaro.

Os cavalleiros e os frades, em vista de tão extraordinario apoio, mostraram-se indignados e intimaram Ruy, que ainda parecia hesitante e como julgando um sonho o que acabara de ouvir a Alvaro, a que punisse o insultador, para honra e contento de todos.

— Tu hesitas, Ruy? perguntou-lhe o tio?

— Hesito, sim, mas é no castigo que lhe hei de inflingir.

— Que seja encarcerado! exclamaram algumas vozes unisonas.

Alguns rodearam Ayres Peres e desarmaram-n'o.

Ruy dirigiu-se a Sarah que, toda chorosa, assistira a estas tão inesperadas peripecias, e disse-lhe:

— Recolhei ao vosso aposento, senhora... e lembrae-vos que este escandalo que provocastes, e de que sois a responsavel, ha de augmentar as contas que temos a ajustar!

Sarah saiu sem proferir uma palavra. A atitude de todos aquelles fidalgos indicou-lhe que mesmo o meio extremo a que recorrera havia falhado e que estava agora de todo perdida.

Ruy pediu a Alvaro e aos cavalleiros que se tinham apoderado de Ayres Peres que o acompanhassem.

Dirigiram-se aos subterraneos do castello e n'um d'elles encerraram o trovador, que não offereceu resistencia alguma, antes parecia alheio a tudo, embebido em profundas cogitações.

*

* *

Ruy e Alvaro tinham deixado subir os cavalleiros e permaneceram no corredor humido e frio onde ficavam os carceres. A escuridão da grossa abobada só era attenuada por algumas candeias de azeite, que davam uma luz bruxuleante e tornavam talvez ainda mais lugubre e triste aquelle logar.

— Será melhor, disse Ruy, pôr uma luz no carcere d'esse homem... Se não, estará completamente ás escuras.

— Pois sim, dê se-lhe uma d'essas candeias, concordou Alvaro, tirando a luz da parede e dirigindo-se para a prisão onde estava Ayres Peres.

— Não, eu não entro, disse Ruy; não poderia conter-me se o tor-

Mas onde estou eu? (pag. 29)

nasse a ver... Entra tu, que eu subo ao castello... Estou até curioso de ouvir os commentarios dos meus hospedes sobre tudo isto.

— Pois sim, faze o que quizeres.

Alvaro esperou que os passos de Ruy fossem pouco a pouco deixando de se ouvir; depois, correu o ferrolho do carcere e entrou.

Approximou a luz do rosto de Ayres Peres. Este estava sentado n'um escabello e, ao vêr Alvaro, exclamou:

— Vós! sois vós! Ah, agora sim, agora me ides explicar tudo...

Alvaro collocou a candeia sobre a meza e correu a abraçar o prisioneiro.

— A meus braços Ayres Peres! A meus braços, sublime doido! exclamou Alvaro deveras enternecido. Não te peço perdão dos insultos que fui forçado a dirigir-te por que tu decerto deves ter agora comprehendido uma parte da farça que fui obrigado a representar.

— Ai, Alvaro, não imaginaes a alegria que me communicaes! Sim, eu nas vossas palavras tinha percebido qualquer coisa de fingido e de falso, mas o que desejo é que me expliqueis com que fim empregastes semelhante estratagema.

— Mas, é muito simples: para te salvar a ti e... para salval-a!

— Salval-a! a quem? A' judia?

— Sim, a essa pobre e encantadora mulher! Havemos de empre-

gar todos os meios, meu caro Ayres e eu te afianço que, com um pouco de velhacaria, hei de livrar a pobre Sarah das garras de meu primo.

— Estou prompto a fazer tudo para vos auxiliar em tão boa acção... Mas a mim é que eu não percebo...

— O quê? perguntou Alvaro.

— Que me não deixasseis abrir caminho por entre aquelles vis fidalgos... A minha espada, que tão bem retalhava nos mouros do Algarve e de Granada, não me havia de deixar recuar.

— Passavas incolume pelos cavalleiros — e isto é uma supposição — e ias cair nas mãos de vinte ou trinta servos, que em breve te matariam. Eu julgo ter calculado melhor... Meu querido Ayres, ninguem te admirou mais do que eu ao ouvir-te proferir aquelles nobres dizeres de indignação em favor de uma pobre mulher sem defeza. Quando tu, apontando-me, disseste que eu corava de vergonha pelo acto de Ruy Mendes, eu effectivamente corara, mas não era de vergonha, era de prazer, do gosto de te ouvir. Parece que o coração me saltava no peito. E deves calcular os esforços que fiz para conter-me e poder proferir palavras que diziam inteiramente o contrario do que pensava. E sabes porque me não oppuz a que te conduzissem para aqui, para esta masmorra; é que todas estas prisões teem um alçapão, que vae dar a uma galeria ainda mais subterranea, e essa galeria tem uma saida para as faldas da serra. O que eu não esperava é que Ruy, aconselhando-me a que te trouxesse luz, me daria pretexto tão rapido quanto desejava de vir ver-te e verificar se ainda existem esses alçapões. É' com esta galeria que eu conto para fazer fugir Sarah, e sairmos, tu e eu, d'este covil de bestas-féras, como ha pouco disseste. Já vês que não fiz mal empregando o meu lêmma: — substituir a fôrça pela astucia. Tu, á força, não salvavas Sarah, antes ias concorrer talvez para que ella ficasse de todo perdida e arriscavas-te inutilmente a morrer ás mãos dos lacaios de tão dignos senhores. Agora vejamos se ainda ha o alçapão.

Alvaro e Ayres Peres pecorreram com a luz as lages do carcere. Mas não encontraram vestigios alguns de alçapão.

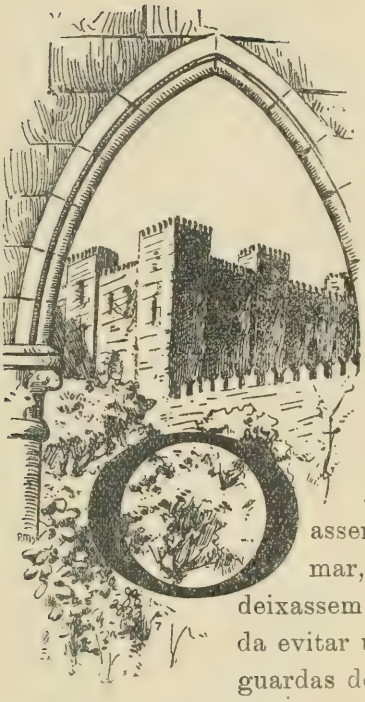
— Por Satanaz! exclamou Alvaro. — Querem vêr que o meu primo teve a estupida ideia de tapar estes alçapões que tão bons serviços lhe poderiam prestar n'um momento de perigo... Se assim foi, é preciso inventar um outro expediente para salvarmos Sarah... Oh,

estou certo de que o havemos de descobrir!... Tu, tem paciencia de ficares aqui algum tempo, mas eu vou fallar com Ruy — receio até que elle não suspeite d'esta demora — e na conversa com elle perguntar-lhe-hei se com effeito os mandou tapar... Logo que possa virei contar-te o que houver.

Alvaro ao subir as escadas que conduziam dos subterraneos ao castello começou a sentir uns rumores, confuzos ao principio, mas que á medida que se aproximava se tornavam mais distinctos. Quando Alvaro chegou acima a vozearia, os toques das trombetas, o arrastar das lanças e das espadas, o correr de cavalleiros e homens d'armas em tão diversos sentidos, indicaram-lhe bem á evidencia que se estava passando um acontecimento de certa gravidade. Um cavalleiro que se cruzou com elle gritou-lhe:

— Assaltam o castello. E' preciso que nos defendamos todos até á ultima!

Alvaro deixou-o seguir na sua carreira e foi tratar de saber o que succedera.



CAPITULO VI

O assalto

Os trinta homens commandados por Vasco Annes chegaram ao cimo da colina onde assentava o castello de Unhos. Depois de intimar, mas debalde, as sentinellas a que os deixassem entrar no castello, Vasco, querendo ainda evitar uma lucta sangrenta, entregou a um dos guardas de Ruy Mendes um pergaminho, ordenando-lhe que o fosse levar a seu amo. Este obedeceu e voltou, d'ali a alguns momentos, trazendo á resposta de Ruy: «Não tinha em seu poder a filha de Jacob Usque e por isso não poderia entregal-a. E, quanto a entrarem-lhe no seu castello trinta homens armados, elle não reconhecia ao rei o direito de lhe impor semelhante humilhação, e por ísso recusava obededecer a essa ordem.»

— Amigos! exclamou Vasco Annes, dirigindo-se aos seus homens. Ruy Mendes desobedece ás ordens d'el-rei; por tanto preparemo-nos para o assalto!

Os companheiros n'um brado unisono declararam-se prestes para a lucta.

Por parte de Ruy Mendes a organisação da defeza foi rapida.

Em pouco tempo as ameias, as torres, o torreão, as frestas e o pateo do castello foram guarnecidos de individuos armados de béstas, aptos para fazerem frente á gente de D. Diniz.

Foi entregue a estes preparativos de defeza que Alvaro Mendes veio encontrar Ruy.

— Então já sabes a nova violencia que o bom rei D. Diniz me quer fazer? perguntou-lhe Ruy.

— Soube-a agora. E estás disposto a luctar?

— Até á ultima! Demais, por mim nada receio, porque tenho um meio certo de me salvar.

— E qual é?

— O caminho subterraneo.

— Esse caminho que communicava com uns alçapões dos carceres? perguntou-lhe Alvaro com curiosidade.

— Sim, esse mesmo. Ah, é verdade, tu conhecias em novo esse segredo. Mas agora já não é a mesma coisa. Eu ha tempos fiz tapar os alçapões dos carceres por que já muita gente sabia da sua existencia e mandei abrir uma pequena porta, bem disfarçada n'uma das paredes da abobada. Ninguem dá com ella, e só eu conheço o sitio.

— E não me poderás indicar, para me aproveitar em caso de perigo?

— Não, Alvaro, não. Julgo que não terei de recorrer a essa extremidade, porque espero do valor dos meus homens que saberão rechaçar um tão insolente assalto; mas se a isso for forçado, basta que n'esse momento saibas o segredo que não tenho tempo agora de te confiar. Ah! o nosso rei quer lucta! pois terá lucta! e eu te afianço, Alvaro, que mesmo que seja vencido, não entregarei a filha d'esse maldito judeu. E' uma presa que já não quero largar ainda que tenha de perder a vida!

Alvaro, encolhendo os hombros, deixou-o e correu apressado a libertar Ayres Peres.

Este, quando o amigo lhe abriu as portas do carcere, perguntou:

— Que estranho acontecimento houve e motiva a minha libertação?

— Os homens de D. Diniz assaltam o castello. Vinham buscar Sarah, mas como Ruy a não quiz entregar, teem ordem do rei para empregar a força.

— E nós o que faremos? perguntou Ayres Peres.

— Torna-se agora mais urgente do que nunca o pormos em pratica o plano que tinha para fazer fugir Sarah. Tanto mais que Ruy me affiançou ainda ha pouco que não entregará a judia e que se tiver de

fugir a arrastará na fuga. Sim, elle tem a salvação no tal caminho subterraneo, que ainda existe, mas para onde os alçapões dos carceres já não communicam, porque os mandou inutilisar. Agora é por uma porta na abobada, que me não indicou, e que nós não temos tempo de procurar. Vamos, meu caro Ayres Peres, é preciso inventarmos uma traça para pôrmos a salvo essa pobre rapariga.

—Mas como? perguntou Ayres, absorvido nas suas cogitações.

— E' o que vamos combinar, disse Alvaro.

Subiram ao castello e procuraram observar a situação dos sitiantes e dos sitiados.

A lucta ainda não estava muito encarniçada.

Choviam as settas, trocavam-se ameaças e improperios, mas não havia ainda mortos e eram muito poucos os feridos.

Alvaro observou com espanto, mas com alegria, que os assaltantes tinham dado o assalto só a uma parte do castello, e que uma outra parte estava ao abandono. Fez notar isto a Ayres Peres e acrescentou:

— A minha idéa é arriscada, mas é o unico meio que ha a tentar. Se fizessemos cair a levadiça d'este lado do castello, que os sitiantes despresaram, e fugissemos com Sarah? Descendo a colina e chegando á povoação, alguem decerto nos alugará cavallos para nos levar a Lisboa.

— Não dou muito pelo vosso plano, desculpae que vol-o diga, respondeu Ayres; mas emfim, á falta de outro, e como nos não chega o tempo para reflectir, é tratar de o pôrmos em pratica. Ide prevenir Sarah emquanto eu disfarçadamente faço descer a levadiça.

— Mas cuidado, observou Alvaro, olha que temos de escaparmonos de dois inimigos: os de cá de dentro e os de lá de fóra.

— Descançae, que a ponte descerá fazendo o menor ruido possivel.

Alvaro encaminhou-se para o aposento de Sarah, que encontrou deveras assustada com a algazarra e vozearia da lucta.

Ao vel-o, a judia cravou n'elle uns olhos interrogadores e admirados:

— Socegae, senhora, disse Alvaro Mendes com voz commovida, e em que transparecia uma indefinida doçura. Eu venho como um amigo, para vos salvar. Os homens d'el-rei assaltam o castello para vos libertarem; Ruy Mendes, porém, mesmo que seja vencido, affir-

mou-me ha pouco que vos arrastará comsigo e vós, senhora, só tendes um meio de lhe escapar: é terdes confiança em mim e deixardes que vos liberte e vos restitua o vosso pae.

— Vós! vós, senhor! exclamou Sarah, como não querendo acreditar no que ouvia. Mas não fostes vós, senhor, o mesmo que impedistes o generoso cavalleiro que me defendeu com tanto zelo e eloquencia, de me livrar com a sua espada?

— Fui eu mesmo, sim, senhora; mas isso era apenas um estratagema que me vi obrigado a empregar para o salvar a elle — o meu melhor amigo — e para vos salvar tambem. Desde que conheci a violencia de que ereis victima, desde esse instante procurava na minha mente o meio de vos libertar, sem que corresseis perigo. Agora, senhora, não temos tempo a perder, e portanto dizei-me: estaes disposta a acompanhar-me?

— Nas vossas palavras e no vosso rosto ha um tom e uma expressão de sinceridade que me não permittem responder a tanta dedicação com uma desconfiança. Colloco-me pois sob a egide da vossa espada de cavalleiro. Fazei o que melhor entenderdes.

Ayres Peres appareceu n'este momento á porta do aposento.

— Vamos, meu senhor, que podemos aproveitar agora a occasião em que a lucta está renhida. A levadiça está descida, e vamos lá que não chiou muito.

Sarah agradeceu com palavras commovidas a Ayres Peres o seu generoso e arrojado procedimento.

— Senhora, o meu acto não merece tantos louvores. De resto, a minha loucura poderia perder-vos, ao passo que a serenidade de Alvaro Mendes é que vos havia de salvar. Mas nada de phrases... Tratemos de nos pôr a caminho.

Alvaro explicou a Sarah o passo, algum tanto arriscado, que iam dar.

Em seguida sahiram os tres do castello, atravessaram a levadiça, e começavam a descer a colina quando um grupo dos sitiantes correu sobre elles, ao mesmo tempo que lhes disparavam uma chuva de settas.

Duas d'estas vieram cravar-se no peito de Alvaro Mendes, que deu um grito abafado e tombou por terra. Sarah tentára em vão amparal-o.

Ayres Peres, brandindo a espada, correu para o grupo e bradou:

— Suspendei, que nós não somos vossos inimigos! Fugimos do castello para livrarmos esta dona, prisioneira de Ruy Mendes, e dar-lhe a liberdade. A' fé de cavalleiro vol-o juro! E quando iamos a a conseguir o nosso intento, vós feristes o mais nobre, o mais leal e o mais generoso gentilhomem!

— O que nos prova a verdade do que dizeis? disse um individuo, adiantando-se.

— E quem sois? perguntou-lhe Ayres Peres.

— Sou o commandante d'esta escolta, chamo-me Vasco Annes, e pertenço á casa d'el-rei. Vi que sahieis do castello, e, embora achasse isso muito extraordinario, não quiz tomar sobre mim a responsabilidade de vos deixar evadir, e mandei que vos atacassem.

— Vasco Annes! Conheci ha bem longos annos um Vasco Annes, moço então como eu, e de quem fui bastante amigo. Depois exileime e esse amigo d'outro tempo mudou tanto que parece duvidar da palavra de Ayres Peres.

— Ayres Peres! tu! exclamou Vasco, correndo para elle e apertando-o estreitamente nos braços. Como havia eu de te reconhecer! Desculpa-me, mas estás tão mudado...

— Não te posso accusar, Vasco, por que eu mesmo, embora antes de te perguntar o nome tivesse quasi a certeza de que tinha na minha frente o velho amigo de outros tempos, hesitei em abraçar-te sem adquirir de todo a certeza. Mas agora o que é preciso é que repares o mal que involuntariamente fizeste, ferindo Alvaro Mendes.

Vasco e Ayres approximaram-se do ferido.

Sarah tinha-lhe tirado as settas com todas as precauções e procurava vedar-lhe o sangue das feridas.

Alvaro ergueu-se e dirigiu um olhar interrogador a Ayres Peres; mas este explicou-lhe quem era para elle Vasco Annes, o qual, por sua vez, dirigindo-se a Alvaro, disse:

— O que deveis é consentir que alguns dos meus homens vos amparem até á povoação e ahi serão tratadas as vossas feridas...

— Pois sim, respondeu Alvaro, com voz fraca; mas espero que não nos demoremos muito. Desejo forçosamente partir o mais depressa possivel para Lisboa. Deveis lembrar-vos que cada hora d'ausencia são outros tantos golpes no coração do pae d'esta dona.

— Não, senhor, atalhou Sarah implorativa. Primeiro tendes o de-

Haveis de ser minha! (pag. 31)

ver de tratar esses ferimentos que recebestes por minha causa; depois então partiremos.

Vasco Annes despediu-se e foi continuar a dirigir o assalto.

D'ali a momentos dois dos homens enviados por elle fizeram com os braços uma especie de cadeirinha, onde se collocou Alvaro.

Ao chegarem a Unhos, um servo mouro offereceu-se para tratar as feridas, pondo-lhes um balsamo de que tinha o segredo. Alvaro acceitou e não teve de se arrepender, por que não tardou muito a cobrar algum animo, e tanto insistiu e teimou com Sarah e com Ayres Peres que tiveram de consentir em acompanhal-o para Lisboa.

Os tres, tendo montado nos cavallos, dirigiram-se então vagarosamente para a cidade.

CAPITULO VII

A Rainha

ZABEL de Aragão veiu muito nova para Portugal.

A gentil princeza, filha de D. Pedro II e de D. Constança, nasceu effectivamente no palacio da Aljaferia, aquella fabrica magnifica que os reis mouros deixaram em Saragoça, no anno de 1271 — ou 1309, como então se contava, — e casou em 1282, apenas com onze annos portanto. O facto não deve causar estranhesa porque eram esses os costumes do tempo, e até, apesar de tão menina e moça, já a tinham pretendido, antes de D. Diniz, os herdeiros dos thronos de França e da Inglaterra.

A conveniencia da politica peninsular aconselhava o joven monarcha portuguez a casar em Hespanha. Mas, as infantas de Castella eram suas tias, sendo, portanto, difficil obter a dispensa para o ma-

trimonio, e a princeza D. Joanna de Navarra era já noiva do Delphim de França. Só restavam, pois, as infantas de Aragão: D. Isabel e sua irmã D. Violante, mais nova. O rei de Portugal enviou, por isso, a D. Pedro III, o Grande, tres embaixadores, que foram João Velloso, Vasco Pires e João Martins, fidalgos do seu reino e seus conselheiros, os quaes tiveram em Aragão a mais lisongeira recepção.

Leão, Castella, Navarra, Aragão e Portugal não constituiam estados geographica ou ethnicamente distinctos; eram povos, irmãos pela raça e pelas tradições, de que só os incidentes da reconquista haviam feito na idade media organisações independentes, mas que reagiam então tenazmente contra qualquer absorpção, caprichando em manter, todos, a sua autonomia. Ora Castella principiava a assumir uma certa extensão e preponderancia, tornando-se assim um perigo para as communidades visinhas, cuja conveniencia residia agora, consequentemente, no accordo de uma alliança neutra contra aquella que se prenunciava já como devendo tornar-se o inimigo commum.

O casamento entre o rei de Portugal e a infanta de Aragão era, pois, um enlace que o interesse dos dois povos aconselhava claramente, porque juntava as quinas portuguezas com as barras aragonesas n'uma obra de defeza e resistencia contra Castella. Negociou-se logo depressa, e para o concluir vieram a Portugal Bernardo Lança, almirante do reino de Aragão, e Bertrand de Villa-Franca, camareiro da sé de Tarragona. El-rei andava então no Alemtejo, onde fôra impedir, com as armas na mão, seu irmão D. Affonso, de cercar de muros a villa aberta de Vide. Ali passou elle a carta de arrhas á futura esposa, doando-lhe as villas de Obidos, Abrantes e Porto de Moz, e concedendo-lhe que podesse testar livremente uma parte das rendas d'ellas.

Concluidas as negociações, realisou-se, em Barcelona, com toda a solemnidade, o recebimento por palavras de presente, e D. Pedro III veiu acompanhar a filha até aos confins de Aragão. Entrando em Castella, sairam a recebel-a seus primos D. Sancho e D. Jayme, acompanhando-a este ultimo até á então villa de Bragança, primeiro pedaço do solo portuguez que a nova rainha pisou, e onde a aguardavam, por ordem de D. Diniz, o infante D. Affonso seu irmão, seu cunhado D. Gonçalo Garcia de Sousa, conde de Barcellos, muitos

prelados e ricos homens. Acompanhada por esse sequito, e no meio de demonstrações festivas, partiu, D. Isabel, de Bragança para Trancoso, onde o rei a esperava com o resto da côrte e a maior parte da sua nobreza.

Foi ali que os dois jovens esposos receberam as bençãos, em junho de 1282, dando então el-rei a D. Isabel a villa como presente de boas vindas.

Os reaes desposorios foram os mais celebres e faustosos que até áquelle tempo se tinham visto. A côrte demorou-se em Trancoso, no meio de festas apparatosas e de enthusiasticas manifestações de jubilo, quasi todo o mez de julho. As espadas que haviam brilhado com tão terrivel fulgor ao sol das batalhas victoriosas com que Affonso III recuperara as conquistas que o irmão deposto fizera no Algarve, e e se haviam perdido durante o periodo da guerra civil, engrinaldaram-se de capellas de flores para as escaramuças graciosas das justas e torneios. O concurso de fidalgos e guerreiros era tal que não poude caber toda a gente na villa, e tiveram os ricos homens que improvisar um embandeirado arraial no campo, onde se acolheram emquanto a côrte ali se demorou.

Sarah

De Trancoso seguiram, afinal, os monarchas para a Guarda, pas-

sando por Vizeu, e depois para Coimbra, sempre no meio de applausos e de festas, que n'esta ultima cidade, antiga residencia da côrte, foram as mais vistosas e opulentas.

D. Diniz era muito activo e bastante cuidoso dos seus deveres de rei. Fazia amiudadas jornadas pelo paiz, acudindo sempre aos logares onde se tornava necessario prover a qualquer negocio local. Ora nas alcaçovas de Lisboa e Santarem, ora no paço de Coimbra, ora em outras terras do reino, a côrte não tinha nunca pouso certo. Mas, Isabel de Aragão acompanhava sempre o marido por toda a parte, embora n'esse tempo o joven monarcha, leviano e apaixonado como poeta que era, andasse entretido com os amores de D. Aldonça Rodriguez e D. Gracia de Sousa. A rainha, juvenil e amorosa, doía-se e maguava-se com essas traições; mas perdoava generosamente quando D. Diniz, aliás coração nobre e leal, voltava, cheio de remorsos sinceros, ao thalamo real, e então renascia, como uma flôr de delicado aroma, mais vivo e redolente, o affecto dos dois esposos. Foi assim que em 1290 nasceu a infanta D. Constança, e um anno depois, em Coimbra, o infante D. Affonso, successor da corôa, a 8 de fevereiro.

*

* *

Se acreditarmos os hagiographos, que antes e depois da santificação lhe enalteceram os meritos e as virtudes, e por vezes as amplificaram e exaggeraram a ponto de a despojar de todo o encanto admiravel do seu amoroso instincto de mulher e do seu ardente sentimento de hespanhola, Isabel de Aragão manifestou muito precocemente as inclinações piedosas que ao depois preencheram tão largamente a sua vida, e até o proprio nascimento lh'o assignalou já um prodigio. Eis como o achamos narrado, com estranho assombro, no estylo empolado do bispo do Porto, D. Fernando Correia de Lacerda, que em 1678 lhe escreveu a vida, e n'este ponto reproduz simplesmente a relação chamada vulgarmente *Lenda,* e que foi escripta pouco depois da morte da Rainha: «Quando todos os nascidos rompem as teias com que dentro do maternal claustro os veste a natureza provida, ella, por que se lhe não visse o tenro corpo, não rompeu o decente véo, com o que, se não nasceu vestida, nasceu composta; e, nascendo composta, não podia ficar melhor vestida, porque

a mais formosa gala é a compostura mais honesta. Ampliou Deus a formosura a Esther, porque ella procurou a decencia, e se despiu da vaidade. Vendo a mãe que este successo não era acaso, o reputou por mysterio. E entendendo que era para guardar o que a filha não queria romper, tanto que a involveram nas reaes mantilhas, mandou guardar as mysteriosas tunicas, depositando em um preciso cofre de prata um inestimavel thesouro de virtude, sendo esta antecipada decencia como prodigiosa profecia. Guardaram se as reliquias antes do berço, porque se haviam de venerar depois do tumulo». Excellente previdencia! Em todo o caso, o successo não era tão prodigioso e cheio de mysterio como á santa ignorancia do bispo se affigurou

O certo é que desde muito nova a infanta de Aragão se entregou á mais diligente devoção, incitada a isso pelos conselhos de frei Pedro Serra, o confessor que lhe tinha sido dado desde os mais verdes annos.

Indicaram-lhe principalmente o exemplo da rainha Isabel da Hungria, por intenção da qual lhe haviam dado o nome, e de cuja meia irmã, D. Violante, ella era neta pelo pae. A religião, que gradualmente se despira de toda a suavidade do primitivo christianismo, exercia na idade media uma influencia absorvente nos reinos da peninsula. As almas já não conversavam com Deus n'uma serena confiança de fé. O amor, que tinha sido a primeira mola da crença, fôra substituido pelo terror; e a poesia encantadora de uma fé simples e candida transformara-se nas praticas excessivas da devoção, destinadas a espancar a ameaça tremenda do inferno.

A princeza de Aragão trazia, sob as vestes reaes, asperos cilicios de penitencia. Jejuava dois dias por semana, e a pão e agua o periodo do Advento e da Quaresma. O seu dia era quasi todo consagrado á oração. Logo pela manhã resava matinas e laudes, e na sua capella, preciosamente adornada, ouvia quotidianamente missa cantada, beijando sempre a mão do celebrante á offerenda. Acabada a missa, resava as horas menores, o officio dos defuntos, os salmos penitenciaes e outras orações dos santos seus advogados, no que occupava a melhor parte da manhã. Entretinha-se depois com as suas damas e donzellas a bordar ornamentos para as igrejas ou a lêr vidas de santos, e quando eram horas de vespera voltava para a capella, onde assistia a todas as resas.

O seu fervor tinha, comtudo, um lado mais sympathico e huma-

no: era a acendrada e inesgotavel caridade, que constituia tambem o melhor pregão da sua virtude. A sua caridade era uma paixão violenta de que o coração lhe transbordava. As suas mãos generosas espalhavam a esmola a flux, e os seus labios piedosos nunca estavam estancados de palavras de carinho e de conforto. Dava a pobres e a nobres, dava a todos sem contar. Trouxera um bom dote de Aragão, e D. Diniz dera-lhe ainda, ao depois, mais rendas: os senhorios de Cintra e de Abrantes, com os padroados das igrejas e alcaidarias mores. Assim, os seus rendimentos excediam annualmente doze mil libras, o que equivaleria hoje a mais de oitenta contos, e era decerto uma bem importante somma n'aquella época. Assim podia dar, e dava muito.

Compreende-se que a caridade inesgotavel de D. Isabel de Aragão, a sua admiravel bondade, acrescentadas pela assiduidade da sua devoção e pelos exagêros do seu mysticismo, servissem á propagação da fama excepcional que já em vida começou a circumdar o seu nome. O tecimento da lenda iniciara se logo. Frei Pedro Serra empenhava-se, por todos os modos, em avolumal-a, ao mesmo tempo que pretendia estabelecer a rivalidade entre D. Diniz e a esposa. Dentro em pouco veremos o interesse que o levava a proceder assim.

Ainda no dia que precedera o regresso de el-rei, de Beja, entretivera-se o frade aragonez a engendrar por esta fórma a versão de um dos primeiros milagres atribuidos á rainha santa:

— Santa Iria era uma menina que muita moça, apesar de nobre, rica e formosa, foi acolher-se no claustro. Esposa virgem do Senhor, e toda redolente dos perfumes da castidade, no proprio logar santo a foram acometter, porém, as paixões mundanaes, a cujo fogo impuro a sua alma fugira. Das suas graças e bellesa se captivou primeiramente um chamado Britaldo, de nobre estirpe como ella e de guapo porte; mas não a demoveu com os desvairamentos do seu amor. Mais tarde foi um religioso, de nome Remidio, em quem a mocidade e a gentilesa de Iria dispertaram desejos concupiscentes. Resistio igualmente a piedosa donzella, mas o máo religioso, irritado e ardendo por isso em ancias de vingança, ministrou-lhe peçonha, que lhe produzio inchação das pernas, disendo em seguida que a joven e purissima Iria andava gravida. O primeiro amante deu credito á calumnia, e, cheio de despeito, mandou degolar a virgem por um criado seu chamado Banam.

— Seria tudo assim, observou o jogral de el-rei, mas gosto mais do rimance:

Estando eu cosendo
Com um dedal de prata...

— Não se trata agora de rimances, replicou azedamente o mercenario. Esta é que é a historia verdadeira, que está escripta, e o que vou contar agora é o successo milagroso occorrido com a nossa senhora rainha. Podeis ir-vos se não quereis ouvir.

O outro limitou-se a encolher os hombros e deixou-se ficar. Apesar de contrariado com a sua presença, o frade proseguio:

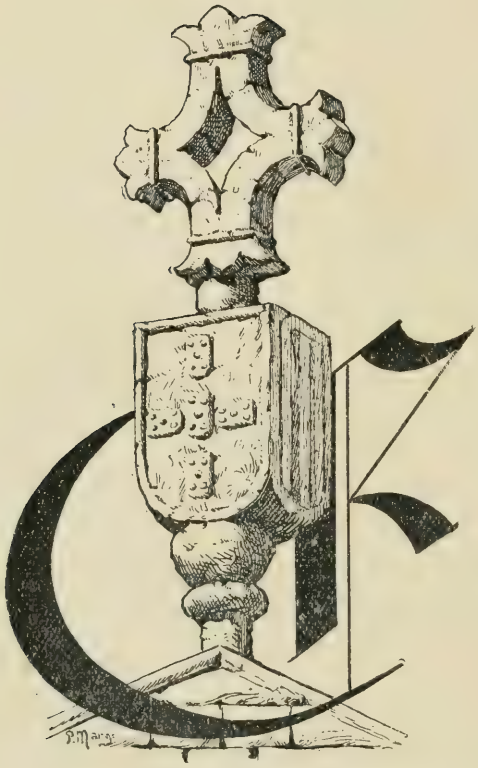
— O cadaver de Iria foi lançado, depois do crime, ao rio Nabão, donde passou ao Zezere, e d'este ao Tejo, indo afinal parar defronte de Santarem, que ainda não tinha tal nome, que exactamente lhe proveio de semelhante successo. Os anjos fabricaram então ali um tumulo de marmore, sob as agoas, para a santa repousar. Ora logo no primeiro anno da nossa senhora rainha vir a estes seus reinos, indo a Santarem pretendeu ver essa angelica fabrica, o que implorou a Santa Iria com singular fervor, e uma ocasião em que andava passeando perto do rio, abriram se as agoas d'este com estranho assombro de todos, e deixaram-na caminhar perfeitamente a secco até ao sitio da prodigiosa construcção, tornando a fechar-se logo que ella voltou para a terra, depois de satisfeito o seu devoto desejo. Bem estranha maravilha foi esta e nunca até então vista!

— Nunca vista não podeis dizer, acudio o jogral, porque succedeu o mesmo com Moisés, no Mar Vermelho. Mas, a verdade, amigo Frei Pedro, é que eu acompanhava nessa ocasião o senhor D. Diniz e não presenciei tal cousa.

— Pois assisti eu proprio a ella, o pagem de sua real mercê e outras pessoas dignas de credito. Ninguem póde atrever-se a contestar, portanto, o que acabo de referir.

— Talvez a rainha, murmurou por entre dentes o jogral, deixando o frade occupado a explicar os pormenores, que o seu auditorio queria avidamente saber, do successo.

Era conveniente que esboçassemos a phisionomia da rainha e contassemos a historia dos primeiros tempos do seu casamento, para retomar depois a narrativa da sua vida, que constitue o assumpto do nosso romance.



CAPITULO VIII

A Côrte de Amôr

EMQUANTO os homens de el-rei assaltavam o castello de Dom Ruy Mendes, e os hospedes do senhor de Unhos se apercebiam apressadamente para a defeza, na Alcaçova ordenavam-se os preparativos para o serão festivo d'aquella noite.

Recitar-se-iam canções á moda da Provença, e reuniriam côrtes de amôr. O seu mestre francez ensinara D. Diniz a trovar, e a poesia provençal era tambem bastante estimada na côrte de Aragão, onde se haviam refugiado varios trovadores albigenses. Por occasião do casamento de D. Isabel, que, além d'isso, era neta do rei poeta Frederico I, tinham vindo para Portugal alguns jograes, a quem então se conferiam privilegios tão grandes como os que eram ganhos pelos nobres no campo da batalha. As côrtes de amôr eram tribunaes galantes em que se debatiam e julgavam processos versando sobre qualquer asssumpto romantico ou sentimental.

Para a reunião da côrte de amôr armara-se, em uma das mais vastas salas dos paços de Lisboa, um estrado alto com cadeira coberta de docel de velludo carmezim e lambeis de oiro, — destinada á gentil D. Isabel de Cardona, que devia presidir n'essa noite ao tribunal, — tendo ao lado uma meza para o escrivão do processo, Pero Annes Marinho, um dos trovadores da collecção do Vaticano. A meio da sala um gradeamento doirado separava o espaço reservado aos cortezãos e fidalgos da côrte, tendo proximo um estrado com degraus para o rei e a rainha, e outro razo para as damas e donzellas.

Toda a sala fora adornada com colgaduras de tela de Arraz e flores em profuzão. Junto de uma das portas lateraes fôra construida uma especie de caramanchão de verdura, que figuravo o templo do deus do Amor, Cupido, que era cestume ser representado por uma criança.

Antes do começo do serão as damas e os cavalleiros, encostados ou debruçados a um e outro lado do gradeamento que dividia a sala, entretinham-se em amaveis palestras. D. Estevainha Martins, a camareira da rainha, isolada no extremo da balaustrada, conversava intimamente com um joven trovador filho do vellho Gonçalo Rodrigues da Maya, o famoso Fernão Gonçalves auctor de uma canção com que abrem os dois cancioneiros manuscriptos de Roma e de Madrid, e que depois foi seu marido. Ainda outros pares, aqui e ali, trocavam protestos de amôr, aproveitando-se da liberdade que a fina galanteria da epoca lhes concedia; e nos grupos fallava-se animadamente sobre as intrigas da côrte e as novidades da cidade. O jogral de el-rei, Estevam de Guarda, tão privado que D. Diniz o escolheu para um dos seus testamenteiros, volteava de um lado para o outro, envolvendo-se em todas as palestras, semeando a flux os ditos de espirito e por vezes alguma ironia bem cruel.

Em um d'esses grupos, de que fazia parte o escrivão do processo, o assumpto era o rapto da judia. As damas mostravam-se interessadas pela sorte de Sarah; os homens dividiam se nas suas opiniões, defendendo alguns o procedimento de Dom Ruy Mendes.

— Pois vos enganaes, disse D. Martim Gil, que semelhante procedimento determinará a sua perda. El-rei mandou a Unhos o nosso Vasco Annes com trinta cavalleiros, e não duvido, portanto, de que a pobre donzella seja arrancada ás garras de Ruy Mendes, e o seu solar arrasado como castigo da protervia.

— Se el-rei não fosse tão afeiçoado a Jacob Usque, provavelmente não seria tão severo por causa do rapto de uma judia, observou Pero Marinho. Tanto mais que bem pode succeder que Ruy Mendes a ame deveras.

— Ah! acudiu o jogral d'el-rei. Cuidaes que o lobo de Unhos é capaz de desposar sereias?

O riso geral acolheu esta saida de Estevam da Guarda, que alludia a uma tradição da familia de Pero Annes Marinho. O trovador era, effectivamente, filho de João Froyaz Marinho, e neto de um celebrado D. Froyam, de quem os nobiliarios contam a seguinte lenda do seu casamento com uma fada marinha: «D. Froyam era caçador monteiro. E andando um dia em seu cavallo no seu monte por riba do mar achou uma mulher marinha jazer dormindo na ribeira. E iam com elle tres escudeiros seus, e ella quando os sentiu quiz-se acolher ao mar, mas elles foram tanto apoz ella até que a pilharam antes que se acolhesse ao mar, e depois que a pilhou fel-a pôr em uma besta e leval-a para sua casa. Ella era muy formosa e elle fel-a baptisar, e como lhe não cabia tanto nome nenhum como Marinha porque saira do mar, assim lhe poz nome e chamaram-lhe dona Marinha: e houve d'ella seus filhos, dos quaes houve um que houve nome Joham Froyaz Marinho. E esta dona Marinha não fallava nem migalha. Dom Froyaz amava-a muito e nunca lhe tantas coisas pôde fazer que a podesse fazer fallar. E hum dia mandou fazer muy grande fogueira em seu paço, e ella vinha de fóra e trazia aquelle seu filho comsigo, que amava tanto como seu coraçom, e dom Froyam foi pegar n'aquelle filho seu e d'ella, e fez que o queria enviar ao fogo, e ella com raiva do filho esforçou por bradar e com o brado deitou pela bocca uma peça de carne e d'ali adiante falou. E dom Froyam recebeu-a por mulher e casou com ella.»

*

* *

Finalmente entraram as pessoas reaes, que foram tomar o seu logar no estrado alto. As senhoras agglomeravam-se, umas sentadas, outras de pé, no estrado razo, e os cortezãos e fidalgos ficaram fóra do gradeamento, uns tambem de pé, outros sentados no comprido banco de espaldas e almofadado, que corria ao longo da parede.

Deu-se começo á festa, que principiou por uma canção de D. Diniz, que o proprio monarcha recitou:

Oy oj cantar d'amor:
Em hum formoso vergeu
Huma formosa pastor,[1]
Que no parecer seu
Jamais nunca lhe par vi.
E porem dixe-lhe assi:
—«Senhor[1] por vosso vou eu!»

Tornou-me sanhuda enton
Quando me esto oye diser,
E disse: — «Hide-vos varon,
«Quin vos foi aqui tronguer
«Pera me hirdes di estorvar?»
E ei disse: — «Aquesto cantar
«Que me fez quen sei ben querer.»

—«Pois que me mandades hir»,
Disse-lh'eu: «senhor hir me hey
«Mays ja vos hei de servir,
«Sempre per vos andarey
«Ca[2] vosso amor me forçou,
«Assi per vosso me hey,
«Cujo sempre eu já serei.»

Diz ella: — «Non vos ten prol
«Esso que dizedes, nen
«Mi pras de o oyir sol,[3]
«Ant'ey nojo, e pesar en,[4]
«Ca meu coraçon non é
«Nen será por boa fé
«Senon non bos quero ben.»

—«Nen o meu», dixi lhi eu já,
«Senhor, ou se partirá
«De vos por cujo sol ten.»
—«O meu», disse ella, «será
«Hu[5] foi sempre, hu está,
E de vós non curo ren.[6]

—«Quand'eu ben moto semensa[7]
«Em qual vos vejo, e vos vi,
«Desque vos eu conheci
«Deos, que non mente, me mensa,
«Senhor, se oje eu sey ben
«Que semelhe o vosso em ren.

«Quand'eu a beldade vossa
«Vejo, que vi per meu mal,
«Deos, que a coitados val,
A mi nunca valer possa,
«Senhor, se oje eu sei ben,
«Que sen ella o vosso a ren,
«E quasi assi non ten,
«Non vos viu, ou non ha sen.»[8]

[1] *Pastor* equivale aqui a pastora e *Senhor* equivale aqui a senhora; na linguagem da epoca os vocabulos em *or* eram invariaveis tanto para o masculino como para o femenino.

[2] *Ca* = Porque.

[3] *Sol* = Sequer.

[4] *Hu* = Onde.

[5] *En* = N'isso.

[6] *Ren* = Nada.

[7] *Semensa* = Pondero.

[8] *Sen* = Sentido. Esta graciosa canção é do proprio D. Diniz, conforme a lição do dr. Caetano Lopes de Moura (*Cancioneiro de el-rei D. Diniz, pela primeira vez impresso sobre o manuscripto da R. S.*

Os cortezãos e os trovadores aplaudiram com enthusiasmo, quando o rei acabou a sua canção.

Vasco de Lobeira, que foi depois o redactor do *Amadiz de Gaula*, e que, apezar de bastante novo, acompanhava já á côrte seu pae o trovador João Lobeira, inclinando-se ao ouvido de Estevam da Guarda perguntou baixinho:

— Qual será aquella pastora tão apaixonadamente cantada? Já não é com certeza D. Gracia, nem a mãe de Affonso Sanches.

O jogral d'el-rei respondeu, no mesmo tom, mas com gesto enfadado:

— Ainda tão moço não sejaes já indiscreto e maldizente. Sabei que

Proençaes soem mui ben de trobar
E dizem elles que é con amor.[1]

Em outros grupos faziam-se elogios á inspiração poetica de D. Diniz, ou cochichavam-se commentarios chocarreiros do mesmo genero d'aquelle que rendera a Vasco de Lobeira a reprimenda de Estevam da Guarda.

Seguia-se outro trovador. Fernão Gonçalves foi quem teve a honra de dizer os seus versos depois do rei. Era tambem uma canção de amor, e agora era no estrado das damas que se faziam, em voz baixa, ao ouvido, confidencias indiscretas, e se trocavam sorrisos de intelligencia.

— Olhai como a Estevainha córa! murmurava D. Maria Ximenes Cornel.

A camareira da rainha tornara-se effectivamente encarnada como uma cereja, ouvindo a trova do poeta seu namorado e que lhe era claramente endereçada.

Quando Fernão Gonçalves terminou, o alferes mór de D. Diniz, que se approximára havia um momento do estrado real, dirigiu-se a el-rei, dizendo:

— Senhor, estão lá fóra dois segreis, acabados de chegar de França, que pedem a vossa real mercê lhes conceda vir disputar tambem n'esta côrte de amor.

Vaticana, com algumas notas illustrativas e uma prefacção historico litteraria. Paris 1847.) Reproduzimol-a mesmo na linguagem do tempo, explicando apenas a significação das palavras que poderiam ser menos comprehensiveis.

[1] Estes dois versos pertencem a outra canção de D. Diniz.

— Pois, mandae os entrar, respondeu o rei com complacencia.

Chamavam-se então segreis aos trovadores vagabundos, que andavam a cavallo de terra em terra dizendo as suas canções, com acompanhamento do instrumento de corda que n'esse tempo se chamava rota.

D. Martim Gil afastou-se logo que ouviu a resposta de el-rei, e d'ali a pouco assomaram a uma das portas da sala, para onde se dirigiram logo todos os olhares, D. Alvaro Mendes e Ayres Peres.

Estevam da Guarda, que não se havia esquivado á curiosidade geral, não se pôde conter:

— Segreis! Ora! Aquelle é Ayres Peres, o jogral da senhora rainha D. Beatriz e meu velho companheiro e amigo.

— E o outro o nobre Alvaro Mendes, meu querido filho adoptivo, que ha quinze annos nos fugiu para terras estranhas e longinquas, de onde nunca mais deu noticias, disse, por sua vez, João Lobeira, que impetuosamente se adiantou na direcção dos recemchegados.

A espectativa geral aguçara-se agora n'uma viva curiosidade. Estevam da Guarda seguira pressuroso o velho trovador.

Alvaro Mendes e Ayres Peres, tendo percorrido a sala com um olhar circular, encaminharam-se para o extremo do gradeamento a que quasi encostava o estrado real. Quando chegaram proximos, ouviu-se a voz de D. Diniz:

— Sêde bemvindos na nossa côrte, trovadores ou segreis que sejaes, amigos em todo o caso, que dos nomes de ambos me recordo bem. Alvaro Mendes, fostes meu antigo companheiro; e vós, Ayres Peres, tenho idéa de vos vêr ao lado da minha senhora mãe e rainha, e, embora andando por longes terras, a vossa fama de jogral chegou até nós. Ouviremos, pois, com agrado, as novas canções que deveis trazer de França e de Italia.

Os dois homens haviam já chegado até junto da balaustrada. Alvaro Mendes, que caminhava lentamente, encostado ao hombro do seu amigo, estava bastante pallido. Mas, foi elle quem respondeu:

— Agradecemos, senhor, a recepção cordeal que nos fazeis, e a mim e ao meu companheiro muito nos commove a lembrança que vossa real mercê conservou dos nossos nomes. Vimos, de facto, das terras estranhas, e é opulento o peculio de trovas e de rimances novos que trazemos, como, por exemplo, o da historia dos amores leaes

de Tristan e Iseult, o qual foi realmente acontecido. Mas agora, isso foi um pretexto, apenas, para encontrarmos mais prompto acolhimento junto de vossa real mercê, que outro motivo nos levou a procurar mais depressa do que contavamos.

Alvaro Mendes falára com evidente sacrificio, com voz fraca e tremula, e a sua pallidez cada vez mais se accentuava. El-rei, que se apercebera do seu mal-estar, perguntou em tom affectuoso:

— Mas, estaes incommodado, Alvaro Mendes?

Ayres Peres apressou-se a responder:

— Está ferido e muito fraco: ferido no serviço de vossa real mercê, e fraco pela caminhada que em tal estado fizemos, de Unhos até Lisboa.

Os sobr'olhos de D. Diniz carregaram-se.

— De Unhos! Contai-me isso. E vós, Alvaro Mendes, sentai-vos n'esse banco.

Ayres Peres referiu então os acontecimentos que deixámos já descriptos nos capitulos precedentes. Quando concluiu a sua narrativa, que fôra escutada com a maior attenção, o rei inquiriu:

— E Sarah?

— Ficou lá fóra, senhor, nos braços do pae. Aguardam ambos que vossa real mercê lhes conceda a permissão de virem agradecer-lhe a protecção que tão generosamente lhes dispensou.

— Ah! dizei-lhes então que entrem para aqui mesmo.

Alvaro Mendes fez um movimento no banco para se erguer, mas tornou a cair sentado, porque as forças, já por demais provadas, se recusaram a satisfazer-lhe o intento. Ayres Peres correra logo, porém, á porta da camara que dava para o exterior, e tendo chamado para fóra, o velho judeu e a filha entraram promptamente.

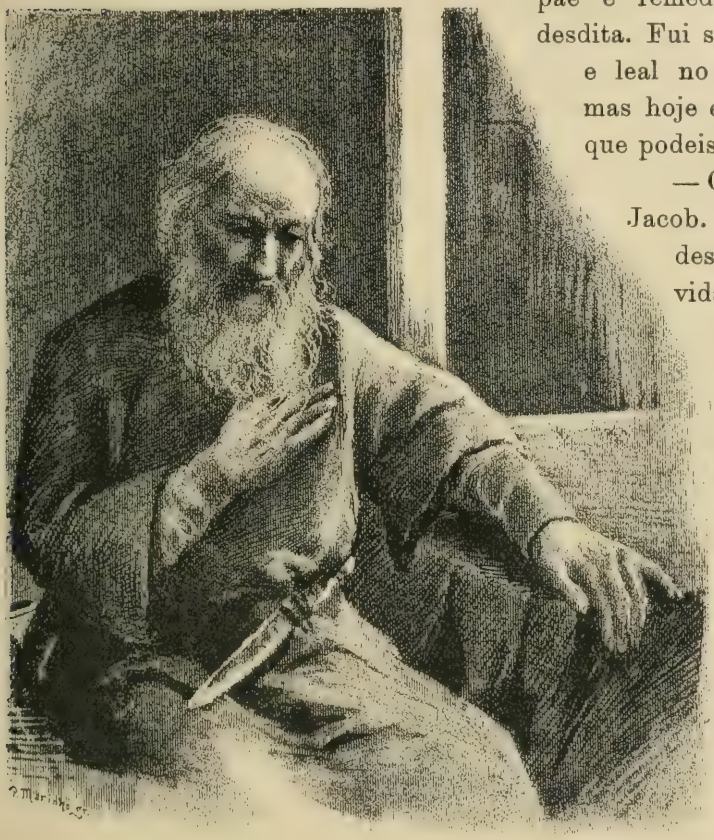
Jacob vinha radiante. No rosto brilhava-lhe uma doce alegria, e no olhar estava pintada uma sincera expressão de gratidão. Sarah, cheia de acanhamento, estava profundamente perturbada. Quando entrou na sala, os seus olhos procuraram qualquer pessoa ou qualquer cousa anciosamente, e só socegaram quando se encontraram com os de Alvaro Mendes.

El-rei dirigiu logo a palavra ao judeu:

— Ahi tens a tua filha, Jacob. E que linda que ella é! Restituiu-t'a um nobre fidalgo, meu antigo companheiro, e que assim me deu a melhor prova de ser ainda um meu amigo fiel. O nosso esfor-

çado Vasco Annes, que ainda não voltou de Unhos, decerto se terá incumbido de cumprir o resto da minha palavra, fazendo expiar caro a Ruy Mendes a affronta que te fez. Estás satisfeito?

— Sois um grande principe, senhor! Acolhestes a minha dôr de pae e remediastes a minha desdita. Fui sempre dedicado e leal no vosso serviço; mas hoje é da minha vida que podeis dispôr.



O judeu

— Obrigado, bom Jacob. Mas, o que eu desejo é que a tua vida se prolongue, para protegeres e guiares a tua filha e continuares a servir-me.

E voltando-se para Alvaro Mendes, cujo abatimento visivelmente augmentava, proseguiu:

— A vós, Alvaro Mendes, espero ter occasião de pagar tambem a divida que acabo de contrahir, e que ainda mais accrescenta a amisade que me mereceu sempre o vosso caracter e a vossa galhardia. Agora, ide cuidar de vós e tratar-vos. Depois de curado, espero que não tornareis a abandonar-me, e procurarei tornar-vos o menos fastidiosa possivel, a vós e ao vosso bom companheiro, a estada na nossa côrte.

Alvaro Mendes, bastante commovido, fez outra vez um violento esforço para erguer-se, mas cahiu de novo sobre o banco, pesadamente, com um gemido de dôr.

Então Sarah, n'um impulso inconsciente, correu afflicta para o seu salvador, seguida por Ayres Peres.

— Vinde, senhor, depressa, que serei eu a tratar-vos, para vos compensar do que por mim fizestes, disse-lhe a judía carinhosamente.

— Bôa Sarah! murmurou o fidalgo. Isto não é nada. Dois dias de descanço em qualquer hospedaria bastarão para fazer fechar as minhas feridas, que são, aliás, insignificantes.

Jacob Usque, que se adiantara tambem alguns passos, foi quem respondeu:

— A minha casa é modesta, senhor D. Alvaro Mendes, mas sempre lá estareis mais cuidado do que n'uma hospedaria. Será Sarah a vossa enfermeira.

El-rei interveiu tambem.

— Decerto que é melhor ir-des para casa de Jacob. O meu physico, mestre Pedro Nogueira, vae acompanhar-vos e tratar de vós. Fazei-o já prevenir, D. Martim Gil.

Alvaro Mendes, conseguiu por fim levantar-se, auxiliado por Sarah e por Ayres Peres, e ia falar, quando D. Diniz o atalhou:

— Não vos canceis agora, que depois teremos tempo para conversar. Conto que sereis junto de mim um bom auxiliar e conselheiro.

A rainha erguera-se tambem da cadeira quando Alvaro Mendes parecera prestes a desmaiar, e dirigindo-se á judía, recommendou-lhe affectuosamente:

— Tratai-o disvelladamente, Sarah, que muito lhe deveis, e prometto-vos que serei bem vossa amiga por isso.

*

* *

Logo que os quatro sairam, a festa, interrompida por este incidente, recomeçou. Ia principiar a côrte de amor.

D. Isabel de Cardona foi assentar se no logar que lhe era destinado, e Fernão Gonçalves á mesa do escrivão.

Como dissemos já, as côrtes de amor eram tribunaes galantes, em que se pleiteavam, fazendo um gracioso arremêdo das formulas e das praxes da justiça da época, imaginosos e complicados conflictos de amor. No tempo de D. João II, em que a pittoresca usança ainda sobrevivia, discutiu-se uma vez, por exemplo, o que mais valeria no

conceito da dama amada: se o cuidar, se o suspirar, e d'essa importante contenda conservou-nos o *Cancioneiro* de Garcia de Rezende todos os curiosos documentos.

D'esta vez não era menos complexo o caso a decidir. Tratava se de saber se póde amar-se duas vezes sinceramente na vida.

— A presidencia foi mal escolhida para o julgamento de semelhante feito, notara ironicamente Vasco de Lobeira. No logar de D. Isabel de Cardona quem devia de estar era a condessa D. Leonor Affonso.

A filha natural de Affonso III era n'essa época viuva já do segundo marido, o que explica a intenção epigrammatica da observação.

D. Isabel de Cardona principiou por dizer, com extremada graça, uma pequena canção apropriada, feita por um dos poetas do cancioneiro da Vaticana:

O meu amigo novas sabe ja
d'aquestas Cortes que s'ora foram,
ricas e nobres dizem que seram,
e meu amigo bem sey que fará
hum cantar em que dirá de mi bem,
ou fará ou ja o feyto tem.

En aquestas Cortes que faz El rey
loará a mi e meu parecer,
e dirá quanto bem podér dizer
de min, amigas, e fará, bem sey,
hum cantar em que dirá de mi bem,
ou fará ou ja o feyto tem.

— Depois de semelhante convite, ainda que não tivesse tal tenção, não lhe resta outro remedio, commentou o incorrigivel Vasco de Lobeira.

Em seguida tiveram a palavra os procuradores que haviam sido nomeados na causa, expondo cada um os mais habeis e imaginosos argumentos em defeza de uma ou outra das duas theses em discussão.

Não se póde amar mais que uma vez na vida, affirmava este. Uma verdadeira paixão é exclusiva, e só o primeiro amor é real e sincero, conservando se-lhe, por isso, o coração eternamente fiel. Não

se apaga jámais a sua chamma, como não se apagava nunca a sarça ardente de Moisés. Todos os exemplos de grandes amorosos, como o de Flôres e Branca Flôr, confirmam esta verdade. Um coração verdadeiramente apaixonado não tem espaço para mais de um affecto. Póde experimentar illusões, com sobresaltos e enlevos; tudo isso é tão confundivel com o sentimento real do amor, porém, como duas plantas bem iguaes, uma colhida viçosa e fresca na floreira, mas que depressa murcha, outra tenazmente enraizada no vaso ou na terra, e que portanto vive e resiste. Um amor verdadeiro é como o diamante: não ha acido que o ataque.

Como tudo se renova, o amor tambem se renova, contestava outro. Só os sentimentos infinitos são exclusivos na vida, e portanto, só por excepção, poderá o amor humano ser um sentimento exclusivo e eterno. Alem d'isso, não se comprehende um orgão sem funcção; se o amor não podesse, pois, renovar-se, o coração deixaria de funccionar e a propria vida não seria possivel. Póde prolongar-se o encanto de um sonho depois de desfeito, póde reviver-se a ternura de um amor depois de morto; basta para isso a vontade e a imaginação. Mas, não póde evitar-se que no coração abandonado brote um novo amor, como que nasça uma planta no ponto ermo da charneca em que a ave abandonou uma semente e a chuva depositou uma gôta de agua. Póde, pois, amar-se, e sinceramente sempre, mais de uma vez na vida.

Finalmente terminou o debate, que por vezes se apaixonára. Aguardava-se a sentença.

D. Isabel de Cardona, impetrou a inspiração suprema do deus caprichoso do amor. Do caramanchão de verdura surgiu, como obedecendo á evocação, uma graciosa criança que symbolisava o travêsso e joven Cupido.

E foi esta a decisão:

— Póde bem amar-se mais de uma vez na vida. Assim resolvo.

— Ganhou a causa D. Leonor Affonso! exclamou Vasco de Lobeira.

VASCO ANIMOU OS SEUS HOMENS

Gravura de P. Marinho & C.ª

Imp. de Libanio da Silva

CAPITULO IX

O Fim do Assalto

Quando Vasco Annes voltou a dirigir o assalto já os sitiados davam mostras de fraqueza e frouxidão. Vasco animou os seus homens para tentarem um ultimo esforço; e o castello em breve cahiria em seu poder.

Os de dentro estavam cançados e exhaustos.

Ruy Mendes não tardou muito em apercebe-se do estado dos seus combatentes. Acercou-se dos monges, do tio, de Gonçalo Fernandes e de dois dos cavalleiros em quem mais confiava, e, depois de os ter reunido n'um dos aposentos do castello, disse-lhes:

— Estamos perdidos! os nossos homens já não se acham com forças para rechaçar o inimigo e dentro de alguns momentos os guerreiros d'el-rei apoderar-se-hão d'este solar. Só temos um meio de salvação: — a fuga! Nas abobadas do castello ha uma porta subterranea, que abre para uma grande galeria. que vae sair a uma das faldas da serra. Escolhi-vos para me acompanhardes, a vós que sois os meus mais fieis amigos. Quereis pois seguir-me?

Todos acceitaram.

Ruy preveniu-os de que seria forçoso arranjar alimentos para o caso de terem de ficar alguns dias na galeria. Por isso fizeram os preparativos, accenderam algumas candeias, e, sem que mais ninguem soubesse d'esta fuga, sumiram-se no subterraneo.

*

* *

Os guerreiros do rei conseguiram finalmente vencer a ultima e fraca resistencia dos sitiados. Estes proclamaram que se entregavam.

Vasco Annes mandou suspender a lucta, fez descer as levadiças, e entrou com os seus homens no castello de Ruy Mendes.

Nenhum dos vencidos teve a minima veleidade de querer luctar ainda.

— E Ruy Mendes onde está? Ide buscal-o e trazei-o immediatamente á minha presença! ordenou Vasco Annes, sentando-se n'uma das cadeiras da sala d'armas.

Depois de procurarem inutilmente, os homens a quem Vasco incumbira d'essa missão, vieram dizer que não o encontravam.

— Por Belzebuth! praguejou Vasco, carregando o sobrolho n'um gesto de colera. Então esse fidalgo infame será tão cobarde que se escondesse? Pois ide e procurae bem — que havereis por força de encontral-o!

— Mas, senhor, nós já percorremos todo o castello..., observou um dos homens.

— Pois procurae melhor. Quero ver ante a minha presença um fidalgo do estofo d'esse Ruy Mendes... E cuidado! não penseis em atraiçoar-me!

Os homens sairam.

Voltaram de novo, affirmando ter corrido todos os sitios do castello e não lhes ter sido possivel encontrar Ruy Mendes. Um d'elles juntou ainda:

— Não é só o sr. D. Ruy Mendes que falta; tambem não encontramos o seu tio, o seu aio Gonçalo Fernandes, dois monges que eram hospedes d'este castello e mais dois fidalgos, amigos intimos do sr. D. Ruy.

— Mas onde se escondeu essa gente? perguntou Vasco Annes deveras impaciente. Terem fugido é impossivel! A não ser que este castello tenha algum esconderijo...

Vasco chamou seis dos seus homens de mais confiança e disse-lhes.

— Amigos, fazei uma busca minuciosa a todo este sollar e esforçae-vos por encontrardes Ruy Mendes ou algum dos outros poltrões.

Ide e lembrae-vos que el-rei me poderá pedir contas severas por não ter conseguido agarrar o vil fidalgo que elle quer que seja punido tão exemplarmente.

Estes enviados de Vasco Annes não foram mais felizes do que os primeiros e apoz longo tempo vieram dizer ao seu commandante que não tinham encontrado pessoa alguma.

Vasco Annes disse-lhes:

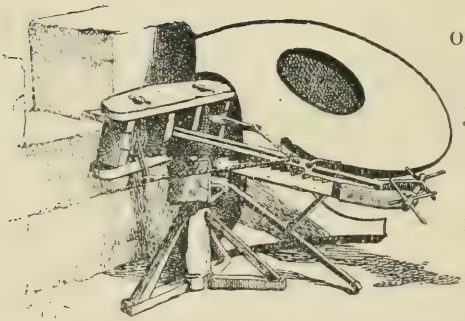
— Estou com certa vontade de applicar a tortura aos servos de Ruy Mendes para ver se elles denunciam o paradeiro do amo.

— Mas, senhor, observou um dos da escolta do rei, se elles soubessem o paradeiro do amo, é provavel que tambem tivessem fugido com elle.

— Talvez tenhas razão, disse Vasco. Emfim como a mulher que vinhamos libertar já se acha salva, el-rei não me poderá acusar de não ter cumprido a missão de que me incumbiu. Agora, amigos, hasteae nas torres do castello o pendão de el-rei, e que todos os homens que foram de Ruy Mendes nos sigam a caminho de Lisboa!

CAPITULO X

Na tasca de Pero Guterres



Por uma agreste tarde de novembro, achava-se Estevão da Guarda, o jogral do rei, sentado n'um escabelo, com os punhos encostados á banca, na tasca de Pero Guterres.

Conversava animadamente com este, quando a conversação foi interrompida pela voz grossa de um monge.

— Deus Nosso Senhor seja comvosco, irmãos! saudou o frade, sentando-se tambem junto á meza.

— Deus vos salve! responderam o jogral e Pero Guterres.

Este, que ao principio não o reconhecera, quando o monge desceu o capuz para as costas, exclamou com alegria.

— Ah! sois vós sr. frei Bento Domingos! Desculpae-me, que não vos reconhecia... Mas — por Deus! — como vindes encharcado!

— Se te parece! Ha quasi uma hora a caminhar debaixo d'agua, sem encontrar um abrigo onde me recolhesse. Só quando cheguei a estes sitios é que me lembrei da tua casa — e aqui me tens meio morto de frio, de fome e de sêde.

— Para todos esses males se ha de achar remedio, sr. frei Bento.

Ruy Mendes

— Deus te ouça! exclamou o frade, dando um suspiro de esperança.

— Se me dá licença vou ver o que ha para comer, disse Pero Guterres, saindo.

O jogral acompanhou-o.

— Não me poderás dizer que especie de monge é este? perguntou ao taberneiro.

— É um frade mendicante dos do Beato, que costuma vir por aqui a miudo; come como um alarve e bebe como um odre.

— Sabes porque te pergunto isto, Pero? disse o jogral. É que tenho idéa de ter visto aquella cara não me lembra aonde... Espera... deixa ver se me recordo... Ah! já sei! já sei! é o mesmo, não ha duvida nenhuma! É este mesmo o frade que eu encontrei falando ao povo n'uma praça e berrando que o rei queria despojar o clero e a nobreza dos seus previlegios...

— Já estava bebado, observou convictamente Pero Guterres.

— Sim, já estava bebado, mas o que dizia eram coisas que ouvira a outros.

— Póde ser, póde.

— Vou ver se lhe posso apanhar algum segredo.

O jogral voltou de novo a sentar-se á meza proximo do monge.

— Queria retirar me, mas a chuva ainda cae com tanta força, que resolvi merendar aqui... Vós, sr. frei, que vindes com tanto frio e tão molhado, daes-me o gosto de acceitar parte da minha refeição?

— Oh, senhor, muito vos agradeço... mas Pero Guterres conhece-me e elle me dará qualquer coisa que me mate a fraqueza...

— Desculpae-me, mas não acceito a vossa escusa. Sou fidalgo, e tenho muito gosto e prazer em ter como conviva um virtuoso servo de Deus, como vossa reverendissima...

— Um misero peccador, deveis dizer... Mas emfim não quero offender-vos insistindo na recusa. Portanto acceito...

— Ora graças!... Mestre Guterres! Mestre Guterres! gritou o jogral, chamando pelo dono da tasca.

Quando este appareceu, o jogral disse-lhe:

— Frei Bento digna-se merendar comigo. Por isso, meu bom Guterres trata de nos arranjar o quanto houver de mais saboroso... Vae dizendo o que tens de melhor, para o dom frei escolher.

— Tenho sopa de caldeirada de pargo, que está uma delicia; chispe de porco com chouriço e hervas, que é para uma pessoa perder a cabeça; paio com favas, que é uma verdadeira especialidade; coelho guisado com batatas; cabrito assado no espeto; goraz frito com molho de vinagre... O que escolhem?

— Tudo! disse o jogral.

— Tudo? exclamou frei Bento com um mixto de jubilo e de duvida.

— Tudo, sim, e não acho muito, observou o jogral. Lembre-se frei Bento que precisamos sair d'aqui bem alimentados e bem aquecidos para supportarmos os rigores da chuva e do frio.

— E que vinho ha de ser? interrogou Guterres.

— Enche dois bons picheis, um com vinho da Ameixoeira e outro com vinho do Cartaxo.

Quando Pero Guterres trouxe a comida e o vinho, o monge atirou-se a ella com apetite devorador. Regava-a copiosamente com libações frequentes. Frei Bento por emquanto falava pouco e tratava de conchegar o estomago; apenas de vez em quando uns monosyllabos, uns grunhidos de contentamento, pretendiam provocar a loquacidade do seu companheiro.

Este comia pouco e bebia menos. E, quanto a falar, parece que a satisfação de ver comer o frade o privava do uso da lingua.

Frei Bento, depois de bem regalado, começou a puchar a conversa.

— Ah! senhor fidalgo, Deus vos pague a generosa esmola que vos dignastes fazer-me! Agora sim, é que me sinto bem disposto... E lembrar-me de que dentro d'algum tempo tenho de me pôr a caminho, por esta chuva e por este frio, até ao Beato!

— Mas não o façaes... pernoitae em casa de Mestre Guterres...

— Hoje não, senhor fidalgo, hoje é impossivel!

— Impossivel! Porquê?

— Ora, porquê? Porque hoje é indispensavel que todos os frades se achem no convento .. Mas agora reparo... vós não saboreastes com o apetite de que são dignos todos os piteus que Mestre Guterres vos poz diante...

— Não, frei Bento, já comi o bastante... Comei-os vós, se vos apraz...

O frade acceitou de bom grado a offerta e atirou-se com nova ferocidade aos manjares que o jogral regeitára.

— Sois de pouco alimento pelo que vejo, notou o frade.

— Não sou, dom frei, mas ando desgostoso...

— Desgostoso! vós, um fidalgo a quem decerto não faltarão todos os commodos e prazeres dignos da vossa gerarchia!

— Pois é como vol-o digo... Um fidalgo! dizeis vós. Um fidalgo! De que serve ser fidalgo no nosso desgraçado tempo! O rei despreza-nos, despoja nos e humilha-nos. A nobreza e o clero soffrem todas as vexações e todos os insultos; o rei não tem conta das nossas regalias e calca as leis para proteger o povo. Um fidalgo! Antes eu fosse um arroteador de campos ou um cavador de terras — e se algum d'estes fosse — decerto encontrava protecção no rei!

— Dizeis a verdade, fidalgo, exclamou o frade com enthusiasmo. Mas affirmo-vos que isto não pode continuar assim... e não continuará!

— Ha dias que, passando pela praça de Santo Estevão, ouvi um monge que falava ao povo junto em redor d'elle. Digo-vos em verdade que poucas vezes ouvi palavras mais eloquentes e que maior impressão me fizessem. Aconselhava ao povo a que se juntasse ao clero e aos nobres contra o rei, que tantos vexames estava inflingindo a todos... O povo pareceu indifferente a esta eloquencia, mas eu desde esse momento senti-me decidido e disposto a correr todos os riscos para conseguir que o clero e a nobreza reconquistem os direitos de que tão injusta e illegalmente estão sendo despojados!

— Esse monge que ouvistes na praça publica, e cujas palavras tanto vos commoveram, era eu! Sim, meu fidalgo! era eu, que tentei, em vão, como vós mesmo tivestes occasião de ver, levantar o animo do povo! O povo!... se o povo é digno do rei que tem! Ah, meu fidalgo, mas se vós soubesseis...

— O quê, dom frei? perguntou com uma crescente curiosidade o jogral.

— Mais tarde, mais tarde, tudo haveis de saber... Por emquanto nada vos posso revelar, porque sou forçado ao segredo...

— E que me importam os vossos segredos! Ides talvez dizer-me que o capitulo da vossa ordem se reunirá para protestar contra os vexames que soffre o clero... Bem sei... Já não é o vosso o primeiro convento que protesta... E que resultados tem obtido? As vexações e os insultos augmentarem, eis o que teem obtido. Eu já não acredito n'essas reuniões nem n'esses protestos...

— A coisa agora é mais seria, senhor fidalgo, observou o frade,

deveras despeitado com o desdem com que ouvira falar das reuniões e dos protestos dos conventos.

— Mais séria! mais séria! Ha de ser tão séria como foram as outras, meu bom frei Bento... Acreditae no que vos diz um homem que tem certa experiencia.

— Enganae-vos, senhor! Enganae-vos!... Ah, que se eu podesse falar, depressa vos convenceria d'esse engano...

— Não insistaes, frei Bento... Por Deus vos peço... Vós não me convencerieis de coisa alguma...

— Não vos convenceria! exclamou o frade, com os olhos muito accendidos pelo vinho e o rosto avermelhado e oleoso. Ah! não vos convenceria!

— Não! Não! E não! gritou o jogral cada vez mais teimoso.

— Pois bem, fidalgo, vou contar-vos o que hoje se vae passar no convento do Beato e veremos se vos convencereis de que o clero d'esta vez ha de ser attendido pelo rei...

— Não me conteis nada, frei Bento.. De mais, se isso é um segredo...

— Deixal-o! sois um digno fidalgo, e os vossos sentimentos e o vosso interesse será fazer causa commum comnosco.. Por isso vou contar-vos tudo... Sabei, fidalgo, que hoje, ou melhor, na madrugada de ámanhã, á hora de matinas, haverá no nosso convento uma reunião magna, onde serão lidas as queixas que o clero formula contra o rei, queixas que serão enviadas ao nosso Santo Padre a Roma, e nas quaes se pede a excommunhão para o monarcha que tantos vexames está causando aos servos da Egreja... E sabeis quem assiste a esta reunião? Frei Pedro Serra, o confessor da rainha e que é dos nossos, o Dom abbade de Alcobaça, Frei João de Mattos, alguns bispos, os superiores de quasi todos os mosteiros de Lisboa e suas cercanias... E agora dizei-me se ainda julgaes que esta reunião seja uma reunião como as outras.

O jogral bebia as palavras do frade; a revelação de que frei Pedro Serra, o confessor de D. Izabel, tomava parte na reunião, impressionou-o extraordinariamente por perceber o serio perigo que poderia ameaçar o rei. Mas nada deixou adivinhar dos seus pensamentos e foi sem o menor enthusiasmo que respondeu a frei Bento:

— Ainda assim, apezar de tudo o que vós acabaes de me dizer, frei Bento, e que piamente acredito, não creio ser possivel vencer a

obstinação do rei em tantos erros senão pelos meios energicos e decisivos...

— Mas, meu fidalgo, achais que as queixas ao Santo Padre não são meios energicos e decisivos?... Não vos lembrais que elle é o verdadeiro soberano espiritual e temporal e que D. Diniz deve-lhe cega obediencia?.. Alem do que deveis saber que o Papa poucas contemplações costuma ter para com os reis que attentam contra as regalias da Egreja e dos nobres... D. Sancho II era tão rei como D. Diniz e por não obedecer aos conselhos e intimações do Soberano Pontifice foi por este desthronado e posto no throno seu irmão D. Affonso, o pae do actual monarcha. Ora o que um Papa fez ao tio, não terá duvida outro em fazer ao sobrinho...

— Sim, mas D. Diniz não é monarcha que deixe que lhe arranquem a coroa, como D. Sancho.

— Para o poder de Roma todos os reis são eguaes, ajuntou o frade.

— Mas o que eu reparo, frei Bento, é que com a conversa vós não tendes bebido e deveis ter as guellas seccas...

— Já cá tenho uma conta menos má, respondeu o frade ingenuamente

— Ora! o que é isso, frei Bento, para quem ainda não acabou de comer!

— Pois seja, condescendeu o frade. Vá lá mais uma pinga... Mas pouco... pois que bem sabeis que devo estar bem disposto para a reunião d'esta madrugada.

— E' por isso mesmo, disse o jogral, que empunhou um pichel para deitar o vinho no copo. Ah! mas este pichel está vazio! vazio! ó frei Bento! então deixaes que os picheis se esvaziem e não chamaes mestre Guterres para os tornar a encher!

— Esperava que vós, senhor fidalgo..., titubeou o frade.

— Fazieis ceremonia! Ah, frei Bento, frei Bento, eu tinha sérias razões para me offender!... Mas ao menos agora haveis de prometter-me que nunca mais as fareis... E para me dardes um penhor da vossa promessa, tendes de fazer honra aos dois novos picheis que Mestre Guterres nos vae trazer.

O frade não resistiu. E o jogral, tendo mandado Guterres encher os picheis, via com gosto que frei Bento proseguia em novas libações.

— O que me ha de custar é ter de vos deixar dentro em pouco, disse o frade n'uma tremura de voz que indicava já a difficuldade com que falava.

— Ainda é muito cedo, observou o jogral.

— Lá o ser cedo ou tarde pouco me importaria...

— O quê! podeis entrar no mosteiro a qualquer hora da noite? perguntou o jogral.

— Posso, sim, senhor fidalgo, posso entrar a qualquer hora... mas é porque tenho esta chave, a chave da capella, e com ella posso entrar a toda a hora da noite, ou mesmo não entrar senão ás horas de matinas, sem que os outros monges desconfiem de coisa alguma. Mas hoje não quero ir tarde, quero estar preparado, pois não devo faltar á grande reunião, que, tanto mais, se realisa na egreja.

Frei Bento, ao passo que isto dizia saccou d'um dos bolsos, uma chave e pol-a bem diante dos olhos do jogral, com uma impertinencia de individuo já bastante bebado.

— Então é essa chave que vos permitte as vossas excursões nocturnas.

— E' ella! E' a minha rica chave! E quereis saber como a apanhei? Ha annos morreu no mosteiro o irmão que era o guarda da capella... eu fui mandado velar o cadaver... vi sobre o seu catre as duas chaves da egreja... lembrei-me de guardar uma... e como nunca ninguem m'a pediu... tenho-a comigo... e a ella devo poder passar alguns bons momentos como estes que tenho estado comvosco.

— Obrigado, frei Bento. Espero que nos havemos de encontrar aqui em casa de mestre Guterres mais vezes...

— Olá! logo que pudér aqui hei de apparecer, disse o frade já muito a custo, encostando a cabeça aos punhos.

O jogral calou-se. Observando que o vinho começava a produzir os seus magicos effeitos, conservou-se em silencio.

Frei Bento, depois de não poder sustentar a cabeça com as mãos, encostou-a á meza. D'ahi a pouco roncava como um bemaventurado.

O jogral approximou-se d'elle e sacudiu-o com força; mas o frade, dormia tão profundamente que parecia insensivel.

Estevão da Guarda chamou então por Mestre Guterres e disse-lhe:

— E' preciso que me ajudes a levar este homem para um quarto, onde o possas ter fechado, até que eu volte, o mais tardar amanhã cedo.

Mestre Guterres e o jogral levaram o frade, despiram-lhe o habito, tiraram-lhe a chave da capella do convento, que o jogral guardou cuidadosamente, e, depois de o terem deitado sobre um catre, fecharam a porta.

— Agora, meu bom Guterres, o que te peço é que não abras a porta a este frade, ainda mesmo que elle faça um barulho tão infernal, que pareça possesso do demo.

— Quanto a isso podeis ficar descançado... Mas que fazeis, meu senhor, estaes vestindo os habitos do monge? O quê? Tencionaes entrar no convento?

— Sim, meu bom Guterres. Um perigo ameaça o rei e eu desejo prevenil-o a tempo. Hei de portanto entrar no convento... e espero que não serei apercebido...

— E se o fôrdes? .. Tomae cuidado, não vão esses monges reconhecer-vos e tirar-vos a vida.

— Socega, Mestre Guterres .. Se fôr apercebido ou reconhecido, tenho por debaixo d'estas vestes de frade uma espada e duas adagas, que me hão de fazer sahir incolume das mãos dos monges.

— Pois sim... mas não acharieis melhor que eu vos acompanhasse?..

— Não, não, agradeço-te, mas prefiro ir só, pois assim poderei mais facilmente evitar que me descubram. Ainda choverá muito?

— Não, senhor, já ha tempo que estiou alguma coisa; e o luar parece querer rasgar as nuvens.

— Bem, vou pôr-me a caminho... Adeus, Guterres, e não te esqueças das minhas recommendações.

— Adeus, meu senhor... Podeis ir descançado.

Quando o jogral sahiu da tasca, a lua, rompendo as nuvens, alumiava pallidamente aquella parte da cidade. Estevam da Guarda poz-se a caminho, dizendo comsigo:

— Ao menos sempre poderei ver as estradas e evitar cahir n'alguma póça ou lamaçal.

CAPITULO XI

O Mosteiro do Beato

O convento do Beato ficava no sitio que ainda hoje tem o mesmo nome. Era um vasto edificio, tendo nas trazeiras uma grande quinta e vastos terrenos de semeadura; ao lado levantava-se a egreja com o seu esguio campanario apontando para o céu; em frente era a estrada, separada por uma pequena muralha da praia, por onde se espraiavam as aguas do Tejo.

Quando o jogral do rei chegou ao mosterio deviam ser cerca de duas horas da noite. Cosendo-se cautelosamente com o muro do edificio, approximou-se da egreja e tentou introduzir a chave na fechadura.

— Por Belzebuth! estou logrado! esta chave não é d'aqui! exclamou elle, fazendo um gesto de colera e de despeito. Mas uma lembrança subita acudiu-lhe á mente.

— Que tolo eu sou! já ia perdendo a cabeça por uma pequena contrariedade... A chave provavelmente não é da porta principal, mas d'alguma das pequenas portas da capella...

Ladeou a egreja e experimentou a chave em mais duas portas, mas em vão; ao chegar a uma terceira, e introduzindo n'ella a chave, imagine-se qual não seria o contentamanto de Estevam da Guarda

quando viu que ali servia perfeitamente, e, tendo dado a volta, se achou com a porta aberta e viu na sua frente um longo corredor, apenas alumiado pela luz mortiça de uma candeia pendented o tecto.

O jogral fechou sobre si a porta e pouco a pouco foi-se acostumando á luz mortiça da candeia. Poude assim sair do corredor e entrar na egreja, vasto templo de largas abbobadas, frouxamente allumiado por algumas grandes lampadas de prata.

Estevão da Guarda percorreu-o em diversas direcções, querendo procurar um esconderijo d'onde podesse ouvir tudo quanto se ia passar. Sendo-lhe tambem possivel ver sem poder ser lobrigado, seria ainda muito melhor. Depois de ter perdido muito tempo examinando a egreja para se distrair, lembrou-se de entrar n'um dos confessionarios para experimentar se ahi se encontraria bem. A experiencia produziu optimos resultados.

No confessionario estaria optimamente sentado, ouviria tudo quanto os monges iam dizer, e, podia, espreitando pelos ralos, observar-lhes as physionomias e as attitudes.

Estevão da Guarda conservou-se sentado no confesssionario, e, um tanto cançado pelas commoções e fadigas d'aquella noite memoravel, começava a dormitar, quando uma grande vozearia e o pesado rumor dos passos dos frades descendo as escadas que conduziam á egreja, o despertou subitamente.

— E esta! não ia começar a adormecer! disse comsigo o jogral. Valia a pena ter tido tanto trabalho para conseguir o meu fim, e depois de o ter conseguido, achar-me logrado por um somno impertinente. Attenção, amigo Estevão da Guarda, parece que agora vae travar-se a batalha!

Os frades, em numero de uns cem, tinham vindo sentar-se silenciosos nas bancadas do templo. Na primeira d'estas bancadas viam-se fr. Pedro Serra, o confessor da rainha, o abbade de Alcobaça, fr. João de Mattos e os superiores das outras ordens que tinham adherido á reunião dos monges do Beato. O superior d'estes, que se sentava junto de uma larga meza, tendo á direita o frei encarregado de escrever n'um extenso pergaminho as reclamações que iam ser formuladas, levantou-se e pronunciou estas palavras:

— Sabeis todos vós, meus queridos irmãos em Jesus Christo, o grave motivo que aqui nos reuniu. Os nossos aggravos vão subir ao Summo Pontifice de Roma, pois que o rei D. Diniz nenhum caso tem

feito até hoje das nossas tão justas reclamações. O Pontifice forçará porem o rei á obediencia e intimal-o-ha para que faça cessar os abusos de que estamos sendo victimas, sob a ameaça das mais terriveis penas da Egreja. E' de suppor que D. Diniz não ouse rebelar-se contra os dictames do Papa; mas — ai d'elle! — se tal o fizer. A excommunhão pontificia pode arrancar-lhe o throno. Lembrae-vos, irmãos, do que aconteceu a D. Sancho II... Será bom que recordemos esses factos pois os de hoje teem muita semelhança com os d'essa epoca... D. Sancho desprezou as justas queixas do clero e da nobreza; por isso as desavenças entre elles repetiram-se com a maior violencia. Para pôr termo a estes grandes males, o arcebispo de Braga D. João Viegas e o bispo de Coimbra D. Tiburcio, por parte do clero, e Ruy Gomes de Briteiros e Gomes Viegas, por parte da nobreza, accusaram o rei de gravissimos excessos perante o Summo Padre Innocencio IV. Este santo Papa, vendo que haviam sido inuteis as suas admoestações ácerca de tantos vexames, privou D. Sancho do exercicio da auctoridade real, em 1245, pela bulla *Grandi non immerito*. D. Diniz corre o mesmo perigo que D. Sancho se não se sujeita e não põe termo aos abusos... Já estamos fartos de soffrer tanta humilhação e tanto insulto, meus queridos irmãos! Por isso formulae as vossas reclamações e depois de o nosso frei escrivão as redigir, ellas serão enviadas a Roma e lidas ao Rei.

Estevão da Guarda, muito bem sentado no confessionario, escutára attentamente o discurso do monge e não perdera uma unica palavra.

— E o caso é que estes malditos são muito capazes de conseguir os seus damnados projectos, se o meu bom rei D. Diniz se não mostrar energico, monologava o jogral... Frei Bento Domingos estava bem inteirado de tudo. Olá, mas eu conheço esta voz, continuava o jogral falando comsigo mesmo! Ah! é a de frei Pedro Serra. Não ha duvida... lá está o santo homem a fulminar...

Estevão da Guarda, para se certificar de que não se enganava, espreitára pelos rálos, e vira com effeito o confessor da rainha erguer-se para dizer com a voz tremula de colera:

— Meus irmãos! permitti que vos dê um conselho salutar. As queixas que redigirmos agora devem ser logo mandadas ao Pontifice — e por mais de um mensageiro... Depois, só muitos dias depois, é que devem ser lidas ao rei...

— Para quê tantas precauções, frei Pedro Serra? perguntou o superior.

— Para quê?! Ainda m'o perguntaes! Por que D. Diniz é muito capaz, ao saber o que mandámos dizer ao Pontifice, de preparar um assalto ao nosso mensageiro e de conseguir, por alguma ardilosa traça, que traiçoeiramente o assassinem!

— Tendes razão, frei Pedro Serra; posto isso, fazer-se-ha como aconselhaes.

— Aqui está um bom amigo do rei! disse muito no seu intimo o jogral.

O abbade de Alcobaça, frei João de Mattos, levantando-se, disse:

— Represento aqui um dos mosteiros mais antigos da monarchia, meus irmãos. Alcobaça, fundada por reis e tumulo de alguns d'elles, acha-se hoje decahida da sua antiga grandeza... Todos os privilegios que tinhamos alcançado teem-nos sido arrancados violentamente...

O monge continuou por largo tempo ainda com esta tetrica jeremiada.

Outros tambem falaram, apresentando as suas queixas, até que tudo foi reduzido a uma serie de artigos, que o escrivão redigiu e depois leu.

Os frades approvaram-nos unanimemente.

Os artigos, em numero de trinta, contendo estas queixas, diziam, em resumo: Que o rei constrangia os priores, abbades e curas a renunciar seus beneficios segundo o capricho do mesmo rei, sobre tudo nas egrejas em que elle pretendia ter direito de padroado: Que se os bispos ou os curas fulminavam excommunhões ou interdictos, quando não lhes pagavam os dizimos, ou outros direitos, que lhes pertenciam, o rei e os seus officiaes os baniam e lhes sequestravam os bens: Que o rei os obrigava a revogar as suas sentenças, tratando-os como judeus, e prohibindo a communicação com elles sob penas rigorosas: Que se elles excommungavam algum official do rei ou punham interdicto em algum logar, logo os moradores d'elles recuzavam pagar os dizimos e não mais traziam as offertas ás egrejas: Que o rei tirára aos bispos o direito de regular os limites das parochias, e que em algumas dioceses tirava para si a terça parte dos dizimos e gastava-os em fundar ou reedificar as cidades arruinadas e ás vezes em pagar as tropas: Que os seus officiaes se apoderavam dos hospitaes e bens, que d'estes dependiam, ainda que por direito estivessem á disposição

dos bispos: Que obrigava os ecclesiasticos a contribuir para a construcção ou reedificação das muralhas das cidades, e seus subditos a trabalhar n'ellas á força, e sem premio: Que mandava tirar das egrejas os que n'ellas se refugiavam ou impedia que lhes trouxessem alimentos, afim de os obrigar a sahir: Que o rei e os seus juizes mandavam prender os sacerdotes sem requererem para isto a licença dos bispos: Que os fazia morrer de fome nas prisões e não os deixava sahir d'ellas a dizer missa senão debaixo de caução: Que ameaçava os bispos com pena de morte, que os encerrava em egrejas e mosteiros, servindo-se dos judeus e sarracenos para seus guardas, mandando tirar a vida ou cortar as orelhas aos seus familiares na sua propria presença: Que o rei permittia que alguns nobres insultassem os religiosos e lhes despissem os habitos: Que por todo o reino mandava tirar informações dos bens e padroados das egrejas, sem serem ouvidos os padroeiros ou titulares d'ellas, mettendo-se logo na posse de todas, ainda que os bispos ou outras pessoas estivessem em posse pacifica por tempo immemorial: Que se o bispo implorava o braço secular para metter de posse real o que canonicamente havia provido em algum beneficio, el-rei não só não o protegia, mas era a favor do intruso: Que, sob pretexto de administrar a justiça nas terras, mettia n'ellas meirinhos ou juizes, que faziam ás egrejas as vexações que queriam, e que requeria ás egrejas do seu padroado novas obrigações, ou serviços e obrigava os titulares a dar-lhe cavallos ou a comprar-lh'os: Que se algum official do rei ou de qualquer senhor procedia em juizo criminal contra algum subdito da egreja, não ousava o juiz nomear um advogado ao accusado, nem havia advogado que se encarregasse da sua defeza: Que aquelles a quem o rei incumbia da guarda dos seus castellos obrigavam as egrejas a fornecel-os de todo o genero de munições de boca, sob differentes pretextos, e nunca os pagavam: Que o rei dava empregos publicos aos judeus contra o Decreto do Concilio de Latrão, sem obrigal-os a trazer no vestido algum signal de distincção, nem a pagar os dizimos: Que arrogava a si as eleições nas egrejas para metter n'ellas quem bem lhe parecia e não ousassem sustentar os direitos da egreja contra elle: E que emfim avocava ao seu tribunal as causas testamentarias e outras que competiam ao juizo da egreja.

A estas queixas juntavam-se as que já tinham sido feitas ao papa Gregorio X no anno de 1273.

Quando findou a leitura do pergaminho, Estevão da Guarda deu um suspiro de allivio.

— Afinal, pensou elle, sempre consegui reter o essencial das reclamações d'estes velhacos; é que a minha memoria de trovador ainda não está tão cançada como suppunha.

Os frades retiraram-se da egreja e o jogral, tendo verificado cautelosamente que ninguem já ali se achava, sahiu do confessionario, metteu pelo corredor por onde entrára, abriu a porta e achou-se fóra, escapo de todo o perigo.

Começava a romper a madrugada.

Estevão da Guarda estugou o passo para poder alcançar, antes de nascer o sol, a taberna de mestre Guterres e libertar o frade.

Afinal, chegou ahi, e como ainda a achasse fechada, teve de bater repetidas vezes, até que lhe appareceu o proprio Guterres.

— Ah! sois vós sr. Estevão da Guarda... Não vos esperava tão cedo.

O jogral logo que entrou, perguntou com interesse pelo frade.

O tasqueiro respondeu a rfr:

— Ronca como um porco!

— Bem, tanto melhor... Emfim não tenho razões para estar descontente, pois tudo me correu ainda melhor do que esperava. Agora, meu bom Gutterres, toma lá o habito do monge; a chave está n'uma das algibeiras.

— E o frade ao acordar não desconfiará de coisa alguma? perguntou Guterres.

— Que desconfie ou não, pouco me importa, agora que já consegui os meus fins. Mas não desconfiará de nada, crê. Põe-lhe o habito junto do leito, e elle quando despertar é capaz de suppôr que o tirou com a bebedeira.

— Tendes razão... E se não suppuzer tal e me pedir explicações, eu lh'o farei suppôr.

— Bem, Guterres, adeus, que ainda quero chegar á Alcaçova antes de el-rei acordar.

— Adeus, meu senhor, disse Gutterres, acompanhando-o e fechando sobre elle a porta.

O taberneiro achou então prudente libertar o frade. Este roncava tão desabridamente, porém, que o mestre temeu despertal-o.

Passada mais de uma hora, já a tasca estava aberta, batendo a

jorros o sol da manhã em todas as casas, quando o taberneiro ouviu a voz afflictiva do monge gritar:

— Acudam! Acudam! O que é isto? onde estou eu?

— Que vozearia é esta, frei Bento Domingos! exclamou mestre Guterres, approximando-se do frade. Então não sabe onde está? Tanto bebeu hontem que tem a memoria perdida!

— Sim... agora me vou recordando, disse frei Domingos, a quem os factos da vespera iam surgindo na lembrança. Mas já é dia! e eu que faltei á reunião do convento! Estou perdido, se deram pela minha falta! Ai, Virgem Santissima! Santa Brigida! Santa Quiteria! todas as santas e santos da minha devoção, valei-me!

— Socegue, frei Bento, não vale exaltar-se. . Dormir fóra do convento uma noite não é peccado mortal...

— Não... mas é que era indispensavel que eu lá estivesse esta noite... e a minha falta póde ser a minha perdição... Mas eu aqui a dar á lingua... em vez de correr a vêr se ainda posso remediar tudo...

O frade envergou o habito que estava junto d'elle, despediu-se de mestre Guterres e caminhou apressadamente em direcção ao convento, falando só e resmungando n'uma tal exaltação que parecia um alucinado ou um doido.

CAPITULO XII

Entre o Rei e a Rainha

OGO que sahiu da taberna, Estevam da Guarda dirigiu se apressadamente para a Alcaçova, desejoso de referir a D. Diniz os acontecimentos a que assistira e as combinações que ouvira.

— Tinha rasão o tal beberrão de frei Bento, monologava por entre dentes o jogral, emquanto apressava o passo. Tambem a mim me parece que a cousa será agora mais séria. E o velhaco do mercenario!... D'esta vez apanhei-o eu com a bôcca na botija!

Effectivamente a velha contenda entre a realesa e a egreja assumira de novo um caracter de lucta aguda. O clero, rico e cheio de privilegios, animado pela humilhação final de Affonso III, proseguia com tenacidade no seu plano de usurpar a auctoridade á monarchia. O rei assignára em 1289 a concordata; mas só cumpria d'ella o que entendia ser justo e não causasse qualquer menoscabo á sua suprema auctoridade. Tinha o clero o fôro de uma justiça especial, e d'isso se aproveitava para commetter toda a serie de abusos, e mesmo crimes,

sem receio do castigo do soberano. D. Diniz fel-o sujeitar ao seu tribunal, e em varios casos mandou prender sacerdotes sem previa licença dos bispos, ameaçando de morte estes proprios Os rudes guerreiros do tempo, quando se sentiam proximo da tumba, e debatendo-se com os remorsos, assaltados pelo terror das penas do inferno, só cuidavam de salvar a alma, despojando a familia em favor dos conventos e dos padres. Por vezes os herdeiros legitimos protestavam; mas, as causas testamentarias pertenciam á jurisdicção ecclesiastica. D. Diniz avocou-as ao seu tribunal, porém, e mandou tirar informações sobre os bens e padroados das egrejas, desapossando-as de quanto menos legitimamente detinham. Os bispos e os curas excommungavam. A excommunhão era uma arma terrivel n'aquella épocha de superstição. Mas, o rei, intelligente e educado conforme o espirito novo das universidades francezas, forçava, bispos que fossem ou simples padres, a revogar as sentenças fulminatorias, e quando algum reagia bania-o do reino, sequestrando-lhe os bens. O alcaide de Braga era nomeado pelo arcebispo: quando houve uma vaga, despachou-o o rei.

Estes e outros actos da politica de D. Diniz, tendentes a estabelecer e affirmar e preponderancia do poder civil sobre o ecclesiastico, encontravam, como é natural, a opposição do clero, como a haviam encontrado todas as tentativas semelhantes dos monarchas antecedentes, por vezes victoriosos, mas escambando sempre, no leito da agonia, por indulgencias, as regalias já conquistadas. Após annos de lucta violenta, fizera-se a concordata, que o rei acceitára e assignára porque n'essa occasião lhe convinha a paz. Mas a escrupulosidade pouco susceptivel da idade media permittia-lhe, logo de seguida, faltar ao que promettêra e assignára. D'ahi a nova lucta, a cujo preparo acabamos de assistir.

Estevam da Guarda, assim que chegou á Alcaçova, encaminhou-se para os aposentos d'el-rei, onde entrou immediatamente com a familiaridade de que distructava junto do monarcha.

D. Diniz estava lendo um pergaminho: qualquer carta ou alguma canção.

— Senhor! interrompeu bruscamente o jogral.

— O que queres tão cedo, meu Estevam? perguntou el-rei. E em que agitação te vejo!...

— Os frades andam conspirando contra vós!

— Ah!... mas ha muito que isso succede, meu caro Estevam. Não foi decerto para me dizeres só isso...

O jogral, que não podia conter-se, não deixou terminar el-rei.

— Acabo de chegar do convento do Beato, senhor, e ahi assisti, disfarçado e escondido, a uma reunião de abbades e guardiões de diversas ordens, em que se planeou até... a vossa deposição do throno.

E rapidamente, Estevam da Guarda narrou a D. Diniz o episodio ocorrido na taberna de Pero Gutterres, e depois o que ouvira na reunião dos conspiradores.

— E ahi assistiam, entre outros muitos, frei João de Mattos, o dom abbade de Alcobaça, e o confessor da senhora rainha D. Isabel.

— Frei Pedro Serra! Tens bem a certesa d'isso, Estevam? perguntou el-rei entre surpreso e indignado

— Se eu vi com os meus proprios olhos, senhor! Foi elle até quem vos acusou de dar empregos aos judeus, contra o decreto do concilio de Latrão, e de lhes permittir que andem por todas as terras do reino sem trazer qualquer signal nas vestes que os distinga dos christãos. Foi elle até quem incitou os demais ao recurso ao papa, acalentando-os com a esperança de que Nicoláo IV vos deporá como Innocencio IV fez ao senhor rei D. Sancho II.

El-rei dera alguns passos para a frente quando ouvio estas ultimas palavras e o seu olhar torvara-se.

— Ah! e julgam que eu me deixarei desthronar como meu tio D. Sancho! Muito se illudem os que tal cousa pensam, e breve o verificarão, prometto-te Estevam. Melhor fôra que se lembrassem do que o senhor D. Affonso Henriques, apesar de vassallo do papa, fez no Vimieiro ao seu legado, a quem travou do cabeção e quiz cortar a cabeça com a propria espada, emquanto o cardeal tremia de medo por perceber que os raios da excommunhão de que era portador não bastavam para lhe defender a vida. Melhor fôra que se lembrassem de como o senhor D. Sancho I tratou o bispo do Porto, Martinho Rodrigues, e o bispo de Coimbra seu sequaz, e do tom em que respondeu ás admoestações de Innocencio III. Melhor fôra que se lembrassem de como o senhor D. Affonso II mandou destruir todos os bens do arcebispo de Braga que o excommungara e da fórma porque resistio á ira do papa Honorio III.

E, acalmando se um pouco, D. Diniz proseguio:

— O proprio senhor D. Sancho II luctou energicamente, levando de vencida o bispo de Lisboa Sueiro e depois o do Porto, e, se afinal foi deposto, foram os fataes amores de D. Mecia que o perderam. E o senhor rei D. Affonso III, meu pae, não deixou de casar apesar de prohibido e fulminado por Alexandre IV, e quando o papa o excommungou e ameaçou tambem com o desthronamento, como ao irmão, todos ainda se devem recordar do pouco caso que fez d'isso. D'esses exemplos é que fôra melhor que se lembrassem, porque são esses os que eu seguirei.

— E' comtudo o da deposição do senhor rei e vosso tio D. Sancho que serve a frei Pedro Serra para exaltar e incitar o animo dos frades rebeldes.

— Ah! frei Pedro! volveu o rei de novo excitado. Esse, não terá, por si, grande demora em verificar que não são vãs as minhas ameaças. Vou já falar á Rainha a seu respeito.

E D. Diniz sahiu em seguida impetuosamente, deixando o seu jogral predilecto algum tanto assustado com a violencia da colera que acabava de desencadear.

*

* *

D. Isabel achava-se na sua camara, acompanhada apenas pela infanta e pela sua aia D. Betaça, quando el-rei irrompeu pela porta dentro.

Trazia o semblante demudado e o passo claudicante; os seus movimentos e gestos eram nervosos e desiguaes. Todo o seu aspecto denotava um estado bastante anormal, que poderia ser, como era, uma violenta colera represada, mas tambem, porventura o effeito de qualquer incommodo physico.

A rainha levantou-se logo anciosa e aflicta, perguntando:

— O que tendes?

— Socegai, senhora, respondeu el-rei, fazendo um esforço evidente para se conservar sereno. Nada tenho que vos possa despertar cuidado. Venho apenas por vos dizer que me não praz tornar a ver na Alcaçova a frei Pedro Serra.

D. Isabel ficou como assombrada, e por um momento conservou-se na mesma postura, immovel e sem dizer palavra. Parecia,

mesmo, pela indecisão do rosto, não ter comprehendido bem o que ouvira. Mas, por fim, recuperando a consciencia da situação, e dominando o espanto que não deixavam de lhe produzir as palavras de D. Diniz, tanto mais pelo tom em que tinham sido pronunciadas, e que denotava bem uma decisão irrevogavel, observou:

— Mas, senhor, frei Pedro Serra é o confessor que me deu o senhor rei meu pae, e que por seu expresso desejo me acompanhou a Portugal. Tem-me tratado sempre como um pae a sua filha, e eu sou effectivamente sua filha espiritual. Não atino que motivos o fizeram cahir no vosso desagrado, nem porque ordenaes a sua sahida da Alcaçova.

— Porque me praz, respondeu laconicamente el-rei.

A secura de semelhante resposta augmentou o assombro da rainha; mas, ao mesmo tempo, despertou n'ella um movimento de orgulhosa revolta.

— E quando me expulsareis da Alcaçova, a mim tambem, para dar n'ella moradia a alguma das vossas mancebas?

D. Diniz afogueou-se. Conseguio, porém dominar-se, e foi com apparente calma que respondeu:

— A vós! hoje mesmo se vos suspeitasse de qualquer cumplicidade com esse frade vilão, que, esquecido dos beneficios que de mim tem recebido, se une aos que se atrevem a disputar á corôa as suas legitimas prerogativas e a conspirar contra a minha propria pessoa. Mas, sei bem que não sois capaz de tal proceder, senhora; sei bem quanto posso confiar na vossa lealdade e tambem,— acrescentou el-rei com uma ligeira commoção,— no vosso amor. Por vosso respeito até é que me decidi a conter-me, não castigando mais duramente a indigna traição de frei Pedro.

Estas ultimas palavras abalaram o animo de Isabel de Aragão, acalmando o seu despeito.

— Não serão erradas ou exageradas as informações que tendes, senhor? perguntou a rainha.

— Não são... Mas, escutae-me, e vós mesma julgareis.

E, voltando-se para D. Betaça, ordenou:

— Ide-vos com a infanta.

A aia sahiu logo com D. Constança, e, ficando então sós os dois esposos, D. Diniz resumiu á rainha o que se passara no conciliabulo do mosteiro do Beato. Quando terminou a narrativa, que D. Isabel

ouvira, desde o começo ao fim, com uma attenção misturada de surpresa, o rei acrescentou:

— Aqui tendes o que fez frei Pedro Serra, para cogular a medida: ajuntou se aos meus inimigos, e tornou-se um dos seus cabeças. Tendo mesa e moradia no palacio sahiu disfarçadamente para se ir associar aos que conspiravam contra mim. O que achaes que deva fazer, senhora?

— Acho justa a vossa resolução, e só me resta agradecer-vos que em attenção a mim tenhaes sido benevolo, respondeu a rainha. Tomarei outro confessor. Será frei Estevam de Santarem, que o é tambem vosso. Ficaes satisfeito?

Como resposta el-rei tomou as mãos de Izabel de Aragão e apertou-as affectuosamente nas suas. Commovera-o a sua singela e espontanea adhesão, comprehendendo bem o sacrificio que para ella representava aquella brusca separação que lhe impunha. Frei Pedro Serra fôra em grande parte o seu mestre; fôra o confessor que seu pae lhe dera desde muito nova, e n'essa qualidade a acompanhara por occasião do seu casamento. A rainha estimava-o bastante, e o mercenario era-lhe tambem profundamente dedicado. A sua hostilidade contra D. Diniz provinha mesmo, até certo ponto, d'uma falsa e exagerada comprehensão, d'essa dedicação. O rei sabia-o bem, e por esse motivo, mais de uma vez fechara os olhos, perdoando ao frade excessos e imprudencias que a outro não teria desculpado certamente. Agora, porém, era demais. A sua complacencia havia-se esgotado.

N'este momento frei Pedro Serra entrou no quarto da rainha. Encontrara na sala proxima a aia da infanta que o prevenira, assustada, das más disposições em que estava D. Diniz, e, não podendo attingir a causa d'ellas, entrara, audaciosamente, confiado na protecção de Izabel de Aragão para conjurar a tempestade.

El-rei voltara-se, e, deixando as mãos da esposa, caminhou direito para o frade, com a physionomia outra vez severa e carrancuda.

— Senhor frei Pedro, — disse D. Diniz seccamente, — tenho a communicar-vos que a senhora rainha D. Izabel, de accordo commigo n'este ponto, decidiu tomar outro confessor. Deveis, pois, abandonar a Alcaçova hoje mesmo.

A mais viva surpresa pintou-se no rosto do aragonez. Apesar de

estar previnido, não contava que as cousas fossem tão longe, e começava agora a sentir um vago receio. Fez, porem, um esforço para reagir e foi com serenidade que respondeu:

— Não posso suspeitar que motivos de desagrado désse á senhora D. Izabel, que a levassem a tomar semelhante resolução a respeito de quem desde menina sempre a serviu com tanta dedicação e amisade, nem a rasão da severidade com que vossa real mercê me trata. Dizei-me ao menos do que sou culpado, para que me defenda.

— E' desnecessario, replicou el-rei duramente. O que desejo é que encontreis moradia mais proxima do convento do Beato, que fica distante do paço. Ide-vos sem mais.

D'esta vez o assombro do frade não teve limites ao vêr que D. Diniz conhecia já o que se passara apesar do cuidado e do segredo guardado, e, ao mesmo tempo, o medo que se apossou do seu espirito foi tal que recuou desnorteado e sahiu sem dizer mais palavra.

CAPITULO XIII

O Clero e o Rei

Diniz achava-se n'um aposento da Alcaçova com a rainha e Estevão da Guarda.

D. Izabel viera implorar do rei que não castigasse severamente Frei Pedro de Serra. D. Diniz, que desejava socegar a esposa, mantendo comtudo as suas decisões, tentava convencel-a da opportunidade das medidas que tomára, quando um criado veio annunciar ao rei que o abbade de Alcobaça e o Superior do Beato pediam para falar-lhe.

— Chegam a proposito, disse D. Diniz...

E, dirigindo-se ao criado:

— Manda-os entrar para aqúi... Agora, senhora minha, ajuntou o rei falando para D. Izabel, peço-vos para que assistais ao que estes monges me veem dizer... E pela sua linguagem podereis ver se tenho ou não razão e se devo recuar ante a insolencia do seu procedimento...

D. Diniz começava a exaltar-se; e, como nas muitas occasiões em que se não sabia conter, era d'uma violencia verdadeiramente selvagem, a rainha receosa observou-lhe:

— Não vos exalteis, meu senhor e rei, antes procurae ouvir esses monges com attenção e fazer-lhes a justiça que merecerem...

— Ouvil-os-hei, disse D. Diniz com um gesto brusco, mas abrandando a voz e cahindo na sua tranquillidade habitual.

O Abbade e o Superior entraram; e, embora um tanto surprehendidos por verem o rei apenas acompanhado pela rainha e pelo jogral, enclinaram-se respeitosamente e beijaram a mão de D. Izabel e a D. Diniz.

O Superior, apresentando ao rei o pergaminho que continha as queixas, disse:

— Senhor, permitti que punhamos nas vossas regias mãos as reclamações e as queixas do clero, esbulhado de ha tanto tempo para cá nos seus mais sagrados direitos... Outras reclamações não menos justas teem sido apresentadas a Vossa Real Mercê sem que até hoje tenhamos obtido a justiça que nos é devida... De novo vimos juntos de vós, Senhor, esperando que d'esta vez nos attendereis... Ao Santo Pontifice de Roma já foram enviadas estas mesmas reclamações para que elle como Soberano Espiritual da Egreja, de que vós sois tributario e filho, decida com a sua suprema autoridade...

O rei recebeu das mãos do monge o pergaminho e conservou-se silencioso...

— Vossa Real Mercê não deseja que lhe leiam essas queixas? perguntou o Abbade de Alcobaça, indignado com o silencio do monarcha.

— Pois sim... mandal-as-hei ler... embora me pudesse dispensar de fazel-o por já saber o que dizem...

— Já sabeis o que dizem?! exclamaram ao mesmo tempo o Abbade e o Superior.

— Já, insistiu D. Diniz, muito serenamente... Mas, entretanto fazer-vos-hei a vontade, tanto mais que desejo que a rainha, minha muito querida esposa, tambem as conheça...

O monarcha passou o pergaminho a Estevão da Guarda e disselhe:

— Estevão lê.

— Vossa Real Mercê poderá dispensar-me de lh'as ler; basta que lh'as diga, pois que eu já as sei de cór...

— Senhor! exclamou o Superior, espumando colera... Viémos aqui tratar de negocios sérios... e não para estarmos sujeitos ás chocarrices do vosso jogral...

E o monge, ao passo que isto dizia, lançava um olhar rancoroso sobre Estevão da Guarda.

— Chocarrices do meu jogral! Alto lá dom frei, que não tendes direito para falar com esse entono... O meu jogral, o meu amigo, não disse nenhuma chocarrice... Sabe de cór as vossas reclamações — e não gracejou, quando tal deu a entender.

— Mas como as póde saber, se ninguem ainda as trouxe ante Vossa Real Mercê? interrogou cheio de admiração o Superior.

— Como as conhece é um segredo entre mim e elle e do qual não estou disposto a dar-vos conta... Sabei entretanto que para estar ao facto das vossas queixas não precisei fazer assassinar nenhum dos vossos mensageiros que iam a Roma, como receiava frei Pedro de Serra...

— Vemos que conheceis o que se passou na nossa reunião, Senhor... portanto o traidor que nos atraiçoou deu-vos a conhecer as nossas queixas...

— Socegae, dom frei, dos vossos ninguem trahiu; o que houve foi um amigo que me é dedicado e que, escondido, poude assistir ás vossas deliberações...

— Seja assim, Senhor... acreditamos na palavra de rei... E que resposta dá Vossa Real Merçê áquelles que nos enviaram?...

— A vós e aos que vos enviaram nada tenho que responder... Não mandastes as reclamações ao Pontifice Romano?... a esse responderei... a vós não, que o não mereceis... Ieis preparando na sombra as intrigas contra o vosso rei, ieis urdindo as teias com que procuraveis enredal-o... e julgaveis que elle seria um fraco como D. Sancho...

— Senhor, nós..., atalhou um pouco perturbado o Superior, ao ouvir pronunciar este nome.

— Calae-vos! e não me interrompaes! Como D. Sancho, sim! Não dissestes vós na reunião no vosso mosteiro que assim como o Papa depuzéra D. Sancho tambem poderia depôr D. Diniz! Dissestes — e não ousareis negal-o! Não recordastes a bulla *Grandi non immerito?* Ah! mas affirmo-vos que todas as vossas traças se voltarão contra vós! D. Diniz não se deixa depôr! Ouvi-o bem, dom frei! A providencia confiou-me as redeas do governo e não deixarei que m'as arranquem! Ainda não cumpri a minha missão de rei... Desejo assegurar o bem-estar do meu povo e melhorar a situação dos hu-

mildes e dos que soffrem... Se o clero e se os nobres são contra estes, se o clero e os nobres querem vexar o povo, tributal-o com pezados dizimos e impostos, escravisal-o contra toda a justiça, eu serei pelo povo contra o clero e contra os nobres... Nas vossas reclamações, arrogaes-vos direitos que nunca tivestes, invocaes costumes e usos, que, se se arreigaram eram em detrimento das justiças dos povos, a quem sobrecarregaveis. Como são contrarios ás leis hão de desapparecer!

Os dois monges contiveram a sua indignação, receiando augmentar ainda mais a sanha do rei.

Por isso despediram-se com respeito e em silencio e retiraram-se, percebendo que se tinham a esperar alguma coisa era só do Pontifice.

— Ouvistes-os, Senhora, disse D. Diniz dirigindo-se á rainha depois que os frades tinham sahido... Percebestes-lhes as coleras impotentes, os rancores contidos, as ameaças surdas?... Já vêdes, Senhora, que é preciso que a vossa piedade de christã não vá tornar a proteger inimigos meus declarados, como frei Pedro de Serra e outros que consigam enganar o vosso bondoso coração.

— Tendes razão, senhor rei e esposo, disse D. Izabel devéras commovida; mas, embora a minha consciencia me não acuse de culpa, esforçar-me-hei para o futuro em evitar que os que me servem vos descontentem...

— Assim o espero, senhora.

D. Izabel recolheu aos seus aposentos e D. Diniz, ficando só com o jogral, entregou-se de novo a examinar as reclamações do clero.

*

* *

Os seus antepassados já se tinham visto a braços com as usurpações, exigencias e abusos da parte do clero, que, com a nobreza, representava dentro da monarchia um elemento de constantes discordias.

D. Diniz, com a sua habilidade de diplomata, procurava evitar um rompimento com Roma, mas sem abandonar nenhum dos direitos da corôa.

Logo no começo da sua subida ao throno, para sanar as discor-

dias que se tinham levantado nos fins do reinado de seu pae, Affonso III, enviou embaixadores ao papa, Nicolau III. Mas este morreu em em 1280, antes de concluidas as negociações entre o rei e os prelados, que tambem mandaram representantes a Roma. Em seguida o alto clero realisou uma reunião na Guarda, á qual assistiram alguns fidalgos por parte do monarcha, apresentando, depois de acalorada discussão de tres semanas, as bases de uma convenção que se resolveu mandar ao novo papa eleito, Martim IV (22 de fevereiro de 1281) para ser confirmada.

Antes d'isto, foram porém os membros do congresso a Evora, onde se encontrava o rei, afim de obterem o seu assentimento.

Ambas as partes dirigiram immediatamente cartas ao Santo Padre, sobre os pontos de conciliação e sobre as discuções precedentes em 24 de abril de 1282.

O rei dava, primeiramente, na sua carta ao Summo Pontifice, a entender, com muita delicadeza, a qualidade que lhe reconhece n'este assumpto, mais como medianeiro do que como juiz supremo, «porque tu, escreve elle, representas na terra perfeitamente o logar d'aquelle que nos dá a paz, formando dos dois reinos do ceu e da terra um, do medianeiro entre Deus e os homens, Jesus Christo.»

O rei relatava depois o principio da convenção; assegura a sua annuencia e roga ao papa «o dom de a confirmar, para que ella alcance validade duradoura.»

Em Roma encontrou, comtudo, embaraços; e Martim IV só aceitava a convenção com certas modificações e addições.

O rei, todavia, pouco disposto a acceital-a nas côrtes, como se pretendia, sob esta forma, queixou-se a Honorio IV, que entretanto subira á cadeira de S. Pedro (2 de abril de 1285). Mas tambem este morreu antes da composição da discordia e foi só no tempo de Nicolau IV (desde 22 de fevereiro de 1288) que a impulso do arcebispo de Braga e dos bispos de Coimbra, de Silves e de Lamego, os quaes tinham ido pessoalmente a Roma, se tomou a questão a peito, realisando-se a convenção.

Assignara-se esta convenção e um ou dois annos depois appareciam de novo os prelados com novas exigencias e reclamações! D. Diniz, querendo levar as coisas com paciencia diplomatica, nomeou dois procuradores para se entenderem com os delegados do papa.

Finalmente a 7 de março de 1289 assignou-se outra convenção e logo que esta foi jurada pelos enviados do rei, o papa absolveu o monarcha dos castigos espirituaes e levantou o interdicto que pesava sobre o reino, desde os fins do reinado de Affonso III; devendo os delegados do pontifice fulminar de novo D. Diniz logo, se, dentro de quatro mezes, não désse cumprimento á sua promessa: o chefe da christandade até ameaçou dispensar os subditos do juramento de fidelidade em caso de resistencia por parte do rei portuguez.

A parte do documento papal, que a isto se refere, é typica e por isso a transcrevemos:

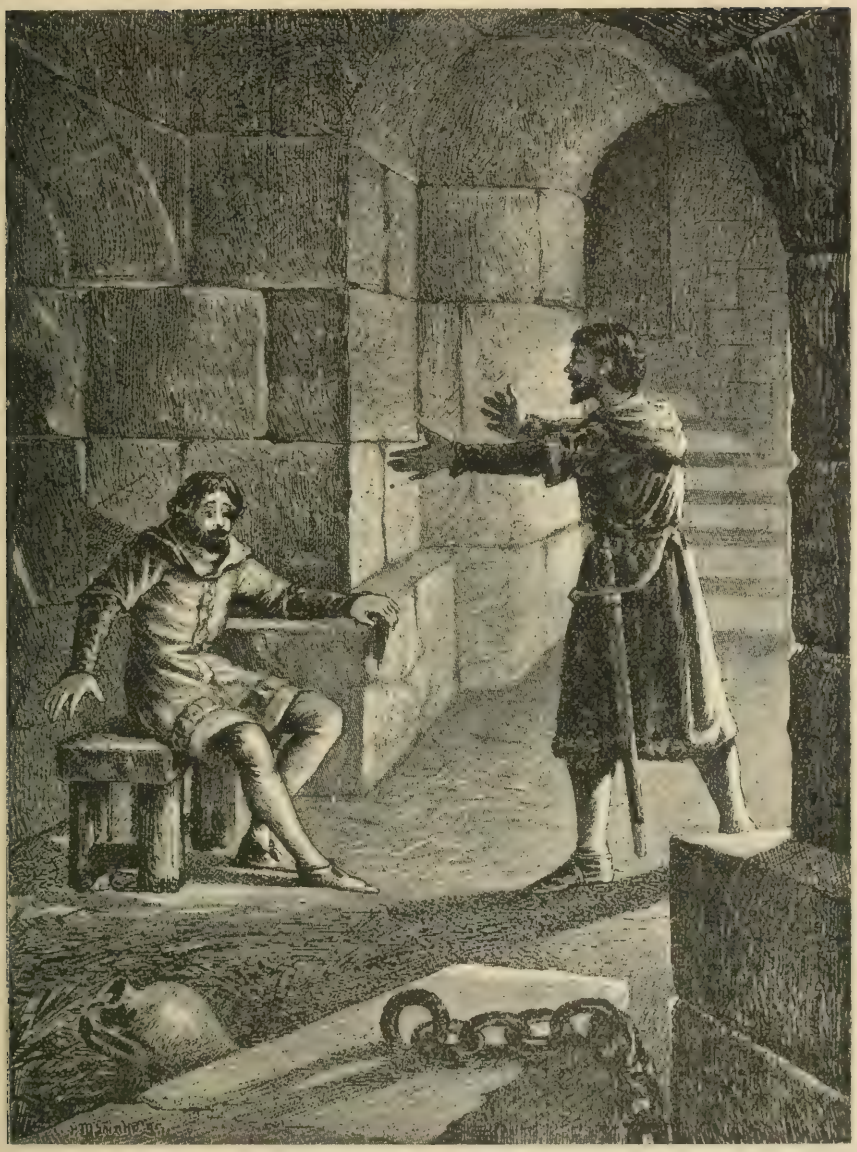
«E se por ventura cousa que Deus não manda, algum Rey de Portugal em tal maneira admoestado, desprezar as ditas cousas, poderá temer, que nem tão somente a Egreja de Roma irá contra elle pondo geral interdicto em todo o dito, e em toda sa terra, mas ainda irá contra elle absolvendo os vassalos d'homenagem e do juramento, que lhe são conteudos de guardar; e irá contra elle, que lhe porá interdição, que não possa usar do padroado, que ha em nas Egrejas d'esse Reyno, etc.»

D. Diniz, em côrtes, para cujo fim as convocou, em Lisboa, e nas quaes deu solemnemente a sua approvação aos artigos da convenção, prometteu obedecer.

Negou a maior parte dos factos sobre que o clero levantara suas queixas, que com effeito pareciam infundadas. Não obstante o rei prometteu, para o futuro, remedear quanto possivel as queixas feitas, e no final da convenção de «não observar ou mandar observar as disposições e habitos introduzidos contra a liberdade da Egreja e contra a paz do reino.» Mas o monarcha acrescentava «quando fôr instituida alguma coisa, com o consentimento dos prelados, para o bom estado pacifico do reino e para uso constante, os prelados concordarão que se observe, comtanto que seja uma disposição da razão e direito e não vá contra a liberdade da Egreja.»

O interdicto foi levantado no reino e pareceu aqui que o rei e os prelados estavam reconciliados.

D. Diniz, porém, como raposa astuta que era, começou a promolugar ordenações que cerceavam os previlegios da egreja e evitavam a rapina dos ecclesiasticos. Na parte que se referia á acquisição de propriedades por parte da Egreja, foi elle o primeiro rei que conseguiu estabelecer limites n'este sentido, como fôra tambem o excesso



A meus braços, sublime doido!

do abuso introduzido, o que o fizera ver a necessidade de proceder e tomar a resolução e o animo de erguer uma barreira contra a avidez devoradora da Egreja.

As amiudadas doações e cedencias ás egrejas e conventos ameaçavam transformar a maior parte do territorio em bens de mão-morta, submettendo a mór porção do reino ao baculo pastoral.

Os primeiros soberanos portuguezes, por mal entendida liberalidade e piedade dispensavam muitas vezes as egrejas dos impostos de senhorio e causavam, assim, a crença ou confirmavam a opinião, de que os sacerdotes não deviam aquella isenção ao favor do monarcha, antes a gozavam segundo o direito divino, e de que seria, pois, uma impiedade punivel tocar, por qualquer forma, em semelhante privilegio.

D. Sancho I, cedendo ás supplicas instantes, ou melhor, ás ameaças de alguns bispos chegou até a declarar os ecclesiasticos livres do pagamento das colheitas e do serviço militar, excepto em casos de invasão dos sarracenos.

Não era pois para admirar que os tão favorecidos sacerdotes alimentasssem a idéa, e tentassem publical-a de que elles e os seus tambem estavam libertos do poder supremo do rei.

Affonso II foi o primeiro monarcha portuguez, que depois de ver augmentar consideravelmente o poder da egreja no reinado de seu pae, e, em parte, por seu pae, tomou providencias e recordou anteriores disposições esquecidas, mandando proclamal-as, de novo solemnemente em côrtes. A base da auctoridade e do poder dos ecclesiasticos era a propriedade. A' medida que se restringia esta, diminuia aquelle.

D. Affonso atacou por isso o mal pela raiz, quando decretou, em côrtes, convocadas em Coimbra, uma lei que marcava uns limites menos extensivos á acquisição de terrenos por parte da Egreja. Mas esta lei não se mostrou bastante efficaz; e mesmo a sua efficacia naufragou no poder crescente das idéas e maximas canonicas e romanas, que se iam introduzindo, ás quaes os proprios reis prestavam involuntariamente, homenagem nas ordenações de alguns bispos a favor da acquisição de bens por parte da egreja; nas opiniões vacillantes e obscuras dos reinantes com relação aos direitos e limites do poder espiritual e temporal; e, finalmente, nos preconceitos dos seculares, que não comprehendiam porque haviam de renunciar á liberdade de dispôr dos seus bens a favôr da Egreja, assegurando assim a si proprios a bemaventurança.

Não admira pois que a lei de Affonso II ficasse sem resultado e que durante todo o seu reinado e os dos seus successores, Sancho II e Affonso III, as egrejas e conventos adquirissem propriedades por doações e mesmo por compra.

Estava reservado a D. Diniz o executar com prudencia e firmeza o que outros queriam, mas para que não tinham a força necessaria. Elle não só ordenou que se renovassse a lei de Affonso II, já esquecida, e que ella entrasse em pleno vigor, como mandou fossem vendidos no praso de um anno, todos os bens comprados desde o seu advento ao throno pelas Ordens e pelo clero, cortando assim todas as compras sophisticas, pelas quaes aquelle illudia a lei ou diligenciava enganal-a.

Mais decisiva, porem, foi a lei que o rei decretou em Coimbra no anno de 1291, em consequencia das representações de muitos homens auctorisados e seculares e depois de maduramente discutida com os grandes e conselheiros da côrte.

Segundo esta lei não se permittia que os bens dos individuos que entram n'uma ordem religiosa passem depois do seu fallecimento, para esta; nada lhe podia ser vendido, doado ou dispensado, por outra qualquer fórma. Se alguem quizesse dispender alguma cousa a favor da salvação da sua alma, podia vender a terça parte da sua fortuna, dois terços ficavam para os herdeiros. A outra terça parte só podia ser vendida a pessoas que a não levassem para as ordens religiosas; os dois terços só podiam ser legados a pessoas que não fossem irmãos de qualquer Ordem.

Aquelles que não tivessem herdeiros legitimos podiam dispôr livremente dos seus bens, comtanto que não fosse a favor de instituições religiosas.

Escusamos de encarecer a importancia d'estas ultimas disposições; ellas provam bem o tacto do rei e sua intelligencia em ferir com golpes certeiros nos seus mais importantes interesses o clero e as ordens religiosas.

Durante o tempo do rei lavrador estas leis foram cumpridas, embora os ecclesiasticos sempre que podiam hasteassem o pendão da revolta.

Tirámos este resumo das luctas entre o clero e o rei da *Historia de Portugal*, de Schæfer (2.ª edição, Porto, 1895 tomo I) e da de Laclède (Lisboa, 1782, tomo III).

O leitor verá que a digressão foi indispensavel para se poderem comprehender melhor certos factos anteriores e os que hão de seguir-se d'esta narrativa historica.

*

* *

D. Diniz acabára de examinar com profunda attenção as reclamações dos ecclesiasticos, quando um servo assomou á porta do aposento e entregou ao rei um papel.

D. Diniz, tendo-o percorrido com a vista, ordenou ao homem que lh'o tinha trazido:

— Enviae alguem do paço a casa do chanceller Domingos Jardo, e dizei-lhe que lhe peço para vir immediatamente falar-me.

O criado foi cumprir a ordem, e o rei disse para Estevão da Guarda:

— Meu irmão Affonso quer recomeçar a fazer das suas. . Lê essa participação que elle me envia.

Estevão da guarda leu o papel e disse:

— E Vossa Real Mercê tenciona oppôr-se ao casamento das filhas de vosso irmão?

— Não é ao casamento que eu me opponho... E' ao dote que o pae lhes quer dar... As terras de Portugal não são para irem em dote para senhores de Castella... E meu irmão devia saber que eu nunca em tal consentiria... Ah! és tu, disse o rei vendo assomar de novo á porta do aposento o servo a quem transmittira a ordem para que fossem chammar o chanceller... Que novas trazes?

— Senhor, está ali fóra o privado de D. Domingos Jardo que pede para falar a Vossa Real Mercê.

— Manda-o entrar.

Appareceu o privado do chanceller, um homem de aspecto intelligente e severo, apparentando ter quarenta annos de idade.

— D. Domingos Jardo não poude vir? acha-se doente? perguntou com impaciencia e sollicitude o rei.

— Não, meu senhor. Ha dois dias que D. Domingos Jardo partiu para um arrabalde de Lisboa...

— Mas nada me disse... nada me participou.

— D. Domingos Jardo fez grande mysterio d'esta viagem... A mim, que sou seu privado, só me disse: «Vou pagar uma divida de quarenta annos.»

— E julgaes que elle se demore ainda muitos dias?

— Senhor, não. Conto que hoje ou ámanhã esteja de volta.

— Bem, podeis retirar-vos; e quando o chanceller chegar dizei-lhe que tenho muita urgencia em falar-lhe.

— Senhor, sim, respondeu o privado retirando-se, não sem se ter inclinado respeitosamente ante o rei.

D. Diniz amarrotou com impaciencia os pergaminhos que se achavam sobre a meza, e, tendo feito um gesto de enfado, dirigiu-se ao jogral:

— Estevão, meu amigo, preciso distrahir-me... Os cuidados do Estado fatigam-me... Diz-me uma d'essas canções que tão bem sabes dizer.

Estevão da Guarda, tomou o alaude e entoou esta plangente e amorosa canção:

Ficae-vos muito embora
Tam coitada;
Que eu vou-me por hi fóra
De longada.

Vae-se o vulto do meu corpo
Mas eu não;
Que aos pés vos fica morto
O coração.

Se pensaes que eu vou,
Não no penseis;
Que vendo-vos estou,
E não me vereis.

Se me vós a mim deixardes
Deus me guarde;
Não havereis de queimardes
Isto que arde.

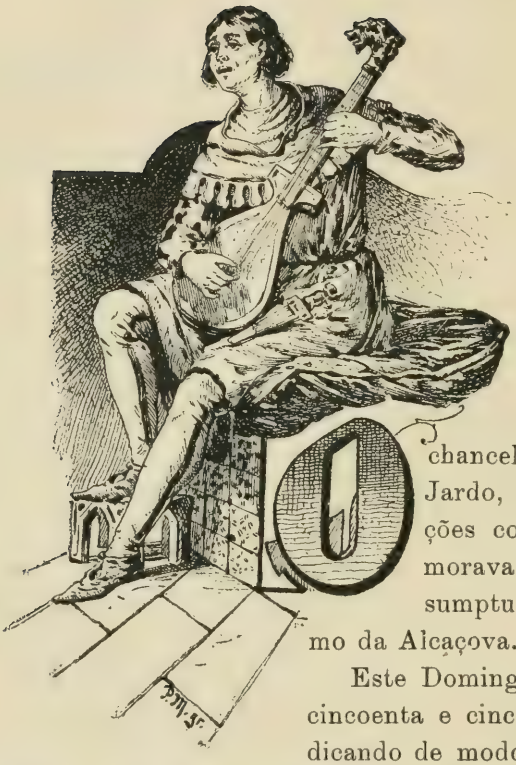
Não deixeis nenhuma hora, não,
Pois sois garrida,
De rezar o Christeleisão
Por minha vida.

Bem satisfeita ficaes,
Corpo d'oiro,
Alegraes a quem amaes,
Que eu já moiro.

Vêdes moiro, vedes moiro,
Violante;
Longe vá o sestro agoiro
Por diante

Tenho todo o arcaboiço
Sem feição;
Mas eu vos vejo e oiço
No coração

Vede como vou descaindo
N'esta hora;
Vós Amor ficae-vos rindo
Muito embora.



CAPITULO XIV

O chanceller Domingos Jardo

O chanceller-mór do reino, Domingos Jardo, que accumulava estas funcções com as de bispo de Lisboa, morava a S. Christovão, n'uma casa sumptuosa. Ficava portanto proximo da Alcaçova.

Este Domingos Jardo era um homem de cincoenta e cinco annos, alto, forte, não indicando de modo algum a sua physionomia serena, o seu olhar ainda ardente, a vida agitada e aventurosa da sua mocidade.

Nascera n'uma povoação que fica no caminho de Bellas e Cintra chamada a Jarda, de que, como vemos, tomou o nome.

Como seus paes fossem uns camponezes humildes e pobres, e o pequeno Domingos se sentisse ambicioso, abandonou-os aos quatorze annos e dirigiu-se para Paris. Aqui travou conhecimento com um estudante portuguez, a quem contou a sua viagem e a sua pobreza, acrescentando que viera áquella cidade com o fim de se matricular na, Universidade. Decorridos dez annos, terminou a formatura em theologia e canones.

Ordenando-se padre, voltou a Portugal e obteve uma conezia na Sé de Evora.

Acudiu d'aqui á sustentação de seus paes e outros parentes pobres, sem que elles soubessem d'onde lhes vinha tanto bem.

Affonso III nomeou-o seu capellão e D. Diniz finalmente seu chanceller.

*
* *

N'aquella tarde brumosa de dezembro, o chanceller chamou o seu privado e disse-lhe:

— Dizei aos meus servos que apromtem as mulas para uma jornada que vou fazer no termo de Lisboa... Quero ir apenas com quatro dos servos sem apparato algum... Vós não me acompanhareis... Vou pagar uma divida de quarenta annos! terminou elle, dando um profundo suspiro de saudade.

Horas depois cavalgava o chanceller com os criados pela estrada que vae de Lisboa a Cintra.

A meio caminho anoitecera e os servos já estavam desejosos de reposo. Um d'estes perguntou ao amo:

— Senhor, não seria melhor pedirmos gazalho na primeira casa que encontrarmos?

— Sim, tens razão... E qual é a povoação de que estamos mais perto?...

— E' a Jarda, meu Senhor.

—Bem... Em ahi chegando, eu vos indicarei a casa onde pediremos gazalho.

Quando entraram n'essa povoação, o bispo disse a um dos criados:

— Indaga onde é a morada de Maria Annes e pede-lhe se me quer receber; se quizer, apromtem-me a ceia e a cama em casa d'essa senhora.

D'ahi a pouco voltou o homem, a quem estas ordens foram dadas, com a resposta:

— Senhor, a mulher a quem me mandastes, é uma velhinha que se escusa a receber-vos, dizendo que é pobre e que vós não encontrareis na sua pequena habitação os commodos a que estaes acostumado.

— Volta a dizer-lhe que com pouco me contentarei e que lhe não dou incommodo algum, pois trago todo o necessario.

A velha, muito perturbada por ter de albergar um bispo na sua humilde casa, veio á porta recebel-o e escusar-se. Ia a ajoelhar para lhe beijar o annel, o que o bispo impediu, dizendo-lhe:

— Eu é que peço para abraçar-vos, boa velhinha, pelo gazalho que me daes... Não vos incommodeis em nada... e esquecei em tudo quem sou...

— Isso não, senhor, protestou a velha... Se o meu gazalho é de pobre e se vós tanto insististes por elle, o meu dever é fazer tudo quanto possa para vos mostrar a minha boa vontade em vos servir o melhor que possa...

— Pois seja assim, senhora, visto que de tal modo o quereis... Mas com uma condição!... E' que quando a ceia, que mandei preparar estiver na meza, me vireis fazer companhia...

A velha accedeu; e quando o chanceller se poz á meza, fel-a sentar ao pé d'elle, servia-lhe os pratos e as iguarias, insistindo para que comesse e não fizesse cerimonias.

Continuando a entabolar conversa, perguntou-lhe o nome, o de seu marido, quantos filhos tinha, e em que se occupavam.

A velhinha respondeu que seu marido fallecera havia já bastantes annos e estava sepultado na egreja de Bellas.

— Quanto a meus filhos, ides avivar uma chaga que ha muito tempo trago comigo. Tive dois filhos, senhor, um, o mais novo, chama-se Pedro, apprendeu para clerigo, e está cura de uma egreja aqui perto...

— E o mais velho?

— Esse, senhor, fugiu-me de casa ha quarenta annos, contando apenas quatorze, e nunca mais tive noticias d'elle... De certo morreu, pois de outro modo não se póde explicar um tão longo silencio.

— E como se chamava esse filho, que vos fugiu?

— Chamava-se Domingos... Ai, senhor o que eu tenho chorado por elle!... Quando se foi já sabia ler e escrever e o nosso prior dizia que, se eu o puzesse nos estudos, havia de vir a ser grande homem, porque para tudo Deus lhe déra engenho e habilidade...

— E agora se o visseis reconhecel-o-hias, senhora?

— Sim, reconhecel-o-hia, senhor ainda que se foi de casa menino e agora devera ter, se vive, os seus cincoenta e cinco annos feitos, porque tinha sobre a espadua esquerda onde o braço começa um lunar preto do tamanho de um tostão... Até as velhas do logar (por

O DILUVIO EMPOLGOU O ENFERMO (Pag. 108)

Gravura de P. Marinho & C.ª

Imp. de Libanio da Silva

Ayres Peres, brandindo a espada, correu...

signal que já todas morreram) diziam que este signal lhe prognosticava grandes venturas... Bem vedes como n'isso se enganaram, que elle foi-se e me deixou... Pouco depois me levou Deus seu pae, e eu ficaria em grande miseria, se não fossem os beneficios de um conego de Lisboa, a quem Deus deixe viver muitos annos. Este senhor

tem-me mandado varias esmolas e a outros parentes de meu marido e desde então nós todos vivemos, sem que nada nos tenha faltado.

— Folgo de vos ouvir, senhora e de saber que tendes uma velhice tranquilla e socegada ao abrigo das necessidades...

— Louvado Deus, sim, senhor... mas tudo devo ao conego de Lisboa

Terminada á ceia, o bispo despediu os criados, e, ficando só com a velhinha, não podendo por mais tempo conter a sua affeição de filho, lançou-lhe os braços ao pescoço e com as lagrimas nos olhos, disse-lhe com a voz entrecortada pelos soluços:

— Aqui tendes minha mãe o vosso Domingos, aquelle que ha quarenta annos sahiu de vossa casa a buscar fortuna... Deus deu-lha tal que, sahindo pobre, como então o vistes, agora o recebeis bispo de Lisboa e chanceller-mór de Portugal, e para que não imagineis serem sonhos o que ouvis, vêde aqui o seu signal, por onde vós ha pouco me disseste que o havieis de conhecer...(E dizendo isto mostrava-lhe o signal do braço)... Todos os dias dou graças a Deus porque de tão baixo estado me fez chegar a tão alta dignidade... Os motivos que obrigaram o ter-me encoberto de vós, ha de vir tempo que vol-os conte... As quantias que o conego vos entregava, eram enviadas por mim... Tinha-lhe recommendado que tivesse particular cuidado de vós e de vossos parentes.

A velha, maravilhada do que via e ouvia, derramava abundantes lagrimas. Não se fartava de o examinar com os olhos, contemplal-o, reconhecer-lhe o signal; e, observando as maneiras, conheceu ser o mesmo que em menino tantas vezes abraçara.

Depois perguntou-lhe com enternecimento pela sua vida passada, onde fôra, por onde andára, como lhe soffrera o coração estar tanto tempo sem se dar a conhecer, pois tantas saudades a tinham atormentado, e tantas vezes chorara por elle como julgando-o morto!

Assim n'estas perguntas foi passando a noite.

Ao amanhecer já no logar se sabia o que tinha acontecido.

Acudiram logo os parentes do bispo a beijar-lhe a mão. A mãe indicou-os todos, manifestando como boa parenta as necessidades de cada um.

Durante dois ou tres dias festejaram-no o melhor que puderam, prestando-se o chanceller a tudo com tanta affabilidade e benignidade, como se a fortuna e estado em nada o tivessem mudado.

A seu irmão Pedro Annes nomeou o bispo logo conego de Evora, transferindo-o depois para Lisboa.

Como era necessario abandonar a Jarda para se dedicar aos negocios do estado, Domingos Jardo despediu-se de todos os parentes e veio com a mãe e irmão para a sua casa em S. Christovão.

Ao chegar ali recebeu a ordem do rei, e, sem mais delongas, dirigiu-se apressadamente para o Paço.

CAPITULO XV

Em Casa do Judeu

A casa do largo de S. Silvestre, onde habitava Jacob Usque, viveu-se durante quatro ou cinco dias em aflicções e cuidados.

As feridas de Alvaro Mendes haviam reaberto, e manifestara-se uma febre violenta, que mestre Pedro Nogueira teve dificuldade em dominar. A forte organisação do fidalgo não podera resistir ao esforço excessivo que lhe custara o regresso de Unhos para Lisboa. O delirio empolgou o enfermo. Agitava-se a cada momento no leito e proferia phrases soltas e desconnexas, por vezes referencias a episodios diversos da sua vida aventurosa, evocações dos campos de batalha ou dos serões galantes das côrtes estranhas; outras, longinquas recordações da mocidade, e de vez em quando, nas occasiões em que serenava um pouco, o nome de Sarah, que não se arredava um instante do seu leito, velando-o compadecidamente dia e noite, ao lado de Ayres Peres.

Nos raros momentos em que a febre concedia uma tregoa ao doente o jogral lastimava-se ou desesperava-se.

— Viémos meter-nos em boa! E quantas vezes o tentei dissuadir do malfadado projecto de sahirmos d'onde estavamos tão bem para vir a Portugal fazer não sei o quê!.. Em má hora deixámos a hospitaleira França e em outra peór ainda chegámos a esta terra de maldição, que eu nunca contara tornar a vêr na minha vida. Ahi está o que ganhámos! ..

— Quando eu penso que quanto estaes sofrendo é por minha culpa! murmurava com desespero a judia.

— Não digaes tal, senhora, atalhava logo Ayres Peres em tom de sincero protesto. O que por vós fizémos tel-o-iam feito, do mesmo feitio quaesquer outros cavalleiros honrados e dignos. Podeis ter a certeza de que de tal nunca se arrependerá D. Alvaro, que é o mais brioso e generoso fidalgo. Doer-lhe-ia, ao contrario, se, por qualquer circumstancia, não tivesse podido dar-vos o auxilio a que tinheis direito.

— Obrigada, sr. Ayres Peres, mas eu não vos merecia taes incomodos, nem sei agora como vos agradecer o que por mim fizestes com risco da propria vida.

— Como recompensa já nos bastava a satisfação de ter cumprido um dever de cavalleiros, mas temos recebido uma compensação mais que sobeja na bondade com que el-rei acolheu a nossa acção e principalmente na caridade com que tendes tratado o meu pobre amigo.

Após um momento de silencio, Sarah perguntou receosamente:

— Sois muito amigo de D. Alvaro Mendes, senhor Ayres Peres?

— Amigo como elle não tem outro, e companheiro inseparavel desde ha bastantes annos já. Se fosse meu irmão talvez o não amasse tanto! E' que tambem nunca encontrei coração mais leal, nem caracter mais nobre do que o seu. Desde aquella noite em que elle me salvou a vida, quando nos encontrámos em Castella, defendendo-me corajosamente contra o ataque traiçoeiro de quatro infames espadachins, ficámos amigos para a vida e para a morte. Andámos juntos sempre por essas terras de França e de Italia, soffrendo ou gozando, mas dividindo sempre irmãmente o quinhão para cada um.

Mas a febre voltava, o doente remexia-se de novo, e os dois enfermeiros disvellados acudiam junto do leito sollicitos.

Finalmente Alvaro Mendes entrou em convalescença. A febre desapareceu e as feridas principiaram a sarar.

Os dias que durou essa convalescença foram um verdadeiro encanto para o fidalgo e para a filha do judeu. Sarah trazia o seu bordado para o quarto do enfermo, e ia sentar-se perto da janella disposta a trabalhar. Mas os olhos de um quasi se não desfitavam dos do outro, e eram conversas infinitas entre os dois a pretexto do incidente mais futil. Um e outro sentiam-se, n'esses momentos, felizes por poderem estar assim juntos, e Alvaro abençoava então as feridas

e a doença, todas as circumstancias que haviam feito nascer aquelle idyllio.

Ayres Peres, cuja presença os dois namorados pareciam ás vezes esquecer, é que se mostrava menos satisfeito. Quando via o seu amigo embevecido na contemplação de Sarah, o jogral abanava a cabeça e murmurava por entre dentes:

— Máo! máo!... Esta doença agora é peor que a outra. E são logo os dois que perderam o juizo! Nenhum d'elles pensa na grandeza do disparate que está fazendo.

Não. Sarah não pensava. Deixava-se ir sem reflectir, e por isso não podia ter a idéa de luctar. Sabia ella, mesmo o que se passava no seu coração? Apesar da idade, era ainda pouco experiente para definir bem o sentimento que experimentava. Não tinha amado ainda, e este primeiro affecto nascente, — que a ella se afigurava ser um simples sentimento de gratidão para com o homem que tão nobremente a salvara, — constituia a sua iniciação. Demais, por agora nada desejava além do prazer de vel-o e de ouvil-o, e qualquer cousa de indefinido e de vago anceio, que principiava a nascer no seu espirito, levaria ainda tempo bastante a tomar corpo, antes que podesse esclarecel-a, se alguma circumstancia accidental não viesse precipitar os acontecimentos.

Quanto a Alvaro Mendes, esse não se illudia, nem podia illudir, sobre o seu estado de coração, e tentara reagir contra a atracção, que acabara por empolgal-o inteiramente afinal. Fizera a si proprio varios protestos, tomara as mais energicas resoluções, mas tudo isso ficava lettra morta desde que a judia aparecia e os seus grandes olhos negros se fitavam carinhosamente sobre elle. Tudo o mais lhe esquecia logo: os seus olhos não viam senão o rosto branco e puro de Sarah, os seus ouvidos não escutavam se não a musica da sua voz. Quando a judia partia, quando a visão desapparecia, voltava o raciocinio, e o pobre apaixonado cançava-se a provar a si mesmo que semelhante amor era uma loucura, e que, dando-lhe alentos, os dois não estavam fazendo mais do que tecer a propria infelicidade. Era um lindo sonho, decerto que o era; mas era um sonho que havia de ter um doloroso e cruel despertar. No coração dos que amam existe sempre um inexgotavel thesouro de esperança. O que podia esperar, porém, D. Alvaro Mendes, como resultado do seu idyllio? Que solução podia conceber a sua imaginação apaixonada

que podera ser favoravel aos desejos do coração? Mas, o que fazer tambem, se o encanto o ganhara completamente e não tinha forças para resistir-lhe?

Ayres Peres, que algumas vezes seguia e adivinhava a amargura d'estes pensamentos no rosto do seu amigo, dizia comsigo, porém, bem convicto de que havia de vencer:

— Deixa-te estar prompto a cavalgar, que o remedio que procuras em vão, eu t'o indicarei.

CAPITULO XVI

Nova aventura

Dissémos já, que Ruy Mendes assim que comprehendeu que a victoria se inclinava decididamente para o lado dos sitiantes, apressou-se a previnir o tio, o aio, os monges e dois dos cavalleiros seus apaniguados afim de se escaparem a tempo pelo caminho subterraneo do castello. Não vendo o primo mandara-o procurar por um servo, e dirigira-se ao aposento onde tinha encerrado a judia na intenção de forçar a pobre Sarah a acompanhal-o.

Os fugitivos tinham saido, conforme deixámos narrado, por um lado do castello que os sitiantes não haviam atacado, e que, por esse motivo, se conservava tambem inteiramente abandonado dos defensores, cuja attenção se concentrara toda do lado do assalto. A fuga audaciosa de Alvaro Mendes passara-lhes, por isso, despercebida, e, distraidos pelo ardor da peleja, não haviam reparado tambem na intervenção rapida de Vasco Annes.

Calcula-se pois qual foi a surpresa do senhor de Unhos quando não encontrou a sua prisioneira, e a raiva que se apossou do seu animo violento quando, depois de varias buscas infructiferas, se convenceu de que Sarah e o jogral se lhe tinham escapado, conjunctamente com o primo, que logo suppoz ter sido quem planeara a fuga.

Ruy Mendes não tardou muito em aperceber-se do estado dos seus combatentes.

A levadiça baixada indicou-lhe o caminho que os fugitivos tinham seguido.

No meio do seu desespero impotente só lhe restava, porém, o re-

curso de praguejar, e, como não havia tempo a perder, foi procurar os companheiros, architectando já na sua imaginação irritada differentes planos de vingança.

— Vamos, senhores, cuidemos agora de nos pôr a salvo depressa, porque o castello já pouco póde resistir, disse Ruy, logo que entrou na sala de armas onde todos estavam reunidos á sua espera.

— E então a nossa gentil judia? perguntou o tio, com o olhar incendido por uma torpe concupiscencia de velho satyro.

— A judia! trovejou Ruy. Não m'a lembreis agora, que preciso serenar da minha colera. D. Alvaro Mendes, aproveitando-se da confusão do assalto, atraiçoou-me, sem se recordar sequer de que eu sou o seu parente mais proximo, e facilitou a Sarah e ao jogral a fuga.

— Mas, por onde poderam fugir? perguntou Gonçalo Fernandes, no meio do silencio e espanto geral que acolheram estas palavras.

— Pela levadiça das traseiras do castello, que se achavam completamente abandonadas. Mas, partamos, senhores; não nos demoremos aqui mais tempo.

E Ruy Mendes caminhou na frente dos seus amigos, guiando-os atravez os corredores e escadas do castello que conduziam aos subterraneos. Dois frades trasiam cestos com provisões, outros e os dois cavalleiros as candeias.

Chegados a um ponto determinado, o senhor de Unhos tomou uma das candeias, e, levantando-a, procurou durante algum tempo uma pequena porta que estava tão bem dissimulada na abobada que decerto escaparia a qualquer que não estivesse já prevenido da sua existencia. Abrio-a com uma chave que trazia pendurada ao pescoço, e em seguida arredou-se para o lado, convidando os seus companheiros a passarem adiante d'elle.

Depois de todos o terem feito, Ruy entrou por seu turno, e fechou a porta sobre si cuidadosamente.

Estavam n'um estreito corredor abobadado e escuro, cujo solo humido descia em declive. Durante cerca de um quarto de hora caminharam em silencio, uns atraz dos outros, com a maior precaução, para não escorregarem, até que lhes fechou o caminho uma parede lisa em que não se divisava o mais simples signal de haver qualquer abertura. Ruy Mendes ergueu outra vez a candeia, porém, e procurou, não na parede da frente, mas na de um dos lados, e, ao cabo de alguns momentos de exame, conseguio encontrar a ranhura de uma

nova porta, que abrio com a mesma chave que trazia pendente do pescoço.

Todos passaram para o outro lado, sendo a entrada cerrada outra vez. Achavam-se agora n'uma ampla galeria, ao centro da qual havia uma especie de mesa de pedra, em volta da qual se viam alguns assentos talhados na rocha.

Ruy Mendes pousou a candeia que trasia na mão sobre a mesa, e, voltando-se para os seus companheiros, disse-lhes:

— Descancemos agora. Estamos aqui em segurança, e fica nos proxima uma saida para as faldas da serra. Mas é conveniente que esperemos a partida dos homens de D. Diniz. Ninguem conhece o segredo d'este subterraneo, e por isso não lh'o pode denunciar. Quando fôr noite então sairemos sem receio.

— Oxalá que não nos sobrevenha qualquer consequencia mais desagradavel! murmurou um dos monges, emquanto principiava a rebuscar no cesto de provisões de que tinha sido portador.

— Socegae, replicou Ruy. Vós, senhores, podereis recolher aos vossos mosteiros e ás vossas terras. O rei não vos incomodará, não sabendo que estaveis comigo. Eu, é que terei de me affastar e de me acautelar bem da sanha de D. Diniz!

— Porque não vindes comigo, D. Ruy? Não é natural que o rei vos vá procurar ás minhas terras transmontanas, disse um dos cavalleiros.

— Obrigado, amigo, mas tenho o meu plano já formado. Por ter sido vencido d'esta vez, e ludibriado ainda por cima pela filha do maldito judeu, acreditae que não desisto da minha vingança. Mais tarde falaremos n'isso, porém. Comamos agora, para restaurar um pouco as forças, e estarmos logo preparados para a caminhada que cada um terá de fazer para o seu destino.

O conselho foi tomado pelos que ainda não tinham seguido o exemplo dos frades, os quaes, por sua parte, não haviam tido necessidade de esperar por elle.

*

* *

Passava das onze horas da noite quando Ruy Mendes, calculando que os homens d'el-rei deveriam estar já longe, se resolveu a conduzir os seus companheiros até á saida do subterraneo.

— Separemo-nos aqui todos, tomando cada um o seu, destino.

Vós, senhor meu tio, melhor seria irdes com um d'estes cavalleiros porque a jornada que eu vou empreender é bastante longa e apresenta alguns perigos...

— Tomarei o teu conselho. Na minha idade já não estou para grandes cavallarias.

— E vós, Gonçalo Fernandes?

— Senhor, eu acompanhar-vos-hei para onde fôrdes.

— N'esse caso, senhores, até á vista. Espero que tereis em breve noticias minhas.

Os monges e os cavalleiros desceram o resto da collina, emquanto o senhor de Unhos ficava, parado no mesmo sitio, contemplando em silencio a mancha negra que o seu castello desenhava ao longe. Quantos pensamentos amargos tumultuariam n'esse momento no seu cerebro?!

— Sabes onde vou, Gonçalo Fernandes? perguntou, por fim, Ruy Mendes.

— Porventura a Castella ou Aragão, senhor; aonde seja difficil attingir-nos a vingança de D. Diniz. Foi isso o que vos tinha prophetisado; mas não quizestes escutar-me. E para que vos perdestes? .. Nem sequer essa judia de maldição conseguistes conservar em vosso poder!

— Ah! d'isso foi Alvaro o culpado... Mas não me fales n'este momento em tal. São contas que espero ajustar mais tarde com os dois. Agora vou a Portalegre.

— A Portalegre!...

— Sim... Vou juntar-me com o infante D. Affonso.

— E para quê, senhor?

— D. Affonso está em guerra ou em vesperas de guerra com o irmão. D. Diniz prohibio lhe que désse em dote ás filhas, que elle quer casar com fidalgos de Castella, as terras do reino de Portugal. E eu vou pôr-me ao seu serviço. Encontrarei assim, talvez, meio mais facil de me desforçar d'esse rei que tanto me tem afrontado e humilhado.

— Ah! senhor D. Ruy Mendes, para que quereis cometter ainda mais loucuras? Sabeis quanto vos sou dedicado, e que para toda a parte vos acompanharei. Tomai, pois, o meu conselho, dictado pela experiencia dos annos. Para que ides comprometer-vos ainda mais?

— Quem sabe qual será o resultado da guerra?!

— Senhor, el-rei ha de vencer, como tem acontecido das outras vezes; fará as pazes com o irmão, e as victimas sacrificadas serão os que tiverem seguido o partido de D. Affonso. E' possivel até que sejam as arrhas do contracto de pazes a sua entrega.

— Que receoso e prudente te mostras ha um certo tempo, Gonçalo Fernandes!

— Já me acusastes d'isso, senhor, quando tentei dissuadir-vos do rapto da judia. E não direis agora que não tinha razão!... Se vos aconselho assim é por que vos estimo como se fosseis meu filho. Não façaes semelhante cousa, senhor D. Ruy Mendes. Vamos antes a Aragão ou Castella, onde, com o vosso nome, sereis decerto bem acolhido.

— Mas, ficai vós, Gonçalo, e deixai-me a mim satisfazer o meu intento, de que todas as vossas razões, por muito boas que sejam, me não demovem.

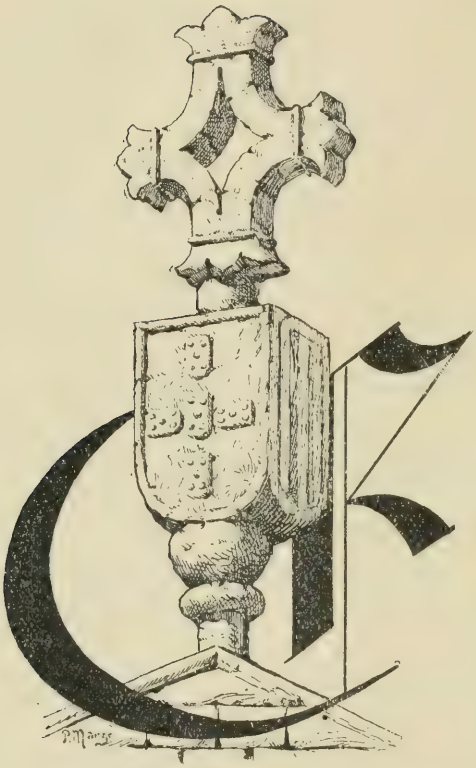
— Senhor, acompanhar vos-hei para onde fordes, e a vossa sorte será a minha.

— Reconheço a tua amisade e a tua dedicação, Gonçalo, disse o senhor de Unhos, com voz commovida. E talvez fizesse melhor em acceitar os teus conselhos. Mas, agora é já tarde... Em todo o caso, fica Gonçalo, porque me restaria sempre o remorso se te perdesses comigo.

— Senhor, eu nada valho e para cousa alguma presto já. E a mim é que me restaria uma grande amargura se, tendo-vos abandonado, vos sucedesse qualquer desgraça.

Ruy Mendes conservou-se por alguns minutos silencioso e concentrado. Depois, erguendo a cabeça de repellão, disse bruscamente:

— Desçamos á povoação para procurar cavallos.



CAPITULO XVII

O Emissario do Infante

O REI esperava em uma das salas da Alcaçova, acompanhado pelos seus ministros e conselheiros, um emissario do infante D. Affonso, que lhe mandára pedir audiencia.

D. Diniz mostrava-se predisposto para a benevolencia, mas, ao mesmo tempo, intransigente na resolução de não acceder aos desejos do infante.

— Estou disposto a aceitar qualquer proposta de harmonisação, porque terei summo prazer em terminar todas as discordias com o senhor infante meu irmão. Mas, o que não posso consentir, nem consentirei, é que as infantas minhas sobrinhas levem terras de Portugal em dote a maridos de Castella.

— E bem faz effectivamente vossa real mercê em tal não consentir, porque evitará assim uma futura origem de conflictos e complicações, respondera um dos do conselho. Não vos hão de faltar motivos de rixa com Castella, e tanto se vae alargando a sua ambição que ainda póde querer vir afrontar-nos. E', pois, conveniente que nos preca-

temos, e até que estejamos sempre promptos para nos defender e ás nossas terras.

— Ha bastante tempo que estou a suspeitar semelhantes designios, e por isso é esse tambem o meu pensamento, confirmou o rei.

N'esta occasião entrou Estevão da Guarda, que, dirigindo-se a D. Diniz, perguntou:

— Sabe já vossa real mercê quem é o embaixador que lhe manda o senhor D. Affonso, e que acaba agora de chegar á Alcaçova?

— Qualquer desses fidalgos que cometeram a rebeldia de seguir o seu partido.

— Decerto, senhor, mas esse é D. Ruy Mendes.

— D. Ruy Mendes! repetiu el-rei, n'um tom de profundo desprazer. Ah! foi ao arraial do senhor infante que esse cavalleiro villão foi acolher-se para escapar ao meu castigo!... Mas, a sua escolha parece uma provocação!... Em todo o caso, melhor é. Vasco Annes não conseguio havel-o ás mãos por ocasião do assalto do castello: ahi o temos agora...

— Senhor, como emissario, a sua pessoa é-vos sagrada, observou um dos conselheiros.

— Tendes razão, respondeu el-rei, depois de um momento de hesitação. De outra vez será, e tenho fé em que ella me não faltará.

Depois, voltando-se para Estevão da Guarda, proseguio:

— Dizeis que D. Ruy Mendes já chegou á Alcaçova? Que o façam, então, entrar para aqui.

Poucos momentos depois o senhor de Unhos, acompanhado pelo seu aio, comparecia na presença d'el-rei.

Estava levemente pallido, mantendo, porém, uma apparencia muito natural de serenidade. Parou a poucos passos de D. Diniz e inclinou-se ligeiramente, mas endireitando-se logo, ficou n'uma attitude altiva e resoluta.

O rei medio Ruy com um olhar severo, e conservou se por um momento silencioso, parecendo entregue a uma violenta lucta intima. Por fim, conseguindo dominar algum impulso terrivel do seu genio colerico, disse com certa calma:

— Sois mensageiro do senhor infante meu irmão, com quem tenho o maior desejo de restabelecer as pazes... Dizei depressa, portanto, quaes são as propostas de accordo que me trazeis da sua parte.

Ruy Mendes respondeu, de modo a accentuar bem as suas palavras:

— Alem da liberdade de poder dispor dos bens que lhe pertencem em favor de suas filhas como melhor lhe pareça, o senhor infante D. Affonso reclama mais...

Mas, o rei interrompeu-o n'esta altura, bruscamente:

— Suspendei por ahi o vosso discurso, que não necessito ouvir mais d'elle... Jamais consentirei que o senhar infante meu irmão dote as filhas com terras de Portugal para as casar em Castella. Tal cousa nunca lh'a consentirei, palavra de rei!

— Então, nesse caso... principiou Ruy Mendes, parando, porém, logo indeciso.

— Dizei! ordenou D. Diniz.

— O senhor infante D. Affonso ver-se-ha forçado a defender os seus direitos com as armas na mão.

— Ah! meu irmão deseja outra vez a guerra?! Pois bem... Tel-a-ha, e de novo o obrigarei a proceder para comigo conforme deve, do mesmo feitio que quando me disputava a corôa. Ide, e respondei-lhe isto.

E emquanto o enviado fazia uma mesura, accrescentou:

— E quanto a vós, Ruy Mendes, tambem é possivel que me forneça a guerra ensejo de vos castigar pelo vosso ruim feito, que ainda não esqueci.

O senhor de Unhos sahiu sem responder.

*

* *

Ruy Mendes sahiu da Alcaçova sombrio e preocupado. A ameaça de D. Diniz impressionara-o, especialmente pelo tom em que fora proferida. Acudiu lhe á lembrança a historia das primeiras discordias que o infante tivera com o irmão, e que o rei ha pouco tinha evocado. A pretexto de D. Diniz ter nascido antes da morte de D. Mathilde, a primeira esposa de Affonso III, e ser portanto filho adulterino, embora a absolvição do papa lhe tivesse depois legitimado o nascimento, o infante pretendia que era elle quem tinha direito a herdar a corôa. O resultado foi a guerra; e afinal D. Affonso, vencido, vio-se obrigado a acolher-se em Hespanha até conseguir compor-se com o irmão. Mas, os que lhe tinham defendido a causa, sahira-lhes caro depois... Não succederia agora o mesmo? Quem sabe? Talvez o infante pudesse triumphar d'esta vez, e então arrancaria a corôa

... chamou então por mestre Guterres e disse-lhe: (pag. 75)

da cabeça de D. Diniz, como o pae a tirara tambem da cabeça do proprio irmão.

Distraido por semelhantes pensamentos, e caminhando quasi automaticamente, por pouco que Ruy não esbarrava com um cavalleiro,

que, por sua vez, entrava na Alcaçova. O senhor de Unhos ergueu então a cabeça, e os dois homens recuaram ambos, surprehendidos, depois de se terem reconhecido.

Foi Ruy Mendes quem primeiro usou da palavra:

— Ah! és tu, Alvaro!

Mas, lembrando-se de que não devia continuar a tratal-o por tu, como d'antes, corrigiu logo:

— Ah! sois vós, D. Alvaro! Folgo de vos encontrar para poder exprobar-vos o vosso procedimento comigo. Vós, o meu parente mais chegado, o meu companheiro da mocidade, o meu amigo!... Outra cousa bem differente esperava da vossa amisade, e tinha em maior conta o vosso pundonor de fidalgo!

Estas ultimas palavras fizeram estremecer Alvaro Mendes, que não era outro o recem-chegado. Moderando, porém, essa primeira impressão, replicou com apparente calma e em tom firme:

— Exactamente o meu pundonor de fidalgo é que me aconselhou a defender uma pobre mulher innocente, que a vossa cegueira e paixão queriam fazer a victima expiatoria de odios injustos, e foi a minha amisade tambem que influiu no meu animo para vos impedir de praticar um acto indigno, que mais tarde vos obrigaria a córar de vergonha. Crêde-me, Ruy, não são vossos amigos verdadeiros aquelles que vos applaudem as loucuras que cometteis, em vez de vos indicarem o caminho da honra e do dever.

Ruy mordia os beiços com raiva, mas ficou calado. Gonçalo Fernandes adiantou-se então alguns passos, e dirigindo-se-lhe, disse em voz commovida:

— Senhor, escutae os conselhos de vosso primo, que são os mesmos que vos tenho sempre dado... A experiencia já vos tem demonstrado quanto mal fazeis em seguir sem reflexão os impulsos do vosso genio, e bem sabeis já como aquelles que então vos incitam depois vos abandonam na occasião da desdita.

— Bem, calae-vos, Gonçalo, disse por fim Ruy Mendes. E não falemos agora mais n'isso, primo. Não me faltará ensejo de liquidar as minhas contas com a judia...

— Enganae-vos! interrompeu Alvaro abruptamente. Não tornareis a intentar nada contra Sarah, que está collocada sob a minha protecção, e que eu vos prometto que a hei de saber defender contra qualquer agressão vossa.

— Ah! é então a vossa amante! regougou Ruy, furioso.

— Não vos permitto que digaes semelhante infamia! gritou Alvaro Mendes, avançando para o primo, com os olhos a fuzilarem de colera e o gesto ameaçador.

O velho Gonçalo Fernandes interpoz-se entre os dois fidalgos, estendendo os braços.

— Acalmae-vos, senhores, por Deus! Lembrae-vos do parentesco que vos une!

Alvaro Mendes parou, conservando, porém, a mesma attitude. Ruy pareceu fazer um grande esforço para soffrear a colera, e ao cabo de momentos disse, com a voz ainda alterada:

— Podeis descançar, Alvaro, que não tornarei a falar-vos de tal assumpto. Ouvi agora outra cousa. Vae haver guerra entre e rei e o infante. D. Affonso, que me aguarda em Portalegre, acolher-vos ha galhardamente e dar-vos-ha as melhores vantagens se quizerdes seguir o seu partido, que é já apoiado por bastantes fidalgos, fartos de supportar a tyrannia de D. Diniz. Vinde, pois, comigo, que terei immenso prazer em apresentar-vos eu proprio ao infante e enaltecer-lhe os vossos meritos.

— Obrigado, primo, respondeu Alvaro Meades com seccura. Porei a minha espada, pelo contrario, ao serviço d'el-rei, se elle necessitar d'ella.

— Preferis então collocar-vos sempre na posição de meu inimigo? perguntou Ruy com certa amargura.

— A culpa não é minha, respondeu o outro, com a mesma seccura.

— Bom; assim o quereis, e, n'esse caso, nada mais tenho a dizer-vos... D'aqui ao diante passarei a considerar-vos, não como parente e amigo, mas sim como adversario.

— Como vos aprouver, replicou Alvaro, encolhendo os hombros.

E sem trocar mais palavra, afastaram-se ambos em direcções oppostas.

CAPITULO XVIII

O chanceller e o rei

O chanceller entrou no aposento onde se achava o rei. Este, apenas o viu, disse:

— Ah! sois vós, D. Bispo... Muito folgo que viesseis...

— Senhor, acabo de chegar de viagem e logo que recebi vosso recado, corri ao chamamento...

— E vindes de longe?

— Senhor, não... Venho de um logar bem perto de Lisboa, da Jarda, proximo de Cintra, onde fui dar-me a conhecer a minha velha mãe, que ha quarenta annos não via, tendo-lhe fugido de casa para ir tentar fortuna fóra de Portugal, a Paris.

— O quê, D. Bispo! Tinheis mãe e só agora me falaes n'ella e me contaes esse caso!

— E' que só agora me dei a conhecer a ella, em virtude de um juramento que fiz...

— E' preciso que me deixeis remediar o mal... Trazei-a á côrte... Quero fazer-lhe mercês:

— Senhor, excusae-me... Minha mãe e os parentes que junto d'ella fui encontrar é gente de origem modesta e eu desejo que o continuem a ser... A ella trouxe-a para a minha casa de Lisboa... E se vós quereis fazer-lhes algumas mercês, ao menos peço-vos que os não tireis de suas condições humildes ..

— Seja..., condescendeu o rei. Darei a vossa mãe e aos vossos parentes terras e elles que as cultivem... Bem sabeis que não conheço condição mais honrosa que a de cultivador..

— Beijo-vos as mãos, senhor...

— Agora, D. Bispo, tratemos dos negocios para que vós mandei chamar... Meu irmão, o infante D. Affonso, obriga-me a uma nova guerra...

— Que dizeis, Senhor! O infante cubiça de novo o throno? perguntou o chanceller deveras admirado...

— Não, D. Domingos Jardo, não é o meu throno que elle d'esta vez cubiça... Mas teve a insolencia de querer obrigar-me a sanccionar o contracto de casamento de suas filhas com dois fidalgos castelhanos? E sabeis que dote recebiam minhas sobrinhas n'esse contracto? As terras de Portugal, de que o infante tem senhorio...

— E vós recusasteis, já se vê? perguntou o bispo.

— Recusei... E meu irmão revoltou-se, e anda em correrias pelas povoações, que lhe não pertencem. Atreveu se até a entrar em terras do rei de Castella e a fazer ahi varias exacções e latrocinios... Ha já tempo que D. Sancho de Castella se me queixou d'estas correrias, avisando-me que o infante dava asylo em suas terras a um fidalgo castelhano e rebelde, chamado Alvaro Nunes de Lara, e que este era o seu principal auxiliar d'estas brigas...

— Bem me lembra, Senhor, tive em meu poder a carta do rei de Castella, e até fui de opinião que castigasseis o infante.

— E eu vos pedi para esperar, D. Bispo... Não me esqueci... Mas n'essa epoca os factos não eram tão graves como agora... Aproveito o ensejo d'esta guerra para reduzir meu irmão á obediencia e attender as queixas de D. Sancho...

— E partis em breve, senhor?

— Dentro de dois dias... Chamei-vos, D. Bispo, para que tomeis as providencias necessarias com os meus homens de armas, os fidalgos que devem dar os contingentes d'homens ao seu rei, e combineis com Jacob Usque, o meu thesoureiro, todas as questões de dinheiro, de viveres, mantimentos, tudo o que julgardes necessario... Ah! D. Bispo, desejo tambem que a rainha ignore por emquanto o meu rompimento com o infante... Dir-lhe-hei que parto para uma caçada...

— Tudo se fará como mandaes, senhor...

— Vós, D. Bispo, tendes alguma observação a fazer a estes meus planos?... Falae com franqueza... Sois o meu chanceller, tendes a minha confiança... e rogo-vos que me digaes, sem rebuço, a vossa opinião...

O chanceller pareceu reflectir algum tempo e disse:

— Senhor, dir-vos-hei em phrases chãs o que penso... O infante vosso irmão não pode continuar a possuir as terras que possue actualmente... Portalegre, Marvão, Arronches e Castello de Vide são povoações fronteiriças do reino de Castella e em mãos de um senhor tão irrequieto e ambicioso como vosso irmão, coadjuvado por um fidalgo de animo tão perverso e de tão máos instinctos como D. Alvaro de Lara, hão de ser sempre motivo de constantes desavenças e luctas...

— Falaes judiciosamente, D. Bispo... Ninguem vol-o contesta... Mas posso eu tirar, sem offender o direito, a meu irmão o que legitimamente lhe pertence?

— Podeis, dando-lhe outras terras, que não fiquem na fronteira, e convencendo-o de que ganha na troca.

— E deixar-se-ha elle convencer?

— Se o vencerdes, imponde-lhe a vossa vontade, mas sem contemplações, nem complacencias... E é este o segundo ponto para que desejava chamar a vossa attenção... Temo a vossa bondade, e, de que o infante vencido, mais uma vez abuse d'ella... Vós, Senhor, apesar do que elle vos tem feito, tendes lhe amor e affecto de irmão... Oxalá elle vos pagasse em troca! Não façaes como da outra vez, quando foi o caso das muralhas de Castello de Vide...

— Mas isso já foi ha tanto tempo, observou o rei...

— Mais uma razão para que vós o não esqueçaes, insistiu o chanceller...

Domingos Jardo recordou ao rei os factos passados em 1282.

O infante, que n'essa epoca contava apenas dezanove annos, herdara de seu pae Portalegre, Marvão, Arronches e Vide. Esta villa de Vide era um logar aberto, sem muros nem castello, e o infante entendeu ser conveniente cercal-a de muros. D. Diniz teve suspeitas d'esta obra e prohibiu-a, indo a Vide impedir o irmão de realisal-a.

D. Affonso para fugir á colera do rei passou-se a Sevilha e d'ahi mandou procuração a Vasco Pires Farinha e Ruy Paes Bogalho, seus

vassallos, para concertarem com o rei o que melhor conviesse a ambas as partes.

Fez-se a composição, promettendo o rei dar ao irmão trinta e cinco mil libras cada anno; quantia paga em rendimento de terras, em dinheiro, e em pannos.

O infante obrigou-se a ser armado cavalleiro pelo rei e ficar seu vassallo toda a vida, salvo se viésse a alcançar reino ou condado fóra de Portugal. Em todo o caso nenhuma d'estas coisas acceitaria sem um bemplacito do rei.

Tres dias antes do infante ir a Estremoz ratificar esta concordia, escreveu a seguinte carta em que promettia derrubar os muros de Castello de Vide:

«Conheçam todos os que esta carta virem que eu o infante D. Affonso, senhor de Marvão, de Portalegre e de Arronches, prometto a boa fé a vós mui nobre senhor D. Diniz pela graça de Deus rei de Portugal e dos Algarves, derribar desde dia de Pascoa até dia de Pentecoste este primeiro que vem, tudo aquillo que de novo fôr feito na torre de Vide e no muro d'esse logar.

Em testemunho da qual cousa dou a vós esta minha carta aberta, sellada do meu sello. Dada em Arronches aos oito de fevereiro.»

O chanceller depois de relembrar estes acontecimentos, ajuntou:

— O infante foi armado por vós cavalleiro, prestou-vos vassallagem e agora quebra esse juramento e rebela-se contra as vossas decisões!... Se vós não tivesseis sido tão benevolente n'essa occasião, dando-lhe até trinta e cinco mil libras annuaes, póde ser que elle agora se sentisse menos disposto a abusar... Por tanto, meu senhor, rogo-vos, em nome do vosso bem estar e do socego do reino, que tanto precisa de paz e que tanto soffre com estas luctas internas, que, se vencerdes o infante vosso irmão, lhe imponhaes condições severas, que elle não possa illudir...

— Não illudirá, ficae descançado, D. Bispo, respondeu o rei com energia.

CAPITULO XIX

Os transes da Rainha

A rainha D. Izabel chegára havia pouco á Alcaçova. Fôra, acompanhada de sua camareira Estevainha Martins e de dois pagens, visitar os enfermos do hospital de S. Paulo.

Este hospital ficava proximo do Castello no sitio onde é hoje o largo do Chão do Loureiro.

Foi fundado pelo bispo de Lisboa e chanceller Domingos Jardo.

Tinha dois grandes altares, um dedicado a S. Paulo e outro a Santo Eloy. E é em nome d'este ultimo santo que depois ficou sendo conhecido.

O tempo encarregou-se de reduzir a ruinas esse vasto edificio, que então era o hospital mais importante que Lisboa possuia.

D. Izabel, quer habitasse na capital, quer nas villas ou cidades de que era senhora, praticava sempre o costume piedoso de visitar os doentes e os enfermos, ministrando-lhes palavras de consolo para os seus males do espirito e fazendo ella propria o tratamento de que muitos careciam para as enfermidades do corpo.

Em Lisboa ia tres vezes por semana ao hospital de S. Paulo.

N'estes tempos, na capital e de resto em todo o reino, abundavam os pestiferos e os leprosos. A classe pobre dava um contingente elevado para estas duas doenças. No hospital de S. Paulo havia d'estes enfermos.

Estevam da Guarda, póz-se a caminho, dizendo comsigo... (Pag. 76)

Pois D. Izabel nem por isso d'elles se afastava.

O celebre physico do tempo, Simão Velho, a quem Domingos Jardo incumbira da direcção do hospital, indicava á rainha os remedios que os pestiferos deviam tomar e preparava as lavagens que D. Izabel fazia aos leprosos. E a rainha, approximando-se dos leitos

dos primeiros e animando-os com palavras de benevolencia e de compaixão, fazia-os ingerir as poções; chegando-se junto dos segundos, lavava-lhes as chagas e feridas com evangelica humildade, dirigindo-lhes tambem phrases consoladoras.

*
* *

D. Izabel, apesar de ser uma christã fervorosa, dotada de uma alma que em muitas occasiões parecia ter uma energia varonil, era mulher, e mulher excessivamente debilitada pelos jejuns e rezas, com os nervos excitados. Não devemos portanto admirar-nos que o espectaculo do soffrimento e das miserias humanas que ella acabava de ver, lhe causasse uma profunda tristeza e um grande desalento.

Foi n'este estado de espirito que a rainha recolheu a um aposento, contiguo á sua camara, e assim se deixou ficar algum tempo, até que a voz de Estevainha Martins a veio accordar das suas tristes meditações.

— Rainha e senhora minha, está ali fóra frei Pedro de Serra que vos deseja falar.

— Frei Pedro de Serra! exclamou D. Izabel como despertando de um sonho... Achaes que o devo receber, Estevainha?

— Senhora, sim... Sabeis como frei Pedro vos é dedicado e fiel... Demais el-rei está fóra...

— Sim, concordou a rainha. E os motivos que lhe causaram sanha contra frei Pedro já desappareceram... Mandae-o entrar.

Frei Pedro de Serra entrou e beijou a mão da rainha, que o convidou a sentar-se.

— Escusae-me, senhora, por desobedecer ás ordens de el-rei. . Mas desejava muito ver vos e praticar comvosco durante algumas horas... Por isso, vim do meu exilio e aproveitei o ensejo em que D. Diniz partiu para a guerra...

— Para a guerra, dizeis! exclamou a rainha, no auge do espanto e da admiração...

— Senhora, sim, para a guerra com o infante seu irmão... O quê! não o sabieis?

— Não sabia nada, frei Pedro! disse a rainha deveras afflicta... O rei ha dias que partiu, dizendo me que ia a uma caçada no Alemtejo.

— Enganou-vos, insinuou o frade.

— Sim, frei Pedro, enganou me e agora percebo o motivo do engano. D. Diniz não me quiz affligir...

— Ou arreceiou-se da vossa intervenção...

— Não póde ser isso, não, frei Pedro, disse a rainha como querendo a si propria socegar-se... Mas, vamos, contae me, dizei-me depressa o que sabeis... Quero conhecer tudo, os motivos d'essa guerra e como poderei evital-a!

— Ha tempo pernoitaram no mosteiro em que me acho, dois cavalheiros, a quem perguntámos novas da côrte. Elles nos contaram a guerra que se ia atear entre o rei e o infante e nos disseram que iam juntar-se a este...

Frei Pedro de Serra narrou então o resto do que tinha ouvido aos cavalleiros, os motivos da guerra, e tudo o mais que o leitor conhece dos anteriores capitulos.

A narrativa do frade causou a D. Izabel uma grande impressão.

— Mas porque me não preveniu D. Diniz? continuava ella a perguntar, sem poder achar a razão por que o rei lhe tinha occultado este novo rompimento com D. Affonso.

— Por que vos não preveniu? disse o enredador de frei Pedro... Por que talvez julgasse ou temesse que vós tomasseis o partido do infante e o tentasseis defender...

— Calae-vos, frei Pedro! ordenou a rainha, ferida devéras pela perfida insinuação do frade...

Mas, depois, arrependendo-se logo pelo tom desabrido como lhe falára, accrescentou com brandura:

— Sabeis quanto vos estimo e aprecio, frei Pedro... Mas ás vezes dizeis coisas que me não parecem bem intencionadas...

— Pois são sempre ditas com a melhor boa fé e pelo desejo que tenho de vos ser util, como á pessoa a quem muito quero, observou em tom humilde o manhoso monge... Quasi vos vi nascer, tive-vos menina em meus braços, e vossos paes, os nobres reis de Aragão, quando vós viestes ser rainha de Portugal e esposa de D. Diniz, acharam-me digno de ser vosso confessor e de guiar vossos passos ainda de creança de idade tenra (pouco mais de onze annos tinheis então) na terra estrangeira de que vinheis ser soberana .. Portanto perdoae a um velho este zelo pelo vosso serviço, senhora ..

— Agradeço-vos, frei Pedro, disse a rainha commovida... Apre-

cio muito a vossa amisade e nunca duvidei d'ella... Sei que me sois dedicado... Mas porque não sois tambem um pouco dedicado a D. Diniz?

— Não falemos sobre isso, senhora, peço-vos... Sou fiel a D. Diniz, como meu rei; mas quanto a dedicar-lhe a amisade e a estima que vos dedico, isso, francamente vol-o digo, que não posso... Não, senhora, não posso esquecer os desgostos que elle vos tem dado com suas barregans!

— E eu tudo tenho esquecido, frei Pedro!

— E' que a vossa bondade é muito grande, senhora...

— E censuraes-m'a?

— Não, senhora, admiro-a; mas não tenho forças para vos imitar...

— Deixemos isso, frei Pedro... Agora o que quero é ver se ainda posso evitar esta guerra de irmãos...

— E' tarde para ser evitada...

— Embora... Devo fazer todo o possivel para o conseguir... Partirei a encontrar-me com o infante... Pôr-me-hei em jornada amanhã mesmo...

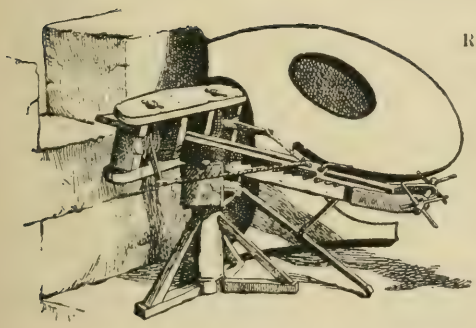
— Mas, attendei, a que ides afadigar-vos, para nada conseguirdes, talvez...

— Partirei, comtudo, disse a rainha resoluta na decisão que havia tomado.

Na manhã seguinte D. Izabel, acompanhada do seu sequito, partia em jornada para o Alemtejo, ao encontro do infante D. Affonso.

CAPITULO XX

Lucta de amor



ROMETTERA Alvaro Mendes a Vasco Annes seguir para a guerra com as tropas de D. Diniz, que lhe acceitára os serviços. Tinha pois de se despedir de Sarah, e esta separação custava-lhe muito.

Ayres Peres combatia a idéa que Alvaro Mendes tinha de partir para a guerra.

— Devemos partir, sim, mas não é para o Alemtejo, d'onde estaremos de volta d'aqui a dois ou tres mezes, quando muito... Devemos partir mas é para França, e para nunca mais voltarmos!

— O quê! exclamou Alvaro Mendes... Ha tão pouco tempo que chegámos a Portugal e já queres que partamos!

— Senhor, sim. Pouco tempo me bastou para me fartar d'esta terra, e para me persuadir que o melhor que vós tendes a fazer é deixal-a de vez...

— Explica-te melhor, que te não percebo lá muito bem...

— Ah! quereis que me explique?... Pois bem... Vou fazel-o... E desculpae-me se alguma coisa vos disser que possa não vos agradar...

— Para que estás com tantas delongas?.. Fala, disse Alvaro Men-

des deveras impaciente e intrigado pelo phrasear do amigo e companheiro.

— A vossa estada aqui, e sobre tudo n'esta casa, junto d'essa mulher, que vós salvastes e que vos enfeitiçou a ponto de quererdes perder por ella a razão, torna-se impossivel por mais tempo... Estaes curado por completo... Não tendes mais nenhum motivo para vos demorardes n'esta casa... Porque esperaes?... Que o judeu se aperceba de tudo, e vos expulse...

— Expulsar-me! exclamou Alvaro Mendes.

— Sim! Que duvida?... Por emquanto é-vos grato por lhe terdes salvo a filha, mas quando perceber que vós a amaes e que ella tambem vos ama — e não lhe ha de ser muito difficil, o aperceber-se d'isto — pensaes que elle venha muito lisongeado offerecer vos a filha para vossa barregan?

— Julgas que penso em tal, Ayres Peres?... Ah, não, socega... Sabes quanto respeito Sarah...

— Sei... E é esse respeito que me não deixa agoirar bem de vossas relações com ella, que nunca poderá ser vossa esposa...

— Quem sabe!

— Não, senhor... Nunca abjurará a sua fé, e vós bem sabeis que, a não ser d'este modo, não a podereis esposar... A não ser que vos façaes judeu...

— Não gracejes, Ayres Peres, que não é o ensejo para isso... Prometti a Vasco Annes que partia com as tropas de D. Diniz, e hei de partir!... Tu, se queres, ficas...

— Agradeço-vos a mercê... Mas não me aproveitarei d'ella... Acompanhar-vos-hei, visto que é o meu fado seguir-vos... E onde?... A uma guerra estupida, que para nada me interessa... Por Deus! D. Alvaro, abusaes um pouco de me terdes salvado a vida!... Mas não cuideis que por terdes feito essa má acção — eu vos possa absolver sempre d'ella e não ponha uma peia a vossos devaneios...

Estes gracejos de Ayres Peres fizeram entreabrir um sorriso no rosto macerado de Alvaro Mendes.

— Sei que me falas como amigo, Ayres, mas que queres? Julgas que não me esforcei por dominar os impetos do meu coração, as angustias de minha alma?... Esforcei-me e luctei tenazmente, mas em vão... Nada consegui... Ou antes consegui augmentar o amor que sinto por essa mulher, este amor que me escalda!

— Estaes ainda a tempo, eu vol-o digo... E' fugir, e de vez!

— E esta partida para a guerra o que é senão uma fuga? Mas fugir para sempre, pensar que nunca mais a hei de ver, isso não, sinto que não posso.

— E' que não quereis...

— Não posso! exclamou Alvaro Mendes com desespero... Vim aqui a sua casa para me despedir d'ella e sinto fallecer-me a energia para esta despedida... Fraqueja-me o animo... Mas é forçoso... Espera-me n'este aposento, Ayres Peres... Cedo estarei de volta...

Alvaro Mendes dirigiu-se a uma camara onde se encontrava Sarah bordando, sentada proximo de uma gelosia. Sarah ao vel o levantou os olhos do bordado e exclamou como que sobresaltada:

— Ah! sois vós D. Alvaro?

— Senhora, sim... Ora que sou forçado a partir — e para longe — venho despedir-me e agradecer-vos o agasalho e cuidado que me destes... E que Deus vol-o pague em bençãos e felicidades, como mui digna que d'ellas sois!

— Partir! E para longe, dizeis! Pois quê! Tão cedo... antes mesmo de saberdes se estaes completamente curado do vosso mal...

— D'esse estou eu curado de todo... Tenho porém um outro mal e para este não ha cura possivel... Um mal do coração, um mal de amor, senhora... E ora que veu partir, entendo que tudo vos devo confessar... Mesmo era impossivel conservar por mais tempo occulto este sentimento que me domina .. Devo-vos a vida, senhora...

— Não digaes tal, atalhou Sarah, enleada .. Eu é que vol-a devo, porque fostes vós que me salvastes da deshonra e talvez da morte...

— Não, senhora, desenganae vos... Se eu vos não salvasse, Ayres Peres vos salvaria... Quanto a mim, o caso é differente... Prostrado no leito, com as feridas abertas, ardendo em febre e delirando, foi a luz dos vossos olhos que me deu vida, foi o encanto do vosso rosto que me deu alento, foi a seducção de toda a vossa pessoa que me deu animo para viver... Que infeliz fui!... Curei-me de um mal para enfermar d'outro, mil vezes peior, senhora!... Esse mal é este amor que por vós sinto e que me é impossivel dominar por mais tempo! Ah! Sarah, Sarah! Se pudesseis ver na minha alma e em meu coração a grandeza d'este amor, talvez vos compadecesseis de mim!...

A commoção de Sarah impediu-a durante algum tempo de

proferir uma unica palavra. As maçãs do seu rosto coloriram-se d'um rubor, que ainda a tornava mais formosa; os olhos humedeceram se-lhe; e, a custo, poude articular:

— Vossos dizeres perturbam-me, senhor... Sabeis que eu não estou em posição de poder responder ao vosso affecto.

— Por Deus, Sarah! não são para mim taes evasivas... Falae-me antes com a mesma franqueza com que vos falei... E dizei que não sentis par mim affeição...

— Tal não posso dizer, senhor... Quero-vos muito... Mas reconheço os obstaculos que se oppõem ao nosso amor... Vós mesmo se os não quereis reconhecer é porque desejaes enganar-vos a vós proprio...

— Senhora, não... Reconheço esses obstaculos e é por os reconhecer que, amando-vos como vos amo, sabendo agora por vós — pois tenho fé que me não enganastes — que tambem me amaes, quero partir, e partirei!

— Vossa partida muito me vae custar, disse Sarah com os olhos rasos de lagrimas; mas tendes razão — é talvez o que tendes de melhor a fazer!... Longe d'aqui facil vos será esquecer-me.

— Esquecer-vos, senhora! Por Deus, que blasphemais! Se eu até temo que longe de vós o meu soffrimento augmente!

— E ides para essas terras de longe onde já estivestes?

— Senhora, não... Vou para a guerra entre D. Diniz e o irmão o infante D. Affonso...

— Sim... meu pae falou-me d'ella... E vós partis para a guerra!... Antes quizera que partisseis para as terras de França!

— Não vos inquieteis, senhora, que não vou correr perigo algum... E d'aqui a mezes espero voltar... Sarah, quizera estar aqui horas esquecidas comtemplando-vos e recebendo o encanto da vossa presença... Mas não posso, tenho de cumprir minha promessa, e o tempo urge... Adeus, senhora, o que vos desejo é que vos lembreis de mim como eu a cada momento me estarei lembrando de vós... Adeus!

Sarah, embargada em pranto, deixou que Alvaro lhe tomasse as mãos e lhe pousasse na fronte um d'estes beijos ardentes e apaixonados, que bem reflectem o fogo que escalda a alma dos que muito amam.

Alvaro saiu d'ali apressadamente, tomou o braço de Ayres Peres, e como um somnambulo transpunha a porta do judeu, quando Jacob

Calae-vos, e não me interrompeis... (Pag. 93)

Usque entrava. Trocaram os tres rapidas palavras de despedida e de agradecimento.

Alvaro Mendes e Ayres Peres seguiram o seu destino.

Jacob Usque entrou em casa e, como a primeira coisa que fazia, era ir saudar a sua Sarah, dirigiu-se com este fim para a camara da filha, e encontrou-a chorando convulsivamente.

— Que tens, minha filha? perguntou o judeu com interesse e susto... Porque choras?

— Não é nada, meu pae... D. Alvaro Mendes veio aqui despedir-se... Parte para a guerra... E eu, como estava nervosa, commovi-me... Mas, bem vêdes, que me está quasi a passar. .

— O que eu vejo, Sarah, é o que eu já devêra ter visto ha mais tempo, disse Jacob Usque, para quem esta scena fora como que uma revelação fulminante... Mas parecia cego... E quasi que nem tal me passava pela cabeça... Ah! mas agora não ha que duvidar... O teu chôro, a commoção d'elle quando d'aqui partia... Ah! tudo agora percebo claramente... Vejo, minha filha, que o fidalgo te ama — e que tu tambem o amas!

— Meu pae!

— Sim!... Escusas de o negar, e de mentires a teu pae... Porem, Sarah, minha querida filha, é preciso que faças um grande esforço, que te domines, por que bem sabes que um tal amor não é bem visto pelo nosso Deus e não te ha de dar bom fim... Amas um christão!... Tu, uma judia, que pertences a uma religião que elle despreza — como todos esses cães que seguem a sua seita maldita!... Ah! por mim has de ter visto como os christãos nos desprezam! Vês que sou rico, vês como o rei me trata, ou por interesse, ou porque com effeito a sua indole não é tão má como a de seus vassallos, vês que tenho servos, que sou poderoso, emfim que disponho de um poder muito maior do que o de muitos d'esses miseraveis christãos... Pois, apezar d'isto, o mais reles cavalleiro do paço, o mais pobre dos fidalgos, o mais esfomeado d'esses vendedores ambulantes das ruas, todos me detestam porque sou um judeu! Olham-me com odio e rancor — e tu foste até uma victima innocente d'este odio e d'este rancor!

— Vós exagerais, meu pae... Se ha quem nos deteste por sermos judeus, tambem ha muitos que nos estimam... Não falo já do Paço onde a rainha e o rei tanto nos tem favorecido... Mas aqui os nossos visinhos tratam-nos bem e são-nos dedicados... Esqueceis o que mestre Guterres fez por mim e por nossos servos na noite do assalto de Ruy Mendes?...

— Não esqueço, não, Sarah, nem quero dizer que entre os christãos, não haja alguns que nos não queiram mal... Mas são tão poucos!... Do que é preciso que te convenças, Sarah, é de que não po-

des ser amada por um hereje como Alvaro Mendes — nem amal-o! O que faz a força das nossas crenças é tel-as nós mantido puras, atravéz de tantos seculos e no meio de tantos vexames e perseguições!... Confio em ti, Sarah... confio em que não quererás abreviar os poucos annos que restam de vida a vosso velho pae, obstinando-te n'um affecto criminoso... Eis o que entendo dever dizer-te .. A elle tambem muito lhe diria... Mas partiu — e oxalá que não mais volte e por lá fique!

— Meu pae! exclamou Sarah n'um grito espontaneo e afflictivo.

— Sarah! Sarah! é assim que começas a não pensar mais n'elle?... E não hei de eu desejar-lhe que por lá fique — ou vivo ou morto! Ao homem que me queria arrancar a affeição de minha filha! Basta... sobre este assumpto desejo não ter que falar mais...

— Obedecer-vos-hei, meu pae, respondeu a filha com resignação.

— Bem está, meu amôr .. Agora manda-me pôr o jantar, que tenho ainda de sair para ir ao caes, assistir á descarga de uns navios que hoje chegaram de Marrocos...

Sarah, dominando se tanto quanto lhe era possivel, foi cumprir a ordem do pae. Este sentou-se á meza, e emquanto a filha não voltava, entregou-se a profundas cogitações. A scena, que com ella acabava de ter, preoccupava o seriamente e receiava que causasse o aniquilamento do seu socego.

CAPITULO XXI

D. Brites

QUANDO D. Izabel se hospedou nos Paços do cunhado, logo apoz algumas horas veio fr. Pedro de Serra prevenil-a de que a rainha D. Brites, a viuva de D. Affonso III, mãe de D. Diniz e de D. Affonso, lhe desejava falar.

A noticia de que D. Brites tambem viéra de Castella ao Alemtejo, surprehendeu D. Izabel.

— Vou já ao seu encontro, disse ella.

— Senhora, sim... Mas permitti que vos dê um conselho.

— Falae, fr. Pedro, ordenou D. Izabel.

— Não ignoraes, senhora, como D. Brites, a rainha rabuda...

D. Izabel, ao ouvir a alcunha porque a rainha-mãe sempre fôra conhecida em Portugal, (o motivo d'esta alcunha expol-o-hemos no final d'este capitulo) não poude deixar de sorrir.

Frei Pedro proseguiu:

— ...é astuciosa e deseja intrometter-se nos negocios do reino... Portanto não deixeis de vos acautelar...

— Bem está, frei Pedro... Seguirei vosso conselho, embora julgue que D. Brites veio aqui com a mesma intenção do que eu.

— De tal não duvido, senhora... Porém, como a pretexto de reconciliar seus filhos, póde querer impôr-lhes outros desejos...

— Emfim, vamos vêr. Peço-vos para assistirdes á entrevista que com ella vou ter. E tu, Estevainha, disse D. Izabel dirigindo se á camareira, acompanha-me tambem

Quando D. Izabel entrou na camara em que sua sogra se encontrava, D. Brites levantou-se e veio beijal-a com uma ternura de mãe.

D. Brites orçava então pelos sessenta annos e conservava ainda alguns vestigios da mulher formosissima que fôra.

Alta, o rosto trigueiro, a pelle lisa e com poucas rugas, os olhos conservando ainda o brilho da mocidade, os cabellos quasi todos pretos, o corpo direito, e o porte nobre, a viuva de Affonso III não parecia ser a mulher que tinha atravessado uma vida já longa e tão cortada de desgostos.

Viera para Portugal em 1253, e teria então doze para treze annos, ou talvez menos, pois parece que o rei seu marido teve de esperar antes que ella podesse ser sua mulher.

Quando enviuvou, governou durante algum tempo o reino juntamente com o filho, D. Diniz. Este, vendo por fim que devia emancipar-se da tutela da mãe, tirou-lhe o governo; e D. Brites, despeitada, recolheu-se a Castella, onde reinava então seu pae, Affonso, o sabio, a quem assistiu com os seus conselhos.

Quando foi das primeiras luctas entre D. Diniz e D. Affonso, a rainha-mãe enterveio, procurando sempre favorecer o infante, a quem estremecia, não podendo, além d'isso, esquecer-se da desfeita que seu filho mais velho lhe fizera, tirando-lhe as redeas do governo, pelo que lhe conservou sempre um secreto rancôr.

*

* *

D. Brites, depois de saudar a nóra, fel a sentar, e disse-lhe:

— Vossa visita a meu filho Affonso creio que tem o mesmo fim que a minha: — evitar a guerra entre os dois irmãos...

— Senhora, sim, disse D. Izabel, a quem o acolhimento enternecido da sogra tinha feito esquecer as prevenções de frei Pedro de Serra. O meu esposo e rei partiu a pôr cerco ao irmão e eu logo que o soube corri aqui a ver se posso impedir a lucta.

— Havemos de evital-a por força, senhora, affirmou D. Brites com energia.

— Deus vos oiça!... E como o podereis conseguir?

— Ouvide-me... Já falei com o infante... Surprehendeu-me e maguou-me sua obstinação em não querer obedecer ás ordens do rei... Haveis tambem de concordar, senhora, que as exigencias de D. Diniz são demasiadas... Affonso é pae, e ora que se lhe proporciona um bello futuro para suas filhas, entende que o rei não tem o direito de cortar a suas sobrinhas este bom futuro... Refiro-me ao casamento de minhas netas com os nobres fidalgos de Castella...

— Falaes como mãe extremosa que sois. Não esqueçaes, porém, que o rei tambem é vosso filho... E se elle se oppoz a que o infante désse em dote ás filhas as terras que lhes desejava dar, é porque tem sérios motivos para isso... Talvez razões de estado, que não nos compete a nós perscrutar...

— Más razões no emtanto... Mas não é para as discutir que aqui estamos. Pedi para vos falar, afim de combinarmos o que ambas devemos fazer.

— Estou prompta a ouvir-vos.

— Já falastes com o infante? Não? Pois bem, em lhe falando, dizei-lhe que vindes em nome de D. Diniz com propostas pacificadôras...

— Tal não direi, senhora, disse D. Izabel, revoltando-se contra este conselho, porque faltaria á verdade e iria com certeza contra os intentos do meu esposo e rei...

— Mas não comprehendeis que só assim poderemos abrandar um pouco a sanha do infante?... Não calculaes como está iroso contra o irmão! E demais, tendo junto de si a assanhal-o ainda mais, um conselheiro como Ruy Mendes!...

— Ruy Mendes encontra-se junto de D. Affonso! exclamou a rainha admirada.

— Sim... Conheceis este fidalgo?

— Conheço-o, sim, senhora, conheço-o como um mau homem que é, e, depois de saber que elle está aqui e que o infante ouve seus conselhos, não me admirarei de que D. Affonso trilhe um bem mau caminho... Mais um motivo para que tente salval-o...

— E mais um motivo para que façaes o que vos disse, insistiu a rainha.

— Não o farei, senhora, e já vol-o disse as razões.

— Fazei então o que melhor entenderdes... Por mim não tenho mais que vos dizer.

D. Brites, vendo que não conseguia que sua nora seguisse os seus conselhos, deu assim por acabada a entrevista.

D. Izabel, despedindo-se da rainha-mãe recolheu aos seus aposentos.

*

* *

Já que fizemos aqui apparecer a viuva de Affonso III diremos ainda alguma cousa a seu respeito, tanto mais que ella não tornará a figurar naturalmente no decurso da nossa narrativa.

Depois que cessaram as discordias entre D. Diniz e D. Affonso, D. Brites voltou outra vez para Castella, onde se conservou até á morte. Foi senhora das villas de Alemquer e Torres Vedras, onde fez fabricas e edeficou egrejas, deixando da sua administração um bom nome.

Veio a morrer em 1303, contando sessenta e quatro annos de idade.

O facto mais importante sobre esta rainha foi a lenda que sempre correu entre o povo e a côrte de que ella nascera com rabo!

O grave fr. Francisco Brandam na *Monarchia Lusitana* (sexta parte, Lisboa, 1672), escreve sobre o caso:

«Quero agora aclarar um abuso que n'este Reino se introduziu em despeito da rainha D. Brites sem fundamento, qual foi o divulgar-se que nascera esta rainha com rabo, e que por esta causa chamamos geralmente aos castelhanos rabudos. O ser entre nós pratica vulgar chamar rabudos aos castelhanos, é já derivado de paes e avós, mas sem penetrar o motivo de lhe achacar este defeito, foram geralmente presumindo que por razão da rainha D. Brites Castelhana se introduzira. Não correu isto só em gente popular; entre os reis descendentes da mesma rainha corria a pratica».

O caso pareceu tão digno de ser verificado que D. Sebastião, o quixotesco e irrisorio monarcha, mandou abrir todas as sepulturas dos reis que estão no mosteiro de Alcobaça (excepto as de D. Ignez de Castro e de D. Pedro, excepção que de modo algum se percebe) para examinar os corpos de todos aquelles principes, e com mais

particular curiosidade o de D. Brites, para vér se tinham ou não rabo!

O exame no corpo da mãe de D. Diniz foi o mais demorado. O padre Frei Pedro Afonso, de Fála, religioso da ordem dos pregadores estava presente com D. Sebastião a esta ceremonia, e conta assim o que viu no tumulo da rainha D. Brites: [1]

«Eu a vi na era mil quinhentos e sessenta e nove, o primeiro dia de Agosto, e jaz inteira como aquella hora que ali a sepultaram, jaz mirrada segundo parece, a roupa com que foi sepultada está como aquelle dia que ali a puseram, ao menos o lençol, que a colcha que tem debaixo do lençol estava algum tanto danificada, e já póde ser que fosse ao tempo que ali a lançaram; como quer que seja, não está tão inteira e fresca como o lençol: jaz enfeitada, e a cabeça apertada, tem uns cabellos castanhos, que parece que foram formosos, mostra que foram cortados estando doente, por que estão em uma parte mais compridos que na outra, e estão mal cortados: tem um lenço na cabeça sobre os cabellos, assaz novo: tem calçadas umas sapatas pretas apantufadas, como n'aquella hora que lhas calçaram, do pé ainda estão quasi justas ao menos do comprimento: finalmente ella parece ser reverenda mulher em seu tempo. Alguns dizem que ella tinha um rabo, que vinha por parte da mãe, de uma casta que em Castella nasciam com rabos. Dizem que S. Bernardo lhe tirou este rabo, e mostram um manto que ella lhe deu por isso. O manto eu vi, mas se foi dado por isso, ou não, não o acho escrito, nem menos que ella tivesse rabo, mais que affirmarem-me pessoas lidas n'essas historias, que o leram, que se chamava a Rainha rabuda: ao menos ella agora não tem sinal d'isso, porque não faltou fazer sobre isso diligencias para saber a verdade d'isto. E d'esta maneira que tenho escrito jaz esperando ser chamada. Prazerá ao Senhor que seja para a gloria sua, por que esta Rainha fez n'este Reino muito boas obras, e teve fama de mui santa, e devota, e affeiçoada á religião christã.»

Até aqui o frade que viu o tumulo de D. Brites. Agora a explicação do outro frade, Francisco Brandão (obra citada, pag. 36):

«Quanto ao motivo de se apropriar em particular á rainha D. Brites aquelle nome, nem foi por defeito, nem por desprezo, senão (segundo entendo) porque devia ser a primeira que em Portugal intro-

---

[1] *Monarchia Lusitana*, parte 6.ª, pag. 35, ed. citada.

Horas depois cavalgava o chanceller... (pag. 103)

duzio as cottas de rabo, ou caudatas, vestidura de que usaram até o tempo de nossos paes as maiores princezas e senhoras; e como na frugalidade do nosso Portugal n'aquella idade se estranhou o traje por não costumado, deram titulo de rabuda á introductora d'elle. A

isto se persuadirá quem souber as leis caudatarias que na cidade de Este promulgou o principe Vincencio no anno de 1434, instado de frei Alberto de Sarciano, religioso da Ordem Serafica. Introduziram então as mulheres d'aquelle estado as mesmas cottas que o povo reputou por não modestas, e custosas, e assim a ruim acceitação d'aquelle traje obrigou ao principe a prohibil-o. Portugal se não o prohibiu, deu ao menos por noção da Rainha que o introduziu, o titulo de caudata».

E sobre a explicação d'este chronista, que as leitoras devem meditar, tirando d'ella a moralidade que encerra, terminamos o que tinhamos a dizer ácerca da mãe de D. Diniz e sogra de D. Izabel.

CAPITULO XXII

O cerco

CAMINHANDO a pequenas jornadas chegou D. Diniz a Portalegre, em começos do mez de maio, acompanhado por bastantes fidalgos e de um exercito relativamente grande para a epoca. D. Sancho de Castella, desejoso de acabar com as atrevidas incursões que o Lara fazia no seu territorio, auxiliado pelo infante, enviara um reforço de soldados seus ao soberano portuguez.

No mesmo dia em que chegou em frente da villa, el-rei mandou um emissario seu ao irmão, ponderando-lhe a conveniencia de se submetter e promettendo, em tal caso, tratal-o com benignidade. Mas D. Affonso, alem de possuir um animo desinquieto e um genio temerario, estava cercado de maus conselheiros, que dadas as suas naturaes disposições, facilmente o decidiram á resistencia. Confiava tambem o infante no auxilio do fidalgo castelhano cuja causa desposara e no dos cavalleiros portuguezes que haviam tomado o seu partido, por lhe serem pessoalmente afeiçoados, ou, como D. Ruy Mendes, por alimentarem qualquer motivo de despeito contra o rei. Sentia-se mais forte e experiente agora do que da primeira vez que viera ás mãos com o irmão, e por isso a esperança de que podesse ser sua a

victoria não deixava de o enthusiasmar igualmente. E, se assim succedesse, não seria então um excellente ensejo para fazer renascer as suas antigas pretenções?! Não faltava entre os seus quem lhe pintasse essa perspectiva com as cores mais agradaveis.

D. Affonso repudiou, portanto, todas as tentativas conciliatorias e o rei, convencido de que nada conseguiria por bem, poz cerco á villa a 15 de maio.

Os sitiados tinham tido tempo de se preparar para a lucta, e estavam habilitados para uma resistencia prolongada.

Acabou o mez de maio, entrou depois o de junho, que acabou tambem, e successivamente os de julho, agosto e setembro; e os dois exercitos conservavam-se tenazmente empenhados, um na porfia da expugnação, o outro na constancia da defesa, sem que para um lado ou outro se inclinasse qualquer vantagem. Empenhavam-se em escaramuças os contendores de ambos os lados e pelejavam com vigor. Mas, fosse qual fosse, o resultado d'esses combates não podia nunca ter qualquer effeito definitivo, e o infante continuava, cercado pelo rei cada vez mais apertadamente, mas, em todo o caso, senhor da villa.

N'uma d'essas escaramuças, em que sitiantes e sitiados sahiam por vezes a guerrear, Ruy Mendes e Alvaro Mendes tinham-se avistado, cada um do lado dos seus partidarios. O senhor de Unhos correu logo impetuosamente para o primo, com o olhar torvo de raiva.

— Ah! gritou elle. Cumpristes a vossa palavra, Alvaro, pondo-vos ao lado do rei contra mim!... Pois visto que sois mau parente e desejaes que sejamos inimigos, sel-o-hemos... Cuidae então de vos defender, que não tenciono poupar-vos!

E, inteiramente desorientado, Ruy Mendes arremettia para Alvaro, brandindo ameaçadoramente a espada. Interpoz-se a tempo Gonçalo Fernandes, e era tal a expressão indignada da sua physionomia, que Ruy deteve-se de repellão.

— Senhor! parae! Esqueceis que é vosso primo?

Alvaro Mendes, por seu lado, conservara-se sereno e calmo, perante o abrupto ataque do primo; mas esperava-o decidido a ripostar com a sua espada. Agora, porem, que o via indeciso, incerto entre o impulso da sua raiva e o conselho do aio, mas tendo já conseguido vencer o seu furor, e contendo-se por um energico esforço de vontade, dirigiu-lhe por sua vez a palavra:

— Eu não vos tenho medo, Ruy, e não sei portanto, para que servem as vossas ameaças, que me não impressionam. O melhor, será, pois, que trateis de seguir o vosso caminho, sem vos preoccupar com o que eu faço. Não sou um mau parente, como dissestes, nem estou contra vós... Estou simplesmente onde devo estar, ao lado de el-rei, e a culpa não é minha se procedestes com pouco juizo n'este assumpto, porque bem vos aconselhei.

O senhor de Unhos ouvira todo este discurso em silencio. Quando o primo acabou, respondeu-lhe:

— Está bem, Alvaro... Ainda depois de quanto tem occorrido pretendeis que esteja a rasão do vosso lado! Mas, que importa!... Já agora forcejarei até ao fim por cumprir para comvosco os deveres de parente e de bom amigo.

Em seguida voltou costas, regressando para a villa, e dando, assim, o signal de ter findado a escaramuça.

*

* *

Entrara outubro. Havia já quatro mezes e meio que o cerco durava, e a situação ameaçava ainda prolongar-se por bastante tempo, visto a gente do infante não parecer disposta a abrandar por ora a resistencia. El-rei começou, então, a apertar o cerco. Não tinha outro recurso se não esse, tanto mais que não lhe convinha proseguir as hostilidades durante o inverno, a bater já á porta, e em que a situação das suas tropas seria deploravel.

Por seu lado, D. Affonso, sentindo apertar-se o cinto de frechas e de lanças em que o irmão o encerrara, principiava a sentir-se asphyxiado com os seus sequazes. Era-lhe já evidente que se veria forçado a render-se n'um praso mais ou menos curto, e não se lhe afigurava agora tão facil o recurso da fuga para Badajoz, que o salvara por occasião do cerco anterior de Arronches. Mas o feitio altivo impedia-lhe procurar um meio de composição.

Foi n'esta altura que D. Izabel chegou a Portalegre, e, tendo passado as linhas do exercito real, se dirigiu ao arraial do infante. Não lhe impediram o caminho as sentinellas dos rebeldes: era a rainha, cuja fama piedosa se alargara pelo paiz inteiro, e apresentava-se como nuncia da paz, a soldados que cinco mezes de alarmes e de pri-

vações haviam acabado por indisciplinar e encher de desalento. Todos a deixaram passar, e, mais do que isso, todos se lhe prostraram aos pés, intercedendo porque acabasse, ella, com aquelle flagello da guerra e lhes obtivesse o perdão da rebeldia, de que estavam agora todos arrependidos. E a rainha promettia!

Foi ao paço, onde suppunha o infante, e onde só se encontrou com a sogra, e depois dirigiu-se á tenda do infante, que, prevenido da inesperada visita, sahiu a receber a cunhada, entre surpreso e esperançado. Fôra ella já a preciosa-medianeira nas discordias antecedentes: a sua intervenção augurava-se-lhe agora, portanto, como um bom signal, no meio da situação desesperada em que se encontrava.

— Senhora, sêde bemvinda! disse-lhe o infante, prestando-lhe todas as homenagens de respeito e acatamento, e curvando-se para lhe beijar a mão.

— Deus esteja comvosco, senhor infante e meu presado irmão, respondeu affectuosamente Izabel de Aragão. Consegui atravessar as guardas avançadas do exercito d'el-rei e chegar até vós, para vir pedir-vos, como irmã muito affeiçoada, que não continueis esta guerra criminosa e vos congraceis com o sr. D. Diniz, vosso irmão, que sinceramente vos estima, e vosso rei, que vos armou cavalleiro e a quem jurastes vassalagem. Uma lucta entre irmãos desagrada a Deus, senhor, e é tambem contra as leis da natureza. Os vossos vassallos estão cançados, e exhaustos de recursos para proseguir a resistencia. Os negocios do reino andam ao abandano e tudo ao desbarato. Peço-vos, pois, senhor irmão, que acceiteis a paz...

— Mas, senhora irmã, repare vossa real mercê em que el-rei é que se tem recusado sempre a acceder ás reclamações que lhe tenho feito, e me tem recusado todas as satisfações. Comtudo, senhora, se as propostas que me trazeis...

— Não sou portadora de nenhuma proposta, senhor infante, porque até vim aqui sem conhecimento d'el-rei, meu esposo. Quando tive noticia, na Alcaçova de Lisboa, d'esta guerra, puz-me logo a caminho, e foi ao vosso acampamento que primeiro me dirigi, para vos pedir que fizesseis a paz, porque a vós é que cumpre ceder. O sr. D. Diniz, vosso irmão, é tambem o vosso rei, e lembrae-vos de que lhe jurastes vassalagem. Sois o primeiro dos seus vassalos, e cabe-vos, por isso, o dever de dar exemplo aos mais do respeito e leal-

dade que ao rei devem. Se el-rei não attendeu alguma das vossas queixas ou requerimentos é porque não poude: bastante vos ama e présa para vos satisfazer as vontades sempre que póde. Bem o sabeis...

Um dos cavalleiros que tinham acompanhado D. Affonso, quando viera receber a rainha, dirigiu-se então ao infante, dizendo-lhe:

— Bom conselho é este, senhor. Pouco mais tempo poderemos resistir... Entregae-vos, pois, e fazei a paz.

Um murmurio de evidente aprovação a estas palavras percorreu o grupo dos que rodeavam o infante, e reproduziu-se, ainda mais expressiva e claramente, no troço de soldados, que accorrera a vêr a rainha e se conservava na espectativa a certa distancia.

Esta dupla manifestação fez comprehender a D. Affonso que todos os seus tinham perdido a fé e que não podia já conservar nenhuma esperança de triumpho para a sua causa. Por isso, foi n'estes termos que respondeu a D. Izabel:

— Senhora, estou disposto a satisfazer os desejos que me manifestaes e a pedir a paz, mas receio que el-rei pretenda impôr-me condições por demasia violentas e humilhantes, que a minha dignidade me não permitta consentir.

— Descançae, senhor irmão, — acudiu jubilosa a rainha, — desde que tenho a vossa palavra, eu me encarrego de decidir el-rei a proceder com benignidade e a tratar-vos conforme é devido á vossa posição. Não tivestes, creio eu, que vos queixar da minha mediação quando foi do conflicto anterior, e espero que tambem não tereis motivo agora.

— Senhora, entrego nas vossas mãos, e confio ao vosso affecto de irmã e á generosidade de vossa alma, a minha causa.

— Bem está, e espero que não vos arrependereis, respondeu Izabel de Aragão. Levae-me agora, senhor infante, a vêr minhas sobrinhas, de quem sinto saudades. Depois me dirigirei então ao acampamento d'el-rei.

*

* *

A paz negociou-se depois rapidamente. Apesar dos conselhos do chanceller Domingos Jardo, D. Diniz, acalmada a colera, e supplicado ardentemente pela rainha, procedeu effectivamente com magna-

nimidade. Obrigou o irmão a restituir-lhe o senhorio de Portalegre e de Marvão, as duas villas fronteiriças que serviam de ponto de partidas ás incursões do fidalgo de Lara em Castella; mas deu-lhe, em compensação, as de Ourem e de Cintra, cujos rendimentos eram dobrados. Entaboladas as negociações, e prenunciado desde o começo o seu bom exito, Ruy Mendes, que não esquecera a ameaça que D. Diniz lhe dirigira pessoalmente, principiou a experimentar um natural receio das consequencias que lhe resultariam do restabelecimento da paz entre os dois irmãos.

Uma noite, confiado na escuridão e no enfraquecimento da vigilancia, montou, acompanhado pelo fiel aio, e decidido a procurar, no exilio de Castella ou de Aragão, a segurança da vida. A certa altura cortaram-lhes o caminho dios outros cavalleiros pertencentes ao arraial do rei.

— Quem sois e aonde ides? perguntou um d'elles, dirigindo-se aos fugitivos.

Gonçalo Fernandes, que os reconhecera, adiantou se respondendo:

— Sr. D. Alvaro Mendes, é vosso primo... que pretende passar a Castella, afim de esquivar-se á vingança de D. Diniz.

O fidalgo pareceu trepidar um momento; mas foi de curta duração a sua incerteza. Chegou se ao pé do primo, e apertando-lhe a mão, disse baixo:

— Ide, Ruy!... Ahi está o resultado da vossa má cabeça... Necessitaes alguma cousa?

— Não, obrigado, Alvaro,—respondeu o outro, commovidamente.

— Então que Deus vos acompanhe e proteja!

FIM DA PRIMEIRA PARTE

SEGUNDA PARTE

CAPITULO I

Os amores da judía

DEFINHAVA Sarah a olhos vistos. Haviam-lhe desmaiado as rosas do rosto, no qual se espalhára uma pallida e dolorida tristeza; os seus grandes olhos negros tinham perdido o brilho e o fulgor, apagando-se n'uma expressão de funda magua e encovando-se nas faces emagrecidas. O seu bello talhe erecto parecia ter-se acurvado, denunciando um grande cançasso.

Envolvera-a um invencivel desalento, um enorme desencanto da vida. Tornara-se-lhe indifferente ou estranho tudo quanto a rodeava, movendo-se automaticamente no meio das cousas familiares, sem ter sequer a noção nitida e consciente dos seus proprios actos. Quando lhe falavam, precisava fazer um esforço para comprehender, e ás vezes ficava-se abstracta, como se não tivesse ouvido.

Um unico pensamento a absorvia, uma unica idéa lempejava bem viva e admiravelmente radiosa na sua imaginação. Sentava-se no seu logar habitual, junto da janella, com o bordado nos joelhos, ou tendo na mão, estendido, um rico pergaminho hebraico com os livros do Velho Testamento. Mas, não trabalhava, nem lia. O seu olhar fixava-se, sem vêr. Ou antes via, para dentro de si propria, o sonho encantador do seu amor.

Amava. Era amada. Sentia-se feliz. Sorria-lhe a esperança. Mas, logo, escutava, como uma condemnação, as palavras do pae. Como é que ella, filha de uma raça maldita, accusada de um deicidio, e, pelo menos, — assim ella o acreditava, — culpada de uma morte injusta, podia ter esperança no seu amor? Revoltava-se. Era Deus mais que um? Não seria o mesmo sob diversos nomes? E era ella culpada?! Que o justo pagasse pelo peccador, qeu o crime dos paes fosse expiado pelos filhos, era essa uma doutrina que a revoltava, a ella, filha da raça perseguida e odiada. Mas, não era menos certo que a religião de ambos os separava irremessivelmente, tornando o seu amor absolutamente sem esperança.

As lagrimas corriam-lhe então silenciosamente, cavando sulcos nas faces descóradas, e invadia-a um intenso desespero, que a fazia até desejar a morte como o unico remedio que poderia curar a sua dôr.

A velha criada, que de pequenina a acarinhava, e que a amava sempre com sincera dedicação, vinha muitas vezes sentar-se-lhe aos pés.

— Dizei-me o que tendes, menina, e porque tanto vos desolaes, inquiria a tia Rita, com os olhos marejados tambem de lagrimas.

— São penas que o meu coração soffre, e que não teem cura, respondia-lhe Sarah, e o choro tornava-se então convulso.

— Mas acalmae-vos, tornava a serva. Não ha nada que não tenha remedio... Assim a chorar constantemente é que decerto nada remediareis... Acreditae que ainda hão de vir dias mais felizes...

— Não, não, minha boa Rita. Para que hei de illudir-me, se bem que não póde mudar-se o meu soffrimento? Ha de matar-me esta grande magua.

De uma vez, porém, a velha proseguiu:

— Não quereis confessar-me a causa do vosso desgosto, mas eu tambem não preciso isso para a conhecer. Adivinhei já ha muito tempo o segredo do vosso coração e o motivo de tantas tristezas...

— Provavelmente enganas-te, Rita, suppondo qualquer cousa bem differente do que realmente é, respondeu-lhe a judía.

— Não me engano, e escusaes de tentar negar-m'o... Todas essas tristezas são porque amaes o sr. D. Alvaro Mendes, ahi está.

— E quem t'o disse? perguntou Sarah com impeto.

— Quem m'o disse?... ninguem!... Fui eu que o adivinhei de-

pois de cogitar muito. Que outro motivo poderia ter a minha querida menina para andar a curtir uma tão estranha magua?... Não sabeis quanto vos estimo e por isso quanto sinto tambem a vossa tristeza..

— Oh! minha boa Rita! disse Sarah, desatando novamente a chorar.

— Mas, socegae, peço-vos, acudiu a velha, afagando-a. Tende esperança... Eu tambem sei que o sr. D. Alvaro vos ama, e elle é um perfeito cavalleiro, digno de vós... Não desespereis, pois, e confiae no futuro, que vos ha de trazer a felicidade.

—Ah! Rita! estás a torturar-me ainda mais... Bem sabes que abysmo se ergue entre nós ambos...

E, a um grito de protesto da criada, proseguio desordenadamente:

— D. Alvaro tambem me ama, bem o sei, e tenho a prova da sua sinceridade... Tambem para elle este amor sem esperança foi um presente de dôres! Mas, como queres que o nobre fidalgo christão possa erguer até si uma pobre e misera judia, a filha de uma raça reprovada, motivo de chasco e de odio para todos os da sua religião e da sua classe? Em que posso eu ter esperança, Rita?

Durante alguns minutos a velha ficou calada, como que absorvida por qualquer pensamento. Depois respondeu com lentidão, mas em tom convicto:

— Não sei... Mas, diz-me o coração que deveis ter esperança, e que ainda hão de vir dias felizes para o vosso amor... E o coração não me engana...

Sarah ergueu-se, e as duas mulheres abraçaram-se commovidamente.

*

* *

Jacob Usque via com magua o deperecimento de Sarah, e ia seguindo, no rosto querido da filha, os effeitos progressivos da doença que a minava.

O velho judeu era pae, e era tembem fino e intelligente, como os homens da sua raça. Como pae adorava a filha, e adorava a com tanta intensidade de affecto quando a mãe lh'a deixára nos braços ainda muito menina, e fôra elle que, desde essa mais tenra infancia, a aconchegára, a vigiara, vivendo só para ella, dedicando-se-lhe exclusiva-

mente. Trabalhára, luctára, tudo por ella. Estava, agora, velho e cansado. O seu sonho unico era a felicidade da filha, a sua Sarah querida. Para ella amontoára uma fortuna: se o instincto nativo o impulsára, fôra em tode o caso, por causa d'ella que tanto trabalhára e tão depressa se exhaurira. Mas, por isso mesmo, suppunha que lhe competia tambem a escolha e a decisão do que seria a felicidade da filha. Entendia que era o seu julgamento experiente e pratico que a devia decidir. E porventura não seriam esses os costumes geraes da epoca? Não foi esse falso criterio do amor paternal que provocou tantas scenas tragicas de que ainda alcançamos o rasto doloroso atravez a historia ou a lenda? Mas, como homem intelligente e habil, Jacob compreendia que seria inconveniente atacar de frente, oppondo-se por uma fórma terminante á inclinação da filha. Por isso, fingia não perceber o que de mais lhe revelavam os seus olhos. Após a scena, que descrevemos, em seguida á despedida de Alvaro Mendes, não tornára a fazer qualquer allusão á filha, sobre o assumpto, e esquivara-se, mesmo, a algum ensejo que podesse provocar uma explicação.

Fingia que não via. Mas, o seu alarme era immenso. Por vezes, á meza, contemplava-a disfarçadamente, cheio de receio, assustado, mas silencioso. Comtudo, se, por acaso, Sarah levantava os olhos, encontrava nos d'elle uma censura, uma acusação que profundamente lhe doía. Sentia o remorso... mas o que podia fazer a infeliz amorosa?!

O pae dava-se por sua vez, a tratos de imaginação para inventar uma distracção ao espirito da filha querida, para a arrancar áquelle pensamento absorvente que lh'a ia matando aos poucos. Mas, tudo quanto lhe occorria era improficuo. Quando conseguia leval-a a uma festa, via bem que era de má vontade que ella ia, embora tivesse acceitado o convite sem fazer qualquer observação, e bem reparava que aos seus labios não assomava nunca um sorriso. Trazia-lhe de qualquer joalheiro seu correligionario uma pedra preciosa, e ella, que era mulher como todas as mulheres, agradecia-lhe com affecto, mas recebia o brinde com indifferença.

Por vezes experimentava então o desejo de reagir com violencia, impondo a sua vontade á filha, castigando-a pelo que considerava uma revolta criminosa contra a auctoridade paternal; mas o seu amor, e tambem o calculo, detinham a sua resolução, tirando-lhe a coragem.

Desde aquella noite em que elle me salvou a vida, (pag. 109)

N'aquelle mesmo dia em que a velha criada insuflara no animo da joven ama um novo sopro de esperança — quão fugaz! — Jacob disse á filha, ao jantar:

— Peço-te que te prepares amanhã, porque sua mercê a rainha deseja ver-te. Falei-lhe d'essa tristeza que ha algum tempo te acompanha, e de que por mais que faça não tenho podido libertar-te, e a senhora rainha D. Isabel, com a infinita generosidade do seu coração, disse-me que te levasse até ella para te consolar.

Sarah fez com a cabeça um signal de resignada condescendencia. Mas, o pae, como se não tivesse visto, perguntou:

— Então, Sarah, ouviste-me?

— Senhor, sim. Cumprirei as vossas ordens.

— Mas, filha, creio que isto te não contraria, — continuou o judeu affectuosamente, — e tenho esperança de que sua mercê a rainha — conseguirá com as suas palavras e bons conelhos sarar a tua dôr, que tanto me tem afligido.

— Mas, pae, os vossos receios são infundados, porque eu nada tenho, respondeu Sarah, com a vóz tremula, e fazendo um grande esforço para conter as lagrimas.

Jacob contemplou-a um momento em silencio, contendo por um esforço de vontade as palavras de censura que lhe acudiam aos labios. Depois, conseguindo vencer-se, disse com apparente serenidade:

— Bem, filha... talvez seja o meu amor por ti que me faz exagerar as cousas... E' possivel, e oxalá que assim seja... Mas, espero-te amanhã para me acompanhares á Alcaçova.

*

* *

Sarah ficara no paço junto da rainha, a pretexto de auxiliar as suas damas e donzellas no bordado de um paramento de altar. D. Izabel acolhera-a com muita bondade, dizendo-lhe palavras de piedoso carinho. Havia-a prevenido el-rei, e a sua alma bondosa sentia-se immediatamente tocada de commiseração por aquella amargura que a sua natureza amorosa estava, melhor do que qualquer outra, preparada para comprehender. Por isso, quando lhe trouxeram a judia, e viu os effeitos que o pezar imprimira no seu rosto, sentiu-se profundamente commovida, e dissera a Sarah:

— Ides ficar alguns dias na Alcaçova, para me auxiliardes em um trabalho que não podem fazer sósinhas as minhas donzellas, e muita

satisfação me causa porque vos estimo dês aquella noite em que D. Alvaro Mendes aqui vos trouxe. Sou desde então vossa amiga, e agora mais o serei, visto que sois infeliz.

— Senhora, obrigada, — respondera a judia, confundida.

Poucos dias havia que ella estava na Alcaçova, quando, uma manhã, quando se dirigia para a sala das donas, ouviu chamar pelo seu nome atraz de si. Voltou-se com surpreza, e viu a poucos passos Alvaro Mendes, que a contemplava perturbado.

Por um instante nenhum dos dois conseguiu dizer palavra. Por fim, ella, fazendo um esforço sobre si propria, murmurou com a voz tremula:

— Muito folgo de vos vêr, senhor D. Alvaro... Estaes de todo melhor?

Mas, Alvaro Mendes, sem responder directamente á pergunta que lhe era dirigida, aproximou-se da jovem, e disse-lhe anciosamente:

— Quão mudada vos encontro, minha doce Sarah! Tandes estado doente? Dizei-me se tivestes algum desgosto, ou se não poderei minorar o vosso mal.

Pegara-lhe nas mãos. O seio de Sarah arfava violentamente.

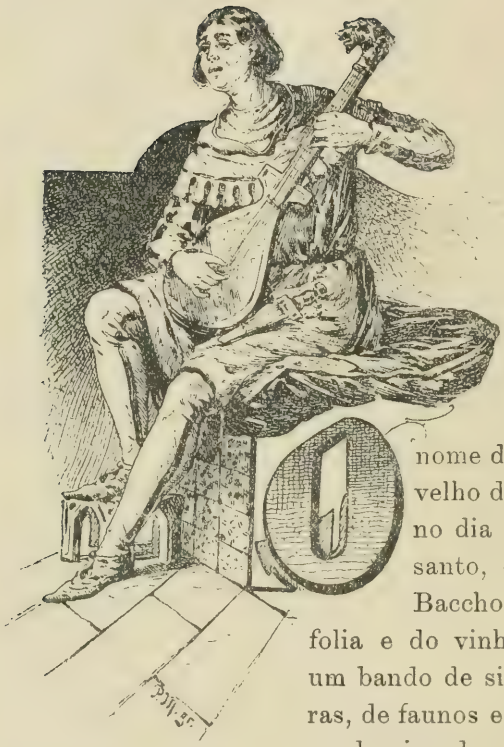
Por fim, ella respondeu, sem poder reservar por mais tempo a confissão do seu amor:

— Estou triste por vossa causa... porque a vossa ausencia me tem sido intoleravel... porque vos amo e não tenho nem poso ter esperança...

— Ah! Sarah! — replicou o fidalgo impetuosamento — e quanto vos amo eu tambem!? Imaginei que esta separação podesse adormecer a minha paixão... Mas, dia e noite, a vossa lembrança jamais se esvaiu um momento sequer do meu coração. No meio dos combates, durante as vigilias do cerco, era sempre a vossa imagem querida que se me figurava diante dos olhos... Sarah! não posso viver já sem o vosso amor...

— E duvidaes do meu amor? perguntou ella, baixinho.

Ouviram-se, porém, passos no corredor. Era D. Leonor Affonso, que se dirigia tambem para a sala do trabalho, por ser chegada a hora da tarefa. E os dois amantes tiveram que se separar.



CAPITULO II

Historia de S. Diniz, patrono do rei de Portugal

O nome de Diniz foi dado ao filho mais velho de Affonso III por ter nascido no dia em que a egreja celebra este santo, que é o Dyonisio grego, o Baccho romano, o deus do amor, da folia e do vinho, que andava rodeado por um bando de silenos, de satyros e de satyras, de faunos e de faunas, e que symbolisa os desejos da natureza sempre sequiosa e mudavel.

A lenda de S. Diniz prova a origem pagan d'este santo.

N'um mosteiro, nas cercanias de Syracusa, na Sicilia, terra classica da antiga belleza, solo sagrado pisado pelos pés de Pindaro, de Eschylo e de Euripedes, vivia um monge muito piedoso e devoto, que tinha por costume rezar com todo o fervor as matinas junto do tumulo de S. Diniz.

Uma madrugada, quando resava com mais fervor, foi distraido por uma vizão, em que via como que uma nuvem branca elevar-se de cima do tumulo do santo, e esta nuvem dividia-se em muitas outras nuvens e de cada uma d'ellas sahia uma mulher. Atravez de ligeiras tunicas brilhavam os seus ligeiros corpos. E o frade viu que

— Desçamos á povoação para procurar cavallos. (pag. 117)

entre ellas havia homens com os pés de bodes, que as perseguiam. A nudez deixava perceber o terrivel ardor dos seus desejos. No emtanto as nymphas fugiam; debaixo dos seus pés appareciam

prados e ribeiros. E cada vez que um capripede estendia a mão sobre uma d'ellas e julgava alcançal-a, um salgueiro levantava-se de repente para esconder a nympha no tronco ôco como uma caverna, e na folhagem resoavam leves murmurios e risos de escarneo.

Quando todas as mulheres se esconderam nos salgueiros, os capripedes, sentados na relva, tocaram em flautas de cana e fizeram ouvir sons que perturbariam qualquer creatura. As nymphas encantadas passavam as cabeças pelos ramos e pouco a pouco, deixando os sombrios esconderijos, approximaram-se attrahidas pela flauta irresistivel.

Então os homens-bodes atiraram-se a ellas com um furor sagrado. Nos braços dos insolentes aggressores, as nymphas esforçavam-se ainda em sorrir e mangar. Depois não riram mais. A cabeça inclinada, os olhos inundados de alegria e de horror, davam suspiros abafados ou guardavam um silencio solemne.

O monge tentou affastar estas apparições, mas não poude.

As nymphas, tendo enlaçado os capripedes, mordiam, acariciavam, irritavam os amantes felpudos e mostravam-lhes os corpos mais ondeantes e mais vivos do que a agua do regato que, junto d'ellas, corria sob os salgueiros.

O monge, á vista d'isto, peccou em espirito e em intenção. Desejou ser um d'esses demonios meio homens e meio animaes.

Ao acordar d'esta visão, o espirito perturbado e o corpo exhausto não lhe deixaram alentos para cumprir com os seus deveres. Levantou-se, saiu da egreja, e foi passear para o campo, pensando sempre na visão perturbadora.

Seguiu pelo atalho de um monte cheio de vinha e chegou a um bosque de murtas e oliveiras, sagrado d'antes para os romanos. Com os pés na herva humida, o frade caminhou durante muito tempo pela floresta, quando descobriu uma nascente sobre a qual os tamarindos balouçavam molemente a leve folhagem e a penugem dos cachos roseos. Da terra elevava-se o perfume da ortelã orvalhada.

O frade, entregue durante muito tempo aos seus agitados pensamentos, ergueu a vista e percebeu que não estava só. Encostado ao tronco cavernoso de um velho roble, um ancião olhava o ceu atravez da folhagem e sorria. Da fronte encanecida sahiam-lhe dois chifres cobertos de musgo.

Da face pendia-lhe a barba branca; e no peito tinha o pelo eri-

çado e nas ancas uma lã espessa que lhe cahia até aos pés de bode. Chegou aos labios uma flauta de caniço, de que tirou alguns sons. Depois cantou com uma voz pouco distincta:

Ella fugia risonha
Trincando as uvas d'oiro,
Mas pude apanhal-a,
E os meus dentes esmagaram
O cacho em sua boca.

Ao vêr e ouvir estas coisas, o monge fez o signal da cruz. Mas o ancião não se perturbou e dirigiu-lhe um olhar ingenuo.

— Homem ou animal, gritou o frade, ordeno-te em nome do Salvador, que me digas quem és?

— Meu filho, respondeu o velho, sou S. Diniz! Mas fala mais baixo, não vás espantar os passaros.

O monge proseguiu em tom mais brando:

— Já que tu, ó velho, não fugiste ao vêr o terrivel signal da Cruz, é porque não és um demonio ou algum espirito impuro vindo do inferno. Mas se és, como dizes, um homem, ou melhor a alma de um homem sanctificado pelos trabalhos de uma boa vida e pelos meritos de Nosso Senhor Jesus Christo, explica-me, peço-te, porque maravilha tens chifres de bode, pernas com lã e os pés negros e fendidos.

A esta pergunta, o ancião levantou os braços para o ceu e disse:

— Meu filho, a natureza dos homens, dos animaes, das plantas e das pedras, é o segredo dos deuses immortaes, e eu ignoro como tu a causa dos chifres que me ornam a fronte e nos quaes as nymphas entrelaçavam d'antes grinaldas de flores. O que te posso dizer, meu filho, é que este bosque era outr'ora povoado por mulheres que tinham como eu a fronte cornuda e as ancas lãnosas. Mas os seios eram arredondados e brancos. Eram bellas, meu filho! Mas, ah! desappareceram do bosque até á ultima! Os meus semelhantes morreram como ellas; e só eu fiquei d'essa raça. Sou muito velho.

— Ancião, diz-me a tua idade, o teu sangue e a tua patria?

— Meu filho, nasci da Terra, ainda antes que Jupiter tivesse desthronado Saturno, e os meus olhos contemplaram a variedade florescente do mundo. A raça humana não tinha ainda sahido da argila. Sós comigo, as satyras dançantes faziam resoar o solo com o choque rythmico da dupla sandalia. Eram maiores, mais robustas e mais

bellas do que as nymphas e do que as mulheres; e os seus flancos mais largos recebiam abundantemente a semente dos primeiros nascidos da terra. No reinado de Jupiter, as nymphas começaram a habitar as fontes, os bosques e as montanhas. Os faunos, misturados com ellas, formaram córos alegres por entre os bosques. N'essa epoca, vivia eu feliz, saboreando á vontade os cachos das vinhas abundantes e os labios das faunas risonhas. E gostava de dormir socegado na herva espessa. Celebrava na frauta rustica Jupiter, depois de ter celebrado Saturno, por que é proprio de mim louvar os deuses, senhores do mundo. Ah! mas envelheci, porque não sou mais do que um deus, e os seculos branquearam-me as crinas da cabeça e do peito; e o ardor do corpo extinguiu-se. Vergava já ao peso da idade, quando o grande Pan morreu e quando Jupiter, soffrendo o mesmo destino que infligira a Saturno, foi desthronado pelo Galileu. Arrastei então uma vida tão cançada, que me succedeu morrer e ser mettido n'um tumulo. E na verdade não sou mais do que a sombra do que fui. Se ainda existo um pouco, é porque nada se perde, e a ninguem é permittido morrer de todo. Uma apagada lembrança das satyras da idade d'ouro anima-me ainda os olhos, e os labios ainda murmurejam hymnos antigos.

Disse e calou-se. O monge perguntou-lhe:

— Porque é que me mentiste, ó velho, dizendo-me que eras um santo?

— Meu filho, eu nunca minto. Olha bem para mim: vês-me nu como nos tempos doirados de Saturno. E o meu espirito está despido de véos como o meu corpo. Porque achas extraordinario que eu fosse um santo do Gallileu, sem ter sahido d'essa mãe que uns chamam Eva e outros Pyrrha e que devemos venerar com estes dois nomes?

— Mas, ao menos, diz-me, ó velho, como foste santificado?

— Ouve, respondeu o capripede, e a tua curiosidade ficará satisfeita. Quando homens vindos do Oriente annunciaram n'este bello vale que o Galileu desthronára Saturno, eu chamei as nymphas, os faunos, os pans e os silvanos, e disse-lhes, exhortando-os a que se submettessem: «Meus filhos, o tempo dos jogos alegres e dos risos ligeiros passou.» Os imprudentes não me ouviram; e succedeu-lhes mal. Mas eu, que vira acabar o reino de Saturno, achei natural e justo que Jupiter por sua vez perecesse. Resignei-me á queda dos grandes deuses. Não resisti aos mensageiros do Galileu. Prestei-lhes até pequenos serviços

Quando construiram cabanas, carreguei com lenha e pedras e ajudei-os. Em paga, deitaram-me agua em cima da cabeça e desejaram-me a paz em Jesus Christo. Vivia com elles e como elles. Assim como os santificaram, santificaram-me tambem, e a minha santidade pareceu egual á d'elles. Disse-te, meu filho, que já então era muito velho. O sol já difficilmente me aquecia os membros entorpecidos. Cada dia de outomno cavava a minha ruina. Uma manhã de inverno, acharam-me estendido sem movimento, á beira de uma estrada. O bispo, seguido pelos padres e pelo povo, celebrou os meus funeraes. Depois puzeram-me n'um tumulo de marmore branco, onde gravaram tres cruzes e na frente o nome de S. Diniz entrelaçado n'um cacho de uvas. N'esses tempos os tumulos bordejavam as estradas. O meu foi posto a duas milhas da cidade, na estrada de Syracusa. Um platano cresceu por cima e cobriu-o de sombra entremeada de luz. Uma fonte, não longe, corria sobre um leito de agriões; os rapazes e as raparigas vinham rindo, ali, banhar-se juntos. Este logar encantador era um logar santo. As mães traziam as creanças e faziam-n'as tocar o marmore do monumento, para que se tornassem fortes e bem formadas em todos os membros. Entretanto, os satyros e as satyras, os faunos e as nymphas arrastavam uma vida errante e miseravel. Já não havia, para elles, altares de verdura, nem grinaldas de flores, nem offerendas de leite, de farinha e de mel. Apenas, de tempos a tempos, algum cabreiro depunha furtivamente um queijinho á entrada da gruta sagrada. As nymphas, habitantes das florestas e antros sombrios, tinham sido expulsas de suas paragens pelos apostolos vindos do Oriente. E para que não podessem voltar os padres do deus Galileu deitavam nas arvores e nas pedras uma agua encantada, pronunciavam palavras magicas e levantavam cruzes nas clareiras das florestas, porque o Galileu, meu filho, é sabio na arte das encantações. Assim as pobres divindades não encontraram mais asylo nos bosques sagrados. O côro dos capripedes peludos, que batiam com um pé sonoro a terra maternal, era agora apenas uma nuvem de sombras pallidas e mudas, arrastando-se pelas encostas das collinas como a bruma da manhã que o sol dissipa. Enxotados, como que por um vento furioso, pelo odio divino, estes espectros turbilhavam todo o dia na poeira das estradas. A noite era-lhes menos inimiga. A noite não pertence toda inteira ao deus Galileu. Uma parte é dos demonios. Quando as sombras envolviam os montes, faunos e faunas, nymphas e pans, vinham cozer-se

com os tumulos que bordejavam os caminhos, e ahi, sob o doce imperio dos poderes infernaes, gozavam algum repouso. Aos outros tumulos preferiam o meu, como o do antepassado veneravel. A minha morada foi a sua morada. Pouco sahiamos, e não ser para irmos ao bosque, quando a noite era bella. A minha sepultura inspirava cada vez mais veneração aos camponezes. Quando os filhos de S. Francisco vieram aqui estabelecer-se e levantaram um mosteiro na falda da collina, pediram ao bispo que lhes consentisse transportarem e guardarem o meu tumulo na egreja conventual. Este favor foi-lhes concedido e fui transportado em grande pompa para o sitio onde ainda repouso. A minha familia rustica foi tambem trazida comigo. Era muita honra; mas confesso que tenho saudades da grande estrada por onde via passar de madrugada as camponezas com os cestos de uvas e figos. O tempo não mitigou estas saudades e desejava estar ainda onde estive.

— Tal é a minha vida, ajuntou o velho capripede. Ella decorre risonha, suave, e occulta atravez todas as idades da terra. Se alguma tristeza se mistura á alegria é porque os deuses o querem. O' meu filho, louvemos os deuses, senhores do mundo!

O frade viu sumir-se o ancião e ficou muito tempo pensando, sem nunca perceber bem, o que estas coisas queriam significar.

Tal é a encantadora lenda siciliana de que um moderno escriptor francez, Anatole France, fez uma recensão admiravel, de que démos um extracto.

CAPITULO III

Uma aventura do rei

IR-SE-HIA que S. Diniz insuflou ao rei D. Diniz o espirito de amorosidade pelas nymphas terrestres e de paixão pelos encantos da natureza.

As excursões venatorias do rei eram muitas vezes um pretexto para conquistas de amor.

N'este tempo sahiu D. Diniz de Santarem com Estevam da Guarda e uma comitiva para uma caçada.

Embrenharam-se pelos pinhaes e olivedos, e apoz fructuosa jornada, ao pôr do sol, acharam-se no cume de uma collina a algumas leguas de Santarem.

O rei mandou apear e que lhe preparassem a merenda.

A atmosphera estava carregada, o ar quente, e aquelle repouso tornava-se necessario.

Armaram os apetrechos; e instantes depois, D. Diniz e os da comitiva, saboreavam com o apetite excitado de caçadores esfomeados e sequiosos, a frugal merenda regada com o vinho santareno.

Terminada a refeição, já as sombras da noite invadiam a collina.

O rei alargava a vista para o vasto horisonte que d'ali se enxergava. Em frente, n'um vale, envolta na sombra escura das oliveiras, alvejava uma ermidinha que o crepusculo do entardecer tornava ainda mais branca.

— Que egreja é aquella? perguntou D. Diniz, indicando a ermida.

— Pois não a reconheceis d'este sitio, senhor? E' a capella de Santa Iria, respondeu um homem da comitiva.

— De Santa Iria!... Mas então a que distancia estamos de Santarem?

— A mais de dez leguas, senhor, informou o homem.

— Dez leguas!... Que achas, Estevam da Guarda?... Que te parece esta perspectiva de, cançados e afadigados, como estamos, termos ainda de caminhar dez leguas para chegarmos a Santarem... As mulas não conseguirão levar-nos até lá...

— Procuraremos hospitalidade aqui pelos sitios, disse Estevam da Guarda.

— E' o que temos a fazer, observou D. Diniz, conformando-se com a lembrança do seu jogral. Mas mais tarde, agora quero gozar d'esta paz da natureza, que é um encanto... Em sendo noite cerrada nos ergueremos...

E como tornasse a olhar outra vez para a ermida branca, proseguiu:

— D. Izabel é que é muito devota de Santa Iria... a santa a respeito da qual se fizeram umas trovas tão lindas... Conheces-las, Estevam?

— Senhor, sim... Quereis que vol-as diga?

— Dize, respondeu o rei encantado.

O jogral recitou então a lenda da Santa:[1]

Estando eu a cozer na minha almofada,
Com agulha de ouro e dedal de prata,
Veio o cavalleiro pedindo pousada;
Se lh'a meu pae dera, estava bem dada,
Deu-lh'a minha mãe, que mui me custava;
Fui fazer a cama no meio da sala.

Era meia noite, a casa roubada,
De tres que nós eramos só a mim levava.
Eram sete leguas, nem fala me dava,
Lá para as outo é que me perguntava
— Lá na tua terra como te chamavam?
«Lá na minha terra eu era morgada,
«Cá nestas montanhas serei desgraçada.»

[1] Vem no *Romanceiro geral*. pag. 126 e na *Anthologia Portugueza* de Theophilo Braga, pag. 4.

Com os olhos a fusilarem de colera. . (pag. 123)

— Por essa palavra serás degollada.
Ao pé d'um penedo serás enterrada,
Coberta de rama bem enramalhada. —
No fim de sete annos por ali passava,
E a todos que via lhe perguntava :
— Dizei-me pastores que guardaes o gado,
Que ermida é aquella que além branquejava?

— E' de Santa Iria bem aventurada,
Que ao pé d'um penedo morreu degollada
— Ó minha Santa Iria, meu amor primeiro,
Perdoa-me a morte, serei teu romeiro !
«Não te perdôo, ladrão carniceiro,
«Que me degolastes que nem um carneiro;
«Veste-te de azul, que é côr do céo,
«Se elle te perdoar, perdoar-te quero.»

Quando Estevam da Guarda acabou, o rei conservou se durante algum tempo silencioso, como que querendo prolongar o encanto produzido no seu espirito de poeta e de trovador pelos versos que o jogral recitára.

A noite tinha vindo pouco a pouco, envolvendo todos aquelles vultos no seu manto escuro.

Do ceu, onde se haviam amontoado grossas nuvens pardacentas, começaram a cahir alguns pingos de chuva. De subito fuzilou um grande relampago, logo seguido do ribombar de um trovão atordoador. Alguns dos homens da comitiva do rei benzeram se e puzeram-se a rezar em voz baixa.

A medonha e persistente trovoada, acompanhada agora por uma chuva torrencial, apanhava-os n'um sitio longiquo, sem terem um casal, uma cabana, qualquer abrigo, emfim, onde se podessem recolher.

D. Diniz ordenou :

— Toca a montar, porque se continuamos aqui, ficaremos encharcados... Assim, pondo-nos a caminho poderemos alcançar alguma casa onde nos abriguemos.

A ordem do rei foi cumprida.

Desceram a collina e embrenharam-se por um extenso pinhal. Apoz terem caminhado longo tempo, açoitados pelo vento que soprava rijo e pela chuva que cahia abundante, avistaram ao longe a luz bruxuleante de uma habitação. Aproximando-se mais, divi-

saram as torres de um solar e outras luzes que indicavam que era habitado.

— De quem será este castello? perguntou o rei.

— Deve ser o castello de D. Auzenda Vasques, informou o homem da escolta que já tinha mostrado ser conhecedor d'aquelles sitios.

— E que especie de dona é essa?... Conheces-la? perguntou ainda D. Diniz.

— Senhor, sim... E' uma dona viuva e formosa, ácerca de quem correm varias historias.

— De amores?

— Senhor, sim...

— Pois bem... Dize o que sabes...

— Conta-se que esta Auzenda Vasques dês que enviuvou veio habitar este castello, d'onde nunca saiu. E conta-se tambem que elle está enfeitiçado e que a dona tem amores com o diabo...

— Talvez nós agora o lá encontremos, observou D. Diniz. E' caso para dizer: «Pobre diabo!», visto que lhe vamos perturbar os amores...

Chegaram ao largo onde se erguia o castello.

Um dos da comitiva adiantou-se, tocou uma corneta, e, tendo apparecido um servo do solar, pediu pousada.

— Para quem? perguntou o servo.

D. Diniz, que ouviu a pergunta, adiantou-se e respondeu:

— Para um fidalgo de Santarem, que se extraviou no caminho, vindo da caça.

— Escusae, senhor, esta pergunta, ajuntou o servo, mas receamos muito os salteadores que andam por essas estradas e de que já por mais de uma vez temos sido victimas...

— Os salteadores não pedem pousada nos castellos, assaltam-n'os! atalhou D. Diniz, levantando a voz n'um tom que não admittia réplica.

E, fazendo para o servo um gesto intimativo, ordenou-lhe:

— Ide presto prevenir vossa ama de que lhe demandamos pousada... Não vês como vimos molhados e cheios de frio?...

O servo obedeceu.

— Não vos admireis d'estas demoras, senhor, disse Estevam da Guarda para incutir alguma resignação no espirito já impaciente do rei. Lembrae-vos que este é o tal castello do diabo...

— Seja do diabo ou de quem fôr, eu já d'aqui não arredo emquanto nos não derem abrigo...

Ao concluir estas palavras, appareceu o servo, acompanhado de mais outros dois, e convidou D. Diniz e os seus homens a entrarem. Entretanto, á medida que penetraram no pateo, os tres servos iam-lhes approximando umas lanternas dos rostos, a ver se poderiam divisar-lhes nas physionomias algumas malevolas intenções.

Quando se achavam no castello, o servo disse para D. Diniz:

— Vossos homens, senhor, podem ficar aqui n'este pavimento; agora vós, se quereis subir á sala, a minha senhora vos receberá...

— Irei, respondeu D. Diniz. Indica-me o caminho...

Poucos instantes depois, D. Diniz era introduzido n'um salão, mobilado com sumptuosidade, e onde uma dama lia n'um livro de illuminuras, á luz de dois tocheiros.

Ao sentir passos, ergueu o rosto do livro.

D. Diniz achava se em frente da castellã, de D. Auzenda Vasques.

D. Auzenda era uma mulher de rara formosura, d'uma d'essas formosuras que impõem logo admiração e espanto.

A brancura do seu rosto, o esmalte de seus bellos dentes de marfim, o azul de seus olhos contemplativos, e os fios de oiro de seus cabellos, que lhe cahiam pelas costas, produziam um conjunto que attrahia e seduzia.

O rei recebeu uma grande impressão e esteve durante certo tempo contemplando a belleza d'essa mulher, sem articular palavra

Foi D. Auzenda que rompeu o silencio, dizendo-lhe:

— Sentae-vos, senhor... Escusae as hesitações de meu servo ante. o vosso pedido de pousada... Mas elle não fez mais do que cumprir minhas ordens... E' este um castello distante dos sitios povoados e habitado por uma pobre e desprotegida mulher; vós bem sabeis que por estes caminhos abundam os ladrões e os salteadores... Por isso não leveis a mal os meus receios e as precauções que procuro tomar para evitar ser victima de algum roubo...

— Não tendes nada de que vos escusar, senhora, respondeu D. Diniz. Tendes toda a razão em precaver-vos contra qualquer tentativa de malfeitores... Mas eu suppunha que as leis de repressão que o rei fez contra os ladrões e salteadores, que infestavam as estradas, teriam produzido melhor effeito.....

— Talvez que n'outros logares produzissem, senhor... Mas aqu

confesso-vos que não... Já por mais d'uma vez tenho sido victima d'elles...

— E não tendes servos para vos defenderem?

— Senhor, o numero de meus servos é muito limitado e portanto insufficiente para rechaçar um assalto á mão armada...

— Por Deus! exclamou D. Diniz... Mas isto não póde continuar assim... E' preciso augmentar o numero de vossos homens, armal-os bem, e dispol-os para poderem repellir os bandidos.. Ou então que o braço de algum fidalgo se offereça para vos defender... Sois nova e bella, senhora, e não vos faltarão almas dedicadas, que anceiam pôr-se ao vosso serviço.

— Enganae-vos, senhor, respondeu D. Auzenda, sorrindo com tristeza ao cumprimento, o que me faltam exactamente são defensores que queiram ou ousem arrostar com os perigos que ha em defender-me...

— De certo vos enganaes... Qual é o fidalgo ou o homem que recusará defender uma dama contra os bandidos?

— E' que se soubesseis a minha triste historia comprehenderieis como esse meu defensor, se alguem o quizesse ser, correria um perigo terrivel e ante o qual por certo haveria de recuar... Mas desculpae-me estar-vos a falar de mim e de meus sustos e não cuidar de vós e de vossa comitiva...

— Senhora, vossas palavras fizeram-me tal impressão que vos peço para satisfazerdes o meu desejo, narrando-me vossa historia, sem que penseis, por ora, em mim e nos meus homens...

— Não posso tal fazer, senhor... Vindes encharcado, vossos homens não hão de vir de certo em melhor estado... Deixae que vá dar as ordens para lhes serem preparados aposentos, se faça lume em que se possam aquecer, e se cozinhe a refeição que hão de tomar. Vós, se quereis, comereis n'esta sala...

— Agradeço vossos cuidados, mas prefiro que attendaes o meu pedido...

— Senhor, não o posso fazer .. De mais, não me conheceis, e eu, embora veja que sois um fidalgo, como vosso aspecto e vossas maneiras o indicam, nada sei a vosso respeito que me auctorise a poder-vos narrar a minha vida e minhas desditas... Deixae-me pois que vá cumprir meus deveres...

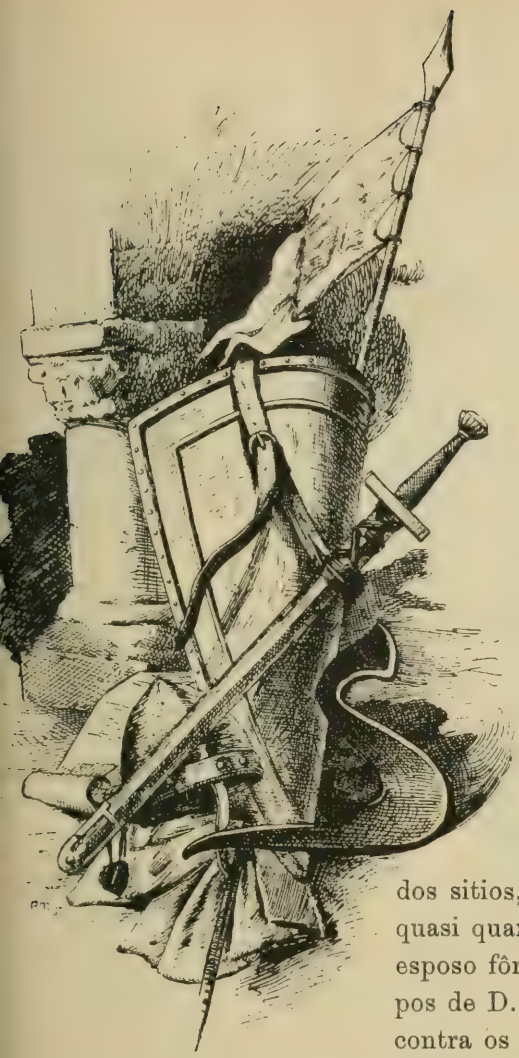
— Não vos desejo contrariar, senhora... Respeito pois vossos de-

sejos... Mas espero que, quando me conhecerdes melhor, e já não tiverdes motivo para hesitações, me contereis vossos desgostos.

— Talvez, condescendeu D. Auzenda, que se levantou para dar as ordens tendentes a albergar condignamente os seus hospedes...

D. Diniz seguiu-a com a vista, até que ella desappareceu, e ficou com a imgem d'essa seductora mulher gravada na mente.

A castellã voltou pouco depois e não tardou muito que dois servos preparassem a meza, onde foi servida a ceia. O rei durante a refeição continuou a insistir com D. Auzenda para que lhe contasse suas desditas, e procurava convencel-a com palavras tão enternecidas e de tanta amorosidade, que a formosa mulher, vendo que tinha ante si um adorador e um homem que poderia defendel-a, accedeu e narrou os acontecimentos da sua triste vida.



CAPITULO IV

Tribulações de uma mulher

ABEI, senhor, começou D. Auzenda Vasques, que fui nascida e creada nos arrebaldes de Coimbra, onde meus paes possuiam um castello, á beira do Mondego. Quando tinha vinte annos casaram-me com um rico fidalgo dos sitios, D. Rodrigo Vasques, que tinha quasi quarenta annos mais do que eu. Meu esposo fôra um valente guerreiro, em tempos de D. Affonso III, com quem batalhou contra os mouros na conquista do Algarve. A sua indole era irrascivel e propria de um homem educado para mandar e ser obedecido. A vida pacifica em suas terras, junto da esposa, pesava-lhe e tornava-lhe ainda mais sombrio o caracter. As minhas distracções eram nenhumas. Entretinha-me apenas lendo rimances e livros de trovas, o que exasperava muito meu marido, o qual não sabia ler, como todos os guerreiros bem educados...

—Exageraes, senhora, observou D. Diniz, sorrindo .. Eu tambem tenho entrado em guerras e, não só sei ler, mas tambem componho trovas...

—Sois uma excepção, senhor... Mas deixae me proseguir... As vezes demandavam nosso castello alguns jograes ou menestreis

e em paga da pousada que meu marido, conformando-se com os costumes, não lhes ousava negar, me entretinham com suas composições. Um dia, um houve mais ousado que, tendo permanecido duas semanas no castello, se apaixonou por mim e me declarou seu amor. Repelliu-o. Elle insistiu; eu porém continuei mantendo a minha fidelidade de esposa. Uma noite, esse menestrel amoroso subiu por uma escada de corda á janella dos meus aposentos, entrou ahi, e lançou-se a meus pés. Suppliquei-lhe que me deixasse, que fugisse, porque, não só o não podia amar, mas que, esposa de um marido zeloso como o meu era, ficaria eternamente deshonrada, se acaso o vissem em meus aposentos. A custo o convenci para que se retirasse. Emfim tornou a descer a escada de corda e tinha pousado já os pés no pateo do castello, quando se sentiu agarrado e, ao voltar se, deu de cara com meu marido.

— Miseravel, disse-lhe D. Rodrigo, vaes morrer como um perro que és! e a adultera tua cumplice terá uma sorte ainda peior do que a tua!

O menestrel desembainhou tambem a espada e respondeu-lhe:

— Vossa esposa está pura como a neve. Vedes-me sahir de seus aposentos, porque fui repellido por ella... A morte pouco me importará, pois que minha vida sem o seu amor é um martyrio insupportavel... Mas já que ousaes ameaçal-a, a ella, á dama de meus sonhos e de meus pensamentos, defendei bem vossa vida, porque se vol-a pudér tirar terei feito uma boa acção...

— Infame! exclamou D. Rodrigo. Ousas proferir taes desmandos depois do teu crime...

Eu que tinha assistido, escondida junto a uma porta, a toda esta scena, e que fiquei com ella gravada na memoria para nunca mais se me apagar, entendi que devia apparecer e evitar um encontro sangrento.

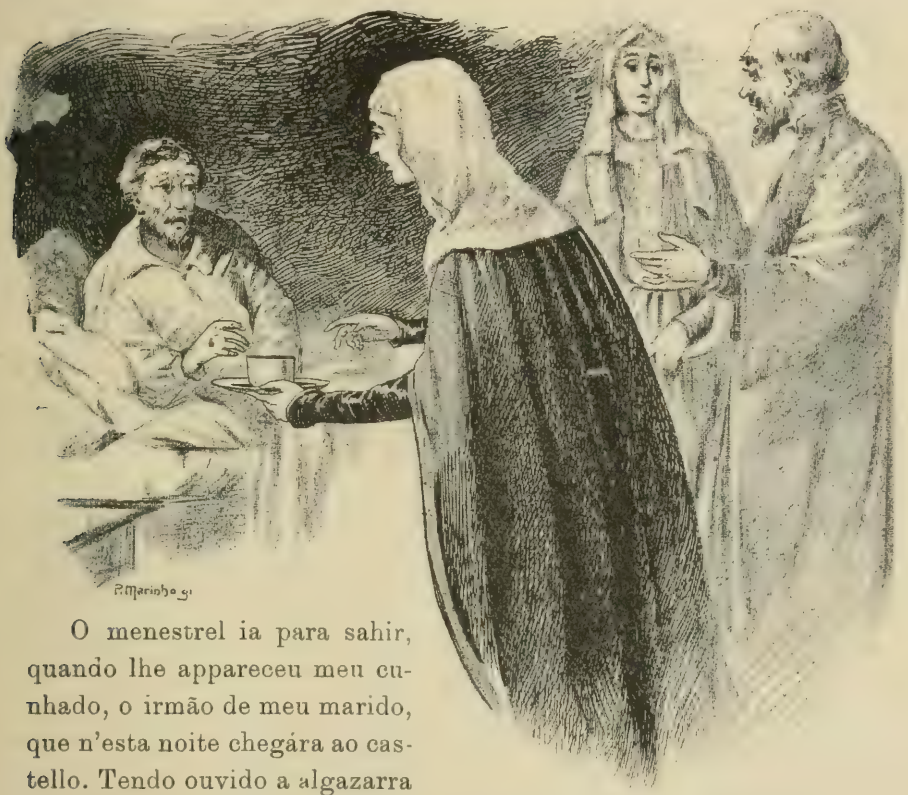
A minha presença não fez mais do que atear a sanha dos contendores. Por mais que eu protestasse a minha innocencia, meu marido não me acreditava. A confirmação d'esta innocencia pelo menestrel, considerava-a D. Rodrigo como uma zombaria.

Finalmente, os dois, espumando raiva e proferindo improperios e injurias, cruzaram as espadas. Foi para mim um terrivel momento aquelle. Mas pouco durou a minha anciedade. Em breves instantes, D. Rodrigo cahia no chão atravessado pelo ferro do menestrel.

— Agora, senhora, se quereis salvar vossa vida, só tendes que fugir... Vinde, disse-me o menestrel tomando-me pelo braço...

— Senhor, não... O meu logar é junto de meu esposo...

E dizendo isto corri para junto de meu marido, que ainda respirava.



E a rainha, approximando-se dos leitos... (pag. 129)

O menestrel ia para sahir, quando lhe appareceu meu cunhado, o irmão de meu marido, que n'esta noite chegára ao castello. Tendo ouvido a algazarra e o tinir das espadas, vinha indagar o que acontecera. Ao ver o homem que fugia, agarrou-o. Este quiz ainda puxar pela espada, mas meu cunhado, pegou com rapidez em um punhal e cravou-lh'o no peito. O menestrel cahiu. Mas não morreu logo. Mais tarde os servos que vieram para transportar meu marido para o seu leito, acabaram-n'o e lançaram seu cadaver ao rio.

Meu esposo ainda sobreviveu alguns dias aos ferimentos. Durante este tempo por mais esforços que eu fizesse para entrar em seu quarto, não consegui meus intentos, pois encontrava sempre a figura severa e carregada de meu cunhado, prohibindo-me a entrada.

D. Rodrigo morreu; e soube então depois que elle expirára sem querer ver-me, sem acreditar na minha innocencia e amaldiçoando-me. Pediu ao irmão que lhe jurasse que nunca mais me daria a liberdade e me conservaria sempre sequestrada n'um castello para expiar o delicto. O irmão jurou, e ha seis annos que estes factos se passaram sem que o meu algoz pense sequer em abrandar o seu castigo.

Metteu-me n'este castello, unico bem que herdei de meus parentes e que me não poude ser tirado, e aqui vivo sem que me deixem sahir, soffrendo as suas ameaças e o seu odio. Meu cunhado, que é um homem dado á tavolagem e a mulheres, gastou o que herdou dos paes e de seu irmão, e meu marido, e falto de todos os recursos, fez-se chefe de um bando de salteadores e assim vive de rapinas e assaltos, Tinha n'um esconderijo n'este castello joias e pedras preciosas, recebidas de meu pae, que as alcançou nos despojos das luctas com os sarracenos do Algarve. Essas joias constituem uma pequena fortuna com que posso pagar aos poucos criados que me servem e que se me conservam fieis. Ha tempos um houve d'estes que me trahiu e revelou a meu cunhado a existencia d'essas joias. Foi o bastante para que me intimasse a entregar-lh'as; como nada conseguiu, apezar das ameaças — e até das violencias — assaltou o castello com os seus homens. Amarraram-me, despojaram-me de quanto lhes pareceu e deixaram-me reduzida a uma maior miseria. Mas não conseguiram arrancar-me o segredo e nada levaram das joias. Os assaltos teem-se repetido Os salteadores veem mascarados, pois meu cunhado quer fingir que nada tem com elles e até, quando eu lhe contei os roubos de que fui victima, se fingiu vivamente indignado e prometteu defender-me. Irrisão, senhor! Sua defeza tem constado em continuar assaltando o castello. Um dia matar-me-hão, e oxalá que seja em breve! Estou farta de viver uma vida de torturas e de sobresaltos, senhor!

Por mais de uma vez tenho tentado revoltar-me contra um castigo tão injusto, quanto ignominioso. Exprobei a meu cunhado sua crueldade e avisei-o de que, farta de soffrer sem motivo, estava disposta a ir lançar-me aos pés da rainha ou do rei, que ora se acham em Santarem, e contar-lhe como me despojaram e como me tratam estando eu innocente.

Respondeu-me com uma gargalhada de escarneo. E acrescentou:

— Quereis-vos queixar ao rei... Ide... Não serei eu que vol-o

impeça... Mas só vos lembro que sou fidalgo de sua casa, e que D. Diniz tomará por força partido por mim, e, como é um monarcha justo mas severo, não fará mais do que agravar vosso castigo...

— Mentiu esse infame homem! exclamou o rei com uma inaudita violencia... Dizei-me seu nome, peço-vos, senhora...

— Martinho Vasques.

— Tal individuo não pertence á casa do rei... E que pertencesse!... Ouvi-me, senhora... Eu conheço D. Diniz como me conheço a mim mesmo... Habito em seu palacio e elle não tem para mim segredo algum... Pois posso-vos garantir que o homem que commetteu os crimes que Martinho Vasques praticou, nunca encontrará perdão no animo do rei, embora seja o seu servo mais dedicado e mais fiel, quanto mais sendo um salteador ignominioso e infame!

— Surprehendem-me vossas palavras! Sempre estive persuadida que Martinho Vasques era com effeito um fidalgo da casa do rei...

— Enganou-vos ainda uma vez, senhora... Tal não succede... Mas prosegui vossa historia... Estou curioso de saber seu fim...

— Pouco tenho já que vos contar... Assim teem decorrido seis annos de meu martyrio... Tenho tentado revoltar-me, mas percebendo que taes tentivas seriam vãs, aqui me vedes resignada... A alguns fidalgos que se albergam n'este castello, contei minhas desditas; mas elles, receiando o rancor e a colera de meu cunhado, lamentam minha sorte, mas nenhum ousou ainda defender-me...

— São uns covardes e uns villões! exclamou D. Diniz... Vosso martyrio vae ter um termo, senhora, se me permittirdes que tome vossa defeza... Eu nada tenho a receiar e nada receio... Nem o odio d'um Martinho Vasques, nem as ciladas dos bandidos seus companheiros... Eu vos affirmo que esse ruim fidalgo fica á minha conta... O rei pune os facinoras quer elles sejam nobres, quer plebeus... Não só pois me não ha de levar a mal que eu vos liberte de tão infame bandido; mas ha de por certo reconhecer o serviço de o ajudar a fazer justiça em seus reinos... Amanhã mesmo, logo que chegue a Santarem, vos enviarei homens sufficientes para defenderem o vosso solar... E depois eu mesmo virei se mo permittirdes, senhora, fazer-vos visita... Mesmo desejo tambem ver frente a frente Martinho Vasques, o infame que durante tanto tempo martyrisou uma dona tão bella e tão digna de ser tratada com todas as attenções como vós sois...

— Não me digaes galanteios, senhor, observou D. Auzenda enleada e baixando os olhos...

— Não vos digo galanteios, não, senhora; o que faço é exprimir-vos a impressão que logo que vos vi produziu em minha alma o vosso aspecto... E a mim mesmo pergunto como houve um miseravel sem coração, que não se sentisse dominado por vossa belleza, e pudesse durante tanto tempo abuzar da fraqueza e bondade de uma dona.

— Senhor, fico-vos deveras renhecida pelas palavras com que procuraes animar-me e pelo intento que manifestaes em defender-me... Vejo que sois um fidalgo poderoso e para quem os infortunios de uma fraca mulher não são indifferentes... Isto prova a generosidade de vosso animo... E se alguma coisa poderdes fazer para me livrar da triste situação em que me encontro, permitti-me que abençoe a hora em que abordastes a este castello... Mas não devo occultar-vos os perigos a que ides expor-vos... Martinho Vasques possue um bando numeroso de salteadores destemidos... Elle mesmo é homem capaz de todas as traições e armadilhas... Evitae, pois, senhor, o risco de expordes vossa vida e a de vossos servos...

— Não me aconselheis prudencia, senhora, que me offendeis, depois do que vos disse, respondeu D. Diniz.

— Não são conselhos de prudencia os que vos dou, senhor, disse D. Auzenda. Nem vós d'elles precisaes... São apenas avisos, para que me eviteis o remorso de ser causa de novas desgraças e até — Deus sabe! — de alguma nova morte...

— As leis da cavallaria mandam a todo o fidalgo e homem d'armas defender as damas contra os seus oppressores, mesmo em risco da propria vida... Que melhor morte deve desejar um fidalgo ou um cavalleiro do que a de morrer luctando pelo seu ideal!...

— Vossas palavras são bellas e generosas, senhor! .. E apezar de tudo não leveis a mal os meus receios e as minhas hesitações .. A desgraça tem-me ensinado a ser prudente e cautelosa!... E, embora os vossos intentos me commovam, ainda hesito com o receio de sacrificar-vos, a vós, ou a alguns de vossos homens... Sois fidalgo da casa do rei, dissestes-me... Elle é que poderia dispôr de homens sufficientes para a minha libertação e cujo numero fosse capaz de impôr respeito aos bandos de Martinho Vasques...

— Socegae quanto a isso, senhora, respondeu o rei, os homens que viérem serão em numero sufficiente para poder, não só rechaçar

as tentativas de Martinho Vasques, mas até para apoderar-se de sua pessoa e da sua quadrilha...

— Tal não podereis fazer, senhor, sem que se derrame sangue e muito sangue...

— Mas d'outro modo como quereis, senhora, livrar vos do vosso indigno oppressor! Que importa que haja sangue derramado se é em defeza de uma causa justa...

— Escusae, senhor, ainda mais uma vez meus sobresaltos... Mas é que eu conheço a indole de meu cunhado, e sei do que elle será capaz!... Vós, que privaes com o rei, é que poderieis contar-lhe minhas deegraças e implorar sua protecção para os meus infortunios... Só D. Diniz, querendo, poderia dispôr de gentes para apoderarem-se de Martinho Vasques e dos seus homens... Se vós fizesseis tal e se o rei attendesse o meu pedido, como eu ficaria descançada e como vos agradeceria!

— Senhora, respondeu o rei sorrindo, eu tinha motivos para me escandalisar pela muita confiança que pondes no rei e em sua gente e na nenhuma que pareceis depositar em mim e em meus homens,..

— Tal não digaes, senhor, que sois injusto e pareceis não me querer perceber, atalhou D. Auzenda, protestando.

— Mas não vos quero contrariar, senhora, e estou resolvido a seguir a vossa indicação... Falarei ámanhã mesmo ao rei e desde já vos posso affirmar que elle fará tudo quanto eu desejo... Estaes agora descançada?

— Senhor, sim, respondeu D. Auzenda devéras enternecida com tanta generosidade e entendendo não dever fazer novas objecções. E muito agradecida vos fico, senhor, por tudo quanto ides fazer por mim...

— Nenhuns agradecimentos me deveis, respondeu D. Diniz erguendo-se. Agora, senhora, permitti que recolha a meu aposento, pois quero levantar-me alva, afim de chegar cedo a Santarem, falar com o rei, e enviar os homens para vos defender... Deus vos dê uma boa noite, disse elle beijando gentilmente a mão da castellã.

— Deus vol-a dê tambem, respondeu ella.

D. Diniz recolheu ao seu quarto.

D. Auzenda, essa, tornou a sentar-se, e ficou durante muito tempo a pensar n'esse fidalgo de tão boas palavras e mostrando ter um tão grande poder.

Cumpriria elle as suas promessas? Libertal-a-ia?

CAPITULO V

Os bastardos de D. Diniz

O rei não era só amoroso como um pagão, era tambem prolifico como um patriarcha dos tempos biblicos. Cada uma das suas aventuras sentimentaes parece que ficava assignalada pelo nascimento de um filho, o que lhe prodigalisou uma vasta descendencia bastarda.

D. Diniz, voluvel e gandaieiro, esquecia facilmente as amantes ao cabo de algum tempo da conquista; mas ia guardando os filhos e cuidando d'elles com evidente afecto. Fazia mercês ás amas que os criavam e aos aios que os serviam. Mandava que lh'os trouxessem amiudadamente á sua presença e desvanecia-se quando os via fortes, desenvolvidos e bellos. Era marido pouco fiel e amante muito incerto; mas era sem duvida um pae extremoso.

Chegados a certa idade fazia-os vir para o paço e guiava com disvellado interesse a sua educação. De um d'elles, D. Pedro, que era filho de D. Gracia Froes, da Ribeira de Santarem, fez um dos mais cultos espiritos do seu tempo, e deu-lhe o cargo de alferes-mór do reino e o condado de Barcellos. Era um gentil e desempenado moço, o conde D. Pedro, de estatura quasi agigantada.[1] Foi trovador e

---

(1) «Morreu o Conde em 1354 e foi sepultado no mosteiro de S. João de Tarouca, em sumptuoso tumulo, que ainda hoje existe encimado pela sua estatua

genealogista: deixou um livro de cantigas, que está publicado, e compilou uma parte do *Nobiliario* que durante muito tempo lhe foi attribuido. Andou perdido de amores pela sobrinha, a infanta D. Maria, filha de Affonso IV, e depois rainha de Castella e Leão, a quem fazia cantigas que recitava, acompanhadas á guitarra, nos serões do paço de Coimbra e das alcaçovas de Santarem e de Lisboa. Os cabellos ruivos do tio bem mais velho, não dispertavam, porém, grande sympathia á infanta, e as apaixonadas deprecações em verso não tiveram tambem o poder de a commover. Até, pelo contrario, como o proprio amante desdenhado confessa:

> ... dês que soube esta dona per mi
> Ca lhe queria ben da sempre dês y
> Me quiz gran mal, mayor non poderia.

O poeta consolou-se, porém, philosoficamente e por fórma tão completa e satisfatoria que depois de ter enviuvado duas vezes, sendo a segunda da aragoneza D. Maria Ximenez Cornel, a donzella da rainha já nossa conhecida, ainda teve coragem para casar terceira, com D. Tareja Annes, de Toledo, dama da rainha rabuda.

Outro dos filhos bastardos, que mereceu a D. Diniz muito particular carinho, foi Affonso Sanches, por causa de quem teve de sustentar lucta com o filho legitimo, como ao diante contaremos.

Quando vieram para o paço os bastardos, Izabel de Aragão recebeu-os com caridosa complacencia, e tratou-os com disvellada solicitude, quasi de mãe. As infidelidades do esposo, que amava, doiam-lhe: mas perdoava-lhas com generosidade, e na sua grandeza de alma pensava que lhe cumpria compensar pelo seu afecto áquellas crianças a quem não cabia responsabilidade nos desvarios a que deviam o nascimento. Não faltaram sugestões a querer transvial-a de tão nobre intenção e acender-lhe no animo piedoso rancores injustos contra os

jacente. Em 1634, tendo os frades de S. João de Tarouca, que mudar o tumulo do Conde da parte direita do cruzeiro para a nave direita da egreja, abriram-no e acharam o esqueleto inteiro, medindo de comprimento onze palmos e meio, correspondendo proporcionada largura de hombros a tamanha altura. Ao lado direito da cabeça tinha ainda uma parte do barrete de setim amarello, forrado de tafetá da mesma côr, tudo em muito bom estado, e o cabello crescido em grandes melenas e mui ruivo. Calçava esporas doiradas e tinha inteiras as solas do calçado de ponta aguda como era moda no seu tempo.»

innocentes intrusos. Mas, a rainha resistira sempre, mantendo-se firme na resolução que tomára, e parecendo até que com o tempo lhe ia crescendo o afecto pelos que tomára tão dedicadamente sob a sua protecção. O rei agradecia-lhe commovidamente, e promettia então emendar-se. Mas, infelizmente, possuia o coração demasiado fragil. Apesar da sincera boa vontade que por vezes o animava, não estava na sua mão resistir ás tentações, e raro acontecia não ter a rainha que acolher, mezes depois, um novo bastardo.

Frei Pedro de Serra não deixava de se aproveitar das repetidas leviandades de D. Diniz para tentar irritar contra o voluvel monarcha o animo da esposa.

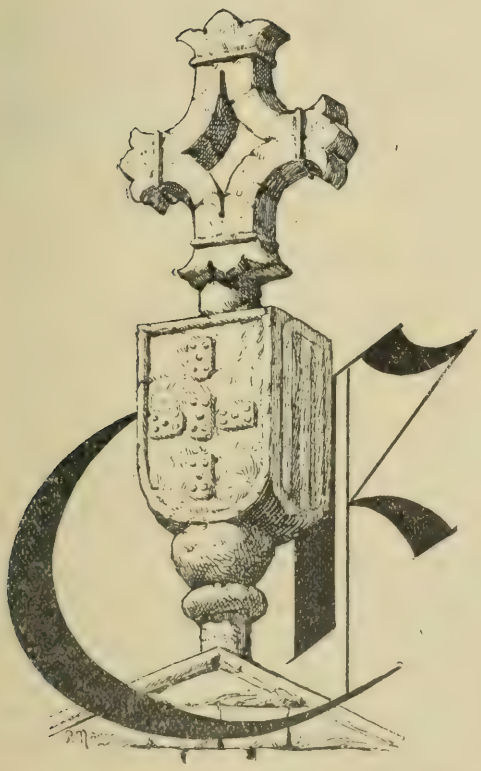
— Não vêdes, senhora — dizia-lhe o mercenario, — que dentro de pouco já não caberão na Alcaçova os bastardos ?! Nem chegarão as rendas do rei para lhes dar criação ! Além de que não deveis consentir, senhora, em que os filhos das mancebas d'el-rei afrontem assim com a sua presença os vossos direitos de esposa legitima e a vossa dignidade de rainha.

D. Izabel ouvia todas estas rasões do frade aragonez, mas, sem lhe responder, não alterava a sua resolução. O mercenario procurava então convencel-a com outra ordem de argumentos.

— Devo ainda dizer-vos, senhora, que a vossa longanimidade se torna um incentivo para el-rei proseguir na sua vida desregrada. Bem precisaes pensar n'isso tambem.

— N'esse ponto vos illudis bastante, frei Pedro, replicava porém a rainha. Eu conheço bem o senhor D. Diniz. Se a minha submissão o não convencer e captar, como espero, não ha de ser oppondo-me á sua vontade que conseguirei nada. Podeis bem ter d'isto a certeza.

O frade resmungava e não se convencia ; mas Izabel de Aragão não abandonava a sua missão piedosa, no cumprimento da qual achava uma nobre e desinteressada alegria e satisfação. E era tanta a sinceridade com que estimava os bastardos, que D. Diniz, quando fez o seu testamento, a nomeou tutora d'elles, para lhes administrar os bens ou tirar-lhes as heranças se prestassem desserviços ao filho ou a ella.



CAPITULO VI

Uma cura milagrosa

EXERCIA então as funcções de alcaide-mór de Santarem, Soeiro Mendes Petite, da velha familia dos Silvas. Era um antigo e nobre fidalgo, de muita honra e sangue, que vingava quinhentos soldos, conforme usualmente se dizia. O seu governo fôra sempre austero, mas liberal e paternal. O alcaide nunca deixava de fazer justiça com severidade, mas não deixava tambem de acudir a qualquer afflicção ou amargura que chegasse ao seu conhecimento, comprazendo-se em praticar o bem todas as vezes que para isso tinha ensejo. Por esse motivo era geralmente estimado, e era a elle que se recorria sempre, com intima confiança quando era preciso minorar uma desgraça ou remediar qualquer catastrophe.

Havia então em Santarem uma pobre mulher, uma velha mendiga sem eira nem beira, e que, apesar da sua enorme desgraça, em vez de commover os corações e dispol-os á piedade, se tornara pelo contrario um objecto de horror para todos por causa das chagas e pustulas que lhe corroiam e deformavam as carnes. O seu aspecto nau-

seabundo causava realmente repugnancia, e a miseravel arrostava uma vida de fome e de abandono, expulsa de toda a parte, repellida de todos, perseguida pelas vaias, e bastas vezes pelas pedradas tambem, do rapazio.

— Leprosa! Lazara! gritavam os garotos, ameaçando-a, mas sem que se atrevessem a approximar-se.

Á volta da desgraçada formara-se afinal uma lenda. Muitas pessoas da villa ainda a haviam conhecido nova, bonita e feliz. Tinha sido casada, e fôra amada; no seu lar haviam brilhado como alvoradas duas creanças gentis. E como o pae mourejava honestamente de sol a sol, havia sempre abundancia e alegria na sua casa, radiosa de alegria e illuminada pelo affecto. Mas, um dia chegara a doença, e após a morte. Levaram-lhe em menos que dois mezes marido e filhas. Quando sahiu a porta o ultimo dos tres cadaveres, correu-lhe uma nevoa a vista, e por sua vez a doença atacou-a a ella, pobre viuva e mãe desolada. Penou longo tempo no catre solitario, ao abandono, breve esquecida de todos desde que a casa da felicidade se tornara a morada da desventura. Não teve um medico para a curar; nenhuma alma caridosa se lembrou de lhe levar pão. Mas, apezar d'isso, viveu e ergueu-se do leito quando a expulsaram de lá deshumanamente. Então, depois de tanto chorar, revoltou-se e descreu. E que outra cousa podia aconselhar-lhe o seu instincto primitivo?! Porventura podem comprehender Deus, essas almas singelas e ignorantes, se elle se lhes affigurar despido dos attributos da immanente justiça? Em seguida, principía a lenda. Desesperada, fez pacto com o diabo. Deu-lhe a alma. E começaram a chamar-lhe feiticeira, a ella, que fôra formosa, agora quando a dôr e as privações lhe haviam esmaecido as rosas da face, apagado o fulgor do olhar, embranquecido os cabellos, corcovado o busto! Depois, a pelle começára a gretar-se-lhe: chegára o mal terrivel. O Senhor parecia querer experimental-a como a Job, mas ella não conhecia esse exemplo da resignação christã. Escorraçada de toda a parte, não encontrando piedade em nenhum coração, passou a viver como uma besta fera, dormindo ao frio e á chuva e passando dias sem comer. E a lenda continuou a sua evolução: a feiticeira roubava os maridos ás esposas e os filhos ás mães, para tomar banhos de sangue humano, afim de curar a sua lepra.

O alcaide Soeiro, que encontrara um dia a infeliz, e que se recordara talvez de a ter amado quando fôra nova e gentil, commo-

veu-se com o espectaculo de tanta desdita. Era bondoso, como dissémos, e, apesar de todos os prejuizos da epocha, suficientemente intelligente para não acreditar nos exageros da lenda Como a côrte estivesse então em Santarem, lembrou-se de fazer examinar a lazara pelo afamado physico d'el-rei, que talvez lhe désse cura. O alcaide de Santarem era estimado por D. Diniz, e portanto bem recebido de todos os seus familiares. Mestre Pedro Nogueira prestou-se, por isso, a vir ver a mendiga a um pateo da Alcaçova. Mas, após a primeira inspecção visual respondeu ao alcaide, esboçando um gesto de impotencia:

— E' uma morphetica!... O que quereis que lhe faça?

Frei Pedro de Serra, que entrava na occasião, tinha-se acercado, e depois de ouvir a sentença do medico, contemplara a mendiga.

... e lhe pousasse na fronte um d'esses beijos ardentes e apaixonados (pag. 136)

— Visto que nada podeis fazer pela vossa arte, mestre Pedro,— disse então o mercenario — deixai-me levar esta pobre mulher á presença de sua real mercê a senhora rainha D. Izabel.

— E para quê, se vos apraz? perguntou o physico.

— Porventura para a curar...

E, diante de um gesto de incredulidade de mestre Pedro Nogueira, acrescentou:

— Bem nova era ainda sua real mercê, quando appareceu, em Aragão, uma infeliz em iguaes condições, e como a caridosa menina a visse, e se condoesse do seu lastimoso estado, quiz por suas proprias mãos laval-a e limpal-a, o que fez, apesar da opposição de seus paes e de todos... E a leprosa sarou, o que foi considerado milagre.

Depois, voltando-se para a mendiga, disse-lhe:

— Vinde amanhã por esta mesma hora á Alcaçova, para eu vos levar á nossa boa rainha, que estou certo vos ha de curar.

*

* *

No dia seguinte a morphetica apresentou-se effectivamente na Alcaçova, e o mercenario conduziu-a a um estreito cubiculo onde estava preparado um banho.

Frei Pedro de Serra prevenira já no dia antecedente a rainha, e como D. Izabel se admirasse naturalmente da promessa feita pelo frade em seu nome, elle explicara-lhe:

— Senhora, ides ver já que não prometti cousa que não possaes cumprir, por extraordinario que hade parecer a todos. Eu conheço o segredo de um cosimento de hervas, que é remedio certo e infallivel contra a morphéa... Ensinou-m'o um velho phisico de Aragão, que parece o tinha aprendido dos judeus, entre os quaes o terrivel mal é vulgar, e já o tenho experimentado com lisongeiro resultado. Já mandei procurar as hervas que me são precisas; ámanhã prepararei o primeiro banho, e podeis ter a certeza de que dentro de alguns dias curareis a mendiga.

A rainha quando viu a leprosa não poude conter um instinctivo movimento de nojo e repugnancia. Conseguiu, porém, vencer o horror que lhe causava o aspecto da infeliz, e aproximando-se d'ella, disse-lhe:

— Espero que, com a ajuda de Deus Nosso Senhor, haveis de melhorar. Ides agora tomar este banho, que hade principiar a fazer-vos bem. Tende fé.

E D. Izabel, com uma coragem que revelava a sua abnegação e caridade, começou a ajudar a morphetica a despir se, e depois ajudou-a a lavar-se com as suas proprias mãos.

O contacto da agua bastou logo para produzir á doente uma impressão de alivio e de bem estar, que de ha muito lhe era desconhecido. A rainha fel-a demorar bastante tempo dentro do banho, e depois, envolveu-a n'uma toalha limpa e fresca, e levou-a para uma camara, onde lhe ordenou que repousasse.

Mestre Pedro Nogueira observara a D. Izabel:

— Senhora, tende cuidado, que a morphêa pega-se!... Muito provavel é que se sua real mercê o sr. D. Diniz aqui estivesse, vos prohibisse de realizar taes lavagens, que podem ter para vós consequencias funestas...

— Mas, respondera a rainha, frei Pedro afiançou-me que eu não corria qualquer risco...

— Senhora, bem está... O meu dever era prevenir-vos...

Durante mais alguns dias a mendiga continuou os banhos, e foi sarando gradualmente. Os tecidos esphacelados pela dermatose iam-se recompondo; a pelle gretada era substituida por outra nova e rosada.

O milagre cumprira-se. O velho phisico d'el-rei conservou-se sceptico, é certo, e, quando lhe falavam a respeito da cura milagrosa da morphetica, respondia convictamente:

— O que eu creio é que o mercenario conhece o segredo de algum cosimento com que fabricou os banhos, e que pratica uma verdadeira deshumanidade, guardando-o. El-rei D. Diniz devia forçal-o a revelar esse segredo, por meio de tortura até, se fosse mistér.

Mas, a lenda, essa entretecia se facilmente, e ia fazendo o seu caminho...

CAPITULO VII

Uma prevenção

Auzenda Vasques, depois de ter durante alguns momentos reflectido na sua situação e nas novas surprezas que o destino lhe preparava, levantou-se e recolheu aos seus aposentos.

Apenas a pobre castellã se tinha retirado da sala, que a uma das portas d'esta appareceu, sahindo de um reposteiro junto do qual se achava escondido, um homem que com um gesto de ameaça proferiu estas palavras:

— Eu já vos vou ensinar dama dengosa e presumida! Breve sabereis como meu amo Martinho Vasques vos tratará e mais o fidalgo atrevido que crê poder tomar vossa defeza!

E, dizendo isto, tomou cautelosamente pelo corredor do castello, desceu a escada, e chegando ao pateo, poude então apressar o passo na direcção que desejava.

D. Auzenda contára a D. Diniz como em tempo fora trahida por um servo. Mal sabia a infeliz senhora que um outro servo seu, um em quem ella tanto confiava, lhe espiava todos os movimentos, escutava todas as palavras, para de tudo informar Martinho Vasques!

Chamava-se o traidor Garcia Mesquita.

Ao ver que D. Auzenda convidára o fidalgo de Santarem para ir á sala, fez logo tenção de ouvir tudo quanto dissessem. E, encuberto com o reposteiro, escutou tudo e percebeu o perigo que corria Martinho Vasques se não fosse avisado a tempo.

E' por isto que elle corre pelos pinhaes por essa noite escura e tempestuosa até que chega junto de uma casa, em cujas portas se divisam luzes. Elle conhecia este logar de tavolagem e sabia que Martinho Vasques todas as noites o frequentava.

Entrou e dirigiu-se logo a um aposento onde um bando de homens jogavam os dados e bebiam vinho.

Tocou no hombro de um d'elles que, embora entretido pelo jogo, logo se voltou e disse:

— Ah! és tu, Garcia? O que ha? Temos alguma novidade?

— Senhor, sim... E novidade muito séria, e tanto que entendi dever vir agora mesmo avisar-vos...

— Conta então o que acontece, disse o homem levantando-se e dirigindo-se com Garcia para uma outra casa, onde havia mezas, a uma das quaes abancaram.

O interlocutor de Garcia Mesquita era Martinho Vasques.

Em seu rosto havia todos os signaes de um homem envelhecido precocemente. Os prazeres desregrados tinham-lhe vincado a fronte, branqueado a barba, que trazia abundante, aberto fundas olheiras em seus olhos pretos, mas cujo brilho não tinham amortecido. Era de elevada estatura.

— Antes de começares o que tens a dizer-me, mata a sede com um pouco d'este vinho santareno que te dará alento, disse Martinho Vasques para o servo.

E ao dizer isto encheu uma malga de vinho, que Garcia Mesquita bebeu de um trago.

Depois de sentir o interior regalado, o servo contou o succedido.

— Senhor, hoje ao anoitecer demandou pousada no castello um fidalgo de Santarem. D. Auzenda não só lh'a não negou, mas até o convidou para a sua sala e quando elle ahi veio começaram de travar conversa e em taes palavras que ella acabou por lhe contar sua vida e pedir-lhe protecção contra vós. O fidalgo, que disse ser um homem da casa do rei, não só lh'a prometteu toda, mas até lhe afiançou que contaria tudo a el-rei para que este mandasse uma escolta de homens a protegel-a.

— Por Santiago! exclamou Martinho Vasques... Fizestes bem em prevenir-me, que eu hoje mesmo vou dar uma lição a esse fidalgote que vem metter-se na vida alheia, e hei fazer arrepender minha cunhada do seu ousado procedimento!

— Bem está, senhor, disse Garcia... Mas attendei a que o fidalgo trouxe uma escolta de homens ..

— Não faz mal, respondeu Martinho Vasques fanfarronamente... Elle e os seus homens hão de ser ensinados pelos meus... Tu podes retirar-te... Segue depressa para o castello... Não quero que deem por tua falta e que algum dos outros servos desconfie... E d'aqui a pouco lá me terão... Ah! senhora minha cunhada! quereis a protecção d'um aventureiro de passagem contra o vosso parente? quereis que o rei defenda vosso castello contra as minhas investidas! Pois eu vos punirei de semelhante ousadia e vos forçarei a confessar-me o esconderijo de vosso thesouro!

Martinho Vasques acompanhou estes dizeres de gargalhadas sinistras.

Dirigiu-se depois á sala onde os outros homens se achavam e disse-lhes com voz forte:

— Por hoje está acabado o jogo... Amigos, tendes que me seguir ao castello de Auzenda Vasques... Preparae as vossas armas e as vossas mascaras, arranjae todos os homens que poderdes para vos acompanharem, mas isto presto, que havemos de lá estar antes que os sinos deem as onze horas.

Os companheiros levantaram-se e obedeceram ás ordens do chefe.

Algum tempo depois, um bando de uns vinte homens dirigia-se, atravez a escuridão d'aquella noite tempestuosa, em passo apressado para o solar da cunhada de Martinho Vasques.

CAPITULO VIII

A cilada

Já os relogios haviam dado as onze horas.

Auzenda Vasques, recolhida em sua camara, ajoelhara n'um genuflexorio e começava a sua oração, oração que sempre fazia antes de se recolher ao leito, quando distinguiu um rumor de vozes e um barulho de passos no pateo do castello. Dirigiu-se assustada para a fresta e espreitando viu, á luz dos archotes, um bando de homens mascarados, que tinham penetrado no pateo do seu solar.

A castellã correu pressurosa a accordar os servos e pediu a um d'elles que fosse prevenir os hospedes. D. Diniz, o supposto fidalgo de Santarem, ergueu-se logo e veiu á presença de D. Auzenda.

— Vosso servo preveniu-me de tudo, senhora, disse o rei. Mas ficae tranquilla... Tenho homens sufficientes para vos defender...

— Deus vos oiça, senhor! respondeu D. Auzenda.

Um servo veio avisal-a de que um individuo mascarado desejava falar-lhe.

— Eu o irei receber, senhora, se m'o permittis, objectou o rei.

— Não, senhor, por em quanto não... Deixae que eu saiba a que vem e o que pretende...

— A que vem e o que pretende! disse D. Diniz deveras admi-

rado, repetindo as palavras de D. Auzenda. Fazeis-me pasmar, senhora!... A que quereis que venha um scelerado seguido por seu bando, senão a despojar-vos de vossos bens e a fazer-vos offensa?!... E' vosso cunhado decerto?

— Oh! d'isso tenho a certeza!... Quem senão elle conhece estas paragens?...

— Tanto melhor, senhora, respondeu o rei, forte na sua resolução. Fiae-vos em mim...

— Seja, condescendeu D. Auzenda. Mas ao menos deixae que vos siga...

D. Diniz não se oppôz, e a castellã seguiu-o á sala d'armas do pavimento inferior, onde já se achava Martinho Vasques. Este, ao ver entrar a cunhada acompanhada por um desconhecido, dirigiu-se logo a ella e disse-lhe com vivacidade:

— Senhora, é a vós que eu preciso falar... Tenho coisas urgentes que vos dizer... E que só entre nós dois devem ser tratadas... Fazei, pois, sahir esse homem que vos acompanha...

— Ora até que emfim despis vossa mascara, nobre cavalleiro! disse D. Diniz adiantando-se para Martinnho Vasques. Sim, porque apezar de virdes mascarado, dirigis-vos a esta dama como se a conhecesseis de ha muito... Já que vos denunciastes pelo fidalgo villão, que com effeito sois, arrancae essa mascara inutil já, Martinho Vasques!

— E quem sois vós para me interrogardes? perguntou Martinho Vasques com um modo desabrido. Falei acaso comvosco?... Tratae de vossa vida e deixae-me praticar com esta dona, a quem tenho algo que dizer!... Bofé! que sois metediço, senhor cavalleiro!...

— Arrancae vossa mascara, mais uma vez vol-o digo! disse-lhe D. Diniz com voz energica. Não gosto de me dirigir a homens que encobrem o rosto com um pano preto...

— Mas a que titulo me falaes? perguntou colerico o mascarado. Quem sois vós aqui?... Bofé! que ousaes provocar-me e insultar-me sem que eu saiba se falo com um lacaio, que deva correr a pontapés, ou com um fidalgo com quem possa cruzar o ferro!

— Miseravel! exclamou D. Diniz com os olhos chamejantes e a boca espumando. Atreveis-vos a interrogar-me?... A mim!... Estou n'este castello como hospede, sou um estranho, é certo, mas sua dona pediu-me auxilio contra um bandido que a quer roubar e offender...

E hei de defendel-a com a ponta da minha espada e o meu braço de fidalgo... E contra vós, sim, pois sois vós o ladrão e o bandido que ella me denunciou!...

Quando D. Diniz acabava de proferir estes dizeres, ouviu-se na sala uma grande grita e rumor de passos. Assomou a uma porta Estevam da Guarda, que se dirigiu ao rei e lhe disse:

— Senhor, vossos homens acabam de pôr em debandada os salteadores, que queriam penetrar no castello... Vê-se bem que eram uns miseros poltrões, os taes mascarados... Bastou algumas settas e balas disparadas das béstas por vossos homens, que atiraram a terra poucos d'elles, para que todos os outros fugissem como um bando de perdizes surprehendidas pelos caçadores...

— Maldição! regougou Martinho Vasques ao ouvir esta narrativa, que tão pouco abonava a coragem de seus homens. Covardes! exclamou elle dirigindo-se para a porta, sem duvida ou para se escapar, ou com o intuito de suster na fuga aquelles que ali o tinham abandonado.

Estevam da Guarda, porém, impediu-lhe a passagem.

— Alto lá! nobre bandido, vossas contas devem ser ajustadas com tempo! observou o jogral em tom prasenteiro. Quereis que faça amarrar este homem, senhor? perguntou Estevam da Guarda dirigindo-se ao rei.

— Não... As contas que elle tem a ajustar são comigo, Estevam da Guarda... E a ninguem cedo o direito de punir este homem como elle merece...

— Que quereis fazer? perguntou o jogral devéras atonito.

— Já ides vêr...

E, tirando da espada, dirigiu-se ao bandido:

— Martinho Vasques, defendei vossa vida o melhor que poderdes... Ninguem vos livrará dos golpes da minha espada... Ides comparecer diante de Deus... Fazei pois o acto de contricção e pedi-lhe perdão de todos os crimes da vossa longa existencia...

— Á-la-fé! senhor fidalgote! exclamou Martinho Vasques, retomando novos alentos e desembainhando tambem a espada... Mandaes me muito cedo para o outro mundo... Pois tomae vós cuidado não vos faça comparecer eu ante Deus primeiro do que me quereis fazer a mim...

— E' o que vamos vêr...

Os dois iam cruzar os ferros.

D. Auzenda, vendo que a sua intervenção seria inutil, cahira de joelhos a um canto da sala, e rezava, pedindo á Providencia que decidisse a lucta a favor do generoso fidalgo, que por ella ia arriscar a vida.

Estevam da Guarda, esse é que entendeu não dever consentir n'esse estranho lance: o de um rei batendo-se com um scelerado!

— Senhor, disse elle approximando-se de D. Diniz, lembrae-vos quem sois e que não podeis arriscar vossa preciosa vida, quando basta uma palavra vossa para que esse miseravel caia a vossos pés e vos implore humildemente seu perdão... Se a não quereis dizer, dando-vos a conhecer, eu é que não devo observvr o mesmo silencio...

E voltando-se para Martinho Vasques, disse:

— Sabeis diante de quem vos achaes?...

— Cala-te, Estevam! mandou o rei com apressada energia... Cala-te, eu t'o ordeno!

E, approximando-se d'elle, em tom baixo, para que ninguem mais o ouvisse, disse-lhe:

— Has de obedecerme... Não percebes que, não tendo eu dito quem era quando me hospedei n'este solar e quando a bella D. Auzenda me contou suas maguas, agora no momento do perigo tambem me compete guardar o segredo?... Demais amo a linda castellã e quero que ella me ame, não como rei, mas julgando-me um fidalgo qualquer...

— Bem está, senhor... Oxalá não tenha que me arrepender de meu silencio!...

— Louco! exclamou o rei, sorrindo... Esqueces como eu manejo a espada?

Estevam da Guarda fez um gesto vago, como de quem só muito contrariado obedecia.

Martinho Vasques, esse, tinha assistido a todo este dialogo, de que não pudera ouvir nem perceber nada, com inequivocos signaes de impaciencia. Quem seria o homem com quem elle ia cruzar o ferro? E o que queriam significar aquellas palavras que o companheiro lhe tinha dirigido: «Sabeis diante de quem vos achaes?» Queria pois esclarecer essa especie de enigma e perguntou a Estevam da Guarda:

— Diante de quem é que eu então me acho?... Ieis a informar-

me quando o vosso amigo vos interrompeu, sem que eu percebesse o motivo... Trata-se por ventura de um tão grande fidalgo com o qual eu me não possa bater? perguntou Martinho Vasques em tom de escarneo.

— Pela gorja! exclamou D. Diniz, já impaciente. Vou-te fazer engulir tão insolentes dizeres... Defende-te bem!

E tal dizendo avançou para Martinho Vasques com a espada erguida.

Ambos cruzaram os ferros.

Estevam da Guarda seguia attento todas as peripecias d'essa lucta renhida.

O impeto do rei quebrou-se ante o jogo frio e decidido do bandido. Este logo de começo percebeu que o seu adversario manejava o ferro d'um modo superior e procurava por isso tocal-o na primeira occasião.

D. Diniz não descobria nenhum ponto vulneravel e Martinho Vasques teve durante uns instantes, que lhe estavam parecendo bem longos, de defender custosamente a vida.

O seu braço, braço de um homem muito mais idoso do que o do contendor, começou a fraquejar.

N'um impeto de desespero, jogou um violento bote ao peito do rei, que se defendeu e respondeu enterrando-lhe a espada em pleno coração.

Martinho Vasques tombou e rendeu a alma n'uma golphada de sangue.

— Bravo, meu senhor! exclamou Estevam da Guarda não podendo occultar o seu jubilo... Livrastes-me d'uma terrivel ancia... Esse homem por pouco vos não matou!

— Não exageres, respondeu o rei... Mas era com effeito um bom espadachim... Coitado! de nada lhe serviu essa habilidade.

D. Diniz dirigiu-se ao canto da sala, onde estava D. Auzenda e qual não foi a sua surpreza quando a encontrou sem sentidos. A pobre castellã, que ajoelhara para orar, não podendo suportar durante tanto tempo os transes e as angustias da lucta que se prolongava, cahira desmaiada e assim se conservava ainda, sem que Estevam da Guarda ou D. Diniz tivessem dado por tal.

Ambos levantaram aquelle lindo corpo. O rei, assustado, não sabendo se o incommodo de D. Auzenda seria de gravidade, exprobava o jogral por não lhe ter acudido.

—Mas tu não sentiste o baque do corpo d'esta dona, Estevam?

—Senhor, não... Podia lá sentir coisa alguma!... Toda a minha attenção estava concentrada em vós e no vosso adversario...

—Agora o que é preciso é acordal-a... Chama esses servos... Algum que parta depressa a buscar um physico...

—Senhor, escusae-me, mas talvez não seja necessario... O que esta dona teve foi um desmaio, devido ás grandes commoções por que passou, e não tardará muito em acordar...

—Deus te oiça! respondeu o rei.

D. Diniz e Estevam da Guarda sentaram a castellã n'uma cadeira.

D. Auzenda abriu os olhos e depois de os fixar ora no rei, ora no jogral, começou a ligar as idéas e foi com um jubilo espontaneo que exclamou:

—Ah! senhor, estaes vivo! vivo!

—Senhora, sim, respondeu D. Diniz... Esse miseravel não mais vos perseguirá!... Agora vós, senhora, ide descançar... As emoções d'esta noite devem ter-vos fatigado muito e deveis recolher a vosso aposento...

—Senhor, como vos fico agradecida! exclamou D. Auzenda... Devo-vos a liberdade e talvez a vida...

—Nada me deveis, senhora... O que vos peço é que sigaes meu conselho: recolhei-vos, que precisaes descanço...

—Senhor, sim... Mas vós tambem deveis fazer o mesmo...

—Fal-o-hei tambem, respondeu o rei beijando a mão da castellã e retirando-se com Estevam da Guarda.

D. Auzenda recolheu á sua camara. Do seu espirito não se apagava a imagem d'esse mysterioso, valente e leal fidalgo que a livrára do seu terrivel perseguidor. Um homem que ella horas antes não conhecia, cujo nome ainda ignorava, e a quem estivera para recusar a hospedagem no seu castello!

No dia seguinte D. Diniz mandou apromptar para a partida os seus homens e foi despedir-se de D. Auzenda.

A bella castellã, a quem a pallidez produzida pelas angustias por que passára na vespera, tornava ainda mais encantadora, recebeu-o com um sorriso delicioso.

—Tão cedo já me quereis deixar, senhor...

—Senhora, sim... Tenho que partir e venho a agradecer-vos a hospedagem e receber vossas ordens... Haveis porém de me permittir que volte breve a fazer-vos visita...

—Senhor, sim...

—E deixae-me tambem lembrar-vos o que hontem combinámos... Vosso cunhado morreu e alguns dos seus homens, mas muitos do seu bando fugiram, e podem voltar... Portanto será bom que eu vos envie homens para defenderem o castello, em caso de ataque... Creio que agora me dispensareis de falar ao rei sobre isso? perguntou D. Diniz com um ironico sorriso.

—Fazei o que entenderdes, senhor... Ah! ha uma coisa que vos desejava pedir...

—Mandae, senhora...

—Dizei-me o vosso nome... quero lembrar-me d'elle como o de o unico fidalgo que me protegeu e salvou e dizel-o em minhas orações, para que Deus vos dê todas as bençãos de que sois digno.

D. Diniz restou um momento enleado; depois, sorrindo, respondeu:

—Chamo-me Diniz Sanches...

—Nunca o esquecerei, senhor! Nunca esquecerei o que por mim fizestes e ainda quereis fazer...

—Lisongeaes-me, senhora... Até muito breve... Deus vos tenha em sua guarda...

—Deus vos acompanhe, senhor.

D. Diniz, tendo deixado o castello de D. Auzenda Vasques, dirigiu-se com a sua escolta em direcção a Santarem.

CAPITULO IX

A narrativa de frei Pedro

EITAS as rezas do costume, D. Izabel recolhera a um aposento do paço de Santarem com Estevainha Martins e um pagem para que este lhe lêsse a historia de Tristan e Iseult.

Começara o pagem a leitura do romance, quando á porta do aposento assomou frei Pedro de Serra com um dos homens d'armas do rei.

—Escusae-me, senhora, o interromper-vos, disse frei Pedro de Serra... Mas sou forçado a vir narrar-vos novas bem extraordinarias... Trago aqui Mendo Paes, homem d'armas de el-rei, que me contou o extranho caso, para que ante vós confirme meus dizeres e, sendo necessario, vos repita aquillo que me narrou...

—Falae, frei Pedro, mandou a rainha, impaciente por saber de que se tratava...

—Um caso muito sério, senhora minha, e tão grave que eu sentiria remorsos se vol-o não viesse logo narrar, embora me veja para isso forçado a ferir o vosso coração de esposa amantissima... Sabeis, senhora, que el-rei partiu hontem para uma caçada...

—Sim, bem sei... mas já voltou... já esta manhã estive com D. Diniz...

—Voltou, senhora, sim, mas podia não ter voltado... Correu

um risco de morte!... Mas deixae-me proseguir na minha narrativa.. Depois da caçada, foram surprehendidos pela noite e pela tempestade n'um sitio distante de Santarem; el-rei resolveu-se a pedir hospedagem na primeira casa que encontrassem... Foi assim que chegaram a um castello, de uma tal Auzenda Vasques, onde el rei vosso esposo se hospedou... Parece que a castellã é dama formosa e vós, senhora, bem sabeis, infelizmente, como D. Diniz não é homem para resistir aos encantos de uma dona seductora. Tal prestigio exerceu esta mulher no animo de el-rei, que este, como de noite uns bandidos assaltassem o castello para o roubarem, não só o mandou defender com os seus homens, no que faria bem mas tambem esquecendo-se de quem era, ou melhor não se querendo dar a conhecer, travou lucta espada a espada com o chefe d'esses bandidos, lucta em que esteve em riscos de morrer... Felizmente com a ajuda de Deus poude matar o seu adversario e ouvir da linda castellã todos os protestos da mais inolvidavel gratidão... O castello d'esta dona Auzenda vae agora ter uma guarda de homens d'el-rei, para a livrar do assalto de outros bandidos, e vós senhora, se não obraes com energia e não intimaes a el-rei mais prudencia e a que se não exponha a perigos que deve evitar, podeis perdel-o, e o reino ficar sem rei!

— Assombraes-me, frei Pedro! exclamou a rainha, ferida devéras em seu coração de esposa e mãe... D. Diniz praticou semelhante imprudencia?

— Sois generosa na palavra com que classificaes tal acto, senhora... Chamae-lhe loucura e direis a verdade, insinuou o venenoso frade.

— Loucura, sim! tendes razão! E commetter tal loucura só para agradar a uma mulher! a uma mulher, que só hontem viu pela primeira vez! E por causa d'ella esquecer que é rei, esposo e pae, e expôr sua preciosa vida!

Tal não poderei consentir, frei Pedro!... Procurarei D. Diniz e exprobar-lhe-hei seu procedimento e hei de exigir-lhe a promessa de que se emendará.

— Procedeis bem, se tal fizerdes, senhora, respondeu o monge...

— Eu vou falar a el-rei hoje mesmo... Dizei-me, frei Pedro, o homem que comvosco trazeis, que isso vos contou, assistiu a tudo o que acabaes de me narrar? perguntou a rainha.

—Senhora, sim, respondeu o frade.

E, dirigindo-se ao homem d'armas do rei, disse-lhe:

—Approximae vos, Mendo Paes, e contae á vossa rainha e senhora, tudo quanto a mim me contastes... Ella saberá reconhecer e premiar vosso zelo em seu serviço e em serviço d'el-rei tambem, pois que é preciso para o bem do senhor D. Diniz que a santa rainha evite que elle se exponha a novos riscos.

Mendo Paes chegou-se junto da rainha, a quem narrou todos os acontecimentos succedidos na vespera no castello de Auzenda Vasques. Uma parte d'esses successos não os presenceára, mas soubera os pelo jogral de el-rei, por Estevam da Guarda, que vivamente impressionado e cheio de indignação narrára todos os factos a alguns dos homens d'armas da escolta.

A rainha ouvia da boca de Mendo Paes todos os pormenores dos estranhos acontecimentos e quando o homem d'armas concluiu, disse-lhe:

—Agradeço-vos, Mendo Paes, terdes tido a lembrança de virdes contar-me esses successos... Eu galardoarei vossa fidelidade e dedicação... Agora podeis retirar-vos...

Quando o homem d'armas sahiu, D. Izabel dirigiu-se a frei Pedro:

—Aconselhae-me, frei Pedro... Aprovastes ha pouco a resolução que tomei de falar hoje mesmo a el-rei... Que mais devo fazer?

—Senhora, falae primeiro com vosso esposo... E pelo que elle vos disser podereis então regular vosso procedimento... Eu, por mim, se vós o consentisseis, é que tomaria desde já uma resolução...

—Dizei...

—Senhora, sabemos pelos dizeres de Estevam da Guarda que a tal dona castellã não sabe que foi a el-rei que hospedou em seu solar e julga que o homem, que por ella arriscou a vida, é um fidalgo qualquer de Santarem... Foi el-rei mesmo que manteve a castellã n'este embuste e prohibiu a Estevam da Guarda e aos da sua escolta que revelessem quem era... Se eu procurasse esta D. Auzenda em seu castello, e lhe narrasse que o homem que ella hontem hospedou e que a defendeu é o rei de Portugal?!

—Mas com que fim?... perguntou D. Izabel.

—Com o fim de a intimidar, de a assustar... A um fidalgo qualquer poderá ella amar e corresponder aos seus galanteios, ao rei de

Portugal talvez se não atreva, tanto mais se eu conseguir dizer-lhe palavras de razão e de convencimento.

— Sim, pode ser, frei Pedro... Sois eloquente, conheceis bem o coração humano e pode muito bem ser que consigaes vosso intento... Que Deus vos auxilie! Eu por mim, não só vos approvo, mas até vos peço que o realiseis...

— Vós mandaes, rainha e senhora... Oxalá que a minha ida a esse castello possa dar-vos a paz do espirito e a tranquillidade que precisaes para proseguirdes em vossas obras piedosas... Adeus, senhora, vou já partir, e de tudo o que acontecer vos virei dar contas.

— Ide com Deus, frei Pedro, disse D. Izabel, escondendo com as mãos o seu bello rosto, para não deixar ver as lagrimas que lhe deslisavam pelas faces.

O frade retirou-se.

O pagem perguntou á rainha com voz doce e enternecida:

— Senhora, quereis que prosiga a leitura?

A rainha pousou os olhos, ainda vermelhos do choro, no rosto d'aquelle bello adolescente e estremeceu. Sempre que o seu pagem lhe falava, D. Izabel sentia-se estremecer. Foi para fugir a esse occulto predominio, que não podia ou não queria explicar, que ella lhe respondeu um pouco bruscamente:

— Não, não tenho agora o socego de espirito preciso para escutar essa historia... Retirae-vos.

— Senhora, sim, respondeu o pagem, erguendo-se e lançando um olhar triste e pesaroso á rainha.

Esta, percebendo n'esse olhar que o tinha maguado, para attenuar o effeito de suas palavras, ajuntou:

— Terei muito gosto em ouvir a historia de Tristan e Iseult e tanto mais lida por vós, que lêdes tudo com tanto sentimento... Outra occasião será, bom pagem...

— Quando vós mandardes, senhora, respondeu o pagem, que ajoelhou, beijou a mão da rainha e retirou-se.

D. Izabel, para socegar a sua alma alanceada ou para afastar de seu espirito a imagem do bello adolescente, que acabava de sahir, ajoelhou n'um genuflexorio e rezou fervorosamente. Era a prece o seu refugio contra as paixões mundanas e contra a sua amargura de esposa nova, bella e abandonada.

CAPITULO X

O pedido da rainha

ZABEL, senhora minha, venho despedir-me de vós, disse D. Diniz, entrando no aposento onde a rainha estava rezando.

D. Izabel ergueu-se, e perguntou admirada:

— Tornaes a partir, senhor!

— Meu bem, sim... Parto para uma nova caçada .. E como póde ser que vá até longe e tenha de recolher-me no paço de Leiria ou de Thomar, venho despedir-me de vós e prevenir-vos...

E, attentando no rosto triste da rainha, onde ainda se viam os vestigios das lagrimas, o rei interrogou-a com interesse:

— Tivestes algum desgosto, senhora?... Ou foi a nova da minha partida que vos penalisou?

— Ouvi-me, senhor, já que me viestes aqui procurar, obrigando-me a falar-vos mais cedo do que tencionava...

— Ouvir-vos-hei, Izabel, e bem sabeis como vossas virtudes me impõem respeito e como procuro sempre cumprir vossos desejos...

— As minhas virtudes! exclamou a rainha, exaltando-se um pouco... São as minhas virtudes, que vos impõem tanto respeito, que fazem que vos afasteis de mim, senhor?... Assim parece... Tantas vezes esqueceis que sou vossa esposa, e que desejaria que me tivesseis menos respeito e um pouco mais de amor?!

— O quê, senhora minha, duvidaes de meu amor!

— Senhor, sim, duvído e razões bastantes tenho para isso... Tenho-vos supportado muito e por isso mesmo tendes abusado... Fechei os olhos ás vossas aventuras com vossas amantes, as mães das creanças que recebi e tolerei no paço, e, como os innocentes não tinham culpa, affeiçoei-me a elles e costumei-me a tratal-os como meus filhos... Vós, porém, em vez de vos emendardes, buscaes novas aventuras...

— Enganae-vos, senhora... Nenhumas novas aventuras busquei...

— Deixae-me proseguir, peço-vos... Sim, buscaes novas aventuras... E, ainda hontem, n'esse castello onde vos hospedastes, como a castellã era bella, ou como vós a achastes assim, arriscastes por ella vossa preciosa vida, batendo-vos com o chefe dos bandidos que lhe assaltaram o solar!... E com que precisão?... Nenhuma! Só por uma temeridade, um desejo galante de occultardes vosso nome! Por tão pouco arriscaes vossa vida, senhor!... Se vos esqueceis que sois rei e pae, eu é que o não posso esquecer e tenho o direito de vol-o lembrar e de vos pedir — e até de exigir — a promessa de que não tornareis a proceder de semelhante modo.

— É o vosso coração de esposa dedicada que vos faz exagerar o perigo que hontem corri n'esse castello... Mas socegae, senhora, que não são aventuras que estejam a succeder todos os dias... O que me admira é como vós soubestes todos esses successos... Quem vol-os narrou? Talvez alguem com o mau intuito de vir desassocegar vosso espirito, incutindo-lhe sustos inuteis e ciumes injustos...

— Quem me contou a vossa aventura não o procureis indagar, que vol-o não direi... Agora o que espero é a vossa promessa, essa promessa que vos pedi... Vamos, senhor, promettei-me que não mais exporeis vossa vida por causas de tão pouca monta...

— Eu vol-o prometto, senhora, respondeu D. Diniz com o firme desejo de livrar-se dos zelos intempestivos da rainha.

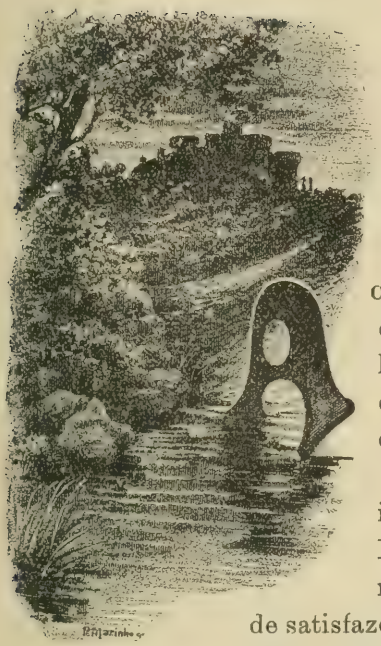
— Mas ainda não é tudo, senhor... Tenho ainda mais que vos pedir... E' que não torneis ao solar d'essa Auzenda Vasques... Disseram-me que esta mulher era formosa, e, se ella exerceu tanta influencia em vosso espirito logo da primeira vez que a vistes que por sua defeza arriscastes vossa vida, que loucuras não commettereis se a continuardes a vêr e se chegardes a fazer d'ella vossa amante!... Quero pois de vós a promessa de que não mais a tornareis a vêr, senhor!

— Izabel, falaes d'um modo e em um tom que nunca vos ouvi... Julgaes-me então tão ensandecido de espirito para me deixar assim dominar a tal ponto?... Fazeis-me offensa, senhora!... Sobre esse caso já vos disse o que tinha que dizer... Sabei, porém, senhora, que o meu animo nunca me fez commetter loucuras... Por nenhuma dona as commetti até hoje, por nenhuma as commetterei nunca!

— Vossa defeza, senhor, não me satisfaz, nem me contenta... Promettei-me o que vos pedi e ficarei satisfeita...

— Basta, senhora! exclamou D. Diniz, querendo terminar uma conversa em que se poderia enlear... Prometto tudo quanto vós quizerdes, mas deixae-me partir, que estou perdendo as melhores horas da caça... Adeus, senhora, e socegae vosso espirito, acrescentou o rei sahindo do aposento.

Apenas chegou ao pateo do paço, montou a cavallo e deu ordem de partida aos da escolta.



CAPITULO XI

O frade e a castellã

COMPANHADO de Méndo Paes, que ia afim de lhe indicar o sitio, e de mais dois homens da casa da rainha, Frei Pedro de Serra dirigiu-se apressadamente para o castello de D. Auzenda Vasques.

O astuto monge rejubilava só com a idéa de fazer uma partida a D. Diniz. Por isso, a pobre mula em que o frade montava, tinha de apressar o passo, afim de satisfazer os desejos do seu cavalleiro e para lhe não soffrer os acicates.

Ao chegar ao solar de D. Auzenda, o frade fez-se annunciar, e d'ali a pouco foi introduzido na sala, onde, na vespera, a castellã estivera praticando com D. Diniz.

Frei Pedro de Serra apenas viu essa mulher percebeu que o rei, de indole amorosa como era, tivesse ficado embavecido por ella.

A sua boa rainha, D. Izabel, apezar de ser bastante formosa, não podia competir em belleza e radiosa formosura com a castellã. Ao pé d'esta era como uma tardia flor invernal junto de uma resplendente rosa da primavera!

—Senhora, disse o frade, chamo-me Pedro de Serra e o meu nome nada vos diz... Mas sou confessor da virtuosa rainha D. Izabel, e é para socegar seu animo atribulado, que vos vim procurar... Hontem deram-se graves acontecimentos n'este castello!...

—Como o sabeis, senhor? perguntou D. Auzenda, muito admirada.

— Um dos homens d'armas que tomaram parte na defeza de vosso solar contou-me tudo... No assalto ao vosso castello, o fidalgo que aqui se hospedára momentos antes, cruzou o ferro com o chefe dos salteadores e correu perigo de morte... Felizmente para elle, para vós — e para o reino — sahiu incolume da lucta e matou o seu adversario... Sabeis o nome do homem que por vós arriscou a vida, senhora?

— Sei, D. frei... Esse fidalgo chama-se Diniz Sanches... E' um fidalgo de Santarem e pertence — elle mesmo m'o disse — á casa de el-rei...

— Esse homem que tal vos disse enganou-vos, senhora!«.. O homem a quem destes hospedagem, que se bateu por vossa defeza, senhora, é o rei de Portugal, é D. Diniz!

— O rei de Portugal! exclamou a castellã no auge do espanto. Meu Deus! Mas como poude o rei arriscar a vida para se bater com um bandido?

— Ah! tambem vos admiraes! Isso mesmo me causou espanto e isso mesmo assombrou a rainha minha senhora.

— Mas vós não estaes gracejando comigo, não, D. frei?... Estaes-me a falar a serio?... Não, não póde ser... Quereis-me illudir!...

— Senhora, não... Não duvideis do que vos disse... Pelo Christo vos juro a verdade das minhas palavras!... Era D. Diniz, era o rei de Portugal quem hontem falou comvosco e quem, esquecendo como a sua vida era preciosa e que se não devia arriscar com effeito contra um homem que o poderia ter morto... Este facto encheu de pavor a boa rainha D. Izabel e é em nome d'ella que vos venho pedir que eviteis que o rei arrisque de novo a sua vida... Agora que já sabeis quem elle é, se elle aqui voltar — e com certeza voltará, senhora — communicae-lhe que conhecesteis o logro em que elle vos queria manter, e tratae-o como vosso rei!

— Mas D. frei, com que fim el-rei me occultou quem era?

— Com que fim!... Eu sei... Senhora, sou um monge, um apostolo da religião de Jesus... Sou um velho... E por isso as palavras de um velho padre não vos devem escandalisar... Antes são palavras de conselho para vosso bem e para vosso socego... Acreditae no que vos digo, senhora... El-rei apenas vos viu, ficou encantado com a vossa formosura... E como é um poeta, e como é um trovador, quiz occultar a sua qualidade de rei, com que vos poderia

assustar, e fingiu-se um fidalgo qualquer... Quando o perigo se tornou eminente, como é cheio de coragem e de valor, não quiz dar a conhecer o seu imbuste e não recuou ante o duelo com vosso cunhado e até o provocou!... Agora percebeis me, agora acreditaes-me?...

— Sim, D. frei... Acredito vos e percebo tudo... No que porém vos illudís, é em attribuirdes aos meus encantos o motivo do embuste do rei... Os meus encantos!... Não, D. frei, eu não possuo taes encantos e não foi em virtude d'elles que D. Diniz se não quiz dar a conhecer... Terá sido outro motivo... Talvez um méro capricho, um desejo da sua phantasia de enganar uma mulher...

— Sois modesta, senhora, mas illudis-vos .. O motivo foi o que eu disse .. A minha missão está cumprida... Vim, no vosso interesse, prevenir-vos do logro em que el-rei vos fez cahir e aconselhar-vos, agora que já podeis comprehender as intensões de el-rei, a que defendaes vossa honra.

— As intensões de el rei!... E quaes são ellas, D. frei? Como as sabeis?... Em que é que a minha honra tem que ver com ellas?

— Julgava-vos menos ingenua, senhora!... Os intuitos de el-rei são bem claros... Agora que vos libertou de vosso implacavel inimigo, quer approximar-se de vós e fazer com que o ameis! Percebeis pois o risco que correis deixando-vos ficar n'este castello?... Segui o conselho que vos dou, senhora... Parti d'aqui... Fugi para algum solar, onde vos occulteis e onde el-rei não vos possa encontrar... Em nome da rainha minha senhora vos posso offerecer refugio n'algum dos seus paços... em Coimbra, por exemplo... Ahi ficareis socegada e tranquilla e livre de que attentem contra a vossa honra de mui digna dona que sois... Acceitaes, senhora?... Acceitaes o refugio que vos offereço e a protecção da minha santa rainha, a nobre senhora D. Izabel?...

— Senhor, não! respondeu D. Ausenda, a quem as palavras do frade incutiram no espirito uma natural desconfiança...

— Não acceitaes!... E porquê?

— Não acceito, D. frei, porque me não compete acceitar vossas generosas propostas... Vossas e de sua mercê a rainha, senhora D. Izabel... Eu, apesar de ser uma fraca mulher, sou bastante idonea para defender minha honra... E creio tambem que fazeis offensa a el-rei attribuindo-lhe propositos que decerto nunca lhe pas-

saram pela mente .. O quê! el-rei defendeu-me e protegeu-me contra meus inimigos e em paga quererá que eu o ame á força! Enganae-vos, D. frei... El-rei é incapaz de violentar uma mulher!...

— D. Diniz, cego pelo amor, é capaz de tudo, senhora!

— Será... Mas é preciso que esteja cego d'amor, como dizeis... Ora el-rei não se deixará cegar d'amor por uma mulher como eu... E se acaso se deixar, eu sei bem o que me compete fazer...

— O quê! Ousareis resistir á vontade de el-rei!...

— Se el-rei me quizer fazer offensa, resistir-lhe-hei, sim, D. frei!... Mas D. Diniz em tal não pensa decerto!

— Deus vos ouça, senhora!

Este dialogo foi interrompido pela vinda de um servo, que vinha prevenir D. Auzenda de que o fidalgo, que na vespera pernoitára no castello, tinha chegado e pedia para lhe falar.

— Vedes, senhora! exclamou o frade... E' el-rei!

— Sim, tendes razão...

E, dirigindo se ao servo, D. Auzenda, mandou-lhe:

— Fazei entrar o fidalgo para esta sala.

— Perdão, senhora, atalhou o monge. . Não quero que el-rei me veja aqui... Por isso, peço-vos, fazei-me entrar para algum aposento onde não possa ser visto... Dopois me mandareis chamar e me direis o que se ha passado...

— Seja assim, condescendeu D. Auzenda, que ordenou ao servo:

— Acompanha o D. frei á sala d'armas...

— Eu vos agradeço, senhora, disse frei Pedro de Serra, jubiloso por evitar encontrar-se com o rei e ao mesmo tempo anciando pelo momento em que D. Auzenda lhe contaria o resultado da entrevista com o monarcha.

— Ide com Deus, frei Pedro, respondeu a castellã, verdadeiramente perturbada por ir encontrar-se com D. Diniz.

O frade sahiu. D. Auzenda levantou-se. e, pallida de commoção, esperava a chegada do seu libertador.

CAPITULO XII

Amor do rei

D. Diniz entrou no aposento e depois de ter beijado a mão da castellã, perguntou-lhe:

— Estaes melhor do vosso incommodo, senhora?... Acabo de chegar com os homens da minha escolta e os que ficam para guardar vosso castello...

— Muito vos agradeço, meu senhor e rei, respondeu D. Auzenda bastante perturbada.

— Senhor e rei! exclamou D. Diniz deveras admirado... Que quereis dizer com taes palavras, senhora?

— O que disse, meu senhor... Já sei que sois o rei de Portugal...

— Sabeis! E quem vol o disse?...

E, como D. Auzenda restasse algum tempo sem responder, D. Diniz tornou a insistir:

— Não ouvistes o que vos perguntei, senhora?... Quem vol-o disse?... Vamos, respondei, eu vol-o peço... Porque hesitaes?

— Não sei se deva contar-vos tudo, meu senhor...

— Contae, mais uma vez vos peço...

— Veio hoje a meu castello um monge prevenir-me do engano em que vós me mantivestes e revelar-me quem vós ereis...

— E o nome d'esse monge?

— Senhor, não m'o pergunteis...

— Pergunto-vos, sim, e quero que m'o reveleis...

— Chama-se frei Pedro de Serra...

— Frei Pedro de Serra! murmurou o rei no auge do espanto... Agora percebo tudo! .. Agora percebo a trama urdida por esse endemonhado frade!... Ah! raposa peçonhenta, deixa estar que havemos de ajustar contas!... Foste tu, animal damninho, que assustaste a rainha com tuas revelações e, não contente com isto, vieste a este castello tramar nova intriga e perturbar o socego d'esta dona! Tu m'as pagarás, D. Frei!...

— Agora vós, senhora, proseguiu D. Diniz, levantando a voz e dirigindo se a D. Auzenda, contae-me tudo quanto elle vos veio dizer...

— Pouco mais tenho a acrescentar... Revelou-me quem vós ereis, censurou — e com justo motivo — vossa imprudencia em terdes arriscado por mim vossa preciosa vida e por fim prometteu-me a protecção da rainha, a senhora D. Izabel, se eu quizesse sahir d'este castello e recolher-me em Coimbra...

— Com o fim de me fugirdes, não é assim senhora? Não foi o que esse maldito frade vos insinuou?

— Senhor, sim.

— E vós, senhora, que respondestes?

— Recusei sahir de meu castello.

— E bem fizestes, senhora... Pelo que vejo então, apesar das revelações de Frei Pedro, eu não vos metto medo...

— Medo, não, senhor, mas perturbaes-me... Hontem, quando ainda ignorava quem ereis, estava mais á vontade ante vós; hoje porém, que sei que sois o rei, vossa presença intimida-me, sim, devo-vos confessar...

— Já vedes, senhora, que não fiz mal em hontem vos occultar quem era... Ah! não vos ter podido manter n'esse engano!... Mas agora não ha remedio... Eu não desejo nem quero causar-vos nenhuma perturbação, nenhum enleio e meu maior empenho é que me trateis como d'antes...

— Não posso, senhor... Não posso, nem devo...

— Podeis, sim, senhora .. Ah! se quizesseis!... Eu ante vós não sou o rei, sou um vosso humilde adorador, um homem a quem a vossa formosura produz um extasis amoroso...

— Senhor, assustam-me vossas palavras, disse D. Auzenda vivamente ruborisada pelos dizeres do rei... Eu sou uma pobre mulher que as não mereço...

— Tal não digaes... Sois bella e muito bella — ah! como o sois, D. Auzenda! — e haveis de consentir em que vos adore!

— Não... Não posso... Perdoae-me, senhor, mas deveis ter dó de uma fraca mulher e, como sois um rei tão bom e tão justo, decerto a poupareis e não lhe ides fazer offensa...

— Um rei! um rei! sempre essa fria palavra de respeito em vossos labios, desde que o amaldiçoado monge revelou quem eu era!... Mas eu a vossos pés não sou rei, senhora!.. Sou um pobre trovador enamorado, a quem vossa crueldade e resistencia faz soffrer!... Dae me ao menos uma palavra de esperança, um sorriso de vossos labios... Ah! senhora, que eu não veja em vosso rosto tanto retrahimento, em vossos olhos tanta frieza!... Quereis-me mal por vos ter illudido, por ter exposto minha vida em vossa defeza?... Perdoae-me se vos lembro tal... Mas não vêdes que se isso fiz é porque já então vos amava. . Oh! e amei-vos apenas vos vi... Quando hontem aqui entrei n'esta sala pela vez primeira, quando cravei meus olhos em vós, senhora, fiquei logo rendido ante a vossa formesura, ante os vossos encantos!... E vós parece que me não quereis ouvir!

— Enganaes vos, meu senhor... Eu nunca poderei esquecer que vos devo a minha salvação e talvez a vida... E por isso servos-hei sempre reconhecida... Mas peço vos para não exigirdes mais de mim... Tenho soffrido muito, meu senhor... E quem soffre não póde amar!

— Bem está, senhora... Não devo insistir mais em tal. . E eu que acreditei que, exactamente por terdes soffrido tantas agruras, vós, nova, bella, cheia de encantos, agora que vos encontraveis socegada e tranquilla, poderieis resurgir para uma vida nova, que se abria ante vós, uma existencia toda de felicidade e de amor!...

— E' que tambem a felicidade me faz medo! exclamou tristemente D. Auzenda.

— Porque não acreditaes n'ella! Ah! agora percebo... Vós que receaes que tudo quanto vos prometto não seja mais do que uma promessa vã...

— Senhor, não... Por Deus vos juro que vos enganaes...

— Tanto melhor, senhora, não vos ter passado pela mente tão desoladora lembrança... E não era, não, senhora, não era uma promessa vã toda essa felicidade que o meu amor vos promettia!... Eu

era incapaz de vos enganar... Por isso vós me fazeis soffrer com vossa resistencia aos meus desejos....

— Escusae-me, meu senhor, mas não é resistencia... Se não posso attender vossos desejos é porque não devo... Sou uma pobre viuva que não merece tanta consideração da parte de um rei...

— Tudo quanto me dizeis, senhora, não são mais do que pretextos para recusardes o meu amor... Mas eu não desejo violentar vossa vontade... Esperarei... Mais tarde me respondereis... E póde ser que vós, vendo a constancia do meu affecto, me dareis tambem um pouco da affeição que agora me negaes... Vou partir, senhora... Haveis, porém, de consentir-me que torne a voltar...

— Senhor, vós mandaes...

— Não mando, senhora, peço... Dizei-me: frei Pedro de Serra ficou de voltar aqui?...

— Não sei, senhor, respondeu D. Auzenda, embaraçada.

— E' que se aqui voltasse teria grande desejo de me encontrar com elle...

— Se vós me promettesseis que lhe perdoarieis o seu zelo, dir-vos-hia onde poderieis encontral-o...

— Dizei-me, senhora... Em nada tenho que lhe perdoar... E basta a sua qualidade de confessor de D. Izabel para o pôr ao abrigo da minha colera... Elle sabe isso muito bem, e tem abusado bastante!... Já vedes que não deveis hesitar em dizer-me onde o encontro...

— Acha-se ainda no castello... Quando me vieram annunciar vossa visita, pediu-me que o conduzisse a algum outro apozento, pois não desejava encontrar-se comvosco... Acha-se pois na sala d'armas...

— Agradeço-vos, senhora, o terdes-me proporcionado o encontrar-me com esse monge... Permittís-me que vá ter com elle?

— Oh! senhor, fazei o que entenderdes melhor!... O que vos peço é que o poupeis...

— Bem, senhora, respondeu D. Diniz sahindo da sala.

Desceu ao pavimento inferior de castello e entrou onde se achava frei Pedro de Serra. Este empallideoeu ao ver o monarcha.

— Admiraes-vos de me verdes aqui? E' que, apenas soube de vossa prezença n'este castello, não pude fugir ao desejo de me encontrar comvosco para agradecer-vos o zelo e o interesse que tomaes

por mim, disse o rei com uma ironia de que só o frade podia perceber todo o alcance.

O monge, adivinhando a tempestade que principiava a desencadear-se sobre elle, balbucion:

— Senhor, eu vim aqui por conselho de sua mercê a rainha minha senhora e vossa esposa...

— Á la-fé que mentis, D. frei! Não foi D. Izabel que vos aconselhou a que aqui viesseis, estou certo! Oh! eu adivinho como tudo succedeu! Fostes vós, ao contrario, que, com o vosso animo intrigante e maldoso, lhe contastes os successos acontecidos hontem n'este castello, exagerando-os só com o fim de perturbardes o animo da rainha minha esposa e de inventardes contra mim novas calumnias para me prejudicar em seu conceito... Oh! eu conheço-vos, D. frei! Sois capaz de tudo isto e de muito mais. Mas, tomae cuidado! Se até agora tenho sido indulgente e benevolo, não estou disposto a tolerar por mais tempo vossas traças endemonhadas, que perturbam meu socego e o socego da rainha!... Affastei-vos já uma vez de D. Izabel, quando vós entrastes na composição do clero contra mim... Depois, a rainha, ao saber da guerra com meu irmão, o infante D. Affonso, chamou-vos para junto d'ella e levou-vos na jornada que fez ao Alemtejo... Ahi me pediu por vós... E eu consenti em que tornasseis a ser seu confessor... E bem arrependido estou em tal ter consentido! Vós, em vez de vos emendardes, cada vez daes mais largas ao vosso espirito enredador e malfazejo...

— Senhora, observou o frade, a quem, passado o primeiro susto, a coragem e a ousadia começavam a voltar pouco a pouco... Vim aqui a este castello sem nenhuma das intenções de que me acusaes, e só com o desejo de servir a bondosa rainha, minha senhora, a quem a vossa imprudencia de hontem em expordes a vida ao ferro de um bandido tanto a maguou e causou justos sustos...

— E como soube a rainha esse caso senão por vós, D. frei!

— Enganaes-vos, senhor... Não o soube por mim...

— Por quem então?

— Não vol-o digo, senhor... Soube-o, como eu tambem o soube... E ousaes accusar me por aqui vir?... Não estou arrependido, senhor, por que vim cumprir o meu dever...

— Deixae-vos de vãs hypocrisias... O vosso dever era socegar o animo atribulado da rainha e não terdes vindo dizer á castellã d'este

solar o que vós lhe dissestes!... Para a livrardes de mim, até lhe chegastes a offerecer a protecção de D. Izabel!... Ousaes negar?

— Não nego, senhor, nem de tal tenho precisão.... Vi que a dona d'este castello podia ser causa de novas desavenças entre vós e a boa rainha, minha senhora, e aconselhei D. Auzenda a que vos evitasse e se acautelasse de vós...

— Ah! confessaes vossas intenções!... Mas com que direito vos metteis em minha vida, me espiaes os passos e me intrigaes, D. frei?

— Senhor, tal nunca foram meus intentos...

— Frouxa defeza a vossa, D. frei!... Vossos intentos conheço-os tão bem como vós... E é por saber que elles estão longe de ser bons, que vos quero prevenir que, d'esta vez, todas as vossas traças se lograram... Não, não conseguireis vossos fins... E — ai de vós! — se fizerdes novas tentativas! Tomae cuidado!. . Só uma coisa me pode fazer esquecer vosso delicto... É se conseguirdes que elle não tenha más consequencias... Ide, parti .. Socegae a rainha... Dizei-lhe que não me vistes aqui, que a aventura de hontem foi exagerada, tudo quanto vos parecer e quizerdes inventar — e eu sei que sois um espirito inventivo e cheio de recursos — para remediardes todo o mal que fizestes ..

— Senhor, attribuis-me um poder que receio não possuir.... Sua real mercê D. Izabel, não me acreditará!... E, confesso-vos, meu senhor, tenho um certo escrupulo de consciencia em enganal-a...

— Recusaes! exclamou o rei, a quem a colera começava a invadir... Recusaes! Por escrupulo de consciencia! Escrupulos, vós!

— Senhor, offendeis-me. E sem motivo, abusando da vossa posição, disse o frade com uma energia que ainda mais augmentou a sanha de D. Diniz.

— Sim, D. frei, não é por escrupulos de consciencia que recusaes destruir a vossa trama infernal, mas sim por que vos comprazeis n'ella, pois só d'este modo satisfazeis o vosso desejo constante de me intrigardes junto da rainha... Pois bem... Ide... Dizei-lhe o que vos parecer... Eu tambem em breve irei ter com D. Izabel e veremos qual de nós ambos conseguirá convencel-a.. Mas, quero prevenir-vos por fim: — Ai de vós, D. frei, se me desasocegaes o espirito da rainha e o meu!. . Nunca vos perdoarei!... Agora podeis retirar-vos...

O frade sahiu do castello murmurando ameaças contra o rei. O

A certa altura cortaram-lhes o caminho dois outros cavalleiros... (pag. 152)

retrahido rancor do monge expandiu-se durante o caminho e Mendo Paes, que o ouvia, estava pasmado das suas palavras odientas.

D. Diniz voltou de novo a encontrar-se com D. Auzenda, a quem narrou o que se passára entre elle e frei Pedro da Serra. Depois despediu-se da castellã, mas na intenção de não abandonar a conquista de uma tão linda mulher.

CAPITULO XIII

Mais cuidados de D. Diniz

QUANDO a rainha viu entrar o seu confessor, por quem já esperava com impaciencia, perguntou-lhe:

— Então, frei Pedro, vindes do castello da tal dona? Falastes-lhe?

— Senhora, sim... Falei-lhe, mas tive a infelicidade de encontrar depois el-rei vosso esposo, que me insultou e ameaçou... Ah! senhora minha!... Se não fosse a estima e a affeição que vos consagro e o desejo de ainda bem vos servir, ha muito que vos pediria que me deixasseis ir morrer longe d'aqui, n'algum mosteiro da minha ordem... El-rei persegue-me com a sua colera, e, se vós não tomaes minha defeza e não lhe impondes a vossa vontade, temo muito qualquer violencia da sua parte... Odeia-me, tenho a certeza, senhora!... Odeia-me pelo zelo com que vos defendo e vos sirvo!

— Socegae, frei Pedro... Sabeis que podeis sempre contar comigo... Creio que exageraes o sentimento que el-rei meu esposo tem por vós... D. Diniz não vos odeia, não, D. frei... Mas é certo que tambem não tem por vós sympathia... Julgo que nada tentará contra vós... Mas se tal fizer, contae comigo... Defender-vos-hei

como áquelle em quem mais confio e cujos conselhos mais preciso...

— Agradeço vossas palavras, senhora minha... Ellas alguma coisa me tranquillisam...

— Agora contae-me o que se ha passado.

— Chegando ao castello, e posto em presença da dona contei-lhe quem era e ao que ia... Disse-lhe que o homem que por ella arriscou a vida era el-rei, aconselhei-a a que evitasse novas visitas do seu libertador e offereci-lhe refugio em Coimbra... A principio julguei que attendesse meus conselhos, mas quando lhe falei em ir para Coimbra, respondeu-me que recusava abandonar o seu castello... Estavamos n'esta pratica, quando el-rei se annunciou... Retirei-me a uma sala, onde d'ahi a pouco me appareceu el-rei... Custa-me a narrar-vos o que se passou entre mim e o vosso esposo... Basta que vos diga que fui por elle insultado e ameaçado, se acaso não vos enganasse! Senhora, foi tal o arrojo de D. Diniz que me aconselhou a enganar-vos e a dizer-vos que o não tinha visto voltar ao castello de D. Auzenda!... Só assim me perdoaria o mal que lhe tinha feito... Eu enganar-vos, senhora! Escuso de dizer-vos que recusei, e foi então que a sanha d'el-rei augmentou e cheguei até a temer pela minha vida... Aqui tendes, senhora, o que se passou no castello de D. Auzenda...

— Mas essa mulher é ou não a sua amante? perguntou a rainha.

— Se ainda o não é, em breve o será, senhora...

— Meu Deus! exclamou D. Izabel... Dae-me, meu Deus, a resignação e a força de animo que até agora me não tem faltado, mas que já me vae falhando, para supportar estas novas provações!...

— Eu bem vos tenho aconselhado, senhora minha... Permitti que vol-o recorde... Quantas vezes vos disse que essa vossa resignação ante os desregramentos de el-rei e o impudor com que elle mantinha junto do paço suas barregans, longe de concorrer para que el-rei se emendasse, haveria, ao contrario, de lhe augmentar os vicios e os costumes dissolutos... Vós não me ouvistes, senhora!... E respondieis-me que a vossa resignação e humildade haveriam de vencer o animo bondoso de el-rei!... Aqui tendes como o vencestes!... Depois entregue a vossas orações, a vossos jejuns, a vossos exercicios de piedade, procuraveis assim esquecer a dôr e a magua que feria vosso coração e o dilacerava... Não procedestes como de-

vieis, senhora! Tenho o direito e o dever de vol-o dizer... A vossa humildade e resignação de christã, foi excessiva... Vós não sois uma monja, uma freira que abandonasse o mundo e fosse no seu retiro fazer penitencia de seus peccados para ganhar o ceu... Sois a rainha de Portugal! E, se o tendes esquecido ante vosso esposo, deveis de hoje em diante dar-lhe a entender que estaes disposta a fazer valer vossos direitos! Sois uma alma pura, uma santa, não tendes peccados, escusaes de tanta penitencia para terdes certo o ceu...

— Não digaes tal, frei Pedro!... Sou uma pobre peccadora! A minha alma atribulada refugia-se na penitencia e na oração, para que Deus me livre do peccado e das tentações... E as tentações do demonio são tantas, frei Pedro!... Hei de confessar vos uma com que o demonio me tem querido enfeitiçar, mas que, até agora, tenho vencido... Mas terei forças para a vencer sempre?... Não sei, confesso a minha fraqueza... E é para me defender contra ella que me vêdes augmentar os jejuns, as orações, as praticas piedosas e os exercicios de humildade...

— Admiraes-me, senhora! exclamou frei Pedro, adivinhando algum mysterioso segredo... O quê! Satanaz ousará tentar e perseguir uma dama de vossas virtudes!... Estou certo que haveis de resistir á tentação e de vencel-a... E não poderei saber do que se trata? perguntou o frade, a quem a curiosidade começava a aguçar-se.

— Por emquanto, não, frei Pedro... Haveis de sabel-o, porque sois o meu confessor... Mas mais tarde...

— Vós mandaes, senhora, respondeu o frei com modestia... Em todo o caso permitti ainda que vos lembre que os jejuns exagerados, as orações excessivas cançam e enfraquecem o corpo e a resistencia que a alma pederia offerecer contra as tentações do espirito maligno torna-se mais precisa e é mais facil depois cahir-se no peccado...

— Estou de ha muito acostumada a essas praticas, frei Pedro, e não estou disposta a alteral-as, pois a minha alma tem-se dado bem com ellas...

— Pode ser que vossa alma se dê bem, mas o vosso corpo é que decerto se dará mal... Estaes na força da mocidade, senhora... Sois bem formosa para que devaes esquecer que, além de christã e de rainha, tambem sois esposa...

— Eu nunca o esqueci, frei Pedro, vós bem o sabeis, e não vos

está bem o lembrar-m'o... Mas el-rei D. Diniz é que o tem esquecido, e parece não querer mais lembrar-se...

— Assim será... E longe de mim o querer desculpar el-rei dos justos agravos que contra elle tendes... Mas o que desejo é mostrar-vos que vós alguma culpa tendes, embora involuntaria, d'esses agravos... Dos já feitos, dos presentes e dos que elle ainda vos ha de vir a fazer no futuro... Se tivesseis sido mais sobranceira e menos resignada, mais desdenhosa e menos paciente, mais entregue aos prazeres proprios de uma dama formosa como sois e de uma grande rainha, e menos dada ás praticas de penitencia, talvez tivesseis vencido a indole galanteadora e amorosa de vosso esposo e lhe tivesseis evitado muitos dos excessos que cometteu com as barregans...

— Falaes-me, não como monge e meu confessor, mas como o espirito da tentação, frei Pedro! exclamou a rainha cheia de magua e de mortificação... Aconselhaes-me d'esse modo!... E n'este momento!... Por Deus, frei Pedro! Não esperava isso de vós... Vossas palavras são como essa voz tentadora que me persegue, quer quando estou acordada, quer orando, quer dormindo, por toda a parte emfim, e a que tenho podido até agora resistir... E, quando eu precisava de vossos estimulos para me fortalecerem, de vossas palavras de incitamento para poder luctar, e de rezar mais, de jejuar ainda mais, de ainda mais me entregar ás praticas humildes, de mortificar meu corpo e de robustecer a minha alma, vós indicaes-me que devo modificar a regra do meu viver e dedicar-me aos prazeres e ás frivolidades para que el-rei se agrade de mim! Ah! frei Pedro, frei Pedro, como me causaes magua!

— Mas, senhora minha, eu não vos desejo maguar; repito-vos, o meu intento é apenas obter que el-rei vos trate com o carinho e o amor que vos deve, e quanto á tentação a que vos referis, e que ainda ignoro o que seja, creio que o vosso espirito de christã fervorosa a exagera muito...

— Assim não é, frei Pedro... E para prova do que vos affirmo, vos direi mais cedo do que tencionava, os tormentos que tenho soffrido... Ouvi-me de confissão, frei Pedro...

— O quê, senhora?! Pois quereis? Aqui?...N'este aposento?... E' tão grave o motivo que vos afflige para que preciseis comparecer no santo tribunal da penitencia, senhora e rainha?

— Ides saber, respondeu a rainha, que se dispunha a ajoelhar para confessar a frei Pedro de Serra as luctas do seu animo contra as tentações peccaminosas, quando D. Diniz entrou no aposento em passos rapidos e sacudidos, e disse:

— Ah! frei Pedro apressou-se a vir contar-vos o que se ha passado no castello em que o encontrei!... Tanto melhor!... Preciso falar-vos, senhora, mas a sós... Sahi, frei Pedro, continuou, dirigindo ao frade um olhar colerico.

— E eu digo a frei Pedro que fique! mandou a rainha em tom energico e de um modo que admirou tanto o rei como o frade.

— Izabel! exclamou D. Diniz, cerrando os punhos, cheio de sanha... Vêde que me desobedeceis e me provocaes!

— Não vos provoco, senhor, corrijo-vos!... Vós entrastes de repente em meu aposento, quando me dispunha a confessar-me e daes ordem a meu confessor para se retirar!... Se me quereis falar, esperae outro ensejo...

— Não posso, senhora... Quero falar-vos e já, pois vou partir em jornada...

— Em jornada para o castello da nova dona de vossos encantos, não é assim?... E, eu heide interromper a minha confissão para vos ouvir?... Porquê?... Porque essa dona se póde impacientar de vossa demora!

— Nada de gracejos, senhora... Já vos disse que de ha uns tempos para cá vos estou estranhando... Agora sei que ha uma alma damnada que me envenena todas as intenções e infiltra em vosso espirito esse veneno... E' esse monge que aqui está!... A elle já o preveni do que lhe aconteceria se se não emendasse! A vós quero dizer mais alguma coisa, mas sem ser em presença d'elle... Por isso vos peço que o mandeis sahir...

— Eu ia-me confessar, senhor, insistiu a rainha, como se receasse ficar só com D. Diniz.

— Não são tantos os vossos pecados, Izabel, que não possaes adiar essa confissão para d'aqui a uns instantes...

Frei Pedro, que não estava satisfeito com esta scena entre a rainha e o rei, e vendo que ausentando-se poderia abrandar a colera de D. Diniz, dirigiu-se a D. Izabel e disse-lhe:

— Escusae-me, rainha e senhora... Eu me retiro...

D. Izabel, a quem a colera durava sempre pouco, pois que na

sua indole de christã piedosa e boa a considerava como um grave pecado, respondeu-lhe com mais calma e já condescendente:

— Pois sim, frei Pedro... Retirae-vos por uns momentos, que eu depois vos mandarei chamar...

O frade sahiu.

O rei então disse á esposa:

— Senhora, escusae minha exaltação de ha pouco, mas a vista d'esse monge fez-me perder a paciencia! Ah! não o posso vêr! odeio-o!... Odeio-o, sim! pago-lhe na mesma moeda o rancor que elle me tem... Conheço-lhe a indole má e enredadora e é por saber o grande ascendente que elle tem sobre vós que receio que vos deixeis dominar por elle e me deturpeis as intenções!

— Sois muito injusto para com frei Pedro, senhor! respondeu-lhe D. Izabel... Lembrae-vos que este monge me viu nascer, me acompanhou por mandado de meus paes aqui para Portugal, que tem sido o meu confessor, que quasi me quer como se fôra sua filha, e não estranheis que elle tenha por vós algum resentimento, ao ver as offensas que me tendes feito e que de novo me continuaes fazendo!

— Eu não vos offendo, senhora, e nunca vos offendi, protestou o rei.

— A vós parece-vos isso... Eu penso d'outro modo... E é por esse motivo que frei Pedro vos é odioso... Como me é dedicado, como zela os meus interesses, como procura servir-me bem e me aconselha, vós quereis-lhe mal!...

— Foi para servir vossos interesses e para vos mostrar sua dedicação que elle vos contou essa historia acontecida no castello d'essa tal dona, e que depois de vol-a ter contado se apressou a ir procurar a castellã em seu solar para a enredar tambem com suas traças diabolicas?

— Senhor, sim... Se foi a esse castello fui eu que lá o mandei ir para aconselhar essa dona e livral-a do caminho da perdição!

— Izabel, por Deus! Evitae essas palavras que me offendem e de que vos podeis arrepender!... A tal dona não é nenhuma alma perdida que precise dos conselhos do vosso frei!... Do vosso frei, sim!... Por que foi elle, e não vós — e embora m'o torneis a dizer, eu não o acredito! — que por sua livre iniciativa se dirigiu a esse castello a praticar com sua dona... E tudo só com o fim de me ser desagradavel e com a intenção de me causar damno!... Ora eu não

estou resolvido a soffrer por mais tempo as intrigas de frei Pedro... Tenho-o até hoje poupado em attenção a vós, senhora, que lhe tendes amisade — e por isso mesmo elle tem abusado!... Mas, sinto que se me acabou a paciencia, senhora... E para vos communicar o que resolvi, vim procurar-vos...

— E que resolvestes, senhor? perguntou a rainha com curiosidade.

— Resolvi que frei Pedro deixe de ser vosso confessor e se retire de junto de vós, senhora!... Já uma vez me obedecestes, Izabel, e vos privastes d'elle, quando foi das dissensões com o clero e creio que vos não déstes mal com a sua ausencia... Depois consenti em que voltasse — e bem arrependido estou de o ter consentido!... Agora, porém, é forçoso que elle parta, e que vós senhora, trateis de o substituir breve, por que não quero suportar mais tempo sua presença em meu paço.

Emfim tornou a descer a escada de corda... (pag. 176)

— Eu não posso substituir, frei Pedro, senhor! exclamou a rainha com energia... Não posso privar-me de quem me é tão dedicado como elle! .. Se cedi da primeira vez ante a vossa vontade não es-

tou agora disposta a ceder... Então pude achar motivos que justificassem o que de mim exigieis; agora não os encontro... Agora que vós me offendeis na minha dignidade de rainha e de esposa, sacrificando-me a uma nova amante, é que quereis que eu me prive do homem que me é mais dedicado!... Tal não farei, senhor!

— Desobedeceis-me, Izabel?!

— Não vos desobedeço, senhor!... Considero apenas como não dada uma ordem que não posso cumprir nem satisfazer!

— Cuidado, senhora!... Não esqueçaes quem eu sou...

— E é a mim que o dizeis!... Sois o rei, meu senhor e meu esposo, e a cada momento esqueceis que o sois! Que o digam essas novas aventuras amorosas com D. Auzenda!

— Basta, senhora! Não torneis a referir-vos a essas aventuras, pois o que d'ellas sabeis vos foi narrado pelo frei vosso confessor e não é mais do que um punhado de mentiras... Não desvieis a conversa do assumpto que tratávamos... Repito o que já vos disse; não quero tornar a vêr em meu paço frei Pedro de Serra!... Portanto fazei-o partir!

— Não farei tal, senhor! insistiu a rainha... Disse-vos que frei Pedro me era indispensavel e é verdade... Careço d'elle não só como meu confessor mas como meu auxiliar na obra christã de tratar os enfermos, visitar os doentes, consolar os tristes...

— Sim... até n'isso se vê a indole má do vosso confessor... Lembrae-vos do caso d'essa leprosa, que vós curastes... Mestre Pedro Nogueira, ao saber d'essa cura, pediu ao frei para lhe indicar o remedio e elle escusou-se, com boas palavras de evasiva, mas escusou-se... Mestre Nogueira participou-me o succedido e aconselhou-me a que obrigasse frei Pedro a indicar esse remedio, mas eu recusei-me a violentar o vosso confessor! .. Senhora, sim!... O meu dever de rei, a quem compete velar pelo bem e pela saude de seus subditos, era ter obrigado frei Pedro a indicar esse remedio com que podia curar ou aliviar tantos gafados e morpheticos. E não o fiz, só para não vos mortificar! Pois sabia que vos havieis de sentir se eu fizesse qualquer violencia a esse frade!... E essa recusa em indicar um remedio que podia sarar ou aliviar tantos infelizes não prova a sua má indole?

— Senhor, não... Sois injusto ainda mais uma vez... Não foi o tal cozimento de hervas que curou a mendiga morphetica, frei Pe-

dro assim o affiança. Foi a sua fé em Nosso Senhor Jesus Christo e na Virgem e o modo exemplar como se arrependeu de seus peccados e fez penitencia... O cosimento de hervas era só com o fim de a aliviar de suas dôres e dar-lhe mais resignação...

— Isso diz o vosso frei, mas é um embuste...

— Não o creio, senhor.

— Mas não é isso que tratamos... O que é preciso é resolver o que vos indiquei...

— Uma coisa vos peço, senhor... Ao menos, não m'a ireis recusar... Não quereis ver frei Pedro de Serra? Pois bem, eu evitarei que elle se encontre em vossa presença e lhe communicarei vossa ordem... Mas deixae-me o meu confessor... Peço-vos! E notae que vol-o peço, quando podia mais alguma coisa do que pedir!... Não tendes direito a recusar-me isto!

D. Diniz, já deveras abrandado com a attitude da rainha e bastante satisfeito por obter com essa concessão algumas treguas e evitar novas scenas de ciumes de D. Izabel, accedeu ao seu pedido, embora fingindo que o não fazia de bom grado.

— Não vol-o recuso, não, senhora!... Concedo o que desejaes, tendo todavia a certeza de que frei Pedro se não emendará e ha de proseguir na sua obra maldosa... Não tenho porém coragem para me oppor ao vosso pedido, Izabel! Já vedes que não sou tão mau como me querem fazer!... Pois bem! frei Pedro ficará como vosso confessor, mas fazei todo o possivel para me evitar sua presença... Adeus, senhora... Urge que eu parta...

— Ide em paz, senhor... Deus vos tenha em sua santa guarda!

CAPITULO XIV

A victoria do amor

O rei voltara amiudadas vezes ao solar de D. Auzenda Vasques, onde o atraía invencivelmente a admiravel belleza da castellã. A joven senhora, por sua parte, recebia sempre D. Diniz com evidentes signaes de prazer e de agrado, que lhe incendiam o rosto formoso e juvenil em chammas de alegria, mas conservava-se reservada, esquivando-se com singela modestia aos madrigaes cada vez mais apaixonados que lhe dirigia o rei, cujo desejo assim mais se estimulava. A sua paixão acabou por absorvel-o inteiramente, tornando-se a sua preoccupação constante. Contra os seus habitos, não arredava agora pé de Santarem, apezar das instancias da rainha, invadida pelo ciume, e dos conselhos do chanceller, desconsolado com a indifferença que D. Diniz mostrava pelos negocios do Estado. O proprio Estevam da Guarda tentara quebrar aquelle encanto, e desviar o rei de uma aventura que começava a parecer-lhe já mais séria e arriscada do que todas as anteriores.

— Vamo-nos de Santarem, senhor, implorava o jogral. Bem vêdes que aqui não fazeis senão criar penas por causa d'essa dona tão esquiva! Além d'isso não podeis abandonar por tanto tempo os negocios do reino.

— E o que me importa n'este momento tudo isso? interrompeu el-rei bruscamente. O chanceller e os ministros que cuidem, e deixae-me vós todos, ao menos, o desafogo de poder vêl-a e de trovar o meu amor e as suas crueis esquivanças.

— Senhor, não esqueçaes, porém, que tendes inimigos que desejam a vossa perda. O clero trama na sombra e varios fidalgos continuam ainda a clamar o seu descontentamento, ameaçando que não se sujeitarão ás vossas ordens. Preciso é, então, que cuideis, vós mesmo, da segurança da corôa e dos interesses do reino.

— Bem está, eu cuidarei, — respondia D. Diniz com um gesto vago, e depois recahia na mesma apathica indifferença.

Mandava apromptar a escolta para a caça, e partia alegre ao som das cornetas. Mas, a meio do pinheiral, torcia caminho de repente, e dirigia-se para o castello da viuva de D. Rodrigo Vasques.

Assim que chegava, descavalgava logo, presto, e subia n'um impeto á sala onde D. Auzenda o costumava receber. Encontrava-a algumas vezes, quando entrava de surpreza, a lêr os cantos e trovas que lhe trouxera, e outras pensativa, com aquelle seu magnifico olhar azul perdido em um vago scismar.

Um dia cheio de luz e de alegria, de redolencias do perfume acre das estevas e de harmonias do ruido da passarada, dia radioso de primavera, em que a natureza inteira estremecia em evocações amorosas, foi achal-a sentada junto da janella, tão abstracta que nem o sentira approximar-se até junto d'ella. D. Diniz contemplou enlevado a encantadora cabeça côr de oiro, deliciosamente inclinada n'uma inconsciente postura de abandono, durante alguns momentos. Depois perguntou baixinho, quasi junto do rosto, cujos olhos velados como n'um sonho o não viam:

— Em que pensaes?

D. Auzenda ergueu-se enleiada, e foi a titubear, sem saber quasi o que dizia, que respondeu:

— Pensava... agora pensava em vós, senhor.

— Em mim?!... acudiu el-rei, com os olhos a brilharem de prazer. Deus vol-o pague, senhora. Tambem eu penso em vós constantemente, e dês que vos não vejo sinto-me triste e desasocegado...

— Senhor, mas eu não mereço isso... protestou a joven, cada vez mais confusa, e arrependida já das palavras que proferira tão imprudentemente.

— Mais mereceis, replicou D. Diniz, que tudo merece uma formosura como a vossa.

E, pegando-lhe na mão, que levou aos labios, proseguiu:

— Ah! porque não acceitaes o meu amor?... Não vêdes como me tornaes desventurado com o vosso retrahimento?!... Porventura não tivestes ainda a prova da sinceridade do affecto que vos consagro? Tende então um bocadinho de piedade pelo meu desespero...

— Senhor, não posso, e ainda que o desejasse, não devo esquecer quem sois...

— Já vos disse que tal não importa... Perante o amor como perante a morte um rei é como outro homem qualquer... Ou antes peor é ainda a sua condição, porque a um rei bem raro é que o deixem morrer socegado, e quando ama tem a crear-lhe peias e estorvos os negocios do reino, e até, como succede agora comvosco, senhora, a sua qualidade assusta a quem ama... Ah! que se podésseis saber quanto vos amo e quanto soffro por não quererdes escutar-me, decerto o vosso coração se condoeria...

— Senhor, não insistaes por Deus, que me causa pezar ouvir-vos... Ah! porque é que, em vez de serdes um grande senhor e rei, não sois realmente Diniz Sanches!...

— Porquê então?

— Porque... porque... vos amaria, balbuciou a castellã, a quem duas rosas haviam colorido as faces.

— Auzenda!... Meu amor!... exclamou o rei, puxando para si a joven n'um impeto de paixão, e poisando-lhe nos labios um beijo ardente.

— Senhor!... senhor!... deixai-me... tende dó da minha fraqueza..., implorou a castellã, quasi desfallecida.

Mas D. Diniz tinha-lhe cingido o busto delicado e flexivel n'um abraço apaixonado, e, n'uma sofreguidão louca, beijava-lhe a bôca, os olhos, a garganta esculptural.

O seio de D. Auzenda levantava-se em movimentos precipitados e os seus bellos olhos brilhavam com uma chamma humida de amor. Não podia resistir mais, e abandonava-se por fim, empolgada tambem pelo mesmo desejo, excitada pela voluptuosidade d'aquelle renascimento primaveril da natureza. Então o rei ergueu-a nos seus braços fortes e conduziu-a docemente até á alcova.

CAPITULO XV

O segredo do pagem

O pagem que em um dos capitulos anteriores começára a ler á rainha a historia de Tristam e Iseult chamava-se Fernam Garcia.

Protegido pelo chanceller Domingos Jardo, que o mandára ensinar a ler, escrever e adquirir conhecimentos pouco proprios do tempo, viéra aos dezoito annos para o paço, fôra feito pagem da rainha e havia dois annos que exercia esse logar muito a contento de D. Izabel e fazendo-se estimar de todos que rodeavam a esposa de D. Diniz.

Ha alguns mezes, porém, que a sua indole triste e meditativa, se tornára ainda mais melancolica, indicando um verdadeiro soffrimento moral. Os saraus do paço, as cortes d'amor, a leitura dos rimances e a recitação de trovas, embora o distrahissem, não logravam abrir-lhe um sorriso em seu rosto amargurado.

Agora se achava elle, meditando em seus cuidados, junto de uma janella da alcaçova, quando, ouvindo passos e erguendo o rosto, viu Alvaro Mendes e Ayres Peres, que entravam no aposento.

Alvaro Mendes habitava o paço e fazia parte, com o jogral, seu

fiel companheiro e amigo, da casa do rei. E como Sarah se encontrava tambem junto da rainha, os dois amantes viam-se a miudo e podiam expandir o seu amor.

Por isso Alvaro parecia mais satisfeito e mais resignado, não tendo perdido a esperança de se unir á judia.

Ayres Peres disse a Fernam Garcia:

— Senhor pagem e amigo, sois ainda tão novo e já vos entregaes a coitas de amor!... Á-lá-fé, que me no pareceis destinado para essa infelicidade!... Procurae distrair-vos...

Olhae, vinde comnosco a passeio... Vamos caminhar pelos pinhaes e carvalheiras que bordejam o rio... A natureza está florida, as aves cantam, tudo está alegre n'este abril de grinaldas, proprio para trobadores e jograes, e vós, amigo, que tambem sabeis trobar— e mui bem—quereis entregar-vos á magua e á tristeza!...

— Senhor e amigo, minha indole é triste de natureza e não posso mudal-a, respondeu o pagem.

— Enganaes-vos, amigo... Tristezas aos vinte annos, só por coitas de amor!... Oh! sim! E é por ellas que assim estaes... As trovas que vos ouvi no alaude n'aquella noite em que vos surprehendi são uma prova de que estaes apaixonado... Quando vos ouvi essas trovas achei-as tão bellas que vol-as pedi... Aqui as tendes, que já as copiei, e vol-as agradeço... Mas vinde comnosco, que vos distrahireis... No caminho falaremos de vossas trovas e da dona de vossos pensamentos...

— Amigo, acompanho-vos, respondeu Fernam Garcia seguindo o jogral e Alvaro Mendes.

Os tres caminharam pela estrada ladeada de pinheiros, carvalhos e robles que seguia junto ao Tejo. Alvaro Mendes e Ayres Peres tentavam alegrar o animo do pagem, contando-lhe historias e peripecias das suas existencias agitadas. Fernam Garcia sorria ás vezes, mas um leve e melancolico sorriso apenas se entreabria em seu rosto maguado.

Alvaro Mendes e Ayres Peres, vendo que não conseguiam desanuviar o espirito do pagem, decidiram-se a falar-lhe sobre aquella paixão.

Talvez que elle confessando o seu soffrimento e o seu padecer encontrasse o alivio que muitos infelizes encontram desabafando.

— Já que não lográmos alegrar e distrair vosso animo, Fernam

...respondeu enterrando-lhe a espada em pleno coração. (pag. 197)

Garcia, dizei-nos pois o motivo de vossa magua ou de vossa paixão, pediu-lhe Ayres Peres.

— Já vol-o disse que não tenho paixão...

— Enganaes-nos, amigo, observou Alvaro Mendes... Ayres Pe-

res disse-me vossas trovas, e quem canta assim de amor como vós cantaes é por que está por força apaixonado...

—Trovas a damas todos soem fazel-as sem que sintam tudo quanto dizem.

— Amigo, assim é ás vezes... Sobretudo quando o trovador tem a minha idade ou a de Estevam da Guarda e está farto do amor e das donas!... Mas outras vezes acontece o contrario... As trovas dizem mui pouco do que se sente, porque não ha a eloquencia precisa para que as trovas possam exprimir tudo quanto sente o coração e a alma de um apaixonado ou de um desesperado do amor!...

— Falaes vardade, amigo! exclamou o pagem, a quem as palavras de Ayres Peres vieram lembrar e esclarecer o seu proprio sentir... Como sois eloquente! Como comprehendeis o que se passa no coração!

— Amigo, foi a triste experiencia da vida que me deu essa comprehensão, que vós comtudo exageraes... Mas consolae-vos, Fernam Garcia... Quando sobre vós tiverem decorrido os annos que sobre mim teem decorrido, tambem vós possuireis essa comprehensão do coração humano e talvez que a exponhaes com mais eloquencia do que eu!...

— Não é possivel, senhor!

— O tempo me dará razão, senhor pagem e amigo... Quanto ao vosso amor, vossas trovas falam de uma dona a quem amaes e que vos não ama:

Se eu pudesse desamar
A quem me sempre desamou,

Assim vós trovaes... Como sabeis que essa dona vos não ama? Já lhes dissestes vosso amor?

— Amigos, disse Fernam Garcia, tomando a resolução de confessar áquelles dois homens o seu desespero de amor, já que me forçaes a falar-vos sobre este assumpto, vou contar-vos d'elle o que me fôr possivel... Amo, sim, amigos, amo apaixonadamente uma dona, que nunca me amará, que nunca poderá saber o meu amor!... Amo sem esperança!

— Blasphemaes, Fernam Garcia!... Ninguem ama sem esperança! exclamou Alvaro Mendes.

— Assim é, confirmou Ayres Peres... Sem esperança!... E porquê?...

— Sem esperança, amigos, porque me não atrevo a confessar o meu amor áquella a quem amo... Não é por medo, nem por receio, oh! não!... que a ninguem temo senão a ella! Só a ella!... Se lhe confessasse meu sentimento, se tivesse alentos para tal, e se ella me expulsasse de sua presença, me prohibisse tornar a vêl a, me impedisse de continuar adorando-a como a adoro!... como se adoram as santas!... Ah! não, não me atrevo! Se ella me não permitisse mais vôl-a, sinto que morreria de desespero! Agora, ao menos, soffro, soffro muito, sim, mas vejo-a!

— Estaes mais seriamente apaixonado do que suppunha, Fernam Garcia, disse Alvaro Mendes. Mas, apezar de tudo, não deveis desesperar-vos...

—Por Belzebut! exclamou Ayres Peres. Amigo, uma mulher não é digna de que se soffra tanto por ella! E—sabe Deus!—se o merecerá!

— Oh! amigos! Esta merece-o! Se o merece! respondeu o pagem, a quem os olhos se fixaram, como em extasis, na contemplação da figura distante da amada.

— Mas quem é afinal esta dona? perguntou, impaciente, Alvaro Mendes.

— Não vol-o posso dizer... Deixae-me com o meu segredo...

— Isso é que não! observou Ayres Peres. Vós andaes consumido e ralado, soffreis uma horrivel tortura, e, quando, depois de nos terdes confessado vosso martyrio, procuramos saber o nome da dama que o causa, afim de tentarmos remedial-o, ou, ao menos, minorar vosso padecer, negaes-vos a completar a confissão e a indicar-nos o nome da mulher que tanto vos faz soffrer!... Mas não vêdes, amigo, que isso é uma loucura!

— Seja-o muito embora. Deixae-me ser louco a meu modo.

— Não póde ser, Fernam Garcia, objectou Alvaro Mendes. Sois nosso amigo e punge-nos vosso soffrimento, que desejamos, que queremos remedear.

— Mas é que nada remedeareis! respondeu o pagem dolorosamente. Não percebeis que, se eu vos pudesse dizer o nome d'essa dona, já vol-o teria dito? Mas não, não posso... Não posso, e não devo!

— Não podeis! disse Ayres Peres, admirado. É que vos não convem revelal-o, talvez porque sois desconfiado, e não tendes bastante confiança em nós.

— Por Deus! amigos, respondeu Fernam Garcia, fazeis-me offensa

suppondo tal! Se eu não tivesse confiança em vós, revelar-vos-hia a tortura de meu animo?

— Não tendes, pois, motivo algum para occultardes o nome da mulher que tanta magua vos causa, observou Alvaro Mendes.

— E á-lá fé! exclamou Ayres Peres... Mesmo que nol-o não reveleis, adivinhal-o-hemos nós... Isso não nos será difficil... Talvez que procurando entre as damas do paço... Sabemos que vós a vêdes a miudo e não desejaes ser privado de sua vista. Ora, como sois pagem da rainha, é evidente que se trata de alguma das donas que a rodeiam...

— Não procureis, amigos, insistiu o pagem com um sorriso melancolico. Ou procurae, se quizerdes, mas affianço-vos que não adivinhareis...

— É o que veremos, respondeu Ayres Peres.

— Será a condessa Leonor Affonso? perguntou Alvaro Mendes, que começara a lembrar varias damas da rainha, que pudessem ter causado semelhante amor... Será D. Izabel de Cardona ou D. Maria Ximenes Cornel?

Como o pagem tivesse meneado a cabeça n'um gesto de negativa, Ayres Peres disse:

— Já sei! É D. Betaça, a bella filha do conde de Ventemilha!

Fernam Garcia repetiu o mesmo gesto negativo, e Alvaro Mendes observou:

— Então não é outra senão a encantadora Estevainha Martins, a formosa camareira da boa rainha senhora D. Izabel!

E como o pagem estremecesse ao ouvir proferir estes dizeres, Alvaro Mendes, julgando ter adivinhado, disse:

— E' Estevainha Martins com certeza! Adivinhei, amigo!... Mas se é ella, porque lhe não confessaes vosso amor?

— Não é Estevainha, respondeu Fernam Garcia evasivamente.

— Então quem é? insistiu Alvaro, ao passo que Ayres Peres parecia embebido em meditação.

— Será Estevainha ou alguma das que dissestes os nomes, accrescentou Fernam Garcia. Mas seja essa dona quem fôr, por Deus vos peço, deixae-me com o meu segredo!

E, como de volta da caminhada tivessem entrado no paço, Fernam Garcia despediu-se dos dois amigos, deixando-os a cuidar em desvendar o mysterio de seu pobre coração.

CAPITULO XVI

O zelo dos amigos

ALVARO Mendes, ficando com Ayres Peres, disse-lhe :

— E' com certeza Estevainha Martins a dama dos sonhos do bom pagem... Não reparaste como elle estremeceu quando eu pronunciei seu nome?

— Reparei, senhor, mas vós não pronunciastes apenas o nome de Estevainha Martins, tambem pronunciastes o da rainha a senhora D. Izabel!.... E foi então que o pagem estremeceu!

— E que conclues tu com isso?

— Concluo que talvez a mulher que o pobre Fernam Garcia adora tão ardentemente, a quem receia confessar seu amor, de quem não quer e não póde dizer o nome, seja a rainha!

— A rainha! exclamou Alvaro Mendes.

E, tendo meditado alguns momentos, proseguiu:

— Não póde ser, Ayres Peres... Não póde ser... O pobre rapaz não ia agora apaixonar-se pela rainha!... D. Izabel é bella, é muito bella, mas possue uma belleza um pouco fria, para a qual o espirito juvenil e cavalheiroso do pagem se sentiria pouco atrahido... E elle não era capaz de tal loucura!

— Loucura ou não, o caso não é impossivel! E não é tanta loucura como vós dizeís! Lembrae-vos das côrtes que percorremos,...

Não seria D. Izabel a primeira rainha que se deixasse amar por um cortezão e que o amasse!

— Bem sei, Ayres Peres. E os exemplos que me podias citar conheço-os tão bem como tu... Mas é evidente que te enganas...

— Póde ser, senhor, e não quero insistir n'isto, tanto mais que não tenho a certeza...

— Quanto a mim, estou persuadido que a dama que Fernam Garcia adora é Estevainha Martins, disse Alvaro Mendes.

— Vêde-a, senhor, que atravessa o corredor, dirigindo se para os aposentos da senhora D. Izabel, observou Ayres Peres. Não achaes que seria bom chamal-a?

— Dizes bem, Ayres Peres, observou Alvaro. Chamemol-a e revelemos-lhe o segredo de Fernam Garcia. Póde ser que ella, ao saber que provocou essa paixão, anime o pagem a confessar-lhe o amor e lhe corresponda, fazendo-o feliz...

— Deus vos ouça!

E, quando a camareira passou junto da porta do aposento onde os dois amigos dialogavam, Alvaro Mendes chamou-a, dizendo-lhe:

— Vinde cá, senhora. Temos, Ayres Peres e eu, uma grande nova a dar-vos.

— Dizei-a, senhores, e oxalá que seja boa, respondeu Estevainha Martins com um encantador sorriso.

— É uma nova de amor. Fizestes com vossa formosura endoidecer o pagem da rainha senhora D. Izabel, Fernam Garcia. O pobre moço apaixonou-se por vós, e, por timidez ou receio de ser repellido, ainda não teve coragem de vos dizer seu amor...

— Fernam Garcia apaixonado por mim! exclamou a camareira com um riso de incredulidade. Estaes zambando, senhor!...

— Senhora, não... Ayres Peres poderá dar testemunho da verdade com que vos falo. E' ou não exacto, Ayres Peres?

— Eu assim o supponho, respondeu o jogral.

— E eu em tal não creio, senhores, affirmou Estevainha. E' impossivel!

— Impossivel! Porquê? insistiu Alvaro Mendes. Não sois tão formosa, tão encantadora!... Que duvida que vossos encantos captivassem o coração do pagem... Oh! mas affirmo-vos que o pobre moço está seriamente apaixonado... Ha duas noites, Ayres Peres surprehendeu-o a entoar ao alaude umas trovas sobre a sua des-

dita... Quereis ouvil-as, senhora? São bem lindas, e tanto que Ayres Peres pediu-lh'as e copiou-as... Se desejaes ouvil-as, elle vol-as dirá...

— Dizei-as, ou melhor, dae-m'as, que eu vol-as restituirei depois de as ter copiado.

Ayres Peres tirou do bolso o pergaminho com a poesia e entregou-a a Estevainha Martins.

— Senhora, tomae-as e lede-as com o vagar que vos parecer... Mas deixae que vol-as diga... Sei-as de cór... Vereis como são bellas e sentidas...

Ayres Peres recitou então os versos seguintes: (1)

Se eu podesse desamar
A quen me sempre desamou,
E podess' algum mal buscar
A quem me sempre mal buscou,
Assi me vingaria eu,
Se eu pudesse coita dar
A quem me sempre coita deu.

Mais non poss'eu enganar
Meu coraçon que m'enganou;
Por quanto me fez desejar,
A quen me nunca desejou;
E por isto non durmo eu;
Por que non posso coita dar
A quen me sempre coita deu.

Mais rog'a Deus, que desampare
A quen m'assi desamparou;
U el que podess'end estorvar
A quen me sempre destorvou;
E logo dormiria eu,
Se eu pudesse coita dar
A quen me sempre coita deu.

U el que ousass'en perguntar
A quen me nunca perguntou,
Porque me fez em si cuidar,
Pois ella nunca em mi cuidou;
E por isto lazeiro eu,
Porque non poss'eu coita dar
A quen me sempre coita deu.

(1) *Trovas e Cantares*, n.º 113 e na *Anthologia Portugueza*, por Theophilo Braga, pag. 40.

— Como são lindas! exclamou a camareira, a que o seio arfava de commoção. Mas estas trovas não me são dirigidas, senhores... Que motivos tendes para o affirmar?..

Alvaro Mendes respondeu:

— Conduzimos Fernam Garcia a passeio com o fim de o distrairmos, e, como vissemos que nada conseguiamos, pedimos-lhe para nos fazer confidencia do seu amor, e elle assim fez, narrando-nos o desespero do seu coração e o receio que tinha de que a dona amada, se elle lhe confessasse o seu amor, o repellisse ou o affastasse de si... E elle affirmou-nos que não poderia supportar o martyrio de a não ver!... Perguntámos-lhe depois o nome da dama e não nol-o quiz revelar... Começámos então a recordar os nomes das damas da rainha senhora D. Izabel, e foi, ao ouvir o vosso, que Fernam Garcia estremeceu .. Concluimos então que ereis vós a dona de seus sonhos...

— Lisongeaes-me, senhor, mas talvez vos enganeis, respondeu Estevainha Martins, que no seu orgulho de mulher bonita, já não ousava duvidar que o pagem estivesse com effeito apaixonado por ella, mas que ainda fingia não crer que tivesse provocado essa paixão só para que Alvaro Mendes e Ayres Peres lh'o tornassem a repetir e lisongeassem de novo a sua vaidade.

— Não duvideis, senhora, insistiu Alvaro Mendes. Agora que sabeis como o pobre pagem anda louco por vós, espero que lhe sejaes benigna e o animeis...

— Senhor, sim... Mas elle ainda nada me confessou e não devo ser eu a primeira a falar-lhe n'isso ..

— Deveis, senhora. A sua timidez ou o receio de que o priveis de vos ver poderá retardar longo tempo essa confissão e prolongar lhe os soffrimentos... Falae-lhe indirectamente, ao menos...

— Senhor, talvez siga vosso conselho... Agora permitti que me retire... Tenho que dirigir me á camara da rainha a senhora D. Izabel...

A camareira despediu-se dos dois amigos e retirou-se.

Alvaro Mendes perguntou ao jogral:

— Então não achas que fiz bem em contar-lhe tudo?

— Por certo, senhor. . No caso de ser Estevainha Martins a dama adorada pelo pagem... Pois d'outro modo, não tereis feito bem e comettestes uma imprudencia...

— Mas tu ainda pões em duvida que seja Estevainha a mulher amada por Fernam Garcia?

— Se não tenho razões para duvidar em absoluto, não tenho nenhum forte motivo para o affirmar com a convicção com que vós lh'o

D. Auzenda

affirmastes... Oxalá não fossemos comprometter inutilmente o pagem, abusando das suas confidencias!...

— Não digas tal, Ayres Peres, que me assustas!... O que fiz foi com a intenção de o servir bem e de lhe tornar propicio o amor da esquiva dama!

— Senhor, assim é, e ninguem ousará duvidar de vossas boas intenções... Mas o demonio ás vezes tece-as de tal maneira que quando queremos fazer bem fazemos mal e quando queremos fazer mal fazemos bem...

— Isso verdade é, amigo... Mas espero que agora tal não succederá... E não viste como o seio da bella Estevainha arfava de commoção ao ouvir-te dizer as trovas de Fernam Garcia?

— Senhor, vi... e seus olhos humedeceram-se... Reparei n'isso, senhor, é verdade, e muito me alegrarei se tivermos concorrido para unir esses dois amantes... Teremos feito uma boa acção! Teremos unido duas almas, que soffriam e amavam, ao pé uma da outra, sem que se adivinhassem!

— Com effeito devemo-nos orgulhar se conseguirmos fazel-os felizes!

— Deus vos ouvirá! exclamou o jogral compartilhando já agora um pouco da confiança de Alvaro Mendes... Para falar d'outro caso, dizei-me: sabeis o que se conta dos novos amores do rei?

— Sei, Ayres Peres... Soube-o por Vasco Annes... D. Diniz tem uma indole amorosa e não pode passar sem amante...

— Sim... mas dizem que a nova barregan do rei, a formosissima D. Auzenda, exerce sobre elle uma grande influencia...

— Dizem isso, mas não creio... D. Diniz é voluvel, como todo o homem acostumado a amar muitas mulheres... E' tambem um espirito varonil e energico e não posso crêr que se deixe dominar como os homens de animo fraco... Pode muito bem ser que agora, como está deveras enfeitiçado por essa D. Auzenda, ella exerça alguma influencia em seu espirito... Mas crê, Ayres Peres, nem essa influencia será duradoura, nem D. Diniz é homem para a supportar...

— Concordo com o que dizeis, senhor .. No entanto esses amores do rei com a castellã já chegaram aos ouvidos da rainha senhora D. Izabel e já provocaram algumas scenas entre ella e D. Diniz...

— Isso é que eu não sabia! exclamou Alvaro Mendes admirado... Como o soubeste?

— Ouvi-o contar a um homem d'armas do rei, um tal Mendo Paes...

— Conheço-o, disse Alvaro Mendes...

— E parece que frei Pedro de Serra está outra vez para ser victima da sanha do rei...

— Sim!... E porquê?

— Porque foi elle quem contou á rainha a nova aventura de D. Diniz... Mas não fez só isto... Teve o arrojo de procurar a D. Auzenda em seu castello e offerecer-lhe a protecção da rainha se quizesse fugir a D. Diniz!... Imaginae como o rei ficaria ao saber d'esta nova traça do intrigante monge!

Ayres Peres narrou então a Alvaro Mendes todos os factos e acontecimentos que o leitor já conhece pelos anteriores capitulos.

E os dois amigos assim continuaram largo tempo praticando sobre os escandalos da côrte.

CAPITULO XVII

Confidencia da Camareira

QUANDO Estevainha Martins entrou no quarto onde se achava D. Izabel, esta levantou os olhos do livro das orações que estava rezando e disse-lhe:

— Ah! sois vós, Estevainha...

E, fechando o livro, fixou a camareira e observou-lhe com um meigo sorriso:

— E que lindas côres tendes em o vosso rosto, Estevainha... Quem vos pôz essas rosas nas faces?

— Rainha e senhora minha, não gracejeis... Tanto mais que desejava o vosso conselho para um caso que vos vou contar e que talvez vos surprehenda... Fazei-me a mercê de ler estas trovas...

D. Izabel tomou o pergaminho, que a camareira lhe entregou, e leu attentamente os versos maguados de Fernam Garcia.

— São bellos na verdade, respondeu D. Izabel ao concluir a leitura. E quem os compôz?

— Um dos vossos pagens, Fernam Garcia.

— Fernam Garcia! exclamou a rainha, não podendo occultar um movimento de sobresalto. Tendes a certeza do que affirmaes?

— Senhora, sim, respondeu a camareira, algum tanto admirada da surpreza, do sobresalto e da interrogação de D. Izabel. Encontrei-me, quando para aqui me dirigia, com D. Alvaro Mendes e Ayres

Peres, que me mostraram estas trovas, me revelaram a quem eram dirigidas e me contaram que Fernam Garcia está apaixonado e muito, mesmo ainda mais do que essas trovas parecem indicar...

— Fernam Garcia, o meu joven pagem, apaixonado! exclamou a rainha. E por quem?

— O fidalgo e o jogral dizem que sou eu a dama dos sonhos do vosso pagem...

— Vós, Estevainha!... Vós!... E como souberam D. Alvaro Mendes e Ayres Peres tudo isso?

— Interrogando Fernam Garcia, senhora... Encontraram-n'o triste e pezaroso, e com o pretexto de o distrahirem ou consolarem, levaram-no a passeio, interrogaram-no, e, o pagem, tendo-se ao principio recusado a falar, confessou tudo por fim: a sua paixão, o desespero do seu amor, e deu como motivo de o não revelar á dona que ama, o receio que tinha de que ella o privasse de sua presença e se enchesse de sanha... D. Alvaro e Ayres Peres perguntaram-lhe o nome d'essa dama, e, como Fernam Garcia se negasse a dizer-lh'o, elles foram dizendo os nomes das damas do vosso sequito senhora rainha, até que chegaram ao meu e viram o pagem estremecer... Aqui tendes, senhora, o que elles me contaram... E isto vos digo a vós, senhora e rainha, para que me aconselheis e me digaes o que devo fazer... D. Alvaro Mendes pediu-me para dar a saber a Fernam Garcia que já conhecia o seu amor e animal-o assim a confessar-m'o e a evitar mais soffrimentos ao bom pagem... Mae eu não sei, rainha e senhora, se estará bem ao meu recato de mulher dirigir-me n'este sentido a Fernam Garcia... Vós que sois tão boa, tão virtuosa, e tão sabedora é que me podereis aconselhar melhor do que ninguem...

— Eu, Estevainha! exclamou D. Izabel como acordando d'um somno. E é a mim que vindes pedir conselho?... Mas se eu não sei o que vos deva dizer...

— Ora, não sabeis, senhora!... Acaso vos agastou o meu pedido?... Acaso vos offendeu o que vos contei?...

— Não, Estevainha, não me agastou o vosso pedido, nem me offendeu o que me contastes, respondeu D. Izabel, que percebeu a necessidade que tinha de se dominar. Apenas me surprehendeu que me viesseis pedir conselho sobre um caso d'esses...

— Mas a quem me havia eu de dirigir, rainha e senhora?... Já

não tenho pae, nem mãe, nem parentes... Vós é que sois para mim tudo... Vós sois aquella que me póde aconselhar e proteger... De mais não protegeis todos quantos se chegam para vós e imploram vosso auxilio?... Não tendes feito tantos casamentos na côrte?... Não fostes vós, senhora, que protegestes os amores de D. Alvaro Mendes com Sarah, a judia, e que mantendes estes dois amantes na esperança de poderem vir a unir-se. Se tendes feito tudo isto e muito mais, que não desejo estar agora a recordar-vos, porque me recusaes o vosso auxilio?... Ah, senhora, não ignoraes quanto vos sou dedicada e quanto vos quero!... Vós o sabeis e de tal não podereis duvidar...

D. Izabel ao ouvir estas palavras da camareira não poude conter as lagrimas.

— Choraes, senhora! exclamou Estevainha deveras afflicta. E fui eu que vos fiz chorar... Ah! quanto me peza ter-vos dito o que vos disse!.. Perdoae-me, senhora, perdoae-me...

— Nada tenho que perdoar, Estevainha! respondeu D. Izabel enxugando o pranto. Fizestes-me chorar, mas foi de commoção... Mas o que vos fez suppôr que eu vos não quizesse proteger e aconselhar?... Tal duvida não vos fica bem! Se hesitava e se ainda hesito em esclarecer o mysterio d'esses amores é porque vejo que vós, Estevainha, tambem o não esclarecestes como o devieis, antes de m'o revelardes...

— Mas, senhora, é para isso mesmo que eu venho pedir-vos conselho...

— E não t'o recusarei...

— Entendeis que devo acatar o pedido de D. Alvaro Mendes e dar a entender a Fernam Garcia que conheço o seu amor?

— Entendo que tal não deveis fazer, Estevainha... Ou antes que o não deveis fazer abertamente, mas julgo comtudo que vos fica bem falar ao pagem e provocal-o a revelar o seu segredo...

— Senhora, assim farei...

— Sua resposta vos indicará depois o procedimento que devereis seguir... Em todo o caso estou prompta a auxiliar-vos em tudo...

— Ah! senhora, quanto vos agradeço!

— E que effeito vos produziram as trovas do pagem e a revelação de Alvaro Mendes? perguntou D. Izabel com curiosidade.

— Senhora, encheram-me de commoção!

— Amaes então Fernam Garcia?

—Senhora, para vos falar verdade, não sei...

— Não sabeis!

— Senhora, não, não sei... Antes que me contassem o que ora me contaram e de lêr suas trovas nunca senti por Fernam Gracia outro sentimento que não fosse a estima... Agora porém que soube suas desditas e seu padecer, o saber que sou eu a causa de seu desespero, commoveu-me tanto e augmentou tanto a affeição que já por elle sentia, que não sei se isto será o que se chama amor.

— Então o pobre Fernam Garcia tem soffrido muito? perguntou com interesse.

— D. Alvaro Mendes e Ayres Peres affirmam que sim...

— Pobre rapaz! exclamou D. Izabel suspirando. Mas o que me causa surpreza é elle ter occultado esse amor e a ninguem o querer revelar, nem mesmo a vós, Estevainha!... Se elle vos ama como essas trovas parecem indicar — se é que vos são dirigidas...

— Eu tambem duvidei, como vós, senhora, mas elles assim m'o affiançaram, observou a camareira.

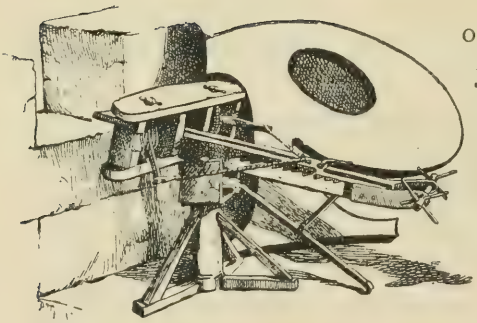
— Eu de tal não duvido, Estevainha... Apenas desejo pôr-vos de resguardo contra qualquer desengano... Mas, se com effeito ellas vos são dirigidas, é porque o pagem vos ama, e se assim é, que receio paderá ter em revelar vos seu amor?... O medo que vos affasteis d'elle?... Não me parece... Vós sois minha camareira, elle meu pagem, como poderieis vós affastar-vos, a não ser abandonando-me!... Creio pois que o motivo do silencio de Fernam Garcia seja outro... Mas não atino qual...

— Talvez a timidez, observou Estevainha.

— Talvez, concordou D. Izabel com o espirito entregue a outras supposições, que entendeu não dever participar á sua camareira.

CAPITULO XVIII

O pagem e a camareira



Por uma das alamedas floridas do jardim, Estevainha Martins, que se achava a uma janella, viu caminhar triste e pensativo Fernam Garcia.

Desceu ao seu encontro e ao defrontar-se com elle, disse-lhe:

— Deus vos salve, senhor pagem.

— Deus vos salve, senhora, respondeu Fernam Garcia, que se dispunha a seguir seu caminho.

Estevainha Martins ajuntou:

— Li vossas trovas, senhor pagem, e achei-as encantadoras... Foi D. Alvaro Mendes e Ayres Peres que m'as mostraram... Tão lindas são ellas que me fizeram chorar...

— Favoreceis-me, senhora, e agradeço-vos... Mas porque motivo D. Alvaro Mendes e Ayres Peres vos mostraram essas trovas? perguntou um pouco ancioso o pagem, receando ter adivinhado.

— Senhor, não sei se vol-o deva dizer!... respondeu a camareira um tanto enleada.

— Dizei-o, senhora, peço-vos, disse o pagem com interesse.

— Como vossas trovas eram dirigidas a uma dama do paço, elles

mostraram-m'as para vêr se eu saberia a quem poderiam ter sido feitas... Como não adivinhei, revelaram-m'o elles...

—Muito vos agradeço, meu senhor e rei (pag. 211)

—E que vos revelaram?. . Vamos, senhora, dizei-m'o, não hesiteis...

— Senhor, que vossas trovas eram dirigidas...

— A quem?

— A mim, senhor, respondeu Estevainha Martins córando.

— A vós, senhora!... Mas eu não lhes revelei meu segredo e quando elles me indicaram vosso nome neguei-lhes que fosseis vós a dona que eu amo! respondeu Fernam Garcia.

— Senhor, isso verdade é, e elles m'o disseram; mas afiançaram-me porém ser eu a dama a quem vossas trovas se dirigiam...

— D. Alvaro Mendes e Ayres Peres abusaram das minhas confidencias! exclamou o pagem irritado. Além de abusarem do que lhes disse, inventaram o que não lhes disse e quizeram vêr uma confissão no silencio e na recusa de lhes responder... Não foram leaes amigos, senhora!

— Senhor, escusae-os... Se elles me revelaram vossas maguas e vosso padecer, foi com o intento de que eu poderia dar-lhes remedio.

— Enganaram-se e enganaram-vos, senhora! exclamou Fernam Garcia bruscamente.

O pagem, ao conhecer que Estevainha Martins sabia uma parte do seu segredo, hesitou durante algum tempo se deveria mantel-a na illusão de que era ella com effeito a mulher que elle amava ou se deveria desenganal-a de vez. Illudil-a era ter de fingir um amor, que não sentia e provocar talvez futuras complicações; o desenganal-a tinha o inconveniente de, além de desgotar a gentil camareira, causar-lhe um tal despeito que a levasse por capricho a procurar conhecer o segredo d'esse amor e com a perspicacia e sagacidade de que as mulheres são dotadas conseguir adivinhar o nome d'aquella a quem amava, nome que não podia, nem queria pronunciar.

Fernam Garcia era porém muito jovem para poder amar a hypocrisia e adoptar o primeiro expediente.

Portanto, apesar dos riscos que poderia correr adoptando o segundo expediente, decidiu-se por elle, dispondo-se a confessar lealmente a Estevainha Martins que ella, Alvaro Mendes e Ayres Peres se tinham enganado.

— Então não sou eu a dama a quem vossas trovas foram feitas, pelo que vejo? perguntou por fim a camareira com a voz tremula e o coração inquieto, depois de ter durante algum tempo respeitado o longo silencio de Fernam Garcia.

Este respondeu, cuidadosamente, medindo as palavras:

— Senhora, não sois... Não devo tentar illudir-vos e lamento deveras que os meus amigos vos tivessem logrado involuntariamente... Tenho por vós uma grande estima e sympathia, senhora... Nossos misteres approximaram-nos e d'esta convivencia nasceu a amisade que vos dedico... Mas devo dizer-vos com toda a lealdade de cavalleiro, que me prezo de ser, que essas trovas, que vos mostraram e lestes, não vos eram dirigidas... Não vos amo de amor, senhora, não, embora vos queira muito.

— Fui enganada! exclamou Estevainha Martins, não podendo occultar o despeito que lhe causava o ter-se deixado illudir... E como me ficareis julgando, senhor?

— Como vos julgava d'antes, senhora, uma bella dona digna de todas as sympathias e respeitos... Até mais, senhora... Vosso interesse por minhas desditas e vosso desejo em querel-as remediar, provam-me a gentileza de vosso animo e a bondade de vosso coração e, longe de diminuirem n'alguma coisa a estima que vos consagrava, augmentam ainda mais o affecto que vos dedicava...

— Mercê de vossas boas palavras, senhor pagem... Mas, se não sou eu a dama que tanta tristura vos causa, outra é essa dona, e não percebo o motivo porque lhe não confessaes vossa coita de amor...

— Senhora, escusae-me... O motivo não vol-o posso revelar... Não o revelei a Alvaro Mendes e Ayres Peres e vós sabeis quanto elles comigo insistiram para que lh'o dissesse...

— E' então tão grave vosso segredo, senhor pagem, que a ninguem o podeis dizer?

— Senhora, não me interrogueis, peço-vos... Penalisar-me-hia o ter de recusar responder-vos...

— Como sois reservado, senhor!... Eu se assim fosse soffreria bastante...

— E eu não soffro, senhora?!

— Soffreis, sim, mas parece que vos prazeis em vosso soffrimento, pois não procuraes dar-lhe remedio...

— E sabeis se elle o terá, senhora?... Quem eu amo não pensa em mim, nem talvez adivinhe o quanto eu penso n'ella!...

— Mais uma razão para lh'o revelardes, insistiu a camareira...

— Senhora, agradeço vosso interesse pelas minhas coitas de amor, mas peço-vos que m'as deixeis soffrer e que não procureis desvendar aquillo que vos não posso dizer...

— Bem está, senhor pagem, respeito vosso desejo e escusae-me a insistencia, que era pelo muito interesse que por vós tomo... E eu que contei á senhora rainha D. Izabel que vossas trovas me eram dirigidas!

— Vós contastes semelhante coisa á senhora D. Izabel! exclamou o pagem, com um olhar colerico... Mas para quê, senhora?... Com que fim?... Com que interesse?

— Com o fim e com o interesse de que ella me auxiliasse em descobrir a verdade, e, tendo-o conseguido, vos protegesse e me protegesse.

— E que respondeu a senhora rainha? perguntou o pagem, depois de alguma hesitação.

— Respondeu, lamentando vossos desgostos e aconselhando-me a que procurasse saber a origem d'elles para se remedearem, sendo possivel... Conheceis a indole boa da senhora D. Izabel, senhor... Não deve pois causar-vos estranheza que ella me promettesse a sua protecção, afim de melhorar vossas desditas...

— Oh! a senhora rainha é boa, é uma santa!... Antes o não fôra tanto! exclamou o pagem, a quem estas palavras sahiram como involuntariamente, atraiçoando-o no intimo do seu pensamento.

— Que dizeis, senhor pagem!... Desejarieis que a senhora D. Izabel não fosse tão boa e tão santa?... Insano desejo é o vosso, senhor!...

— Talvez... Mas se a senhora D. Izabel não fosse tão virtuosa e dotada de tanta bondade, tel-a-hia el-rei D. Diniz feito soffrer tanto, como tem feito?... A'-la-fé que não!... Já vedes que não era tão insensato o meu desejo!

— Não sei se tendes razão, mas não creio... Antes a senhora D. Izabel seja como tem sido, protectora dos infelizes e amparo dos pobres, alma bem intencionada e coração compassivo.

— Senhora, sim... E não serei eu que vos contradiga... Como porém devo muito á senhora rainha, que me tem comulado de graças e de favores, penalisa-me o seu soffrimento e tudo daria — até a minha vida — para lh'o evitar!. . Ora eu acredito que el-rei D. Diniz não causaria tantos desgostos a sua esposa, se a senhora rainha não fosse tão bondosa e tão humilde... Eis porque proferi os dizeres que vos escandalisaram... Escusae-me...

— Não tendes de quê, senhor... Sei que sois tambem muito af-

feiçoado á senhora D. Izabel e que, como eu, desejaes sua felicidade...

— Assim é, senhora...

— Por isso o que dissestes o levo á conta de vossa dedicação... Agora, senhor pagem, retiro-me... Perdoae-me vós meu engano...

— Senhora, eu é que vos peço desculpa de me ter visto forçado a falar-vos com a franqueza com que vos falei... Mas assim melhor foi... Agràdeço-vos porém ainda uma vez vosso interesse por minhas desditas, senhora Estevainha... O ceu vos pagará.

A camareira, tendo-se despedido, desappareceu atravez as arvores da alameda e o pagem triste e solitario proseguiu no seu passeio.

Raiava um sol d'abril; o ceu estava azul, os passaros gorgeavam na sombra das arvores, as flores ostentavam as suas cores variadas, e toda a natureza resplendia galas e respirava perfumes. Apenas, a contrastar com esta alegria, a tristeza do pagem, que continuava passeando, entregue ás suas sombrias cogitações.

CAPITULO XIX

Revelação de D. Izabel

REI Pedro de Serra, chamado pela rainha, penetrou no aposento em que D. Izabel se encontrava.

— Chamei-vos, frei Pedro de Serra, disse D. Izabel, para vos dizer que podeis ir aos vossos outros misteres... Já não preciso confessar-me... Não... Fazel-o-hei d'aqui a dois ou tres dias, quando estiver mais socegada e tranquilla de espirito...

— Senhora, sim... Procedeis com mui prudencia e discernimento... Não deveis abordar o santo tribunal da penitencia se não com a alma alheia a todas as coisas do mundo, ás suas paixões, ás suas luctas vãs, a tudo quanto possa tornar menos efficaz tão santo sacramento... Mas para que vos digo eu isto, senhora?... Como se vós não tivesseis a alma sempre em Deus e na santa Virgem, e não fosseis em tudo alheia ás paixões mundanas?... Até, a dizer-vos com verdade, nem vejo precisão em vos confessardes tanto a miudo...

— Desejo andar sempre com a alma limpa de pecados, D. frei... E assim mesmo não o consigo...

— Não digaes tal, senhora, atalhou o frade. Vós não tendes pecados!...

— Deus e os santos que nos veem e ouvem e estão na bemaventurança sabem se os tenho ou não!...

— Exageraes vossos escrupulos, senhora... E' provavel, como ha pouco me narrastes, que tenhaes sido tentada pelo demo e que essas tentações vos atribulem a alma.... Mas não deveis esquecer que Satanaz tenta mais as almas eleitas de Deus do que as dos pecadores, pois que as d'estes pertencem-lhe e não necessita tental-as...

— Vossas palavras animam-me e socegam-me um pouco.

— Devem socegar-vos de todo, senhora .. E, se nem assim vos tranquillisaes, contae-me a tentação com que o demonio vos tem perseguido e estou certo que em eu a ouvindo vos poderei tranquillisar melhor.. Não é uma confissão que fazeis, senhora... E' apenas uma confidencia ao vosso director espiritual, ao vosso servo dedicado de ha tantos annos...

— Sim, frei Pedro.. Assim farei... Ouvi-me portanto e lembrae-vos que esta confidencia que vos vou dizer, é como se fôra um segredo sagrado da confissão e que a ninguem podereis nem deveis revelar...

— Senhora, era escusada tal observação... Nunca revelei vossos segredos, e seja qual fôr a gravidade d'esse que me ides dizer, juro-vos pela hostia consagrada que a ninguem o direi!

— Sabei, frei Pedro, que ha já muitos mezes tenho constantemente no meu espirito e ante meus olhos a figura de um homem da minha côrte... A sua imagem persegue-me e tenta-me .. Vejo continuamente o seu rosto triste, o seu olhar maguado, o seu aspecto pezaroso... Meu coração constarnge-se ao sabel-o infeliz, ou pelo menos em não o suppôr tão feliz e ditoso quanto desejava que o fosse. Conheço que o pensar n'esse homem como penso é uma tentação e um pecado, e por mais esforços que tenha feito para o esquecer, tudo tem sido baldado. . Devia encher-me de coragem e affastal-o da côrte, procurar lhe situação fóra do meu paço; por varias vezes tenho decidido levar ávante este intento, mas quando vou para o executar, falta me o animo... Quando elle me fita com seus olhos pensativos, toda eu estremeço e me commovo... Calculo que a elle nem sequer lhe passa pela mente o sentimento que me inspira, e até ha pouco soube que o dizem apaixonado por uma das damas que me rodeia... Pois bem, frei Pedro... Eu, que vós dizeis tão virtuosa, tão cheia de bondade, não pude abafar um sentimento de colera, de rancor e de despeito ao conhecer essa paixão... Para o socego da minha alma, seria melhor que eu concorresse para que elles se

unissem e se esposassem, pois apezar de tudo — vêde a misera condição em que me encontro! — não só não o desejo, mas até temo que isto se realise!

— Senhora minha, vossas palavras causam-me admiração, mas não me assustam nada por vossa alma... Todos os vossos escrupulos me provam a força de vosso animo e me garantem que sabereis luctar contra a tentação do espirito maligno... O que vós sentis por esse cortezão é talvez um affecto mais vivo de que a amizade, mas não me parece que seja tambem tão pecaminoso como vós suppondes... Não, rainha e minha senhora... Convém não exagerar as faltas veniaes e suppôl-as mais nefandas do que com effeito são... Os vicios e os desregramentos do vosso esposo o senhor D. Diniz é que terão causado em vosso animo esse sentimento, que tem crescido talvez á medida que el-rei se obstina em seus culpaveis excessos... Crêde, senhora, é D. Diniz o causador do vosso mal e ha de ser a elle que o Deus Omnipotente ha de pedir severas contas por ter motivado tantos desgostos e tentações n'uma alma de eleição como a vossa... Vós nunca succumbireis e estou certo de que havereis de vencer o demonio e suas tramas perversas... Apegae-vos aos santos e santas de vossa devoção, senhora, que eu tambem em minhas orações pedirei por vós...

— Agradeço-vos, frei Pedro, e Deus faça que vossas preces sejam mais efficazes do que as minhas o teem sido...

— Hão de sel-o, rainha e minha senhora, e descançae, que não tendes motivo algum para vos affligir...

— E' que não podeis ver bem o que se passa em minha alma, frei Pedro, nem eu mesmo vol-o posso explicar melhor...

— Vejo, senhora, vejo... Vossa alma é limpida como a agua mais pura da rocha... E acreditae-me... Não tortureis vosso animo com o esforço de querer affastar d'elle a imagem do homem, que vos persegue. Deixae seguir a corrente de vossos pensamentos e não vos mofinheis exagerando o perigo que, por emquanto, não julgo ser grande.

— Mas julgo eu, frei Pedro!... Eu sei os transes porque tenho passado!...

— Senhora minha e rainha, não o duvido e não desejo diminuir vosso valor em luctar contra as tentações... O que procuro é evitar que soffraes e que vos tortureis, quando a vossa vida exemplar me não permitte suppôr sequer que vós possaes succumbir...

— Mas se succumbir, frei Pedro?... Se, apezar de tudo o que me dizeis, eu não tiver forças para resistir mais e se succumbir afinal?

Frei Pedro de Serra

— Creio, senhora, creio firmemente que podereis resistir, mas se, contra esta minha arreigada crença, vós com effeito succumbirdes, não esqueçaes que a misericordia de Deus Nosso Senhor é infinita e

que elle não poderá consentir que uma alma de eleição como a vossa seja por muito tempo a preza de Satanaz...

— Eu desejava poder ter essa mesma confiança que tendes, frei Pedro.

— E deveis tel-a, rainha e senhora... Agora, se mais nada mandaes, retiro-me a meus affazeres...

— Ide, frei Pedro.

— Deus afaste de vós o demo, senhora! respondeu o frade.

O monge sahiu do aposento. No intimo da sua alma desejava que a rainha succumbisse só para pagar ao rei na mesma moeda. Se uma santa como D. Izabel podesse entregar-se nos braços de um amante! pensava o perverso frade.

Como elle não tiraria depois uma vingança terrivel contra D. Diniz, enchendo-o de ciume, de raiva, de vergonha e revelando-lhe o seu opprobio!

A idéa d'esta trama diabolica illuminou-lhe o espirito com a rapidez de um relampago; e, cuidando n'ella, frei Pedro de Serra estugou o passo e sumiu-se no corredor sombrio.

CAPITULO XX

Um compromisso

A camareira da rainha, desilludida pelo pagem, apressou-se a contar a D. Izabel a conversa que tivera com Fernam Garcia.

—Vosso pagem, senhora rainha, logo me desenganou... Com mui boas palavras, é certo, mas desenganou-me... Vêde, senhora, como fui imprudente indo provocar suas confidencias. E como me não ficará julgando!

—Não penseis em tal, Estevainha, disse D. Izabel para a consolar. E nada mais vos disse o pagem?... Não lhe perguntastes o nome da dona de seus sonhos?

—Senhora, perguntei... E elle respondeu-me o que respondera a D. Alvaro Mendes e Ayres Peres: que m'o não podia dizer e que o deixasse com o seu segredo... Segredo que me parece bem grave!... Não vá o pobre pagem morrer por elle!...

—Não digas tal! exclamou D. Izabel, assustada com aquellas palavras. Não morrerá por tão pouco...

—Por tão pouco, dizeis vós, rainha e senhora, que sois virtuosa e casta e a quem as coisas do amor não pódem passar pelo espirito!... Mas por muito dirá elle, o pobre apaixonado, que considera em tanta conta a mulher que ama, que não ousa confessar-lhe seu amor!... Eu, apesar da desillusão que me causou e da humilhação que me infligiu, não posso querer-lhe mal e lamento sinceramente suas maguas... Se pudesse dar-lhe remedio, dava-lh'o... Se sou-

besse o nome da dona que o faz soffrer tanto, iria procural-a e pedir-lhe-hia que fizesse cessar esse soffrimento...

— Calae-vos, Estevainha!... Não digaes coisas que parecem desatinadas... Sabeis acaso se a dona que elle ama lhe poderá corresponder?... Não vedes que póde ser uma dona casada, a quem elle terá pejo de revelar sua coita?... Eu falarei com Fernam Garcia, Estevainha... Pode ser que elle me não ouse occultar seu segredo...

— Dizeis bem, rainha e senhora... Elle tem-vos tanto respeito e dedicação, que se vós o interrogardes, talvez se veja na necessidade de não poder occultar por mais tempo o nome de sua dama...

— E se m'o disser e eu puder fazel os felizes, acreditae Estevainha que os farei, respondeu a rainha tomando este compromisso solemne.

— Senhora rainha, bem diz o povo que vós sois um coração d'oiro e uma santa!

— Uma santa, Estevainha! exclamou D. Izabel sorrindo tristemente... E' que não conhecem meus pecados e as tentações de que sou victima! Uma santa!... Ah! se soubessem o que se passa em meu animo não diriam isso!

— Rainha e minha senhora, peza-me o ouvir-vos dizer tal!... Se vós não sois santa quem o será?...

— Prohibo-vos, Estevninha, de me falares d'esse modo... Sou uma humilde pecadora — e Deus sabe quanto o sou! — e não desejo que, repetindo-me estes ditos do povo, que exagera o pouco bem que lhe faço, leveis á minha alma o orgulho e a vaidade... São dois grandes pecados e para mim já bastam aquelles com que estou sobrecarregada...

— Obedeco-vos, rainha e minha senhora, respondeu Estevainha Martins com respeito.

— Des que encontre Fernam Garcia falar-lhe-hei, estae descançada... Ficareis assim satisfeita?...

— Senhora, sim...

A rainha deixou a camareira e entrou no jardim a respirar a brisa suave do entardecer e o perfume das flores.

CAPITULO XXI

Desvenda-se o mysterio

ERNAM Garcia, que ainda se achava na alameda, ao avistar D. Izabel, veio beijar-lhe a mão, indo para se ajoelhar.

— Erguei-vos, senhor pagem, disse-lhe vivamente D. Izabel... Ha muito vos dispensei d'essa cerimonia, que não me agrada... Não mais esqueçaes o que vos disse...

— Senhora rainha, cumprirei vossas ordens, respondeu o pagem com humildade e timidez.

— Bem está, bom pagem... E, pois que ora vos encontro, desejo falar-vos ácerca do que me disse Estevainha Martins a vosso respeito... Ella leu-me vossas lindas trovas e contou-me vossa coita d'amor... Até por signal julgou, aconselhada por D. Alvaro e Ayres Peres, ser ella a dama de vossos pensares... Ao que vejo, illudiu-se a minha pobre camareira...

— Não foi D. Estevainha Martins que se illudiu, senhora, foram os meus amigos, cheios de um zelo enganador, que a illudiram... A senhora D. Estevainha Martins foi para mim de uma bondade que nunca esquecerei .. Não posso comtudo levar lhe a bem ter-vos ido desasocegar o espirito com confidencias que vos devem ser muito alheias, senhora rainha...

— Muito alheias, dizeis!... Como me podem ser alheias as desditas de quem me é tão dedicado como vós sois!... Não, Fernam Garcia... Fazeis-me ultrage suppondo que eu me não possa interes-

sar por vossas maguas... Interesso-me e muito... Assim eu podesse dissipal-as!... E é para tental-o que ora desejo praticar comvosco... Porque não revelaes, senhor pagem, o nome da dona que tanto vos faz penar?... Vossa recusa, vosso retrahimento não se explicam... Ou antes só se explicam no caso d'essa dona ser casada e terdes pejo de o dar a conhecer...

— Senhora rainha, não me faleis em tal, peço-vos... Agradeço-vos humildemente o interesse que tambem tomaes por minhas tristezas, mas não procureis sabel-as, que vol-as não posso dizer...

— Não comprehendo tanta obstinação, senhor pagem... Eu quizera saber o motivo de vossos desgostos para os remedear... Mas vós não o entendeis assim, não ateimarei... Dizei-me ao menos se é dama da côrte...

— Senhora... balbuciou Fernam Garcia, cada vez mais enleado.

— Até n'isso hesitaes em responder-me!

— E' da côrte, senhora, apressou-se o pagem a dizer, obedecendo quasi machinalmente á ordem da rainha....

— E' casada?

— Senhora, sim...

— Bem está, bom pagem... Se é dama da côrte, poderei tentar curar-vos de vossos soffrimentos... Vou enviar-vos em missão ao reino Aragonez e ahi restareis o tempo que fôr preciso para esquecel-a..

— Senhora, pediu o pagem com uma voz supplicante e afflictiva, não façaes isso!... Julgando que me curaes, privando-me de sua presença, o que fareis é matar-me! Não me envieis á côrte de Aragão, peço-vos, senhora rainha! Deixae-me estar onde estou, a servir-vos com a dedicação com que vos tenho servido, e não vos mofinhem minhas maguas, que eu saberei viver com ellas!

— Como a amaes, santo Deus! exclamou D. Izabel... O meu espirito perturba-se quando penso no que soffreis...

— Mas não penseis, senhora rainha... Eu não mereço que vos mofinheis por mim!...

— Tudo quanto me dizeis não serve senão para augmentar meu desejo e minha curiosidade em saber o nome d'essa dona... Bem, Fernam Garcia... Vós ha pouco não m'o quizestes dizer... Pois escolhei agora: ou me direis o nome de vossa dama, ou mandar-vos-hei á côrte de Aragão!

— Senhora, rainha, não me faleis d'esse modo!... Podereis arrepender-vos, se me obrigaes a pronunciar o nome de quem amo!... Mas não... Vós sois boa e não fareis o que dissestes... Não me obrigareis a partir...

— Fernam Garcia, escolhei, torno a dizer-vos, repetiu D. Izabel, inabalavel em seu proposito: ou me revelaes o nome d'essa dama, ou partireis ámanhã mesmo para a côrte Aragoneza!

— Não insistaes n'esse proposito, senhora!... Forçar-me-heis a revelar o que não posso, nem devo revelar!

— A nada vos forço, bom pagem... Partireis amanhã...

— Pois bem, senhora rainha... Não partirei!... Provocaes-me a esta confidencia, vou dizer-vos tudo... Mas já que vou vos abrir minha alma e revelar-vos o segredo de meu coração, já que fostes vós propria que me forçastes a esta terrivel confissão, havereis porém primeiro de me jurar que nada fareis contra mim, que nunca me mandareis sahir de vossa côrte! Juraes, senhora?

— Contra vós!... Como me julgaes! exclamou com tristeza a rainha, lançando-lhe um olhar meigo, que ainda mais transtornou a cabeça do pobre pagem... Então suppondes-me capaz de vos fazer algum mal?

— Senhora, vossa exigencia em querer-me fazer partir para a côrte de Aragão, prova-me que me devo premunir com o vosso juramento...

— Quereis então que eu jure? E só assim me podereis fazer essa revelação?

— Senhora, sim!... Vedes que vos obedeço... Fazei-me vós pois o que imploro...

— Pois bem... Satisfarei vosso desejo... Quereis que jure, o quê?

— Jurae, senhora rainha, que feita a revelação que vos vou fazer nunca me fareis sahir de vossa côrte, nem me affastareis d'ella sem que eu o deseje!

— Juro, Fernam Garcia, que seja qual fôr a revelação que me ides fazer, nunca vos affastarei de minha côrte, a não ser que o desejeis!

— Agora, senhora rainha, que tenho o vosso juramento, estou tranquillo e terei mais coragem para poder revelar o que vos vou revelar... Esse terrivel segredo que me escalda os labios e me dilacera o coração!... Fostes vós que m'o exigistes e que m'o arrancastes á força e portanto não vos podereis agastar!

— Assustaes-me, senhor pagem! .. Vossas palavras, esse juramento que de mim exigistes, faz-me ter medo do que vou ouvir!... Estou receando adivinhar!... No emtanto sinto que já não posso impor-vos silencio... Dizei!

— Sabeis quem é a dama que eu amo e que tanto me faz soffrer? Sabeis quem é a dona de meus pensares e cujo nome nunca a ninguem quiz revelar?... Sois vós, senhora rainha!

— Senhor pagem! exclamou D. Izabel a quem os olhos se humedeceram, o rosto se coloriu, os seios arfaram e o coração bateu com força. Meu Deus! meu Deus! não me deixeis succumbir, pedia D. Izabel mentalmennte. Dae-me forças e coragem para poder verberar com palavras de colera e de repulsão a ousadia d'este homem!

Os deuses na *Iliada* de Homero iam para banquetes longiquos, quando não queriam attender os que os imploravam; tambem o Deus dos christãos, o Deus de D. Izabel se mostrou em absoluto alheio á supplica da rainha, e nenhuns ouvidos deu ás suas preces, entretido talvez n'algum festim celeste.

A rainha quiz expressar a colera e o rancor pelo que acabava de ouvir—e não poude! Quiz reprehender o atrevimento de Fernam Garcia, mas a commoção e os soluços embargaram-lhe a voz—e não ousou proferir palavra!

O pagem, animado por este silencio e vendo a impressão que suas palavras tinham produzido, proseguiu:

— Senhora, sim!... E' a vós que eu amo e quero com um amor tão da alma e um querer tão do coração, que me parece impossivel que alguem tenha sentido por sua dona o que eu sinto por vós!... Meu amor não vos póde offender, por que é um amor puro e santo, um amor que se compraz na contemplação do objecto amado!... E querieis vós enviar-me para longe e privar-me de vossa presença!... Ah! senhora, só essa ameaça, só o receio de semelhante castigo, me poderia arrastar a esta confissão!... Agora já comprehendeis porque a ninguem disse o meu segredo!... Se eu amava-vos! Amava a rainha!... E ha quanto tempo já que nasceu este amor!.. Começou na alcaçova de Lisboa... Vós chamaveis-me para vos ler os romances e as trovas, que tanto vos encantavam e vos distrahiam... Eu contemplava vosso rosto pesaroso, e, na idéa de que não ereis feliz, ia cogitando em vossos desgostos e pedindo a Deus por vós em minhas orações .. Pouco a pouco vossa imagem foi entrando no meu espi-

SOIS VÓS, SENHORA RAINHA (Pag. 264)

Gravura de P. Marinho & C.ª

Imp. de Libanio da Silva

— A-la-fé que mentis, D. frei! (pag. 215)

rito, e d'elle se apoderou de tal modo que já nunca mais a poderei apagar! Em breve vos tornastes senhora de todos os meus pensamentos, dominadora de todos os meus sentidos! Vejo-vos em tudo quanto vejo! Vejo-vos no sol que vejo, na agua dos rios, nas flôres

dos prados, na verdura das arvores, na luz das estrellas, no azul do ceu, nos altares das egrejas onde rezo, por toda a parte emfim vossa imagem me apparece e acompanha! Fiz tudo para vos esquecer, e quanto mais tentava para vos fazer sahir da minha mente, mais vossa figura suave n'ella dominava! Aqui tendes, senhora, o meu segredo...

— Vossas palavras ultrajam-me, senhor pagem... Lembrae-vos de que sou esposa e mãe...

— Senhora, não esqueçaes que fostes vós que exigistes a revelação do meu segredo...

— Fui eu, sim... Mas estava bem longe de suppôr que me irieis revelar o que me revelastes... Em todo o caso, como fui eu que o exigi, não vos posso levar a mal o que me dissestes... Farei porém todo o possivel para o esquecer... Esforçae-vos tambem por vossa parte em esquecer este amor criminoso... Rogarei a Deus por vós...

— E Deus não vos ouvirá!... Ha de ouvir-vos tanto como me ouviu a mim!... Julgaes que não fiz tudo quanto pude para me livrar de tanto soffrimento?... Pedi a Deus que me fizesse esquecer-vos, e elle não me ouviu!... Pedi-lhe a morte, e não me attendeu!... Rezei á Virgem, a todos os santos de minha devoção, e não fui mais feliz!... Vêde, senhora, que não mereço a vossa colera, mas sim a vossa compaixão, já que mais nada me quereis dar...

— Sois ainda mui jovem, Fernam Garcia, e vossos verdes annos hão de conseguir vencer essa paixão... Agora retirae-vos... Depois do que vos ouvi, não me parece bem estar comvosco a sós...

— Senhora, protestou o pagem, sabeis que o meu amor é tão grande como o meu respeito!

— De tal não duvido, senhor pagem... Mas, apesar de tudo, creio que a Deus, que nos está vendo e ouvindo, não agradará que eu prolongue esta conversa... Ide pois...

— Senhora, obedeço-vos... E peço-vos escusa se vos maguei...

— Sim, causastes-me surpreza e pezar, mas não vos culpo... Basta lembrar-me do que tendes soffrido e do que soffreis... Ide...

CAPITULO XXII

Exame de duas consciencias

FERNAM Garcia seguiu seu caminho e, quando estava prestes a sumir-se atravez o arvoredo sombrio, lançou um olhar para o sítio onde deixára a Rainha. D. Izabel, profundamente commovida, deixára-se cahir sobre um tosco banco de madeira, posto á entrada de um carramanchão; seguira com a vista o jovem pagem e os olhares de ambos encontraram-se de novo.

A confissão que Fernam Garcia se vira forçado a fazer parecia ter-lhe mitigado um pouco o soffrimento. Fôra um verdadeiro alivio para o seu coração opprimido. Elle, que nunca até então tinha chegado a suppôr sequer poder dar a entender á rainha que a amava, não só lh'o dera a entender, mas tivera a ousadia de lhe confessar todo o impeto d'esse amor e todo o desespero d'essa paixão! N'esse momento a timidez quasi lhe desapparecera como por encanto, e sentira-se eloquente! E, ao contrario do que esperava, a boa rainha não se mostrou colerica, nem indignada, chegando até a apiedar-se! Esta piedade era uma prova de que elle não a offendia, amando-a como a amava.

Assim ia cogitando Fernam Garcia. Na sua alma, escurecida ha longos mezes por este amor desesperado, começou a apparecer uma restea de sol, uma luz de esperança. Esta idéa encheu-o de coragem e de alentos. Se D. Izabel d'elle se apiedara em vez de o repellir, elle saberia contentar-se com essa piedade, e quem sabe até se este

sentimento não poderia transformar-se com o tempo n'um pouco de amor!

D. Izabel, depois de ter seguido com a vista o seu pagem e de o ver desapparecer, enxugou duas lagrimas traiçoeiras que lhe deslisaram pelas faces. Nunca em sua vida ouvira palavras tão quentes e apaixonadas e que a tivessem commovido tanto! E o lembrar-se que era ella a causa d'esse padecer provocava-lhe uma perturbação estonteadora. Sentia-se mulher, ella, que todos julgavam uma santa!

*
* *

A rainha contava n'esta epoca cerca de trinta annos. Casára com pouco mais de onze annos com D. Diniz, e desde a mais tenra idade fôra enclinada ás praticas de devoção, como vimos em um dos capitulos anteriores. Apezar da sua formosura, que era grande, e da sua gentileza, que era captivante, os da côrte tratavam-na mais como uma santa e uma religiosa do que como uma rainha e uma mulher. A regra do seu viver concorria para justificar semelhante tratamento e até certo ponto explica como a rainha, muito mais formosa do que quasi todas as suas damas, atravessara essa epoca de poesia e de cortes de amor, de menestreis gentis e de trovadores ousados, sem ter ouvido o leve ciciar de um galanteio. Ora D. Izabel por mais religiosa e devota que fosse, não podia levar á paciencia que julgassem que tinha abdicado todas as suas regalias de mulher bonita. Chegava á idade do perigo para a mulher; aquella em que a natureza reclama os seus direitos, quando o organismo alcançou o desenvolvimento e a seiva da vida corre impetuosa.

As constantes traições de D. Diniz mortificando-a e accendendo-lhe o ciume, concorreram ainda para tornar mais aguda esta crise da sua alma.

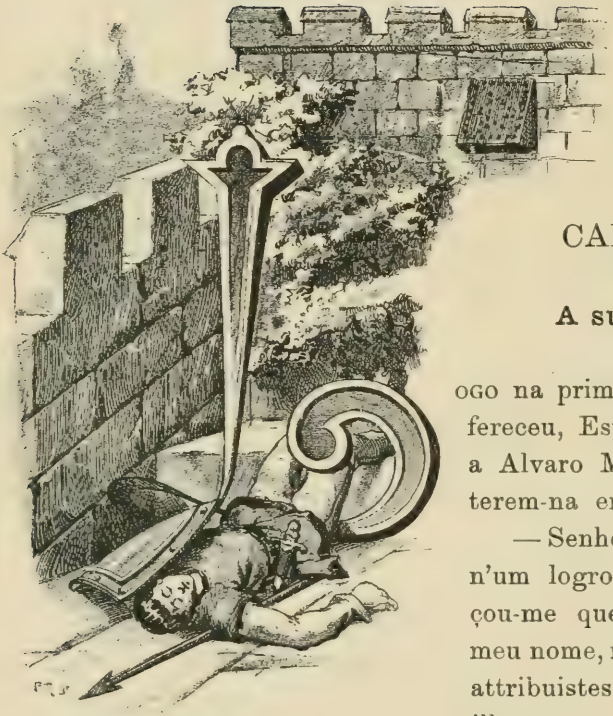
Por isso a declaração de Fernam Garcia lhe produzio um effeito surprehendente.

Havia muito que a presença do moço pagem a sobresaltava, e que quando elle a contemplava, se sentia estremecer. A linguagem dos olhares, tão expressiva para certos amantes, não tivera para ella o mesmo poder eloquente das palavras, e, embora tivesse um palpite de que era ella a dona adorada pelo pagem, só o acreditou sinceramente quando elle se viu forçado a confessar-lh'o.

Agora porem que tinha a certeza de ser ella a dama dos sonhos do bello adolescente, sentia-se invadir pelos seus escrupulos de devota. Não seria um verdadeiro crime mostrar-se indulgente para com Fernam Garcia em vez de lhe fazer sentir o que havia de pecaminoso na sua paixão?

Ella era mãe estremosa e esposa fiel e esperava continuar a sel-o. Mas a benevolencia com que ouvira as declarações do pagem não poderia no futuro ser um incentivo para o desregramento de semelhante paixão?

Os rebates da consciencia da rainha obrigavam-na a pensar d'este modo; mas, acima dos rebates da sua consciencia de christã escrupulosa em excesso, estava o seu coração sequioso de amar e o seu espirito que se expandia n'um amplexo de orgulho e de commoção por se sentir amada!



CAPITULO XXIII

A suspeita do monge

ogo na primeira occasião que se lhe offereceu, Estevainha Martins exprobou a Alvaro Mendes e a Ayres Peres o terem-na enganado tão levianamente.

— Senhores, vós me fizestes cahir n'um logro... Fernam Garcia affiançou-me que não só vos não revelara meu nome, mas que a commoção que lhe attribuistes quando o dissestes, foi uma illusão vossa... Tal facto não se deu...

Ayres Peres trocou um olhar com o amigo, como para lhe lembrar a observação que lhe fizera. Alvaro Mendes respondeu á camareira:

— Escusae-nos por vos termos illudido, senhora... Mas nós mesmo nos enganámos, e foi na melhor das intenções que vos communicámos aquillo que supponhamos ser o segredo do nosso amigo...

— Acredito-vos, senhor D. Alvaro, e por tanto de nada vos posso acusar e de nada tenho que vos escusar, disse Estevainha... Fernam Garcia ficou algum tanto agastado comvosco, senhores, por terdes ido contar suas confidencias...

— Queriamos servil-o em bem, observou Ayres Peres...

— Foi com o intento de o aproximar da dona que julgavamos que elle amava...

— Mas não o conseguistes, senhor, e julgo o pobre pagem cada vez mais longe da dama dos seus sonhos... Depois que elle me desilludiu, tentei arrancar-lhe o seu segredo, o nome d'essa mulher, e não fui mais feliz do que vós, senhores... Pediu-me até que não procurasse desvendal-o e que o deixasse em paz com sua coita... Assim fiz, mas fui narrar tudo isto á minha rainha a senhora D. Izabel... Fora ella que tambem me aconselhara a falar ao pagem... A senhora D. Izabel, commovida com o padecer de Fernam Garcia, prometteu que tentaria por sua vez desvendar o mysterio de uma tão grande paixão, e empregar todos os meios para que o pagem seja menos desgraçado...

— E já sabeis se a senhora D. Izabel alguma coisa conseguiu? perguntou com curiosidade Ayres Peres.

— Ainda não... Sabel-o-hei em breve, pois vou para a camara da senhora rainha...

— Olhae, senhora, disse Alvaro Mendes, indicando com um gesto para o corredor, ahi vem frei Pedro de Serra com Fernam Garcia... Dirigem-se para aqui...

— Ficae-vos com Deus, senhores, disse Estevainha Martins... Retiro-me... Prefiro não me encontrar com elles...

— Esperae, senhora, peço-vos... Ficando podereis saber se a senhora rainha já falou ao pagem...

— Senhor, desculpae-me, mas retiro-me... Prefiro antes saber pela senhora D. Izabel o que se passou...

A camareira deixou-os. D'ali a poucos instantes appareceram frei Pedro de Serra e Fernam Garcia.

— Deus vos salve, senhores, disse o monge... Praticaveis com a formosa camareira da senhora rainha, pelo que vi... Dirigieis lhe algum galanteio ou inquirieis sobre casos da côrte?... Ella, em todo o caso deixou-vos, que eu vi-a correr lepida pelo corredor... Seria a nossa vinda que a fez debandar?

— Senhor, sim, respondeu D. Alvaro... Não a vossa, mas a de Fernam Garcia...

— Como assim?! interrogou com admiração o frade.

— Fernam Garcia, se quizer, vos contará o succedido...

— Foi o caso, D. frei, disse o pagem, que a linda Estevainha Martins, illudida por estes dois amigos, julgou que eu a amava e lhe dedicára umas trovas que compuz... Como me repugnava mantel-a n'essa illusão, desenganei-a... D'ahi vem talvez o motivo por que Estevainha se não deseja encontrar comigo...

— Então vós, bom pagem, tambem compondes trovas?... observou o monge... Mas se não eram dirigidas á camareira da senhora D. Izabel, a que dona eram então dedicadas?

— A nenhuma, respondeu com firmeza Fernam Garcia .. São umas simples trovas a uma supposta dona que não existe...

— Existe, existe, Fernam Garcia... Sou muito velho e muito experimentado para que me possaes enganar.. De ha uns tempos para cá que notei vossa tristeza... Agora tenho o motivo d'ella... Coita d'amor, eis ahi está!... É alguma dama da côrte, já se vê?

— Senhor, já vos disse o que devera dizer-vos, insistiu o pagem... Nenhuma dama da côrte é.. por que eu a nenhuma amo de amor.

— Bem está, bom pagem... Respeitarei vosso segredo, já que tão bem o quereis guardar, observou frei Pedro de Serra, que se dispunha a mudar d'assumpto, quando um subito pensamento lhe acudiu á mente e o obrigou a fixar com interesse o pagem, a quem perguntou:

— E a senhora rainha conhece vossa desdita?

— A senhora rainha, a quem sua camareira mostrou minhas trovas e narrou o engano em que cahira, interessou-se por meus desgostos e só se tranquillisou quando a convenci que nenhuns desgostos tinha e que essas trovas as compuzera para recrear o espirito...

— Muito folgo que assim seja, e que a senhora rainha acreditasse o que lhe dissestes, senhor pagem, disse o astucioso monge.

Mas o padre pensava intimamente que o pagem o enganava. Seria por ventura elle o homem que tantas inquietações causava á rainha? cogitava frei Pedro de Serra. Seria elle o tentador, a quem a virtuosa princeza se referira?

Esta idéa, que ha pouco lhe atravessara rapidamente o espirito, fixava-se agora e parecia tomar vulto na alma do manhoso frade. Já quasi lhe não restava duvida de que o homem, que tanto fazia cuidar a rainha, era o gentil pagem. Frei Pedro da Serra, possuindo esta quasi certeza, entendeu ser melhor despedir-se de D. Alvaro

Mendes, do jogral e do pagem, e ir meditar na sombra sobre as resoluções que esta descoberta lhe poderia suggerir.

— Auzenda!... Meu amor!... (pag. 230)

Quando o frade sahiu, Alvaro Mendes disse a Fernam Garcia:

— Não nos acuseis de leviandade, amigo, por termos narrado vossas maguas á camareira da senhora rainha... Só o fizemos na idéa de vos prestar serviço...

— Amigos, sei-o... Mas fostes imprudentes e ieis-me prejudicando sériamente... Agradeço-vos porém a intenção, que era boa... Quanto ás minhas coitas, espero que d'ora ávante me deixareis com ellas...

— Amigo, sim.. prometteu D. Alvaro .. Fica-me de emenda o desatino que ia praticando... Agora deixo-vos... Ficae-vos com Deus, amigos...

D. Alvaro Mendes retirou-se, pressuroso de ver a sua Sarah, a sua linda namorada.

CAPITULO XXIV

Um conselho de Ayres Peres

O jogral, ficando só com o pagem, disse-lhe:

— Julgo que não nos guardareis reserva por nosso engano, bom pagem...

— Não, Ayres Peres, sei quanto vós e D. Alvaro Mendes sois meus amigos, e mal me ficava duvidar de vossas boas intenções... Isto já passou, e creio que tudo se remediou o melhor que foi possivel...

— Folgo que assim aconteça, bom pagem... Vosso aspecto indica me, com effeito, que estaes mais animoso e menos triste... Cuidado, amigo, não se aposse de vossa alma alguma esperança chimerica, que vos traga depois um desengano bem cruel!...

— Senhor, não... respondeu o pagem com evasiva. Não formulei nenhuma esperança vã, nem estou ao presente mais ou menos triste do que estava... Mais uma vez vossos bons olhos vos enganaram...

— A mim, não, Fernam Garcia... A D. Alvaro Mendes, sim... Nunca me enganaram, porque não fui eu quem vos julgou apaixonado por Estevainha Martins, mas D. Alvaro... Eu só partilhei esta

supposição por condescendencia... Mas guardava no meu intimo a idéa de que a dama do vosso amor era uma outra... E ainda d'isto estou convencido...

— Não o deveis estar, Ayres Peres. E attendei ao que já vos pedi e vos torno a pedir ainda mais uma vez: deixae-me com minha coita e não cuideis em desvendar os segredos do meu coração...

— Amigo, assim farei... Respeito o mysterio em que vos quereis envolver e não procurarei desvendal-o, porque já o desvendei... E por isso mesmo vos desejava dar um conselho... É um conselho de amigo experimentado e que muito vos quer... Attendei-o e será em vosso proveito...

— Dizei, Ayres Peres.

— O segredo d'esse amor, que tão bem quizestes occultar, adivinhei-o eu n'aquelle dia em que vos convidei para passearmos e que falámos de vossas desditas... Sim, amigo, adivinhei o nome da dona que tanto amaveis, nome que a ninguem, nem mesmo a mim e a D. Alvaro, quizestes revelar... O que depois d'esse dia ha succedido, mais confirmou a minha certeza... E hoje que sei que vós amaes a senhora rainha D. Izabel, venho aconselhar-vos muito cuidado e muita prudencia... Assim como eu desvendei vosso segredo, pode alguem mais tambem desvendal-o, e no vosso interesse e no da dama que tanto amaes, vos aconselho a que façaes todo o possivel para que não vol-o surprehendam... Escuso de vos lembrar o perigo que correrieis se surprehendessem vosso segredo... Ha pouco, quando frei Pedro de Serra praticava comvosco e o vi cravar em vós o seu olhar prescrutador, receei que elle tivesse adivinhado o que eu adivinhara... O futuro vos dirá se os meus receios eram ou não fundados... Em todo o caso, acautelae-vos d'esse peçonhento monge, que é muito capaz de vos preparar alguma traça para vos perder... Fugi dos cortezãos... Bem sabeis de que intrigas elles são vezeiros... Nos serões da côrte, nas festas do paço, evitae bem que vossos olhos vos atraiçoem... Eis o conselho que vos desejava dar...

— Muito vos agradeço, amigo... Vossos receios são exagerados e, se é certo que eu só tenho pela senhora rainha D. Izabel um grande respeito e uma grande dedicação, basta-me o suppôr que alguem poderia ver com maus olhos este sentimento, para que procure seguir vosso leal conselho e evitar que se attribua meleficio em meu tanto querer á senhora rainha...

— Fernam Garcia, não procedeis bem para comigo fazendo-vos hypocrita... Eu aconselhei-vos lealmente porque previ o perigo que podeis correr... Vós respondeis-me que seguireis meu conselho, mas pretendeis disfarçar a immensidade do amor que sentis... Desconfiaes de mim, e essa desconfiança offende-me, pois que nenhum motivo vos dei para ella...

— Perdoae-me, amigo... Razão tendes no que me dizeis... Mas attribui meu disfarce á perturbação em que me lançou vossa descoberta... E como adivinhaste meu segredo?

— Fostes vós que m'o revelastes n'esse passeio d'outro dia... Quando Alvaro Mendes pronunciou o nome da rainha a senhora D. Izabel, vós empallidecestes e tivestes um estremecimento... Assim como então vos trahistes, podeis tambem trahir-vos n'outra occasião para vós mais perigosa, e era contra este risco que vos desejava prevenir... Acautelae-vos, portanto, Fernam Garcia... Conheceis, ou deveis conhecer, os intrigantes que medram aqui na côrte, por isso podeis defender-vos contra suas traças...

— Ayres Peres, sim... Falaes-me como amigo dedicado e contae que hei de seguir vosso conselho...

— Deus vos ouça...

O jogral despediu-se e sahiu, deixando o pagem a meditar no cauteloso conselho que ouvira.

CAPITULO XXV

Origem de um odio

DESDE que em Santarem se espalhou a nova da cura da morphetica, começaram a affluir ao paço muitos outros morpheticos e leprosos, vindos alguns de logares afastados, que pediam á rainha que os curasse dos horriveis padecimentos.

Eram, na maior parte, mendigos e gente das classes mais inferiores da sociedade os atacados do terrivel mal.

D. Izabel, com a sua inexgotavel caridade, a todos attendia e a todos procurava curar ou aliviar, fazendo-lhes o mesmo tratamento que fizera á morphetica. Mas, apezar de tudo, nenhum outro doente sarou, e a muitos mesmo até se lhes aggravou o mal. Estes, desesperados pelo soffrimento, tiveram impetos de revolta contra D. Izabel, a quem attribuiam o accrescimo do seu padecer.

Em uma bella manhã de maio, quando D. Izabel atravessara o pateo da alcaçova e sahira para a rua, acompanhada pela camareira, por frei Pedro de Serra e por Fernam Garcia, achou-se quasi de subito cercada por uma multidão de mendigos, leprosos e morpheticos que, em altos gritos, com palavras duras e irrespeitosas, lhe pediam que os sarasse, que puzesse termo aos seus soffrimentos.

— Vós sarastes a velha morphetica, que era uma mulher má e detestada, e não me quereis sarar a mim, que toda a minha vida temi a Deus Nosso Senhor! exclama um velho pobre, que tinha a careca e o rosto cheios de pustulas nauseabundas, levantando para o ar o seu cajado em attitude de ameaça.

— Senhora, apiedae-vos d'uma pobre mãe e de sua infeliz filha! berra uma immunda mendiga com a cara coberta de feridas purulentas, levantando nos braços uma creança, tambem atacada do mesmo mal, e mostrando-a á rainha.

Outros começaram a levantar as vozes, e dentro em pouco ouvia-se um côro de imprecações, de maldições, de ameaças.

Homens erguiam para o ar os cajados, mulheres levantavam os braços e gesticulavam com vehemencia, creanças choravam.

— Sarae-nos, senhora!

— Ouvi nossos rogos, senhora rainha!

— Nós somos tanto como essa maldita morphetica que vós sarastes!

— Se curastes essa má mulher porque nos não curaes?

— Dizem que sois virtuosa e boa, e não ouvis nossos rogos!

A grita e a vozearia era tanta e tão assustadora, que D. Izabel, acostumada a lidar com pobres e doentes, recuou instinctivamente. Ao principio ainda lhes dirigiu algumas palavras, aconselhando-os á resignação; mas depois como o que lhe dizia, longe de os aquietar, mais parecia enchel-os de furor, ficou silenciosa. Era tão grande a sua commoção que as lagrimas deslizaram-lhe pelas faces.

Estevainha Martins e Frei Pedro da Serra, partilhando do susto da rainha, procuravam abrir alas por entre aquella gente desvairada, evitando assim a D. Izabel o prolongamento d'aquelle tão triste espectaculo. Fernam Garcia, que se conservava um pouco afastado da rainha, aproximou-se d'ella e disse-lhe:

— Senhora, deixae que com minha espada affaste esta ruim gente...

— Não, bom pagem, deixae-os... Elles se aquietarão e breve poderemos passar...

— Escusae-me, senhora, mas enganaes-vos... Se me não deixardes fazer o que vos pedi, o furor e a grita d'estes mendigos augmentará cada vez mais e poderão até desacatar-vos...

— Não faz mal... Deixae-os, vos digo...

— Senhora, rogo-vos ainda uma vez, attendei meu pedido... Não vêdes que o tempo urge, e que já talvez não bastem minhas forças para os conter...

A rainha meneou a cabeça, fazendo um gesto negativo. N'isto viu-se chegar um homem correndo. Era um pagem do rei, que vinha prestar

auxilio a D. Izabel. D. Diniz sahía da Alcaçova, e embora estivesse a uma distancia rasoavel da scena que se estava passando, em breve percebeu todo o alcance do perigo em que se achava a sua esposa. Deu logo ordem ao seu pagem Diogo Aboim para correr a prestar auxilio á rainha, e mandou aos da comitiva que estugassem o passo, para que não tardassem em encontrar-se no sitio do conflicto.

Diogo Aboim disse á rainha quem o enviava e para que, e que o senhor D. Diniz pouco tardaria.

— Agora, senhora, devo cumprir as ordens de el-rei, concluiu o pagem Diogo, desembainhando a espada e dispondo-se a afastar os mendigos á cutilada.

— Não, senhor pagem... Embainhae vossa espada, que eu não consinto que façaes mal a esta pobre gente... E' o seu soffrimento que a torna má...

— Senhora, desculpae-me, mas devo cumprir as ordens do senhor D. Diniz! exclamou Diogo Aboim, dirigindo-se de espada em punho para a multidão...

Fernam Garcia, cheio de sanha e de um zelo intempestivo, desembainhou tambem a espada, e tomou o passo ao pagem do rei, dizendo-lhe:

— Para traz, Diogo Aboim!... Não ouvistes o que vos ordenou a rainha?

— Senhor, sim... Mas não vêdes como essa gente está cada vez mais ameaçadora? Quereis que tome a responsabilidade de desobedecer ás ordens de D. Diniz?

— Aqui só tendes que obedecer á senhora D. Izabel, vossa rainha!... Embainhae vossa espada e podeis até retirar-vos, pois que, se a senhora rainha m'o tivesse consentido, já teria feito debandar estes mendigos!...

A onda dos pobres approximava-se cada vez mais, em attitude de ameaça; já não havia tempo a perder. Era forçoso tomar uma resolução energica para evitar que D. Izabel fôsse desacatada.

— Vede agora, disse Diogo Aboim, se ainda quereis que conserve minha espada embainhada?

— Senhor, sim... Ainda quero... Sou criado da senhora rainha e a mim compete defendel-a... E para isso julgo não carecer de vosso auxilio...

E, dirigindo-se a D. Izabel, Fernam Garcia, acrescentou:

— Agora vós, senhora, perdoae-me por ter de desobedecer-vos... Mas já não ha tempo a perder...

E, tendo dito isto, o pagem, de espada em punho, o olhar aceso em ira, caminhou sobre a multidão dos pobres, que acutilou furiosamente.

— Arreda, canalha! gritava Fernam Garcia, fazendo recuar aquella onda ameaçadora... Affastae-vos, miseraveis, e deixae passar a vossa bemfeitora! Assim pagaes as esmolas e os beneficios que ella vos tem prodigalisado!... Para traz, ingratos!

Os pobres ante o furor e as imprecações do pagem começaram a recuar, até que, vendo que aquella ira não abrandava, antes crescia cada vez mais, fugiram e dispersaram-se gemendo e dando gritos afflictivos. Fernam Garcia, esbaforido, com o rosto afogueado, o suor correndo-lhe em camarinhas, voltou para junto da rainha.

— Perdoae-me, senhora, ter sido forçado a desobedecer-vos! disse o pagem.

— Estaes perdoado, bom pagem... E agradeço-vos o terdes exposto vossa vida para me livrar d'essa pobre gente!... Vêde se estaes ferido? observou D. Izabel com interesse.

— Não estou, senhora...

— Fostes muito temerario, Fernam Garcia, tornou a insistir a rainha...

— Senhora, não o fui... Bem vistes como foi facil dispersal-os, sem ser preciso o auxilio do pagem de el-rei...

— Não quizestes que eu desobedecesse á senhora rainha, e vós desobedecestes-lhe, observou Diogo Aboim, cravando em Fernam Garcia um olhar odiento.

— E' que era a mim, e não a vós, que competia livrar a senhora rainha! respondeu Fernam Garcia com firmeza.

— Bem está, senhor pagem, notou Diogo Aboim... Nada tenho a dizer ao vosso zelo, mas nunca esquecerei o modo como me tratastes, quando vinha cumprir as ordens de el-rei... Mais tarde vol-o haverei de lembrar...

— Quando quizerdes, senhor Diogo Aboim...

D. Izabel, embora se tivesse afastado um pouco, percebendo que os dois pagens trocavam palavras azedas, ordenou-lhes:

— Calae-vos, senhores... Em vez de discutir, será melhor que me acompanheis a encontrar el-rei e a socegal-o...

Os pagens obedeceram.

D'ahi a instantes chegava D. Diniz.

— Vejo que já não correis perigo, senhora... Deus ouviu meus rogos!... Izabel, se tivesseis seguido meus conselhos não vos teria succedido o que vos succedeu... Espero que o risco que correstes e o desacato de que estivestes para ser victima, vos emendará e ha de impedir-vos no futuro de tolerar os bandos de mendigos e de doentes tomando-vos o passo e pedindo-vos esmolas...

— Deixae-me fazer o que me praz, senhor...

— Não deixo, senhora, e sobre isto ainda tenho mais que vos dizer, atalhou o rei .. Agora, porém, quero dar uma ordem. Vem cá, Estevam da Guarda, disse D. Diniz, dirigindo-se ao jogral que o acompanhava... Volta ao paço, e ordena a Vasco Annes a que monte um bom cavallo e corra sem demora com alguns homens em perseguição d'esse bando de miseraveis que desacatou a rainha... Quero dar-lhes um castigo terrivel...

Fernam Garcia

Estevam da Guarda foi cumprir esta ordem.

— Que ides fazer, senhor? perguntou D. Izabel assustada...

— O que vou fazer?... Vou mandar agarrar esses infames e entregal-os aos juizes... Aquelles que forem reconhecidos em culpa, como tendo-vos injuriado e ameaçado, serão enforcados!

— Perdoae-lhes, senhor! supplicou a rainha, cheia de afflição... Elles não me offenderam... Foram os seus horriveis soffrimentos que os exasperaram... Perdoae-lhes, peço-vos!... Não me deixeis com a dôr de ter causado a morte de alguns infelizes!

— Não posso perdoar, senhora! respondeu D. Diniz com energia... Não devo perdoar!... Se ora deixasse impune o delicto d'esses miseraveis, julgaes que elles se arrependeriam do que fizeram?...

— Senhor, sim... Tenho a certeza de que se arrependeriam! exclamou D. Izabel com convicção... Deus havia de os illuminar e talvez de lhes melhorar as horriveis molestias...

— Enganaes-vos, senhora!... Se eu os não punir, amanhã commetteriam um desacato maior!... Deus sabe!... Seriam até capazes de vos agredir ou de vos apedrejar...

— Tal não digaes, senhor!... Não eram capazes d'isso!... De mais não vistes como o meu pagem os soube repelir?... Já vedes que não corri o risco que suppondes...

— Não tenteis enganar-me, Izabel... Vosso pagem sahiu-se bem de seu temerario commettimento e por isso o felicito... Mas foi um mero acaso... Poderia ter cahido morto ás mãos d'esses miseraveis!... E nem quero pensar no que depois poderia ter acontecido!... Não posso portanto attender vossos rogos...

— Haveis de attender me! disse resolutamente D. Izabel... Não quero que essa infeliz gente, que procedeu sem saber o que fazia, seja punida como vós a quereis punir!... Não quero! Se fôr preciso implorar o seu perdão pondo me de joelhos ante vós, aqui me tendes ajoelhada, e previno-vos que não me erguerei sem ouvir de vossa bocca a promessa de que perdoaes!

E D. Izabel ajoelhara com effeito diante de D. Diniz, que, ao vel-a n'esta attitude, se apressou a levantal-a, dizendo-lhe:

— Erguei-vos, Izabel!... Mais uma vez me obrigaes á indulgencia e ao perdão, quando sinto que devia ser justiceiro e inexoravel!... Já que me violentaes d'esse modo, perdôo... Não os punirei... Não entregarei os culpados aos juizes... Seja!... Mas só com uma

condição!... Estaes disposta a cumprir a condição que vos imponho?

— Senhor, dizei...

— E' que me haveis de prometter que, d'ora avante não deixareis juntar proximo do paço tantos mendigos e que sereis mais parcimoniosa na distribuição das esmolas... Daes a todos... Toda a gente vos persegue com pedidos de dinheiro e vós a todos attendeis... Muitas das vezes não são nem enfermos, nem impossibilitados, mas homens validos, que poderiam muito bem trabalhar... Premiaes assim os ociosos, o que não é da vontade de Deus, nem está prescripto no Evangelho... Promettei portanto o que vos digo ..

— Senhor, abusaes da situação em que me encontro e isso não é generoso da vossa parte, observou D. Izabel com amargura... Para salvar esses pobres do castigo, desejaes que vos prometta que aos outros não hei de attender e auxiliar como attendia e auxiliava d'antes!... Deixae-me dar as esmolas que me praz e aliviar os soffrimentos d'aquelles que me imploram...

— Senhora, decerto... E não é minha intenção prohibir-vos de dar esmolas e soccorrer os enfermos... Mas desejo que o façaes com mais parcimonia e discernimento... Desejo que distingaes os verdadeiros pobres dos falsos, os impossibilitados pela doença dos ociosos e dos vagabundos que detestam o trabalho...

— Todos são filhos de Deus, atalhou a rainha... E já que tanto tenho, já que possuo tantas riquezas, compete-me melhorar as condições dos infelizes.

— Melhorae-as muito embora, respondeu D. Diniz, já um pouco impaciente pela teimosia e pela recusa da esposa em prometter-lhe o que lhe tinha pedido... Mas se não quereis attender o que vos disse, ver-me-hei, embora constrangido, a impor-vos a minha vontade... E' para vosso decoro e em respeito á elevada posição que occupaes... Não quero, ouvi-me bem, Izabel, não quero ver mais junto de vossos paços essa multidão de mendigos e de leprosos, que me causam não só repugnancia e nojo, mas que me hão de sempre fazer embrar o desacato que hoje vos fizeram!. .

— Bem está, senhor... Hei de forçar-me por cumprir vossos desejos, respondeu a rainha com uma resignação muito rapida para poder ser sincera...

E não o era. D. Izabel prometteu só para obter o perdão dos

mendigos que a tinham desacatado, mas com a firme intenção de não cumprir semelhante promessa. Com effeito, a rainha, que ha muito comprehendera a indole do rei e sabia que elle se exasperava quando o contrariavam, condescendia muitas vezes a certas exigencias de D. Diniz só para o satisfazer momentaneamente.

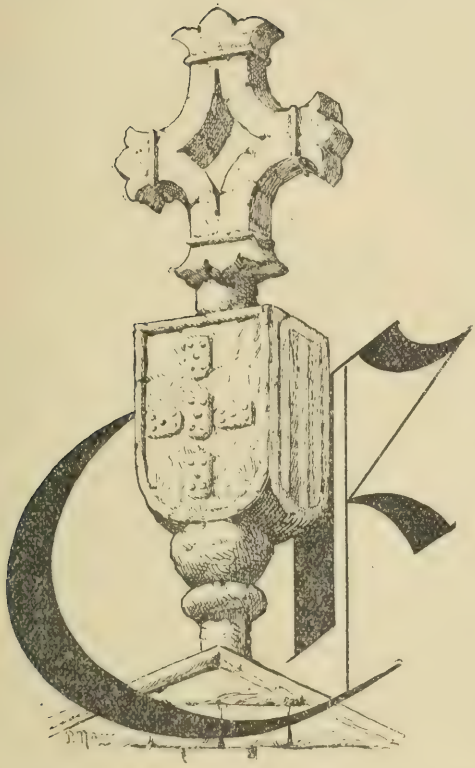
D. Diniz, satisfeito por ter obtido a resposta que desejava, disse á rainha:

— Bem, senhora... Eu cumprirei o que vos disse... Perdoarei a esses mendigos... E ficae-vos em paz...

— Deus vos acompanhe, senhor, respondeu D. Izabel.

O rei partiu com a sua comitiva.

A rainha, acompanhada por frei Pedro de Serra, pela camareira e pelo pagem, proseguiu tambem o seu caminho.



CAPITULO XXVI

N'um sarau

Era noite de sarau na alcaçova de Santarem. D. Izabel acha-se em uma das mais vastas salas do paço, rodeada por suas damas, por seus pagens, pelos fidalgos da côrte. Dizem-se rimances e trovas e reina a animação e a alegria.

Apesar de D. Diniz estar ausente, esquecendo-se do seu mister de rei e da sua aptidão de trovador nos braços da bella D. Auzenda, nem por isso a festa deixa de ser menos brilhante.

A rainha, sabendo quanto as damas e os fidalgos se recreavam com estes festivos passatempos, proprios da epoca, sempre que póde lh'os proporciona e a elles preside com a sua melancolica graciosidade.

Ella acostumara se na côrte de seus paes a assistir desde muito nova a estes saraus e com o tempo foi tomando cada vez maior interesse por elles. Agora que tinha o coração ferido e a alma opprimida, podia ser que o sarau a distrahisse e fosse um pretexto para esquecer por uns momentos as suas dolorosas cogitações.

Já a festa ia em meio, quando D. Izabel dirigindo se a Ayres Peres lhe disse:

— E vós, senhor Ayres Peres, não tendes nenhumas trovas novas ou rimance, que ainda não conheçamos, para nos dizer?... Bem lindos eram alguns que vos ouvi nos saraus do paço de Lisboa... Aqui, porém, ainda vos não fizestes ouvir... Ora vós que andastes por tão longes terras e que em todas fostes tão apreciado, haveis de saber por força muitos rimances ou trovas que nunca ouvissemos... Fazei o que vos pedi...

— Vós mandaes, senhora, respondeu Ayres Peres. Para cumprir vosso desejo vou dizer um rimance que aprendi na côrte de França, o rimance de *D. Gayfeiros.*

O jogral recitou:

I

Sentado está Dom Gayfeiros
Lá em palacio real,
Assentado ao taboleiro
Para as tavolas jogar.
Os dados tinha na mão,
Que já os ia deitar,
Se não quando vem seu tio
Que lhe entra a pelejar:

— «Para isso és Gayfeiros,
Para os dados arrojar,
Tua esposa lá teem moiros,
Não és para a ir buscar.
Outrem fôra seu marido,
Já lá não havia estar».
Palavras não eram ditas
Os dados vão pelo ar,
A que não fôra o respeito
Da pessoa e do logar,
Tavolas e taboleiros
Tudo fôra espedaçar.

—«Sete annos a busquei, tio,
Sem a poder encontrar;
Os quatro por terra firme,
Os tres por cima do mar.
Andei por montes e vales
Sem dormir, nem descançar;
O comer de carne crua,
No sangue a sêde matar;
Sangue vertiam os pés,
Cançados de tanto andar;
E os sete annos cumpridos
Sem a poder encontrar.
Ella estava em Salsonha
Lá em palacio real!
Mercê vos peço, meu tio,
Se m'a vós quisereis dar,
Vossas armas e cavallo
Que m'as queiraes emprestar.
A minha esposa entre moiros
Eu a quero ir buscar.

— «Minhas armas não te empresto,
Que as não posso desarmar;
Meu cavallo bem vezeiro
Não o quero mal vezar.»

Dom Gayfeiros, que isto ouviu,
A espada foi a tirar.
—«Bem parece, Dom Roldão,
Bem parece, mal pesar,
O muito amor que me tendes
Para assim me afrontar.
Mandae-me dizer por outrem,
Que me las possa pagar,
Essas palavras, meu tio.
Que vos não quero tragar.»
— «Bem parece, Dom Gayfeiros,
Bem se deixa de mostrar,
Que a falta de annos, sobrinho,
Em tudo vos faz fallar.

Aquelle que mais te quer
Esse te ha de castigar.
Fôras tu mau cavalleiro,
Nunca te eu dissera tal!
Porque sei que es bom, o disse,
E agora armar e sellar.
Meu cavallo e minhas armas
Ahi estão ao teu mandar,
E aqui tendes o meu corpo
Para vos acompanhar.» —
— «Só quero ir, meu tio, só,
Para melhor a tirar;
Venham armas e cavallo
Que já me quero marchar.»

II

— «Oh que lindo cavalleiro
De tão gentil cavalgar!»
— «Melhor sou jogando ás damas,
Com moiros a batalhar.»
— «Se sois christão, cavalleiro,
Recado me haveis levar,
Que digaes a Dom Gayfeiros
Porque me não vem buscar;
Pois me querem fazer moira,
E de Christo renegar.
Com um rei moiro me casam
De alem das bandas do mar,
Dos sete reis da moirama
Rainha me hão de coroar.»
— «Esse recado, senhora,
Eu mesmo lh'o hei de dar,
Pois Dom Gayfeiros sou eu,
Que vos venho a buscar.»

A falla não era dita
Puseram-se a caminhar;
Tirou-a pelo balcão
Por não haver mais logar,
Cavalgam, vão caminhando,
Não cessam de caminhar,
Por essa moirama fóra
Sem mais temor, nem pesar;
Fallando de seus amores
Sem de mais nada pensar.
Em terras de christandade
Por fim vieram a entrar;
As festas que se fizeram
Não teem conto nem par.

Quando Ayres Peres acabou, a rainha e os cortezãos elogiaram muito o romance de D. Gayfeiros, que ainda não era conhecido em Portugal.

— Como é linda a vossa historia! exclamou D. Izabel... Dizei-nos outra, senhor Ayres Peres...

— Senhora, agora escusae-me... Tendes aqui na côrte mais trovadores, respondeu o jogral, e que soem tambem trobar... Convidae-os por sua vez, senhora, que muito me alegrará ouvil-os.

— Tendes razão, senhor... Mas dae-me a historia, que nos disses-tes, que a quero mandar copiar...

— Senhora aqui está, disse o jogral, entregando á rainha o pergaminho.

— Agora, disse D. Izabel, cabe a vez a outro trovador... Vós, Fernam Garcia, dizei-nos algumas trovas.

— Senhora, pois quereis? respondeu o pagem...

— Cuidado, Fernam Garcia! observou-lhe em voz baixa Ayres

Peres, que se achava junto do pagem... Não digaes nenhumas trovas vossas, mas sim uma historia como a que eu disse... Receio que vos denuncieis...

— Socegae, amigo, respondeu Fernam Garcia no mesmo tom.

Depois em voz alta disse, dirigindo-se a D. Izabel:

— Trovas ha tempo que as não faço, senhora... Só se quereis que vos diga um rimance no gosto do que Ayres Peres acaba de dizer.

— Pois sim, senhor pagem, condescendeu a rainha... Preferia ouvir vossas trovas, mas já que sabeis um rimance dizei o, se vos praz.

Fernam Garcia recitou o seguinte romance *do Conde Ninho:*

Vae o Conde, Conde Ninho,
seu cavallo vae banhar;
emquanto o cavallo bebe
cantou um lindo cantar:
—«Bebe, bebe, meu cavallo,
que Deus te ha de livrar,
dos trabalhos d'este mundo
e das areias do mar.

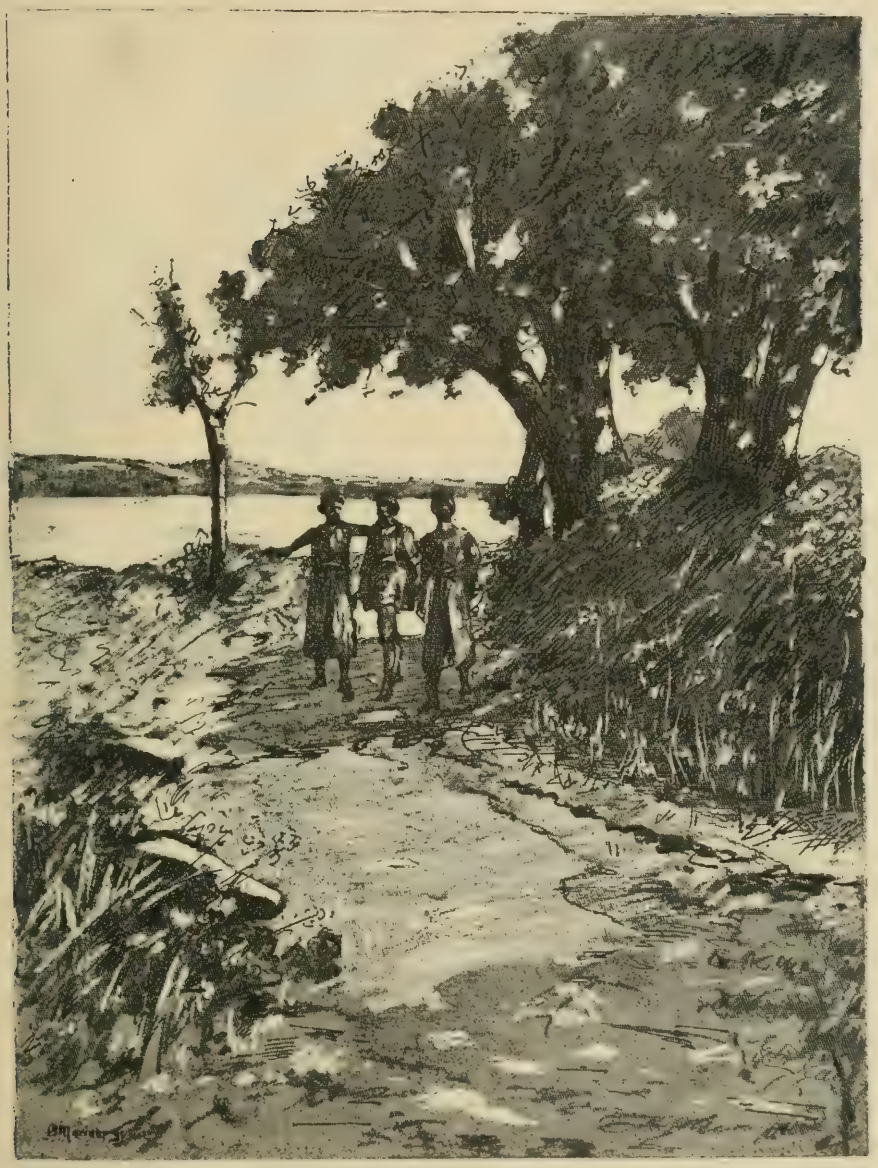
Esperta, oh bella princeza,
ouvide um lindo cantar,
ou são os anjos do céo,
ou as sereias do mar?
—«Não são os anjos no céo,
nem as sereias no mar,
é o Conde, Conde Ninho,
que commigo quer casar.
—«Se elle quer casar comtigo
eu o mandarei matar.
—«Quando lhe deres a morte,
mandae-me a mim degollar;
que a mim me enterrem á porta,
a elle ao pé do altar.»

Morreu um e morreu outro,
já lá vão a enterrar;
d'um nascera um pinheirinho,
do outro um lindo pinheiral;
cresceu um e cresceu outro,
as pontas foram juntar,
que quando el-rei ia á missa
não o deixavam passar;
pelo que o rei maldito
logo as mandou cortar;
d'um correra leite puro,
e do outro sangue real!
fugira d'um uma pomba
e do outro um pombo trocal,
sentava-se el-rei á mesa,
no hombro lhe ia poisar:

— «Mal haja tanto querer,
E mal haja tanto amar,
Nem na vida, nem na morte
nunca os pude separar.»

— Como é triste e bello! disse D. Izabel, quando o pagem concluiu... Dae-mo... Tambem o hei de fazer copiar.

O pagem entregou á rainha o pergaminho onde estava escripto o romance. D. Izabel recebeu-o, e, tendo-o percorrido com a vista, viu



Alvaro Mendes e Ayres Peres tentaram alegrar o animo do pagem (pag. 232)

que em seguida á historia do Conde Ninho estavam escriptas umas trovas com o titulo *A quem amo*, que começavam assim:

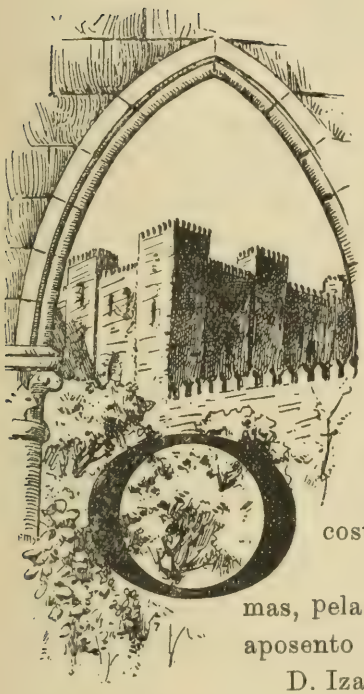
«Pois nasci para vos amar
e ser vosso até morrer,
sem me partir,
eu não devo recear
coytas, trabalhos soffrer,
por vos servir.»

A rainha fez um gesto, quasi imperceptivel, de surpreza, enrolou o pergaminho, e, para disfarçar a commoção que essa descoberta lhe causara, esboçou um sorriso e disse, dirigindo-se a um grupo de cortezãos:

— Agora cabe a vez a algum de vós, senhores: haveis de ter feito trovas a vossas damas e não recusareis dizel-as...

Acedendo ao pedido da rainha, outros jograes recitaram mais versos e narraram mais historias. D. Izabel, aproveitando o ensejo propicio, dirigiu a Fernam Garcia um olhar reprehensivo, como exprobando-lhe o seu arrojado procedimento, olhar a que o pagem respondeu sorrindo tristemente, a implorar-lhe o perdão para a sua ousadia.

No meio da animação da festa ninguem, a não ser Ayres Peres, percebeu este olhar da rainha e o sorriso triste do pagem.



CAPITULO XXVII

Em hora perigosa

O sarau acabou eram cerca de onze horas. Esta hora era muito avançada para os costumes do tempo.

A rainha, acompanhada pelas suas damas, pela camareira e pelo pagem, recolheu-se ao aposento contiguo á sua camara.

D. Izabel parecia preocupada. Despediu os que a acompanhavam.

A camareira e as damas retiraram-se; e Fernam Garcia, que se deixára ficar para traz, tornou junto da rainha e disse-lhe:

—Senhora, escusae-me se vos magoei entregando-vos essas trovas, que ha pouco vistes... Mas fostes vós que mas pedistes...

—Não vos posso escusar por essa acção, Fernam Garcia, respondeu a rainha, carregando os sobrolhos para se mostrar colerica, mas com a voz tremula... Eu não vos pedi vossas trovas, mas sim a historia do Conde Ninho...

—Senhora, sim, mas como eu tinha juntos os dois pergaminhos julguei que vos não offenderia entregando-vos tambem aquelle em que escrevi as trovas...

—Mas offendestes-me, Fernam Garcia... O que vos devia dizer já vol-o disse nò malfadado dia em que me fizestes a terrivel revelação que vos pedi, sem sequer adivinhar quanto ella me dizia respeito... Em tão pouca conta tivestes minhas palavras, que de novo tornaes a esquecer quem sou e a persistir em vossa culpa...

—Senhora, é porque não vos posso esquecer que fiz essas trovas, respondeu o pagem com a amargura que transluzia n'este mau jogo de palavras... Ellas não vos podem offender... Se as lerdes, bem vereis quão alto vos colloco e que nunca esqueci que sois a senhora rainha...

—A senhora rainha! exclamou D. Izabel com azedume, repetindo os proprios termos do pagem... Não é da rainha que vos deveis lembrar... Do que vos deveis lembrar é que sou a esposa de D. Diniz e que commetto um grande pecado, um pecado mortal, aceitando vossas trovas... Por isso as não devo aceitar... Por isso as não devo ler...

—Senhora, não me façaes essa offensa! supplicou o pagem.

—Não é por vos offender que não lerei vossas trovas, Fernam Garcia, respondeu D. Izabel abrandando o tom da voz... Não as lerei porque não quero lel-as, nem devo... Aqui as tendes, senhor pagem, tomae-as e entregae-as a alguem que vol-as possa acceitar sem pecado... Eu não...

E D. Izabel estendeu para o pagem o pergaminho.

—Senhora, permitti-me que as não receba... Se as não quereis ler, queimae-as ou rasgae-as, que me maguareis menos do que restituindo-mas...

—Seja, condescendeu a rainha... Para mim é como se não existissem, acrescentou, amarrotando o pergaminho e atirando-o para o chão... Já que as não quereis receber, o menos que lhe posso fazer é deital-as fóra.

—Quanto me maguaes, senhora! exclamou o pagem com a voz embargada pelos soluços.

D. Izabel, receiando que a commoção do pagem a perturbasse mais, respondeu-lhe com uma voz que forçou por tornar energica:

—Já vos disse que não vos quiz maguar!... O que fiz é para vosso e meu socego... Tende animo para arrancar do peito esse sentimento culposo... Agora, ide... Não são já horas para praticarmos tão longamente...

O pagem despediu-se com todo o respeito da rainha e atravessou a sala, saiu a porta, dispondo-se a partir. Mas uma idéa subita fel o mudar de resolução. Tornou a entrar na porta, que fechou sem fazer ruido, e envolveu-se n'um reposteiro, onde se escondeu, para observar o que fazia D. Izabel.

Foi o desespero produzido pelos termos energicos em que a rainha lhe falára, que o forçou a tomar aquella imprevista resolução? O motivo porque dava aquelle audacioso passo nem elle mesmo o saberia explicar.

CAPITULO XXVIII

Surprehendida

A rainha, depois que viu sahir o pagem, entregou-se a uma profunda meditação. Quando acabou de meditar, ergueu-se, tomou o seu livro de orações e foi ajoelhar no genuflexorio. Assim esteve algum tempo, querendo erguer o pensamento para Deus e não podendo, querendo rezar as demoradas orações que tinha por habito rezar antes de se recolher, e não se sentindo com forças para concentrar o espirito para cumprir a sua obrigação de christã. Impaciente, nervosa, agitada, ergueu-se, procurou com a vista o pergaminho que ha pouco amarrotára, e vendo-o, apanhou-o, desdobrou-o, e, deixando-se cair na cadeira, principiou a lel-o.

A luz do tocheiro dava em seu rosto pallido, divisando-se o movimento cadenciado das palpebras de seus lindos olhos pretos e aveludados.

A rainha lia em voz alta:

«Pois nacy por vos amar,
e ser vosso até morrer,
sem me partir,
eu não devo recear
coytas, trabalhos soffrer
por vos servir.

Cá pois sempre vos amey
e vos amo certamente,
dizer posso,
que já nunca poderei
d'outra ser inteiramente
se nam vosso.

De vós eu aquele ser
que vos sempre fuy e sou
até gora,
vós o devês firme crêr,
que esta fé nam se mudou
de mym, senhora.

Pois que outra liberdade
nunca pude desejar,
nem queria,
se nam só vossa vontade
sempre cumprir e guardar
como devia.

Eu não creio que nacesse
quem mais males suportasse
nem sentisse;
nem que d'amar me vencesse,
como quer que bem amasse
ou servisse.

E coytas desesperadas,
e tantos padecimentos
tenho passados,
que só de serem lembrados
os meus tristes sentimentos
sam torvados.

Pois deixarei por ventura
de vos ser sempre leal,
sem galardam?

ou fará minha tristura
meu desejo querer al?
por certo, nam!

Aquelles que bem amaram
e lealmente serviram
no passado,
fama de si nos deixaram
pelas penas que sentiram
e cuydado.

Oh! vós, minha esperança,
todo meu bem e prazer
tam sem medida,
minha grande segurança
em cujas mãos e poder
he minha vida!

Tanto devês ser lembrada
e com tam grande sentido
de meu dano,

D. Izabel acabára de dizer estes versos, quando ouviu uma outra voz que os concluiu:

quanto soes desejada
e servyda sem partido
nem engano.

Era o pagem, que sahira do reposteiro onde se escondera, e viera para junto da rainha.

—Vós, senhor! exclamou D. Izabel no auge do espanto... Vós aqui!

—Senhora, perdoae-me, pediu com humildade o pagem, não pude deixar-vos, lembrando-me de que vos tinha offendido... Por isso voltei e me encobri com o reposteiro...

—Mal fizestes, senhor, observou a rainha.

—Senhora, sim, mal fiz, mas não me posso arrepender...

...continuaram largo tempo praticando sobre os encandalos da côrte. (pag. 243)

—O quê! não vos arrependeis de me ter vigiado? Não vos arrependeis de ter tentado descobrir meus segredos?

—Senhora, não, não me arrependo... Se não tivera voltado, partiria persuadido de que me não perdoarieis; assim, parto convencido

de que sois bondosa e indulgente e de que o meu amor vos não offende...

—Tal não digaes, atalhou D. Izabel defendendo-se... Offende-me e muito... Vamos, senhor pagem, obedecei-me... Retirae-vos... Não abuseis da indulgencia com que tenho tratado vossa culposa coita...

—Senhora, sim... Obedeço-vos... E que Deus se amercie de mim e me faça o que lhe peço!...

—E que lhe pedis vós?

—Peço-lhe que me chame para si, já que me não dá forças para vos esquecer ou fugir-vos...

—Não blasphemeis, Fernam Garcia! exclamou D. Izabel assustada... Para erguer vosso espirito a Deus e para que elle vos possa ouvir purificae primeiro vosso coração e arrancae d'elle o ruim sentimento que o domina... Com um grande esforço, podel-o-heis conseguir...

—Não poderei, senhora, protestou o pagem...

—Podereis! Havereis de poder!... Se não por vós—ao menos por mim! Julgaes que me não pesa vosso soffrimento? Pesa-me e muito, crêde-me... Ah! não tivera eu feito o imprudente juramento que vos fiz! Não vos tivera eu jurado que nunca vos afastaria de mim! Que imprudente fui!

—Senhora assustaes-me! O quê?... Arrependeis-vos do que me jurastes? Quer dizer que se não fôra esse juramento, não hesitarieis em afastar-me...

—Com certeza que sim! respondeu a rainha com firmeza... Não hesitaria em afastar-vos porque estou persuadida de que n'isso estava a vossa salvação e o meu socego!... Assim, não posso! Jurei!... Ah, mas não será d'esse modo!... Sereis vós o primeiro a comprehender que deveis partir... Dar-vos-hei uma lucrativa missão no reino Aragonez ou n'outra parte, á vossa escolha...

—Offendeis me, senhora, atalhou tristemente o pagem, julgando que eu me poderei deixar seduzir pelo dinheiro e que por elle me resolva a abandonar-vos...

—Mas sou eu que vos peço...

—Apesar d'isso mesmo, senhora, sinto que não terei forças para satisfazer o vosso desejo...

—Bem está, senhor, disse a rainha percebendo a necessidade de

atalhar bruscamente uma tão longa conversa, em melhores horas praticaremos sobre este assumpto... Agora, retirae-vos... Deus vos acompanhe e vos illumine, Fernam Garcia...

— O Senhor seja comvosco, respondeu o pagem retirando-se, depois de ter beijado a mão á rainha.

CAPITULO XXIX

Um desejo da castellã

Já havia seis mezes que duravam os amores do rei com D. Auzenda. Os cortezãos, habituados á inconstancia de D. Diniz, admiravam-se por o verem manifestar pela bella castellã o mesmo enthusiasmo e zelo do que nos primeiros dias da sua paixão.

— D. Auzenda, essa, entregára-se por completo ás delicias d'esse amor, a que correspondia com todo o impeto da sua alma sedenta de affeição e com todo o prazer do seu corpo de forte mulher de trinta annos. No começo sentira-se renascer, vigorisar, e, agora, ainda que se não sentisse muito enfraquecida, experimentava de vez em quando ligeiros incommodos, rapidos desalentos, caprichos que queria vêr satisfeitos. D. Diniz, ao principio, não soube a que attribuir semelhante mudança no estado da castellã; por isso, n'uma das suas visitas, trouxe comsigo o medico Pedro Nogueira, o qual, depois de examinar attentamente D. Auzenda, adquiriu a certeza de que ella estava gravida.

O rei rejubilou muito com esta noticia; e desde então redobrou de cuidados, procurando satisfazer todos os desejos e caprichos da sua amada.

Um dia, tendo o rei chegado ao castello um pouco mais tarde do que desejava, encontrou D. Auzenda afflicta com esta demora.

— Perdoae-me, Auzenda, o ter tardado tanto, disse D. Diniz, osculando na testa a bella castellã...

— Já estava assustada com esta demora, observou ella reprehensiva.

— E sem razão, senhora... Eu não desejo, nem quero que vos impacienteis... Sabeis quanto mal isso póde fazer ao vosso estado... E depois devieis ter pensado que se eu tardava é porque algum motivo tinha para isso e não vos deverieis mofinhar por tão pouco... Motivos sérios me detiveram... D. Domingos Jardo chegou de Lisboa e tive de praticar com elle longamente sobre negocios do estado... Mas logo que me pude livrar, pressuroso corri para vos vêr, senhora, e saber como vos achaes.

— Não me acho mal, mercê de Deus, senhor... Desejava ha muito que viesseis, por que tinha um pedido a fazer-vos...

— E dizei-o já, pois mal me ficará se o não satisfizer immediatamente.

— E' que talvez vos faça sorrir o meu pedido, talvez julgueis que vol-o faço por mero capricho...

—Seja por que fôr, senhora, que m'o façaes, não ha de ser elle tão impossivel e tão extraordinario que eu vol o não possa satisfazer.

— Não é porque seja impossivel ou extraordinario que eu receio que vós m'o não queiraes satisfazer. O meu receio é por outro motivo...

— Não me digaes mais nada, senhora, antes de me dizer o que desejaes, atalhou D. Diniz com impaciencia... Vamos, dizei o que pretendeis... Porque hesitaes?

— Senhor, respondeu a castellã, queria vêr vossos filhos... Queria pedir-vos que os trouxesseis aqui alguma vez... Que lindos elles devem ser!

D. Diniz ficou com effeito admirado com este desejo da sua amante, tanto elle lhe pareceu pueril e facil de realisar.

— E para me pedir uma coisa tão simples hesitastes durante tanto tempo, senhora! exclamou o rei... Quereis vêr meus filhos?... Mas hoje mesmo posso satisfazer-vos esse desejo... Parto a buscal-os...

— Ah! isso não, senhor... Ha pouco chegastes e já havieis de partir!

— Bem, não partirei, socegae... Mandarei o meu pagem, Diogo Aboim, a buscal-os.

— Oh! senhor, quanto vos agradeço!

D. Diniz chamou Diogo Aboim e disse-lhe:

— Voltae depressa a Santarem e dizei á senhora rainha D. Izabel que quero vêr os meus filhos... Trazei-mos aqui.

— Senhor, sim, respondeu o pagem, retirando-se a cumprir a ordem do rei.

CAPITULO XXX

Os servos zelosos

Izabel, tendo partido para Lisboa, onde tencionava demorar-se pouco tempo, deixára os infantes entregues aos cuidados da camareira Estevainha Martins e de Fernam Garcia, recommendando-lhes que os vigiassem bem e os não abandonassem.

Por isso, quando Diogo Aboim, ao chegar a Santarem, entrando no paço para obedecer á ordem do rei, foi encontrar os infantes a brincar n'uma sala, onde se achavam a camareira e o pagem da rainha. Eram tres os filhos de D. Diniz que ahi se encontravam: D. Affonso, que depois reinou, e então contava dez annos, Affonso Sanches, um anno mais velho do que o irmão, e D. Pedro, o futuro conde de Barcellos, mais novo do que os outros dois irmãos.

Diogo Aboim disse para o que vinha.

— Mas, senhor, respondeu Estevainha Martins, esperae que a senhora rainha volte de Lisboa e communicae-lhe depois o desejo de el-rei.

— Quereis que eu espere pela senhora rainha!... Mas não vedes que el-rei me deu uma ordem e que quer que a cumpra depressa?

— Senhor, de tal não duvído, observou a camareira... Mas a senhora rainha tambem nos deu suas ordens e nós temos que as acatar...

— Dizei-nos onde está el-rei e eu lhe levarei os infantes, accrescentou Fernam Garcia.

— El-rei está... está onde vos não importa, senhor pagem, res-

pondeu Diogo Aboim, engasgando-se ao lembrar-se que não podia dizer aos servos de D. Izabel o logar onde se encontrava D. Diniz... El-rei quer que eu lhe leve seus filhos, deixae-me que eu cumpra suas ordens.

— Não podemos, senhor pagem, disse a camareira... Voltae a dizer a el-rei que a senhora rainha partiu para Lisboa, pondo-nos de guarda a estes meninos e recommendando-nos que os não abandonassemos

— Mas, quando a senhora rainha tornar, dizei-lhe que m'os entregastes do mando de el-rei... Acaso desconfiaes de mim? perguntou Diogo Aboim.

— Senhor, não, respondeu a camareira. Vós, porém, no nosso caso, farieis o mesmo do que nós.

— Enganaes-vos, senhora... Satisfaria os desejos de el-rei.

— E nós de bom grado os satisfaremos, observou Fernam Garcia... Indicae-me onde está o senhor rei, que eu lhe levarei seus filhos.

— Eu nada tenho que vos indicar, Fernam Garcia, resmungou Diogo Aboim, devéras zangado Não é a vós que vos compete conduzir os infantes á presença do senhor D. Diniz... E' a mim... Foi a mim que el-rei deu as ordens que vos transmitti... Vós recusaes entregar-me os infantes? Bem está... Partirei a transmittir a el-rei vossa recusa.

— Mas, senhor pagem, dizei-lhe o motivo, contae-lhe o que nos mandou a senhora rainha, observou a camareira, com receio, temendo a colera do monarcha.

— Senhora, sim... Dir-lhe-hei os motivos que allegaes, mas duvido que elles satisfaçam o senhor rei... Temei de sua colera, ao saber que recusaes entregar-me seus filhos... Não vá elle punir-vos.

— Sou pagem da senhora rainha, Diogo Aboim, e el-rei não ousará castigar-me por obedecer á minha senhora e ama, atalhou Fernam Garcia com energia.

— A senhora D. Izabel nos defenderá, disse Estevainha Martins, socegando mais com esta supposição.

— Deus o queira... Ficae-vos em paz, disse Diogo Aboim, retirando-se.

Montou na cavalgadura, aferrou-lhe os acicates, e partiu a galope para o castello de D. Auzenda.

CAPITULO XXXI

Impaciencia e colera do rei

Diniz, impaciente com a inexplicavel demora do seu pagem, ficou realmente espantado quando viu apparecer Diogo Aboim sem os infantes.

—Vindes só, Diogo Aboim!... E os meus filhos?... Estão doentes? perguntou o rei com susto.

— Senhor, não, respondeu o pagem... Como a senhora rainha partiu para Lisboa e deu ordem a Estevainha Martins, sua camareira, e a Fernam Garcia, seu pagem, que não abandonassem os infantes, elles não m'os quizeram entregar, embora eu ateimasse em que vinha de vosso mando e que lhes competia acatar vossas ordens.

— Não vos quizeram entregar meus filhos! exclamou o rei cada vez mais espantado e sentindo-se invadir por uma tão grande onda de colera, que D. Auzenda entendeu dever observar-lhe:

— Não vos zangueis por isso, senhor... Outro dia virão os infantes... Socegae...

— Deixae me, senhora... Dizei-me, pois, Diogo Aboim, vós insististes em que ieis de meu mando e elles recusaram-se a entregar-vos meus filhos?

— Senhor, sim... O pagem da senhora rainha, Fernam Garcia, disse-me que os traria á vossa presença, se eu lhe dissesse onde vós estaveis... Eu recusei-me a isto, senhor, porque não foram essas as ordens que de vós recebera.

— E bem fizestes, Diogo Aboim, disse D. Diniz. Ah, os servos da rainha recusam-se a acatar meus mandos! Eu os ensinarei! Nem D. Izabel os salvará de um castigo exemplar!

— Senhor, escusae-os, pediu D. Auzenda... Lembrae-vos que elles cumpriram fielmente as ordens da senhora rainha, e que os não deveis castigar por serem tão dedicados e obedientes.

— Mas não vêdes, senhora, que elles tambem deviam ter acatado minhas ordens e ter-me enviado meus filhos? respondeu o rei... Não posso desculpal-os por tanta ousadia!... Olhae, Diogo Aboim, parti de novo e não torneis aqui sem me trazer os infantes... Minhas ordens hão de cumprir-se!

— Senhor, pediu D. Auzenda bastante pezarosa, evitae a vosso pagem nova jornada a Santarem... Outro dia vós mesmo me trareis vossos filhos... Hoje não... Já me passou o desejo de os vêr...

— Ide fazer o que vos disse, Diogo Aboim, ordenou o rei, sem ouvir a supplica da sua amada.

— Senhor, attendei ao que vos peço... Revogae a ordem que déstes ao vosso pagem... E dizeis que não me quereis contrariar, que me não quereis causar desgosto!... Mas não vêdes quanto me affligis!

— Senhora, desejaes então que Diogo Aboim não parta? interrogou D. Diniz, depois de ter hesitado durante algum tempo... Bem, satisfazer-vos hei... Não vos quero contrariar... Mas o pagem da rainha e a camareira hão de entender-se comigo!... E vós, Diogo Aboim, podeis retirar-vos... Ouvistes-me? Não partireis...

— Senhor, sim, respondeu o pagem, retirando-se.

— Vêde, senhora, como em tudo vos satisfaço, disse o rei á castellã.

— E eu muito vos agradeço, respondeu D. Auzenda, commovida.

— Mas d'esta vez pesa-me um pouco não ter realisado o meu intento e não ter enviado de novo Diogo Aboim a buscar meus filhos.

— Desculpae que vol-o diga, meu senhor, mas não procederieis bem... Se soubera que vos causaria a contrariedade que vos causei, não era eu que vos teria pedido para vêr vossos filhos!

— Não me contrariei, Auzenda, tranquillisae-vos. Encolerisei-me, é certo, mas vejo que foi talvez sem motivo — e tudo passou já, observou D. Diniz, a quem a razão tinha dominado a colera de ha pouco.

E o rei, para mostrar como seu animo estava entregue a outros pensamentos, attrahiu a si a bella castellã e cobriu-lhe o rosto de beijos apaixonados.

CAPITULO XXXII

Descontentamento de D. Izabel

QUANDO a rainha voltou de Lisboa, foi informada do que se havia passado com respeito aos infantes.

— Fizestes bem, disse ella á camareira e ao pagem, em não ter consentido que os infantes partissem com Diogo Aboim. E onde estão elles? perguntou D. Izabel, a quem as physionomias enleadas de seus dois servos deixava adivinhar que alguma outra coisa tinha acontecido.

— El-rei o senhor D. Diniz levou-os comsigo, respondeu a camareira.

Como a rainha exprimisse o seu descontentamento, Fernam Garcia observou:

— Senhora, querieis que resistissimos a el-rei?

— O senhor D. Diniz encolerisou-se comnosco, disse a camareira, por termos recusado entregar seus filhos a Diogo Aboim .. Ameaçou que nos havia de castigar...

— Não castigará, eu vos affianço, disse D. Izabel... Mas para onde levou el-rei os infantes?

O ceu vos pagará (pag. 253)

— Não sabemos, senhora, respondeu o pagem... Quando Diogo Aboim os veiu buscar e que nós não consentimos que elle os levasse, eu offereci-me para conduzil-os a el-rei, mas o pagem do senhor D. Diniz não me quiz dizer em que sitio o encontraria.

— Assim devia ser, disse D. Izabel com tristeza e desalento... El-rei levou os infantes para o solar da sua amante e teve pejo de que eu o soubesse... Mas não hei de consentir n'isso... Não... Não poderei consentir que meu filho, que essas outras duas creanças a quem quero como se tambem meus filhos fossem, fiquem no solar da barregan de el-rei.

— Não vos mofinheis, senhora, atalhou com interesse o pagem... Talvez vos enganeis.

— Não engano, não, Fernam Garcia... El-rei levou os filhos para o solar d'essa D. Auzenda... Tenho a certeza d'isto... Se passa ahi dias inteiros, se é o unico sitio onde agora se encontra, para que outro querieis então que elle os tivesse levado?

— Não sei, senhora, respondeu o pagem... Mas julgo que não deveis apoquentar-vos.

— Demais, observou Estevainha Martins, el-rei o senhor D. Diniz sabe o amor que vós tendes a D. Affonso Sanches e a D. Pedro, e não quererá prival-os de vosso carinho e de vosso affecto.

— Não quererá, mas em todo o caso levou meu filho e Affonso Sanches e Pedro para o solar da sua amante.

Apenas D. Izabel concluira estas palavras, entrou D. Diniz que, depois de saudar a esposa, lhe disse:

— Á-la-fé, senhora, que tendes uns servos muito zelosos... Já os reprehendi como me competia, mas sempre vos quero dizer como elles desacataram minhas ordens, afim de que vós lhes morigereis o zelo, pois que se se tornar a dar algum caso semelhante, castigal-os-hei sem piedade.

— Sei o que se passou, senhor, atalhou D. Izabel, e não posso condemnar o zelo e a boa vontade da minha camareira e de meu pagem em cumprirem meus desejos.

— Mas deveis reprehendel-os, porque ousaram ir contra o que ordenára.

— Senhor, pesa-me essa vossa insistencia... Eu fui a culpada da ordem que dei e não me arrependo... E onde estão os infantes?... Vieram comvosco? perguntou a rainha com interesse.

— Senhora, não vieram... Estão onde me approuve leval-os.

— E onde os não devieis ter levado, observou a rainha.

— Que quereis dizer, senhora? perguntou D. Diniz com a voz já um pouco alterada pela colera.

— Quero dizer, respondeu D. Izabel sem se perturbar, que não acho proprio que leveis vossos filhos para o solar da vossa barregan...

— Senhora! exclamou o rei iracundo... Cuidado!...

— Não será vossa sanha que me ha de impedir de vos dizer o que penso, insistiu a rainha. Sim, entendo que não procedeis bem levando os infantes a casa d'essa mulher por quem andaes louco... E entendo tambem que me offendeis procedendo d'este modo... Não falo só de meu filho Affonso, falo tambem d'essas outras duas creanças que vós mesmo me entregastes e a quem quero como mãe... Quereis que essa mulher me roube o affecto de meus filhos?... Se como esposa e rainha posso esquecer e perdoar as offensas que me fazeis constantemente, passando dias e dias no solar de vossa amante, como mãe não estou resolvida, nem quero, — entendeis, senhor? — que meus filhos — pois que a Affonso Sanches e Pedro tambem considero meus filhos — passem a conviver com essa mulher!

— Mas quem vos diz, senhora, que os infantes hão de conviver com a dona a que vos referis?... Levei-os commigo, porque queria vel-os, tel-os junto de mim durante alguns dias... Não tenho de modo algum o proposito que me attribuis, respondeu o rei com o semblante mais desanuviado e percebendo que lhe convinha com palavras de brandura e lisonja abrandar o justo resentimento de sua esposa... Não esqueço o quanto amaes a Affonso Sanches, a Pedro e ao nosso filho, Izabel, e não posso levar-vos a mal o vêr-vos ciosa do affecto d'essas creanças... Mas não exagereis, senhora... Eu tambem quero muito a meus filhos e saberei guial-os e dirigil-os como bom pae, que me préso de ser... Longe de mim, pois, o querer prival-os dos vossos carinhos e da vossa ternura... Já vêdes que não tendes razão no proposito que me attribuistes e que nem sequer me passou pela mente...

— Assim será, senhor, e oxalá me tenha enganado... Espero porém que o que me acabaes de prometter não ficará só em promessas nem nas vossas boas palavras, e que me trareis breve os infantes...

— Socegae, senhora... Amanhã mesmo os trarei... Lembrae-vos que elles são ainda creanças e precisam recrear-se e distrahir-se. E' vendo outras terras, outros logares e outras caras que pouco a pouco hão de ir aprendendo a vida... Deus fel-os nascer principes

e por isso mesmo tornou-lhes mais ardua a tarefa que teem de cumprir na terra... Embora ainda sejam muito novos, já estão no emtanto em idade para irem vendo os homens e o mundo...

— Não nego, senhor, mas acho que seria melhor dar-lhes outras distracções e outros ensinamentos do que os que elles hão de ter no solar d'essa mulher, observou a rainha com azedume.

— Basta, senhora, respondeu o rei resolutamente... Sois obstinada e teimosa, Izabel... Deixae-me proceder como entendo com meus filhos, que por isso não me ha de acusar a consciencia...

— Deus torne verdadeiras essas palavras, insinuou D. Izabel.

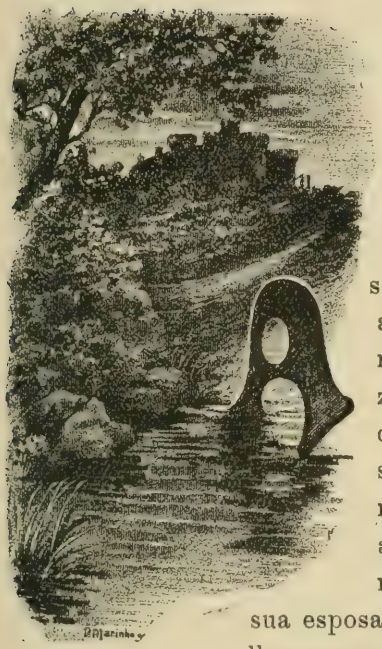
— Bem, Izabel, ficae-vos em paz, disse o rei sem sequer responder á insinuação da esposa... E vós, accrescentou, dirigindo-se a Estevainha Martins e a Fernam Garcia, que a um canto do aposento tinham escutado este dialogo e presenceado estas scenas, que, infelizmente não tinham para elles novidade nenhuma, pois a ellas estavam habituados, procurae para a outra vez ser menos zelosos, afim de que me não veja na necessidade de vos punir.

D. Diniz sahiu.

A rainha deu tempo a que o rei seguisse seu caminho, e depois disse para a camareira e para o pagem:

— Agora acompanhae-me... Tenho ainda que visitar alguns enfermos.

E D. Izabel, seguida de seus servos, deixou o paço e dirigiu-se para o hospital a confortar os doentes e dizer-lhes palavras de consolação e de esperança.



CAPITULO XXXIII

Terrivel desconfiança

As exigencias de D. Izabel com respeito aos infantes, o azedume violento que manifestava sempre que falava de D. Auzenda, impressionaram bastante o animo do rei. Estranhava a sua esposa. Ella sempre tão resignada e tão paciente, mostrava-se ultimamente intolerante e altiva. Havia já algum tempo que D. Diniz notava esta mudança na indole de sua esposa, mas nunca semelhante transformação lhe appareceu tão evidente como quando a rainha lhe exprobou o seu procedimento com respeito a seus filhos.

Entregue a estas cogitações, D. Diniz penetrou na camara da rainha com o fim de tentar aclarar de certo modo esse mysterio, que elle sentia planar na vida de sua esposa. D. Izabel não se encontrava ahi. D. Diniz sentou-se n'uma cadeira, encostou-se á meza e dispôz-se a esperar pela rainha.

Sobre a meza estava um livro. O rei pegou-lhe para se distrair e começou a percorrel-o. Era o livro de orações da rainha, era o livro onde ella mettera os pergaminhos contendo o rimance do conde Ninho e as trovas de Fernam Garcia.

O rei admirou-se por achar versos no livro de orações de sua esposa.

— Trovas n'um livro de orações! exclamou D. Diniz duplamente interessado e espantado. Porque motivo metteria a rainha estas trovas n'um volume de rezas?... Mas vejamos o que ellas dizem, monologou o rei.

E com effeito leu todo o rimance do conde Ninho; depois, vendo que havia ainda outros versos, continuou a leitura cada vez com mais interesse e espanto.

— Ah! isto agora são trovas de amor! continuou em seu monologo o rei, que começára a ler as trovas do pagem intituladas *A quem amo*... E bellas trovas por signal!... Mas porque as teria guardado a rainha dentro do seu livro de rezas?... D. Izabel, tão cheia de escrupulos, tão devota, só por um motivo muito serio commetteria semelhante profanação!... A não ser que...

E D. Diniz não chegou a formular em palavras o pensamento que lhe acudira á mente. Esse pensamento pareceu-lhe tão absurdo, tão monstruoso, que se apressou em repellil-o:

— Não, não póde ser!... É uma loucura suppôr tal... D. Izabel é virtuosa, é uma esposa modelo, é incapaz de me trahir!...

E D. Diniz leu outra vez as trovas de Fernam Garcia, e de novo a suspeita e a desconfiança se apoderou do seu espirito.

— E se fosse verdade! exclamou o rei com os olhos chamejantes... Se estas trovas fossem dirigidas á rainha por um apaixonado!... Se houve um miseravel tão ousado para lhas endereçar, porque é que D. Izabel o não repeliu e castigou?... Porque foi que, ao contrario, as recebeu e aceitou?... Ella, a devota, a santa, como lhe chama o povo!... Não, não é possivel!... Sou victima de um mau pensamento, uma desconfiança injusta domina o meu espirito... Preciso de observar mais friamente as coisas e não me deixar vencer pela colera, que póde ser sem motivo, e me póde arrastar a commetter alguma acção de que mais tarde tenha de me arrepender...

Assim raciocinava e monologava D. Diniz.

— Mas quem será o autor d'estas trovas? proseguia o rei em sua cogitação... Preciso de o saber!... Não convém interrogar D. Izabel... Se soubesse que eu a suspeitava injustamente não me perdoaria nunca... Disfarçarei... Hei de encher-me de forças para disfarçar e conseguir saber o motivo porque se encontram estes versos dentro de um livro de rezas!... Ah! Izabel, Izabel, se me trahistes, treme da minha implacavel vingança!... E tu, quem quer que sejas, miseravel

e ousado, que não hesitastes em confessar teu amor á rainha de Portugal, has de morrer, has de morrer como um traidor que és!... Hei de inventar para ti uma morte digna do teu immenso crime!

D. Diniz, depois de proferir estas palavras ameaçadoras, serenou um pouco. Tirou do livro o pergaminho com as trovas, metteu-o no bolso, fechou nos fechos o volume e collocou-o no mesmo sitio onde o tinha encontrado.

Tomara uma resolução, que julgou ser a melhor e a mais prudente: — o indagar primeiro quem fizera as trovas. Depois de conhecer o homem que as compuzera, vigial-o, até descobrir o que se passava entre elle e a rainha.

Entregue a estas preocupações, D. Diniz deixou a camara de sua esposa.

CAPITULO XXXIV

Um ardil do rei

QUANDO o rei abandonou a camara da rainha, a primeira pessoa que encontrou foi Ayres Peres.

Ao vêr o jogral, D. Diniz estremeceu. Lembrara-se de que Ayres Peres era dos mais festejados e illustres trovadores da sua côrte, e a idéa de que poderia ser elle o autor das trovas dirigidas á rainha passou-lhe pela mente.

Mas, querendo disfarçar a commoção que esta primeira suspeita lhe causara, respondeu com semblante prasenteiro á saudação respeitosa que o jogral lhe dirigiu.

— Vinde comigo, Ayres Peres, disse o rei, preciso praticar comvosco... Conheço muitas de vossas trovas e sei que sois um dos mais apreciados jograes de minha côrte.

— Senhor, são mercês vossas, atalhou Ayres Peres com modestia.

— Não é mercê, é a verdade... Sois mais apreciado do que o meu jogral, Estevam da Guarda, que tambem é um grande trovador... Mas vós sois-lhe superior. . Conheceis rimances d'essas longes terras por onde passastes, rimances que muito tenho gostado de ouvir...

— Senhor, esqueceis que ha na côrte quem trobe mui melhor do que todos os outros trovadores, replicou Ayres Peres.

...e os olhares de ambos encontraram-se de novo (pag. 267)

— E quem é esse? perguntou o rei interessado e cheio de curiosidade.

— Sois vós, senhor!

— Ah! eu... Sim, tambem componho trovas e dizem que soem

não ser muito más, observou D. Diniz que de ordinario se lisongeava muito que lhe apreciassem o talento trovadoresco, mas que, n'este momento, suppondo que Ayres Peres lhe iria citar algum nome de outro poeta e auxilial-o em descobrir o que desejava, não manifestou grande enthusiasmo pelas palavras lisongeiras do jogral.

D. Diniz e Ayres Peres tinham entrado em um aposento.

— E já que falamos de trovas, dizei-me, proseguiu o rei, conheceis o rimance do Conde Ninho?

— Senhor, sim... Ainda ha dias foi recitado n'um sarau do paço, a que vossa real mercê não assistiu, mas que presidiu a senhora rainha D. Izabel...

— Ah! sim?... E quem disse o rimance?...

— Foi Fernam Garcia...

— Fernam Garcia! exclamou o rei com espanto... Fernam Garcia tambem trova?

— Senhor, sim... E mui bem... Conheço d'elle trovas d'amor que são como as melhores que tenho visto e ouvido.

— Pois não sabia, observou o rei... Mas vou dizer-vos para que vos chamei... E' que fiz umas trovas ha pouco e, como Estevam da Guarda está longe, queria pedir-vos para que mas escrevesseis e me dissesseis como as achaes...

— Senhor, sou um vosso servo, respondeu o jogral com respeito...

— Ouvi-as e ide escrevendo-as á medida que vol-os digo.

E o rei ditou os versos seguintes que Ayres Peres foi escrevendo:

«Non chegou, madre, o meu amigo;
e oj'é o prazo saydo;
Ay! madre, moiro d'amor.

Non chegou, madre, o meu amado
e oj'é o prazo passado.
Ay! madre, moiro d'amor.

E oj'é o prazo saydo;
porque mentiu o desmentido;
Ay! madre, moiro d'amor.

E oj'é o prazo passado,
porque mentiu o perjurado;
Ay! madre, moiro d'amor.

E porque mentiu o desmentido
pesa-me, por per si é falido,
Ay! madre, moiro d'amor.

Porque mentiu o perjurado
pesa-me, pois mentiu per seu grado,
Ay! madre, moiro d'amor.

Ayres Peres, depois de os escrever, leu-os com attenção e disse para D. Diniz:

— São lindas trovas, senhor!

— Agora dae-mas, disse o rei, tomando das mãos do jogral o pergaminho, e percorrendo-o com a vista.

Ficou socegado. Acabava de ver que a letra de Ayres Peres era muito differente da letra das trovas que encontrára no livro de rezas da rainha.

Ayres Peres perguntou ao rei:

— Mandaes alguma coisa mais, senhor?

— Não, Ayres Peres, respondeu D. Diniz... Podeis retirar-vos... Ah, olhae, se virdes Fernam Garcia dizei-lhe que lhe querofalar... Quero que elle me faça conhecer algumas das suas melhores trovas, já que tão bem d'ellas dissestes...

— Senhor, sim... Cumprirei vossas ordens, respondeu o jogral sahindo.

CAPITULO XXXV

A duvida ante a evidencia

'ALI a alguns momentos entrava no aposento onde se achava D. Diniz o pagem Fernam Garcia.

— Senhor, disse o pagem saudando o rei com o respeito habitual, Ayres Peres deu-me vosso recado e venho a saber o que pretendeis de mim?

— Pretendo, bom pagem, felicitar-vos primeiro pelas boas trovas que me dizem soeis fazer e pedir-vos que me deis algumas para mandar copiar...

— Senhor, observou o pagem deveras enleado, poucas trovas tenho feito e aquelles que d'ellas tão bem vos disseram falaram como amigos, mas não vos disseram a verdade... Sou um humilde trovador...

— Ayres Peres, que é o mais entendido dos jograes de minha côrte, affiança que vós trobaes como os melhores trovadores... Ora como eu o ignorava, por isso vos mandei chamar para que me façaes o que vos disse...

— Senhor, obedecerei... Mas pesa-me o lembrar-me que vou ser julgado por vós, que tão entendido sois... Não tenho comigo nenhumas trovas, mas, se me permittis, irei buscal-as...

—Arreda, canalha! gritava Fernam Garcia, (pag. 280)

—Sim, bom pagem... Ide buscal as... Ah, não, esperae, antes vede se vos lembraes de algumas e escrevei-as ahi, disse o rei... Depois, mais tarde me dareis as outras.

Fernam Garcia, depois de pensar alguns instantes, escreveu o seguinte:

«— Digades, filha, mha filha velida,
porque tardastes na fontana fria?
Os amores ey.

Digades, filha, mha filha louçana,
porque tardastes na fria fontana?
Os amores ey.

Tardei, mha madre, na fontana fria,
cervos do monte a augua volviam.
Os amores ey.

Tardei, mha madre, na fria fontana,
cervos do monte volviam a augua.
Os amores ey.

— Mentis, mha filha, mentis por amigo
nunca vi cervo que volvesse o rio.
Os amores ey.

Mentis, mha filha, mentis por amado,
nunca vi cervo que volvesse o alto.
Os amores ey.»

Quando o pagem acabou de escrever, leu ao rei os versos, de que D. Diniz gostou muito.

— Dae-me o pergaminho, Fernam Garcia, disse o rei, que por estas trovas bem vejo que me não enganou Ayres Peres: trobaes com effeito tão bem como os melhores jograes de minha côrte.

O pagem entregou ao rei o pergaminho. D. Diniz, apenas lhe lançou os olhos, teve um estremecimento, que a muito custo poude disfarçar, para nada dar a perceber ao seu interlocutor. E' que acabava de ver até á evidencia que a letra de Fernam Garcia era egual á letra das trovas que encontrara no livro de orações da rainha.

Embora D. Diniz já estivesse um pouco preparado para esta descoberta, uma tão evidente certeza perturbou-o comtudo.

D. Diniz, quando Ayres Peres o informou de que fôra Fernam

Garcia que redigira e recitara n'um sarau do paço o rimance do Conde Ninho, teve então o presentimento de que quem dirigira os versos á rainha fôra o pagem. A letra d'esses versos era muito parecida com a do rimance; mas D. Diniz custava-lhe a crer que o pagem, tão joven, quasi adolescente, tivesse tido essa audacia. Quiz certificar-se melhor; e agora, que esta certeza ainda se affirmava com mais evidencia, D. Diuiz, embora não lhe devesse restar no espirito a minima duvida, luctava ainda contra essa propria evidencia.

— Bem está, senhor pagem, ide-vos, disse o rei, apoz um longo silencio... Outra occasião me dareis outras trovas

— Senhor, sim, respondeu o pagem, partindo.

Quando Fernam Garcia sahiu, D. Diniz acompanhou-o com um olhar de ameaça e de rancor.

CAPITULO XXXVI

Uma incumbencia

No animo de D. Diniz travava-se um rijo embate de sentimentos contradictorios.

Não lhe podia restar a minima duvida de que o adolescente, que acabava de ver sahir, era quem dirigira as trovas a D. Izabel. Semelhante ousadia bastava para que D. Diniz decidisse punil-o com o maximo rigor.

Mas qual devia ser este castigo?

A morte, a prisão, o desterro?

O rei meditava em qual d'estas penas haveria de applicar ao pagem.

Não queria porem decidir ligeiramente. Competia-lhe indagar até que ponto Fernam Garcia chegára no seu audacioso commettimento. E para isto era-lhe forçoso fazel-o vigiar, seguir-lhe os passos, espial-o.

Apesar do rancor que sentia por esse homem, a indole recta do rei forçava-o a addiar o castigo para a occasião em que tivesse adquirido a certeza do grau da culpabilidade do pagem. N'esse momento, então, seria inexoravel.

D. Diniz foi perturbado nas suas meditações pela entrada de seu pagem, Diogo Aboim.

— Ah, sois vós, Diogo Aboim, disse o rei. Vindes a proposito... Tendes sido um servo dedicado e fiel... Por tanto não hesito em encarregar-vos de uma missão de confiança e que exigirá de vós um grande desenvolvimento de astucia e de cuidado... Achaes-vos com forças para a cumpir?

— Senhor, sim, respondeu o pagem com firmeza.

— Mas olhae, Diogo Aboim — ai de vós, se me trahirdes!

— Senhor! exclamou Diogo Aboim escandalisado com esta suspeita... Eu, trahir-vos!.. Não acabaes vós mesmo de dizer que tenho sido um servo dedicado e fiel? Se assim o acreditaes — e deveis acredital-o — porque me suspeitaes?

— Sim... Tendes razão... Não vos suspeito... Creio na vossa fidelidade e dedicação... Escusae-me esta duvida que me perpassou pelo espirito... Acabo de soffrer uma terrivel desillusão e um immenso golpe e por isso cheguei até a duvidar de vós!... Mas já não duvido... Creio que fareis o que vos vou mandar, e que vos desempenhareis do que vos vou incumbir com habilidade e zelo... Mas antes de saberdes do que se trata, dizei-me: — como vos daes com Fernam Garcia, o pagem da rainha?

— Senhor... respondeu Diogo Aboim, balbuciando e um tanto compromettido.

— Vamos... respondei-me, observou o rei... Porque hesitaes?...

— Senhor, respondeu o pagem, é que receio expor vos o que sinto por Fernam Garcia...

— Pois não receeis... Vamos... Dizei-o... sois acaso seu amigo?

— Senhor, não! exclamou com dureza Diogo Aboim. Não sou amigo de Fernam Garcia... Pelo contrario, detesto-o... Odeio-o, e receava que vós me censurasseis o odio que sinto por elle...

— Não tenho que vos censurar, atalhou o rei bruscamente... Mas porque o odiaes?

— Senhor, odeio-o desde aquelle dia em que vós me mandastes correr em defeza da senhora rainha, quando os mendigos e leprosos lhe tomaram o passo e a desacataram... Quando ia a cumprir vossas ordens, Fernam Garcia impediu-me e offendeu-me gravemente... Desde então comecei a detestal-o, a odial-o... E parece que este odio tem crescido com o tempo... Aqui tendes, senhor, o sentimento que me inspira Fernam Garcia...

— Bem está, respondeu D. Diniz pensativo... Mas no que vos vou

incumbir tendes de proceder como se esse odio não existisse... Attendei bem no que vos digo, Diogo Aboim... É preciso que vigieis Fernam Garcia disfarçadamente, sem que elle se aperceba ou suspeite sequer de semelhante vigilancia... Seguireis seus passos, espional-o-heis por toda a parte e a cada momento...

— Mesmo que elle se ache em presença da senhora rainha? perguntou Diogo Aboim.

— Ainda quando esteja com a senhora rainha... Deveis mesmo então vigial-o com mais cuidado e attender bem a todos os seus gestos e a todas as suas palavras... Nada me deveis occultar... Haveis de me informar de tudo... Percebeis o que exijo de vós?

— Senhor, sim, percebo... Espero poder cumprir vossas ordens...

— Deus vos oiça... Mas exercei esta vigilancia sem que ninguem se aperceba d'ella... Sede prudente e astucioso... Cosei-vos com as paredes dos corredores escuros, mettei-vos atravez os reposteiros das portas entreabertas, em qualquer parte emfim onde possaes escutar tudo sem que vos vejam... Percebeis?

— Senhor, cumprirei vossas ordens, respondeu o pagem... E quando devo começar a vigilancia de Fernam Garcia?

— Hoje... Agora mesmo... Ide... E eu vos saberei recompensar...

— Senhor, Deus vos tenha em sua guarda, disse Diogo Aboim saudando o rei e sahindo.

CAPITULO XXXVII

Hesitações de D. Diniz

D. Diniz deixou que Diogo Aboim se retirasse, e depois sahiu do aposento e foi á alameda respirar a brisa fresca do entardecer.

O rei continuava preocupado. Como se desempenharia Diogo Aboim da missão de que o incumbira? Descobriria qualquer coisa mais grave do que D. Diniz já havia descoberto?

Estas preocupações dominavam o espirito de D. Diniz, que proseguia o seu passeio, caminhando agitadamente atravez o arvoredo sombrio.

A idéa de que D. Izabel, a esposa que elle tanto tempo suppuzera irreprehensivel, a santa, como lhe chamava o povo, o atraiçoava, offendia-o no seu orgulho de rei e de marido, mas não lhe provocava nem ciume nem desespero. Irritava-o na sua vaidade, feria-o no intimo das suas illusões, preocupava-o bastante, mas não lhe produzia uma d'essas dôres lancinantes e terriveis que são o apanagio dos amantes enganados.

É que D. Diniz não amava D. Izabel. Tinha por ella uma grande estima, uma grande affeição, mas não a amava. A rainha com os exageros da sua piedade, com o meticuloso cumprimento dos seus deveres de fervorosa christã só conseguira afastar de si cada vez mais

o esposo e lançal-o nos braços de novas amantes, onde esse rei folião e sensual ia procurar e encontrar o que a casta e ascetica rainha lhe não dava.

Como fôra que uma mulher tão casta e recatada como era D. Izabel aceitára as trovas apaixonadas de Fernam Garcia?

Era isto que mais preocupava D. Diniz, e apparecia ao seu espirito como inexplicavel. O que tambem irritava o rei é que não tinha ali, n'aquelle momento, ninguem com quem desabafar, a quem pudesse narrar o que lhe succedera e a quem pedisse proveitoso conselho. D. Domingos Jardo, o seu chanceller, estava em Lisboa; Estevam da Guarda, o seu jogral, o seu intimo amigo, o companheiro para o qual não tinha segredos, partira para Leiria de mando do proprio rei.

D. Diniz entendera não ter feito mal incumbindo Diogo Aboim de vigiar Fernam Garcia; mas o pagem do rei era ainda muito novo e D. Diniz julgou melhor não lhe dar muitas explicações sobre a missão de que o incumbira. O seu pagem era um servo fiel e muito capaz de cumprir cegamente qualquer ordem, mas pouco atilado e pouco experiente para o poder aconselhar.

Pelo menos D. Diniz assim o suppunha, e elle conhecia bem os seus cortezãos.

Agora só lhe restava esperar, até que Diogo Aboim se tivesse desempenhado da espionagem de que o incumbira.

O que lhe revelaria esta espionagem? Que novas surprezas, que novos enganos, que novos segredos descubriria esse homem?

D. Diniz anciava por conhecer bem nitidamente as relações do pagem com a rainha, e ao mesmo tempo receava que o conhecimento de taes relações o obrigasse a uma punição tremenda.

Com Fernam Garcia pouco se preocupava o rei. Decidira castigal-o, castigo que, conforme a enormidade da culpa, podia ir até á morte, e esta decisão mantinha-se inabalavel no espirito do monarcha. Faria desapparecer o pagem, preparar-lhe-ia alguma cilada onde elle encontrasse a morte, e tudo ficava resolvido a seu respeito.

Mas com a rainha, o caso era muito outro. D. Diniz não poderia castigar sua esposa sem que este castigo produzisse na côrte um verdadeiro escandalo.

E entre o povo? O povo, que a adorava, nunca acreditaria que D. Izabel fosse culpada.

D. Diniz teria de proceder com cautela e verdadeira astucia.

Cavalgam, vão caminhando, não cessam de caminhar... (pag. 287)

O rei, entregue a estas preocupações, afastara-se do paço e distanciara-se um pouco de Santarem.

Alongando a vista na direcção do castello de D. Auzenda, a sua

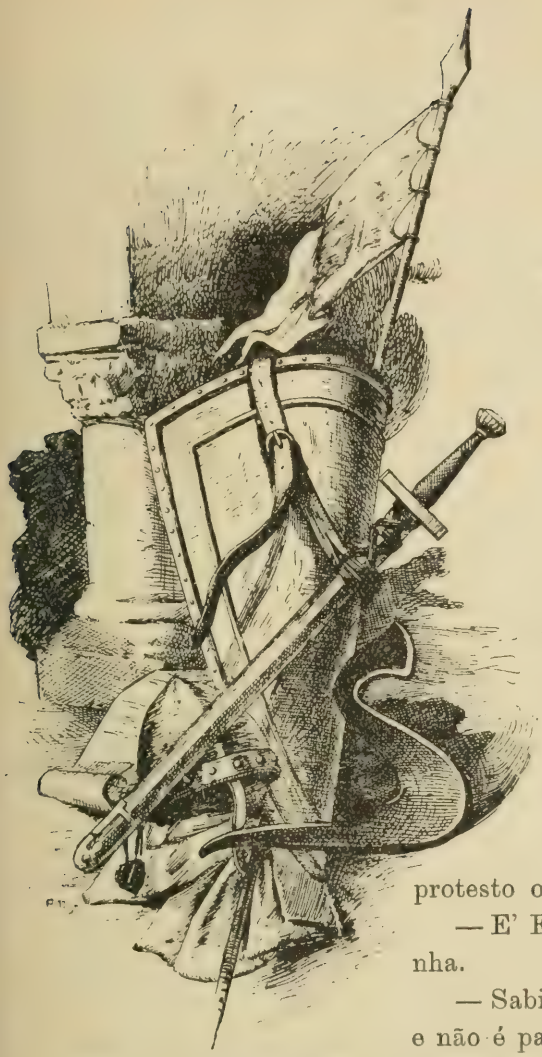
amada, viu uma grande onda de poeira e ouviu o galopar de um cavallo.

O cavalleiro que vinha pela estrada, ao approximar-se da cidade, apressou o passo do seu cavallo e ao approximar-se do rei exclamou:

— Senhor, vós aqui!... E passeando solitario por esta estrada!

— Ah, és tu, Estevam da Guarda? disse o rei... Chegas a proposito... Ha pouco que me acudiste ao espirito... Cuidei até em mandar-te chamar... E' que tenho uma revelação grave a fazer-te e sobre a qual preciso de ouvir teu conselho...

— Senhor, dizei, respondeu o jogral, que já se tinha apeado e caminhava ao lado do rei, conduzindo o cavallo pela rédea.



CAPITULO XXXVIII

Opinião de Estevam da Guarda

ABES que ha aqui na côrte, disse D. Diniz para Estevam da Guarda, um trovador que trova tão bem como tu e como Ayres Peres?

—E quem é esse? perguntou o jogral, deixando passar sem protesto o elogio do rei.

— E' Fernam Garcia, o pagem da rainha.

— Sabia que elle bem trovava, senhor, e não é para mim novidade o seu talento. Mas porque me referis isso, senhor?... Quereis chamal-o para vosso serviço e recompensal o?...

— Ouve-me até ao fim... Não ha muito entrei no aposento de D. Izabel a procural-a, e, como não se achava ahi, dispunha-me a esperal-a... Para me entreter abri um livro de orações que a rainha deixára sobre a meza e encontrei dentro d'esse livro umas trovas apaixonadas... Deveras intrigado pelo estranho acontecimento de ver n'um livro de rezas de D. Izabel versos de amor, comecei a pensar em quem poderia ser o ousado menestrel que os dirigira á rainha... Encontrei-me com Ayres Peres e tendo-o feito escrever, logo percebi que a letra das trovas era mui diversa da letra do jogral ..

Pedi-lhe que me indicasse outro trovador e elle com grande elogio falou-me de Fernam Garcia... Chamei-o, fil-o escrever e percebi pela letra que era elle o autor das trovas apaixonadas á rainha... Como julgas este procedimento?

— Senhor, escusae-me, mas custa-me a crer o que ouvi... Não sejaes vós victima de algum engano...

— Não sou, Estevam, não sou, respondeu D. Diniz... Mas socega, que muito breve vou saber até que ponto chegou a traição e o crime de Fernam Garcia... Alguem o vigia e espia de meu mando, e o segue passo a passo... O seu crime é dos que não teem perdão...

— Attendei, senhor, observou o jogral... Se Fernam Garcia commetteu a traição que lhe attribuis merece com effeito a morte e não serei eu que ouse aconselhar-vos a que sejaes piedoso... Mas se está innocente!... Se escreveu essas trovas a uma qualquer dona, que elle ame, e se a senhora rainha, que tambem aprecia as boas trovas, lhas tivesse pedido para as ler?...

— Se fosse isso, disse o rei um pouco abalado pela observação do jogral, não havia com effeito mal algum... Mas não creio, Estevam da Guarda... A rainha metteu essas trovas no seu livro de rezas para as esconder e poder lel-as a occultas...

— Senhor, insistiu o jogral, vede que estaes a suspeitar a senhora D. Izabel de uma feia acção.

— Suspeito, sim, e tenho sérios motivos para suspeitar... Com a sua fama de virtuosa e santa, D. Izabel é mui manhosa e muito capaz de me atraiçoar, vingando-se assim das offensas que diz que lhe tenho feito... Ah! mas se eu me persuadir e tiver as provas do seu amor culposo pelo pagem hei de dar-lhe um castigo tremendo! Mandarei matar Fernam Garcia, — e a ella — a ella mettel-a-hei em perpetua clausura!...

— Tenho fé em Deus que não haveis de precisar de fazer o que dizeis... Estou convencido de que a senhora rainha está innocente!

— E o pagem?... Tambem estás persuadido da sua innocencia?

— Senhor, sim, disse resolutamente o jogral... Ou pelo menos que elle não procedeu tão criminosamente como vós suppondes...

— Mas que motivos tens para assim pensar?

— Os motivos do meu coração... Sei que a senhora D. Izabel é virtuosa e boa e incapaz de vos trahir... Punha por ella a mão sobre o fogo... E quanto a Fernam Garcia, acho-o mui joven para poder

ser tão audacioso como julgaes, e ousar levantar os olhos para a rainha de Portugal! Eis o que eu supponho, senhor... E deixae-me que vol o repita: julgo que a vossa desconfiança é injusta e que sois victima de algum engano...

— Oxalá que assim seja, disse o rei... Muito breve saberei se tens ou não razão...

O rei e o jogral tinham chegado á cidade. Estevam da Guarda entregou o cavallo a um servo e seguiu com D. Diniz para a Alcaçova.

CAPITULO XXXIX

A resolução da Rainha

Já havia tres dias que Diogo Aboim vigiava o pagem da rainha sem descobrir coisa alguma que justificasse as suspeitas de D. Diniz.

Ao fim da tarde d'esse terceiro dia, Diogo Aboim, oculto por detraz de uma porta, ouviu a rainha, que seguia por um corredor do paço, dizer para Fernam Garcia, que a acompanhava.

— Entremos n'este aposento, senhor pagem... Tenho que praticar seriamente comvosco...

E isto dizendo D. Izabel e o seu pagem entraram no aposento contiguo áquelle onde se encontrava Diogo Aboim. Este, por uma porta entreaberta e escondido em um reposteiro, podia ver e ouvir tudo quanto se ia passar.

— Aqui estaremos bem, disse D. Izabel... Aqui poderei dizer-vos o que vou exigir de vós...

— Dizei, senhora rainha, o que exigis de mim, observou o pagem com dolorosa resignação e como que adivinhando antecipadamente o que D. Izabel lhe ia communicar.

— E' forçoso partir, Fernam Garcia! respondeu a rainha bruscamente, fazendo sobre si um grande esforço para conservar toda a tranquillidade que aparentava... Vosso viver aqui, junto de mim,

depois do que se passou, não é possivel por mais tempo... Já o devieis ter comprehendido... Soffreis, e é lembrando-me do vosso soffrimento que me tem faltado a coragem para vos exprobar a culposa coita em que persistis. .

— Eu nunca me queixei, senhora... Forçaes me a que vos lembre que vós me exigistes a revelação do meu segredo — d'esse segredo que devia morrer comigo — e eu vol-o disse, sob a fé de vosso juramento...

— Sim, senhor... Escusaes lembrar-me a minha imprudente exigencia em querer saber vosso segredo e o louco juramento que vos fiz... Escusaes lembrar-me, porque se jurei — e bem arrependida estou de o ter feito — está jurado, e não faltarei a elle... Mas não é faltar ao meu juramento o insistir comvosco para que partaes, para que deixeis o paço e procureis em longes terras o esquecimento de vossas maguas... Vamos, sou eu que vos peço...

— Senhora, não, não posso! exclamou o pagem depois de um prolongado silencio.

— Não podeis! observou a rainha com ironica amargura... Não podeis!... Dizei antes que não quereis... Dizei que insistis em vosso culposo sentimento e que não quereis fazer o que vos pedi!...

— Como sois injusta para comigo, senhora! disse o pagem com uma expressão de doloroso desespero... Não vêdes que, se o que me pedis não fosse um impossivel, eu vos obedeceria logo como um vosso servo humilde que sou... Mas não posso, senhora!... Ah! não!... Privar-me de vossa presença equivaleria a morrer de morte lenta, de martyrio insoffrido, de desespero horrivel, e eu não tenho coragem nem forças para por minha propria vontade procurar um tão longo padecer!... Não insistaes em fazer-me semelhante pedido... Em que é que a minha adoração, o meu amor — oh! sim! permitti-me que ainda por uma unica vez empregue este termo! exclamou o pagem a um gesto brusco e sacudido da rainha ao ouvir semelhante palavra — vos podem offender?... Meus pensamentos são castos, a minha alma ante a vossa presença ou com a vossa imagem sempre presente a meu espirito, eleva-se n'um extasis como a alma dos crentes diante dos altares dos santos de sua devoção...

— Blasphemaes, senhor! atalhou a rainha entre reprehensiva e colerica... As palavras que acabaes de proferir offendem a minha fé de christã e o meu recato de esposa e de mãe... Embora acredite

ou faça os mais possiveis esforços para acreditar na pureza de vosso sentimento, eu não posso pensar n'elle sem que sinta o remorso e a perturbação invadir minha alma... Basta lembrar me que sou eu a causa de vossa coita para viver n'uma perpetua agitação... Vós aqui, senhor pagem, o que deveis esperar?... Estiolar-vos n'esse constante padecer... Ao passo que longe, muito longe d'aqui, se ao principio soffreis mais do que agora, o tempo ha de conseguir apagar vossa coita, e vivereis feliz e descançado... Quereis attender me?

— Senhora, pedis o que vos não posso fazer... Pedis me a vida, e essa pertence a Deus — não vol-a posso dar... Ah! como sois cruel!... Como, apesar da vossa bondade, de vossas virtudes, de vossa caridosa solicitude por todos os enfermos, os pobres, os desprotegidos, todos emfim que para vós se chegam implorando-vos, fazeis excepção para a minha magua e só tendes para ella palavras duras ou de uma indulgencia que me fere ainda mais do que vossa maior dureza!... Ah! não vos tivera eu confessado o que vos confessei, e embora soffresse, embora supportasse o meu desespero, viveria ao menos mais tranquillo e menos perseguido!

— Fôra melhor, senhor pagem, que effectivamente me não tivesseis confesssado o que me confessastes... Mas como o fizestes e não podeis evitar já coisa alguma, não sejaes injusto para commigo... Eu não quero offender-vos nem penso fazel-o, pedindo-vos que deixeis o paço... Peço-vos isto porque julgo que será para vosso socego — e tambem para o meu... Não me attendeis... Estou presa pelo juramento que vos fiz e saberei cumpril-o... Mas ouvi-me bem, senhor pagem, ouvi-me e gravae bem estas palavras em vosso espirito para que ellas nunca vos esqueçam e para que de futuro não tenhaes pretexto para me attribular... Como esta é a ultima vez que nos encontramos a sós, vou impor-vos a minha vontade e espero da vossa lealdade que a cumprireis...

— Senhora, sim, vós mandaes e a mim cumpre-me obedecer como vosso humilde servo! exclamou Fernam Garcia com uma desesperada resignação, mas deveras assustado com a ameaça implicita nos termos energicos da rainha...

— Assim o espero, senhor, disse D. Izabel com seccura... Já que insistis em ficar no paço e em não partir, d'hoje em diante não quero ouvir-vos uma unica referencia á vossa culposa coita... Entendeis, senhor?... Não vos tolerarei uma unica palavra a esse res-

peito!... E quanto a vosso serviço, sempre que puder dispensar vossa presença, dispensal a-hei... Evito assim o mais possivel dar-vos occasião para me desobedecer ..

— Senhora rainha, como vossas crueis palavras me dilaceram! exclamou o pagem no auge do desespero... Eu desobedecer-vos!... Tenho-vos até agora servido com obediencia e lealdade... Do mesmo modo vos continuarei a servir... Descançae, portanto... Sereis obedecida...

— Bem está, senhor pagem... Retirae-vos...

O pagem, antes de cumprir a ordem da rainha, ia para dizer mais alguma coisa, mas D. Izabel, indicando-lhe a porta, disse-lhe com voz energica e o semblante carregado:

— Retirae-vos, senhor, nada mais quero ouvir...

E o pagem dirigiu-se para a porta para cumprir a ordem da rainha, transparecendo em seu semblante uma angustia e um pesar indescriptivel.

CAPITULO XL

Um impulso generoso

AINDA Fernam Garcia não tinha transposto a porta do aposento, quando D. Izabel, movida por um sentimento superior á sua vontade, o chamou.

— Senhor pagem! disse a rainha... Dizei o que ieis para me dizer...

Fernam Garcia, ao ouvir a voz da rainha e o seu chamamento, sentindo-se dominado por uma força desconhecida e irresistivel, não poude conter-se e veio cahir de joelhos junto de D. Izabel, n'uma attitude imploradora, de resignação e de humildade.

— Senhora, senhora, perdoae-me! supplicou elle.

— Erguei-vos, senhor! exclamou a rainha, recuando instinctivamente a cadeira onde se achava sentada e querendo forçar o pagem a levantar-se, mas não o conseguindo.

— Não, senhora, não me erguerei emquanto não ouvir da vossa boca o meu perdão!

— Perdôo-vos, disse a rainha em voz muito baixa, embargada pela commoção... Mas levantae-vos... Vamos, observou ainda D. Izabel, vendo que o seu pagem não tinha muita pressa em erguer-se.

Fernam Garcia, por fim, levantou-se, e disse:

— O que eu desejava, senhora, era pedir-vos que me não ba-

nisseis de vossa presença e que não cumprisseis a terrivel ameaça que ha pouco me fizestes... Sois compassiva e boa, e haveis de attender meus rogos!... Não me priveis da maior alegria e do maior consolo a que posso aspirar no meio da minha desdita... Essa alegria é o poder servir-vos sempre com o zelo e a dedicação como até aqui creio ter-vos servido... Esse consolo, esse lenitivo ao meu padecer, é o ver-vos a miudo e poder contemplar vosso rosto e enlevar-me n'esta contemplação!... Ah! não protesteis, senhora!... Não vos mostreis offendida por minhas palavras .. Deixae-me ao menos a grande consolação de poder desabafar de vez em quando... De vos poder dizer o que ora vos disse... Compadeceis-vos de todas as miserias e só da minha não havereis de compadecer-vos, nem de querer que d'ella vos fale!

— Basta, senhor pagem, disse a rainha com voz branda.

A sua resolução energica de ha pouco parecia ter afrouxado ao contemplar o rosto pesaroso e maguado, os olhos lagrimejantes, as feições alteradas de Fernam Garcia.

— Já vos ouvi como desejaveis, proseguiu D. Izabel, não tendes pois razão em vossos novos queixumes... Ide-vos... Lembrae-vos que o sentimento que vos domina é pecaminoso e pedi a Deus que d'elle vos livre... Eu tambem em minhas orações implorarei o Senhor para que vos illumine...

— Ficae-vos em paz, senhora, respondeu o pagem, que beijou a mão da rainha e sahiu do aposento.

D. Izabel d'ali a alguns instantes tambem se retirou, acompanhada por Estevainha Martins.

Diogo Aboim, depois que a rainha e a camareira desappareceram no corredor, sahiu do esconderijo onde se achava, e dirigiu se ao encontro do rei para lhe narrar a scena estranha e extraordinaria a que acabava de assistir.

Diogo Aboim sentia-se assombrado por tudo quanto vira e ouvira. O arrojo de Fernam Garcia, a sua audaciosa insistencia em mostrar á rainha quanto a amava, a indulgencia de D. Izabel succedendo logo apoz os primeiros impulsos de indignação, indulgencia que não sabia explicar nem a que attribuir, e que havia de ser um incentivo para que o pagem persistisse em sua perversa coita, tudo isso causára a Diogo Aboim um tal espanto e uma tal indignação, que correu pressuroso para revelar ao rei o que se tinha passado.

CAPITULO XLI

Uma idéa subita do rei

IOGO Aboim correu em busca do rei, mas não logrou encontral-o. Um servo da Alcaçova informou-o de que D. Diniz sahira a pé, acompanhado apenas por Estevam da Guarda, e tinha tomado o caminho de Lisboa.

Havia com effeito mais de uma hora que o rei e o jogral tinham seguido por esse caminho.

D. Diniz, inquieto e agitado, ancioso por conhecer o que havia de exacto nas suspeitas com que perseguia a rainha e o pagem, revelava ao seu fiel companheiro as tribulações de que se achava possuido.

—Vê lá, amigo, como é sina minha viver em constante desasocego!... Ora que os negocios do estado me dão menos cuidados e me causam menos inquietação, que não ha discordias nem luctas, que o reino se acha tranquillo, havia a traição e a deshonra de me seguirem, de se sentarem junto de mim, de me tirarem a tranquillidade com que me repousava apoz tantas luctas e tantas agitações! Já é ser infeliz, amigo! Será Deus que me persegue e me castiga por meus pecados ou Belzebuth que me tenta para perder minha

alma!... Ah! Estevam da Guarda, triste mister é o de reinar!... Fôra eu como tu, um bom trovador, livre de cuidados e de espinhos...

—Bom trovador e mui melhor do que eu sois, senhor, respondeu o jogral, que entendeu dever atalhar as lastimas exageradas do monarcha... E não me invejeis a sorte, pois os meus cuidados e os meus espinhos tambem não são tão poucos como pareceis acreditar .. Tambem em meu caminho ha urzes, e que me teem ferido e dilacerado....

—Oh! mas não tanto como a mim, amigo!... Não tanto!... E ao menos pódes procurar distrahir-te de teu soffrimento e buscar esquecel-o... Eu, nem isso posso... Tenho de attender ás obrigações do meu pesado cargo, dos meus deveres de rei... Até quando amo e me enlevo na posse e no goso de uma mulher, como ora com D. Auzenda, me exprobam o abandonar os negocios do estado e me aconselham a que lhes dê mais attenção... E tu fostes tambem d'esses que me exprobaram e me aconselharam...

—Senhor, sim, fui, e não estou arrependido de o ter feito..

—Nem eu te quero mal por isso... Mas é uma prova de que até tu mesmo, que me és tão dedicado, não levas a bem quando eu, com a alma atribulada e cheia de dissabores, procuro consolar-me nos braços da mulher que amo...

—Senhor, estaes exagerando... Eu nunca vos exprobei vosso amor por essa dona..... Apenas vos preveni do que se murmurava na côrte e vos aconselhei lealmente para que não desdenhasseis os negocios do estado e os não esquecesseis, entregue como estaveis a essa coita de amor... Vós vos lembrastes emfim de vossos deveres e vos entregastes de novo aos interesses de vosso cargo, sem que para isso tivesseis de abandonar a dona que amaveis...

—E que ainda amo, Estevam da Guarda, atalhou D. Diniz... E é agora que espero cada vez com mais anciedade o momento em que D. Auzenda me dará um filho que esta intriga do pagem com a rainha vem augmentar o meu desasocego e a minha inquietação!...

D. Diniz e o jogral tinham chegado proximo de um muro de pedras, no meio do qual havia uma cancella, que estava aberta de par em par. Encostado á cancella estava um homem gordo e atarracado, de cara rapada, apparentando ter uns quarenta annos de idade. Era o dono de uns fornos de cal, muito conhecido em Santarem e

nas povoações circumvisinhas. Ao vêr o rei veio saudal-o respeitosamente.

— Então, mestre Nuno Froilaz, disse-lhe D. Diniz, trabalha-se muito agora?

— Senhor, sim, respondeu o homem a quem o rei chamára mestre Nuno... Trabalho não me falta, e tanto tem elle sido que tive de metter mais homens para me ajudarem no serviço dos fornos...

— Bem está, mestre Nuno... Folgo que o negocio vos corra bem... E quantos fornos tendes?

— Quatro, senhor... E estão todos acesos para dar conta do muito que ha que fazer.

O rei, acompanhado pelo jogral e por mestre Nuno Froilaz, entrou no pateo e approximou-se do logar onde estavam os fornos da cal. Quando o rei se approximou, sentiu um calor suffucante. Uma idéa subita acudiu-lhe ao espirito. E perguntou a mestre Nuno Frailaz:

— Dizei-me, mestre Nuno, se um homem cahir dentro de um d'estes fornos não se poderá salvar?... Morre logo?

— Se um homem ahi cahir terá uma morte horrivel e sem que ninguem o possa salvar, respondeu mestre Nuno.

— Bem, vamo-nos, Estevam da Guarda, disse D. Diniz... Ficae-vos com Deus, mestre Nuno... Talvez que muito breve vos mande chamar á Alcaçova para vos incumbir de um serviço...

— Honraes-me, senhor, disse o mestre, saudando o rei, que, com Estevam da Guarda, tomou de novo o caminho de Santarem.

CAPITULO XLII

A narrativa de Diogo Aboim

Foi quando D. Diniz voltava para a Alcaçova com o jogral que Diogo Aboim correu ao seu encontro. As feições transtornadas do pagem não presagiavam nada de bom ao rei.

— Que tendes, Diogo Aboim, disse D. Diniz... Alguma ruim nova me trazeis?

— Senhor, sim, respondeu o pagem...

— Dizei então depressa o que ha succedido... Podeis falar, confirmou o rei, vendo que Diogo Aboim hesitava ainda, olhando um pouco enleado para o jogral... Não tenho segredos para Estevam da Guarda...

— Senhor, razão tinheis vós em me mandar vigiar o pagem da rainha... Fernam Garcia é um infame traidor!... Fernam Garcia ama a senhora rainha D. Izabel e não teve pejo em lhe falar do seu amor!

— Que infamia! exclamou D. Diniz, fingindo uma indignação que que estava muito longe de sentir... E a rainha?

— A senhora D. Izabel exprobou ao pagem o seu procedimento, censurou-lhe esse amor e quiz forçal-o a partir, mas Fernam Garcia tanto lhe pediu e tanto a rogou que a senhora rainha lhe perdoou...

E Diogo Aboim contou minuciosamente tudo o que se passára entre D. Izabel e Fernam Garcia.

D. Diniz fez esforços para conter a sua colera e conseguiu-o. Dirigindo-se ao pagem, disse-lhe:

— Sois um leal servidor, Diogo Aboim... Não esqueço o serviço que acabaes de prestar-me... Sim... Acabaes de descobrir um traidor, que se abrigava em meu paço, e sonhava deshonrar me!... Já d'elle tinha desconfiado... Por isso mandei que o vigiasseis e lhe seguisseis os passos .. Vós o fizestes e com tanto zelo que descobristes sua traição. . Não esquecerei o vosso serviço. . Agora ide-vos.

Diogo Aboim sahiu. E Estevam da Guarda a sós com o rei, vendo que o monarcha ficára largo tempo silencioso e entregue a uma d'essas sombrias meditações que o jogral sabia por experiencia propria que sempre se terminavam por coleras terriveis, atreveu-se a perguntar-lhe:

— O que tencionaes fazer, senhor?

— O que tenciono fazer! disse o rei, como acordando da meditação a que se entregára... Depois do que acabas de ouvir, Estevam da Guarda, a tua pergunta parece-me escusada... Em todo o caso, vou responder-te... Tenciono punir com a morte o ousado traidor que levantou os olhos para a rainha de Portugal!... E espero que não serás tu que me faças ouvir palavras de piedade ou de perdão para esse homem... Ah! conheço-te!... Sei quanto és compassivo e indulgente... Tambem eu o sou, em certas occasiões... Mas para o crime de Fernam Garcia não póde haver indulgencia nem piedade!... Ha de morrer!

— Senhor, o crime do pagem da senhora rainha é muito grande e não serei eu que me atreva a pedir-vos o seu perdão... Por mais que isto me custe, a minha boca não se abrirá em sua defeza... Reconheço a vossa justiça e não serei eu que contra ella me levante...

— Assim o espero, respondeu D. Diniz, olhando desconfiado para o jogral, a quem estava estranhando aquellas palavras de resignação... Ouve-me, Estevam da Guarda... Conheces o caminho que ha pouco percorremos e onde ficam os fornos de cal de mestre Nuno Froilaz?

— Senhor, sim.

— Bem... Procurarás mestre Nuno de meu mando e dir-lhe-has que te acompanhe aqui... Quero falar-lhe.

— Senhor, vou cumprir vossas ordens, respondeu Estevam da Guarda, retirando se para cumprir o mandado do rei.

CAPITULO XLIII

A horrivel sentença

QUANDO mestre Nuno Froilaz se achou na presença do rei, D. Diniz disse-lhe:

— Mestre Nuno, vou dar-vos uma grave incumbencia...

— Senhor, mandae, respondeu Nuno Froilaz... Sois o meu senhor e rei e cumpre-me servir-vos...

— Bem, mestre Nuno... Vossa pessoa responde-me pelo cumprimento fiel de minhas ordens...

— Senhor, sim... Vossas ordens, quaesquer que sejam, hão de ser cumpridas... Ficae descançado...

— Assim ha de ser, mestre Nuno... Ámanhã apresentar-se-ha em vossos fornos de cal um homem enviado por mim... Quero que vós e vossos homens o agarrem e o precipitem immediatamente em um dos fornos... É assim que resolvi punir um traidor que tenho em minha côrte... Entendestes, mestre Nuno?

— Senhor, sim... Cumprirei fielmente o que me ordenastes...

— Agora podeis retirar-vos, mestre Nuno...

Quando Nuno Froilaz sahiu, Estevam da Guarda fixou o rei com um olhar triste e disse-lhe:

— Fernam Garcia, senhor, vae soffrer uma terrivel morte!...

— Não ha morte por mais terrivel que seja que elle não mereça

pelo seu crime hediondo!... Deixae-me, Estevam... Deixae-me fazer o que me praz... E' o unico meio que tenho de saciar a sede de vingança que me devora!... E lembra-te que me prometteste que não dirias uma unica palavra a favor d'elle...

— Não o esqueci, senhor, nem o esquecerei, disse o jogral com resignação, vendo que não podia abalar a firme resolução do rei.

*

* *

Alguns momentos depois, Fernam Garcia, chamado á presença do rei, ouvia D. Diniz perguntar-lhe:

— Conheceis os fornos de cal de mestre Nuno Froilaz?

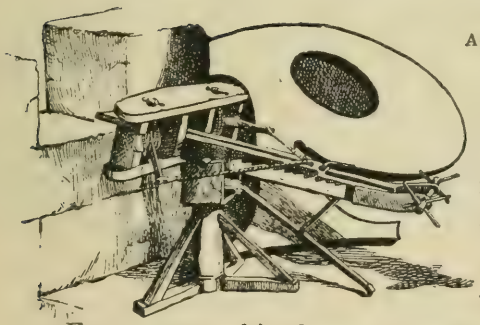
— Senhor, sim... Conheço-os mui bem...

— Ireis ámanhã de manhã procurar mestre Nuno aos seus fornos e dir-lhe-eis que ides de meu mando para que elle cumpra minhas ordens... Tomae bem sentido em repetir a Nuno Froilaz estas minhas palavras...

— Senhor, não o esquecerei, respondeu o pagem, que se despediu do rei, resolvido a cumprir fielmente o que o monarcha lhe tinha ordenado.

CAPITULO XLIV

Satisfação de um desejo



Passou Fernam Garcia a manhã do dia seguinte occupado no serviço da rainha. Foi só quando D. Izabel se dirigiu com a sua camareira para a egreja a ouvir missa, que o pagem se lembrou da ordem que D. Diniz lhe tinha dado na vespera.

E o pagem sahiu do paço em direcção dos fornos de cal.

N'essa calma manhã de junho o sol com seus reflexos prateados derramava toda a luz pelo ceu azul, pelo arvoredo verdejante, pelas aguas limpidas do Tejo. A indole amorosa de Fernam Garcia recebeu a benefica influencia da natureza perturbadora. Os seus sentidos dominaram-no de tal modo que nem se esforçou por combater ou contrariar o desejo que imperiosamente lhe acudiu. Esse desejo era o contemplar a mulher que amava, o vel-a durante alguns momentos mais, em quanto ella ouvia missa e rezava aos santos de sua devoção.

O pagem, satisfeito com a idéa repentina que lhe acudira, voltou de novo a Santarem e entrou na egreja onde se encontrava D. Izabel.

A rainha, ajoelhada em frente do altar-mór, orava ferverosamente.

Fernam Garcia conservou-se a distancia enlevado na contemplação d'aquelle rosto formoso, a que as mortificações, os jejuns, as rezas

e as penitencias augmentavam a pallidez, sem lhe diminuir a belleza, antes dando-lhe um realce de encanto e de sedução.

O pagem permaneceu longo tempo na egreja. Para elle o mundo, Deus, a natureza, a vida, tudo se resumia na figura gentil da santa rainha. O seu amor era um amor mystico, todo da alma e do coração, sem nenhuns desejos carnaes, sem apetites de sensualismo.

*

* *

Em quanto o pagem se achava entregue ao seu enlevo amoroso, D. Diniz estava impaciente por saber como Nuno Froilaz se tinha sahido da incumbencia de que o encarregára.

— A estas horas, pensava o rei, já Fernam Garcia deve estar morto!... Satanaz já terá tomado conta de sua ruim alma!... Agora resta-me participar a D. Izabel a morte do seu pagem e censurar-lhe a indulgencia com que procedeu para com elle e a criminosa tolerancia com que o consentiu a seu lado depois de saber que elle a amava!... Procuremos a rainha...

E D. Diniz dirigia se para os aposentos de D. Izabel, quando encontrou Diogo Aboim. Este encontro com o seu pagem fez com que o rei quizesse saber o mais depressa possivel se mestre Nuno já tinha cumprido as ordens que lhe dera na vespera.

— Olhae, Diogo Aboim, mandou D. Diniz, correi depressa aos fornos de cal de mestre Nuno Froilaz, dizei-lhe que ides de meu mandado e perguntae-lhe se já cumpriu as minhas ordens... Ide e trazei-me depressa a resposta... Estou impaciente... Estranho esta demora de mestre Nuno em informar-me do que se ha passado.

O pagem do rei seguiu pressuroso a cumprir o que lhe fôra ordenado. E D. Diniz entrou nos aposentos de D. Izabel.

CAPITULO XLV

Fatal engano

Mestre Nuno Froilaz preveniu os homens que o ajudavam no serviço do forno das ordens que o rei lhe tinha dado na vespera e avisou-os de que estivessem prestes para o auxiliarem.

Por isso, quando Diogo Aboim assomou á entrada dos fornos da cal, penetrou no pateo e disse que vinha da parte de el-rei, todos o rodearam.

O pagem, estranhando muito embora semelhante acolhimento, perguntou:

— Dizei-me, senhores, se algum de vós é mestre Nuno Froilaz?

— Sou eu, respendeu mestre Nuno, acercando-se ainda mais do pagem... A que vindes?

— Já o disse, respondeu Diogo Aboim... Venho do mandado de el-rei a perguntar-vos se já cumpristes as suas ordens...

— Vão agora ser cumpridas, respondeu mestre Nuno agarrando o pagem com a ajuda dos outros homens e arrastando-o para os fornos.

Diogo Aboim debatia-se desesperadamente e gritava:

— Deixae-me, senhores!... Largae-me!... Enganaes-vos!...

Venho da parte do rei!... Sou o seu pagem!... Não percebo o que me ides fazer?

— Vamos cumprir o que el-rei me ordenou, respondeu o mestre que, com os seus homens, puxaram Diogo Aboim para junto de um dos fornos.

— As ordens de el-rei! exclamou Diogo Aboim... Então el-rei ordenou-vos alguma coisa contra mim?

— Ordenou-me que vos lançasse vivo em um d'estes fornos! respondeu o mestre.

— E' engano, senhor! exclamou afflictivamente Diogo Aboim... Não é a mim que el-rei podia querer mal... E' a outro... E' a outro que devereis infligir esse supplicio!... Deixae-me, vos digo!... Deixae-me!... Chamo-me Diogo Aboim e sou pagem do rei!...

— Calae-vos! mandou mestre Nuno.

— Não me calarei! rouquejou o pagem, que se contorcia e luctava para procurar desprender-se dos braços possantes que o tinham agarrado... Largae-me! repetiu elle n'uma derradeira supplica de desespero... Ah! não me acreditaes!...

— Não! exclamou mestre Nuno... Não vos acreditamos!... As ordens de el-rei foram bem claras... Por tanto calae-vos e resignae-vos á sorte que vos espera... Dou-vos tempo para vos arrepender de vossos pecados...

— Não tenho pecados de que me deva arrepender! exclamou o pagem... Vós é que vos haveis de arrepender de vosso engano... Oh! sim! El-rei ha de castigar-vos!...

— Basta, disse mestre Nuno... Dei-vos tempo para vos arrependerdes de vossos pecados e vós, em vez de pedir perdão a Deus, ainda me ameaçaes!... Vamos, amigos, ordenou dirigindo-se aos seus homens, cumpramos as ordens de el-rei...

E Diogo Aboim, apesar dos seus gritos dilacerantes, das contorsões em que se debatia para tentar livrar-se de terrivel morte que o esperava, foi lançado no forno da cal. Sentiu-se o baque do corpo e ouviu-se um grito rouco e abafado.

Antes que o fogo lhe queimasse as carnes, a asphyxia matou-o, livrando-o assim de horriveis soffrimentos.

CAPITULO XLVI

Fernam Garcia cumpre a sua missão

Apenas vêr que D. Izabel se erguera do logar onde estivera ajoelhada durante tanto tempo, e se retirava da egreja, Fernam Garcia, para não ser visto da rainha e para que ella depois lhe não censurasse o seu procedimento, ocultou-se com uma das columnas do templo. D. Izabel passou e o pagem viu que a rainha com o seu olhar cravado no chão e o rosto cabisbaixo, não o tinha decerto apercebido.

Depois que D. Izabel deixou o templo, Fernam Garcia sahiu e tomou o caminho dos fornos da cal. A incumbencia que o rei lhe tinha feito intrigava-o bastante; e durante aquella caminhada foi o objecto de suas preoccupações. Porque motivo D. Diniz lhe não dera mais explicações? Que ordens seriam as que o rei tinha dado a mestre Froilaz? E porque é que D. Diniz o mandava a elle, pagem da rainha, a cumprir um recado, em vez de enviar um dos seus servos?

Chegando ao sitio dos fornos, o pagem penetrou no pateo e perguntou por mestre Nuno Froilaz.

—Sou eu, senhor, respondeu mestre Nuno, adiantando-se para o que o interrogava... A que vindes?

—Venho de mando de el-rei o senhor D. Diniz saber se já cumpristes suas ordens?

—Senhor, sim... As ordens de el-rei foram cumpridas... Dizei-

lhe que eu irei hoje mesmo ao paço a informal-o do que se passou... O homem gritou como um endemonhado!... Parecia adivinhar a sorte que o esperava!... Ah! mas quando soube que o iamos atirar para um dos fornos da cal, debateu-se tanto que eu e os meus homens tivemos difficuldade para o segurar... E berrava que nós estavamos enganados, que el-rei não podia tel o mandado matar...

—Mandal-o matar! exclamou Fernam Garcia cheio de espanto e de terror... E quem era o homem que el-rei mandou matar?... como se chamava esse que el-rei mandou lançar no forno da cal?

— Elle disse que se chamava Diogo Aboim e que era o pagem de el-rei... Alguma coisa terá elle feito — e coisa bem grave deveria ter sido!— para que o senhor D. Diniz se visse forçado a mandar-lhe tirar a vida!

—Diogo Aboim! disse Fernam Garcia cada vez mais admirado e como que ainda não querendo acreditar no que ouvia... Diogo Aboim era com effeito o pagem de el-rei... Mas que razões teria o senhor D. Diniz para lhe mandar dar uma morte tão cruel?... E estaes bem certo de que seria Diogo Aboim o homem a quem lançastes no forno?

— Elle assim disse chamar-se...

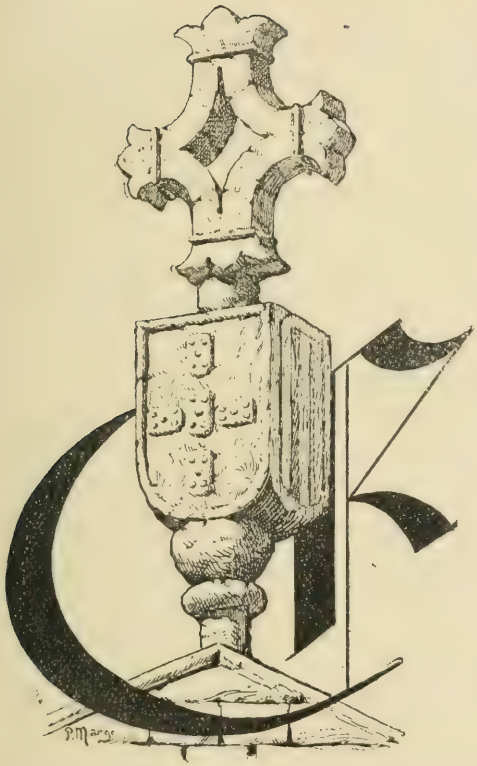
E mestre Nuno deu a Fernam Garcia todos os signaes do pagem do rei, convencendo-o por completo de que o homem que fôra lançado no forno da cal era com effeito Diogo Aboim.

—Já não posso duvidar, observou Fernam Garcia... Era o pagem do rei! Pobre Diogo Aboim!... E que horrorosa morte teve!

—El-rei que lh'a mandou dar é porque elle a merecia, disse mestre Nuno... Agora pouco vos aproveita o lamentar sua sorte... Rezae antes uns padre-nossos por sua alma..

—E rezarei, mestre Nuno, rezarei por alma de Diogo Aboim... Pois embora elle fosse meu inimigo eu não sentia por elle nem odio, nem rancor... Foi por que sempre o julguei um servo fiel e dedicado ao senhor rei que a sua horrivel morte me causou tanta estranheza... Bem, mestre Nuno Froilaz, ficae-vos em paz, que eu volto para o paço a contar a el-rei como cumpristes suas ordens e a dar-lhe vosso recado.

—Deus vos acompanhe, senhor, respondeu mestre Nuno, seguindo com a vista o pagem da rainha, que desappareceu na estrada poeirenta.



CAPITULO XLVII

Uma surpreza violenta

ENTRANDO a rainha na sua camara, deu com D. Diniz, que ahi a esperava havia algum tempo.

— Esperava-vos com impaciencia, senhora, disse o rei n'um tom brusco, que logo deixou perceber a D. Izabel que alguma coisa grave se ia passar... Preciso falar-vos...

— Dizei, senhor, respondeu D. Izabel resoluta e desejosa de saber do que se ia tratar.

— Fazei primeiro sahir vossa camareira, senhora...

D. Izabel dirigiu um olhar a Estevainha Martins e a camareira, percebendo esta ordem silenciosa, abandonou o aposento.

— Falae agora, senhor, observou a rainha... Achaveis-vos aqui ha muito?

— Senhora, sim... Ha muito já que vos espero... D'onde vindes?...

— Não sabia que me esperaveis, nem que me querieis falar... Se o soubera, mais cedo teria vindo... Estive a ouvir missa e a fazer as minhas orações...

—Devieis ter aproveitado o ensejo para rezar por alma de vosso pagem, de Fernam Garcia, observou o rei com uma expressão rancorosa e mordaz.

—Por alma do meu pagem! por alma de Fernam Garcia! exclamou a rainha com um susto e uma commoção impossivel de dominar... Que quereis dizer?

—O que disse, senhora!... Quero dizer que o infame traidor que ousou levantar os olhos para a rainha de Portugal, que ousou dirigir-lhe trovas e confessar-lhe o seu amor, já a estas horas não deve viver!... Mandei-lhe dar a justa morte que merecia! Mandei-o lançar vivo nos fornos da cal de mestre Nuno Froilaz! E que Satanaz tenha a sua alma—que não pode ter havido no mundo outra tão traiçoeira e perversa!

—Vós mandastes matar o meu pagem! mandastes matar Fernam Garcia! proferiu D. Izabel, em palavras entrecortadas de soluços e com os olhos rasos das lagrimas que lhe deslisavam pelas faces pallidas.. Não pode ser!. . Dizei que me enganastes!... Que não é verdade o que acabaes de me revelar! Oh! não, não é verdade!... Não póde ser verdade!... Deus não vos perdoaria semelhante crime!

—Calae-vos, senhora! rouquejou D. Diniz com o olhar chamejante e o rosto afogueado por uma immensa colera... Ousaes chamar crime á justa punição infligida a um traidor, á justiça com que castiguei aquelle que ultrajou a minha honra!... Que imprudente sois, senhora!... Enxugae depressa essas lagrimas, que são uma offensa e um ultrage á minha dignidade de esposo offendido!... Enxugae-as, se não quereis que vos julgue cumplice d'esse perverso homem, e vos puna como mereceis!...

—Sois vós que vos deveis calar! exclamou a rainha desabridamente... Insultaes-me com vossas injustas desconfianças!... Deixae-me com a minha dôr e com as minhas lagrimas, se é verdade que commettestes o crime de mandar matar esse pobre pagem!..

—Senhora! senhora! cautela!... Cautela com vossas palavras ousadas!... Em vez de vos humilhardes ante a minha colera atreveis-vos a provocal-a ainda mais!... E' porque ereis cumplice d'esse infame que mandei matar!... Ereis sua cumplice, agora não me resta duvida!... Ah! sim!... A indulgencia com que o trataveis, a protecção que lhe dispensastes, a tolerancia com que ouvistes a confissão do seu amor e o modo como lhe recebestes as trovas apai-

xonadas, trovas que guardastes em vosso livro de rezas, tudo emfim me revela a verdade em que não queria acreditar!... A maneira como recebeis a noticia da morte d'esse homem destroe a ultima duvida que eu ainda podesse ter!

—Pouco me importam as vossas ultrajantes desconfianças, senhor! observou D. Izabel n'um tom que o rei estava pouco habituado a ouvir e com uma expressão cujo rancor só era atenuado pela profunda angustia que o seu rosto revelava... Julgaes que vos temo?... Enganaes-vos!... Não será a vossa colera nem as vossas ameaças que me impedirão de vos acusar da morte de um servo meu! Ah! não, nunca vos perdoarei semelhante crime!

—Ousada! exclamou o rei, dirigindo-se com os punhos cerrados para a esposa, n'uma attitude que permittia suppôl.o disposto a todas as violencias.

D. Izabel, porém, sem fazer caso do aspecto ameaçador do esposo, ajoelhou n'um genoflexorio e começou a rezar por alma d'aquelle que ella julgava que tinha sido victima do seu amor por ella. D. Diniz não se atreveu a perturbal-a em suas orações. Voltou a sentar-se, e, encostado á meza, a cabeça apoiada ás mãos, esperou que D. Izabel concluisse a reza.

—Senhor, chego dos fornos da cal de mestre Froilaz, que me afiançou ter cumprido vossas ordens, disse Fernam Garcia, que assomára á porta do aposento, e ahi entrára, interrompendo o monarcha na sua attitude contemplativa.

O pagem trazia o rosto afogueado e os trajes poeirentos, signal de que tinha caminhado depressa.

D. Diniz, ao ver o pagem da rainha, achou-se possuido de um tal assombro, que se ergueu convulsivamente da cadeira em que estava sentado, e, fazendo com os braços um gesto como para afastar uma visão ou um phantasma, exclamou:

—Vós! Sois vós!

—Senhor, sim... Mas que tendes? perguntou o pagem, deveras admirado e sem perceber o motivo do assombro que causara ao rei.

D. Izabel, ao ouvir a voz do seu pagem, levantou-se do genuflexorio, e, tendo contemplado com uma alegria indescriptivel o servo, que ella julgava morto e que ora lhe apparecia como que resuscitado, exclamou:

— Estaes vivo, Fernam Garcia! Ah! Deus ouviu-me! Foi o Senhor que vos salvou!

— Que me salvou! disse o pagem com espanto.

D. Diniz, que tinha já recobrado todo o seu sangue frio, interrompendo com um gesto e um olhar carregado as expansões de sua esposa, perguntou ao pagem severamente:

— Porque não cumpristes minhas ordens, Fernam Garcia?

— Não cumpri vossas ordens, senhor!... Mas venho de as cumprir!... E não vol-o disse já, logo que aqui entrei, que as tinha cumprido?...

— Se o dissestes, não vos ouvi, atalhou o rei... Mas custa-me a acreditar-vos... Ousaes afirmar-me que vindes dos fornos de mestre Nuno Froilaz?

— Senhor, sim, afianço-vos que venho dos fornos de mestre Nuno Froilaz, a quem disse que ia de vossa parte, e perguntei se tinha cumprido vossas ordens...

— E mestre Nuno o que fez? perguntou o rei no auge da curiosidade.

— Mestre Nuno respondeu-me que vossas ordens se tinham cumprido como vós ordenastes, que Diogo Aboim, apesar da grande resistencia que oppuzera, fôra lançado vivo em um dos fornos de cal...

— O meu pagem lançado vivo em um dos fornos! exclamou D. Diniz com espanto e enchendo-se de uma sanha terrivel... Diogo Aboim morto!

— Senhor, sim... Mestre Nuno diz ter cumprido o que lhe ordenastes... E affirmou-me ainda que viria hoje procurar-vos para vos contar como as coisas se haviam passado...

— Que venha! Eu lhe direi a sorte que lhe reservo! Estupido homem! Assim cumpriu minhas ordens! matando-me o servo fiel e dedicado, e deixando-vos com vida, a vós, infame traidor que ousastes levantar os olhos para a rainha de Portugal, e que eu tinha decidido punir com o genero de morte que teve Diogo Aboim! Escapastes, por um estupido engano de mestre Nuno ou por um acaso que deveis agradecer a Deus!

— Foi um milagre! exclamou D. Izabel, com o rosto inundado de lagrimas provocadas pela commoção e pela alegria... E a morte de vosso pagem foi um castigo de Deus, senhor, disse ella, dirigindo-se

ao esposo... Foi Deus que vos castigou, fazendo que o vosso pagem morresse da mesma morte que pretendieis infligir ao meu!

— Não blasphemeis, senhora! disse o rei severamente... Sois tão devota e piedosa e não vos peja invocar o nome de Deus n'um successo que deveis attribuir antes á estupidez de mestre Nuno ou á demora de Fernam Garcia em cumprir as minhas ordens!... E vereis se me engano... Dizei-me, ó pagem, fostes logo de manhã procurar Nuno Froilaz?

— Senhor, sim, disse Fernam Garcia com um enleio onde se adivinhava a mentira d'essa resposta.

— Mentis! exclamou o rei... Mentis!... Mas vede bem!... Eu tinha o direito de vos mandar matar!... Só uma coisa poderá livrar-vos de semelhante punição e fazer que vos poupe a vida!... E' falar-me e contar-me tudo com toda a franqueza e sinceridade!... Portanto, respondei com verdade ao que vos perguntei... Fostes, como vos disse, logo de manhã procurar mestre Nuno?

— Senhor, não, respondeu o pagem... Ia em caminho dos fornos, mas lembrei-me de que não tinha ouvido missa e voltei de novo a Santarem, entrei na egreja, onde me demorei ouvindo tres missas... Só depois é que me dirigi aos fornos de mestre Nuno Froilaz...

— Vedes, senhora, como eu tinha razão!

E, dirigindo-se ao pagem, o rei ajuntou:

— Agora, sim, acredito que me falastes verdade. . Foi a demora que tivestes na egreja que vos salvou... Pobre Diogo Aboim!

O rei estava penalisado sinceramente pela perda do seu pobre pagem, e por isso aceitou sem novas censuras e sem manifestações de rancôr a explicação, tambem mentirosa, dada por Fernam Garcia sobre o motivo porque tanto tardára em cumprir as ordens que lhe tinha dado.

D. Izabel entendeu que não seria mau intervir para ver se poderia obter o perdão e a vida de seu pagem. A promessa do rei pareceu-lhe ainda muito vaga para poder fiar-se n'ella com segurança.

— Senhor, disse pois a rainha, permitti que Fernam Garcia se retire... Quero praticar comvosco e mostrar-vos como foram injustas vossas desconfianças... Agora que Deus salvou a vida ao meu pagem devo-vos essa explicação e essa prova... Mas se Fernam Garcia tivesse sido victima de vossa cruel sentença, podeis estar certo de que nunca desceria a convencer-vos de vosso engano!

— Falaes com uma arrogancia que não vos fica bem... Tendes que vos justificar e para que eu esteja disposto a acreditar em vossa justificação compete-vos ser menos arrogante... Bem sabeis que não é com taes modos que me moveis ao perdão...

— Nada tendes que me perdoar! observou a rainha no mesmo tom desabrido.

Mas, vendo que não era d'este modo que podia alcançar o que desejava de D. Diniz, abrandou a voz e disse:

— Senhor, fazei o que vos pedi... Deixae sahir Fernam Garcia e ouvi-me...

— Seja! condescendeu o rei... Já fui bem punido por ter sido precipitado e imprudente!... Não quero agora sel-o de novo pelo mesmo motivo... Ouvir-vos-hei, senhora... E vós, Fernam Garcia, retirae-vos para um aposento proximo d'este... Ahi esperareis minhas ordens... Ahi esperareis o que vou decidir sobre a vossa sorte...

O pagem obedeceu silenciosamente, e sahiu, lançando a D. Izabel um olhar de receio, de afflição e de reconhecimento.

CAPITULO XLVIII

O Perdão do rei

ATISFIZ vosso desejo, senhora... Cumpri agora o que me promettestes, disse D. Diniz para a rainha, logo que o pagem os deixou.

— Senhor, sim, cumprirei... Mas dizei-me: de que me acusaes e de que acusaes Fernam Garcia?... Não vos espante esta pergunta... Ha pouco não vos pude ouvir bem, não estava tranquilla, a triste nova que me destes perturbou-me o socego... Ora podeis repetir o que ha pouco dissestes...

—Disse e repito-vos, senhora, que li as trovas que Fernam Garcia vos dirigiu e que vós conservastes em vosso livro de rezas... Disse e repito-vos que sei que esse pagem ousou confessar-vos o seu amor e que vós o ouvistes sem a indignação e sem a revolta que devieis manifestar...

— Quem vos informou de tal?... Por quem sabeis o que acabaes de dizer? perguntou D. Izabel.

— Por Diogo Aboim...

— Diogo Aboim está morto... Talvez fosse o Senhor que o cas-

tigasse por vos ter informado tão falsamente... Fosse Diogo Aboim ou outro qualquer que vos tivesse contado o que vos ouvi, enganou-vos, senhor...

— Diogo Aboim não me enganou, senhora... Era um servo muito fiel e muito dedicado e não era capaz de me enganar...

— Se vos não enganou, enganou-se julgando ter ouvido o que eu nunca ouvi... E como poderia Diogo Aboim saber das minhas praticas com Fernam Garcia?

D. Diniz achou mais prudente não confessar á esposa como e porque fizera vigiar Fernam Garcia; por isso fingiu que não ouviu a pergunta.

— Ah! vós mesmo não sabeis como Diogo Aboim poderia ter ouvido o que pratiquei com o meu pagem... Nem mesmo me interessa sabel-o... Mas enganou-se e enganou-vos... Nunca Fernam Garcia se atreveu ante mim a proferir uma palavra menos respeitosa, nem eu lho consentiria... Nunca esqueci nem esquecerei o meu recato de esposa e a minha dignidade de rainha, senhor...

— Não é de tal que se trata, atalhou D. Diniz, pouco disposto a deixar-se illudir pelas palavras ambiguas de D. Izabel .. O que vos censuro é não terdes afastado de vós esse vosso servo logo que soubestes o sentimento que elle nutria por vós... De terdes com a vossa indulgencia e tolerancia incitado a que proseguisse em seu perverso sentimento... Quando o quizestes afastar — e sei que quizestes fazel-o — era já muito tarde!... É isto que vos não perdôo!

— As vossas desconfianças são injustas, senhor...

— Não negueis a propria evidencia, senhora... Ha pouco, quando vos revelei a morte de Fernam Garcia, não podestes disfarçar a commoção e o pesar que essa morte vos causava... O azedume e o rancor com que me exprobastes a morte do vosso pagem, acabaram por me instruir sobre o sentimento que tambem por elle nutris!...

— E nem preciso negar-vos o que sinto por Fernam Garcia, observou D. Izabel... Estimo-o muito, estimo-o como se deve estimar um servo que é tão dedicado e tão fiel... Quando ha tempo esses mendigos, que vós quizestes castigar, me sahiram ao caminho, devi talvez a vida á coragem com que o meu pagem me defendeu e os dispersou... Acusaes-me porque me desesperei quando o julguei morto?... E vós não vos desesperastes com a morte de Diogo Aboim?... Pois bem, senhor... Assim como a morte de vosso pagem

envolveu-se no reposteiro, onde se escondeu, para observar ... (pag. 293)

vos causou tanta magua, tambem me causaria um grande desgosto a morte de Fernam Garcia...

— Como sabeis defendel-o! exclamou D. Diniz com um sorriso mordente, lançando um olhar de desconfiança sobre a esposa...

Com que traços procuraes mostrar-me sua innocencia!... Tanto temeis por sua vida!

— Não, senhor, respondeu a rainha com serenidade e esforçando-se por conservar-se indifferente e calma ante as palavras offensivas do rei... Não temo pela vida de Fernam Garcia por que estou convencida de que lha concedereis... O modo como ha pouco a elle vos dirigistes d'isso me convenceram... Ah! espero, senhor, que não querereis fazer mais uma outra victima!

— Talvez, respondeu o rei, que durante algum tempo se conservou pensativo... Talvez que lhe conceda a vida...

A rainha, tremula e anciosa, não se atrevia a insistir pelo perdão do seu pagem. Sabia que do longo meditar do rei, resultaria ou o perdão do pagem ou a sua sentença de morte. D. Izabel percebeu as hesitações de D. Diniz, hesitações que se traduziam no aspecto meditativo do monarcha, que parecia alheado de tudo que o cercava e só entregue ao exclusivismo de seus pensamentos. Mas D. Izabel, embora desejando anciosamente ouvir a palavra decisiva do rei, não se arriscou a provocal-a. Temia que essa insistencia fosse acender no animo de seu esposo novas desconfianças, que tivessem como resultado a perda irremediavel de Fernam Garcia. Por isso não interrompeu o esposo no seu cogitar.

D. Diniz, por fim, rompeu o silencio.

— Concedo-vos a vida de Fernam Garcia, senhora!... Esquecerei que sua culpa merecia a morte que lhe quiz dar!... Mas, em attenção a vós, não lhe infligirei o castigo que lhe reservava... Devo dizer-vos que, se lhe concedo a vida, não consinto porém que fique mais tempo ao vosso serviço...

— Senhor, sim, sereis obedecido, respondeu D. Izabel, dando um suspiro de alivio e rejubilando deveras com o que D. Diniz acabava de decidir... Comprometto-me a affastar Fernam Garcia de minha presença... Fazel-o-hei sahir de Portugal...

— Bem está, senhora... E isso o mais depressa possivel... Hoje mesmo ou amanhã, o mais tardar... E que eu lhe não ponha mais a vista em cima... Confio que cumprireis o que me acabaes de prometter...

— Cumprirei, senhor! respondeu D. Izabel com firmeza...

— Deus vos ouça!... Ai d'elle se o torno a enxergar em meu paço!

— Tranquillisae-vos, senhor... Fernam Garcia partirá hoje ou

amanhã... Mandal-o-hei para a côrte de meu irmão D. Jayme, o rei Aragonez ..

— Informae o pagem da minha resolução... Eu não o quero ver... Sua presença pode causar-me sanha...

— Informal-o-hei, como mandaes, senhor... Agora já não desconfiaes de mim?

— A unica desconfiança que contra vós nutria era pela vossa exagerada bondade, pela vossa constante indulgencia, pelos extremos de vosso coração piedoso... De vossa virtude de esposa não duvido; e se duvidei, foi só por um momento, e esse momento já passou... Uma má desconfiança dominou-me o espirito, mas a minha razão depressa destruiu essa má desconfiança... Ide, senhora, ide cumprir o que vos disse...

A rainha, já reconciliada com o esposo, despediu-se e dirigiu-se para o aposento onde Fernam Garcia esperava as decisões de D. Diniz.

CAPITULO XLIX

Resignação

QUANDO o pagem viu entrar a rainha, ficou um pouco admirado. Mas D. Izabel depressa lhe communicou a decisão do rei.

— Senhor pagem, disse a rainha, el-rei concede-vos a vida com a condição de que deixareis hoje mesmo o meu serviço e sahireis de Portugal...

— Não agradeço a el-rei a graça que me concede... Com essa condição prefiria a morte!

— Calae-vos! não blasphemeis!... Haveis de obedecer a el-rei e de me obedecer! exclamou a rainha com energia e resolução, e mostrando-se pouco resolvida a tolerar-lhe novas declarações... El-rei foi generoso para comvosco e, depois do que aconteceu, só vos resta obedecer a el-rei. .

— Antes me tivessem lançado nos fornos da cal! Antes eu tivesse tido a sorte do infeliz Diogo Aboim!

— Mas como Deus houve por bem salvar-vos d'essa morte, deveis agradecer-lhe, e não é proferindo blasphemias como a que acabaes de proferir, que dareis a Nosso Senhor as graças que lhe deveis por vos ter poupado a vida... Partireis pois hoje mesmo para o reino Aragonez... Dar-vos-hei uma carta para meu irmão D. Jayme...

— Senhora, como vos agradeço!... Depois de vos ter dado tan-

tos desgostos e tantos pesares ainda me quereis favorecer d'esse modo!...

— Deixae, senhor, que faça o que me praz... Longe d'aqui podereis ser feliz como mereceis e como decerto o haveis de ser...

— Eu feliz, senhora! respondeu o pagem com cruel amargura...

— Sim!... Havereis de sel-o! exclamou D. Izabel com firme convicção... Na côrte de D. Jayme nada vos ha de faltar... Nem bens, nem honrarias, nem donas a quem dediqueis vossas trovas e vossos amores, concluiu com um malicioso sorriso.

— Não gracejeis, senhora rainha, observou o pagem tristemente, que não é este o momento propicio!... Tenho o coração despedaçado e não é a lembrança das honras, dos bens e dos prazeres, que me esperam no reino Aragonez, que poderá mitigar o meu soffrimento!

— Resignae-vos, senhor, e não me magueis com vossos lamentos, a que não posso dar remedio! exclamou D. Izabel com uma insoffrida impaciencia, que bem traduzia o estado de agitação em que se encontrava o seu animo.

Com effeito a rainha sentia-se tanto ou mais perturbada ainda do que Fernam Garcia. E as palavras animosas que dirigira ao seu pagem tambem a ella propria se dirigiam e eram com o intento de lhe dar energia e coragem n'aquelle lance decisivo. Por isso o desespero e a fraqueza do pagem a encheram ainda de mais perturbação; e para sahir d'este estado teve de luctar contra o sentimento que a dominava e dirigir-se ao seu servo n'um tom de azedume e de censura.

— A resolução de el-rei o senhor D. Diniz é inabalavel e deverieis sujeitar-vos a ella com a coragem de varão esforçado que sois, proseguiu D Izabel... Assim o esperava de vós... Mas enganei-me... Recebeis a ordem de vossa partida como se fôra uma sentença de morte!... Perdeis o animo e a coragem...

— Escusae-me, respondeu o pagem, que percebeu quanto eram justas as censuras e as observações da rainha... Eu me forçarei por vos parecer mais animoso e menos atormentado com o meu destino... Não quero, no pouco tempo que restarei ainda aqui, deixar-vos uma triste lembrança... Ora me vedes prompto a partir, sem que meus labios pronunciem mais palavras de desespero e de lamentação...

—Assim vos espero ver até á hora de vossa partida, bom pagem, observou a rainha com doçura... Olhae, emquanto dito a carta para meu irmão, ide chamar o meu thesoureiro... Se não estiver no paço, mandae um servo a prevenil-o que venha breve falar-me... Ah, dizei antes a Joan Lompreto que venha aqui... Quero ditar-lhe a carta...

O pagem sahiu e a rainha concentrou-se a pensar no que havia de mandar dizer a D. Jayme

CAPITULO L

Os preparativos

Ao entrar Joan Lompreto, o moço da escrevaninha, com um rolo de pergaminho e os apetrechos da escripta, D. Izabel disse-lhe:

— Sentae-vos, Joan Lompreto e preparae-vos para escrever com a maior brevidade que poderdes o que vou mandar dizer ao senhor meu irmão D. Jayme, o rei Aragonez.

Joan Lompreto escreveu no alto do pergaminho:

«Ao muito alto e mui nobre D Jayme, pela graça de Deus Rey de Aragão, de Valença, de Murça, de Cerdenha, de Corcega, Conde de Barcelona, e da Santa Egreja de Roma Sinaleyro, Almirante e Capitão general. Dona Izabel por essa mesma graça rainha de Portugal e do Algarve, saude como a irmão que amamos mui de coração e de quem muito fiamos, e para quem queriamos que Deus desse tanta vida e tanta saude, com honra té, por muitos annos e bons, como para nós mesma»...

Depois, dirigindo-se a D. Izabel, Joan Lompreto, observou:

— Dizei agora vós, senhora rainha, o que quereis que escreva.

D. Izabel disse-lhe os termos restantes da carta. Recommendava insistentemente a seu irmão Fernam Garcia, que fôra seu pagem, e que era o portador da carta que lhe enviava. Pedia-lhe para que o recebesse ao seu serviço, que aproveitasse os talentos e as qualidades de lealdade e dedícação d'esse que fôra tão bom servo, fazia sobresahir a sua aptidão de excellente trovador, e terminava agradecendo lhe desde já todos os beneficios que esperava que elle havia de fazer ao seu antigo pagem.

Joan Lompreto concluiu a carta escrevendo as saudações costumadas e datando-a de Santarem aos vinte e sete de junho.

Ao terminar, havia tempo já que tinham entrado no aposento Fernam Garcia e o thesoureiro da rainha, o judeu Judas Arabi, os quaes, para não interromperem o escriptor no seu — n'esse tempo — complicado trabalho, se conservaram a distancia.

Judas Arabi era um homem de cincoenta annos, alto, esqualido, e com todas as feições caracteristicas da sua raça. Exercia o cargo de thesoureiro da rainha havia certo tempo e tão bem o desempenhou que mais tarde D. Diniz o nomeou seu ministro. No reinado d'este monarcha, assim como nos dos seus antecessores, Affonso III, Sancho II e Affonso II os judeus exerciam cargos importantes na côrte, com grande escandalo dos ecclesiasticos e dos nobres.

Um dos motivos porque os reis, rainhas e pessoas nobres e de grandes haveres nomeavam para administradores dos seus bens individuos da raça judaica era, além da proverbial sagacidade com que administravam e faziam render o dinheiro, a honradez exemplar com que desempenhavam esses cargos. Ora com respeito a honradez em questões de dinheiro e de desinteresse o alto clero e os nobres deixavam muito a desejar. E no seguimento d'esta obra, quando tratarmos da primeira fundação do mosteiro de Santa Clara de Coimbra, terá o leitor a prova do que affirmamos com respeito aos padres.

D. Izabel avistou o judeu e disse-lhe:

— Mandei-vos chamar, Judas Arabi, porque é preciso que entregueis a Fernam Garcia, que vae partir hoje mesmo para Aragão, algum dinheiro.

— Mas quanto, senhora? perguntou Judas com um certo susto, pois que, quando se lhe falava em dar dinheiro a sua phisionomia tomava logo um aspecto receioso e desolador... Olhae que vossas arcas já pouco teem e as colheitas veem ainda longe... Estamos

... aferrou-lhe os acicates e partiu a galope

apenas em junho e já vossa real mercê gastou em esmolas, em construcções e reparações de egrejas mais do que recebe de suas rendas...

— Não vos assusteis, atalhou a rainha... Quando faltar dinheiro, lembrae-vos que os celeiros estão quasi cheios...

— Não é tanto assim, senhora rainha, protestou o hebreu... Dos celeiros de Lisboa e de Santarem não podeis affirmar tal...

— Pois sim, condescendeu D. Izabel... Mas ha os outros... Entregareis portanto a Fernam Garcia mil e quinhentas libras. (1)

— Mil e quinhentas libras! exclamou Judas Arabi com pavor... E' uma quantia muito grande e não podereis dispor d'ella sem que vos faça falta, senhora!... Depois, vosso pagem, mesmo que se faça acompanhar por alguns servos, pouco gastará na jornada... Sei bem que esta é longa e trabalhosa, mas creio que não poderá custar mais de cincoenta a sessenta maravedis... (2) E já é fazendo um calculo muito elevado!

— Mas a quantia que quero dar a Fernan Garcia não é só para a viagem... Em todo o caso, como me lembrastes bem a proposito, senhor Judas Arabi, que esta pode ser longa e trabalhosa, entregar-lhe-heis, em vez de mil e quinhentas, duas mil libras, observou D. Izabel com malicia e esperando os gestos desoladores e as palavras aterradoras do judeu.

— Estaes zombando comigo, senhora! objectou o hebreu, perdendo a sua habitual attitude de humildade...

— Não zombo, senhor, respondeu D. Izabel... E escusaes de me fazer novas observações, pois me pesará não poder attender-vos... E ide, que Fernam Garcia tem por força que partir hoje .. Vamos, senhor Arabi, deixae esse ar succumbido e ide contar as duas mil libras, que entregareis ao meu pagem...

O judeu, como acordado de um terrivel pesadelo, fixou os seus vivos e pequenos olhos na rainha e no pagem, e balbuciou:

— O quê, senhora!... Pois quereis?... Não era uma zombaria?... Quereis que eu tire de vossas arcas, que se acham quasi vazias, duas mil libras!

— Quero, sim, respondeu D. Izabel com energia e atalhando as

(1) A libra valia pouco mais ou menos 890 réis. Portanto 1:500 libras tinham o valor intrinseco de 1:335$000 réis, somma que, n'aquelle tempo, representaria no mercado o mesmo do que hoje 10:000$000 réis.

(2) O valor do maravedi era de 1$315 réis.

novas lamentações do seu thesoureiro. Mas, vamos, parti... Não vol-o disse que era urgente?

Judas Arabi, percebendo que não podia abalar a resolução da rainha, dirigiu-se para a porta e sahiu cambaleando, arrastando-se, como vergando ao peso de um profundo desgosto.

CAPITULO LI

As contas do judeu

O pagem dispunha-se a acompanhar o judeu, mas arrependendo-se, disse para a rainha:

—Senhora, Judas Arabi tem razão... Não me deveis dar semelhante quantia...

—Deixae... Ide, disse D. Izabel, indicando-lhe com um gesto o corredor por onde seguira Arabi.

—Não, senhora, não a receberei... Pesa-me acceitar uma tão grande somma, porque, depois do que ouvi ao vosso thesoureiro, se a acceitasse, me parece que a ia tirar aos pobres...

—Então acreditaes nas lamentações de Judas?... Não sabeis que elle é vezeiro n'ellas?...

—Sei que Judas Arabi defende com zelo vossos dinheiros contra a vossa inexgotavel caridade...

—Vamos, senhor pagem, obedecei-me e segui o meu thesoureiro, observou D. Izabel, atalhando as considerações do servo.

—Bem, senhora, obedecer-vos-hei, respondeu o pagem, que se dirigiu a passos apressados no encalço do judeu.

Este acabava de parar junto de uma porta protegida por grossas ferragens. Ao ver junto de si Fernam Garcia, tirou cautelosamente de um dos bolsos, que trazia pendentes do cinto, uma grande chave com que abriu a porta.

Entrou, seguido pelo pagem, sacou d'outro bolso uma outra chave,

metteu-a na fechadura de uma pesada arca de ferro, que abriu, e, ajoelhado, com os olhos fixos nas pilhas de dinheiro que ahi se encontravam, conservou-se durante algum tempo em muda e extactica contemplação. Foi preciso que o pagem o interrompesse n'este extasis e lhe observasse com alguma impaciencia:

— Apressae-vos, senhor, que eu ainda tenho que fazer outros preparativos para a jornada...

— Attendei, senhor pagem, que duas mil libras não se contam com a pressa que julgaes... Esperae um pouco...

O judeu tirou da arca algumas pilhas de dinheiro. Fazia a operação vagarosamente, com uma especie de unção religiosa.

— Mas vós já tendes essas pilhas contadas, senhor Judas, observou o pagem.

— Senhor, sim, mas força é contal-as de novo... Vede este monte; deve conter duzentos maravedis alfonsins, observou o judeu, que se poz a contar... Está certo... Agora vejamos outro... Este deve ter trezentos maravedis velhos...

E contou tambem.

— Está certo... Agora este ha de ter quinhentas libras...

Depois de contar e verificar que nada faltava, o hebreu tomou mais outras pilhas, até prefazer a somma que tinha de entregar ao pagem.

— Aqui estão as duas mil libras, senhor, disse por fim Judas Arabi suspirando... Tomae tambem estes saccos, onde as guardareis melhor...

— Muito vos agradeço, senhor Judas, respondeu o pagem... Mas desejo tambem pedir-vos que me deis dinheiro miudo para os gastos da jornada...

— Tendes boa lembrança, senhor, observou o judeu, que voltou á arca e tirou mais duas pilhas de moedas... Aqui estão alguns soldos e dinheiros para o fim que desejaes...

— Bem, senhor Judas, de novo vos agradeço, respondeu o pagem, mettendo os saccos nos bolsos... Ficae-vos com Deus...

— O Senhor vos acompanhe na longa jornada que ides emprehender! disse o hebreu.

— Quando ficou só, Judas Arabi ajoelhou outra vez junto da arca, que se conservava aberta, e tirou outras pilhas de dinheiro e poz-se a contal-as com voluptuoso cuidado, como que enebriando-se n'aquella operação, que era para elle um verdadeiro deleite.

CAPITULO LII

Sentença traiçoeira

Foi quasi invaluntariamente que, na entrevista com sua esposa, as palavras de perdão para o pagem sahiram dos labios de D. Diniz. Por isso o rei se mostrava agora arrependido por as ter pronunciado.

Desagradava-lhe a idéa de que esse homem, que causara a morte do seu querido pagem, de Diogo Aboim, fosse partir socegadamente para a côrte de Aragão, onde o esperava decerto a protecção do rei, graças ás recommendações de D. Izabel.

— Não, pensava o monarcha, pesa-me tolerar uma tal injustiça... E não ha de ser... E' preciso que Fernam Garcia morra ás mãos de meus homens d'armas... Preparar-lhe-hei uma cilada... Mandarei que o alcancem n'uma estrada, alta noite, sem que ninguem suspeite que fui eu que ordenei a sua morte... Será assim melhor... Dirão depois que foram os salteadores que o assaltaram para o roubar e que o assassinaram, e eu vejo-me livre de um importuno testemunho, que poderá ir contar na côrte aragoneza todas as scenas a que assistiu na minha côrte!...

D. Diniz, disposto a levar por diante um tão tenebroso projecto, desceu ao pateo da alcaçova e mandou chamar por Vasco Annes alguns de seus homens d'armas.

— Preciso, Vasco Annes, que me envieis quatro d'esses homens, mas que sejam dos mais esforçados e dos mais discretos, observou o rei... Quero gente de confiança...

D'ali a alguns instantes voltava Vasco Annes com os quatro homens d'armas.

D. Diniz chamou-os de parte e disse-lhes:

— Fernam Garcia, o pagem da senhora rainha, parte hoje para Aragão... Mas eu decidi que não chegue ao seu destino... Portanto, ireis ao seu encontro, dar-lhe-heis assalto e matal-o-heis... E' um homem ruim e um traidor... Matando-o, praticareis um acto de justiça... Entendeis?... Mas fazei-o de modo que ninguem vos conheça e que se não descubra que o fizestes de meu mando... Tomae bem cuidado!... Sêde discretos... A ninguem digaes que vos dei semelhante incumbencia... Conto comvosco...

— Senhor, respondeu um dos homens, cumpriremos vossas ordens...

— Ouvi ainda, observou o rei... Guardae segredo de tudo isto e nem mesmo a Vasco Annes quero que digaes coisa alguma... Se cumprirdes minhas ordens a meu contento sereis bem recompensados... Fazei os preparativos...

Os homens retiraram-se. Como não era a primeira vez que recebiam ordens identicas e como n'essa época o assassinato, a pilhagem e o roubo eram muito triviaes, não se revoltaram com que o rei lhes ordenou. Até se retiraram satisfeitos por poderem alcançar as boas graças do monarcha e a recompensa que elle lhes promettera. D. Diniz voltou de novo para a Alcaçova.

Apenas o rei deixou o pateo, Estevam da Guarda, sahindo de uma aboboda onde se achava escondido e de onde ouvira a terrivel incumbencia que o monarcha déra aos homens d'armas, com gestos sacudidos e energicos monologou:

— Não, senhor rei!... Não vos deixarei commetter semelhante crime!... Não vos deixarei assassinar Fernam Garcia!... Hei de salval-o a todo o custo!... Não fica bem a um rei, depois de perdoar, arrepender-se e querer de novo vingar-se do homem que lhe mereceu esse perdão!...

E Estevam da Guarda pôz-se a cogitar na maneira como poderia salvar o pagem da rainha, sem comprometter D. Diniz, nem revelar a inqualificavel cilada do monarcha.

O jogral percebeu as difficuldades da missão que se dispunha a desempenhar. Mas Estevam da Guarda era astucioso e gostava de vencer as difficuldades; era corajoso e não lhe importava correr perigos e arriscar até a propria vida.

Por isso, os obstaculos em vez de o desanimarem, mais o arreigaram na resolução que tomára.

*

* *

Fernam Garcia, ao encontrar-se com Estevam da Guarda dirigiu-lhe palavras de despedida.

—Ainda não, senhor pagem, respondeu o jogral... Tambem parto para longe e aproveito o ensejo de fazer jornada comvosco...

—Vós partis?... Deixaes a côrte e o serviço do senhor D. Diniz? perguntou o pagem um tanto admirado.

—Não deixo a côrte... Mas tenho de partir em fadigosa caminhada em serviço do senhor rei... E aproveito a vossa companhia por algum tempo...

—Muito me agradará ter-vos por companheiro...

—Quando partis?...

—Quando os homens, que devem acompanhar-me, estiverem promptos... Não tardará muito...

—Peço-vos, pois, que me espereis, que eu vou tambem preparar me... Ah! dizei-me, quantos servos vos acompanham?

—Entendi que não precisava levar mais do que dois... A senhora rainha queria que eu levasse oito homens, mas entendi que eram muitos e que, não só me não seriam necessarios, mas até podiam concorrer para tornar a viagem mais longa e mais trabalhosa...

—Julgo que não procedeis bem, senhor pagem, fazendo-vos acompanhar apenas por dois servos... Os caminhos são perigosos, estão infestados de salteadores e de bandidos, que poderão surprehender-vos, sem que vos possaes defender, e que vos podem roubar e matar...

—Pouco cuidado me dá que me roubem e me matem. Nada me prende á vida... Se é um pecado buscar a morte voluntariamente, não o é com certeza o desprezo pelas precauções exageradas para defender a existencia... De mais o meu braço sabe empunhar uma

espada e não recuarei diante de salteadores, sejam em que numero fôr...

—De pouco vos servirá essa estolida coragem, se tiverdes a desdita de ser atacado... Por mais resistente que seja o vosso braço, por mais indomavel que seja o vosso valor, tereis de succumbir se fôrdes assaltado por um bando de ladrões... Por isso vos aconselho a que leveis comvosco oito ou dez servos e, acreditae-me, não serão de mais...

—Exageraes o perigo, senhor... Oito ou dez homens tornavam-me a viagem muito mais penosa... Não estou disposto a ir com tanta gente...

— Podereis arrepender-vos sériamente d'essa resolução, senhor Fernam Garcia! observou o jogral.

Continuou a leitura cada vez com mais interesse e espanto. (pag. 314)

Emfim, como eu seguirei comvosco, vós depois me direis se tinha ou não razão para vos dar o conselho que vos dei... E oxalá que mo possaes dizer!...

—Estranho-vos, senhor Estevam da Guarda!... Vós, sempre jovial e de bom animo, mostraes-vos cheio de apprehensões e agoiraes desgraças, que não succederão de certo...

—Deus vos oiça, senhor! exclamou o jogral cada vez mais apprehensivo... Eu, por mim, levarei quatro homens para me acompanharem...

—Então já vêdes que, emquanto fôr em vossa companhia, não correrei grande risco...

—Enganae-vos, correreis menos, sim, mas não deixareis de correr...

—Mas vêde, senhor, o tempo urge...

—Tendes razão... Vou mandar preparar os meus homens e os cavallos, vou eu proprio preparar-me, e em breve virei ter comvosco... Mas esperae-me... Não partaes sem mim:

—De certo, senhor... Assim estava combinado... Esperar-vos-hei.

CAPITULO LIII

A Caminho

Foi pelas oito horas de uma pesada e abafadiça tarde de fins de junho que Fernam Garcia e o jogral do rei se puzeram a caminho. Já as sombras do crepusculo começavam a invadir os cumes dos montes. O céu ennevoado ameaçava uma imminente trovoada.

Os cavallos, sob a influencia pesada do tempo, andavam vagarosamente e os cavalleiros pareciam tambem pouco dispostos a estugar-lhes o passo.

A comitiva compunha-se de oito homens.

Fernam Garcia, com o coração despedaçado, o espirito alheio a tudo o que o rodeava, permaneceu silencioso por largo tempo, sem que Estevam da Guarda entendesse dever romper esse silencio.

O jogral do rei, de vez em quando, olhava para traz e prescrutava a estrada com a vista. Ninguem os tinha seguido e esta certeza, longe de o tranquillisar, mais augmentava os seus receios, pois lhe fazia temer um inesperado assalto ou alguma ardilosa cilada. Observava os lados dos caminhos e dos atalhos por onde se viam forçados a seguir, e não sentia outro ruido senão o que faziam as patas dos cavallos que elle e os seus companheiros montavam.

Ao longe, pallidos relampagos rasgavam o céu; não se ouvia, porém, ainda o ribombar do trovão.

—Parece-me que vamos ter borrascosa noite, observou Estevam da Guarda para quebrar aquelle silencio que lhe estava desagradando... Tambem, comtanto que a tempestade nos não surprehenda a grande distancia de alguma locanda onde nos possamos abrigar...

—Julgo que não surprehenderá, observou o companheiro... A trovoada ainda está muito longe e até se poderá dissipar, limpando o céu das nuvens...

—Vejo tudo muito carregado para vos poder dar razão... E até entendo que nos devemos acoitar na primeira pousada que encontrarmos...

—Ah, isso não senhor... Vêde que bem pouco temos caminhado...

—Senhor, sim... Mas melhor será recolhermo-nos agora e esperar pela madrugada... Então já talvez a borrasca tenha passado e poderemos pôr-nos a caminho e estugar o andamento de nossos cavallos.

— Deixae, vos digo, senhor, ainda é muito cedo para cuidarmos em nos recolhermos, ateimou Fernam Garcia... Nossos cavallos não podem estar cançados...

Durante este dialogo, tinha anoitecido. O fuzilar dos relampagos tornára-se mais amiudado e cortava a espaços a escuridão.

Os caminhantes chegaram a uma estalagem, junto de uma povoação. Ao atravessarem este povoado, sahiu-lhes ao encontro um individuo, que se approximou d'elles, e pediu esmola com uma grande lamuria:

— Ó meus ricos senhores, pelas chagas de Nosso Senhor Jesus Christo deem-me alguma coisa, que não tenho de comer e sou um pobre aleijado, dizia o homem coxeando muito, mas em todo o caso acompanhando os cavalleiros.

— Deus vos ajude, irmão; nada vos podemos dar, respondeu Estevam da Guarda bruscamente...

— E vós, meu rico senhor, dae uma esmola a um pobre aleijado!... Pelas dores de Nossa Senhora! insistiu o mendigo, voltando-se para o pagem, a quem examinou com insistencia...

— Tomae e ide na paz do Senhor! disse Fernam Garcia atirando-lhe a moeda...

— Seja pela vossa saude! respondeu o pobre, apanhando a moeda e dirigindo-se a passos apressados para o lado da povoação, onde se achavam parados uns cavalleiros, como esperando alguem.

Estevam da Guarda seguiu com a vista o mendigo e pareceu-lhe notar que elle, embora coxo, andava com certo desembaraço; e, como ainda alguma distancia o separasse do tal grupo de cavalleiros, poz-se a correr para os alcançar.

— Olhae como o coxo, a quem déstes esmola, corre! observou o jogral...

— E' verdade! respondeu o pagem, dirigindo tambem a vista para o sitio indicado pelo companheiro... E' talvez um d'esses falsos pobres como ha muitos.

— Sim... talvez, respondeu o jogral, a quem uma desconfiança vaga e pouco nitida, um presentimento, atravessou o espirito... Acho porém que será melhor albergarmo-nos n'este povoado....

Mas como Fernam Garcia, contra os conselhos de Estevam da Guarda, insistisse em não se acoitar, os caminhantes deixaram o logarejo e embrenharam-se de novo pelas estradas.

CAPITULO LIV

Receios e sobresaltos

A trovoada começava a fazer-se ouvir. De vez em quando sentia-se o ribombar distante e prolongado de um trovão. Grossos pingos de chuva cahiram; ao principio com pouca insistencia, mas cuja violencia foi pouco a pouco augmentando.

— Infelizmente não me enganei! exclamou o jogral.. Aqui temos a tempestade em cima de nós...

— Pouco a sentiremos... Temos as nossas capas, observou Fernam Garcia, cobrindo-se todo com a sua capa.

O jogral e os outros homens seguiram-lhe o exemplo, e envolveram-se tambem nas grandes capas escuras.

A chuva cahia em bategas; os relampagos illuminavam de uma luz intensa e phosphorescente o espaço, seguidos de medonhos e fortes trovões.

Os servos sentiam-se apavorados; e mesmo os cavallos, conhecendo a imminencia do perigo, revelavam certa agitação e paravam a miudo, com os olhos feridos por algum relampago mais forte.

— Os nossos homens já rezam! observou Estevam da Guarda,

ouvindo as orações e as invocações que os seus companheiros faziam ás santas e santos protectores contra as trovoadas.

— Agora vejo que fui imprudente e culpado em ateimar que proseguissemos a jornada... Mas, ao menos, por este tempo estamos lives do assalto dos salteadores...

— Hum! resmungou o jogral...

— O quê!... Acreditaes que haja ladrões assaz ousados para se arriscarem pelos caminhos com um tempo maldito como este!... Seriam bem tolos!... E de mais a mais na incerteza de encontrarem viandantes que os compensassem do perigo e da molha que apanhavam...

— Os ladrões que infestam estes caminhos, preferem estas noites de tormenta para as suas proezas ás noites estrelladas e de luar... N'estas, o viandante vê melhor e póde defender-se com mais resultado ou fugir mais facilmente... Nas noites como esta, o caminheiro suprehendido, pouca resistencia lhes poderá offerecer e, se quizer fugir, mesmo que o cavallo o não atraiçoe e lhe obedeça, os bandidos, que conhecem bem as paragens por onde andam, teem meio de o apanhar..

— Falemos n'outro assumpto, amigo... Esse vosso receio de que sejamos assaltados parece-me pueril, desculpae-me que vol-o diga...

— Pueril será — e oxalá que o seja sempre!...

— Ao menos lembrae-vos que sômos oito homens, observou Fernam Garcia, sem perceber o motivo do que elle julgava ser uma linguagem insistente e agoirenta...

— E que servirá sermos oito, se só com nós dois poderemos contar, no caso de sermos atacados? Não vêdes em que estado veem os nossos homens?... Estão cheios de medo, invocando a protecção do ceu... Não estão pois em estado de se defenderem ou de nos auxiliarem .. Se insisto n'este assumpto, que vós suppondes pueril, é porque conheço bem o risco que podemos correr... E é tambem porque desejo pôr-vos de sobre-aviso, para que não sejamos surprehendidos sem que nos possamos defender... Por isso eu continuarei a insistir comvosco para que combinemos o que deveremos fazer se os salteadores nos atacarem...

— O que devemos fazer! exclamou o pagem admirado com o que ouvira... Defendermo-nos!... Defendermo-nos até á ultima, e se tivermos que succumbir, vendermos caras as nossas vidas!

— Isso é bonito e corajoso, mas parece-me impossivel de praticar... Talvez os bandidos nem tempo nos dêem para desembainharmos as nossas espadas!... O que me parece melhor, amigo, e digo-vos isto depois de ter pensado seriamente e meditado em todas as eventualidades que nos podem acontecer, o que me parece melhor é que, no caso de sermos assaltados, ferremos os acicates em nossos cavallos e os deixemos fugir á desfilada... E' a unica possibilidade — e não é muito favoravel — que temos de escapar.

— Por Deus, senhor! exclamou Fernam Garcia com um riso talvez sardonico... Começaes-me a causar arrepios!... Começo com effeito a assustar-me... O vosso receio é tão grande que até m'o pegastes!...

— Gracejae, gracejae á vontade, que não vos quero mal por isso... E no emtanto, acreditae-me, em vez de receber os meus conselhos e as minhas prevenções com risos motejadores, melhor vos fôra acatal-os, respondeu o jogral com um certo azedume e uma energica impaciencia... Dou-vol-os no vosso interesse... No vosso, muito mais do que no meu...

— Não vos percebo, senhor, observou brandamente o pagem, que com effeito não percebera, nem podia perceber, o que havia de reservado nas palavras do jogral.

— Nem é preciso que me percebaes... Basta que vos fieis em meus conselhos...

— Mas não julgueis que os desprezo, senhor Estevam da Guarda... Longe de mim está a idéa de vos fazer semelhante offensa... Acceitarei vossos conselhos e acatal-os-hei, visto que tanto insistis e para que me não leveis a mal ou á conta de pouco respeito para com o que decidis... Não era tal a minha intenção... E se assim o julgastes desculpae-me... Mas permitti-me que vos pergunte porque dissestes que falaveis mais no meu interesse do que no vosso?... Não corremos ambos os mesmos riscos?

— De certo... Ou melhor, não... Não corremos! disse por fim o jogral que, embora não quizesse revelar o sentido das palavras imprudentes que lhe tinham escapado, quiz porem convencer o seu companheiro do perigo que o ameaçava.

— E porquê?

— Ora, porquê?... Porque eu já vou prevenido e preparado para o que me poderá succeder, ao passo que vó ides descuidoso e des-

EL-REI D. DINIZ I

Grav. de Pires Marinho & C.ª

Imp. de Libanio da Silva

preoccupado... Se formos assaltados, eu tenho sobre vós a superioridade de não ser surprehendido de improvisto... Por isso vos pedi para que resolvamos como vos disse já... Lembrae-vos do que vos aconselhei... Se formos assaltados, o melhor que teremos a fazer é partir á desfilada...

— E havemos de abandonar esses homens que nos acompanham!... De que vos servem então as nossas adagas e as nossas espadas, e as béstas e as balas dos nossos servos?

— Elles veem pouco em estado de carregar os arcos e de ferirem os que os assaltarem... De mais, pouco me importa com elles... Tenho muito mais amor á minha pelle... Prefiro abandonal-os primeiro do que elles nos abandonem... Quanto a isso, porém, ficae tranquillo.. Se elles nos virem correr á desfilada, fugirão tambem... Mesmo que não quizessem, os seus cavallos, em vendo os nossos a galope, por força que hão de tambem galopar... Verdade é que os salteadores pouco mal lhes poderão fazer... O que elles querem é dinheiro e em vendo que são servos e que nada trazem, põem-nos em liberdade, sem lhes causar damno... Não vos importeis pois com elles e accedei ao que vos propuz...

— Não quero que digaes que sou obstinado em não acatar os vossos desejos... Farei o que me aconselhaes... No caso de sermos assaltados, cravarei os acicates no meu cavallo e deixal-o hei partir a galope.

— Bem, senhor... Agora vou mais socegado... Arre! exclamou o jogral a quem a chuva continuava a açoitar o rosto, batida por um vento quente, que fazia rumorejar as carvalheiras e os pinhaes que elle e os seus companheiros iam atravessando... A tempestade não abranda!... Cada vez parece augmen-tar com mais violencia!...

— A trovoada é que já se affastou um pouco, já ha vento...

— Sim... E esta ventania ainda nos incommoda mais do que os relampagos e os trovões, disse o jogral... Puxa e augmenta a chuva e faz com que ella nos bata nos rostos...

— Tambem agora se chegarmos a algum logarejo ou se enchergarmos alguma locanda, poderemos acoitar-nos, disse Fernão Garcia ..

— Deus oiça os vossos desejos! exclamou o jogral suspirando. . Já não será sem tempo... Melhor...

E o jogral deixou suspensa a phrase, que ia a proferir, fez parar o seu cavallo, é poz-se á escuta.

O seu companheiro fez tambem parar o cavallo e perguntou-lhe:

— O que aconteceu?

— Calae-vos! disse Estevam da Guarda... Esperae... Pareceu-me ouvir cavalgar do lado do pinheiral... Ah! este maldito vento!

— Foi engano vosso, senhor, observou o pagem que tambem se puzera a escutar... Talvez fosse o vento ou o passo dos cavallos dos nossos homens que veem ainda a certa distancia atraz de nós...

— Seria isso, seria, respondeu o jogral que, como o seu companheiro, se puzera de novo a caminhar... Em todo o caso eu não tenho mau ouvido e pareceu-me distinguir passos longiquos de cavallos, aqui para estes lados dos pinheiros... Apressemos o andar de nossos cavallos...

E o jogral e o pagem fizeram que os animaes andassem mais rapidamente.

CAPITULO LV

Resolução dos homens d'armas

O mendigo, a quem Fernam Garcia dera esmola e que correra para junto dos cavalleiros, que estavam parados a um lado da povoação, que os nossos viandantes atravessaram, ao chegar junto dos individuos que o esperavam, exclamou:

— E' elle, senhores!... E' Fernam Garcia!... E' o homem a quem o senhor rei mandou que matassemos!... Agora já me não resta duvida... Toca a partir por este atalho, disse o falso mendigo indicando o sitio, e iremos surprehendel-o sem que este e os seus companheiros possam desconfiar da cilada que os espera... E quanto ao homem que cavalgava junto d'elle, quanto a Estevam da Guarda, parece-vos que o acompanha como amigo ou que o siga por mando do senhor rei para que não possa escapar-nos?

— Quanto a mim, respondeu um dos cavalleiros, julgo que o jogral do senhor D. Diniz nada sabe das ordens que o rei nos deu, e está longe de suppôr a sorte que está reservada ao que o acompanha...

— Mas, se assim é, observou um outro cavalleiro, é muito capaz de o querer defender e de querer travar lucta comnosco!... Ora nós não podemos atacal-o, nem feril-o, pois seriamos punidos pelo senhor rei ..

— Eu creio que Estevam da Guarda conhece a ordem que o rei

nos deu e acompanha o pagem para que elle não possa fugir ao castigo que o espera, disse um cavalleiro que até então ficara calado.

— Não acredito no que dizeis, observou outro, que já tinha falado; el-rei preveniu-nos de que a ninguem revelassemos a ordem que nos dera, nem mesmo ao nosso commandante, a Vasco Annes... Estevam da Guarda de nada desconfia...

— Em boa estamos mettidos! disse um outro.

Afinal, depois de uma longa discussão, os homens resolveram seguir pelo atalho ao encontro dos viandantes.

Quanto a Estevam da Guarda, teriam de o poupar, se fosse possivel, agarrando-o e impedindo o de entrar na lucta. Isto em caso de que o jogral de nada soubesse e se dispuzesse a defender o companheiro. Como tambem só tinham ordem para assassinar o pagem, decidiram fazer quanto possivel para se apoderarem, sem lucta sangrenta, dos servos que o escoltavam.

— Vamos!... Toca a partir! ordenou o falso mendigo montando o cavallo... Já sabeis como devemos proceder, observou elle, que pelo modo como falava se via perfeitamente que era quem dirigia o bando dos homens d'armas.

Estes esporearam os cavallos, que seguiram pelo atalho que o chefe tinha indicado.

*

* *

Os homens d'armas tinham sahido da alcaçova muito antes do que o pagem, e para não serem encontrados tomaram por outros caminhos.

Foram, porém, esperal-o ao povoado, por onde sabiam que elle havia por força de passar; mas, como a noite, escura e borrascosa, podia fazer com que se enganassem e que confundissem outro viandante com o pagem, o chefe que os commandava lembrou-se de fingir-se mendigo para se poder aproximar dos individuos que atravessassem a povoação e examinal-os até descobrir aquelle que precisavam encontrar.

Vimos como este ardil deu bom resultado.

Os homens d'armas vão cavalgando pelo atalho.

A tempestade, que parecera querer abrandar, desencadeou-se com mais força, acompanhada de viva e de mais violenta trovoada.

Os homens d'armas estavam cheios de pavor. Como bons christãos medievaes rezavam e praguejavam.

— Amaldiçoado tempo! exclamou o chefe... Quando já cuidava ver-me livre d'esta borrasca, eis que ella volta de novo!... Companheiros, cobri-vos com vossas capas e protegei bem contra a chuva as vossas espadas e as vossas adagas, para que estejam em bom estado quando tiverdes de vos servir d'ellas!... E espero que não tardará muito!

Os outros cavalleiros embuçaram-se, acatando assim a observação do chefe, e continuaram ora praguejando em tom de exprobação e de revolta, ora rezando em tom plangente e lamurioso.

CAPITULO LVI

A embuscada

As com mil demonios! exclamou Estevam da Guarda n'uma insoffrida maldição contra o tempo... Augmenta de novo a tempestade, e a trovoada, que tinha ido para longe, torna outra vez e ainda com mais violencia... Não me lembro em toda a minha vida de vêr em junho uma borrasca tão duradoura! E nem uma almejada povoação ou uma bemdita locanda onde pedir pousada!

—Breve enxergaremos alguma, observou o pagem... Vêde que cavalgamos ha muito tempo e não poderemos estar longe de algum povoado!

—Deus vos oiça! respondeu o jogral... Mas póde ser que vos enganeis... Por estes caminhos anda-se muito sem que se encontre uma unica povoação!... E nós mesmo estamos pouco em estado de poder esperar!... Estamos encharcados!... Mau! lá começam outra vez os nossos homens com as suas orações!...

—Deixae-os, observou o pagem.

—Que remedio tenho eu, senhor, senão deixal-os!... Mas confesso-vos que o ouvil-os incute-me medo e pavor, e produz-me um grande mal-estar!

—Tambem a mim me incommoda, disse Fernam Garcia... Mas como a trovoada augmenta de intensidade! exclamou... Rezemos nós tambem!

—Rezemos, pois, senhor! condescendeu o jogral... Mas não esqueçaes o que combinámos... Se fôrmos assaltados, metteremos os nossos cavallos á desfilada...

—Senhor, sim... Mas estamos em grave perigo!...Vêde como os raios despedaçam as arvores! Como se sente o estalar da madeira!

—Ainda este não é o perigo maior! observou Estevam da Guarda com lugubre desespero.

A trovoada estava mesmo em cima do pinhal que atravessavam. O fuzilar constante dos relampagos, o ribombar atordoador dos trovões, o ruido sêcco das arvores rachadas pelos raios, emfim todo esse espectaculo grandioso e apavorador de uma desenfreada tempestade em uma floresta, impôz silencio aos viandantes.

Os raios continuavam a fulminar os pinheiros; a chuva cahia em bategas; o vento soprava rijo, açoitando o arvoredo.

Apezar do ruido da tempestade ser verdadeiramente ensurdecedor, Estevam da Guarda e Fernam Garcia ouviram um assobio prolongado.

—Não ouvistes, senhor? perguntou o jogral ao pagem.

—Ouvi! respondeu este.

—Toca a galopar depressa! disse o jogral.

Mas apenas tinha dado esta ordem, quando os homens d'armas do rei lhe surdiram no caminho, tomando-lhe o passo.

Estevam da Guarda percebeu logo tudo. Com uma rapidez vertiginosa dirigiu o cavallo para um dos lados do caminho e ferrando-lhe os acicates deixou-o fugir á desfilada. Antes porém de partir, o jogral lançou para Fernam Garcia e para os seus companheiros esta exclamação de aviso e desespero:

—Fujamos! Fujamos! Sigam-me!

Os cavallos dos companheiros de Fernam Garcia partiram á desfilada no encalço do cavallo do jogral. Mas o do pagem, sentindo-se ferido pelas esporas, partiu com tanta precipitação e tão cégo que esbarrou com um grosso pinheiro. A violencia da pancada fel-o recuar, dando um salto inesperado e tão brusco foi elle que precipitou no chão o cavalleiro. O cavallo, sem esperar mais, seguiu na direcção dos outros.

Fernam Garcia, ao erguer-se, viu-se cercado pelos homens d'armas do rei. O pagem brandiu a espada e ainda luctou, mas os assaltantes eram tantos, que não lhe déram muito tempo para a resistencia. O pagem cahiu em terra ferido pelos golpes de umas poucas de espadas.

—Está morto! exclamáram alguns dos homens d'armas.

—Ide vêr, mandou o chefe, e para mais segurança enterrae-lhe uma adaga no coração.

—Não vale a pena, senhor! observaram os homens... Está morto e bem morto! Deus ou o Demo já teem a sua alma!

—Não importa... Fazei o que vos mandei... Feri-o com as vossas adagas.

Dois dos homens, que ouviram esta ordem, abeiraram-se do corpo do pagem. Um relampago enorme seguido logo de um trovão medonho ouviu-se n'este momento. Os dois homens, cheios de pavor, enterraram as adagas no corpo do pagem. Depois precipitadamente tornaram a montar nos cavallos, dizendo:

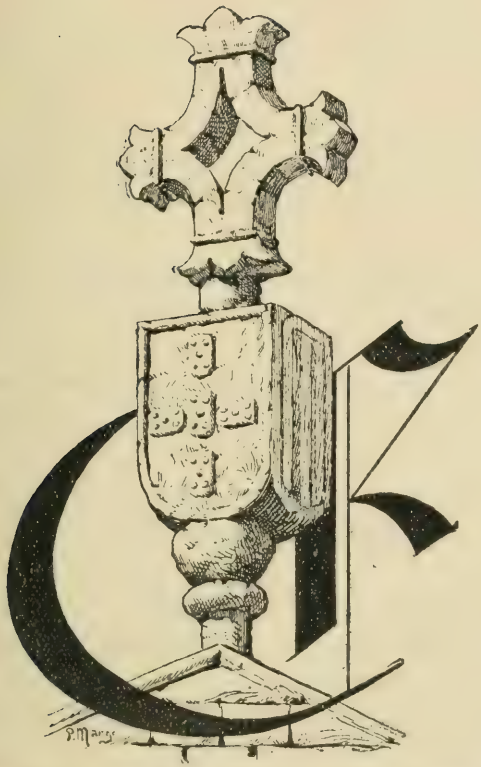
—Partamos! Partamos! Não vêdes como os raios cahem em redor de nós?

—Partamos pois! ordenou o chefe, que não estava menos assusado que os seus homens...

E, quando se tinham já posto a caminho, observou-lhes:

—Afinal correu-nos tudo o melhor possivel... Estevam da Guarda e os servos, tomaram-nos por ladrões e deitaram a fugir... E só o pagem foi logo tão infeliz que tombou do cavallo e veiu cahir ás nossas mãos. O senhor D. Diniz deve ficar contente pelo modo como cumprimos suas ordens!

E os homens d'armas do rei, fizeram galopar os cavallos, e partiram amedrontados pela horrorosa tempestade, tendo desempenhado o seu triste mister e deixando no meio do caminho o corpo ensanguentado de Fernam Garcia.



CAPITULO LVII

Retrocedem

STEVAM da Guarda, galopando durante algum tempo e vendo que apenas era acompanhado pelos servos e não perseguido pelos homens d'armas do rei, fez parar o cavallo e deu ordem aos servos para que tambem se detivessem.

—E Fernam Garcia? perguntou o jogral... Deixar-se-hia cahir nas mãos dos bandidos?... Mas de certo... Se tivesse escapado estava aqui... Meu Deus! Meu Deus!... Triste idéa tive em fugir!... Ao menos ficando e luctando, poderiamos ter posto em debandada os que nos assaltaram!... Mas talvez qne ainda não seja tarde, proseguiu elle, dirigindo-se aos companheiros... Vamos, voltemos para traz para ver se ainda o podemos salvar!

—Senhor, não, escusae-me, disse um dos homens, não está noite para nos arriscarmos como nos ordenaes... Eu por mim deixarei galopar o meu cavallo, até encontrar alguma locanda em que me abrigue, e, se o não conseguir, tornarei para a Alcaçova.

— E nós faremos o mesmo! exclamaram unisonamente outros tres dos cavalleiros.

— Não fareis tal! observou Estevam da Guarda vivamente indignado... Não fareis tal!... Ou eu mais tarde vos farei punir como mereceis!... Vêdes que Fernam Garcia ficou provavelmente luctando com os que nos assaltaram e não quereis ir defendel-o e soccorrel-o!... Haveis de ir! E oxalá que cheguemos a tempo!... Vamos, segui-me!

E, como visse que os cavalleiros se não moviam, o jogral apostrophou-os:

— Não me ouvis?... Não ouvis as ordens que vos dou?... Ah, covardes! covardes! Ah, perros!... Mas não julgueis que as coisas hão de ficar assim!... Ai d'aquelle que se recusar a acompanhar-me!...

— Senhor, não nos lanceis em rosto o não vos querermos acompanhar! observou um dos cavalleiros... Fernam Garcia se não conseguiu fugir, cahiu em poder dos bandidos... E quer o matassem quer se apoderassem d'elle, a estas horas já o não encontraremos decerto ns mesmo sitio... Ah, vêde, senhor, ahi vem um cavallo á desfilada...

Era o cavallo do pagem que, depois de o ter lançado por terra e ter galopado, chegava ao local onde estavam os nossos cavalleiros. O cavallo parou.

— E' o cavallo de Fernam Garcia! exclamou o jogral... Agora sim, agora é que tenho quasi a certeza de que o infeliz pagem ficou nas mãos d'estes miseraveis!... Por isso mesmo devemos perseguil-os e procurarmos salvar o pagem ou, se isso não fôr possivel, vingar a sua morte!

— Não vos seguiremos! observaram alguns dos homens...

— A tempestade não cessa, disse um outro... E eu não estou em estado de luctar com os bandidos.

— Segui-me! insistiu o jogral...

Mas quatro dos homens, em vez de obedecerem a esta ordem, esporearam os cavallos, que partiram a galope.

— Miseraveis! exclamou Estevam da Guarda cheio de sanha.

E, vendo que dois homens tinham ficado, disse-lhes:

— Ao menos vós ficastes... Espero que estareis dispostos a a acompanhar-me?

— Senhor, sim! respondeu um d'elles... Luctaremos até á ultima, se vós assim o quizerdes...

— Bem está, amigos... Corramos!... Corramos para ver se ainda o poderemos encontrar vivo!...

E Estevam da Guarda e os dois cavalleiros dirigiram-se para o sitio onde os homens d'armas do rei lhes tinham sahido ao encontro.

CAPITULO LVIII

O moribundo

CESSÁRA quasi por completo a chuva. A trovoada ainda se ouvia ao longe, mas os relampagos eram pouco intensos e o ribombar do trovão muito distante.

Estevam da Guarda e os dois homens, ao chegarem ao sitio de onde tinham fugido, como não percebessem o minimo vestigio dos assaltantes, apeiaram-se, prenderam os cavallos aos pinheiros, e, preparavam-se para se embrenharem na floresta com todas as precauções, quando o jogral tropeçando em um corpo, exclamou:

— Isto é o corpo de um homem!... Meu Deus!... Será o do pobre pagem? Será o do infeliz Fernam Garcia?... Vamos... Depressa... Vede se podereis accender os archotes...

Os homens, apoz algum trabalho, conseguiram acender dois brandões.

— E' elle! disse o jogral, contemplando com desespero e tristeza o rosto pallido e o corpo ensanguentado do pagem... Pobre amigo!... Fui talvez eu que concorri para a sua morte, julgando poder salval-o!

O jogral e os dois companheiros ajoelharam junto do corpo de Fernam Garcia e puzeram-se a examinal-o para ver se ainda dava signal de vida.

— Está morto e bem morto! exclamou um dos homens.

— Que Deus tenha a sua alma! disse o outro companheiro.

— Mas não deveremos deixal-o aqui! observou Estevam da Guarda com piedosa devoção... Levaremos seu corpo e enterral-o-hemos na primeira egreja que encontrarmos... Antes porém arranquemos os dois punhaes que tem cravados no peito!

Quando Estevam da Guarda e um dos homens tinham acabado de arrancar os punhaes do corpo do pagem, este contorceu-se repentinamente n'um movimento de afflicção, levou as mãos ao peito como para estacar o sangue que corria em abundancia das feridas.

— Está vivo! está vivo! exclamou com jubilo o jogral... Ainda o poderemos salvar! Oh! sim!... Deus ha de consentir que o salvemos!

Estevam da Guarda examinava com attenção as feridas, quando o pagem abriu os olhos. O moribundo fez um esforço para pronunciar algumas palavras, mas apenas poude dizer n'uma voz tão fraca que quasi não foi ouvida:

— Amigo... deixae-me morrer...

E tornou a desmaiar

— Agora é que morreu! observou lugubremente um dos homens.

— Não! exclamou com energia o jogral... Não!... Deus não o ha de permittir!

Talvez esteja apenas desmaiado.

E, tendo-lhe percebido a frouxa respiração, observou:

— Não me enganei... Respira ainda... E espero que o salvaremos... Tomemol-o e vejamos se o poderemos levar a algum logar proximo onde pediremos pousada...

E os tres homens pegaram no ferido com todas as precauções e seguiram pela estrada.

CAPITULO LIX

A Pousada

CAMINHARAM com o ferido durante algum tempo até que chegaram a um sitio onde apparecia um vasto e sombrio castello.

— E se nós pedissemos pousada? observou o jogral... A hora é bastante avançada, mas dizendo o estado em que se acha o nosso ferido e contando a aventura que nos aconteceu, julgo que não nos recusariam abrigo... Tentemos pois...

Estevam da Guarda approximou-se do castello, abeirou-se do fosso e enxergando o vulto da sentinella disse-lhe:

— Eu e mais tres companheiros pedimos pousada n'este castello... Fomos assaltados pelos bandidos... Um dos nossos vem gravemente ferido... Não podemos seguir caminho atravez esta noite tempestuosa... Ide perguntar ao vosso senhor se nos pode recolher... Contae-lhe o que vos disse.

— A dona d'este solar já está recolhida...

— E quem é a dona d'este solar?

— A senhora D. Auzenda Vasques.

— D. Auzenda! exclamou o jogral... Quem me diria que estava ante o castello de D. Auzenda e que o não conhecia! Tambem no meio d'esta noite escura era facil enganar-me... Ide pois dizer a

D. Auzenda Vasques que Estevam da Guarda, o privado do senhor rei D. Diniz lhe pede pousada.

— Senhor, sim, cumprirei vossas ordens, respondeu a sentinella com os signaes do mais completo respeito.

Estevam da Guarda, emquanto esperava que lhe dessem entrada, poz se a pensar nos inconvenientes que podiam haver em deixar Fernam Garcia no solar da amante de D. Diniz. Era forçoso que este de nada soubesse. Para isso é que o jogral desejava falar á castellã e ver se podia conseguir que ella guardasse o segredo sobre a estada do ferido no castello. Estevam da Guarda percebia as difficuldades da situação em que se encontrava. Depois de ter demandado pousada recusal-a era um expediente arriscado: nem talvez os homens que o acompanhavam estivessem dispostos a abandonar aquelle abrigo que se lhes offerecia e a caminhar de novo atravez a escuridão da noite pela floresta em busca de uma outra morada, nem tão pouco o estado gravissimo do pagem o deixava tomar a responsabilidade de semelhante decisão. Por outro lado se Fernam Garcia se acoitasse no solar de D. Auzenda, se se curasse dos ferimentos que recebera, mas fosse descoberto por D. Diniz, o rei não refrearia a sua colera e o seu odio por ver que esse homem ainda uma vez tinha escapado á sua rancorosa justiça e o pobre pagem cahiria por fim sob a inexoravel vingança do rei. Era isto que Estevam da Guarda procurava evitar; mas só o poderia conseguir obtendo o silencio da castellã. E obtel-o-hia? Era o que elle a si mesmo perguntava, quando um servo do castello fez descer a ponte levadiça e, convidando-o a entrar com os seus companheiros, acrescentou:

— A senhora D. Auzenda ordenou-me que vos introduzisse... Já está preparado o leito para onde podeis levar o vosso ferido... E quanto a vós, senhor. Estevam da Guarda, D. Auzenda pede-vos que espereis a n'este aposento, que breve virá falar-vos.

— Aqui a esperarei, respondeu o jogral.

E observou:

— Mas deixae-me tambem acompanhar o ferido... Desejo eu mesmo deital-o no leito e examinal-o para ver como se encontra.

Com effeito Estevam da Guarda acompanhou os homens á camara onde estava preparado o leito, deitou o ferido com todas as precauções e restou alguns momentos a observal-o.

Fernam Garcia tinha o rosto exangue, os olhos cerrados, o corpo

hirto; o sangue ensopava-lhe o vestuario. Mas o jogral percebeu que ainda respirava.

— Pobre amigo! exclamou Estevam da Guarda... Como deveis soffrer!

— Escusae-me, senhor Estevam da Guarda, de vos ter feito esperar tanto, disse D. Auzenda entrando na camara onde se achava o ferido e dirigindo-se ao jogral... Mas estava recolhida...

— Senhora, sou eu que devo pedir-vos escusa por ter vindo interromper vosso repouso.. O estado porem d'este ferido era muito grave e não podiamos hesitar em abrigarmo-nos na primeira morada que encontrassemos...

— Sim, o meu servo falou-me de que tinheis sido assaltados por bandidos.... Depois me narrareis vossa aventura... Agora o que é preciso é tratar dos ferimentos d'esse homem...

— Senhora, quanto vos agradeço! disse o jogral.

— Vamos, observou a castellã, ajudae-me vós a fazer-lhe o curativo.

Lavaram-lhe as feridas, puzeram-lhes fios para estancar o sangue. Tendo concluido este primeiro curativo, D. Auzenda disse:

— Agora vou mandar partir para Santarem um servo com recado para mestre Pedro Nogueira, o physico do rei, afim de que venha examinal-o e ver se chega ainda a tempo para lhe salvar a vida.

— Esperae, senhora... Antes d'isso preciso praticar comvosco por alguns instantes... Parece-me que este curativo que lhe fizestes ha de ser-lhe muito proveitoso... Eu mesmo, ao romper d'alva, que pouco tardará, partirei para Santarem, falarei com mestre Pedro Nogueira... Porem ouvi primeiro o que vos desejava pedir...

E D. Auzenda tendo conduzido o jogral a um outro aposento, observou:

— Falae, senhor... Aqui ao menos não pertubamos o repouso do doente...

Quando porém Estevam da Guarda se dispunha a falar, um dos homens que ficára guardando o ferido entrou no aposento e disse ao jogral:

— Estranha nova, senhor, vos venho trazer...

— O que succedeu? perguntou o jogral assustado, julgando que lhe vinham noticiar a morte do pagem... Falae... Acaba de morrer?

— Senhor, não... Mercê de Deus, não morreu...

— O que aconteceu pois?

— Aconteceu, senhor, disse elle, que os homens que assaltaram Fernam Garcia não eram ladrões!

— Porque dizeis isso? observou Estevam da Guarda empallidecendo e ficando deveras perturbado.

— Digo que não eram ladrões porque o não roubaram e deixaram sem lhes tocar os saccos de dinheiro que Fernam Garcia trazia á cinta... Aqui os tendes...

— Não eram ladrões! exclamou D. Auzenda verdadeiramente admirada... Quem eram pois esses homens?

— Eram bandidos, senhora! testemunhou com energia Estevam da Guarda... E se por acaso não o roubaram foi por algum motivo que não posso perceber... Talvez por que não tinham dado com o dinheiro...

— Tal não poderia ter succedido! observou o companheiro do jogral... Os saccos de dinheiro, pendurados no cinto, viam-se bem e era impossivel não dar com elles... E' certo porém que não deram, obstinou-se em affirmar o jogral... O que poderiam ser esses homens que nos sahiram ao encontro senão bandidos?

— Não sei, senhor... Se fossem bandidos tinham-o roubado e elles não o roubaram!

— Calae-vos! mandou o jogral com impaciencia... Ide para o lado do infeliz pagem e deixae-me praticar com esta dona...

Quando o homem se retirou, D. Auzenda disse:

— Não percebo a vossa impaciencia contra esse homem, senhor... Elle afinal tem razão... Não achaes estranho que esses que vos assaltaram e que conseguiram ferir tão gravemente o vosso companheiro o não tivessem roubado?

— Senhora, sim, acho extranho, mas como me não é possivel adivinhar o motivo porque assim procederam, o que ganho eu em cogitar sobre isso?... Vamos ao que vos desejava dizer...

— Senhor, sim, atalhou D. Auzenda... Ouvirei o que me quereis dizer, mas desejo que me conteis como se deu o assalto e o motivo por que só um de vós foi ferido...

— Ides sabel-o, senhora... Pelo que ouvistes ao homem que agora aqui entrou, conheceis o nome do ferido... Sabeis que é Fernam Garcia o pagem da senhora rainha...

— Aquelle a quem o senhor D. Diniz queria fazer lançar nos for-

nos da cal e que, tendo escapado milagrosamente, foi perdoado pelo rei, observou a castellã, mostrando que conhecia já o que succedera ao pagem...

— Esse mesmo, senhora... El-rei perdoou-lhe com a condicção que havia de partir para o reino Aragonez, de partir para sempre... Pela noite de hoje puzemo-nos a caminho... Eu acompanhava-o, porque tambem tinha de jornadear por mandado do senhor rei... Desencadeou-se sobre nós a terrivel tempestade que haveis de ter ouvido... Eu como sabia que as estradas andam infestadas de bandidos, e como não possuiamos homens sufficientes para nos defendermos de qualquer aggressão, tinha aconselhado a Fernam Garcia a que, no caso de sermos assaltados, metessemos os nossos cavallos a galope e tentassemos fugir aos bandidos... Quando estes nos sahiram ao caminho eu e os outros companheiros assim fizemos, mas o pagem não sei porque motivo não nos seguiu... O que é certo é que depois de termos conseguido livrar-nos dos salteadores, quando detivemos os nossos cavallos, demos logo pela falta de Fernam Garcia... Retrocedemos o caminho e fomos encontral-o estendido e ensanguentado, como dois punhaes cravados no peito, no sitio em que os bandidos nos sahiram ao encontro... Estes, julgando-o morto, tinham-no abandonado e seguido seu destino. Aqui tendes, senhora, o motivo, porque só elle foi victima d'este assalto e porque nós conseguimos escapar... Agora que tudo sabeis, resta-me pedir vos que nada narreis do que ha succedido ao senhor rei D. Diniz e que nem mesmo lhe digaes que tendes recolhido em vosso castello o pagem da senhora rainha...

— Porque motivo me pedis semelhante cousa, senhor? Perguntou a castellã deveras admirada, mas percebendo o sentido reservado que havia nas palavras de Estevam da Guarda e com o firme desejo de procurar saber o que significava semelhante reserva...

— Senhora, por um motivo mui grave e mui sério... Espero que haveis de comprehender-me, disse o jogral, a quem estas palavras e estas explicações sahiam com difficuldade .. Tenho razõas para suppor que o senhor D. Diniz só a muito custo perdoou a Fernam Garcia... Quando se lembra do pobre Diogo Aboim, el-rei enche-se de sanha contra Fernam Garcia e accusa-o de ser o causador da morte do seu pagem... Ora se vós lhe contaes o que succedeu e lhe dizeis que recolhestes Fernam Garcia em vosso castello, que lhe prodigalisaes os cuidados para que melhore de seus ferimentos, não vêdes

que podereis atear o odio que el-rei tem contra o pagem e fazer com que exerça contra elle alguma nova e terrivel vingança... Conheceis o senhor D. Diniz e sabeis como elle é cego em suas sanhas, nada ouvindo e a ninguem attendendo... Eis aqui, senhora, o motivo porque vos pedi que occultasseis a el-rei a presença de Fernam Garcia n'este castello...

—Comprehendo-vos, senhor, respondeu D. Auzenda, mas julgo que fazeis offensa aos sentimentos generosos de el-rei attribuindo-lhe um tal rancor e um tal odio contra esse infeliz pagem... Lembrae-vos que el-rei lhe perdoou já e não seria capaz de atraiçoar a sua palavra.

Estevam da Guarda teria respondido a esta observação com uma franca gargalhada se a situação o permittisse; mas como lhe convinha disfarçar, disse:

—Assim o devemos suppôr, senhora, assim devemos acreditar que el-rei não atraiçoaria a sua palavra; attendei, porém, a que para nosso socego e tranquillidade será melhor que elle ignore a presença do pagem em vosso solar. Eu por mim não desejo ficar com o desgosto de ter concorrido para a morte de um homem e para que o meu senhor e rei commetta alguma ruim acção!

—Como desconfiaes do senhor D. Diniz! exclamou D. Auzenda com um cruel sorrisso.

—E' que o conheço bem e de ha longo tempo... E' justo, é bom, é generoso, é uma grande e bella alma, mas, quando está dominado por alguma idéa má ou por alguma tentação do demo, é muito capaz de se deixar arrastar a proceder de uma maneira indigna do seu nobre espirito...

—Estou que vos enganaes, senhor, atalhou D. Auzenda, que no intimo o que desejava era despegar a lingua do jogral e obter que elle lhe narrasse alguns segredos sobre o rei que justificassem o juizo que formulára ou que lhe explicasse claramente o motivo verdadeiro dos seus receios, motivo que a castellã entendeu que devia ser muito imperioso para ter arrastado Estevam da Guarda ás declarações que fizera.

O jogral porém, ou porque percebesse os intuitos da castellã, ou porque emfim quizesse terminar aquella já prolongada pratica, não respondeu á observação que lhe fizera D. Auzenda e disse-lhe:

—Dizei-me pois, senhora, se as minhas razões vos moveram e se

estaes disposta a acceder ao meu pedido... Por que se não accedeis a elle, eu ver-me-hei forçado a ter de levar outra vez o pagem, mesmo ferido e em grave risco de morrer, a uma outra pousada...

—Oh! isso não, senhor!... Tal não fareis! atalhou vivamente a castellã... Seria offender-me... Não vos mereço que me julgueis tão mal...

—Eu julgar-vos mal, senhora!... A'-la-fé que estaes gracejando... Longe de mim semelhante idéa... Nunca a tive, acreditae-me... O meu unico desejo era provar-vos a urgencia do pedido que vos fiz e a resolução em que estou de conseguir evitar que o senhor rei saiba que o pagem não vae em caminho de Aragão e se acha ferido a pouca distancia de Santarem...

—Mas se eu não anuir ao que me pedistes, mesmo que leveis o ferido para um outro solar, não receaes que eu narre ao senhor D. Diniz o que se ha passado aqui?

—Senhora, não, não receio... E não o receio porque vos considero uma honesta dona incapaz de uma traição... E mesmo que vós contasseis a el-rei o que aconteceu, eu saberei evitar as buscas do senhor D. Diniz e achar um abrigo seguro para o pagem...

—Para tudo tendes recursos, senhor Estevam da Guarda, disse a castellã com um sorriso .. Eu vos dispensarei, porém, de os pôrdes em pratica d'esta vez... Ficae socegado... Annuo ao vosso pedido... El-rei D. Diniz não saberá o que vós não quereis que elle saiba...

—Ah! senhora, quanto vos agradeço!... Não podeis calcular o peso que me arrancaes da consciencia!... Mas porque me não socegastes ha mais tempo, senhora?...

—E' que estava gostando de vos ouvir, respondeu D. Auzenda com o mesmo sorriso ironico e malicioso... Agora que reconheci mais uma vez quanto a vossa indole é generosa e nobre, peço-vos que me escuseis o ter-vos causado tantos desasocegos...

—Alguns me causastes com effeito, senhora, mas a vossa promessa tudo me fez esquecer... Agora, se mo permittis, volto a vêr o estado em que se encontra o pagem...

—Ide, senhor, e ao romper d'alva não vos esqueçaes do que ficou ajustado.

—Senhora, não o esqueço... Partirei para Santarem e trarei mestre Pedro Nogueira para que examine o ferido.

—E podereis obter o silencio de mestre Pedro Nogueira? perguntou a castellã com curiosidade, lembrando ao jogral este novo obstaculo.

—Oh! por mestre Pedro Nogueira estou tranquillo... Tenho quasi a certeza de que accederá ao meu pedido...

O jogral, tendo-se despedido respeitosamente da castellã, dirigiu-se para a camara onde deixara o pagem.

CAPITULO LX

A afflicção da rainha

IMAGINE-SE qual não foi o espanto de D. Izabel, quando lhe vieram dizer que os dois homens que tinham acompanhado o pagem se achavam na alcaçova.

Mandou os chamar á sua presença e exigiu-lhes que lhe narrassem tudo quanto havia succedido.

Os homens assim fizeram, e tudo contaram á afflicta rainha. Nem mesmo occultaram o seu covarde procedimento e o modo indigno como tinham abandonado Estevam da Guarda, quando este os convidava a correrem em defeza do pagem.

— Mas Estevam da Guarda queria correr em auxilio de Fernam Garcia? perguntou D. Izabel.

— Senhora, sim... E exprobou-nos o nosso procedimento por o não querermos acompanhar... Nós, porém, estavamos molhados até aos ossos, amedrontados pela terrivel trovoada e não nos achavamos em estado de o podermos auxiliar... Depois, de que nos serviria retroceder o caminho se nenhum auxilio poderiamos prestar ao infeliz Fernam Garcia, que, tendo cahido em poder dos salteadores, estava morto e bem morto...

— Podia ser que não estivesse! exclamou D. Izabel... Podia ser que com vossa presença pozesseis em debandada os ladrões e chegasseis ainda a tempo de salvar o meu infeliz pagem!... Como fostes covardes!... Vosso procedimento merecia um exemplar castigo!...

— Senhora, escusae-nos, disse um dos homens em tom humilde e arrependido... Mas se vós podesseis ver o estado em que nos encontravamos, decerto nos desculparieis...

— Não vos desculparia! exclamou duramente a rainha a quem o desespero e o soffrimento tinham feito perder a doçura e a serenidade habituaes... Nunca vos poderei desculpar... Falaes-me no estado em que vos encontraveis!... E Estevam da Guarda e os homens que o seguiram não se achavam no mesmo estado em que vós vos achaveis? A chuva não os tinha tambem encharcado, a trovoada não os tinha tambem enchido de pavor?..

— Senhora, não foi só por medo e porque nos achavamos encharcados que recusámes obedecer a Estevam da Guarda, foi porque estavamos convencidos que chegaríamos muito tarde para salvarmos o vosso pagem. Um homem, cahindo em poder de uma quadrilha de salteadores, por mais valente que fosse, não poderia luctar e havia por força de ter succumbido... E se procedemos mal não fomos os unicos, pois que dois dos homens que acompanhavam Estevam da Guarda tambem foram da nossa opinião e tambem se recusaram a seguil-o... Acreditae-nos, senhora, nós não fomos os culpados. . E mesmo se alguem teve culpa foi o proprio pagem...

— Agora accusae-o. . Deitae sobre elle todas as culpas! disse a rainha irritada.

— É que digo a verdade, senhora, quando digo que Fernam Garcia foi o verdadeiro culpado por tudo o que lhe aconteceu. Quem tem que fazer uma tão longa e perigosa jornada como a que elle tinha que fazer, quem tem que atravessar estradas infestadas de ladrões, caminhos distantes dos povoados, não se faz acompanhar apenas por dois homens .. Vós mesmo, senhora, o aconselhastes a que levasse comsigo mais gente...

— Sim, aconselhei... Isso porém não vos absolve, porque quando os ladrões vos sahiram ao encontro, vós ereis mais do que tres homens...

— Senhora, sim, eramos ao todo oito...

— E então oito homens não podiam ter luctado contra um bando de salteadores? perguntou a rainha.

— Podiamos, se estivessemos em estado de o fazer... Em todo o caso era essa a minha intenção e a do meu companheiro, quando Estevam da Guarda, ferrando os acicates no seu cavallo, que partiu a galope, nos gritou que fugissemos... Nós imitamol-o e seguimol-o...

D. Izabel, depois de pensar durante algum tempo no que acabava de ouvir, perguntou:

— Porque motivo Estevam da Guarda, que é um homem valente e corajoso, se recusou a luctar contra os salteadores e vos ordenou a que fugisseis?... E' isto que não percebo...

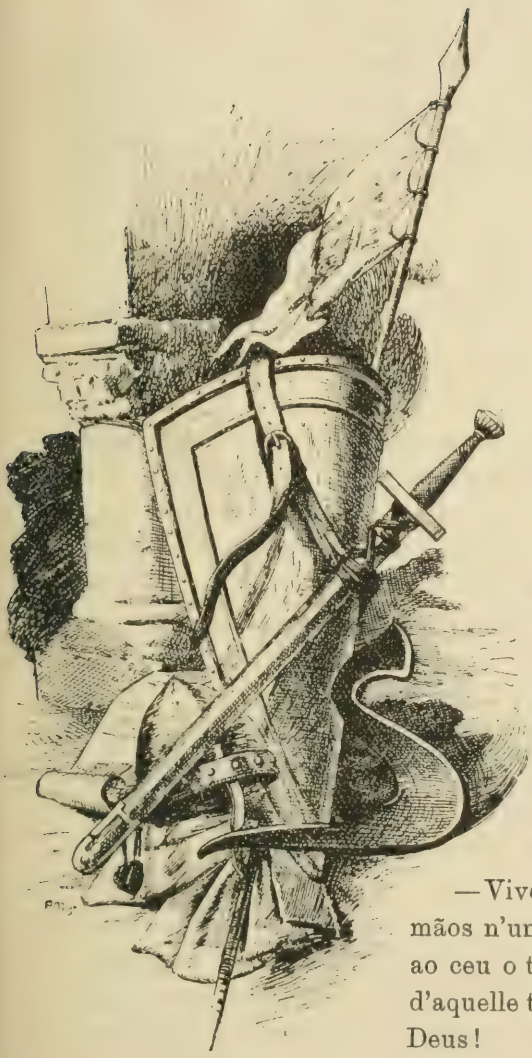
— E' porque se persuadiu que não estavamos em estado de luctar, observou o homem...

— Custa-me a acreditar no que dizeis, disse D. Izabel... E Estevam da Guarda já chegou á Alcaçova?

— Senhora, ainda não....

— Em elle chegando, prevenir-me-heis... Elle me dirá os motivos que teve para assim proceder.

D. Izabel, vendo que não conseguia obter mais nenhuma informação dos dois homens, despediu-os, e decidiu se a esperar pela chegada de Estevam da Guarda. Só o jogral do rei é que com effeito a poderia esclarecer sobre o que se havia passado depois que correra em auxilio do pagem. A alma da pobre rainha dilacerava-se com os mais desesperadores pensamentos. Conseguira salvar o seu infeliz adorador, obtendo-lhe o perdão do rei; conseguira que elle partisse para a côrte de D. Jayme, o rei Aragonez; refreando os impulsos de seu coração, a ternura do seu espirito, lográra dominar e quasi vencer o sentimento que nutria por esse bello adolescente. Fôra para ella um alivio a partida forçada do seu plangente e desditoso apaixonado. Mas agora que o suppunha morto, assassinado traiçoeiramente pelos ladrões, os olhos arrazaram-se-lhe de lagrimas ao pensar no fim que tivera o infeliz pagem, o coração opprimiu-se-lhe de desespero, o seu espirito encheu-se de saudosa ternura ao recordar as palavras apaixonadas e desoladoras que lhe tinha ouvido, ao lembrar-se da adoração que causara a esse homem. Chorou o e lamentou-o sinceramente.



CAPITULO LXI

Melhores noticias

ENHORA, disse Estevam da Guarda entrando na camara onde estava a rainha, cheguei agora mesmo e deram-me vosso recado... Sei o que me desejaes... E por isso vos digo que vos não deveis assustar... Antes socegae... Vosso pagem vive.

—Vive! exclamou a rainha, unindo as mãos n'um gesto de oração, e agradecendo ao ceu o ter-lhe salvo ainda uma vez a vida d'aquelle tão dedicado servo... Graças, meu Deus!

—Vive, senhora, mas está perigosamente ferido...

—E onde se encontra?... Porque o não trouxestes para a Alcaçova?

—Encontra-se n'um castello a bastante distancia d'aqui... Quando o encontrámos quasi morto, vertendo muito sangue de suas feridas e com dois punhaes cravados no peito, decidimos recolhel-o no primeiro solar que mais proximo enxergassemos... E assim fizemos... Esse solar era o de D. Auzenda Vasques...

— O da barregan do rei! disse a rainha... Mas n'esse caso não o poderei ver, não me é possivel visital-o!...

— Senhora, observou gravemente Estevam da Guarda, mesmo que vosso pagem se encontrasse n'outro solar, para socego d'elle e para que depressa se possa curar de seus ferimentos — se é que elles teem cura, o que ainda não sei ao certo — melhor será que o não visiteis... A impressão que vossa presença lhe produziria poderia ser lhe fatal...

A rainha, tendo-se concentrado durante alguns momentos a meditar no que o jogral lhe acabara de observar, disse-lhe por fim:

— Talvez tenhaes razão... Não o devo ver... Não o verei... Quero, porém, que me informeis de tudo quanto ha succedido e do que ha de succeder...

— Tudo sabereis, senhora... Apenas cheguei á alcaçova e logo que me deram vosso recado vim á vossa presença... Era minha intenção contar-vos o que se havia passado... E' por causa de vosso pagem que me tendes na Alcaçova a esta hora da manhã. . Venho a buscar mestre Pedro Nogueira para que elle lhe examine os ferimentos, lhe faça o curativo e diga se poderá ou não escapar... D. Auzenda — devo fazer-lhe esta justiça, senhora,— tem cuidado do pagem com verdadeiro interesse e com caritativo zelo...

— E el-rei já teve noticia do acontecimento? perguntou D. Izabel.

— Senhora, não... E acho que será melhor que de nada saiba...

— Por quê, senhor? perguntou D. Izabel com admiração e sem desconfiar de modo algum no que queria significar a prudente e cautelosa reserva do jogral.

— Porque, detestando o senhor D. Diniz como detesta o vosso pagem, desde que lhe attribuiu o ter sido a causa da morte de Diogo Aboim, o narrar-lhe a embuscada de que Fernam Garcia foi victima é dar-lhe motivos de jubilo e provocar-lhe algum novo desejo de vingança...

D. Izabel achou tão exacta esta observação de Estevam da Guarda sobre a indole do rei, que se conformou com a opinião do jogral.

— Bem, senhor, disse a rainha, que começava a fazer de Estevam da Guarda uma opinião muito diversa e muito mais favoravel da que até então tinha feito, resta-me agradecer-vos o que fizestes por esse bom pagem... Procurae mestre Pedro Nogueira, levae-o a

esse solar, e em elle dando a sua opinião sobre esses ferimentos, peço-vos que ma communiqueis...

— E' essa a minha intenção... Sereis obedecida, senhora!... Vou buscar mestre Pedro...

— Ide, senhor, e que Deus vos acompanhe...

Estevam da Guarda deixou a camara e foi desempenhar a sua missão.

CAPITULO LXII

Em tratamento

OBTENDO Estevam da Guarda facilmente de mestre Pedro Nogueira a promessa de que nada revelaria ao rei, o velho physico e o jogral montaram nos seus cavallos e dirigiram-se para o solar de D. Auzenda Vasques.

Quando ahi chegaram e entraram na camara, onde estava o pagem a castellã veiu-lhes ao encontro e disse-lhes:

—Ah! ainda bem que chegaes, senhores... E vós, mestre Pedro, vêde se algum bom remedio lhe podeis dar... Não calculaes o estado de agitação em que está... Profere palavras entrecortadas, de que não posso perceber o sentido... Emfim, ha já muito tempo que não socega...

—E' a febre que o faz delirar, observou o physico.

E aproximando-se do leito do enfermo, examinou-o attentamente. Como se demorasse muito n'este exame, o jogral, não podendo refrear a impaciencia, perguntou:

—Então, mestre Pedro Nogueira, o que dizeis?...

—Digo, senhor Estevam da Guarda, que o estado do pobre pagem é muito grave e que não sei se será possivel salval-o...

—Quando vós o não salvardes ninguem mais o salvará!... Tentae!...

O cavalleiro que vinha pela estrada (pag. 330)

—Vou tentar... Mas não vos devo occultar o grande perigo que corre a sua vida...

—Tentae, mestre Pedro, e Deus vos pagará!

O velho physico fez ao doente um demorado curativo. Parece que os balsamos que derramou nas feridas e o cosimento de hervas que lhe fez beber, aliviaram um pouco mais o enfermo.

—Já parece mais socegado, observou o jogral, vendo que cessára a agitação em que o doente se debatia.

—Está com effeito mais tranquillo... O cosimento de hervas que lhe dei a beber não tardará a produzir os seus beneficos effeitos e em breve adormecerá... E' com o somno prolongado que conto restabelecer o equilibrio das forças que perdeu com o muito sangue que lhe sahiu das feridas... Agora o melhor é retirarmo-nos e deixal-o socegar...

E como sahissem do aposento, o velho physico, reparando no estado adiantado da gravidez de D. Auzenda, disse-lhe:

— E vós, senhora, lembrae-vos que o estado em que vos encontraes não permitte que vos afadigueis... Deixae o enfermo a cuidado de vossas servas...

— Oh! não, mestre Pedro Nogueira!... Não me fará mal algum... Devo notar-vos que me compete cumprir os deveres de hospitalidade...

— Cumprireis do mesmo modo esses deveres, incumbindo vossas servas do tratamento do enfermo... Não é um conselho que vos dou... E' uma ordem, a que haveis de obedecer... É para que mais tarde não tenhaes que vos arrepender, soffrendo seriamente por causa de vossa obstinação...

A castellã, receando futuras complicações, prometteu conformar-se com a vontade do velho physico.

— Bem, senhora, ficae-vos na paz do Senhor! disse mestre Pedro Nogueira...

— E quando vindes? perguntou D. Auzenda...

— Conto vir ámanhã ou depois...

E com esta promessa o velho physico despediu-se e, acompanhado pelo jogral, voltou de novo para Santarem.

CAPITULO LXIII

Esperanças

BEM impaciente se mostrava D. Izabel pela chegada de mestre Pedro Nogueira e de Estevam da Guarda, para saber do estado em que o velho physico tinha encontrado o pagem.

Por isso, quando o medico e o jogral assomaram á porta da camara onde estava a rainha, esta perguntou ao physico, com uma anciedade commovedora, que mostrava bem que o sentimento que nutria pelo pagem ainda se não tinha apagado de todo, ou que pelo menos de novo se tinha acendido.

— Então, mestre Pedro Nogueira, como encontrastes Fernam Garcia?... Respondeis por sua vida?... Vamos, falae!... Ah! esse vosso aspecto triste e carregado adivinha-me desgraça!

— Senhora, socegae, respondeu o velho physico, esboçando um sorriso em seu rosto enrugado... Vosso pagem vive — e viverá, se Deus o permittir...

— Ha de permittir! affirmou com convicção a rainha.

— A doença é grave, muito grave mesmo... O estado do pobre pagem é bastante perigoso... Mas já lhe fiz o curativo e deixei-o mais socegado... Tende esperança... Tudo ha de succeder pelo melhor...

— Senhora, atalhou Estevam da Guarda, fiae-vos n'estas palavras animadoras de mestre Pedro... Ellas em sua boca teem um grande valor e dão-nos quasi a certeza de que vosso pagem escapará... Eu pelo menos assim o creio... Lembrae-vos quanto mestre Pedro Nogueira é cauteloso e prudente em seus dizeres...

O velho physico sorriu de novo e observou:

—E' o meu mister que assim me manda ser... Tendes com effeito razão, senhor Estevam da Guarda, notando a prudencia e a cautela com que falei á senhora rainha... E' que me competia não lhe dar a certeza da cura d'esse doente, quando eu mesmo não tenho essa certeza... Inclino-me a crer que elle sarará de seus ferimentos, mas não posso nem devo affirmal-o com segurança...

—Para a senhora rainha, vossas palavras equivalem quasi a uma certeza, notou o jogral, que desejava finalisar com as reservas assustadoras do velho e cauteloso physico.

Este entendeu nada dever respondər ao jogral, e, inclinando-se respeitosamente ante a rainha, deixou o aposento.

—Agora que mestre Pedro Nogueira se retirou, contae-me vós o que ha succedido... Peço-vos que me não enganeis... Mestre Pedro tinha razão... E' melhor falar a verdade, embora se soffra ouvindo-a e conhecendo-o, do que enganar-nos com esperanças vãs e que o tempo depois desmente...

—Senhora, o que vos disse é o que penso e é o que está no meu intimo... Nada mais vos tenho de contar... O que ha succedido já o sabeis... Tudo correu pelo melhor... Quando mestre Pedro chegou, o doente estava n'uma grande agitação... O physico fez-lhe o curativo, deu-lhe a beber um cozimento de hervas e pouco depois vosso pagem, já muito mais tranquillo, adormecia e o seu somno era calmo e socegado... Eis porque eu tenho esperança de o ver curado...

— Oh, sim! tambem eu conservo essa esperança! exclamou a rainha... E se ás vezes a duvida me assalta, depressa se dissipa para ceder o logar á quasi certeza de que elle sarará... Deus não ha de permittir que me engane... Já o salvou milagrosamente, quando el-rei lhe quiz dar a tão injusta morte que sabeis, tambem agora o ha de salvar!

— Assim o julgo, senhora, disse o jogral, despedindo-se de D. Izabel e retirando-se.

CAPITULO LXIV

A caminho

Foi longa a convalescença de Fernam Garcia. Durante trez mezes se prolongou a doença, com alternativas de melhoras ou de agravamento. Por fim mestre Pedro Nogueira permittiu-lhe o sahir, mas sem o considerar ainda em estado de emprehender a jornada de Aragão.

Estevam da Guarda estava impaciente com esta demora e desejava que o pagem emprehendesse o mais depressa possivel essa jornada.

E' que receava que D. Diniz désse com a presença do pagem no castello de D. Auzenda. O rei vinha quasi todos os dias visitar a castellã e nada mais facil do que, ou por engano de algum servo ou por que chegasse a horas em que o não esperavam, encontrar-se com o pagem ou descobrir os apozentos em que D. Auzenda o tinha escondido.

Fernam Garcia estava tambem desejoso de partir. Tendo perdido a esperança de tornar a ver D. Izabel, sentia-se ancioso por se encontrar bem longe d'aquelles logares onde tanto tinha padecido.

Mestre Pedro Nogueira por fim auctorisou-o a partir.

O pagem, acompanhado de Estevam da Guarda e de quatro ho-

mens, poz-se a caminho, depois de ter agradecido a D. Auzenda a hospitalidade e os cuidados que lhe prodigalisára durante a doença.

Foi por uma formosa tarde de outubro que Fernam Garcia emprehendeu a jornada. Estevam da Guarda prometteu acompanhal-o durante alguns dias.

— D'esta vez pareceis menos apprehensivo, observou o pagem ao jogral com um sorriso triste .. Lembrae-vos d'aquella medonha noite de ha trez mezes?

— Se me lembro! exclamou Estevam da Guarda... Nunca a hei de esquecer... Oh! mas agora não é a mesma coisa... O tempo está bom e vós não estaes, como então, obstinado em não querer acoitar-vos nas locandas que formos encontrando...

— A epoca é outra, amigo... Em outubro já não ha calores que nos empeçam de caminhar durante o dia... Por isso poderemos reservar a noite para o descanço...

— Assim devemos fazer... De dia não estamos tão expostos aos assaltos...

E continuaram dialogando por largo tempo, até que, surprehendidos pelo entardecer, buscaram hospedagem em uma locanda.

No dia seguinte continuaram a jornada.

— E' amanhã que vos deixo, amigo... Vós seguireis vosso rumo, e eu voltarei para junto de el-rei, onde me chamam os meus deveres...

— Como invejo a vossa sorte! exclamou o pagem com um saudoso suspiro...

— Não a invejeis que nada tem de invejavel... Pudera eu trocar o meu destino com o vosso que de bom grado o trocaria!... Ides ver longes terras... Ides para uma côrte onde vossos meritos hão de ser apreciados como mereceis... Espera-vos ahi um futuro de honras e de felicidades...

— Ah! senhor, não me faleis n'esse modo que, abris a chaga que me dilacera!... Eu, feliz!... Eu cheio de honras, de favores!... Mas para que me servem e que me importam? o meu maior desejo o meu unico anhelo era poder continuar a servir quem servia...

Estevam da Guarda, vendo que Fernam Garcia ia tocar n'um assumpto melindroso, mudou de conversa. O pagem obstinou-se porem em suas lamentações.

— Como já pouco tempo nos resta para praticarmos, vou revelar-vos um intento que ha muito me domina o espirito...

— E que intento é esse? perguntou o jogral.

— Intento, no caso de não poder esquecer na côrte Aragoneza as maguas que me opprimem, e esta tão grande dor d'alma, refugiar-me n'um habito de monge... Talvez que no socego do claustro encontre a paz e o esquecimento...

— Não penseis em tal! disse Estevam da Guarda... Aconselho-vos a que não façaes semelhante experiencia... No socego do claustro, entregue ao jejum e ás penitencias, sem as distrações que a côrte vos poderá proporcionar, vossas coitas, longe de se apagarem, hão de acender-se ainda mais, e sereis mil vezes mais desditoso e mais desgraçado...

— Não o creio, senhor...

— Pois deveis crer-me! observou com energia o jogral... Julgaes que basta vestir um habito para que as ruins paixões nos abandonem?... Enganaes-vos... Sob as vestes dos monges palpitam muitos corações que soffrem as mesmas maguas que vós soffreis!

— Mas conformam-se depois com a sua sorte!...

— Amigo, muitos ha que nunca se conformam... E se parecem conformados é porque sabem disfarçar as dôres que os dilaceram... Os votos, que juraram ante os altares, forçam-os a essa conformidade que, muitas vezes, é apenas apparente... Uma coisa só poderá mitigar a coita que soffreis: o tempo... E' elle que cura todos os nossos pezares, todos os nossos desgostos, todos os nossos desesperos...

— Nem sempre, senhor... Alguns ha que o tempo não vence e que só se curam com a morte...

— Esses são bem raros!. .

E como entrassem n'um povoado, os dois interlocutores mudaram de conversa.

— Já são horas de nos acoitarmos, observou Estevam da Guarda.

— Pois acoitemo-nos na primeira locanda que enxergarmos, concordou o pagem.

E os viajantes, seguidos de seus homens, entraram n'uma humilde estalagem.

CAPITULO LXV

A ultima terra portugueza

O romper d'alva, no dia seguinte, Estevam da Guarda e Fernam Garcia, com os seus companheiros, montaram nos seus cavallos e proseguiram na fadigosa jornada. Era por uma bella manhã d'outubro. O sol começava a apparecer e a alegrar os campos com a sua luz radiante. Corria uma leve aragem, que agitava as arvores, e fazia cahir as folhas amarelecidas. Os nossos viandantes chegaram a uma colina, toda coberta de vinha.

— Amigo, disse o jogral com um tom triste, dentro em pouco deixareis de pisar as terras de Portugal... Eu agora tomo por este caminho — e indicava um carreiro talhado a um dos lados da colina — e em breve estarei em Castello de Vide, onde vou a cumprir serviço d'el-rei... Tenho pois que abandonar-vos... Adeus, Fernam Garcia!...

— Adeus, senhor! disse o pagem saudando o amigo com a voz tremula de commoção... Nunça esquecerei que vos devo a vida!... E, como é provavel que nunca mais nos tornemos a ver, lembrae-vos que no reino Aragonez ou n'outra terra onde o destino me leve, ahi tendes um amigo para vos servir!

Veiu saudál-o respeitosamente (Pag. 342)

E, depois de se saudarem ainda uma vez, cada um d'elles seguiu o seu destino.

O jogral estugou o passo do seu cavallo, que desceu a colina rapidamente, e dentro em pouco entrava em Castello de Vide.

Fernam Garcia, continuou o seu caminho de vagar, entregue aos seus pensamentos desoladores.

Prolongava a vista saudosa pelos campos, pelas encostas das serras, pela verdura alegre dos pinheiraes e das vinhas, pelas casitas humildes que branquejavam n'um e n'outro ponto, esses ultimos lares da terra de Portugal, que elle ia deixar para sempre.

Lançou durante algum tempo o olhar melancolico sobre tudo o que o cercava; até que, percebendo que era forçoso arrancar-se a essa contemplação, onde deixava toda a sua alma, aferrou os acicates no cavallo n'um gesto brusco e rapido. O cavallo partiu a galope, fazendo uma grande nuvem de poeira, e dentro em pouco Fernam Garcia entrava no reino de Aragão.

FIM DA SEGUNDA PARTE

TERCEIRA PARTE

CAPITULO I

Cuidados do judeu

JACOB Usque já estava achando demasiado prolongada a estada de sua filha Sarah na côrte da rainha. Com effeito D. Izabel tinha-se affeiçoado á linda judia e custava-lhe a privar-se de seus serviços e de sua presença. Por mais de uma vez Jacob Usque tentara levar a filha para a sua casa de Lisboa, mas a rainha retardava sempre essa partida e o judeu deixava-se vencer pelo desejo de D. Izabel.

A filha, porém, fazia lhe muita falta. Era a alegria de sua casa, o enlevo de seus olhos. Quando, ao entardecer, recolhia cançado da faina e do labutar dos negocios, á habitação no largo da Mercê, era então que mais sentia a ausencia da sua querida Sarah.

Alem d'isto, uma outra grande preoccupação dominava o seu espirito. O judeu contava quasi oitenta annos de idade Não podia pois viver muito tempo. E a idéa de que não tinha ninguem a quem confiar a administração da sua immensa fortuna causava-lhe um profundo desgosto e uma seria inquietação. Se morresse de repente, sua filha, ficando senhora de todos os haveres, não teria quem a guiasse e di-

rigissse, e, como não entendia nada de negocios, haveria de ser não só muito prejudicada, mas até desfalcada. Se ao menos conseguisse casar Sarah com um homem da sua religião e da sua raça, confiaria ao genro a administração dos bens e guial-o-hia nos negocios. Depois, quando a morte lhe cerrasse os olhos, morreria ao menos descançado com a certeza de que o seu vasto negocio era continuado por alguem que tinha interesse em fazel-o prosperar cada vez mais.

Mas a paixão de Sarah por Alvaro Mendes tornou impossivel a realisação d'esta idéa.

Se ao menos sua filha tivesse esquecido esse fidalgo, ainda tudo se poderia remediar. Entre os judeus abastados não faltavam homens que fossem dignos de casar com ella e que decerto desejariam semelhante casamento. Mas Sarah todas as vezes que o pae lhe falava n'este assumpto, obstinava-se a repetir-lhe que queria ficar solteira e Jacob Usque não tinha coragem para vencer-lhe a abstinação.

CAPITULO II

Palavras animadoras

O judeu andava pela rua Nova no labutar do seu negocio, quando encontrou Judas Arabi, o thesoureiro da rainha. Havia muitos annos que eram amigos.

— Cada vez pareceis mais moço, senhor Jacob! exclamou Judas Arabi, sorrindo ao ver a rija e febril actividade do seu velho amigo e depois de o ter saudado affectuosamente... O annos não conseguiram affrouxar o vosso amor pelo trabalho...

— Que quereis, senhor? observou o pae de Sarah... Se eu proprio não dirigir os meus negocios, quem os ha de dirigir?... Não tenho ninguem em que deposite confiança... E é o que me preoccupa bastante... Poucos dias já posso viver... Oh! sim!... Não façaes esse gesto negativo e de duvida...

— Faço-o porque vos vejo robusto e forte e tenho a certeza de que haveis de enterrar muitos, explicou Judas Arabi.

— Pois sim... Mas as vossas palavras animadoras não me tiram os annos que já conto... Faço oitenta dentro de dois mezes, senhor... N'esta idade pouco se póde viver... Não me assusta a morte, nem a temo... O que me penalisa é o deixar a minha Sarah solteira e sem ter um homem para a guiar e para dirigir os bens que lhe deixo...

— E é isso o que vos desgosta e preoccupa! exclamou Judas Arabi... Mas é um mal que bem se póde remediar... Casae vossa filha... Não lhe hão de faltar pretendentes... Aqui, na rua Nova, conheço alguns mercantes da nossa religião que se dariam por muito felizes se podessem obter para algum de seus filhos uma esposa tão formosa e tão prendada como é vossa filha...

— Lisongeaes-me, senhor...

— Nos vos lisongeio, digo a verdade... E para prova do que disse, aconselho-vos a que faleis com o nosso amigo Ezequiel, que anda desejoso de arranjar mulher para seu filho Abraham .. Abraham é um esperto e activo moço... Sabeis o zelo e a sagacidade com que tem feito prosperar os celeiros do pae... Creio que era um moço que muito vos conviria para marido de vossa filha...

— Senhor, sim, muito me conviria, no caso que Sarah o quizesse receber como esposo... Mas não sabeis que minha filha, dês que foi salva por Alvaro Mendes, se apaixonou por este fidalgo... Combati esta inclinação... Minha filha attendeu os meus rogos e os meus conselhos... Soffreu, porém, tanto, que se definhou e emagreceu a tal ponto, que cheguei a temer por sua vida... Então a senhora rainha, a quem eu narrei a minha desgraça, offereceu-se para receber na Alcaçova a minha filha e distrahil-a... Acceitei este offerecimento e ha quinze mezes que a minha Sarah se encontra na côrte da senhora D. Izabel, sem desejos de tornar para casa... Tem-me feito muita falta... Tenho muitas saudades d'ella... E por mais de uma vez pedi á senhora rainha que ma deixe trazer... Porém a senhora D. Izabel aconselha-me a que a deixe estar na côrte, pois ahi poder-se-ha curar de todo, ao passo que, se voltar para minha casa, póde a sua saude correr de novo perigo... Se assim é, que fique na côrte, que fique lá para sempre!... Prefiro tel-a longe de meus olhos, mas sabendo que está com saude e que vive alegre, do que tel-a junto de mim a consumir-se e a definhar-se... Não é porém na côrte que poderei arranjar esposo para a minha Sarah... E é isso o que mais me preoccupa... Não queria morrer sem a ver casada, sem partir com a certeza de que um homem honrado e competente me ficava substituindo...

— E vós, senhor, já fizestes ver a vossa filha todos os perigos que pode correr, se acaso morrerdes deixando-a solteira?

— Senhor, sim, e por mais de uma vez... Não me attende...

Responde-me que eu tenho longos annos de vida e que me não devo preoccupar com o futuro... Que sempre lhe hão ficar bastos haveres para se sustentar... Que não tem ambições, nem deseja viver vida opulenta...

— E' esse sempre o falar da mocidade descuidosa e vã! exclamou Judas Arabi... O que vale é que os annos modificam estas idéas e vossa filha ha de tambem passar por essa modificação...

— Temo que, quando isso se dér, já seja tarde e já eu não esteja cá no mundo...

— Mas não vale a pena mofinhar-vos por isso, senhor... Ouvi-me... Tenho alguns annos menos do que vós, mas sinto-me muito mais cançado e abatido... No caso de que vos sobreviva, podeis contar que protegerei vossa filha e cuidarei de seus haveres com o mesmo cuidado e zelo com que cuido dos bens da senhora D. Izabel... Isto se não conseguirmos arranjar marido digno de vossa filha ou se ella se obstinar em querer restar solteira...

— Ah! senhor Judas Arabi, quanto vos agradeço!... exclamou Jacob Usque verdadeiramente commovido com o offerecimento e a promessa do amigo... Mas, apesar de tudo, vejo que não podereis cumprir com vossa promessa... O alto cargo que desempenhaes, os affazeres que tendes, não vos deixam tempo para poderdes tratar de outros negocios...

— Ha tempo para tudo, amigo, a questão é saber aproveital-o... Ficae-vos com a minha promessa — e estae certo de que não faltarei a ella...

— Senhor, deixae-me ainda agradecer-vos mais uma vez...

— Não, disse Judas, não me deveis agradecimentos. Tanto mais que não é muito provavel que se realisem as vossas tristes previsões... Se quizerdes, vossa filha casará... E então tudo ficará remediado... Mas se não casar e se vós lhe faltardes, dou-vos a certeza de que velarei por ella... Agora, porém, aproveito o ensejo para vos fazer um pedido.

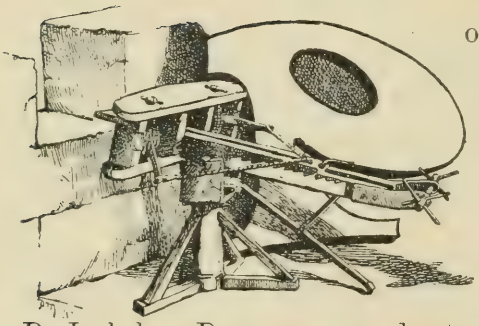
— Senhor, dizei!... Nada vos poderei recusar... Mas as horas do trafico acabaram... Começa a entardecer...

— Tendes razão... Acompanhar-vos-hei a vossa casa... Ahi estaremos melhor...

E Jacob Usque e Judas Arabi dirigiram-se para o largo da Mercê.

CAPITULO III

A eterna questão do dinheiro



ODEIS falar agora, senhor, disse Jacob Usque conduzindo Judas Arabi para um aposento, cuja porta cerrou cuidadosamente. Aqui ninguem nos interromperá.

— Sabeis, senhor Jacob, começou Judas Arabi, como são avultadas as rendas da senhora D. Izabel.. De sua casa e das terras onde exerce o senhorio recolhe todos os annos para cima de oito mil maravedis...

— Oito mil maravedis! exclamou o pae de Sarah com verdadeiro assombro.

— E ainda não é tudo... Se contar com o que a mais lhe obtem o meu zelo, chegará quasi a dez mil maravadis o que recolhe a senhora rainha cada anno... Pois bem... Apezar de recolher uma tão elevada quantia, não calculaes os sacrificios, os desgostos, as ralações que eu soffro para conseguir que o dinheiro lhe chegue... Gasta tudo em esmolas, obras de egrejas, bemfeitorias a seus servos, doações a conventos... Agora me acho eu verdadeiramente embaraçado para fazer face a tanta despeza... A senhora rainha quer dinheiro para fundar um hospital e uma egreja em Leiria, quer dinheiro para obras e reparações na egreja de Santarem, quer dinheiro para um mosteiro

Orava ferverosamente (pag. 347)

de Coimbra, quer dinheiro para o hospital de Lisboa... Neguei-lh'o... Disse com verdade e com energia que o não tinha, que não lh'o podia dar... Respondeu-me que o obtivesse fosse como fosse... Lembrei-me que lho poderia obter, cobrando adiantadamente ás gentes mais abastadas as rendas das cidades, villas e povoações que lhe pagam tributo... Disse-lho, mas recusou e prohibiu-me de tal fazer... E aqui

me tendes n'uma situação embaraçosa... Se lhe não dou o dinheiro causo-lhe um grande desgosto e um immenso dissabor... Se lho obtenho pela maneira que me lembrei, incorro no seu desagrado... Vejo-me forçado a recorrer a um emprestimo e lembrou-me que vós estaes nas condições de servir a senhora D. Izabel...

— Senhor, sim, não terei duvida de fazer o emprestimo á senhora rainha... Ha tempo arranjei um emprestimo para el-rei, e o senhor D. Diniz mostrou-se satisfeito pelas condições em que lho obtive... Mas devo dizer-vos que el-rei, em questões de dinheiro, me offerece muito mais seguridade e me merece muito mais confiança do que a senhora rainha... El-rei é um bom e astuto administrador, e, apesar de saber gastar á grande e de viver com um fausto de que não ha lembrança em nenhum outro rei de Portugal, não gasta além de suas posses e sabe enthesourar... E tanto que já me pagou uma boa parte do emprestimo que me pediu... A senhora D. Izabel não me offerece as mesmas garantias... Apesar de ter um thesoureiro como vós, gasta tudo e ha de cada vez gastar mais...

— Não é tanto assim, senhor Jacob Usque, não é tanto assim, atalhou Judas... Cá estou eu para lho não deixar gastar e para lhe pôr uma barreira á sua excessiva caridade...

— Não nego que vós não possaes fazer alguma coisa, respondeu Jacob Usque... Sois vós, com effeito, a minha unica garantia...

— E não achaes bastante?

— Senhor, sim, e por isso me não recuso ao emprestimo... Mas do que vos quero convencer é de que as condições não podem ser as mesmas com que emprestei a el-rei...

— Cuidado, senhor Jacob Usque, lembrae-vos que a rainha de Portugal ainda não está nos casos de acceitar um emprestimo em condições peores do que as de um mercante de pannos de Lyon ou algum tratante da rua Nova... Havereis de fazer para a senhora D. Izabel as mesmas condições que fizestes ao senhor D. Diniz... Não esqueçaes o que vos prometti com respeito a vossa filha...

— Senhor, não o esqueço, e por isso mesmo vos affiancei que nada vos recusaria...

— E' então não me recusar o que vos peço... Em poucos annos a senhora rainha vos pagará totalmente...

— E quanto precisaes? perguntou Jacob Usque, receando que Judas Arabi pedisse uma quantia exhorbitante...

— Bastam-me cincoenta mil maravedis, observou Judas, fixando os seus pequenos olhos nos olhos de Jacob, que não pestanejou.

Com effeito, este suppunha que Judas lhe iria pedir uma quantia muito maior.

— Como vêdes, não é muito... Em vista das rendas da rainha, em pouco tempo poderei pagar por inteiro essa quantia...

— Podereis ou não podereis... Se a senhora rainha augmentar cada vez mais os seus gastos, em vez de me pagar, o que fareis é tornar a pedir-me outro emprestimo...

— Não faleis em tal... Que não vos passe pela mente semelhante idéa... Affirmo-vos que nunca mais vos pedirei emprestimo algum para a senhora D. Izabel...

— Bem, senhor Judas, fio-me na vossa promessa... Amanhã vos obterei os cincoenta mil maravedis...

— Fica ajustado... Virei buscal os...

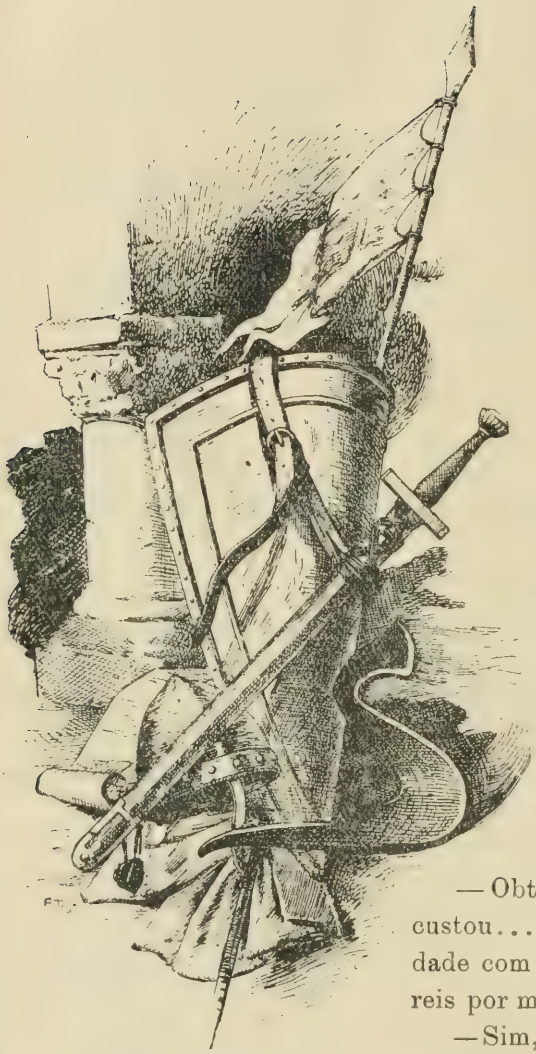
— Senhor, sim... E não esqueçaes o que me promettestes com respeito a minha filha...

— Não o esquecerei, respondeu Judas Arabi.

Os dois judeus despediram-se; e Judas Arabi sahiu do largo da Mercê em direcção á Alcaçova, satisfeito por ter obtido esse emprestimo, que tanto havia de contentar D. Izabel.

— Sirvo a senhora rainha, mas presto a mim mesmo um mau serviço, dizia comsigo Judas Arabi... Vou ter agora mais um motivo para me ralar e consumir... D. Izabel é muito capaz de querer gastar em pouco tempo o dinheiro que obtive de Jacob Usque... Mas não ha de gastar, não!... Não lho permittirei!... E se se encher de sanha contra mim, que me demitta de meu cargo!

Entregue a estas cogitações, Judas Arabi subiu a ingreme colina do Castello e entrou no paço.



CAPITULO IV

Mais uma rainha gastadora

ENHORA, — disse Judas Arabi á rainha, entrando no aposento da Alcaçova de Leiria, onde se encontrava então D. Izabel, — acabo de chegar de Lisboa... Fui ali com o fim de vos obter o dinheiro de que careceis...

— E obtivestes, senhor Judas?

— Obtive, senhora, mas bastante me custou... Espero que attendereis á difficuldade com que vol-o alcancei e que forcejareis por moderar vossos gastos...

— Sim, senhor Judas, hei de fazer o possivel por attender vossas solicitações... Mas os gastos são tantos!... Ha tanta miseria que aliviar! tantos pobres a soccorrer! tantas egrejas que construir!... Esta que desejo fundar em Leiria sob o patrocinio da Virgem Nossa Senhora não pode esperar muito tempo... Vae para um mez que lhe lancei os alicerces e depois d'isso teem as obras estado paradas, porque vós me negastes os meios para as continuar...

— Não vos neguei... Não tinha...

Diogo Aboim debatia-se desesperadamente (pag. 349)

— Bem sei... Oh! mas agora vão recomeçar de novo e com toda a actividade... Quero tel-as concluidas em menos de tres mezes...

— De tres mezes! exclamou Judas Arabi, assustado com semelhante desejo da rainha... Mas n'esse tão curto espaço de tempo não é possivel!...

— Não é possivel! E porque? Tenho ou não dinheiro?... Ha-

vendo dinheiro, posso fazer trabalhar nas obras da egreja tantos pedreiros quantos os que forem necessarios para que ella se acabe n'esse praso...

— Senhora, senhora! observou o judeu em tom plangente, vejo que não attendeis as minhas solicitações!...

— Attendo, senhor, attendo, respondeu a rainha, atalhando as novas e importunas censuras do seu thesoureiro. Mas a construcção d'esta egreja e do hospital é uma promessa que fiz á Virgem Nossa Senhora e não haveis de querer que a não cumpra!

— Senhora, insinuou o manhoso thesoureiro, uma promessa d'essas é com effeito sagrada... Mas creio que não promettestes cumpril-a dentro de tão curto prazo...

— Prometti cumpril a, e por isso, quanto mais depressa o fizer, melhor para a minha consciencia! respondeu D. Izabel resolutamente... Hei de, pois, cumpril-a!... Não vos deveis molestar, proseguiu D. Izabel em tom mais brando... Sempre que posso attender as observações que me fazeis, attendo-as, porque sei que sois um zeloso e fiel cumpridor de vossos deveres e a quem muito aprecio... Mas ás vezes, deixae-me dizer-vos, zelaes de mais os meus bens, zelaes como se elles fossem vossos...

— Mais do que se fossem meus, corrigiu subtilmente o judeu...

— Ou mais do que se fossem vossos, como acabaes de dizer... E' demasiado tanto zelo...

— Senhora, se eu vos não satisfaço, porque me não substituís? perguntou o judeu em tom humilde.

— Não, isso não, disse D. Izabel... Não vos substituo, nem vos substituirei, porque não encontrarei ninguem mais cumpridor do que vós, nem que me mereça a confiança que me mereceis... Mas vejo-me forçada a lembrar-vos que sou eu que mando no que me pertence, e que mesmo que gaste todas as rendas de um ou dois annos, não ficarei pobre por isso...

— Senhora, não ficareis pobre, mas podereis mais tarde acusar-me por terdes vossas rendas diminuidas pelos emprestimos que tendes que satisfazer ou pelos juros que tereis que pagar... Cabe-me prevenir-vos e precaver-vos para que não lanceis sobre mim essa responsabilidade...

— Oh! não! ficae tranquillo, que nunca vos acusarei por semelhante motivo... Já vedes que não tendes motivo para vos inquie-

tar... Agora ide, Judas Arabi... E dae as ordens para que amanhã recomecem as obras da egreja e do hospital de Leiria... Hei de vigiar essas obras e eu mesma irei pagar aos operarios...

— Senhora, cumprirei vosso mando, respondeu Judas Arabi, retirando-se verdadeiramente pezaroso por não ter podido vencer a teimosia gastadora da rainha.

CAPITULO V

Teimosia

No dia seguinte o thesoureiro veio participar á rainha que suas ordens haviam sido satisfeitas e que iam começar dentro de alguns dias as obras para a fundação da egreja e do hospital de Leiria.

— O tempo não vae muito propicio para as obras, senhora, ajuntou o judeu, aproveitando o ensejo para a contrariar e vingar-se assim das amarguras e dos dissabores que D. Izabel lhe tinha causado... Com a rigorosa invernia que tem feito e as grandes bategas de agua que teem cahido, olhae, senhora, se não será imprudencia começar agora os alicerces do hospital e da egreja...

— Não é, Judas Arabi, não é imprudencia... Tem cahido muita chuva, é certo, mas Deus Nosso Senhor ha de deixar que se lancem os alicerces d'esse hospital e d'essa capella, que prometti edificar ha bastante tempo sob o patrocinio da Virgem Nossa Senhora...

— Oxalá que vos não enganeis, senhora, atalhou o velhaco judeu... Em todo o caso vossas ordens foram cumpridas e dentro em pouco os operarios começarão o trabalho...

— Bem está, senhor...

Quando Judas Arabi se ia para retirar, entrou no aposento Estevainha Martins.

— Senhora, disse a camareira á rainha, um clerigo enviado de Domingas Peres, a vigaria do Mosteiro de Santa Clara de Coimbra, pede para vos falar... Diz que traz para vós recado urgente.

— Mandae-o entrar... O que me quererá Domingas Peres?

Pouco depois voltava Estevainha Martins com o clerigo. Este, tendo saudado a rainha com o respeito devido, disse-lhe:

— Senhora, venho do mando de D. Domingas Peres pedir a vossa protecção e vosso valimento... Com as grandes chuvas e as cheias do rio as aguas invadiram algumas das casas do Mosteiro... Duas já tombaram em ruinas e outras ameaçam cahir tambem... D. Domingas Peres está bastante afflicta, porque as freiras que com ella se encontram estão muito assustadas e querem voltar de novo para o convento de Santa Cruz... As aguas já se retiraram e a D. vigaria, para socegar as freiras, queria recomeçar a reconstruir as casas que cahiram e para isso pede o vosso valimento. D. Domingas Peres tem gasto quasi todo o dinheiro com o pleito que sustenta contra os monges cruzios, que, como sabeis, a querem despojar das doações feitas por D. Mór Dias, e eis o motivo por que pede o vosso auxilio...

— E eu não lho negarei, observou a rainha... E D. Mór Dias está em Santa Clara?

— Senhora, sim, está, mas de nada sabe, porque como é mui velhinha e como se encontra doente e alquebrada de forças por causa das privações, por que ultimamente tem passado, a D. vigaria tem medo de a acabar, dando-lhe a triste noticia.

— E fez bem D. Domingas Peres em nada lhe dizer, concordou D. Izabel... Bem está, senhor, voltae para Coimbra e dizei a D. Domingas Peres que auxiliarei as obras e entrarei com o necessario para a reconstrucção das casas que cahiram... Dentro em pouco partirei para ahi... Ide, senhor, e que Deus vos acompanhe.

O padre sahiu, e D. Izabel, lançando um olhar ao seu thesoureiro, observou-lhe:

— D'aqui a dois dias parto para Coimbra... Haveis de me dar o dinheiro necessario para levar a essas pobres monjas, afim de que ellas possam reconstruir as casas arruinadas... Ouvistes, senhor? perguntou a rainha ao judeu que, de tão raivoso que estava, tinha os labios cerrados com o firme proposito de nada responder... Ouvistes? insistiu de novo D. Izabel.

— Ouvi, senhora, respondeu Judas com o semblante pesado...

Obras em Leiria, obras em Coimbra, obras em Santarem, obras em Lisboa, e em tudo isso e muito breve se irá o emprestimo que vos obtive! exclamou o judeu, erguendo os braços n'um gesto de desespero.

— Socegae, senhor, que esse emprestimo ha de chegar para todas essas obras e para muito mais... Não receeis, que o não gastarei todo e me ha de sobejar ainda.

— Seguindo este caminho, não me parece, senhora... D. Mór Dias é rica e ha de ter para poder reconstruir essas casas que abateram, insinuou o thesoureiro...

— D Mór Dias de nada deve saber, senhor Judas... Não ouvistes o que disse o clerigo que me enviou D. Domingas Peres... Se D. Mór Dias é rica, eu, que sou a rainha de Portugal, sou ainda mais rica, e não me ficava bem não auxiliar essas monjas, a quem tenho protegido, e que hei de continuar a proteger...

— Senhora, far-se-ha como mandaes, concluiu Judas Arabi, desistindo de levantar mais objecções, e dando-se por vencido e resignado ante a obstinação da rainha.

CAPITULO VI

A lembrança de Sarah

D. Izabel, cumprindo a promessa que fizera á Domingas Peres, partiu para Coimbra. E as obras nas casas das freiras de Santa Clara começaram immediatamente.

A rainha, apesar do seu paço ser distante do convento, visitava quasi todos os dias as monjas, rezava na capela do mosteiro e ahi ouvia missa.

Era no mez de janeiro. Ás chuvas que tinham cessado quasi por completo, succederam-se dias radiantes de sol invernal. Em um d'esses bellos dias de inverno, D. Izabel, entrando n'uma camara da Alcaçova encentrou Sarah, a linda judia entregue aos seus trabalhos de custura.

— Estaveis tão entretida, Sarah, que nem destes por minha chegada, observou D. Izabel.

— Escusae-me, senhora, respondeu a filha de Jacob Usque... Estava a trabalhar para vós...

— Para mim?... Então estas lindas flores, que estaes a fazer, são para mim? perguntou a rainha...

— São para vós, senhora... Ha tempo ouvi lamentar-vos porque não tinheis flores para os altares dos templos que visitaes...

— Estamos em janeiro, Sarah... E n'um inverno que tem sido bem rigoroso... Como poderia eu ter flores n'esta epoca?

— Por isso mesmo me lembrei de vol-as fazer... Assim podereis com ellas adornar os altares de vossa devoção... Vêde estas rosas... Como as achaes?

— Estão lindas... Parecem verdadeiras... Que habilidade tendes, Sarah!...

E a rainha, tomando uma quantidade das rosas artificiaes, que a filha de Jacob Usque acabara de fazer, arranjou um ramo e poz-se a contemplal-o com admiração. Effectivamente as flores feitas de um bello tecido ora vermelho, ora branco, com as folhas recortadas e sobrepostas umas sobre as outras, imitavam com uma perfeição e delicadeza, impropria d'aquelle tempo rude e tosco, as rosas verdadeiras.

— E queria vosso pae que eu consentisse em apartar-me de vós! exclamou a rainha, lançando á filha do judeu um olhar agradecido... Não, Sarah, proseguiu D. Izabel, não consentirei que abandoneis o meu paço, a não ser por vossa propria vontade... Mas julgo que não vos achaes mal aqui, junto de mim...

— Senhora, acho-me muito satisfeita junto de vós e muito contente pelos favores com que me honraes, estando-vos até deveras agradecida pela protecção que me tendes dispensado... Em todo o caso meu pae é mui idoso e queixa-se do isolamento em que o deixo, e, tanto me tem rogado para voltar para Lisboa a fazer-lhe companhia, que me vejo forçada a obedecer-lhe dentro em pouco...

— Judas Arabi esteve ha dias em Lisboa com vosso pae e ouviu-lhe as mesmas queixas sobre a vossa ausencia... Judas Arabi aconselhou me a que vos deixasse partir... Não, Sarah, acostumei-me a vós, e custar-me ia muito que partisseis... Se Jacob Usque vos deseja ver, que venha quando quizer visitar-vos... Elle bem sabe que sempre lhe tenho feito bom acolhimento...

— Senhora, sim... Meu pae porem não pode abandonar por muito tempo os seus negocios e é esse o motivo por que me não vem ver mais vezes...

— Judas Arabi tambem me referiu um outro desejo de vosso pae: o de vos casar com um homem de vossa raça...

— Quanto a isso, senhora, meu pae já sabe o que lhe tenho sempre respondido... Não desejo casar-me... Não me casarei...

— Espero que um dia havereis de mudar de resolução, observou D. Izabel com um indulgente sorriso... Mais tarde veremos... Ficae-vos em paz, Sarah... Deixo-vos entregue ao vosso trabalho...

Mandal-o matar! exclamou Fernão Garcia (pag. 352)

D. Izabel retirou-se, e Sarah proseguiu na sua costura, preparando mais d'essas flores que tanto tinham agradado á rainha.

R. S.

CAPITULO VII

As rosas e o dinheiro

ENTRO de pouco tempo as casas das monjas de Santa Clara, que haviam sido derruidas pelas cheias do Mondego, estavam quasi reedificadas. Para se fazer a obra com esta rapidez foi preciso pôr a trabalhar um grande numero de operarios. Era a propria rainha que lhes pagava. D. Izabel, quando sahia do paço para este fim, levava no regaço o dinheiro para pagar aos trabalhadores e para as esmolas aos pobres, que, pelo caminho, lhe appareciam sempre em grande numero.

*

* *

N'essa manhã sahiu D. Izabel do paço de Coimbra, acompanhada por Estevainha Martins e por outras damas do seu sequito, pelos seus pagens e por frei Pedro de Serra. Tencionava ir pagar as ferias aos pedreiros, distribuir algumas esmolas pelos mendigos e dirigir-se depois ao mosteiro de Santa Clara para guarnecer os altares com as lindas flores, que a filha de Jacob Usque lhe tinha feito.

Ainda a rainha não transpuzera a porta do pateo do paço, quando

viu entrar D. Diniz, acompanhado de um grande numero de homens, que acabava de chegar de uma importante caçada.

— Boas dias, Izabel, disse o rei...

— Bons dias, senhor, respondeu a rainha, puxando um pouco sobre o seio as dobras do seu recheado avental, que segurava zelosamente, como para evitar que o rei visse o que continha.

Mas D. Diniz, a quem não escapou o gesto da esposa, perguntou-lhe, indicando o avental:

— O que levaes no regaço, senhora?... Á-la-fé que pareceis fazer um certo esforço para o segurar... E quer-me tambem parecer que não desejaes muito que eu veja o que ahi tendes... Desprezaes meus conselhos e minhas ordens... O que levaes é talvez dinheiro para dar de esmola a esses ruins pobres e a esses maus mendigos, que infestam sempre os caminhos por onde tendes de passar!... Venho da caça e toda a estrada por onde passei está cheia d'elles... E' que sabem que é a vossa hora de sahida...

— Enganaes-vos, senhor, respondeu D. Izabel um pouco enleada...

— Engano-me!... Vejamos se me enganei ou não... O que trazeis pois em vosso regaço? perguntou D. Diniz...

— São rosas, senhor, respondeu a rainha.

— Rosas em janeiro! Rosas no inverno! exclamou o rei no auge do espanto... Abri vosso regaço...

— Vêde, senhor, disse a rainha, vivamente perturbada, abrindo um pouco o regaço e mostrando ao rei as rosas artificiaes, que a filha do judeu fizera.

Como as flores estavam em cima do dinheiro este não se via.

D. Diniz viu com effeito as rosas e facil lhe foi perceber que não eram verdadeiras; percebeu tambem que, por debaixo das flores, havia alguma coisa de mais pesado do que ellas, mas fingiu não ter dado por tal. E' que o rei vira o estado de perturbação em que se encontrava a rainha, perturbação revelada em seu rosto atogueado e no seu olhar, que começava a humedecer-se. D. Diniz teve pena da sua esposa e não pretendeu mortifical-a.

— Bem está, senhora... São com effeito rosas... E a que destinaes tantas flôres?

— São para ornar os altares do mosteiro de Santa Clara...

— Ide pois com Deus, Izabel, respondeu D. Diniz, despedindo-se da esposa.

E com um sorriso ora indulgente, ora malicioso. acrescentou:

— Mas para a outra vez dispensae-vos de tornar vosso regaço tão pesado com tanta flôr... Deixae que vossas donzellas tambem levem algumas em seus aventaes.

D. Diniz entrou no paço e a rainha seguiu seu caminho.

CAPITULO VIII

O milagre

EM grande prodigio operastes, senhora, convencendo vosso incredulo esposo de que levaveis só flôres, e não esmolas, observou á rainha frei Pedro da Serra... Acabaes de operar um grande milagre com o auxilio de Deus...

— Calae-vos, frei Pedro, e não torneis a dizer semelhante coisa... Se o senhor D. Diniz me tivesse forçado a abrir de todo o avental e verificasse com as suas mãos o que continha, teria dado com o dinheiro...

— Mas foi por um milagre que elle se deu por convencido... Deixae-me que insista no que já affirmei, continuou o obstinado monge...

— Eu não fiz milagre nenhum, atalhou D. Izabel com energia... Milagres só fazem os santos e vós bem sabeis como eu sou uma grande e misera peccadora...

— Se vós não sois santa, senhora, quem o será? disse o monge... Acreditae-me... Foi um grande milagre o que acabastes de operar... Vós convencestes um incredulo... E quem senão os santos praticam semelhantes prodigios?...

— Frei Pedro, não posso consentir a que prosigaes por mais tempo... Não pratiquei prodigio, não fiz milagre algum... Não vos

permittirei que altereis d'esse modo a verdade... Bem sabeis como essa gente pobre acredita em tudo o que dizeis... Se vós lhe repetirdes que fiz um milagre são muito capazes de acreditar e de o ir repetindo de terra em terra.

— E não faz mal que o repitam, observou o manhoso frade... Lembrae-vos do proverbio: voz do povo é voz de Deus... Se vossa tia-avó, santa Izabel da Hungria, fez em tempo o milagre de transformar o dinheiro em rosas, vós acabaes de fazer um ainda maior, que é o ter feito ver a vosso incredulo esposo apenas as rosas em vosso regaço e não ver o dinheiro que tambem ahi se encontrava... Escusae-me se vos não obedeço... Mas não poderei calar este prodigio...

D. Izabel entendeu não dever responder ao teimoso monge.

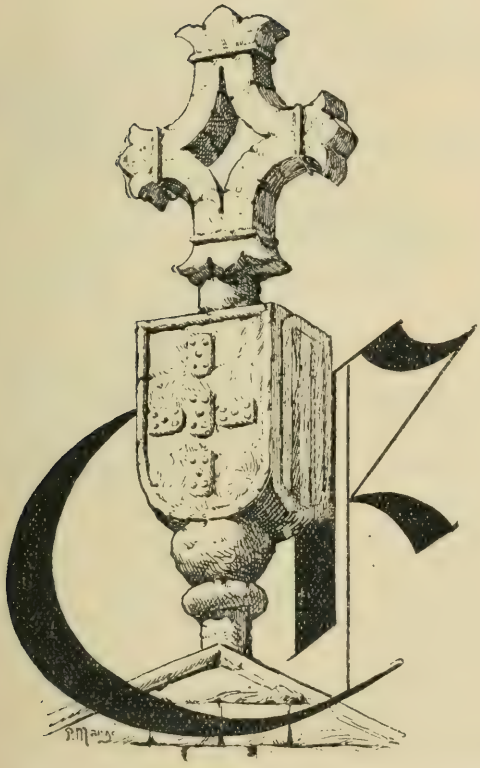
Chegando á casa das monjas de Santa Clara, começou a pagar aos pedreiros e outros operarios que trabalhavam nas obras, distribuiu esmolas aos mendigos, e apoz ter dispendido todo o dinheiro que trazia, entrou no templo e foi ornar os altares com as flores.

*

* *

Frei Pedro de Serra, não fazendo caso do pedido da rainha, contou depois a todas as pessoas que encontrava o grande milagre operado por D. Izabel. O frade narrava o caso, não como elle acontecera, mas como a lenda o attribuia a Santa Izabel da Hungria.

A lenda foi-se enraizando e dentro de pouco tempo não havia povoação portugueza por onde D. Izabel tivesse passado que não conhecesse o milagre do dinheiro transformado em rosas.



CAPITULO IX

A morte do judeu

Em principios de março, D. Izabel voltou de novo para Santarem. As monjas de Santa Clara de Coimbra, vendo reconstruidas as suas casas e vendo que as aguas do Mondego tinham descido, ficaram mais socegadas e agradeceram á rainha o interesse que por ellas tivera e todos os bens que lhes fizera.

Poucos dias depois da chegada a Santarem, Sarah foi prevenida por um servo, vindo a toda a pressa de Lisboa, de que seu pae estava agonisante.

— Senhora, informou o servo, vosso pae e senhor Jacob Usque deseja ver-vos...

— Meu pobre pae! exclamou Sarah com os olhos rasos de lagrimas... Oxalá que ainda chegue a tempo de o encontrar vivo!

A judia foi despedir-se da rainha e annunciar-lhe o triste motivo que a forçava a partir

D. Izabel abraçou-a e beijou a, e, apoz algumas palavras de consolo e animação, concluiu:

— Ide, Sarah, ide cumprir vosso dever de filha dedicada junto do leito de vosso pae... Pedirei a Deus em minhas orações que lhe dê vida e restitua a saude... Mas lembrae-vos que, no caso de vosso pae morrer, deveis conformar-vos com a vontade de Deus.,. Falo-vos d'este modo, Sarah, porque julgo que sois quasi christã e que em breve o haveis de ser de todo... Ide, pois, e que o Senhor vos acompanhe.

A judia partiu com o servo. Quando chegaram ao largo da Mercê, Sarah entrou pressurosa em casa, correu ao leito onde seu pae agonisava.

Jacob Usque ainda reconheceu a filha com o olhar. Mas não poude pronunciar uma palavra.

No dia seguinte expirava.

*

* *

Judas Arabi, segundo a promessa que fizera a Jacob Usque, começou a administrar os bens de Sarah até a completa liquidação de todos os negocios que o judeu deixara por liquidar.

N'esta liquidação forçada, a fortuna de Sarah ficou muito diminuida. Ainda assim era importante.

Sarah, depois de ter cumprido os seus deveres junto do corpo de seu pae, tornou para a côrte de D. Izabel.

A rainha distrahiu-a o melhor que poude e mitigou-lhe a dôr pela perda soffrida.

Agora, que desapparecera o maior obstaculo para a conversão de Sarah ao christianismo, D. Izabel desejava ardentemente que a judia recebesse baptismo,

A filha de Jacob Usque, a quem as virtudes da rainha já ha muito haviam tornado christã de coração, acedeu aos desejo da sua protectora e foi baptisada com grande solemnidade.

Conservou porém o mesmo nome de Sarah.

Mas o plano da rainha ainda não estava completo.

CAPITULO X

O casamento

No proprio dia em que Sarah recebeu o baptismo, Alvaro Mendes aproveitou o ensejo de se aproximar d'ella e disse-lhe:

— Sarah, nenhum obstaculo se oppõe agora á nossa união... Espero que acedereis ao meu desejo... Sabeis quanto vos amo... Sereis pois minha esposa...

— Senhor, atalhou Sarah, não recusarei ser vossa esposa, pois tambem sabeis quanto vos quero... Mas será melhor primeiro obtermos licença da senhora rainha, pois não desejo praticar acto algum que a possa contrariar...

— A senhora rainha de certo dará licença para nos unirmos... Não vedes como ella tem protegido os nossos amores?... Mas, para vos obedecer, falarei com a senhora D. Izabel... Ah!... Ahi a tendes...

Era com effeito a rainha que entrava no aposento, onde se encontravam os dois amantes e que, ao vel-os juntos, teve um sorriso benevolo e indulgente.

— Senhora rainha, disse Alvaro Mendes, venho pedir vos licença para casar com vossa afilhada Sarah... Ella consente em ser minha esposa, se vós derdes licença para este casamento...

— Não só dou licença para esse casamento, disse D. Izabel sinceramente commovida, mas quero que seja feito na capella do meu paço... Sois um honesto fidalgo, D. Alvaro Mendes... Sois digno de receber Sarah, a minha afilhada, e ella tambem é digna de vós... Quando ella se fez christã tive uma grande alegria .. Estava realisado um dos meus mais ardentes desejos... Mas faltava-me realisar o segundo... E não devo ocultar-vos que esse segundo desejo era vel-a unida a vós, D. Alvaro... Vós acabaes de dar me mais essa alegria... Por isso hei de pedir a Deus que vos faça felizes, como mereceis... Uma condição imponho, porém, para o vosso casamento... E de certo não recusareis cumpril-a...

— Senhora, vós mandaes, observou Alvaro...

— E' que Sarah não me abandonará... Viverá, quando lhe fôr possivel, em meu paço...

— Senhora, observou Sarah, pois cuidaveis que eu vos abandonaria!...

— Bem sei que não, observou a rainha... Mas os noivos são tão egoistas!... Não quero tambem dizer com isto que havereis de abandonar sempre vossas casas e terras para me seguir em todos os logares a que vá... Não... Mas o que desejo é que não esqueçaes que tendes deveres em minha côrte...

— Senhora, observou Alvaro Mendes, eu tambem pertenço á casa de el-rei o senhor D. Diniz e não poderia por isso deixar a côrte ..

— Bem está, D. Alvaro Mendes... Fica ajustado que vosso casamento se realise em breve...

*

* *

Alguns dias depois celebrava-se na capella da alcaçova de Lisboa o casamento de Sarah com Alvaro Mendes.

Os dois amantes, apoz tantos dissabores e tantas amarguras, vencendo todas as contrariedades, achavam-se emfim unidos e felizes.

CAPITULO XI

Tardia descoberta

INDA D. Izabel estava em Lisboa, quando recebeu um mensageiro mandado pelo seu irmão D. Jayme, o rei aragonez.

Na carta que lhe escrevia, D. Jayme acusava a recepção da que a rainha de Portugal lhe tinha enviado, contava como admittira entre o numero dos gentishomens da sua côrte a Fernam Garcia, e o modo como apreciava o talento e aptidão do antigo pagem de sua irmã, e terminava fazendo votos pela saude da rainha de Portugal e de seu esposo,o rei D. Diniz.

Quando D. Izabel fez ler esta carta ao rei, D. Diniz disfarçou o melhor possivel a surpreza que lhe causou o saber que Fernam Garcia tinha chegado ao reino de Aragão e não fôra morto pelos homens d'armas que elle tinha peitado para que o assassinassem.

Logo que D. Izabel se retirou, D. Diniz tratou de indagar o que se havia passado e como é que os homens d'armas, a quem ordenára que matassem o pagem, o tinham poupado. Mandou chamar aquelle que os comandara e disse-lhe encolerisado:

—Vós mentistes-me, Vasco Telles, quando me afiançastes que tinheis cumprido minhas ordens e que tinheis deixado morto Fer-

nam Garcia, esse pagem mau e perverso que eu ha mezes vos mandei que matasseis... Vós não o matastes!... Que elle está vivo... Chegou á côrte de Aragão .. Assim o diz esta carta, que tenho presente, de meu cunhado, o rei D. Jayme...

— Não é possivel, senhor! exclamou o homem d'armas deveras admirado... Não é possivel que Fernam Garcia escapasse... Vi-o, vi o, com estes meus olhos, senhor, pelo sangue de Christo vos juro, vi-o cahir por terra ferido de morte pelos ferros de nossos punhaes, e, quando iamos para nos retirarmos, ainda dei ordem a dois dos homens, que comandava, para que lhe cravassem duas adagas no peito, afim de o acabar, no caso em que ainda respirasse...

— O que é certo é que Fernam Garcia vive e póude curar-se de vossas punhaladas...

— Muito me admira, senhor, o que me dizeis! observou Vasco Telles... Como poderia ter escapado?... Quando lhe sahimos ao encontro, depois de lhe termos seguido os passos durante quasi toda aquella terrivel noite de tempestade, ainda me lembro que elle cavalgava ao lado de vosso privado, o senhor Estevam da Guarda...

— Estevam da Guarda acompanhava o pagem! exclamou o rei com espanto.. Mas só agora me contaes isso!... Porque m'o não dissestes ha mais tempo?...

— Não vol o disse, senhor, porque suppunha que Estevam da Guarda o acompanharia de vosso mando para que, quando o surprehendessemos, melhor podesse cahir aos golpes de nossos punhaes... Julguei que elle seria um vigilante para evitar que o pagem nos podesse fugir... Só me convenci do contrario, quando, na occasião do assalto, vimos o senhor Estevam da Guarda ferrar os acicates em seu cavallo e partir á desfilada, gritando para os homens que o acompanhavam que fugissem...

— Estevam da Guarda fugir! exclamou o rei, cada vez mais espantado...

— Senhor, sim, asseverou Vasco Telles... O pagem seguiu o, mas como seu cavallo esbarrou com uma arvore, veiu cahir junto de nós... Fernam Garcia puxou da sua espada e ainda tentou luctar, mas em breve cahiu sob a violencia dos nossos golpes...

— Mas o que ia fazer Estevam da Guarda acompanhando o? perguntou o rei, a quem a revelação do homem d'armas estava intrigando bastante... Eu não lhe dei a incumbencia que vós suppozes.

Deve contêr duzentos maravedis... (pag. 373)

tes... Assalta-me uma suspeita, disse D. Diniz, a quem uma idéa subita atravessou o espirito... Assalta me a suspeita de que foi Es-

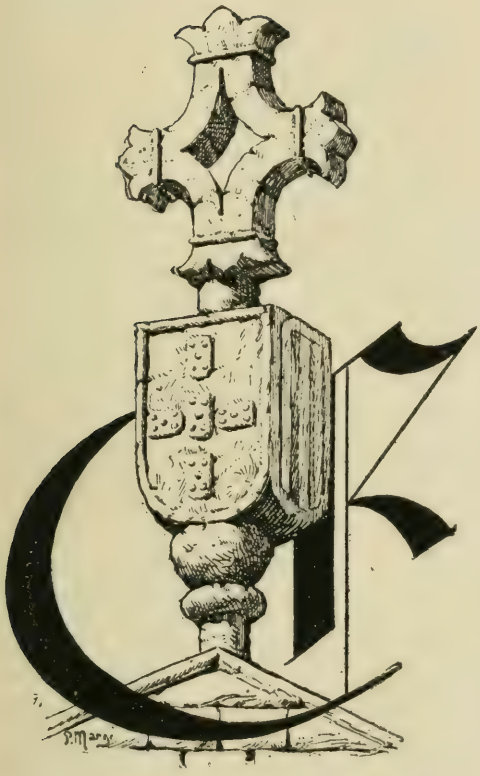
tevam da Guarda que salvou esse mau pagem... Tudo saberei em breve... Olhae, Vasco Telles, preciso de saber como tudo se passou e porque motivo esse homem, que mandei matar, me escapou ainda mais uma vez... Preciso de saber... E hei de sabel-o!... Vou falar com Estevam da Guarda, e se elle me não explicar o que quero saber, hei de interrogar os homens d'armas que vos acompanhavam e os homens que acompanhavam o pagem e o meu jogral... Conheceis estes?...

— Senhor, sim, alguns conheço, e quando quizerdes vos apontarei seus nomes...

— Bem está... Ide, Vasco Telles. . Se precisar de vós mandarei chamar-vos...

O homem d'armas sahiu.

D'ahi a alguns instantes Estevam da Guarda entrava no aposento onde se encontrava o rei.



CAPITULO XII.

Ajuste de contas

STEVAM da Guarda, disse o rei apenas viu o jogral, vem cá. Tens que me explicar uma coisa... Porque motivo acompanhavas Fernam Garcia, o pagem da senhora rainha, na tarde em que elle partiu para Santarem?

O privado de D. Diniz percebeu logo que o rei, sabendo que o pagem vivia e conhecendo pela revelação d'algum dos homens d'armas que elle, Estevam da Guarda, o tinha acompanhado, queria agora que lhe revelasse como e de que modo Fernam Garcia tinha sido salvo. Como Fernam Garcia estava longe e bem livre da colera ou da vingança do rei, Estevam da Guarda resolveu-se a confessar a D. Diniz o papel que tinha desempenhado na salvação do pagem, caso a isso fosse forçado.

Em resposta ao que o rei lhe perguntou, o jogral disse:

— Senhor, acompanhei Fernam Garcia porque, tendo tambem de partir em jornada, entendi dever aproveitar a companhia do pagem da senhora rainha.

— E porque foi que fugiste, quando esse pagem foi assaltado?... Porque o não defendeste, tu que tão valente és e tão corajoso?... Tiveste acaso medo dos salteadores?

— Senhor, não, bem sabeis que sou pouco habituado a ter medo... Já que me forçaes a dizer-vos tudo, tudo vos direi com aquella rudeza e sinceridade com que sempre vos soei falar... Se fugi e não luctei com os homens que nos assaltavam é porque sabia que elles não eram salteadores, mas sim enviados por vós para matarem o pagem...

— E como o soubeste? perguntou o rei.

— Estava no pateo da alcaçova de Santarem, quando vós destes a ordem a Vasco Telles, e, como tudo ouvira, resolvi empregar todos os meios para salvar da morte o homem que vós mandaveis matar, depois de lhe terdes perdoado...

— Estevam da Guarda! Estevam da Guarda! exclamou o rei, enchendo se de sanha... Cuidado com tuas palavras!...

— Podeis encolerisar-vos, senhor, atalhou o privado, mas não me fareis nunca arrepender de ter praticado uma boa acção .. Deixae, porém, que vos conte como salvei Fernam Garcia ..

— Não o quero saber! exclamou D. Diniz cada vez mais iroso... Basta-me saber que foste tu que o salvaste!... Que foste tu que te atravessaste em meu caminho e me impediste de praticar um acto de justiça e de punição!

— Não era um acto de justiça que praticaveis, senhor, mas um acto de inutil crueldade, deixae me que vol o diga!... Pois quê! vós o grande rei, o grande rei D. Diniz, que o povo venera e respeita como um monarcha justo e recto, depois de terdes perdoado a um homem, arrependido do vosso acto de generosidade, voltastes atraz com a vossa palavra de rei, e intentastes de novo mandal-o assassinar!.. E, em vez de me agradecer, por vos ter impedido de praticar essa má acção, ainda me acusaes!... Ah! senhor, de mais vos conheço, e é porque vos conheço, que vos affirmo que não ousareis punir-me pelo que fiz!

— Enganas te, Estevam da Guarda... Hei de punir-te!... Atreveste-te a muito! E mal me ficaria se te não punisse... Não vias que se quiz a morte d'esse homem era porque tinha justos motivos para a ordenar?... Esqueces o crime que elle cometteu?

— Senhor, não esqueço. . Mes esse crime já vós lhe tinheis perdoado!

Pediu esmola com grande lamuria. (pag. 380)

— Perdoei, é certo, mas depressa me arrependi d'esse perdão, e julguei em meu animo que o crime d'esse pagem era dos que mereciam a morte... E elle teria morrido, se tu te não atrevesses a contrariar meus designios...

R. S.

— Pois bem, senhor, já que assim o entendeis, castigae-me... Tenho, porém, a firme certeza de que mais tarde, não só me escusareis, mas ainda me ficareis reconhecido...

— Não, Estevam da Guarda... Nunca esquecerei que impediste que se cumprissem minhas ordens... Tenho-te tratado mais como um amigo do que vassallo... Mas d'esta vez não me deixarei cegar por esta amizade... Retira-te para Leiria... Ahi esperarás as ordens que te hei de enviar...

Estevam da Guarda sahiu sem proferir uma palavra.

E D. Diniz entregou-se a uma profunda meditação. Custava-lhe ter de castigar aquelle em quem depositava maior confiança, o homem que sobre elle tão grande influencia exercia, esse amigo que sempre fôra tão dedicado e tão leal.

O rei hesitava.

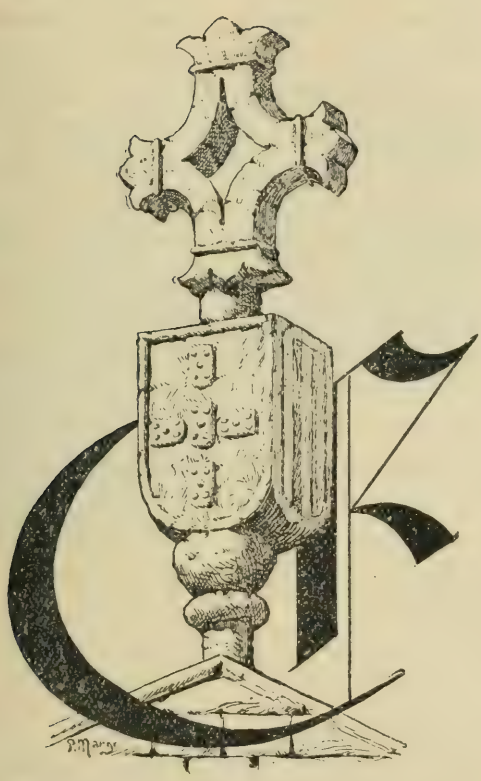
Se a razão lhe dizia que o devia punir, o coração, ao contrario, falava com uma força ainda mais convincente, e insinuava-lhe que o devia desculpar e absolver.

*

* *

Passou-se algum tempo sem que o rei tomasse qualquer resolução.

Por fim, os sentimentos de indulgencia dominaram-no, e, lembrando-se quanto devia a Estevam da Guarda, mandou-o chamar a Leiria e perdoou-lhe.



CAPITULO XIII

Golpe fundo

STEVAM da Guarda nenhum jubilo mostrou com o perdão do rei. E' que para elle já nada havia que lhe podesse causar jubilo. Um grande desgosto, uma immensa paixão refreada, tinham aniquilado este homem. Como elle é um dos personagens mais caracteristicos da nossa narrativa, entendemos dever referirmonos ao grande amor que o aniquilou e á terrivel desillusão que soffreu. Mesmo porque o leitor, ha de talvez ter notado que, sendo Estevam da Guarda um jogral, elle appareça n'este romance sob um aspecto que nada tem de jogralesco e até pelo contrario indica mais um individuo tristonho, macambuzio e melancolico.

E' tempo de explicarmos isto, que, á primeira vista, pode parecer um contrasenso.

Deve porem advertir-se de que o jogral na côrte de D. Diniz, era um trovador de veia um tanto comica, mas em nada semelhante aos bobos e jograes das côrtes de Sancho I, Affonso II e Sancho II, e das côrtes de muitos outros successores de D. Diniz.

Estes bobos eram, as mais das vezes, individuos corcundas, anões ou vesgos, ou com outra espantosa deformidade, a quem era permittido fazer toda a especie de momices e dizer toda a qualidade de chocarrices, de disparates e de insolencias.

Mui diverso era o mister do jogral na côrte de D. Diniz. Assim como Estevam da Guarda foi privado e ministro do rei, muitos outros jograes houve que desempenharam importantes cargos. No *Cancioneiro da Vaticana*, figuram algumas canções d'estes jograes e por ellas se póde ver que os sujeitos que as compuzeram deviam ter uma instrucção muito acima da mediana e deviam ter sido apreciados por um rei que, como D. Diniz, tanto apreciava e gostava de bons versos.

Estevam da Guarda, tendo começado a trovar, e tendo as suas primeiras trovas uma certa veia caustica e comica, foi pois classificado de jogral, mas sem que este qualificativo significasse nada de despresivel e o impedisse do ser, desde muito novo, o homem de maior influencia junto do rei.

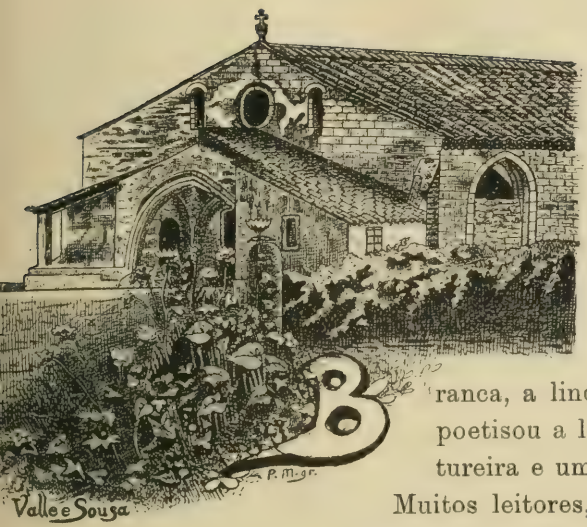
A indole caustica e jocosa de Estevam da Guarda, transformou-se n'uma indole tristonha e melancolica. Esssa transformação foi motivada por um amor, que o tornou para sempre infeliz.

Estevam da Guarda amou e foi amante correspondido de uma irmã de D. Diniz, a infanta D. Branca, que foi senhora de Lorvão e abbadessa das Holgas de Burgos:

«A real Branca, de Lorvão senhora»

como a cantou Garrett no seu celebre poema *D. Branca.*

Amou-a com a impetuosidade dos vinte annos; mas a infanta, considerando este amor como um simples desenfado para a sua alma aventurosa e inconstante, bem depressa se lançou nos braços de outros amantes, causando ao seu desditoso apaixonado um desgosto tão grande que o aniquilou.



CAPITULO XIV

D. Branca

Branca, a linda infanta a quem Garrett poetisou a lenda, foi uma grande aventureira e uma grande amorosa.

Muitos leitores, que teem sobre a nossa historia as noções fornecidas pelos sabujos e fradescos chronistas, talvez estranhem esta affirmação e talvez se achem habilitados a garantir a virtude mais do que problematica de muitas das nossas rainhas e princezas.

A esses só observamos que os frades, fazedores das chronicas, nos devem merecer a mesma confiança do que os necrologistas contemporaneos. Esses frades não teriam o minimo escrupulo em egualar, em seus louvores unisonos, as virtudes de uma Izabel de Aragão ás de uma Carlota Joaquina, ou o genio politico de um D. Diniz ao de um D. João VI.

Apesar d'esta falta de consciencia, quasi geral, nos velhos chronistas, alguns houve, que se referiram ás aventuras amorosas de D. Branca, e em termos tão claros, que indignaram fr. Francirco Brandão. Escreve este na *Monarchia Lusitana*,, (pag. 165. Sexta parte, ed. de 1672):

«Pois falei da infanta Branca, irmã de el-rei D. Diniz, não deixarei de me queixar do autor da mesma chronica de el-rei D. Affonso,

o qual sem admittir nos respeitos que se devem a semelhantes princezas, e o decoro com que se devem tratar, publicou sem fundamento hum defeito contra a fama e honestidade d'esta infanta, affirmando que fôra filho seu, D. João Nunes de Prado, Mestre de Calatrava. Do testemunho d'este autor o recolheram outros e com a mesma liberdade o publicam, não reparando na pouca fé que merece, etc.»

E mais adiante:

«Que se haja de julgar a impostura, o que da infanta escreveu aquelle chronista, se convence da grande estimação e respeito com que foi tratada em Portugal e Castella e das grandes mercês que el-rei D. Diniz lhe fez sempre, o que não fôra se faltara no resguardo de seu credito e no procedimento devido ao seu estado.»

O chronista que o autor da *Monarchia Lusitana* tão indignadamente verbera é Duarte Nunes de Leão que na Chronica de D. Affonso III escreveu [1]:

«As filhas que el-rei (D. Affonso III) houve foram a infanta Dona Branca, que foi senhora do mosteiro de Lorvão, e mais tarde foi mandada para Abbadessa do mosteiro das Holgas de Burgos, que é o mais nobre e mais rico mosteiro de freiras que ha em Hespanha. Esta senhora foi mui rica por que, alem das terras que lhe el-rei D. Affonso de Castella, seu avô, deu, teve n'este reino a villa de Montemór-o-Velho, que lhe deu seu pae, e a villa de Campo Maior, que lhe deu el-rei D. Diniz, seu irmão, afora a grande quantia de dinheiro que lhe os ditos reis, seu pae e avô, deixaram em seus testamentos. Com esta infanta teve amores um cavalleiro, que se chamava Pedro Steves Carpento, segundo o que escreveu a chronica del-rei D. Affonso XI de Castella, ou Carpinteiro, segundo Francisco Rades, na chronica de Calatrava, do qual pario um filho, que se chamou Juan Nunes do Prado, que foi craveiro da ordem de Calatrava, e depois mestre d'ella, quando o mestre D. Garcia Fernandes de Padilha foi privado do mestrado por seus erros.»

Para que um chronista como Duarte Nunes de Leão ousasse escrever o que acima se leu, era necessario que a fama das galantarias de D. Branca estivesse muito arreigada na tradicção popular e difficilmente pudesse ser desmentida.

---

[1] *Chronicas dos Reis de Portugal* por Duarte Nunes de Leão, tomo I, Lisboa, 774, pag. 279.

Foi pois esta princeza uma das poucas que durante a pesada e funebre idade-média aligeiraram os costumes e se distinguiram pela sua complacente amorosidade.

Estevam da Guarda amou-a ardentemente,

Passaremos a narrar como começou e como findou este amor, que tão decisiva influencia exerceu na vida do privado de D. Diniz.

CAPITULO XV

O encontro

Foi n'uma côrte de amor, no paço de Lisboa, que D. Branca e Estevam da Guarda se viram pela primeira vez.

O trovador, que então contava pouco mais de vinte annos, seduziu logo a infanta com os seus galanteios poeticos.

A infanta acceitou-lhe as trovas e elogiou-as muito.

Pouco a pouco estabeleceu-se entre ambos uma convivencia, uma familiaridade, onde se foi prendendo o coração de Estevam da Guarda e que a infanta saboreava com o ante-gosto que as mulheres experimentam pelas coisas prohibidas.

A infanta, começou, por curiosidade, por deixar-se amar; depois, já presa tambem, retribuiu-lhe o amor com toda a sinceridade impetuosa da sua indole ardente.

D. Branca orçava n'esse tempo pelos vinte e cinco annos, pois nascera em 1259. Tinha os cabellos loiros, os olhos azues de garça, a tez branca e leitosa, os labios grossos e vermelhos. Era uma das mulheres mais formosas da côrte. A sua estatura era elevada, como a da mãe, a rainha D. Brites ou D. Beatriz. Os seios opulentos indicavam o prodominio de desejos violentos e sensuaes. A boca tinha esse encanto

Seguiram pelo atalho (pag. 388)

mysterioso e atrahente das bocas das mulheres acostumadas a dar beijos.

Esta princeza exercia em todos os que a rodeavam uma attração dominadora.

D. Diniz, cujos costumes eram mais os de um deus pagão do que

os de um rei do christianismo, teve sempre uma grande estima e sympathia por esta sua irmã, que com elle tanto se parecia, e nunca teve forças nem coragem para lhe levar a mal os seus desregramentos e as suas proezas. A maior parte d'ellas fingiu sempre que as ignorava.

D. Branca, depois de receber os primeiros galanteios de Estevam da Guarda, partiu para a sua villa de Montemór-o-Velho. O jogral seguiu-a, e, após algum tempo, conseguiu vencer a resistencia da dama.

Durante dois mezes amaram-se livremente, sem que obstaculo algum lhe, viesse perturbar a felicidade.

Mas, tendo rebentado a primeira guerra entre D. Diniz e o seu irmão, o infante D. Affonso, o rei mandou chamar a toda a pressa Estevam da Guarda e exigiu que este o acompanhasse. O jogral partiu com o coração despedaçado, cheio de saudades. Uma coisa lhe mitigava o desespero: — a promessa de Branca de que sempre se lhe conservaria fiel.

CAPITULO XVI

O desengano

Um anno andou Estevam da Guarda n'essa guerra e quando ella emfim terminou, o jogral correu a Montemór-o-Velho com o coração cheio da ancia de tornar a ver sua amada. O seu amor era cada vez maior: augmentado ainda pelas saudades refreadas durante esses longos mezes em que estivera longe.

Ao entrar no paço da infanta esperava-o um terrivel desengano. Branca recebeu-o friamente, e, para justificar esta frieza, observou-lhe que receava ser compromettida e que a sua falta chegasse aos ouvidos do rei e de sua mãe D. Brites, e pediu-lhe por fim que deixasse Montemór.

— Senhora, como estaes mudada para comigo! exclamou Estevam da Guarda com amargura, e não podendo refrear os impulsos de indignação e de ciume, que as palavras da infanta lhe tinham produzido... Ao cabo de um anno volto pressuroso para vos apertar em meus braços, e vós recebeis-me d'esse modo!... Que estranhos acontecimentos se passaram?... Esquecestes as palavras que me dissestes quando parti?

— Senhor, nada esqueci, nem esqueço... Mas receio, como vos disse já, que o nosso culposo amor chegue aos ouvidos de minha

mãe a senhora D. Brites ou de meu irmão, o rei... E tambem me sinto doente...

— Doente vós, senhora! exclamou Estevam com interesse, dirigindo-se para ella de braços abertos, como para tomal-a e indagar amorosamente a causa de sua doença e soffrimento...

D. Branca, porém, que viu o gesto, recuou instinctivamente, e disse:

— Senhor, não, não vos approximeis de mim... Deixae-me, peço-vos...

— Tão assustada estaes, senhora, que até nem me permittis que me abeire de vós! disse o jogral, meneando tristemente a cabeça e contorcendo os labios e o rosto n'um sorriso de amargura... Tanta vez vos tive em meus braços e agora tanto vos assusta que eu vos queira tomar n'elles!... Á-la-fé que estou estranhando semelhante transformação!... O que quer isto dizer, senhora?... Vamos... Falae... Falae claramente, que já me estão custando vossas meias palavras e vossos recatos incomprehensiveis... Dizei o que tendes contra mim... Ah, Branca, Branca, como me estaes fazendo soffrer!... E eu que, depois de uma ausencia de tantos mezes, vinha ancioso por vos estreitar ao meu peito, com um amor ainda maior do que aquelle que d'aqui levei!...

— Não torneis a falar n'esse amor culposo, pois meus servos podem ouvir-vos, e mui me pejava que elles soubessem de minhas faltas...

— O que significam tantas precauções? perguntou Estevam da Guarda, já impaciente ante aquella calculada reserva da infanta...

— Significam que não desejo mais ser compromettida, senhor, respondeu a infanta com um misto de energia e de azedume, que não escapou ao seu apaixonado.

— Permitti que me admire de vosso tão tardio desejo, senhora, respondeu Estevam da Guarda n'um tom de ironia, que bem mal disfarçava o desespero de que estava possuido... Pois como assim! Quando eu aqui vinha, de dia, e de noite, a toda a hora, n'outros tempos, n'outros tempos que nunca hei de esquecer, não tinheis tantas precauções, nem tantos receios!... Não tinheis cuidado do que vossos servos pudessem dizer, nem receaveis que vossa mãe ou o rei soubessem de vossos amores?... O que vejo é que vós não me quereis dizer o motivo de vossa indifferença para comigo... Nem ao menos já isso vos mereço!

— Nada mais vos tenho a dizer, respondeu a infanta com um gesto de enfadada... Peço-vos que me deixeis... Estou-me sentindo cada vez mais doente...

— Não, senhora, não vos deixarei! exclamou Estevam da Guarda, não podendo refrear a colera... Não vos deixarei sem que me digaes o motivo porque me recebeis d'esse modo... Cuidado, senhora!... Vossas palavras começam a causar-me terriveis desconfianças!...

— Esqueceis a quem estaes falando! exclamou D. Branca... Parece que me ameaçaes... Não vos posso nem vos quero ouvir por mais tempo... Sahi, senhor, eu vol-o ordeno... E não me forceis a empregar outros meios para vos fazer sahir de meu paço.

— Vou deixar-vos, senhora, e para sempre, disse Estevam da Guarda refreando, tanto quanto lhe era possivel, a indignação que as palavras de D. Branca lhe tinham causado... Agora, sim, acabastes de me abrir os olhos... Vejo que sois a mais fementida e falsa das mulheres... Ficae-vos em paz... E que Deus vos possa perdoar todo o mal que me fazeis!

E o jogral sahiu precepitadamente da alçaçova de Montemór.

CAPITULO XVII

Frente a frente

QUANDO Estevam da Guarda deixou o paço da infanta, a sua primeira idéa foi seguir logo para Lisboa. Mas, além da grande paixão que sentia por essa mulher, que o tinha expulsado do seu solar, sem elle poder saber o motivo claro de tão inqualificavel procedimento, um outro motivo o forçou a ficar. Esse motivo era o desejo ardente de saber as razões porque D. Branca o repelira. Seria porque tivesse um outro amante? Esta idéa, que só agora lhe nascera no espirito, tomou raizes e levo-o ao convencimento de que D. Branca amava outro homem. Sentiu-se dominado por um ciume terrivel. E como quem ama como Estevam da Guarda amava não tem nem dignidade, nem orgulho, o jogral resolveu-se a ficar em Montemór, e vigiar de dia e de noite o paço da sua amada, a ver se descobria quem era o homem por quem ella o tinha abandonado. Pouco tempo se deteve n'esta indignação. As entradas continuadas no paço de D. Branca de um homem d'aquelles sitios chamado Pero Esteves, e ao mesmo tempo os rumores que ouvira da gente do povo, depressa o convenceram de que era esse homem o seu rival triumphante.

— Infame e perjura! rugiu n'um accesso desesperado de ciume

o pobre amante trahido... Não vos bastou o ter-me enganado e mentido com vossas falsas promessas, quizestes levar a ignominia ao ponto de me atraiçoar com um ruim villão!... Vós a descendente de reis, a irmã do rei de Portugal!... Bofé, que mais pareceis uma d'essas despejadas rascoas da moirama do que uma infanta portugueza!

Foi no largo, que ficava fronteiro ao paço de D. Branca, que o infeliz amante proferiu este ridiculo monologo, acompanhando o com gestos violentos e ameaçadores. Era em março, n'uma noite de luar. Estevam da Guarda tomara a firme resolução de não arredar d'ali pé sem que o seu rival sahisse da alcaçova da infanta. Queria esperal-o. Queria encontrar-se frente a frente com esse homem que lhe roubára a felicidade. Havia de o matar ou de ser morto por elle.

Depois de algumas longas horas de espera, o jogral, sentiu passos do lado do pateo da alcaçova e lobrigou um vulto de homem, que se propunha seguir o seu caminho. Estevam da Guarda tomou-lhe o passo.

— Antes de proseguir vosso rumo, dizei-me vosso nome... Quero saber se sois vós o ruim villão com quem tenho de ajustar umas contas... Descobri vossa cara...

E aproximando-se do homem, que vinha com o rosto encoberto em uma capa, Estevam da Guarda affastou-lha com um gesto rude e poude ver que se achava em face de Pero Esteves.

— Sois vós mesmo!... Sois Pero Esteves!

— E que me quereis?... Quem sois? perguntou o interpellado, vivamente surprehendido por um tão imprevisto encontro, mas tirando no emtanto pela espada.

— Quem sou? disse Estevam da Guarda, cheio de colera e de ciume... Quem?... Ousas perguntar-me quem sou!... Vae perguntal-o á mulher que habita n'esse paço!... Vae perguntal-o á tua amante, a essa infanta sem recato e sem pejo!...

— Senhor! exclamou Pero Esteves... Ousaes insultar a senhora infanta!... A irmã do senhor rei D. Diniz!...

— Sim, a irmã do rei e a vossa amante, a vossa barregan!

— Pela gorja! exclamou Pero Esteves... Vaes pagar bem caro os insultos que dirigiste á mui nobre senhora D. Branca!... Defende-te!

Estevam da Guarda, brandindo a espada, cruzou o ferro com Pero Esteves, dizendo-lhe:

—Tu é que te vaes defender, desbragado villão, e, se tens amor á vida, faze-o com habilidade, que eu vou matar-te e fazer presente ao diabo da tua alma damnada!

Os dois contendedores cruzaram os ferros; mas, apenas tinham começado o duello, quando um bando de homens, sahidos da alcaçova da infanta, correram sobre Estevam da Guarda e se apoderaram d'elle.

—Que significa isto? perguntou o jogral, debatendo-se e pretendendo desprender-se dos braços possantes dos que o seguravam... Deixae-me... Não sabeis quem eu sou?...

—Não sabemos, nem o precisamos saber, respondeu um dos servos que o tinha prendido... Recebemos ordem da senhora infanta para nos apossarmos de vós e vos conduzirmos preso para o castello e só temos que cumprir suas ordens... Ignoraes que a senhora infanta exerce o senhorio em suas terras e pode prender e castigar quem lhe approuver?... Vós perturbaes o socego da villa, a estas horas avançadas da noite, e a senhora infanta manda-vos prender... Obedecei como vassallo que sois da senhora infanta e acompanhae-me...

—Eu não sou vassallo da infanta! exclamou rudemente Estevam da Guarda... Deixae-me, já vol-o disse!... E cuidado! Olhae que podereis pagar bem caro a vossa ousadia!

—Acompanhae-me ao paço da senhora Dona Branca e deixae de me ameaçar... Receaes a justiça da senhora infanta?

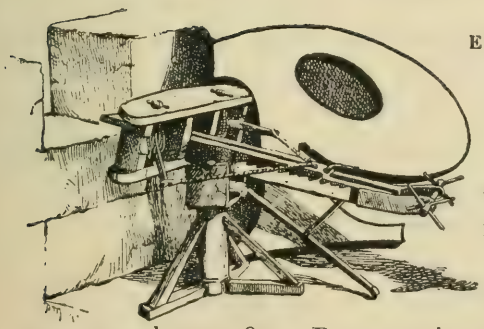
Estevam da Guarda respondeu a esta pergunta com uma gargalhada sardonica, que encheu de espanto os servos de D. Branca.

—A justiça da senhora infanta! disse o jogral... Boa justiça deve ella distribuir em suas terras!... Vamos, bons homens, vamos ver a justiça que contra mim exercerá a senhora infanta!...

E Estevam da Guarda, já sem mostras de resistencia, deixou-se levar pelos homens ao paço de D. Branca.

CAPITULO XVIII

Entre amantes



ERO Esteves acompanhou tambem os homens que levavam Estevam da Guarda.

Entrou no castello e correu á camara onde estava a afflicta infanta, cheia de susto e de receio.

— Senhora, disse Pero Esteves, porque mandastes prender esse mau homem?... Porque m'o não deixastes punir?

—E' que vós, Pero Esteves, ignoraes quem é esse homem...

—Seja quem fôr... Para mim não era mais do que o infame covarde que ousou insultar-vos e que eu ia fazer pagar bem caro os insultos que vos tinha dirigido... Quizestes tirar-me esse prazer, senhora... Quizestes tirar-me a honra de punir esse homem como elle merecia.

—Deixae, Pero Esteves... Deixae o caso por minha conta... Não vedes que, apesar de saber que sois uma boa espada, receava que esse homem vos causasse damno... Quando vós sahistes, corri á janella para vos ver ainda, e foi então que o ruido das vozes e o barulho das espadas me fez adivinhar a scena que se passou... Corri a chamar meus servos, desci ao pateo, e, á luz dos archotes, pre-

senciei o começo do vosso duello... Mandei logo os meus servos para que prendessem Estevam da Guarda...

— Estevam da Guarda! exclamou Pero Esteves... Pois esse homem era Estevam da Guarda!... E eu que o devia ter adivinhado!... Agora percebo tudo... Veiu a Montemór procurar-vos, e, como vós o repelistes, jurou vingar-se e saber o motivo porque o repelieis... Não aconteceu assim, senhora?

— Assim aconteceu, Pero Esteves...

— Mais um motivo para lamentar que vós não consentisseis que eu — e só eu — o punisse como elle merecia... E o que tecionaes fazer d'esse homem?..,

— Castigal-o como merece... Mas agora, Pero Esteves, retirae-vos... Ide com Deus...

— Senhora, sim, retiro-me... Mas olhae... Attendei ao que vos peço... Não vos inquieteis... Lembrae-vos do vosso estado...

E Pero Esteves dirigiu um olhar enternecido para o ventre da infanta. D. Branca achava-se com effeito em adiantado estado de gravidez. E foi pouco tempo depois d'estas scenas que pariu o filho de Pero Esteves, esse filho de que falaram Duarte Nunes de Leão e outros chronistas.

— Não tenhaes receio, Pero Esteves, que não me inquietarei.

Os dois amantes beijaram-se apaixonadamente. Depois Pero Esteves sahiu do castello e tomou o caminho de sua casa.

CAPITULO XIX

O jogral de novo ante a infanta

CONDUZI esse homem á minha presença, ordenou a infanta a um servo, logo que o amante se retirou. .

D'ali a alguns instantes Estevam da Guarda achava-se de novo ante a infanta, essa mulher por quem tanto tinha soffrido.

— Deixae-me a sós com este homem, ordenou a infanta aos servos, mas vinde logo que eu vos chame.

Os servos sahiram. D. Branca, cravando no jogral os seus lindos olhos, accendidos n'uma ira, que ainda a tornava mais formosa, disse-lhe:

— Estranho procedimento é o vosso, em verdade, Estevam da Guarda!... Porque me insultastes?... Por que insultastes aquelles que sahem de meu castello?... O vosso procedimento é indigno de um gentilhomem do côrte de el-rei D. Diniz!... Soubesse-o meu irmão e tenho a certeza que vos castigaria...

— Calae-vos, senhora, e não ouseis ainda por cima fingir-vos offendida... Aqui não ha gentilhomem algum, nem o senhor D. Diniz tem que ver com este caso... Bofé! que sois ousada no falar... Quem se esqueceu de quem era e de que linhagem provinha?... Quem trocou o gentilhomem por esse villão, esse Pero Esteves que foi carpinteiro?

— Despreso os vossos insultos... E que assim fosse?... Então por eu já vos não amar, por vos ter pedido que deixasseis meu paço e esta villa, insultaes-me, esquecendo quem sou e como vos posso castigar?... Sim, Estevam da Guarda, é verdade... Amei-vos, mas agora já vos não amo... Amo outro... Creio que posso amar quem me apraz...

— Assim é melhor, senhora, disse Estevão da Guarda... Prefiro ver-vos assim... Prefiro vêr-vos antes despejada do que enganadora... Um homem amou-vos como nunca tinha amado e como não ha de amar nunca... Vos jurastes-lhe amor... Esse homem teve de partir para a guerra e quando voltou encontrou a perjura nos braços de um outro!... E que outro!... Um villão!... Achaes isto muito natural e estranhaes até que esse homem, que foi trahido, não pudendo conter o seu ciume, vos exprobasse vosso procedimento e quizesse matar o seu odiento rival!

— Sou senhora d'esta villa, observou altivamente D. Branca, e não quero n'ella rixas, nem desordens... Se me prometteis que não mais as provocaes e que vos ireis de Montemór, mandar-vos-hei pôr em liberdade...

— Não acceito condições... Sou homem de um só parecer... Julgaes que eu terei bojo para, como vós, faltar ao promettido!... Porque não posso cumprir o que exigis, não vos prometterei coisa alguma...

— Então ficareis aqui preso...

— Eu preso á vossa ordem! exclamou Estevam da Guarda, a quem as palavras da infanta tinham produzido uma violenta excitação... Julgaes por ventura que eu supportarei semelhante irrisão!... Eu preso, sob os tectos do vosso castello! .. Ouvindo talvez os passos do villão por quem me atraiçoastes!... Não pode ser, senhora...

— E não será assim, se me prometterdes fazer o que vos pedi, disse a infanta com voz mais branda, e como que procurando convencer o jogral a partir para que não tivesse de o castigar com a prisão...

Ante o espirito da infanta tinha surgido de um modo bem nitido a impossibilidade de manter preso o jogral... Sendo o privado de D. Diniz, o rei havia de precisar d'elle... E D. Branca não podia contar a seu irmão o que se tinha passado entre ella e Estevam da Guarda.

...deixando no meio do caminho o corpo ensanguentado (pag. 392)

— Nada vos prometto e nada vos prometterei... Mas permitti que vos deixe... Vou sahir de vosso castello e oxalá que nunca n'elle eu tivera entrado!... Partirei para Lisboa onde se encontra el-rei, e procurarei esquecer-vos... Não procurarei encontrar esse homem, que me roubou o vosso amor... Mas se o encontro, onde

quer que seja, não me conterei e ou elle cahirá sob os golpes da minha espada ou da minha adaga ou eu cahirei aos golpes da sua espada ou da sua adaga... E' o mais que vos posso dizer... Quer isto vos satisfaça ou não, deixae-me sahir... Não quero estar mais tempo em vossa alcaçova... Nenhuma boa palavra vos posso dizer na despedida... Ah! não!... Enchestes-me o coração de muito fel e de muita amargura para que eu vos possa saudar!...

E Estevam da Guarda dirigiu-se para a porta, sem que D. Branca ou os servos lhe tentassem impedir a sahida.

D. Branca, quando viu o jogral fóra do castello, considerou-se na verdade feliz por se livrar d'aquelle importuno apaixonado, sem perigo de ter de provocar algum conflicto com o rei.

Estevam da Guarda, ao sahir da alcaçova de Montemór, recolheu á locanda onde se hospedára, e no dia seguinte partiu para Lisboa.

Só depois de muitos annos é que Estevam da Guarda poude esquecer a infanta. Mas quando conseguiu esquecel-a, já o coração estava gasto de tanto desespero e a alma cançada de tanto soffrer. A sua alegria dos vinte annos tinha desapparecido de todo. Nunca mais amou, nunca mais teve desejos de amar. Coração ferido, alma dilacerada, caminhou sempre na vida com esse véo de tristeza e de melancolia a escurecer-lhe o espirito.

D. Diniz notou a mudança que se tinha operado no espirito do jogral. Procurou indagar, e, depois de muito tempo, a muito custo, pois que nunca Estevam da Guarda ousou abrir-se com o rei e confessar-lhe a causa do seu desespero, conseguiu saber o que se havia passado.

O rei, que conhecia a indole da irmã, desculpou o jogral e até lhe dispensou maior protecção e mais confiança.

Tal é a historia dos amores infelizes de Estevam da Guarda com D. Branca.

CAPITULO XX

Aves de rapina

Mór Dias, a primeira fundadora do mosteiro de Santa Clara de Coimbra, era uma dama de mui nobre linhagem. Seu marido fôra um rico fidalgo, senhor de grandes haveres, entre o Mondego e o Douro.

Morrendo repentinamente, deixou toda a fortuna á sua viuva, D. Mór ou D. Maior Dias. Esta, que não era idosa, resolveu pedir, segundo um costume bastante vulgar n'essa epoca, para tomar o habito de Santa Cruz de Coimbra. Os monjes deram-lho facilmente.

Mas Mór Dias, ou instruida por anteriores exemplos da cubiça fradesca, ou como que prevendo os terriveis desgostos que a insaciavel avidez monastica lhe havia de causar no futuro, no acto de receber o habito protestou perante o grande numero das pessoas presentes que recebia aquellas vestes para maior resguardo da sua honestidade; mas que nem a sua pessoa, nem os seus bens ficavam pertencendo a nenhuma ordem religiosa.

D. Mór Dias continuou vivendo recolhida no mosteiro de Santa Cruz, mas administrando e zelando por seus bens.

Passado alguns annos teve a idéa de mandar construir junto da ponte do Mondego umas casas, afim de viver n'ellas com algumas

freiras. Pouco a pouco, foi-se-lhe desenvolvendo o amor e o gosto pelo sitio e pensa em fundar e dotar com grande parte de seus muitos haveres um mosteiro de Santa Clara. Para realisar o seu intento pede licença para esta fundação e obtem-na em 1283.

Tres annos depois, em 1286, n'uma propriedade que D. Mór Dias possuia junto á ponte do Mondego era lançada a primeira pedra do edificio. A festa realisou-se com toda a solemnidade e com grande assistencia de povo. O mosteiro foi dedicado a Santa Izabel e Santa Clara.

Santa Izabel, a quem o convento era dedicado, era essa princeza da Hungria, tia da rainha de Portugal, e a que já fizemos referencia n'um dos anteriores capitulos.

Era natural que os cortezãos para lisongear a esposa de D. Diniz celebrassem as virtudes d'esta santa por quem parece que D. Izabel tinha grande devoção.

D. Mór Dias, ou por que conhecesse a rainha ou por que desejasse obter a protecção d'ella para o mosteiro que ia edificar, ou ainda por um outro motivo desconhecido, dedicou o convento á santa princeza hungara.[1]

*

* *

Entram agora em scena as aves de rapina.

Damos a palavra ao dr. Antonio de Vasconcellos, que, como professor de theologia na universidade de Coimbra, parece que deve ser insuspeito no assumpto[2]:

«Os conegos de Santa Cruz, que nunca haviam contestado a liberdade de Mór Dias, deixando-a possuir e administrar os seus bens, certos como estavam de que a proprietaria por sua morte a ninguem mais os deixaria senão a elles, ficaram seriamente incommodados quando a viram dispôr de parte de sua fortuna a favor do mosteiro que ia fundar.

E' impossivel, por falta de documentos, estabelecer a chronologia d'esta demanda vergonhosa.

---

[1] Acerca d'esta fundação e da edificante historia que a ella anda ligada veja-se a obra do dr. Antonio Garcia Ribeiro de Vasconcellos *Evolução do culto de Dona Isabel de Aragão*, etc. Coimbra, 1894, 1.º vol.

[2] *Isabel d'Aragão*, obra já citada, pag. 74 e seg.

E os tres homens pegaram no ferido. (pag. 397)

O primeiro vestigio que encontro da contestação é o protesto feito por D. Mór Dias perante o bispo de Coimbra D. Americo, a 20 de janeiro de 1285, *declarando formalmeute, como nunca, nem ainda n'esse tempo* (em que recebeu o habito) *fora sua tenção ser Freira nas Donas de S. Cruz; nem do côro, nem conversa; e muito menos abrigar-se a essa Religião. Disse mais, que com este presuposto estava no seu mosteiro até poder concluir certos negocios, que lhe importavam muito.*

Os cruzios, querendo obstar a que lhes fugisse a fortuna de D. Mór, contestáram a validade da doação, allegando que aquella dona havia professado na sua ordem, á qual desde então ficára pertencendo a sua pessoa e bens.

Ia n'isto uma torpissima falsidade, mas a consciencia dos conegos não hesitou em lançar mão d'este meio para que a sua cubiça pudesse avidamente cevar-se nas grandes riquezas d'aquella boa senhora.

Era então prior do mosteiro de Santa Cruz D. Durando Paes, homem que a *Chronica dos Conegos Regrantes diz ser dotado de todas as partes requisitas para o tal cargo, porque além de ser bom Letrado e Prégador, e de vida aprovada, era de condição mui affavel, e brando e muy amigo dos Conegos.* E tão amigo era, que tratava de os enriquecer ainda á custa de mentiras e espoliações.

Foi este *santo* prelado quem principiou e dirigiu até ao anno de 1293, em que falleceu, a cruzada contra D. Mór Dias, chegando a fulminal-a com excommunhão pelo simples facto de ella reagir contra a injustiça e sustentar os seus legitimos direitos.

Por largo tempo correu a demanda, havendo varias appellações para Roma, sem poder chegar-se a um termo satisfatorio.

Emtretanto D. Mór continuava com extraordinaria coragem as obras do seu mosteiro.

A 2 de janeiro de 1287 havia-o ella entregue á ordem de Santa Clara representada por fr. Domingos de Benelo, visitador das freiras christas em Portugal, e fr. Abril Peres, guardião dos frades menores de Coimbra, os quaes ambos roboraram com os seus respectivos sellos a publica escriptura que d'isto se lavrou.

Chegáram a construir-se a igreja ou capella, o claustro, parte do dormitorio e algumas officinas.

Mas as perseguições dos cruzios não cessavam.

A rainha D. Izabel, de harmonia com el-rei seu esposo, apparece

como anjo de paz pretendendo congraçar as duas partes; nada porem consegue.

E' esta a primeira vez que encontramos a santa rainha protegendo *ostensivamente* a obra de D. Mór Dias.

Haviam-se juntado algumas senhoras em volta da fundadora de Santa Clara, umas vindas do mosteiro das donas de Santa Cruz, outras de varios conventos, e assim formáram uma pequena communidade. Emquanto se não organisavam regularmente elegendo abbadessa, assumiu a presidencia com o titulo de vigaria D. Sancha Lourenço, a qual, por sua morte, foi substituida por Domingas Peres.»

Esta vergonhosa questão durou até ao anno de 1311.

Nos capitulos seguintes encontrará o leitor outras noticias sobre tão indigno pleito e o modo como terminou.

CAPITULO XXI

A agonia de D. Mór Dias

Á anteriormente deixámos dito em que precario estado de saude se encontrava D. Mór Dias.

«Ralada de desgostos, cheia de trabalhos, victima da protervia clerical, D. Mór Dias sente-se falha de forças, e vê approximar-se a morte sem poder levar a termo a sua empreza que rida» [1].

Sentindo approximar-se a morte fez testamento em 29 de janeiro de 1302. Alguns dias depois, sentiu-se com vislumbres da antiga energia e mandou pedir á rainha D. Izabel para a visitar no seu leito de agonia.

D. Izabel, que se encontrava em Leiria, fez jornada para Coimbra, correndo assim ao ultimo apello da atormentada mulher.

Ao entrar na camara onde D. Mór Dias agonisava, D. Izabel abeirou-se do leito e disse-lhe, com voz tremula, e embargada pelas lagrimas:

---

[1] Dr. Antonio de Vasconcellos, *Isabel d'Aragão*, pag. 79.

— Aqui me tendes D. Mór Dias... Corri ao vosso chamamento... E como vos achaes?... Sentis-vos mais alliviada?...

— Senhora, quanto vos agradeço o terdes vindo! exclamou Mór Dias com certo custo, mas pronunciado as palavras com toda a clareza... Melhor não me sinto, senhora rainha... Isto tambem está por pouco... E pos isso vos solicitei que viesseis... Antes de morrer queria pedir vossa protecção para este mosteiro que fundei e para as donas que aqui se encontram... Conheceis o pleito que contra ellas e contra mim movem os monjes de Santa Cruz, que querem despojar o mosteiro dos bens que lhes doei... Vós que sempre nos protegestes, podereis agora, mais do que nunca, continuar a protegernos... Fiz ha dias o meu testamento e n'elle leguei quasi tudo quanto possuo a este mosteiro... Se os monjes vencem o injusto pleito, tudo quanto doei a Santa Clara e tudo quanto lhe lego passa para as suas mãos e estas pobras donas ficam reduzidas á miseria, e serão forçadas a refugiar-se n'algum outro convento... Vós senhora, que tendes tanto poder e tanta bondade, podeis proteger-nos... Não deixeis que o mosteiro de Santa Clara e de Santa Izabel seja despojado, nem que estas donas fiquem reduzidas á miseria...

Este longo discurso tinha causado um grande cansaço a D. Mór Dias. Por isso D. Izabel a interrompeu solicitamente, promettendo-lhe:

— Podeis estar tranquilla, D. Mór Dias... Julgo que vosso estado não é tão grave como julgaes... Mas se Deus Nosso Senhor vos chamar, podeis morrer socegada... Vossa obra não ha de perecer... Eu velarei por ella... Nem o mosteiro ha de ser despojado, nem as donas hão de ficar pobres... Affirmo-o, D. Mór Dias... Fiae-vos em minha palavra...

— Senhora, sim... Agora posso morrer tranqullla...

— Não faleis em morrer, atalhou a rainha, aconchegando a roupa á moribunda... Agora que já tendes minha promessa, tratae de socegar... Falastes muito e fizestes um grande esforço... Precisaes de descanço... Vamos, repousae... Eu velarei junto de vós...

D. Mór Dias obedeceu docilmente aos conselhos da rainha e dentro de pouco tempo adormecia.

CAPITULO XXII

O testamento

Mór Dias expirou em 12 de fevereiro de 1302.

No seu testamento entregava o governo de Santa Clara a Domingas Peres *«até que haja abbadessa, como ha de ser de direito»*, pedia a D. Geraldo Domingues, bispo do Porto, e a D. João Martins de Soalhães, bispo de Lisboa, que conservassem e amparassem o mosteiro, e terminava solicitando encarecidamente para a sua obra a protecção de D. Diniz. Legava quasi todos os bens a Santa Clara, sendo tambem uma parte a um hospital que fundára em Seira.

Por morte de D. Mór Dias, os monjes de Santa Cruz redobraram as instancias para vencer o pleito e formularam novas exigencias.

Requereram que o cadaver de D. Môr fôsse trasladado para o mosteiro de Santa Cruz, para se enterrar junto das suas irmãs na profissão; que Domingas Peres regressasse ao antigo convento, a que pertencia e d'onde nunca devera ter sahido; que se lhes entregassem os bens illegalmente deixados ao mosteiro de Santa Clara e ao hospital de Seira, por que toda essa herança lhes pertencia.

Este requerimento foi levado á curia romana.

D. Izabel, revoltada contra as novas exigencias dos cruzios e não esquecendo a promessa que fizera a D. Mór Dias, resolveu-se a pedir

a D. Diniz que interviesse. O rei, solicitado no testamento da fundadora do mosteiro de Santa Clara a que lhe protegesse a obra, tinha mostrado até então uma absoluta indifferença por toda esta demanda. Foi por isto que D. Izabel se viu forçada a pedir directamente a protecção do rei.

— Senhor, disse a rainha ao avistar-se com o esposo... Venho solicitar a vossa protecção para as donas do mosteiro de Santa Clara, a quem os frades de Santa Cruz de Coimbra querem despojar dos bens que lhes legou D. Mór Dias. A demanda do monges já foi enviada ao Santo Padre e venho portanto pedir a vossa interseção afavor das pobres donas de Santa Clara...

— Senhora, não, respondeu o rei... Não intercedo, nem intercederei... Se o pudera fazer, já o teria feito, quando me mostraram o testamento de D. Mór Dias, em que ella pede a minha protecção... Custou-me não poder attender os desejos d'essa boa dona... E mais ainda me custa, Izabel, não poder attender o vosso pedido... Mas no pleito entre frades e freiras não me quero intrometter... Não me compete... Talvez mesmo que as donas de Santa Clara ganhem em que eu não interceda... Não esquecestes, Senhora, as luctas que sustentei contra os monges e as acusações que elles me lançaram... Bastantes dissabores tive e bastantes desasocegos soffri n'esse tempo... Agora que os frades parecem acalmados não me convem ir atear-lhes de novo as iras por causa de uma questão de pouca monta... O que importa a final a essas donas serem freiras claristas ou freiras de Santa Cruz?

—Muito importa, senhor, atalhou a rainha, verdadeiramente pasmada pelo que acabara de ouvir a seu esposo e parecendo-lhe que elle tinha proferido uma blasphemia... Em Santa Cruz teem uma outra regra e os bens que ellas levam distribuidos pela communidade, que é muito grande, pouco lhes hão de aproveitar... Ao passo que em Santa Clara, n'essas casas a que tomaram amisade e a que se acostumaram, os bens legados por D. Mór Dias hão de lhes servir para continuar as obras do mosteiro, que pode vir a ser um dos mais formosos de Portugal...

— Se as donas de Coimbra contam com o vosso auxilio para que precisam do meu?...

— Tal não digaes, senhor... Vós sois o rei, ante quem os monges, apesar das revoltas a que vos referistes, se curvaram afinal...

Vós é que tendes o mando e que tudo podeis... O proprio Pontifice se inclina ante a vossa vontade...

— Por isso mesmo, senhora, que sou o rei e tenho o mando só devo mandar nas coisas que me competem e não me irei intrometter n'um pleito entregue ao Papa...

— Bem, senhor, já que não attendeis o meu pedido, ficae-vos com Deus...

— Ouvi ainda, Izabel... Porque não aconselhaes as donas de Santa Clara a que juntamente com os frades cruzios nomeem um arbitro que decida a contenda... E' o meio mais facil para que ella se resolva com rapidez...

— A difficuldade, senhor, está em encontrar esse arbitro que mereça a confiança das duas partes...

— Algum dos bispos que figura no testamento de D. Mór Dias ou outro prelado virtuoso e desinteressado... Aconselhae essas donas n'este sentido e vereis como tudo se pode remedear ainda...

— Aconselhal-as-hei, senhor, disse D. Izabel, despedindo-se do esposo, e sahindo do aposento.

CAPITULO XXIII

Sentença iniqua

O imprudente conselho do rei foi transmittido por D. Izabel ás donas de Santa Clara que, na melhor boa fé, propuzeram aos frades de Santa Cruz a nomeação de um arbitro para decidir o pleito.

Os velhacos cruzios não responderam logo, mas tentaram chamar ao seu partido o bispo de Lisboa, D. João Martins de Soalhães. Tendo conseguido comprar este bem pouco digno prelado, declararam que o acceitavam como arbitro.

As ingenuas donas de Santa Clara, como o bispo de Lisboa fôra dos nomeados no testamento de D. Mór Dias como protector do mosteiro, acceitaram-no tambem com jubilo.

As duas partes comprometteram-se a acatar a sentença do bispo de Lisboa, como pondo termo de vez á questão.

Em 2 de dezembro reuniram-se em Coimbra o bispo D. João Martins de Soalhães, o prior de Santa Cruz, D. Estevam Annes, com alguns cruzios, Domingas Peres, vigaria e representante do convento de Santa Clara, e, por parte da ordem franciscana, o guardião fr. Mathias com outros frades.

O bispo sentenciou que os bens que D. Maior tinha deixado a Santa Clara, pertenceriam d'ahi em diante a Santa Cruz, ficando ao hospital de Seira os que lhe legára a fundadora; que os casaes e

herdades, que esta deixára a Domingas Peres em sua vida, ficassem a esta ultima em quanto vivesse, passando depois aos conegos; que as freiras que tinham vindo de outros conventos, regressassem a elles ou fossem para outras casas da ordem de Santa Clara, e que Domingas Peres e as mais entrassem nas das donas de Santa Cruz; que visto que o convento de S. Francisco se achava muito arruinado, por causa das enchentes do Mondego, os frades menores tomassem posse das casas de Santa Clara com a sua egreja, bem como de um campo proximo.

«As pobres freiras, diz Figaniére [1] foram assim expulsas da sua humilde morada, abandonadas por todos, mesmo por aquelles cujo dever era protegel-as; pois que Domingas Peres não duvidou estar pela sentença, vendo que os seus interesses pessoaes lhe eram affiançados, e os franciscanos sahiram satisfeitos com o modico quinhão que lhes coubera n'essa espoliação de uma communidade pertencente á sua propria ordem.

Taes são os pontos que sobresahem n'esse pequeno episodio da historia monastica: a sêde do ouro era já n'esse tempo a paixão dominante d'aquellas innumeraveis congregações chamadas religiosas. Nem parece que devia ser de outra forma, pois que a parte util do papel que os conventos representavam na ordem social, estava quasi, se não de todo, preenchida: e por mais benefica que seja uma instituição, em cessando as circumstancias especiaes que a tornaram proveitosa, nunca deixa de decahir e degenerar, criando abusos que a transformam em cancro para a sociedade.»

---

[1] *Memorias das Rainhas de Portugal* por Frederico Francisco de La Figanière, Lisboa, 1859, pag. 188.

CAPITULO XXIV

Revolta das victimas

VICTIMAS da odiosa sentença que as despojava, as pobres donas de Santa Clara recolheram-se com Domingas Peres a Santa Cruz acatando resignadamente a decisão arbitral do bispo de Lisboa.

Mas os conegos de Santa Cruz, além de se recusarem a cumprir aquillo a que ficaram obrigados, infligiram ás pobres donas que com Domingas Peres tinham vindo de Santa Clara toda a especie de humilhações e de vexames, que ellas não puderam supportar por muito tempo, decidindo-se por fim a recolherem-se ao mosteiro que haviam abandonado. Foi o que fizeram.

A ex-vigaria de Santa Clara, talvez por que lhe começasse a doer na consciencia o ter annuido á iniquidade praticada e ter deixado calcar sem protesto as disposições testamentarias da sua amiga D. Mór Dias, indignou-se com a attitude escandalosa dos conegos sahiu de Santa Cruz e voltou para Santa Clara, protestando publicamente «que não queria mudar aquella Ordem, que fôra vontade de D. Mór Dias de se manter no dito logar.»

Os conegos, porém, não abrandam na sua furia odienta e perseguem de novo Domingas Peres e as donas que tinham fugido de Santa Cruz.

Para evitar mais vexames e uma tão obstinada perseguição a vi-

garia de Santa Clara, resolvida a executar a todo o custo o plano de D. Mór Dias, chama novamente em seu auxilio a rainha D. Izabel.

*

* *

A rainha encontrava-se então com a côrte em Leiria. Alguns annos antes D. Diniz tinha mandado semear o grande pinhal, com o fim de livrar a villa e as povoações circumvisinhas das ventanias, que, impellindo grandes nuvens de areia, tantos incommodos e prejuisos causavam aos habitantes d'aquelles logares.

Depois, quando os pinheiros começaram a crescer e a levantar para o ceu os seus lindos troncos verdes, D. Diniz comprazia-se em viver algum tempo em Leiria, junto d'esse vasto areal que mandára arborisar.

D. Izabel achava-se pois em um aposento da Alcaçova de Leiria, quando Estevainha Martins lhe veio dizer que Domingas Peres lhe desejava falar.

A rainha, vivamente surprehendida, mandou entrar a vigaria de Santa Clara. Domingas Peres, chorosa e afflictiva, lançou se aos pés de D. Izabel e disse-lhe, por entre os soluços:

— Senhora, sabei que sahi de Santa Cruz e me recolhi de novo a Santa Clara com as outras donas que comigo tinham sido forçadas a entrar no mosteiro dos cruzios... Já não podiamos supportar os vexames e as humilhações que nos infligiam...

— Estranho é na verdade o que me contaes, Domingas Peres!... Mas antes que prosigaes no que tendes para me dizer, erguei-vos e tomae assento a meu lado... Deveis vir afadigada da jornada...

E como a vigaria de Santa Clara se obstinasse em não se erguer, foi a rainha que a forçou a levantar-se e a sentou junto de si.

— Agora sim, agora vos attenderei melhor, observou D. Izabel... Falae...

— Recolhida com as outras donas em Santa Clara, os frades cruzios tentam perseguir-me de novo, invocando a sentença do D. Bispo de Lisboa, que elles foram os primeiros a não cumprir... Mas eu e as outras donas estamos decididas a luctar e a satisfazer a vontade de D. Mór Dias, a nossa santa bemfeitora, que Deus haja... Mas para isso precisamos de vossa protecção, senhora rainha... Nós já

... eu agora tomo por este caminho (pag. 420)

tanto vos devemos, mas sentimos que nosso mosteiro não poderá viver e resistir aos odios dos monges de Santa Cruz se vós não vindes de novo em nosso auxilio...

— Bem está, Domingas Peres, disse a rainha resolutamente... Fui eu que, mal aconselhada por el-rei o senhor D. Diniz, vos lem-

brei que apelasseis para a sentença do D. Bispo de Lisboa... Fui eu pois a culpada de tudo quanto depois vos aconteceu... Quero remedear o mal, e eu vos afianço que o remedearei... Deixae-me porém falar com o senhor D. Diniz e da minha pratica com el-rei vos darei conta e combinaremos então o que fôr melhor... Ide descançar, Domingas Peres, que devereis estar precisada de repouso... E ficae socegada que tudo se ha de fazer em bem.

Domingas Peres, tendo agradecido á rainha em phrases de enternecido reconhecimento, retirou-se e recolheu-se á camara que D. Izabel lhe tinha mandado preparar.

CAPITULO XXV

Pertinacia do rei

QUANDO D. Izabel foi procurar D. Diniz, encontrou o rei praticando sobre negocios do estado com Estevam da Guarda.

— Que pretendeis, Izabel? perguntou D. Diniz, percebendo na attitude da rainha e em seu rosto magoado, que algum desgosto grave a affligia... Pareceis pezarosa, senhora...

— Senhor, sim, respondeu D. Izabel, um grande pezar me atormenta e um grande remorso me persegue, por ter attendido vosso conselho com respeito ao pleito que os frades de Santa Cruz de Coimbra moviam contra Domingas Peres e as pobres donas de Santa Clara... Escuso de vos contar o que sabeis tão bem ou melhor do que eu... A má sentença do D. Bispo de Lisboa, vosso chanceler, escolhido como arbitro, arrancou ás donas de Santa Clara os bens que D. Mór Dias lhes legára.

— Mas deixou a Domingas Peres aquelles que D. Maior lhe doou em seu testamento, observou o monarcha que, embora comprehendesse a iniquidade da sentença do seu chanceler, o desejava comtudo defender... Já vêdes que alguma coisa é, e que esta sentença não foi tão má para a antiga vigaria de Santa Clara...

— Boa ou má, os frades de Santa Cruz não a querem a cumprir, atalhou D. Izabel...

— Que dizeis, senhora! exclamou o rei admirado... Como o soubestes?

— Soube-o por Domingas Peres, que veio a Leiria pedir-me protecção para ella e para as donas que tinham recolhido a Santa Cruz, mas que, não podendo supportar as perseguições e os vexames dos cruzios, decidiram a tornar de novo para Santa Clara...

— Então Domingas Peres, depois ter acatado a sentença do D. Bispo, desobedeceu e voltou para Santa Clara? perguntou o rei.

— Senhor, sim... Mas deixae-me dizer-vos o resto... Que ainda vos não tinha dito... Domingas Peres só sahiu de Santa Cruz, quando viu que os monges cruzios lhe não queriam entregar os bens que D. Mór Dias lhe legára e que a sentença do bispo mandava que lhe entregassem...

— E vós que quereis que eu faça, senhora? perguntou o rei um tanto impaciente...

— Quero que me ajudeis a remediar o mal que causastes, mau grado vosso, a Domingas Peres e ás outras donas... Tendes o nome de rei justo e não devereis soffrer que a sentença do D. Bispo, do vosso chanceler...

— Do D. Bispo, corrigiu o rei, do D. Bispo só deveis dizer, por que foi como ministro de Deus e não como chanceler do reino que elle foi escolhido para arbitro d'esse pleito entre frades e monjas...

— Pois seja, condescendeu a rainha... Não devereis soffrer que a sentença do D. Bispo, mesmo má como é, não seja cumprida na pequena parte que beneficia a Domingas Peres...

— Bastas vezes vos disse, senhora. que me não quero intrometter nas questões entre monges... Bastante arrependido estou por vos ter dado esse conselho que me exprobastes...

— Quereis deixar pois Domingas Peres e as donas de Santa Clara sem protecção e entregues ás perseguições e aos odios dos monges cruzios, que tanto poder teem e que até conseguiram voltar a consciencia do D. Bispo chanceller? perguntou D. Izabel com amargura...

— As donas de Santa Clara não precisam de minha protecção, senhora... E' que torno a dizer-vos: não me quero intrometter n'esse negocio... Não protegerei nem os monjes de Santa Cruz, nem as donas de Santa Clara... O que vos peço, Izabel, é que me não torneis a falar d'essa longa e importuna questão... Tenho as questões

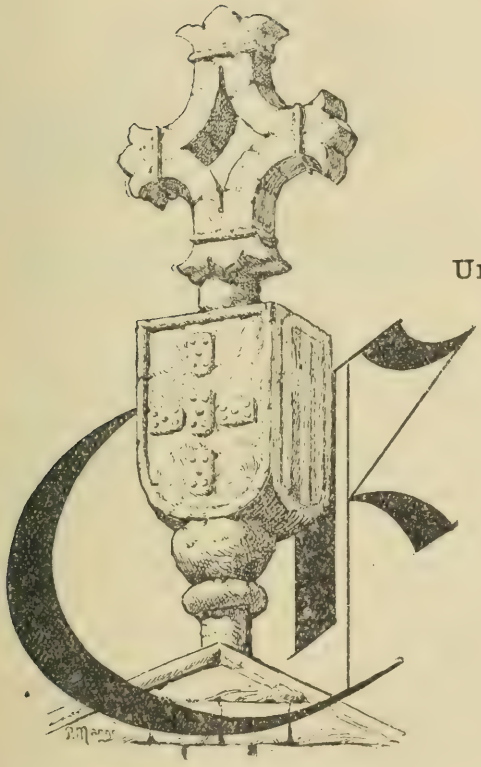
— Mas não vale a pena mofinhar-vos... (pag. 427)

do estado que me dão bastantes cuidados e essas é que é força resolvel-as... Se me permittis continarei minha pratica com Estevam da Guarda...

— Continuae vossa pratica e escusae-me ter-vos interrompido, disse a rainha com uma voz tremula, mas que desejava tornar se-

rena, para esconder o despeito que a dominava... Com Deus me vou, senhor... Farei eu por as donas de Santa Clara tudo quanto puder, já que vós, o rei, as não quereis ajudar... E se o Senhor me der vida ellas não hão de ficar desamparadas...

Como D. Diniz entendesse não responder a estas palavras de sua esposa, D. Izabel retirou-se e recolheu á sua camara, firme no seu proposito de auxiliar com o seu valimento e com os seus muitos bens a obra encetada por D. Mór Dias.



CAPITULO XXVI

Um ministro concussionario

STEVAM da Guarda, ao ficar só com o rei, observou-lhe:

— Senhor, pelo que pude perceber de vossas palavras e da recusa que oppuzestes ao pedido da senhora rainha, achaes justa a sentença do D. Bispo e daes razão aos monges de Santa Cruz.

— Nem uma coisa, nem outra, respondeu D. Diniz... Em minhas palavras não havia nenhum proposito occulto... O unico motivo porque não quiz auxiliar os monges, foi o que disse... Entendo que me não compete fazel-o... Não entendes que procedi como devo?

— Vós o sabeis melhor do que eu, respondeu o privado evasivamente...

— E'assim que respondes ao que te perguntei? observou D. Diniz... Estevam da Guarda, sabes bem, e pela experiencia de muitos annos sabes, que sempre apreciei a tua rude franqueza e que bastantes vezes me tens acostumado a ella... Porque evitas agora dizer-me o que te vae na mente?

— Senhor, escusae-me... Sei que apreciaes meu rude e sincero

falar... Mas no caso sobre que me interrogaes interveio um homem que eu entendo que vos tem sido nefasto, a vós, ao reino e a essas infelizes monjas de Coimbra que n'elle confiaram... Esse homem sabeis que é o vosso chanceller, o D. Bispo João Martins, a quem, apesar de meus conselhos e da repugnancia que seus ardis me causam, tendes defendido e favorecido... Eis o motivo porque evitei falar... Receava magoar-vos tratando vosso chanceller como merece... Tanto mais que a senhora rainha já vos ia enchendo de sanha quando se referiu com palavras duras ao D. Bispo...

— Mas o D. Bispo proferiu a sentença segundo a sua consciencia, disse o rei, como ainda querendo procurar uma attenuante para o seu ministro.

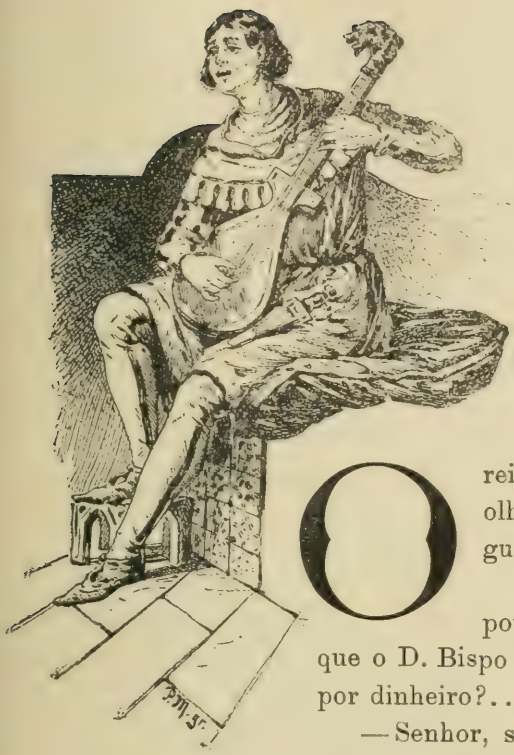
— A sua consciencia! exclamou ironicamente Estevam da Guarda... Vamos, senhor, não me pucheis pela lingua... Dir se-hia até que me quereis forçar a isso...

— A nada te quero forçar, disse o rei sorrindo .. Mas não quero tambem que me occultes o que sabes sobre o D. Bispo.

— Sei o que toda a gente sabe e o que toda a gente diz... Que o D. Bispo é homem de maus costumes, de costumes desregrados, que estava cheio de dividas, dividas que os cruzios pagaram ou estão pagando, e que assim se explica a decisão do D. Bispo em favor d'elles... Eis o que sei... Ah! bem vedes que não gostastes de meu lhano falar!...

D. Diniz com effeito mostrava um aspecto sombrio e carregado. Aquella revelação do seu privado acerca do seu chanceler penalisára-o sinceramente. Não que o rei ignorasse a vida que levava D. João Martins e os escandalos e as aventuras amorosas do bispo de Lisboa. Mas a este respeito sabemos que D. Diniz tinha todos os motivos para ser indulgente e com effeito era-o. O que Estevam da Guarda dissera, portanto, sobre o chanceller, no tocante aos costumes desregrados, não foi nenhuma novidade para D. Diniz. O que porem indignára o rei foi o saber que se acreditava que D. João Martins era um venal e que, no tocante ao pleito entre os cruzios e as claristas, se tinha vendido aos frades por dinheiro. Esta idéa de que o seu ministro era considerado pelo povo como uma consciencia em almoeda abalou profundamente o espirito do rei.

Estevam da Guarda conservou-se silencioso, respeitando o meditar de D. Diniz.



CAPITULO XXVII

Resolução do rei

O rei, apoz algum tempo, cravou os olhos em Estevam da Guarda e perguntou-lhe:

— Diz-se então, entre a gente do povo, entre a côrte, entre os fidalgos, que o D. Bispo é um homem capaz de se vender por dinheiro?...

— Senhor, sim, diz-se e eu repeti-o, não por rancor ao D. Bispo, mas por que estou persuadido que assim é e que ninguem o calumnía...

— De D. Domingos Jardo é que ninguem poderia tal dizer! exclamou o rei, recordando com saudade o seu antigo servidor.

— Oh! d'esse não, senhor! respondeu o privado... Por isso a sua morte foi tão sentida. . Todo o povo de Lisboa o chorou... E vós e a senhora rainha tambem o chorastes...

— Sim, D. Domingos Jardo foi um bom e leal chanceler... Mas dedicado e leal tambem D. João Martins o tem sido... E é por isto que acredito que o que contra elle se propalou não seja exacto... ou antes seja muito exagerado... Em todo o caso, forcejarei por arranjar a D. João Martins um cargo para o poder afastar da côrte...

— E assim procedereis com boa justiça, senhor, privando-vos de de seus serviços...

— Mas é que não é facil encontrar um cargo tão lucrativo e importante para conseguir que elle deixe, sem reluctancia, a côrte...

— Tanta contemplação tendes com semelhante homem! observou com amargura Estevam da Guarda.

— Ah! Estevam da Guarda, Estevam da Guarda, falas d'elle tão rancorosamente que até queres que eu esqueça os serviços que elle me prestou e que ainda me pode prestar!...

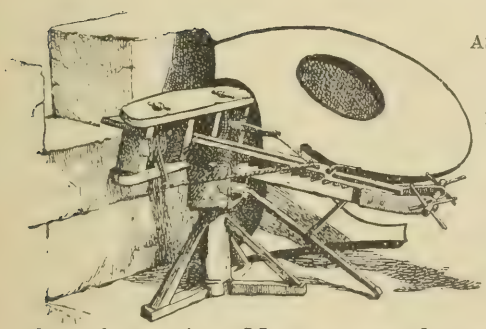
— Conservae-o pois junto de vós, senhor, e não vos admireis que o povo continue a julgar D. João Martins de Soalhães como merece, insinuou o privado.

— Não o conservarei junto de mim por muito tempo, Estevam da Guarda... Esses rumores que correm contra o D. Bispo, mesmo que não sejam de todo verdadeiros, abalaram a grande confiança que n'elle depositava, e por tanto affastal-o-hei... E' uma resolução decisiva...

Estevam da Guarda, satisfeito por ter obtido esta promessa do rei de affastar da côrte, o homem de quem era figadal inimigo, despediu-se de D. Diniz e foi tratar de seus affazeres.

CAPITULO XXVIII

Em auxilio da rainha



ASSADOS alguns dias, Estevam da Guarda, sabendo que tinha morrido o arcebispo de Braga, lembrou-se que o rei poderia aproveitar o ensejo para se ver livre do bispo de Lisboa, provendo-o n'aquelle arcebispado, n'esse tempo o mais importante e rendoso de todo o reino. Mas, em vez de communicar ao rei a sua idéa, procurou D. Izabel.

— Senhora rainha, perguntou respeitosamente o jogral, dizei-me se alguma coisa já tendes resolvido sobre a situação das donas de Santa Clara e sobre Domingas Peres?...

— Ainda nada resolvi, senhor, mas estou decidida a cumprir o que communiquei a el-rei na pratica que com elle tive a esse respeito e a que vos ereis presente... A fundação de D. Mór foi annullada, mas eu hei de de novo fundar esse mosteiro e continuar a obra da primeira bemfeitora... Os monges cruzios despojaram as donas de Santa Clara do que lhes doou D. Mór Dias e nem mesmo querem entregar a Domingas Peres os bens que o D. Bispo sentenciou que lhe entregassem... Mas eu não consentirei que nem Domingas Pe-

res nem as outras donas fiquem pobres e dar-lhes-hei os meios para seu sustento e para construcção e augmento de seu mosteiro...

— Bem procedeis, senhora rainha, tentando remedear todo o mal feito pela sentença do D. Bispo... Julgo porém que tendes talvez um meio de favorecer as donas vossas protegidas, sem que sejaes forçada a privar-vos de uma parte de vossos cabedaes...

— E que meio é esse? perguntou a rainha, não calculando de modo algum o que Estevam da Guarda lhe ia revelár.

— O meio é conseguir que o D. Bispo revogue a iniqua sentença que proferiu, sob pretexto de que os cruzios a não quizeram cumprir.

— E como poderei eu conseguir tal coisa, senhor! exclamou D. Izabel verdadeiramente admirada... Sabeis que o D. Bispo é o chanceler do reino, e que só faz o que o rei manda e quer... Tendo a protecção do senhor D. Diniz, pouco lhe importará satisfazer meus desejos...

— Não é tanto assim, senhora rainha... Rumoreja-se que o D. Bispo deu sua senteça em favor dos cruzios porque estes lhe fizeram tentadoras promessas, a que não soube resistir D. João Martins... Mas, bem como os cruzios, cegos pela ávareza e pela cubiça, não cumpriram a sentença do bispo na parte que mandava entregar a Domingas Peres os haveres que lhe deixou D. Mór, talvez tambem se tenham esquecido de satisfazer o que prometteram ao D. Bispo e se tal succeder, este é homem para saber tirar vingança de semelhante procedimento... Podereis vós então, senhora rainha, aproveitar as más disposições de D. João Martins contra os cruzios, conseguindo que elle annulle a sentença que proferiu... O D. Bispo, devo dizer-vos, senhora, não é homem para se voltar, a não ser movido pelo interesse... Tendes agora vós, senhora rainha, um bom ensejo para o fazer mover... Acaba de entregar a alma a Deus o D. Arcebispo de Braga... Dizei ao D. Bispo que conseguireis do senhor D. Diniz que elle o nomeie para esse grande posto da egreja portugueza, e poderá muito bem ser que D. João Martins alguma coisa faça para reparar a má sentença que proferiu...

— O que vós dizeis, senhor Estevam da Guarda, é mui ajuizado, respondeu a rainha, que, por já estar bastante acostumada, não se surprehendeu com a sagacidade e astucia do privado de D. Diniz, mas encontro um inconveniente no que me aconselhaes... Apesar

do Arcebispado de Braga ser um cargo muito grande e importante, quererá o D. Bispo deixar Lisboa e, mesmo que o deseje, estará el-rei disposto a separar-se do seu chanceler?...

— Oh! quanto a isso, senhora, posso afiançar-vos que está!... O senhor D. Diniz só procura um bom ensejo para despedir D. João Martins... Mas, como el-rei ainda não sabe da morte do Arcebispo de Braga, vós podereis combinar tudo como vos aconselhei, senhora.

— Agradeço-vos, Estevam da Guarda, a vossa boa lembrança e procederei conforme me aconselhastes... Falarei ao D. Bispo...

— Falae-lhe, senhora, e o mais breve possivel... Creio que sereis feliz em vossa missão...

— Deus vos ouça, Estevam da Guarda!

O jogral, tendo-se despedido de D. Izabel, sahiu da camara, mas voltou de novo, dizendo á rainha:

— Senhora, ahi vem o D. Bispo... Dirige-se por este corredor para os aposentos de Judas Arabi, o vosso thesoureiro e o de el-rei.

— Convidae-o a que me venha falar... E vós, senhor Estevam da Guarda, assisti á pratica que vou ter com D. João Martins... Auxiliar-me heis a bem encaminhar a questão...

— Senhora, sim, obedeço, disse o jogral, que se dirigiu de novo para a porta a esperar pela passagem do chanceler.

CAPITULO XXVIII

O D. Bispo

O bispo D. João Martins de Soalhães — um homem de mais de cincoenta annos, alto, forte, de largos hombros, de rosto afogueado, beiços grossos, nariz grande, testa ampla e uma enorme cabeça. O aspecto grosseiro e rude d'esta estranha physionomia era completamente attenuado e corrigido pelo olhar d'uma ternura quasi infantil e por um eterno e enygmatico sorriso, que lhe torcia um tanto os beiços e a face, e que seria dificil dizer se era um sorriso de bondade, de cynismo ou de desdem, e que talvez tivesse um pouco de tudo isto.

D. João Martins, ao ver Estevam da Guarda, saudou-o com uma affectuosa familiaridade, como se se tratasse do seu amigo mais dilecto.

— D. Bispo, disse Estevam da Guarda, depois de ter correspondido ao cumprimento de D. João Martins com a mesma hypocrita amabilidade, entrae n'esta camara, onde se encontra a senhora rainha, que vos deseja falar...

O chanceler acompanhou o jogral, e, entrando na camara, cumprimentou a rainha.

— Ah! D. Bispo, quanto estimo ver-vos!... Sabeis que tenho graves novas a communicar-vos sobre os frades de Santa Cruz?

D. João Martins fez uma interrogação vaga com o olhar, mas não proferiu uma palavra.

— Os monges recusaram-se até agora a entregar a Domingas Peres os bens de D. Mór Dias e que vossa sentença mandava que entregassem... Achaes isto justo, D. Bispo?

— Senhora, não, respondeu D. João Martins... Acho esse procedimento indigno, e que não ha de ficar sem punição...

— Ainda não é tudo, proseguiu D. Izabel... Domingas Peres e as donas que com ellas se tinham recolhido a Santa Cruz viram-se forçadas a abandonar este mosteiro, porque os monges de Santa Cruz, as perseguiam com vexames e humilhações, e refugiaram-se de novo em Santa Clara... E os frades cruzios agora querem fazer reviver o pleito, sobre que vós sentenciastes, e que elles não respeitaram...

— Senhora rainha, observou o prudente chanceller, tendes bem a certeza de que tudo quanto acabaes de me referir assim aconteceu?

— Tenho a certeza, D. Bispo... Agora se quereis saber de todas as humilhações, vexames e vergonhas com que os monges de Santa Cruz mortificavam Domingas Peres e as outras donas, interrogae a propria Domingas Peres, que veiu a meu paço pedir-me protecção...

— Não preciso, senhora, respondeu o bispo... O que me dizeis basta para me convencer que o procedimento dos monges de Santa Cruz é digno de censura e de castigo... Eu, porém, só por mim nada posso fazer... Escolhido como arbitro dei a minha sentença... Se os monges a não cumprem só o D. Bispo de Coimbra os poderá forçar a que a cumpram... Ou acima do D. Bispo de Coimbra, o D. Arcebispo de Braga, tambem pode obrigar os frades de Santa Cruz ao cumprimento fiel do que eu sentenciei... E no caso de que recusem, pode ir mais longe e revogar minha sentença...

— O D. Arcebispo nada poderá, senhor, porque já é morto, observou D. Izabel.

— E' morto o D. Arcebispo! exclamou o chanceller bastante admirado... Que o Senhor tenha sua santa alma! disse ainda D. João Martins retomando o seu ar hypocrita; e ajuntou:

— Era um bom e santo prelado! Era um fiel servidor da Egreja e de el-rei!...

— Senhor, sim, era um virtuoso sacerdote, apoiou a rainha... Não é pois elle que poderá favorecer as pobres monjas.

— Mas pode favorecel-as o successor, o novo arcebispo...

— O novo arcebispo ainda está por sagrar e se as donas de Santa Clara tiverem de esperar por elle para que lhes seja feita justiça teem que esperar bastante tempo.

— Tal não digaes, senhora, disse o chanceller respondendo á observação de D. Izabel, a diocese de Braga não ha de estar muito tempo sem prelado... Não ha de, nem pode... E' a mais importante diocese do reino e dos reinos visinhos e nem o Santo Padre, nem el-rei o senhor D. Diniz, hão de permittir que se demore a nomeação do arcebispo...

— Dizem que é a diocese mais rendosa de todas as de Portugal e dos outros reinos de Hespanha, atalhou Estevam da Guarda.

— Assim deve ser, confirmou o chanceller...

— E vós, se el-rei D. Diniz vol-a offerecer, trocal-a-ieis pelo vosso cargo de chanceller? perguntou D. Izabel de um modo tão repentino e inesperado que poude surprehender no rosto de D. João Martins de Soalães um olhar de cubiça.

O manhoso chanceller depressa soube disfarçar a impressão que lhe produzira a subita pergunta da rainha, e respondeu com tranquillidade:

— Não me julgo, senhora, digno de uma tão alta dignidade... Reconheço meu fraco prestimo... Mas se el-rei, em sua sabedoria entendesse que eu poderia prestar melhores serviços na diocese de Braga do que no cargo de chanceller do reino, obedeceria a el-rei...

— E se vós fosseis sagrado arcebispo de Braga que destino darieis ás pobres donas de Santa Clara?

— Se os monges de Santa Cruz não tivessem cumprido minha sentença, revogava esta senteaça, mandaria restituir a Domingas Peres e ás outras donas o mosteiro de Santa Clara e suas dependencias, e até talvez uma parte dos bens de D. Mór Dias...

— Pois bem, D. Bispo, respondeu a rainha, Deus queira que sejaes vós o novo Arcebispo de Braga... E se eu soubesse que el-rei D. Diniz attenderia meu pedido, lembrar-lhe-hia vosso nome para a diocese de Braga...

— Senhora, el-rei vos attende sempre como a mui nobre rainha de Portugal que sois, e como esposa a quem muito presa...

— Nem sempre, disse D. Izabel sorrindo... El-rei attende-me o menor numero de vezes que póde... Mas como elle muito vos estima

e tem em muita conta vossos serviços, julgo que se eu lhe falar vós podereis ser nomeado para a diocese de Braga...

— Senhora, disse D. João Martins a tal ponto commovido, que perdeu toda a sua habitual frieza, se eu fôr feito arcebispo de Braga, prometo-vos que as monjas de Santa Clara de Coimbra hão de ter-me como o seu protector mais zeloso... Só d'este modo poderei reparar uma sentença que dei a favor d'aquelles que tão indignos se mostraram para com Domingas Peres e as outras donas...

E com estas palavras de vaga ameaça aos frades de Santa Cruz, o chanceller despediu-se da rainha.

D. Izabel, depois que D. João Martins de Soalhães, saiu, disse a Estevam da Guarda:

— Vedes, senhor, como segui vossos conselhos...

— Senhora, sim... Agora resta-vos obter de el-rei a nomaação do chanceller para arcebispo de Braga...

— E accreditaes que el-rei não recusará?

— Acredito, senhora, que el-rei não recusará, não só porque vós lho pedis, mas tambem porque aproveita o ensejo, que elle está desejando, de afastar o chanceller... Mas com a nomeação de D. João Martins ainda não tereis canseguido tudo... Ainda vos falta uma coisa e a mais imporrante.

— E o que é?

— Falta-vos que D. João Martins cumpra a sua promessa... O modo um tanto rancoroso porque se referiu aos monges de Santa Cruz, deixa me accreditar que cumprirá essa promessa, embora não seja senão com o intento de fazer pagar aos cruzios o procedimento que tiveram para com elle... Em todo o caso com D. João Martins ha tudo a esperar, e deveis precaver-vos, senhora...

— Não me parece, disse D. Izabel, que o D. Bispo falte á sua promessa... Agora o que preciso é que el-rei meu esposo annua a meu pedido...

— Creio, senhora, que el-rei vos attenderá... Já vos disse o desejo que o senhor D. Diniz sente de afastar da côrte D. João Martins... Agora que se lhe offerece um tão bom ensejo, ha de de certo aproveital-o.

E o jogral, tendo praticado ainda algum tempo com a rainha, despediu-se por fim.

D. Izabel, sahiu do aposento, e dirigiu-se á camara onde se encontrava seu esposo, para lhe pedir que nomeasse o chanceller para o Arcebispado de Braga.

D. Diniz de bom grado attendeu este pedido.

*

* *

Passado algum tempo, D. João Martins, installado na diocese de Braga, annullava a iniqua sentença que proferira como arbitro, sob pretesto de que os monjes de Santa Cruz ainda a não tinham cumprido, e mandava restituir a Domingas Peres e ás donas de Santa Clara uma grande parte dos bens que D. Mór Dias lhes legára e entregar-lhes as casas do antigo mosteiro.

CAPITULO XXIX

Uma fuga

s relações do rei com D. Auzenda, a bella castellã, tinham esfriado muito. Aos antigos impetos amorosos, succedeu a saciedade. A filha, nascida d'estes amores, já contava seis annos, e era por ella e só por ella que D. Diniz não deixava de ir visitar a mãe. D. Diniz, como pae estremoso que sempre foi, enlevava-se vendo a filha, a quem dera o nome de Maria.

D. Auzenda recebia com resignação a frieza e o abandono do rei. Uma coisa a consolava: era o amor que D. Diniz manifestava pela filha. Pensava ella que D. Diniz nunca a haveria de esquecer de todo por causa da linda creança que nascera d'esse amor.

Se a castellã nunca ousou queixar-se nem cxprobar ao rei o seu abandono, nem por isso deixava de soffrer e de se definhar. Aquella grande dôr muda, aquelle desespero silencioso, longe de commoverem D. Diniz, só conseguiam fazel-o irritar. Depois, novos amores tinham vindo, novos rostos de mulheres encheram o coração e povoaram o espirito d'este grande amoroso, de maneira que a presença d'essa creatura silenciosa e resignada, não tendo nos labios nem um

queixume, nem uma phrase de revolta, tornava-se-lhe insupportavel. Via se até obrigado a espaçar as visitas á filha só para não vêr o rosto dolorido e macilento da mãe.

D. Diniz, um dia, n'um impeto de impaciencia, disse a Estevam da Guarda:

— Sabes o que resolvi, Estevam da Guarda, com respeito a minha filha Maria?... Resolvi que venha para meu paço... Aqui, junto de mim, poderá ser melhor tratada que no solar de sua mãe... Junto dos outros irmãos e graças aos cuidados e aos carinhos de D. Izabel, a minha querida Maria ha de ser muito mais feliz do que n'esse triste castello de D. Auzenda... E' preciso que seja creada na côrte e que a ella se ecostume, quem ha de vir a ser uma infanta de Portugal...

— Olhae, senhor, atalhou prudentemente Estevam da Guarda, que vossa filha é muito creança e precisa ainda dos cuidados da mãe.

— Mui creança! já tem seis annos! Não lhe faltarão em meu paço os carinhos... D. Izabel será para ella uma nova mãe, tão meiga como o tem sido para os outros meus filhos...

— Senhor, sim, não duvido do que dizeis... Mas pensae um pouco em D. Auzenda... Lembrae-vos do desgosto que lhe ides causar... A pobre dona anda tão definhada!...

— Mas ha de resignar-se com a minha vontade... Quer se resigne, quer não, já resolvi o que tinha a fazer...

Amanhã irás ao solar de D. Auzenda e de meu mando trarás minha filha... Escrever-lhe-hei dando-lhe ordem para que t'a entregue... Dar-lhe-has a minha carta...

— Senhor, sim, cumprirei vossas ordens, mas cumpril-as-hei pesando-me bastante o que vou fazer... Ides ser muito cruel para com essa pobre dona!... Ides talvez matal-a!

— Seja como fôr, quero e preciso de ter junto de mim a minha filha! exclamou D. Diniz com energia, onde se misturava uma impaciencia por ter ouvido aquellas palavras compassivas ao seu privado...

*

* *

No dia seguinte, Estevam da Guarda estava na presença de D. Auzenda e entregava-lhe a carta do rei.

A castellã tomou o pergaminho, e como que adivinhando alguma terrivel noticia, perguntou a Estevam da Guarda:

— Dizeis qne esta carta é de el-rei... Mas se el-rei me escreve é porque não poude vir... Alguma coisa grave lhe aconteceu?...

— Socegae vosso espirito, senhora, respondeu o privado... Nada de mau succedeu ao senhor D. Diniz...

— Nada lhe succedeu e manda-me uma carta! exclamou D. Auzenda cada vez com maior desconfiança... Alguma má nova vou saber... Se conheceis o que diz este pergaminho, senhor, poupae-me o trabalho de o lêr...

— Não conheço o que contem esse pergaminho, respondeu evasivamente Estevam da Guarda... Mas lede-o, senhora, e não vos mortifiqueis...

A castellã desenrolou o pergaminho e começou a ler. Ao concluir disse com simulada serenidade a Estevam da Guarda:

— Sabeis o que manda el-rei?... Manda-me que vos entregue minha filha!... Quer leval-a para a côrte!... Eu porem não estou disposta a obedecer á ordem de el-rei!... Não vos entregarei minha filha... Se el-rei quizer que venha arrancál-a á força dos meus braços!

— Senhora, observou o prudente Estevam da Guarda, exaltaes-vos sem motivo... Se o senhor D. Diniz quer ver a filha e se vol-o ordena que m'a entregueis, não é de certo para a arrancar aos vossos carinhos... Vossa filha voltará... El-rei tem saudades d'ella e quer vel-a, mas logo que satisfaça o seu desejo, enviar-vos-ha vossa filha...

— Não me enganeis, senhor Estevam da Guarda... Oh! não o conseguireis!... Ha muito que adivinho o que vae na mente de el-rei... Ha muito que sei que não sou para o senhor D. Diniz senão uma mulher indifferente — e ainda mais do que indifferente, odiosa!... Ha muito que sei que já me não ama, que a minha presença o incommoda!... Mas eu porém supportava resignada a minha sorte e nunca tive uma palavra de exprobação para lhe dirigir... Tambem já o não amava, por que desde que nasceu a minha querida Maria, toda a minha alma e todo o meu coração lhe pertenceram... Mas sempre cuidei que elle, por isso mesmo que tambem amava muito a nossa filha, tivesse alguma contemplação para comigo, e não me quizesse matar, tirando-m'a!... Enganei-me... El-rei quer-me dilacerar o coração!... Quer-me matar no meu amor de mãe!... Oh! mas não

ha de conseguir o seu malefico intento! Não lhe entregarei a minha filha!

— Ides provocar a colera do senhor D. Diniz com a vossa recusa... Melhor será que me entregueis vossa filha, disse Estevam da Guarda...

— Senhor, não... Não me apartarei de minha filha... Sei o que me resta fazer!...

E, apesar das instancias e dos pedidos do jogral, D. Auzenda não obedeceu á ordem do seu real amante, e Estevam da Guarda teve de voltar para a alcaçova de Santarem sem a creança, que D. Diniz desejava em seu paço.

A sanha de D. Diniz foi terrivel, ao ver que a sua amante lhe tinha desobedecido. O jogral assistiu á explosão d'essa colera e não conseguiu nem abrandal-a, nem dissuadir o rei de ir elle proprio buscar a filha.

— Vamos, Estevam da Guarda, dá as ordens para que os homens da minha escolta estejam promptos e os cavallos preparados... Seguiremos o mais breve possivel para o solar d'essa mulher...

— Vêde, senhor, que é noite cerrada — e noite má de tempestade... Não ouvis o uivar do vento e o bater da chuva?

— Que me importa a chuva e o vento?... Cumpre o que te mandei... Havemos de partir!...

Com effeito d'ali a alguns momentos, o rei e o privado, seguidos de uma escolta, cavalgavam em direcção ao solar de D. Auzenda Vasques...

*

* *

Descida a levadiça, o rei e os que o acompanhavam entraram no castello.

Vieram receber D. Diniz alguns servos, espavoridos por semelhante visita a uma hora tão tardia e impropria.

— Ide chamar vossa ama e dizei-lhe que lhe preciso falar! ordenou D. Diniz em tom brusco.

— Senhor, D. Auzenda partiu esta tarde com a menina, respondeu um dos servos.

— Partiu! exclamou D. Diniz... Ousada!... E para onde partiu?. . Á-la-fé que estaes mentindo, villão!

— Por Sant'Iria vos juro, senhor, que não minto! disse o servo... Minha senhora partiu esta tarde com sua filha e com alguns criados e criadas... Quando lhe perguntei se se demorava, respondeu-me que não sabia, que era forçada a partir de repente para fugir a um grande perigo que a ameaçava...

— E não vos disse para onde se dirigia? perguntou o rei.

— Senhor, não disse...

D. Diniz não ficou satisfeito com estas respostas e interrogou um por um os outros servos. Todos, porem, affirmaram que ignoravam para onde se tinha dirigido D. Auzenda. Mas D. Diniz estava cada vez mais desconfiado de que os servos eram cumplices com a castellã... Mandou a seus homens que devassassem todo o castello, e que se encontrassem D. Auzenda a trouxessem á sua presença.

Mas tudo foi debalde. A castellã tinha com effeito fugido. O rei, porém, obstinado em seu capricho, abandonou o castello e cavalgou em direcção de Thomar na esperança de ainda alcançar a fugitiva.

Não o conseguiu.

E no dia seguinte, ao voltar para Santarem, fez expedir ordens secretas para todas as cidades, villas, logarès e povoações do reino aos seus homens de confiança, para aprisionarem a castellã.

Ou porque as ordens fossem muito tardias, ou porque o zelo dos representantes do rei nas cidades, villas, logares e povoações foi bastante frouxo, é certo que D. Auzenda teve traças para illudir os que estavam interessados em apoderar-se d'ella. Desappareceu mysteriosamente com a filha, essa creança que o pae lhe queria arrancar.

Do seu destino dar-se-ha conta mais adiante.

CAPITULO XXX

Santa Clara

A carta pela qual o novo arcebispo de Braga, D. João Martins de Soalhães, revogou a iniqua sentença que n'outro tempo proferira contra as herdeiras de D. Mór Dias e contra o mosteiro de Santa Clara, tem a data de dezasete de abril de 1316. N'esta carta tambem o arcebispo transmitte a D. Izabel os poderes necessarios para demandar os conegos de Santa Cruz. Este documento é do theor seguinte :

«A' mui alta e mui nobre Senhora Dona Izabel por mercê de Deus, Rainha de Portugal e do Algarve, nós João pela mercê de Deus eleito e confirmado Arcebispo da Santa Egreja de Braga, nós enviamos encommendar em vossa graça como a senhora que de grado serviriamos. Senhora, nós entendendo como deixara Dona Mór Dias fazenda de sua alma e de todos os bens que lhe Deus dera, ordenamos e estabelecemos que á honra de Santa Izabel e de Santa Clara faça para sempre Mosteiro de Donas aquelle lugar onde ella mandou

Grav. de P. Marinho & C.ª

Imp. de Libanio da Silva

deixar para sempre seu corpo, e que foi por ella fundado, e que fosse ahi convento de Donas. E isto que por ella primeiramente e depois por vós fora ordenado, houve torva pela contenda que nasceu entre as Donas, que eram em este mosteiro, e entre os frades maiores, e entre nós e o mosteiro de Santa Cruz, de guisa, que por accordo d'aquelles entre quem era a contenda foi posto que Domingas Peres, que a dita Mór Dias deixara no dito Mosteiro em seu logar, e as outras Donas se fossem a Santa Cruz e por esta razão lhes demos alguns casaes e herdades. A qual composição o Prior do Mosteiro de Santa Cruz nunca quiz ter nem guardar. E por isto tivemos por bem nós e temos e mandamos que todas as herdades que se tornem ao dito Mosteiro de Santa Clara e de Santa Izabel. E porque vós Senhora Rainha por vossa alma servido ahi Deus haverdes o dito logar para ser manteudo a serviço de Deus, nós vos damos e outorgamos o poder que sobre isto havemos para demandardes todas as herdades, e toda raiz e movil que do dito Mosteiro foram levadas e para poderdes fazer manteer o dito logar e as herdades que lhe foram dadas n'aquella guisa que he conteudo no testamento da dita Dona Mór Dias, e que as herdades que ella mandou, que as haja cada um lugar assim como o ella mandou. E o que sobre isto fizerdes o havemos por firme e por estavel. E que outro sim a dita Domingas Peres haja em sua vida os casaes e as herdades que lhe a dita Mór Dias mandou. Em testemunho da qual cousa damos a vós esta nossa carta aberta, e selada do nosso selo. Dada na nossa camara, etc.»

*

* *

D. Izabel foi a segunda fundadora do mosteiro de Santa Clara de Coimbra, conseguindo fazel-o resurgir depois de extincto e assim realisar com maior grandeza o intento D. Mór Dias. [1]

A rainha, dispondo de larga fortuna resolveu não aproveitar se não provisoriamente a pequena casa construida por D. Mór, edificando um novo mosteiro, amplo e grandioso. Trata por isso de alargar o terreno, e adquirir propriedades confinantes.

---

[1] Dr. Antonio de Vasconcellos, *Dona Izabel de Aragão.*

Lança por suas proprias mãos, as primeiras pedras do edificio, acompanhada de alguns prelados.

A' medida que se adiantava o mosteiro, D. Izabel ia-lhe dedicando crescente affeição e por tanto alargando tambem o seu primeiro plano.

Quando residia em Coimbra, desejava assistir ás obras, acompanhar os trabalhos do levantamento das paredes, e da construcção das ogivas, dirigir com o seu apurado gosto a ornamentação das abobadas e dos capiteis. Mas a Alcaçova real era distante e não podia ir a cada momento como desejava visitar as suas freiras e as obras do seu convento. D'aqui lhe veiu a lembrança de arranjar nas proximidades do mosteiro um paço para sua residencia.

Havia então logo acima da ponte, na margem esquerda do Mondego, o convento de Sant'Anna. Este convento possuia uma vinha contigua á cerca do mosteiro de Santa Clara, com uma casa nobre ou paço. A rainha adquiriu esta propriedade.

Mas, apesar de tudo, os frades de Santa Cruz, não obedeciam ás ordens do arcebispo D. João de Soalhães nem ás intimações da rainha.

A 15 de junho de 1316 o arcebispo escreveu segunda carta a D. Izabel, insistindo em que sejam compelidos os cruzios a repor os bens que D. Mór Dias legára a Santa Clara. Logo apóz esta, vem terceira carta versando sobre o mesmo assumpto.

Entretanto o arcebispo fazia-se parte e movia junto da santa sé demanda aos cruzios para os obrigar á entrega dos bens que elle mesmo injustamente lhes déra.

Mas não houve meio de domar a avareza dos frades; tiveram força para resistir a tudo e a todos.

Até que emfim, a 13 de março de 1318, o arcebispo D. João Martins de Soalhães enviou uma nova carta de poderes á rainha para esta contractar com o mosteiro de Santa Cruz uma conciliação, declarando que o prior d'este mosteiro lhe mandára dizer que, por ser agradavel a elle arcebispo, desejava chegar a um accordo com o convento de Santa Clara e seus defensores.

O contracto realisou-se no mosteiro de Santa Clara a 19 de maio de 1319, sendo a rainha, que a esse tempo estava em Santarem, representada por procuradores.

Assentou-se que ficasse cada mosteiro com as propriedades de

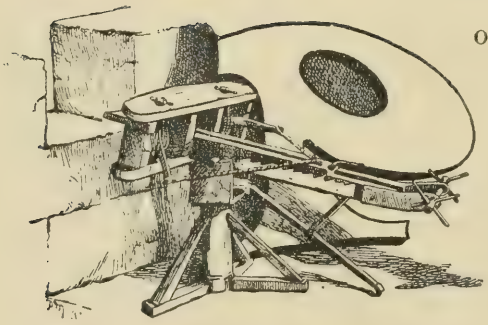
D. Mór que n'aquelle momento possuisse. Como Santa Cruz se havia apossado de quasi tudo, pouco veiu a tocar a Santa Clara da herança da fundadora.

As obras, sob a direcção da rainha, continuaram por largos annos. Por morte de D. Izabel ainda não estavam concluidas.

Em seu logar e tempo diremos mais alguma coisa que se relaciona com o mosteiro de Santa Clara.

CAPITULO XXXI

O Peregrino



Por uma manhã radiante de agosto, um peregrino atravessava a rua Nova, lançando olhares investigadores para o interior das lojas dos mercantes. Já n'esse tempo a rua Nova, que ficava no sitio da actual rua dos Capellistas, era o centro do grande commercio de Lisboa.

Mais tarde, quando Lisboa se tornou o emporio commercial do mundo pelas conquistas dos portuguezes em Africa e na Asia, a rua Nova era ainda o local preferido pelos negociantes para as suas transacções.

O peregrino usava uma capa alvacenta, um chapeu de abas, bordão, emfim o traje habitual aos romeiros que vinham de grandes peregrinações. Era um homem alquebrado, o rosto enrugado. As barbas, já um tanto branqueadas, chegavam-lhe ao peito.

Este romeiro indicava um homem envelhecido muito antes de tempo.

Seguia com vagar pela rua Nova e de vez em quando parava á

porta de uma loja ou junto de algum grupo, quedava-se fixando e ouvindo os que o rodeavam, como procurando encontrar alguem do seu conhecimento. Mas parece que não encontrou quem buscava, por que tendo chegado ao fim da rua, tornou para traz.

Parando á porta de um celeiro, onde se encontravam dois homens, um mui velho e outro de meia idade, que pelo traje se via logo que eram judeus, o peregrino fixou attentamente o mais idoso. Este parece que não gostou muito do exame, porque lhe perguntou com algum azedume:

— Tambem quereis fazer alguma merca, bom romeiro?...

— Senhor, não, respondeu serenamente o interrogado...

— Ah! julguei!... Olhastes-me assim com desconfiança...

— E' que vos pareceis com alguem que em tempo conheci e que agora procuro... Sereis vós acaso Jacob Usque, o rico mercante judeu?

— Não, senhor... Chamo-me Ezequiel, mas conheci muito Jacob Usque, quando elle ainda era d'este mundo... Fomos amigos... Poucos annos mais teria do que eu...

— Então Jacob Usque é morto? perguntou o romeiro.

— Senhor, sim... Ha mais de oito annos que o senhor o chamou...

— Morto! exclamou o peregrino com uma expressão desolada.

E dirigindo-se de novo ao velho judeu, perguntou-lhe:

— E sua filha Sarah?

—Sarah! balbuciou o ancião fixando os olhos no seu companheiro, que empallideceu ao ouvir pronuciar esse nome, mas que, como até então, continuou a conservar-se silencioso.

— Interessa-vos muito saber o destino que teve a filha de Jacob Usque? proseguiu o judeu, dirigindo se ao peregrino.

— Sim, preciso de o saber, respondeu o peregrino...

— Pois bem, ouvi, bom peregrino... A filha do judeu, a bella Sarah, pouco tempo depois da morte de seu pae converteu se ao christianismo e casou com um fidalgo da côrte de el rei, D. Alvaro Mendes. Mal sabeis vós, senhor, como com essa pergunta viestes avivar uma ferida no coração d'este meu filho, disse o judeu, indicando ao peregrino o homem silencioso que os estava escutando... Jacob Usque, quando vivia, desejou casar meu filho Abraham com Sarah, mas esta, que já andava louca de amores pelo fidalgo christão, recu-

sou sempre... Meu pobre filho amava-a apaixonadamente e ainda hoje, como vedes, não póde ouvir pronunciar o nome d'essa mulher com indifferença...

— Não exagereis tanto, meu pae, atalhou Abraham decidindo-se a romper o silencio... Quando Sarah me repudiou, prometti-vos e prometti a mim mesmo que a havia de esquecer, e esqueci-a de todo... Podeis pois falar á vontade com este peregrino a seu respeito.

— E' como vos digo, continuou o velho Ezequiel, a filha de Jacob Usque tanto viveu com a senhora D. Izabel, a nossa boa rainha, que se quiz converter ao christianismo e renegou a religião de seus paes...

O peregrino ao ouvir as revelações do judeu, monologou:

— Sarah casada com Alvaro! Meu Deus! Porque me tornaes assim a provação e a penitencia ainda mais difficeis?... Juntos, unidos, como me poderão elles perdoar!

— Surprehendeu-vos semelhante noticia, bom peregrino? perguntou o velho...

— Não, senhor... Mas, já agora, dizei-me: sabeis onde poderei encontrar Sarah e o seu esposo?

— Onde os encontrareis não vos posso dizer ao certo, porque o não sei, respondeu Ezequiel... Mas indico-vos o meio de o saberdes... Ide d'aqui até ao largo da Mercê, perguntae onde fica a casa que foi de Jacob Usque, e ahi vos dirão onde se encontram D. Alvaro Mendes e sua mulher...

— Seguirei vosso conselho... E muito vos agradeço... Ficae-vos com Deus, disse o peregrino saudando os dois judeus e dirigindo se para o largo da Mercê.

Qando ahi chegou, não precisou perguntar onde ficava a casa que fôra do pae de Sarah; dirigiu se logo para a porta, tocou na aldrava e, quando veiu um servo abrir-lhe, disse-lhe ao que vinha.

O servo respondeu que seus senhores deviam estar, ou com a côrte, em Santarem, ou no solar de Unhos, para assistir á vindima.

O peregrino satisfez-se com estas informações.

Metteu pela estrada que vae de Lisboa a Sacavem e dirigiu-se, a passos vagarosos, para Unhos.

D. Diniz, quando confiscou o castello e quinta de Unhos a Ruy Mendes, fez d'elles doação a Jacob Usque. Por isso, Alvaro Mendes,

ao casar com Sarah, recebeu o solar de seu primo com os outros bens de sua mulher.

Quando o peregrino chegou a Unhos, já as sombras da tarde escureciam as colinas e os montes. Mas o ceu estava puro, e um pallido clarão annunciava, para muito breve, o luar. O peregrino penetrou na quinta que fôra de Ruy Mendes, e, cançado da jornada, sentou-se n'uma pedra e dirigiu a vista para o horisonte que o rodeava. No cimo da colina divisava-se o vulto enegrecido do castello, no meio da verdura dos vinhedos, das oliveiras e dos pinhaes.

Depois de descançar durante algum tempo, o peregrino ergeu-se e proseguiu no seu caminho.

Os cães principiaram a ladrar e a uivar. Depois, n'uma correria desenfreada, precipitaram-se sobre o peregrino. Um homem corria atraz dos cães, gritando para o peregrino:

— Defendei-vos, senhor! Defendei-vos com o vosso bordão se não quereis ser despedaçado!...

E, á medida que assim gritava, procurava afugentar os cães, atirando lhes pedras. Mas os animaes seguiam em direcção do peregrino, e já nada os podia afastar d'elle. Eram quatro cães; um d'elles, o maior, um enorme cão de guarda, seguia á frente dos outros, e, ao alcançar o romeiro, em vez de lhe lançar as garras e de o dilacerar, começou a lambel-o e a festejal-o, ganindo e mostrando uma grande satisfação. Os tres restantes, um pouco surprehendidos pelo que viam, farejaram o romeiro, não se atrevendo a fazer-lhe mal e acabando tambem por festejal-o.

O peregrino abraçou o cão como se abraça um velho amigo. Os olhos marejaram-se-lhe de lagrimas.

Mas o servo, que vinha correndo atraz dos cães, já tinha chegado junto do peregrino e dizia-lhe:

— Que susto que apanhei por vossa causa, senhor!... Mas, — Deus louvado! — quando julgava que os cães vos iam devorar, vejo, este grande, a festejar-vos, como se ha muito vos conhecesse... Quem sois vós, senhor, para assim terdes poder para o amansar?

— Sou um pobre peregrino... Venho de longes terras... Procuro D. Alvaro Mendes e sua mulher, e para aqui me enviaram... Se vosso amo se encontra no castello, ide dizer-lhe que está aqui um homem que lhe pede agasalho e deseja vêl-o.

— Senhor, D. Alvaro Mendes não veio ainda... Mas esperamol-o

dentro de alguns dias... Eu vos darei agasalho e hospedagem... Segui-me ao castello...

— Sim, acompanhar-vos-hei... Já o corpo me está pedindo repouso...

E o romeiro foi subindo a colina acompanhado pelo servo. E o cão, que tanto o tinha festejado, seguia-o como se elle fôra o dono.

E o servo notou de novo esta circumstancia e disse admirado:

— Reparae como este cão vos segue... Não vos quer deixar... Parece que vos conhece melhor do que a mim, que vae para quinze annos que d'elle trato, ou do que o seu dono, D. Alvaro Mendes...

— Se o trataes ha quinze annos, é elle mui velho...

— Senhor, sim, não é muito novo, mas está ainda rijo e forte e é o melhor guardador do solar... Quando o solto, ao entardecer, posso ficar descançado, porque ninguem entra na quinta sem que elle dê signal...

— E vós ha muito que servis n'este solar? perguntou o peregrino.

— Vae para vinte annos... Ainda era dono d'este castello o senhor D. Ruy Mendes, o meu primeiro amo... Deus lhe fale n'alma!

— Morreu esse vosso primeiro amo?

— Se não morreu, disse o servo, peior lhe terá succedido, pois teve de sair de Portugal e de fugir, ficando-lhe todas as terras e bens confiscados...

— Era então um mau homem, um scelerado, esse Ruy Mendes?

— Não faleis assim, senhor! atalhou o servo escandalisado... D. Ruy Mendes era um nobre e gentil fidalgo... Eu nunca o esquecerei... Foi sempre generoso e bom para comigo... Mas, senhor, vejo que vos estou falando do meu primeiro amo como se isso vos podesse interessar... Escusae-me...

— Não tenho que vos escusar, respondeu o peregrino, que entendeu não provocar novas recordações do servo.

Durante este dialogo tinham chegado á entrada do castello. Ahi, o servo, dirigindo-se com respeito a um homem que, por acaso, se encontrava no pateo, disse-lhe:

— Senhor Ayres Peres, eis aqui um peregrino que pede agasalho n'este castello. Diz que traz recado para o senhor D. Alvaro Mendes.

— Entrae, senhor, disse Ayres Peres, depois de ter saudado o peregrino.

O servo retirou-se, e Ayres Peres conduziu o romeiro a uma das salas do solar.

— Descançae um pouco... Já dei ordem para que vos preparem a ceia e a dormida, que havereis d'ellas necessidade .. Eu não sou o dono d'este solar, mas faço suas vezes, pois D. Alvaro acha-se ausente e só estará aqui dentro de alguns dias.

— Deus vos pagará vossa generosidade, disse o peregrino com voz fraca e abafada, indicando que sa achava muito commovido...

— Pareceis mui fatigado, observou Ayres Peres, notando a alteração por que passara o romeiro ao entrar n'aquella sala...

— Bastante o estou, senhor, respondeu elle, fixando o olhar no rosto de Ayres Peres... Jornadeei de Lisboa até aqui sem descanço com a idéa de encontrar D. Alvares Mendes, e afinal só poderei veldentro d'alguns dias...

— Tende paciencia... Trazeis então recado mui urgente para D. Alvaro Mendes? perguntou Ayres Peres com uma crescente curiosidade provocada pelo aspecto mysterioso d'aquelle homem.

— Sim... Mui urgente, respondeu o peregrino de um modo um tanto vago...

— Vindes de muito longe, bom romeiro? perguntou ainda Ayres Peres.

— Se venho! exclamou o interrogado suspirando profundamente... Até ás vezes julgo que venho de um outro mundo... Tão mudado estou do que fui, que nenhum dos que me conheceram me reconhecerá! Como me hão de reconhecer, se eu mesmo me não reconheço! Abençoado seja, pois, Deus Nosso Senhor, a quem devo esta mudança e esta conversão! Se elle permittiu que minha alma se humilhasse e que meu coração se arrependesse, ha de tambem incutir-me coragem e força para cumprir a penitencia que me impuzeram!

— Conheceis então D. Alvaro Mendes? perguntou Ayres Peres, a quem aquella voz do peregrino despertou antigas reminiscencias.

E sem esperar pela resposta do romeiro, accrescentou:

— Sabei, senhor, que á medida que vos escuto, me está parecendo que já vos conheci bem de perto em outros tempos, mas sem que me possa lembrar exactamente aonde e quando.

— Talvez, senhor Ayres Peres...

— Sim, e vós tambem me conheceis e não comprehendo o motivo porque quereis conservar-vos mysteriose...

— Não me quero conservar mysterioso, senhor, observou o peregrino... Mas que culpa tenho eu que me não reconheçam? .. Quereis que começe a gritar ás paredes, ás abobodas d'este castello ou aos homens que o habitam, o meu nome?!

— Não, senhor, mas quero que ao menos o digaes a mim... Já que sabeis quem eu sou, deixae ao menos que eu tambem saiba quem vós sois...

— Sou Ruy Mendes, balbuciou o peregrino.

— Ruy Mendes, vós! exclamou Ayres Peres com espanto e admiração... Vós!... Como vos poderia eu reconhecer, se com effeito tão mudado estaes!...

— Sim, dizeis bem, mudei muito, mas não tanto que não houvesse alguem aqui, no meu antigo solar, que me não reconhecesse...

— E quem foi, senhor?

— O meu velho cão de guarda... Quando entrei na quinta os cães precipitaram-se sobre mim, apesar dos gritos e das pedradas com que um servo os tentava afugentar, julgando que me iam fazer mal, e, longe de me causarem qualquer damno, começaram a festejar-me como um amigo, seguindo o exemplo que lhes dava o meu antigo cão de guarda... Este reconhecera-me logo...

— Estranho é na verdade o que me contaes... Mas a que vindes, senhor?... Qual é o vosso intento, ao entrar em vosso antigo castello disfarçado em peregrino?

— Eu não venho disfarçado em peregrino... Venho como quem sou... O meu intento é obter o perdão para meus crimes e peccados d'aquelles a quem offendi... Julgaes que Sarah e Alvaro me possam perdoar?... E, vós mesmo, senhor Ayres Peres, perdoaes me todo o mal que vos fiz?

— Pouco, ou nenhum mal me fizestes, senhor, mas se julgaes que o meu perdão póde aliviar vossa alma, sabei que de bom grado vol-o concedo...

— Sim, vós mostraes-vos generoso, mas elles!...

— Tranquillisae-vos, senhor, tudo ha-de succeder em bem... Se os offendestes, vossa offensa foi reparada, e até fostes vós que, sem o querer é certo, concorrestes para que elles se unissem e fossem felizes...

— Acreditaes então que elles me perdoem? perguntou o romeiro.

— Assim o acredito, respondeu Ayres Peres...

— Deus vos oiça, senhor! E que o ceu vos dê bom pago pelas palavras animadoras com que confortaes minha alma!

Ayres Peres não poude conter a viva curiosidade que lhe estava produzindo a completa transformação do rude, altivo e colerico Ruy Mendes de outros tempos no romeiro humilde e arrependido, que tinha em sua presença, e ousou perguntar-lhe:

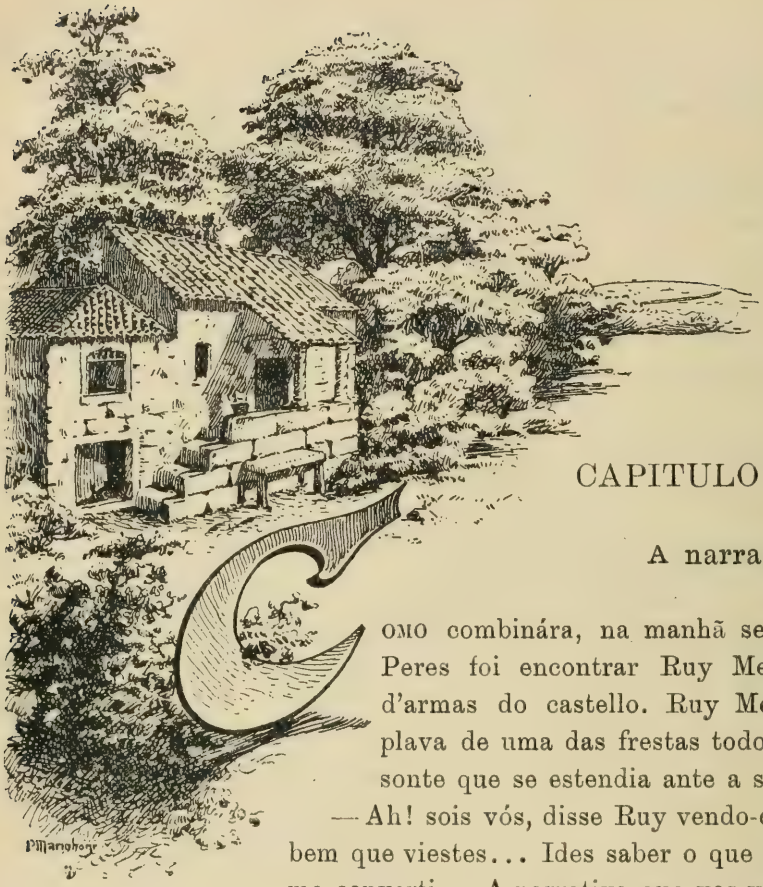
— E o que deu causa á vossa conversão?

— Para vos dizer como me converti terei que contar-vos tudo quando passei desde que, finda a guerra entre D. Diniz e seu irmão D. Affonso, fui servir o rei de Castella...

— Ouvir-vos-hei, senhor; mas a hora da noite já vae avançada e vós precisaes de tomar algum alimento e de dormir...

— A'manhã, pois, vos contarei tudo, disse Ruy Mendes, concordando com o alvitre de Ayres Peres.

Um servo veio trazer a ceia. O peregrino, depois de comer, saudou Ayres Peres e recolheu-se ao seu aposento.



CAPITULO XXXII

A narrativa

Como combinára, na manhã seguinte, Ayres Peres foi encontrar Ruy Mendes na sala d'armas do castello. Ruy Mendes contemplava de uma das frestas todo o vasto horisonte que se estendia ante a sua vista.

— Ah! sois vós, disse Ruy vendo-o entrar, ainda bem que viestes... Ides saber o que passei e como me converti... A narrativa que vos vou fazer ha de servir-me de desabafo...

— Dizei então...

Ruy Mendes narrou longamente o que lhe tinha acontecido desde que fugira de Portugal e fôra servir o rei de Castella. Resumiremos a sua narrativa.

Na côrte castelhana, Ruy Mendes conheceu um rico fidalgo, que lhe offereceu o governo de um castello que possuia nas cercanias do territorio occupado pelo reino mussulmano de Granada, o unico vestigio que então havia na peninsula hispanica do dominio arabe, e que até então tinha conseguido resistir á guerra de exterminio que os reis christãos tão selvaticamente moveram á civilisação arabe. Ruy Mendes com os seus bestiaes instinctos de nobre gentilhomem d'esse tempo, bem depressa começou com os seus homens d'armas as incursões e correrias no territorio dos ara-

... a[illegible] um ramo e poz-se a con[illegible] (pag. 16)

bes, incursões e correrias que eram se[illegible] e [illegible] guaiadas por algum feito ou sangrento ou de violencia ou de r[illegible].

Um dia, porém, em que Ruy M[illegible] com um troço dos seus ho-

mens assaltava o palacio de um rico sarraceno, travou-se tão rija peleja entre os arabes e os christãos que estes tiveram de fugir, deixando em poder dos inimigos, tres homens, quasi mortos, incluindo n'este numero o proprio Ruy Mendes.

Dois dos christãos morreram pouco tempo depois. Ruy, no emtanto, poude escapar.

O arabe, a quem elle assaltara a casa, poupou-lhe a vida, e, não só lha poupou, mas quasi lha restituiu, pois que o salvou como que milagrosamente dos ferimentos gravissimos que tinha recebido.

Este arabe era um velho medico, que grangeára grandes bens exercendo a sua profissão. Chamava-se Ali-ben-Sina, como um seu celebrado collega, que tão grande fama alcançara, alguns seculos antes, e que é conhecido nas chronicas christãs com o nome de Avencina.

Quando Ruy se restabeleceu, Ali-ben-Sina mandou-o vir á sua presença e disse-lhe:

— Christão, deveis-me a vida, a mim, a quem pretendestes roubar e assassinar...

— Senhor, disse Ruy, verdadeiramente commovido pela maneira carinhosa como o arabe lhe tinha tratado os ferimentos, e sentindo-se humilhado ante aquella generosidade, não só me poupastes a vida, como me salvastes quasi por milagre... Nunca esquecerei quanto vos devo!

— Deixae-me proseguir, atalhou Ali-ben-Sina... Vós os christãos quando, em peleja, aprisionam alguns dos nossos, matam-os ferozmente com todos os requintes de crueldade...

Nós não podemos imitar-vos... E' contra os nossos costumes... E' contra a lei do Propheta... Aqui tendes por que vos poupei a vida... Agora o motivo porque não morrestes foi porque eu aprendi a tratar os males do corpo nos ensinamentos de Albucácis de Cordova, de Aven Zohar de Sevilha e de Avicena, assim como nas obras de Abul-ben-Rosch [1] aprendi a cuidar dos males da alma... Se vos curei foi com o fim de exercitar a minha arte... Agora que

---

[1] Este homem, a quem o arabe se refere, é o celebre philosopho Averroes, que viveu e floresceu no califado de Cordova, de 1126 a 1188, e é o representante mais notavel da cultura philosophica dos arabes. Averroes é o nome por que é conhecido entre os christãos; o seu nome sarraceno era Abul-Wahid-Mohammed-ben-Rosch.

estaes curado vou dizer-vos o destino que resolvi dar vos... O destino é este: ficareis captivo em minha casa.

Disse e retirou-se, indicando a Ruy Mendes que não queria ouvir-lhe nenhuma objecção.

O captiveiro de Ruy Mendes foi uma especie de hospedagem no palacio de Ali-ben-Sina. O arabe começou a tratal-o como hospede e acabou por tratal-o como amigo. Na convivencia com um homem superior como era o arabe, ao contacto com outros costumes e uma outra civilisação, o espirito rude mas intelligente de Ruy Mendes, foi-se transformando, foi adquirindo conhecimentos, foi se modificando e melhorando. Começou a ter consciencia dos actos que fizera, dos crimes que praticára, e a arrepender-se d elles. O arabe assistia á transformação do espirito do seu hospede com evidente contentamento.

Infelizmente para Ruy Mendes, ao fim de sete annos d'esta vida instructiva e calma no palacio de Granada, Ali-ben-Sina morreu de subito, deixando os bens a uns sobrinhos, que, não herdando a tolerancia do tio para com o christão, expulsaram-n'o do palacio. Ruy Mendes voltou para Castella; obteve do rei alguns recursos, com que se dirigiu a Avinhão, ende n'esse tempo se encontrava a côrte pontificia. N'um arrabalde da cidade, havia um ermitão celebre, Mauricio Sforza, a quem os peccadores e os crentes do christianismo procuravam e ouviam com enthusiasmo e fervor. A fama das suas virtudes chegou a Ruy Mendes, que deliberou ir lançar-se-lhe aos pés, confessar-se e pedir-lhe a absolvição. Assim o fez. Mauricio Sforza era um asceta, como os primitivos christãos, mas um asceta taciturno e sem indulgencia. Vivia n'uma caverna, em uma colina, d'onde se enxergava toda a cidade de Avinhão.

Ruy Mendes procurou-o, lançou-se-lhe ao pés e confessou lhe todos os peccados e os crimes que praticára.

As suas lagrimas e a sua humildade teriam abalado e commovido qualquer pessoa; a Mauricio Storza não.

Erguendo-se da pedra onde estava sentado e onde estivera escutando a confissão de Ruy Mendes, o asceta, com os olhos a fuzilar raios, com a boca espumando de colera, com os braços erguidos e gesticulando com vehemencia, regougou como um possesso:

— Ah! vil e infame bandido que julgas com vãos choros e falsas palavras de arrependimento obter o perdão do Senhor para os teus

crimes, para os teus nefandos crimes, desprezivel salteador! Sim!... Bandido e salteador!... Que em verdade te digo que tenho visto pendurados nas sebes dos caminhos, com uma corda atada ao pescoço, ou nos cadafalsos com as cabeças decepadas pelo machado do algoz, bandidos e salteadores que não cometteram metade dos latrocinios que tu cometteste!... Tu, um nobre, um fidalgo!... Pertences a essa casta de nobres que teem as almas mais ruins e os figados mais perversos do que as almas e os figados dos mais ruins villões!... E julgas que o Senhor te póde pordoar!... Deus é bom, mas é justiceiro! Deus é misericordioso, mas é justo!... Para obteres o seu perdão, não bastam lagrimas, nem palavras de humildade! E' preciso que te vás lançar aos pés d'esses a quem offendeste e que elles te perdoem para que Deus te possa perdoar!... Estás disposto a cumprir a penitencia que te vou impôr? Não me respondas já, nem precipitadamente. Volta para Avinhão, demora-te lá o tempo que precisares para examinar bem a tua consciencia e poderes responderme se sim ou não cumprirás a penitencia que te hei de impôr... Volta depois, e dir-te-hei então o que has de fazer... Vae, e, por emquanto não contes que te absolva de teus peccados!

Ruy Mendes obedeceu com humildade, e voltou d'ali a dias a procurar o asceta. Mauricio Sforza ouviu-o, e, acreditando que o seu arrependimento era sincero, impoz-lhe o dever de ir beijar a pedra do Santo Sepulchro de Jesus-Christo em Jerusalem, depois procurar Sarah Usque e implorar-lhe o seu perdão, bem como o de todos aquelles que elle tivesse offendido e prejudicado. Ruy Mendes cumpriu religiosamente a penitencia que o asceta de Avinhão lhe impozera. Foi a Jerusalem, d'onde voltou tendo ainda mais ateado o fervor religioso, e dirigiu-se para Lisboa para acabar de cumprir essa penitencia. Esta ultima, era a que mais lhe custava e que por isso mesmo elle reservára para o fim. Quando a tivesse cumprido só lhe restava ir lançar-se de novo aos pés de Mauricio Sforza e obter d'este a tão desejada absolvição. Era por isso que se encontrava no solar de Unhos, esperando por Alvaro Mendes e por Sarah, narrando a Ayres Peres toda a sua historia.

Quando Ruy Mendes concluiu, Ayres Peres, vivamente commovido, abraçou-o e disse-lhe:

— Vejo que effectivamente sois uma nobre alma e um verdadeiro christão!

O vosso arrependimento e a vossa historia impressionaram-me devéras...

— Senhor, respondeu Ruy, agradeço-vos... Já que vos interessaes por mim, fazei com que Alvaro Mendes e Sarah me recebam bem e me perdoem...

— Senhor, sim, disse Ayres Peres.

D'ali a alguns dias, Alvaro e Sarah chegavam a Unhos.

Quando Alvaro repousou das fadigas da jornada, Ayres Peres chamou-o de parte e preveniu-o do encontro que lhe estava preparado.

Alvaro, ao deparar Ruy, abraçou-o com effusão e disse-lhe:

— Ah! Ruy! que alegria sinto em tornar a ver-te! No passado não se torna mais a falar!... Voltarás a habitar o teu antigo castello, que te entrego de novo... D. Diniz ha de restituir-to... Eu te afiança... Serei eu mesmo quem lhe ha de pedir...

— Não digas tal, Alvaro... Vim para obter o teu perdão e o de Sarah e não para tornar a haver o castello! Que me importam a mim os bens do mundo!... D'aqui irei pedir a absolvição do santo asceta e depois entrarei para um mosteiro... Ah! não Alvaro! nem tu nem ninguem poderá alterar esta minha decisão! Resolvi ha muito que entraria para um mosteiro e hei de entrar! Agora, resta-me ainda cumprir a parte mais difficil do que emprehendi... tu já me perdoaste... Bem... Mas ella? Ella quererá perdoar-me?

— Ha de querer, de certo, respondeu Alvaro...

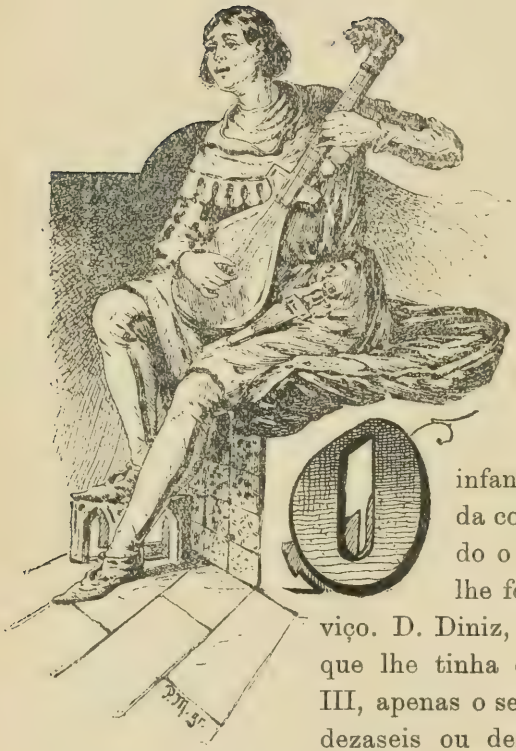
Sarah, porém, apesar da promessa de Alvaro e de Ayres Peres, recusou-se por alguns dias a encontrar-se com Ruy e a perdoar-lhe.

Alvaro, por fim, apóz muitas supplicas e muitas insistencias, conseguiu vencer a obstinada teimosia de sua mulher.

Ruy Mendes appareceu ante ella e obteve o seu perdão. Depois, sem attender ás supplicas e aos pedidos de Alvaro e de Ayres Peres, que lhe supplicavam e pediam que ficasse algum tempo com elles e que abandonasse a triste resolução de professar n'uma ordem religiosa, retirou-se para Lisboa e d'aqui se dirigiu a Avinhão a lançar-se aos pés de Mauricio Sforza.

Absolvido pelo asceta, Ruy Mendes professou n'um mosteiro da ordem de Cistér.

FIM DA TERCEIRA PARTE



QUARTA PARTE

CAPITULO I

O infante

O infante D. Affonso, o futuro herdeiro da corôa, tinha apenas sete annos quando o rei o instalou em paço proprio e lhe forneceu pessoal para o seu serviço. D. Diniz, n'este ponto, seguiu o exemplo que lhe tinha dado o pae. Com effeito Affonso III, apenas o seu primogenito chegára á idade de dezaseis ou dezasete annos estabeleceu-lhe casa propria, doou-lhe quarenta mil libras e muitas pratas e objectos para uso.

Mas, ou porque os educadores e os homens que rodearam D. Diniz fossem individuos de muito melhor condição ou de intelligencia mais desenvolvida do que os educadores e os homens que rodearam o infante D. Affonso, ou porque o caracter d'este principe fosse muito differente do caracter de seu pae, o que é certo é que o rei teve bastantes motivos para arrepender-se por ter tão cedo libertado o filho da sua tutela.

D. Affonso era de uma indole tosca, bravia e má.

Por uma d'estas anomalias da hereditariedade, não herdára nem a intelligencia viva e scintillante do pae, nem o caracter compassivo, o coração misericordioso e o espirito benevolente da mãe, a rainha D. Izabel. Parece que dos progenitores só herdou o que em cada um d'elles havia de peior.

Crescendo em liberdade, a sua indole ruim levou-o a cercar-se de gente má e perversa, que o lisongeava, lhe satisfazia os caprichos, e que finalmente tanto concorreu para fomentar as discordias que teve com o rei.

D. Affonso andava quasi sempre affastado da côrte, em correrias pelas diversas povoações do reino, em montarias e caçadas. A D. Diniz chegavam a miudo queixas dos latrocinios, das expoliações que os partidarios do infante, autorisados ou não por este, comettiam nas villas e terras por onde passavam como um bando desenfreado de bandidos.

D. Diniz remedeava sempre que lhe era possivel e dentro de suas forças. A's vezes exprobava com vehemencia e energia ao filho o seu mau procedimento.

Affonso, que contava já mais de vinte annos, ouvia-o, resmungando sempre. Por isto começou a ver com maus olhos o pae. Começou a desconfiar que D. Diniz o quiz afastar da côrte, para proteger Affonso Sanches, seu filho bastardo.

O rei mostrava uma grande predilecção por este seu filho. Este Affonso Sanches nascera em 1286. Fôra sua mãe Dona Aldonça Rodrigues de Sousa ou da Telha.

A grande estima e sympathia de D. Diniz por este filho originou as intrigas palacianas que fizeram nascer no principe herdeiro um profundo rancor contra o pae e um desesperado ciume contra o irmão.

Ora a predilecção do pae por Affonso Sanches era muito natural. Affonso Sanches semelhava-se no physico e no moral com D. Diniz. Era intelligente e gracioso e tambem cultivava a poesia. D. Affonso, ao contrario, era pouco atilado, taciturno e tinha horror a tudo quanto fosse trovas.

*

* *

Quando D. João Martins de Soalhães passou de chanceller do reino para Arcebispo de Braga, Estevam da Guarda foi feito chan-

celler. Achando-se vago o cargo de mordomo-mór, D. Diniz lembrou-se de prover n'elle Affonso Sanches.

Pediu conselho a Estevam da Guarda.

— Senhor, não encontrareis ninguem melhor do que D. Affonso Sanches para tão alto cargo... Vosso filho é mui intelligente... Tem por vós uma grande dedicação...

— Bem está, amigo, disse o rei, folgo com as tuas palavras... Nomearei pois Affonso Sanches meu mordomo-mór... Tendo-te a ti, Estevam da Guarda, por chanceller, e a elle, o meu querido Affonso por mordomo, posso estar mais descançado... Assim não me hão de os negocios do estado afadigar tanto... E' que me vou sentindo cançado... A's vezes tenho uma dôr subita aqui no peito, concluiu o rei, indicando o coração...

— Tratae do mal em quanto é tempo, senhor, atalhou pressuroso o privado... Mandae chamar mestre Pedro Nogueira... Quereis que lhe mande recado?

— Não, não é preciso... Esta dôr abafa-me por um momento, mas passa depressa... Depois esqueço-a logo, e só d'ella me lembro quando volta a apoquentar-me... Mandarás recado mas é a Affonso Sanches... Quero breve dar-lhe a boa nova .. Achas que a receberá bem?

— De tal me persuado, senhor, respondeu o privado.

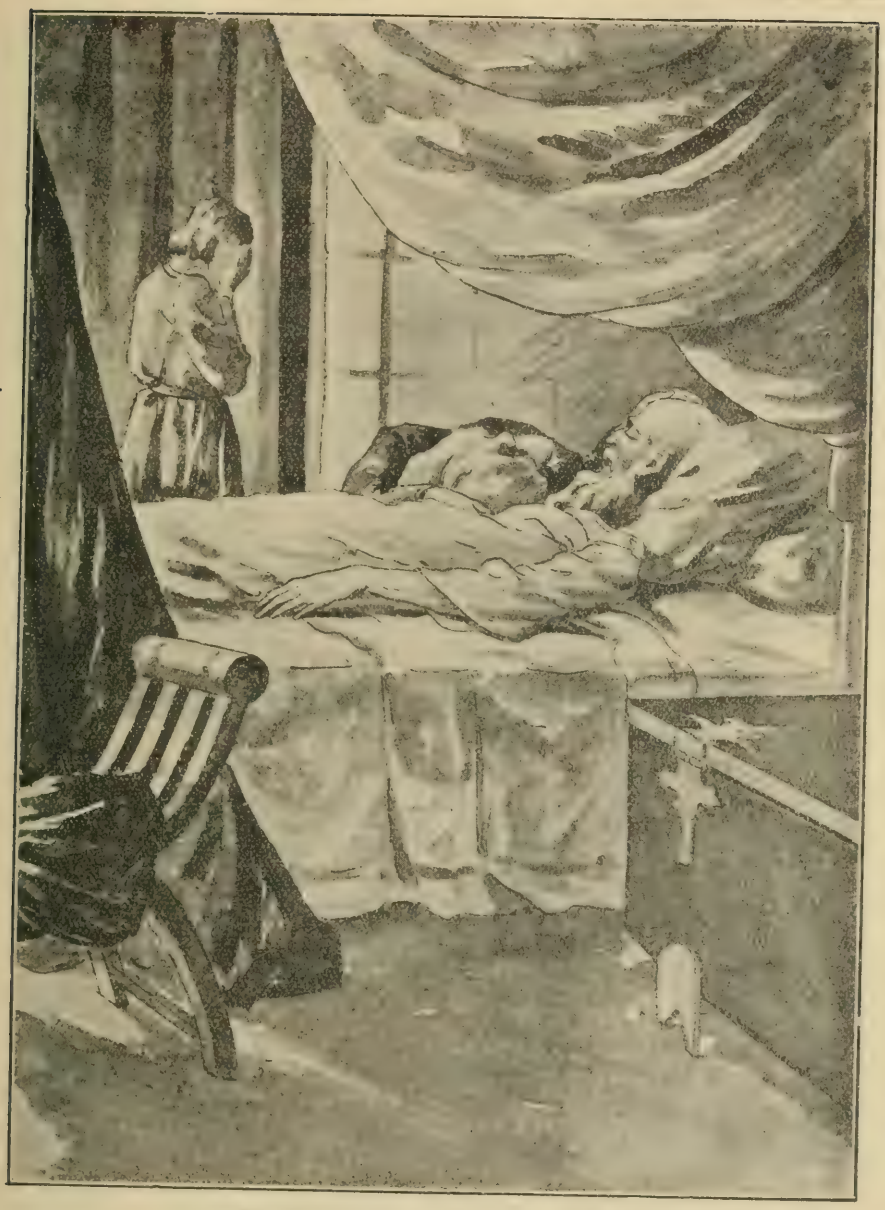
— Ah, Estevão da Guarda, é que acho sempre pouco tudo quanto faço por meu filho Affonso Sanches... Tenho-lhe bem entranhado amor... Elle tambem tudo merece...

— Mas, senhor, olhae que já muito tendes feito a Affonso Sanches... Já lhe destes o senhorio de Villa do Conde, de Campo Maior, de Varzim, da Povoa e de Touquinha...

— Sim, mas elle merece ainda muito mais... Ah, se Affonso, o meu herdeiro, fosse como este meu filho bastardo como eu estaria tranquillo e calmo pelo futuro! Mas Affonso inquieta-me... O seu mau procedimento, as suas constantes incursões pelas villas e terras do reino, a gente perversa que o rodeia, tudo concorre para que eu lamente este bom povo de Portugal quando o vier a ter como rei!

— Ainda está bem longe essa hora, Deus louvado! exclamou Estevam da Guarda... Demais vosso filho, com a idade, ha de corrigir-se...

— Deus te oiça e torne verdadeiras tuas palavras!



No dia seguinte expirava (pag. 448)

Quando dias depois d'este dialogo entre o rei e o novo chanceller correu a nova da nomeação de Affonso Sanches para mordomo-mór do reino, os partidarios do infante D. Affonso mostram-se indignados. O herdeiro da coroa encontrava-se então em Coimbra, quando

soube da nova prova de estima e de confiança dada por D. Diniz ao bastardo Com D. Affonso, no paço de Leiria, entre os partidarios mais zelosos d'este principe, encontrava-se um personagem muito conhecido d'aquelles que tenham seguido esta historica narrativa, o antigo confessor da rainha D. Izabel, frei Pedro de Serra.

Este manhoso frade, apesar de nonagenario, apesar de debilitado pelos annos e pelos achaques, conservava ainda bem vivo e acceso no coração o seu antigo odio a D. Diniz. Quando o infante, chegado á adolescencia, começou a cercar-se de sequazes, frei Pedro de Serra foi dos primeiros que correu pressuroso para o paço do filho do homem que elle tanto odiava.

Foi tambem o manhoso frade mercenario quem primeiro levou ao infante a nova da nomeação do irmão bastardo para mordomo-mór do reino.

— Senhor, disse frei Pedro dirigindo-se ao infante, sou o mais velho dos vossos servidores e como tal vos venho trazer mais uma ruim nova... Esta ruim nova é conhecida já de todos elles... Na côrte ha dias que a sabem...

— Dizei, frei Pedro, observou o infante... Estaes-me assustando com tantas delongas...

— Senhor, vosso pae, o rei D. Diniz, acaba de nomear chanceler do reino de Portugal Estevam da Guarda e mordomo-mór do reino vosso irmão bastardo, Affonso Sanches!...

D. Affonso, ao ouvir estas palavras, teve uma expressão rancorosa na physionomia. Os olhos faiscaram-lhe de raiva e de inveja, mas as feições contorceram-se-lhe n'um sorriso sardonico e triste, como indicando quanto lhe pareciam impotentes a sua raiva e a sua inveja.

O infante contava n'esta epoca pouco mais de vinte annos. Era alto, muito reforçado, dando o aspecto d'um individuo em quem o desenvolvimento physico se tinha feito á custa do desenvolvimento intellectual e moral.

As suas feições eram grosseiras: tinha a boca larga e muito rasgada, os olhos pequenos, a testa curta, o nariz achatado, os queixos indicando um evidente prognatismo. O seu conjunto não era, nem attrahente, nem repulsivo.

Frei Pedro de Serra seguira no rosto do principe as impressões que tinham produzido as palavras que proferira. Por isso, ao perce-

ber, o que significava aquelle sorriso desdenhoso, apressou-se em acrescentar:

— Vejo, senhor, que pareceis pouco disposto a dar á nomeação do bastardo para mordomo-mór a importancia que merece... Cuidado, senhor!.. Vossa indifferença e vosso desdem ante estas provas exageradas de amor de vosso pae por Affonso Sanches podem custar-vos muito no futuro!

— Não é indifferença por essa nomeação, frei Pedro, nem desdem... Confesso que ella me magoa... Detesto Affonso Sanches... Detesto-o, não só por ver a preferencia que o rei meu pae lhe dá, mas tambem porque é um homem que nada se parece comigo .. E' um d'esses menestreis, habil para fazer figura n'uma côrte de amôr ou n'um sarau de damas, mas incapaz de me acompanhar a uma boa caçada, a uma difficil montaria ou de acceitar um combate singular... Mas, com respeito a essa nomeação, o que quereis que faça?... Sabeis quaes as relações em que estou com meu pae... Já vêdes que não é este o momento para me fazer lembrado...

— Mui mal procedereis, se assim o fizerdes! respondeu frei Pedro de Serra energicamente... Vosso pae nada pode ter contra vós, senhor... Essas queixas contra alguns de vossos servos, são exageradas pelos homens da côrte de el-rei ou exageradas por vosso proprio pae... E esta é a minha opinião... O rei vosso pae procura tornar-vos odioso ao povo, para poder afastar-vos mais tarde da successão ao throno e legitimar o bastardo que tanto lhe tem merecido! exclamou rudemente o monge.

Com um individuo bronco como era o infante era preciso dizer-lhe as coisas com uma insistencia brutal, para que pudessem calar em seu animo.

— Não vos admireis, nem vos escandaliseis por minha crua linguagem, proseguiu o frade mercenaria indo assim ao encontro de qualquer objecção de D. Affonso... Não, senhor... Compete-me mostrar-vos até á evidencia o audacioso plano do rei vosso pae e hei de mostrar-vos!... Lembraes-vos das mercês com que tem favorecido Affonso Sanches... São comparaveis as riquezas e as terras que lhe doou com as que vos doou a vós?... Não vêdes aqui o intuito de o tornar grande, de o impor á attenção do povo, fazendo-vos passar para um plano inferior? Se não vêdes é por que não quereis vêr... Todos os que vos rodeiam e que estão promptos a der

ramar seu sangue por vós estão persuadidos que vosso pae vos offende e vos tenta afastar do throno...

— Frei Pedro, disse o infante com aspecto carregado e sombrio, já por mais de uma vez me teem chegado aos ouvidos rumores que confirmam essas suspeitas... Mas que devo fazer?... Aconselhae-me...

— A primeira cõisa que devereis fazer, senhor, respondeu o frade, é procurar vosso pae e exigir que demitta Affonso Sanches do cargo de mordomo-mór e que vos nomeie a vós para esse cargo... Se el-rei ceder, ficareis em estado de poder seguir as ambições do bastardo e os intentos de D. Diniz contra vós, e, sabendo ao certo o que vos está reservado, melhor vos podereis defender...

— E se meu pae recusar? perguntou o infante.

— Se vosso pae recusar é porque já está firme no seu criminoso proposito de proclamar Affonso Sanches herdeiro do throno e de vos esbolhar da successão que de direito vos compete... E n'este caso, senhor, não devereis nenhuma obediencia ao mau rei e ao mau pae e tereis de fazer reconhecer vossos direitos pela força...

— Tendes razão, frei Pedro! exclamou o infante, erguendo-se de chofre da cadeira onde estava sentado... Tendes razão e assim o farei!

— Que Deus Nosso Senhor abençoe vossa resolução e a torne bem firme! augurou o manhoso nonagenario.

— Amanhã partirei para Lisboa a encontrar-me com el-rei meu pae... Antes de partir preciso ainda ouvir-vos e aos outros meus fieis partidarios...

— Farei que vossas ordens sejam cumpridas, disse frei Pedro de Serra.

*

* *

O infante chegou á alcaçova de Lisboa acompanhado por numerosos homens d'armas. D. Diniz, que se encontrava na sala do paço com o chanceler, ouviu e estranhou um tão desusado tropel de cavallos e cavalleiros junto do castello. Estevam da Guarda saiu a indagar o que havia succedido e breve voltou para dizer ao rei:

— Senhor, é vosso filho, o infante D. Affonso, que acaba de chegar... Este tropel dos cavallos é da gente de seu sequito...

— Meu filho! exclamou o rei admirado... E a que vem?

— Elle vol-o dirá, senhor, pois pede para vos falar.

D'ali a alguns momentos o infante estava na presença do pae e do chanceler. Feitos os cumprimentos, D. Affonso disse ao rei:

— Venho, senhor rei e pae, para occupar na côrte o logar que me compete... Sei que se acha vago o cargo de mordomo-mór do reino e venho pedir que me nomeeis para elle... Assim irei aprendendo os negocios do estado e deixarei essa vida de excursões e caçadas que tantas vezes me tendes exprobado...

— Não te tenho exprobado as caçadas e as excursões, antes desejo que te distraias e te entregues aos prazeres proprios de tua idade, e que com as excursões em varias terras do reino aprendas a conhecer os povos que has de vir a governar... O que te tenho exprobado são as violencias e os latrocinios que tu ou os teus teem comettido em varios logares, que teem assolado...

— Pois bem, senhor, continuou o infante, contendo-se a custo ao ouvir as palavras de censura do rei, pois bem... Aqui na côrte não vos darei mais cuidados .. Que respondeis ao meu pedido? perguntou por fim D. Affonso, já impaciente por lhe parecer que D. Diniz estava disposto a evitar dar-lhe uma resposta definitiva.

O rei, porém, como para desmentir a falsa supposição do filho, respondeu-lhe rudemente:

— Respondo que não posso fazer o que me pedes... O cargo de mordomo-mór não está vago... Ha alguns dias que nomeei para este cargo á D. Affonso Sanches... Queres que agora lho tire para to dar?

— Senhor, sim, disse o infante...

— Tal não farei! exclamou D. Diniz, a quem a attitude desabrida da filho enchera de colera... Se para isso viéste podes retirar-te, pois não conseguirás teu intento!

— Retirar-me-hei, senhor, respondeu D. Affonso sentindo augmentar o rancor e a colera, mas vede que é mais um pedido que vos faço e que vós não satisfazeis... Agora sim, vejo que era bem verdade tudo quanto me disseram!

— E que te disseram? perguntou D. Diniz.

— Disseram-me que vós quereis engrandecer Affonso Sanches á minha custa, que o quereis engrandecer a elle para me apoucar a mim...

— Basta! Basta! exclamou D. Diniz, cheio de ira...

— Senhor, não, não basta!... Tereis de ouvir-me, gritou o infante em tom ainda mais desabrido... Disseram ainda mais os que me preveniram de vossos intentos... Disseram-me que ides engrangrandecendo o bastardo para mais tarde me despojardes do meu direito á corôa e para o proclamardes a elle o herdeiro!... Eis o que me disseram e eis o que eu acredito!... Se quereis provar não ser verdadeiro o que vos attribuem, por que me recusaes o que vos pedi?... Mas eu, senhor, não estou resolvido, a deixar-me despojar... E, por Deus que nos escuta, vos juro que me hei de defender!...

— Ouve-me bem, Affonso, disse o rei, procurando com esforço tornar serenas as suas palavras... Ouve-me... Á-la-fé que mentem esses que taes coisas te disseram!... Se é que tas disseram! Se não é antes a tua indole indomavel, o rancor a teu irmão e o ciume que d'elle tens, que te faz attribuir-me tão maus intentos... Mas não, não é a tua indole que os inventa... E' essa má gente que te rodeia... E é tambem essa mulher de Castella, D. Maria, a tua sogra, que tão maus conselhos te dá...

— Agora insultaes a rainha de Castella!

— A D. Maria de Castella, proseguiu D. Diniz, sem fazer caso da interrupção do filho, já respondi o que devia responder... Sei que lhe tarda ver-te no throno, que ainda occupo... Pediu-me para consentir que a visitasses em Fonte Grinaldo... Recusei licença para essa entrevista... Recusei-a por que sei os intuitos que a moviam n'essa visita .. Ella vinga-se agora da minha recusa, calumniando-me e attribuindo-me propositos que nunca me passaram pela mente... Como esses falsos propositos te servem para attear em ti esse espirito de rebeldia, de que estás possuido, e que aquelles que te rodeiam tão bem procuram manter, julgaste, em teu acanhado espirito, que vindo ameaçar-me com a tua rebelião, eu me curvaria ante as tuas ameaças e satisfaria teus caprichos... Enganaste-te... Desprezo as ameaças e não te attendo, nem attenderei... Deus sabe que se amo muito e quero muito a Affonso Sanches, é por que amo e quero muito a todos os meus filhos... Se o engrandeci mais, e nunca tanto como a tua inveja te fez dizer, é por que, sabendo o odio e o rancor que por elle nutres, quero-o pôr em condições de te poder resistir se tu, quando fores rei, tentares despojal-o... Agora que disse

o que te queria dizer, vae, parte... Mas, cuidado!... Se te revoltares, sabe que não te tratarei como filho, mas sim como rebelde!

O infante não respondeu a estas palavras de D. Diniz. Saiu da alcaçova, montou a cavallo, e, acompanhado dos seus, seguiu para Coimbra.

CAPITULO II

A justificação de D. Diniz

DESPREZANDO a prohibição de D. Diniz, o infante effectuou a viagem a Fonte Grinaldo, onde se encontrou com D. Maria de Castella. Depois d'esta entrevista, a rainha de Castella teve a ousadia de reclamar de D. Diniz a entrega do governo a seu filho. O rei respondeu que ficava na duvida «de quem recebia maior insulto, se da sogra que servia de intermediaria, se do filho interessado.»

No emtanto, D. Diniz, procurava illudir-se, desculpando o filho. E, dirigindo-se á assembléa dos grandes, dos cavalleiros e dos mestres das ordens, dizia-lhes: «não são estas barbaridades naturaes partos de sua inclinação, são influencias das ruins companhias que o rodeiam».

O infante, entretanto, reunia força armada; procurava augmentar o seu partido e grangear o povo.

Para evitar as acusações e os estratagemas do filho, o rei não só desmentiu o boato de que queria reconhecer como herdeiro da corôa D. Affonso Sanches, como tambem pediu ao summo pontifice que convencesse, por carta especial, os prelados e os grandes do reino de que nunca se notificara semelhante pretenção, nem a elle nem aos seus antecessores. Não contente com isto, D. Diniz publicou um ma-

... gritando que fugissem (pag. 452)

nifesto em que se queixava das intensões de D. Affonso e das suas emprezas contra elle.

Os partidarios do infante affirmaram que o rei com este manifesto

desejava concorrer para que o povo odiasse D. Affonso, e queria assim dispor a plebe a favor do filho natural e preparal-o para a successão.

D. Diniz, achando-se então em Santarem, respondeu aos boatos calumniosos do infante e dos sequazes, convocando no paço os ministros das justiças, os nobres e o povo, e fazendo ler uma carta em que declarava a falsidade notoria de tudo quanto o infante lhe attribuia, e pedindo que lhe confirmassem a justiça com que procedia, para que ao Papa e aos Cardeaes constasse a verdade do que affirmava, em confirmação da qual offerecia cavalleiros, seus vassalos, que em desafio fariam desdizer pela gorja os que semelhantes aleives publicavam e ousassem sustentar. Os ministros e o povo de Santarem deram a D. Diniz carta em publica forma, confessando que nunca o rei lhes pedira cousa alguma contra o infante e em favor de Affonso Sanches. Foram testemunhas o bispo de Evora, D. Gerardo, Estevam da Guarda e João Domingues.

A cidade de Coimbra tambem mandou ao rei uma carta, firmada pelos tabelliães Affonso Domingues e João Gonçalves. Outras cidades e terras seguiram este exemplo e foi com estas cartas que os embaixadores de D. Diniz partiram para Avinhão a pedir ao pontifice João XXII para que interviesse a fim de se evitar a lucta que estava prestes a travar-se.

O pontifice respondeu em uma bulla com data de 10 de setembro de 1320, approvando o procedimento do rei, censurando o infante e os seus parciaes, e intimando-o á obediencia a seu pae.

CAPITULO III

A guerra entre o pae e o filho

Como resposta á intimação do pontifice, D. Affonso pegou em armas e invadiu com as suas forças a região entre o Douro e o Minho, cujos habitantes responderam aos planos de seducção declarando-se leaes ao rei. Todos os que se não manifestavam a favor do infante soffreram horriveis tormentos. Em seguida approximou-se de Coimbra, que cercou. Mas como esta cidade resistisse, dirigiu-se para Leiria, de que se apoderou, graças á traição de Domingos Domingues, que governava a villa em nome do rei e que entregou as chaves das portas ao infante. Os partidarios de D. Affonso logo que entraram em Leiria cometteram toda a especie de espoliações, de roubos e de violencias.

D. Diniz viu-se forçado a repelir a força pela força; reuniu os seus homens d'armas e avançou contra Leiria. O infante, vendo que seu pae vinha a tomar-lhe esta villa, entregou-a á guarda de um dos seus sequazes e partiu a cercar Santarem.

D. Diniz, entretanto, tomou Leiria e puniu cruelmente todos os que tinham coadjuvado o infante na conquista da povoação. Alguns dos traidores, para fugirem ao castigo que temiam, refugiaram-se no mosteiro d'Alcobaça. D. Diniz entrou no mosteiro e foi encontral-os abraçados ás sepulturas dos reis ali sepultados, cuidando que assim commoveriam o rei e se livrariam. Mas D. Diniz foi inexoravel. Lembrando-se da desobediencia do filho e da deslealdade de taes vassalos, não respeitou o asylo que tinham procurado. A nove d'esses vassalos mandou decepar-lhes as mãos e os pés e queimal-os vivos, executando esta terrivel sentença o meirinho mór Lourenço Annes Redondo. A este Annnes Redondo deu D. Diniz os bens que confiscara ao antigo alvasil de Leiria, Domingos Domingues, o que entregara as chaves das portas da villa ao infante.

Eis os termos d'esta doação:

«Faço saber que como entre aquelles de Leiria que eu achei por mais culpados e em quem mandei fazer justiça, pela entrada que lá fez o infante foi Domingos Domingues, que foi meu copeiro, que era então alvazil, e que tinha as chaves das portas da villa, e lhe abriu, e porem lhe mandei dar morte de traidor com aquelles que hi foram culpados, e mandei que perdesse a sua parte de todos os bens que havia, assim moveis, como de raiz, e que fossem meus e que sua mulher houvesse metade d'elles. Agora eu querendo fazer graça e mercê a Lourenço Annes Redondo, meu meirinho, por que me serviu bem e lealmente, e em cobro d'alguma parte que lhe a elle pilharam e estragaram o infante e os seus, faço-lhe doação dos ditos bens que eu houve do dito Domingos Domingues, e mando que os haja para sempre.»

Como Leiria era terra de que D. Izabel tinha o senhorio, D. Diniz desconfiou que o infante não poderia ter entrado na villa sem que a rainha tivesse pactuado com o filho. Além d'isto, o rei julgou que D. Izabel tivesse auxiliado o filho com dinheiro, pois de outro modo não se explicava como este poderia sustentar e manter um tão grande numero de homens d'armas.

D. Diniz cheio de sanha contra D. Izabel, desprezou todos os conselhos de prudencia que lhe davam Estevam da Guarda e Affonso Sanches, e, entrando nos aposentos da rainha, na alcaçova de Santarem, disse-lhe com aspecto colerico:

— Senhora, estou convencido de que sois vós que auxiliaes o in-

fante nosso filho na rebelião que contra mim move... Sois vós que lhe forneceis dinheiro para elle profiar n'esta sacrilega lucta...

— Eu, senhor! exclamou a rainha mostrando no rosto uma expressão de espanto... Fazeis-me offensa dizendo tal!

— Sois vós, sim! proseguiu o monarcha obstinadamente... Sei o grande amor que tendes ao infante e sei que vos cega o sentimento materno... Mas comtudo não vos posso perdoar o terdes esquecido que, auxiliando vosso filho auxiliaes um rebelde e um traidor, que tem assolado todas as terras por onde tem passado...

— Escusae o, senhor! pediu afflicta a rainha... Escusae-o, que sua indole é boa e elle é dominado pela gente que o rodeia...

— D'antes tambem assim pensava, mas agora estou convencido de que Affonso é um grande culpado... Os roubos, as pilhagens e os assassinios teem sido comettidos por sua instigação e por sua ordem...

— Não acrediteis em tal... Esses que assim falam não dizem a verdade...

— Basta, senhora! exclamou D. Diniz aceso em ira... Não tenteis defendel-o!... E para vos punir da grave offensa que me fizestes auxiliando o infante...

— E ainda o acreditaes! disse a rainha, encarando frente a frente o esposo... Acreditaes que eu tivesse auxiliado o infante?

— Senhora, sim, tenho a certeza... Vós tinheis o senhorio de Leiria e foi por pacto comvosco que o alvazil entregou as chaves das portas da villa ao infante... E ainda não é tudo... Affonso, nunca teria meios para manter tantos homens em armas, se vós lhe não tivesseis dado dinheiro...

— Em tudo vos enganaes, disse a rainha... Mas, como vejo que vos não convenceis da minha innocencia, que Deus abra vossos olhos e vos faça ver o erro em que estaes... Eu nada mais vos direi...

— Eis o que decidi a vosso respeito, senhora... Ireis para Alemquer, d'onde não saireis sem meu consentimento ou sem que vos dê ordem para isso... Partireis hoje mesmo...

— Irei para Alemquer, senhor, disse a resignada esposa .. E ahi pedirei a Deus que vos congrace com o infante e que dê a paz ao reino...

D. Izabel partiu com effeito para Alemquer n'esse mesmo dia. A rainha acceitou com paciencia e resignação este degredo. As macera-

ções, os jejuns, as penitencias, a exaltação mystica e religiosa tinham, juntamente com a idade, abrandado muito a sua antiga indole. Por isso D. Izabel obedeceu sem queixume ao que lhe impuzera o rei.

Alguns vassalos de D. Izabel, sabendo do castigo que lhe fora imposto, vieram offerecer-se para declararem guerra ao rei, até que este restituisse á esposa os bens e os senhorios que lhe havia tirado. A rainha, agradecendo-lhes e louvando-lhes o zelo, não acceitou o sacrificio e aconselhou-os a que se aquietassem, pois não queria provocar uma nova guerra civil tão perigosa e tão encarniçada como aquella que assolava o reino.

O infante tinha deixado a esposa n'um arrabalde de Coimbra, entregue á guarda do Conde de Barcellos, D. Pedro, filho bastardo de D. Diniz, e partira a cercar Santarem, que abandonou, para voltar a Coimbra. O motivo foi que lhe tinha nascido um filho, que teve o nome de Pedro, e lhe succedeu mais tarde na corôa. Este principe, o conhecido amante de Inez de Castro, foi o terrivel epileptico e incomparavel louco que as historietas designam pelo cognome de «cru» e de «justiceiro».

O irmão de D. Affonso, o conde de Barcellos, a quem é attribuido o *Nobiliario* que traz o seu nome, declarou-se pelo infante contra o proprio pae, mais por genio calculador e interesseiro do que por inveja ou odio contra Affonso Sanches. O conde de Barcellos, conhecendo a indole feroz do irmão e vendo que D. Diniz já não podia durar muito, tratou de seguir aquelle para evitar que D. Affonso, quando occupasse o throno o despojasse da herança paterna. Foi só por isto que este homem, que tinha muito mais de galanteador do que de guerreiro, acompanhou sempre o irmão revoltado e foi seu cumplice em todos os assassinios, em todas as violencias e em todos os crimes que então se cometteram.

O pontifice, depois de ter enviado a bulla a favor de D. Diniz, autorisou o bispo de Evora, D. Gerardo, a empregar os castigos espirituaes contra os perturbadores da ordem publica.

O infante, cheio de sanha contra o bispo, mandou um bando de seus partidarios, sob o commando de Affonso Nonoes e Nuno Barreto contra D. Gerardo. Encontraram o bispo em Extremoz; entraram violentamente n'esta villa e assassinaram-no em 5 de março de 1321.

D. Affonso, entretanto, apoderava-se de Coimbra.

Quando o rei teve conhecimento da perda de Coimbra, vendo que, dia a dia, augmentava o partido do infante, reuniu rapidamente as suas forças e marchou contra aquelle ponto.

O exercito do pae e do filho achavam-se emfim frente a frente, receiando se até a cada momento um encontro violento entre os dois contendores.

D. Izabel, informada das hostilidades, pôz-se sem demora a caminho, para evitar a deshonra de uma tal lucta. Cheia de angustia, dirigiu-se para o acampamento do esposo, acompanhada por alguns prelados do reino e de numeroso sequito. Ao chegar ali, entrou na tenda onde se encontrava D. Diniz e, com a voz embargada pelos soluços, com os olhos rasos de lagrimas, pediu-lhe:

— Senhor, não porfieis n'uma guerra, tão do desagrado de Deus e dos homens... Não deis batalha a vosso filho... Esperae, que eu me comprometto a trazel-o a vossos pés pezaroso e arrependido, implorando vosso perdão... Lembrae-vos que, quaesquer que sejam as suas culpas, elle é vosso filho... Lembrae-vos do sangue que já tem corrido por causa d'estas dissensões e do que ainda ha de correr... Vêde quantos vassalos fieis já tendes perdido e quantos ainda hão de ficar sem vida!

— Ah! Por Deus, senhora, má lembrança tivestes em fazer-me recordar os bons vassalos que perdi!... Acode-me ao espirito o nome do bispo de Evora, D. Gerardo, meu fiel servidor, assassinado covardemente por ordem do infante!... Lembro-me dos que me ficaram fieis em Leiria, em Guimarães e aqui em Coimbra, e que pagaram com a propria vida essa fidelidade ao seu rei!... Ah! Izabel, e é a mim que vindes lembrar estas coisas?...

— E' a vós, meu rei e meu esposo, que as venho lembrar, para que eviteis de futuro novas carnificinas!...

— Senhora, chegou a hora de vingar esses que morreram victimas da sua fidelidade! Chegou a hora da justiça e da punição!... Deixae-me!... Não me importuneis com vossos lamentos, implorando a minha piedade a favor d'esse mau filho e d'esse mau vassalo!.. E' um traidor e é um rebelde, e como tal o hei de tratar!... Vamos, retirae-vos do acampamento, Izabel, senão ver-me hei obrigado a fazer-vos acompanhar para fóra d'elle... Ide...

D. Izabel ainda quiz proferir mais algumas palavras, em sua obstinação de evitar a lucta entre pae e filho; mas D. Diniz, de sem-

blante cada vez mais carregado, impoz-lhe violentamente silencio e ordenou que a seguissem até ella sair, com os que a acompanhavam, fóra do acampamento.

A rainha, porem, não se deu por vencida. Dirigiu-se então ao acampamento do filho. Quando passou atravez do exercito do infante, os homens d'armas olhavam-na com espanto e respeito, considerando-a uma mensageira de boa nova.

Alguns a quem já a lucta estava prejudicando muito, e que só por medo acompanhavam o infante, não occultaram a sua alegria ao ver D. Izabel atravessar o campo, considerando a visita da rainha a seu filho como um presagio de paz.

Quando a rainha entrou na tenda de D. Affonso começavam a ouvir-se, ao longe, no campo de D. Diniz, os toques das trombetas, prenuncios de proxima batalha.

Era uma clara e limpida manhã de maio. O sol alumiava toda essa planicie banhada pelo Mondego. Do campo de D. Affonso, avistava-se ao longe, diminuidas pela distancia, as tendas do acampamento de D. Diniz.

D. Affonso, ao ver entrar a rainha em sua tenda, veio recebel-a com grandes mostras de respeito, exclamando:

— Vós aqui, minha mãe!... Pois fizestes tão longa jornada para virdes ao meu encontro?... Em mau momento chegaes, porém... Breve começará a batalha...

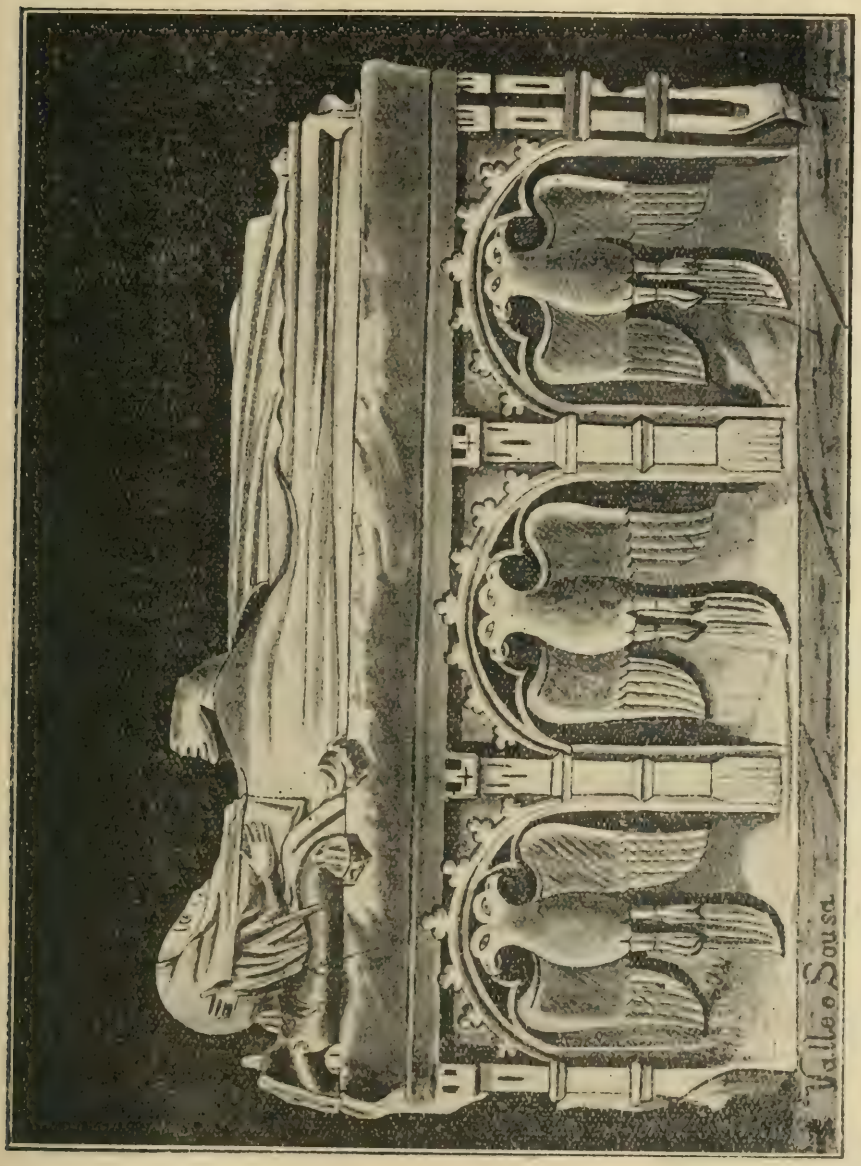
— Não digas tal, Affonso!... Não começará breve batalha nenhuma... Deus não o ha de permittir!... Venho de longe, cheia de angustia, cheia de fadiga, para impedir esta sacrilega guerra!... E tu has de attender os rogos de tua mãe!...

— Senhora mãe e rainha, já não posso... Agora os designios de Deus hão de cumprir-se... Não me compete recuar...

— Não blasphemes, Affonso! disse a afflita rainha .. Não blasphemes, mettendo o santo nome de Deus Nosso Senhor n'esta guerra sacrilega!... Deus não póde levar em bem esta guerra!... Deus ordena respeito aos paes e aos reis... E tu faltaste ao respeito a teu pae e a teu rei!...

—Não faltei ao respeito a meu pae, nem ao rei, senhora!... Deus sabe que se peguei em armas foi para defender meus direitos e para evitar que meu pae me despojasse da herança que me compete... Vós conheceis seus intentos de legar a corôa a Affonso Sanches...

— Attribues a teu pae intentos que elle nunca teve, Affonso... Foram os que te rodeiam que propalaram essas calumnias .. Eu,



Sé Velha de Coimbra — Tumulo de D. Betaça, dama de honor da Rainha Santa

como mãe, desculpo-te, porque te conheço e sei que não tens má indole, e que foram os teus privados que tão mal te aconselharam... São elles os verdadeiros culpados... Mas agora que te affirmo, que te asseguro que tens certa a successão da coroa, que teu pae e nosso

rei nunca cuidou em tirar-te essa successão, venho pedir-te que não lhe dês batalha, que não consintas que se derrame mais sangue...

— Mas como quereis, minha mãe, que eu recuse a batalha, se já se ouvem os toques das trombetas no acampamento do rei?... Quereis que fuja?... Ah, não posso, não quero!... Deixae-me que saia para fóra a dar aos meus homens as ordens para que se preparem para a batalha...

— Não deixo, Affonso! exclamou a rainha, pondo-se em frente do filho, para o impedir de sair .. Attende as minhas supplicas, filho!... Não me queiras despedaçar mais o coração!

Este dialogo entre a mãe e o filho foi interrompido por um personagem, que entrou apressadamente na tenda do infante. Era D. Pedro, o conde de Barcellos. Surprehendido ao ver D. Izabel, saudou-a com affectuosa veneração e com filial respeito, pois que, como já se disse, a rainha era para os filhos bastardos do esposo mãe carinhosa. D. Pedro vinha coberto de pesada e espesa armadura. D. Izabel, disse-lhe, depois de ter correspondido á saudação:

— Ah, Pedro, vindes armado e prestes a entrar em lucta!

— Senhora, sim, venho preparado para a peleja, que não se demorará... Vinha prevenir D. Affonso para que désse as suas ordens, pois o inimigo já está aparelhado para a batalha... Mas vós, senhora, não podeis ficar aqui!

— Pedro, meu filho, e se assim vos trato é por que sabeis que vos quero como tal, juntae aos meus os vossos rogos para que Affonso não dê batalha a seu pae!... Esta guerra é uma calamidade para o reino...

O infante, não podendo refrear por mais tempo o desejo de visitar o seu acampamento, disse á rainha:

— Escusae-me, senhora mãe e rainha, se vos interrompo... Mas urge que me deixeis sair de minha tenda... E' força que visite o exercito...

— Oh! meu Deus! exclamou D. Izabel com crescente angustia.

— Não vos atemoriseis, senhora mãe, atalhou logo o infante para socegar a rainha... Não é meu intento começar agora a peleja... Não o farei emquanto aqui estiverdes... Vou sair a dar ordens ás minhas tropas e ver se enxergo o que se passa no acampamento do rei... Fiae-vos em minha promessa...

E o infante, sem esperar mais tempo, saiu da tenda.

D. Izabel, inquieta, seguiu-o com a vista, e, fixando depois D. Pedro, perguntou-lhe:

— Affonso dir-me-ha a verdade?... Não se travará por emquanto a peleja?

— Senhora, o infante falou a verdade... Podeis ficar tranquilla... Não é agora o ensejo para pelejar... O sol despede seus raios por todo o acampamento, e nem D. Diniz, nem o infante travariam batalha em tão mau momento... Conhecem por demais os usos da guerra para cometterem essa imprudencia...

— Mas é preciso, Pedro, que não se trave peleja entre D. Diniz e o infante .. E' preciso evitar esta lucta entre o pae e o filho... A isto vim... Corri ao encontro de el-rei, que nada quiz ouvir, que não me quiz attender... Voltei minhas esperanças para meu filho e encontro-o tão obstinado como seu pae!.. Auxiliae-me vós, Pedro... Tenho o meu coração de mãe e de esposa dilacerado!... Auxiliae-me a congraçar o pae e o filho, e a evitar uma lucta sacrilega, que ha de chamar a colera do ceu!

— Mas, senhora rainha, como posso eu auxiliar-vos? Se o infante vos não attende, a vós, que tendes sido para elle mãe tão dedicada, a vós que elle respeita, venera e ama com verdadeira ternura filial, como me ha de attender a mim!

— E' que vós, Pedro, seguindo seu partido e declarando-vos contra o rei, havereis de ser mais escutado e attendido do que eu!... Ouvindo de vossa boca palavras de paz, conselhos para que cesse a lucta, o infante talvez se resolva a pedir a paz, com receio de que a sorte das armas lhe não seja favoravel... Vede em que situação ficaria se fosse vencido!... Teria que andar foragido, como um rebelde, elle o herdeiro da corôa!... Vêde tambem os soffrimentos que estas luctas teem causado a vosso pae e rei... E' por tudo isto que vos peço que junteis vossos rogos aos meus para que Affonso se congrace com D. Diniz...

— Senhora rainha, é meu desejo obedecer-vos...

D. Affonso entrou de novo na tenda. Parecia inquieto e taciturno. Dirigindo-se ao irmão, perguntou-lhe:

— Que pensas do acampamento do rei, Pedro?... Já o examinaste com attenção?...

— Já o examinei, respondeu o conde de Barcellos, e pareceu-me muito extenso... Cuido que el-rei dispõe de muitas tropas...

— E' o que me parece, observou o infante...

— Meu filho, disse a rainha, como procurando distrair o filho da meditação em que se tinha abismado, não cuides em medir tuas forças com as forças de el-rei... Cuida antes em pedir a paz!...

— Nunca!... Pedir a paz! exclamou o infante com um riso sardonico...

— Meu filho, attende os meus rogos! tornou de novo a angustiada rainha... Se não te demove a lembrança do grande desgosto que me causas, que ao menos te demova a idéa de que podes ficar vencido, e que se tal succeder, terás de fugir como um rebelde, arrastando comtigo todos os fidalgos que te teem acompanhado!...

— Mas não ficarei vencido, senhora!... Não hei de ficar!... Socegae!

— E queres que eu socegue, Affonso! insistiu a rainha... Mas se eu não posso socegar sem que te veja reconciliado com o teu pae, com o teu rei! Se não ficares vencido, será D. Diniz o derrotado... E — meu Deus! — nem quero pensar no que poderia acontecer se tal succedesse!

— E tu, Pedro, entendes que me compete pedir a paz? perguntou D. Affonso, chamando assim o irmão a terreno e como que procurando n'elle um appoio para oppor ás razões de D. Izabel.

— Não digo que peças a paz, Affonso... Mas sem a pedires, poderás evitar a batalha que el-rei quer ferir... Acho mesmo mais prudente que a evites... Quando entrei aqui ainda ha pouco vinha de observar o campo do inimigo... E é pelo que vi que te digo, Affonso, que el-rei dispõe de um exercito muito mais numeroso do que o nosso, o que me faz recear muito pela sorte de nossas armas Se evitarmos a batalha...

— Mas como a evitar! exclamou com impaciencia o infante...

Se levanto o acampamento e me retiro com o exercito, el-rei perseguir-me-ha, e mais tarde ou mais cedo, terei que dar batalha!

— Não, Affonso, não tens que dar batalha, porque então já estareis reconciliado com teu pae... Se tivesses querido attender meus rogos e seguir meus conselhos ha muito que estarias reconciliado com el-rei... Agora, porém, se seguires a opinião de Pedro e evitares a peleja, eu te prometto que hei de conseguir que D. Diniz te perdoe e esqueça as offensas que lhe fizeste...

— Ouereis então que fuja? perguntou o infante, a quem as ultimas palavras da rainha não tinham ainda aquietado.

— Não, Affonso, o que quero, por emquanto, é que entre ti e teu pae se pactue uma tregua de algum tempo, em quanto se não assigna a paz... Eis o que tenciono pedir a el-rei... O conde teu irmão ha de auxiliar-me... Iremos procurar el-rei ao seu acampamento e pediremos treguas por alguns dias...

— Olhae, senhora rainha, que el-rei não me poderá receber bem... Até talvez minha presença augmente sua sanha contra o infante D. Affonso, observou á cautella D. Pedro, a quem não agradava muito o ter de encontrar-se com o pae, que tinha traido.

— Nada receeis, Pedro, disse D. Izabel... D. Diniz ha de receber-vos sem colera e sem rancor... Hei de preparal-o para isso...

— Pois bem, senhora, faça-se segundo vossa vontade, respondeu o conde de Barcellos... Estou prompto a acompanhar-vos junto de el-rei para pedir as treguas... E tu, Affonso, consentes?... Permittes que acompanhe a senhora rainha ao acampamento de D. Diniz?

— Permitte, sim, Pedro, atalhou D. Izabel sem esperar a resposta do infante... Vamos, segui-me...

O conde de Barcellos lançou um olhar interrogador ao irmão, que lhe disse:

— Vae, Pedro, acompanha minha mãe... Eu, por mim, consentirei nas treguas, mas que não sejam para que el-rei me inflija novas humilhações...

— Vamos, disse D. Izabel para o conde.

Quando a rainha, acompanhada por D. Pedro, entrou no acampamento do rei, os homens d'armas mostram-se admirados. A presença do conde de Barcellos junto de D. Izabel era motivo para escandalo. Era provocar ainda mais D. Diniz apparecer-lhe com o filho, que tambem fora traidor e rebelde.

Em todo o caso as previsões dos homens d'armas não se realisaram. D. Diniz, ou por que estivesse n'um dos momentos em que o seu espirito se encontrava sereno e bem disposto, ou por que as novas razões e os novos rogos da rainha e as novas lagrimas o tivessem commovido ou convencido, não se encolerisou em extremo com a presença de D. Pedro em sua tenda.

— Pedro, disse D. Diniz, fitando o filho, tendo expressa no rosto

uma resignação maguada, tambem tu me traiste!... Custou-me muito a tua traição, filho, e ainda hoje não sei a que attribuil-a...

— Meu pae, eu não vos trahi! Forçado pela circumstancia de possuir terras junto dos senhorios onde o infante dominava, a acompanhal o, nunca meu coração deixou de estar comvosco... Se quero bem a meu irmão Affonso, muito mais vos quero, a vós, que sois meu rei e meu pae, e a quem tanto devo... O meu desejo, é que vos congraceis com vosso filho... Por isso aqui me vedes, senhor, juntando meus rogos aos da senhora rainha...

— Não, Pedro, não... Affonso offendeu-me muito... Offendeu-me como pae e como rei... Como pae, attribuindo-me intenções que nunca tive, como rei, revoltando-se contra a minha autoridade e saqueando e assolando tantas terras do reino... Não me poderei congraçar com elle... Que se humilhe, que me entregue os criminosos e salteadores que abundam em seu exercito, e então talvez eu possa esquecer suas culpas e seus crimes... Mas, d'outro modo, não... Consinto nas treguas, por dois ou tres dias apenas... Se durante este tempo, convenceres teu irmão á humildade e a que me entregue os criminosos do seu exercito, prolongarei as treguas até que entre nós se pactue a paz... D'outro modo nada conseguirás de mim... E vós, Izabel, que acabaes de ouvir minhas resoluções, procurae convencer o infante, se o quereis salvar...

*

* *

Por fim, após varias peripecias, D. Izabel e o conde de Barcellos conseguiram dispôr os animos renitentes de D. Diniz e de D. Affonso para um accordo politico.

Para se levar a effeito este accordo, resolveu-se que o rei marchasse com o seu exercito para Leiria, e o infante, com o seu, para Pombal. Para conclusão do convenio foram nomeados procuradores por ambas as partes, sendo a principal medianeira a rainha. Em 1322 estabeleceram-se os seguintes artigos:

O rei cede a seu filho a cidade de Coimbra, o logar de Monte-mór e o burgo do Porto. Concede-lhe para custeamento de sua casa e côrte, annualmente, um augmento condigno, tirado dos rendimentos fixos da corôa, e compromette-se a mandar restaurar e adornar o seu pa-

lacio e suas habitações de um modo satisfatorio e decente. Perdôa ao conde de Barcellos e restitue-lhe os bens e rendimentos sequestrados, assim como a todos aquelles que tomaram o partido do principe contra o rei, absolvendo-os das penas em que haviam incorrido. Por seu lado, o infante obriga-se a indicar todos os malfeitores que tivesse nas suas forças e em seus dominios, para que a justiça os podesse prender e castigar; obriga-se a não se empenhar por nenhum d'elles, pelo contrario, a entregar todos os culpados que pudesse alcançar. Promette prestar juramento de fidelidade nas mãos do rei, pelas povoações e terras que recebe, em virtude d'este tratado; conservar para a corôa os dominios adquiridos de novo e não emprehender guerra nem firmar a paz sem o consentimento do rei. Jura ser d'este dia em diante, filho obediente e vassalo fiel do monarcha; perdoar a todos os partidarios do rei as violencias exercidas contra si e considerar, n'este ponto, esquecido tudo quanto se praticou. Para regosijo de todos, estes artigos foram acceites pelo rei e pelo infante. O rei fez o seu juramento solemne perante o altar de S. Simão, em Leiria; com elle os nobres e os cortezãos. O infante prestou juramento em Pombal perante o altar de S. Martinho, juramento confirmado pelos fidalgos do seu partido, pela rainha e pelo conde de Barcellos.

Depois, ambos os exercitos voltaram para os seus alojamentos. D. Affonso, a instancias da rainha, foi a Leiria manifestar ao pae o respeito e amor filial.

Em todas as cidades e povoações do reino festejou-se publicamente a reconciliação e a paz entre D. Diniz e D. Affonso.

CAPITULO IV

Alegre surpreza

rei enfermou gravemente n'esse mesmo anno de 1322. Durante dois mezes esteve entre a vida e a morte. Por fim, graças aos cuidados de mestre Pedro Nogueira, entrou em convalescença. N'este periodo, em que não lhe era permittido sair de sua camara, o rei fazia-se transportar para junto de uma janella da alcaçova de Leiria e, lançando a vista para o extenso pinhal que vinte annos antes tinha mandado plantar, embebia-se na contemplação da natureza.

Uma vez que D. Diniz estava embebido n'esta contemplação, foi interrompido pelo infante D. Pedro.

— Senhor, disse o infante, venho de Coimbra e trago comigo duas pessoas que muito vos desejam ver... E' uma dona e sua filha... Vossa doença assustou muito esta dona, que deseja lançar-se a vossos pés...

— Lançar-se a meus pés! exclamou o rei, sem perceber o que o filho queria dizer n'aquellas palavras... Tem de implorar de mim alguma coisa?...

— Senhor, sim... Mas deixae que eu a faça entrar n'esta camara juntamente com sua filha...

E o infante, d'ali a pouco, entrava de novo na camara do rei, acompanhando duas mulheres. Uma, a mais velha, trazia um veu que lhe co-

bria o rosto; a outra, bastante nova, devendo ter vinte annos, parecia timida e receosa.

O rei, com os olhos fixos n'estas duas mulheres, seguira-lhes todos os movimentos. A dona velada abeirou-se do monarcha, levantou o veu e, lançando-se-lhe aos pés, disse-lhe:

— Senhor rei, venho trazer-vos vossa filha, a vossa querida Maria...

— D. Auzenda, vós! exclamou o rei, reconhecendo logo pelo rosto e pela fala a sua antiga amante... Erguei-vos, senhora!... E tu, Maria, não me estejas contemplando com esse aspecto de timidez; vem a meus braços, filha do meu coração!

D. Pedro levou Maria para junto do rei, que abraçou a filha, derramando lagrimas de consolação e de alegria.

Depois d'estas espansões, proprias d'aquelle lance commovente, D. Diniz poz-se a interrogar a mãe e a filha, desejando saber como e para onde tinham fugido e como se encontraram com D. Pedro.

D. Auzenda, auxiliada pelo Conde de Barcellos, narrou ao rei a historia do encontro de Maria com o irmão.

Quando D. Pedro partira para Coimbra para seguir o partido do infante, uma noite em que foi surprehendido por uma grande tempestade, pediu pousada no primeiro solar que enxergou.

Como estava homisiado e tinha os bens em sequestro, não revelou seu nome. Fez-se passar por um fidalgo do partido do infante.

A dona do solar, que era D. Auzenda, recebeu-o, deu-lhe hospedagem n'essa noite. No dia seguinte, D. Pedro, depois de praticar algum tempo com a castellã e com a filha, despediu-se e partiu, ficando vivamente impressionado com a belleza d'esta ultima e promettendo fazer novas visitas ao solar que deixava. Essas visitas repetiram-se. D. Pedro, que gostava muito de praticar com a castellã, enlevava-se na belleza da filha. D. Auzenda aproveitava sempre a occasião para falar da revolta do infante, lamentar os desgostos que esta revolta haviam de causar ao rei, e, apezar de saber que estava ante um fidalgo do partido de D. Affonso, suas palavras pendiam sempre em favor do rei, que defendia calorosamente. A filha, ás vezes, ao ouvir as palavras vehementes da mãe, chorava, chorava convulsivamente, sem que D. Pedro pudesse ter uma explicação satisfatoria de semelhante proceder.

O coração de D. Pedro foi pouco a pouco prendendo-se. Amava, ou julgava amar Maria.

Em certo momento, aproveitou o ensejo em que com ella ficara a sós e dirigiu-lhe alguns galanteios. A donzella, ruborisando se, respondeu-lhe deveras offendida, e logo que poude deu parte a sua mãe do que tinha acontecido. D. Auzenda exprobou a D. Pedro o seu procedimento e pediu-lhe para que não requestasse uma donzella que nunca lhe poderia pertencer.

O dialogo animou-se tanto que D. Pedro, perdendo a cabeça, ousou levantar a voz e dizer á castellã, n'um modo altivo:

— Sabeis quem eu sou, senhora?... Sabeis a quem falaes tão sobranceiramente?

— Senhor, não, nem me importa... Apresentastes-vos aqui como um fidalgo do partido do infante, e como fidalgo vos quero tomar... Mas quem sois afinal?

— Sou o irmão do infante D. Affonso, sou D. Pedro, o conde de Barcellos!

— Vós, senhor! exclamou a castellã com um pasmo e um assombro que D. Pedro não poude comprehender... Vós sois filho de D. Diniz e quereis requestar minha filha!... Ah! meu Deus, meu Deus! E' que vós não pensaes sequer no crime que ieis cometter!

— Um crime? disse o infante... Que quereis dizer, senhora?...

— Digo que ieis commettendo um crime, um grande crime, d'esses que Deus nunca perdôa!... E sabeis por quê, senhor?... E' que Maria é vossa irmã!

— Minha irmã! exclamou D. Pedro aterrado.

— Vossa irmã, senhor! Filha d'el-rei e minha... Não sabeis minha historia?

E, a um gesto negativo do infante, D. Auzenda contou seus amores com D. Diniz e o nascimento de Maria, e o amor do rei por essa creança.

— E porque fugistes, senhora?... Se el rei tanto queria a essa filha — e que muito lhe queria o sei eu, porque não poucas vezes ouvi meu pae lamentar-se por essa filha lhe ter desapparecido — por que fugistes, senhora?

— Fugi, senhor, porque D. Diniz amava muito sua filha, mas quiz tirar-ma para a levar para o paço! E eu não me podia separar de minha filha! Tinha-lhe um amor tão entranhado, que o arranca-

rem-ma, seria matar-me! Como el-rei não attendeu minhas supplicas, nem meus rogos — e de joelhos lhe pedi, e de joelhos lhe roguei que me não tirasse minha filha! — decidi fugir, deixar o meu solar perto de Santarem e vir-me sepultar n'um sitio onde pessoa alguma me pudesse descobrir... Fugi uma noite, d'esse solar, errei por varias terras, sempre receiosa que me descobrissem; emfim, como os annos foram passando sem que me inquietassem, fui perdendo o receio, até que me tranquillisei quasi por completo, e pude vir habitar n'este castello proximo de Coimbra...

— Senhora, atalhou D. Pedro, que tinha um espirito subtil, proprio dos trovadores da epoca, já vedes que a inclinação que sentia por Maria não era criminosa, mas sim natural... Amava-a como um irmão! Era um amor fraterno!... Agora comprehendo e explico o motivo por que vos interessaveis tanto pela lucta entre o rei e o infante, e defendieis com tanto calor a causa de D. Diniz!... Agora sei o motivo das lagrimas de Maria, ao ouvir falar de seu pae! Era a saudade!... Vamos, senhora, vós tambem estaes chorando, e sem motivo... Ide chamar vossa filha e pedir-lhe para que venha abraçar seu irmão...

Depois das expansões proprias d'aquella commovedora surpreza, D. Auzenda pediu ao infante que a ninguem desse a conhecer a presença d'ella e dà filha n'aquelle sitio. Ainda receava a colera do rei, e, mais do que esta colera, apavorava-a a idéa de que D. Diniz poderia de novo querer arrancar-lhe a filha.

D. Pedro, embora contrariado, obedeceu ao pedido de D. Auzenda, reservando-se no emtanto para mais tarde convencel-a a que devia dar a conhecer a D. Diniz o seu retiro.

Terminada a guerra entre o rei e D. Affonso, pouco depois D. Diniz foi acomettido da grave enfermidade, que o teve durante mezes entre a vida e a morte.

D. Auzenda e a filha, ao saberem por D. Pedro, da doença do rei affiigiram-se muito. Foi então que o infante obteve d'ellas a promessa de que, em D. Diniz melhorando, se apresentariam diante d'elle.

— E aqui tendes, senhor pae e rei, disse D. Pedro, ao narrar a D. Diniz o que acabamos de resumir, como D. Auzenda e Maria se encontram ante vós...

— E a ti o devo, Pedro... Foste tu que me restituiste minha fi-

lha... E vós, senhora, ajuntou o rei, dirigindo-se a D. Auzenda com um sorriso triste, apesar de me terdes causado uma tão grande dôr e um tão grande desgosto privando-me de Maria durante tantos annos, não vos posso querer mal... Não só vos perdôo, mas até vos escuso... Sei que foi vosso entranhado amor de mãe que assim vos fez proceder...

— Senhor, sim, e a Deus dou graças por o terdes agora reconhecido, respondeu D. Auzenda...

— Agora, porém, proseguiu D. Diniz, que me é restituida esta filha, não me quero separar d'ella...

A mãe de Maria, ao ouvir estas palavras, empallideceu e fixou o rei com um olhar implorativo.

— Socegae, senhora, observou D. Diniz, ao perceber o receio de D. Auzenda... Socegae... Não é meu intento separar-vos de vossa filha... Ficareis habitando em seu paço, se assim o quizerdes...

— Oh! senhor, como o não hei de querer! exclamou a reconhecida mãe.

— Sim... habitareis com vossa filha... Vou estabelecer casa a Maria proximo da Alcaçova de Lisboa... Para ahi ireis... Hei de tambem fazer-lhe mercê de algumas terras... Vossa filha, Auzenda, é uma infanta de Portugal e hei de dar-lhe um quinhão como o que tenho dado aos outros meus filhos.

Maria e a mãe foram com effeito habitar junto ao paço de Lisboa. O rei doou á filha o senhorio de muitas terras e enriqueceu-a com muitos outros bens.

CAPITULO V

A despedida

FIM de não excitar de novo a inveja e o ciume do irmão, Affonso Sanches expoz ao rei o desejo que tinha de abandonar a côrte e o reino e de partir para Albuquerque.

D. Diniz, embora percebesse os generosos intuitos a que obedecia o seu filho predilecto, contrariou-lhe muito aquelle desejo.

— Senhor pae, observou-lhe Affonso Sanches, vêde que a minha partida para Albuquerque é o meio mais seguro para socegar D. Affonso... Partindo tiro-lhe o pretexto para novas revoltas...

— Não, Affonso Sanches, não has de partir, disse o rei... Se o animo inquieto de teu irmão o obrigar a revoltar-se de novo, faltando assim ao sagrado juramento que fez em Pombal no altar de S. Martinho, não é por que o move cnntra ti o ciume e a inveja... Não, Affonso Sanches... Teu irmão arrependeu-se dos maus sentimentos que contra ti nutria...

— Vós, senhor pae e rei, observou Affonso Sanches, assim o acreditaes, mas eu, que conheço Affonso, tão bem ou melhor do que vós, estou, ao contrario, persuadido, que nutre contra mim o mesmo odio

e a mesma inveja — senão um odio e uma inveja ainda maiores... Por isso entendo que devo partir... Em quanto estivestes doente, não vos quiz dar a conhecer minhas intenções. Agora que estaes curado, dou-vos parte da minha ida para Albuquerque, pois estou convencido que é este o melhor meio para assegurar vossa tranquillidade e a tranquillidade do reino.

— Bem está, Affonso Sanches, respondeu D. Diniz, dominando-se muito para poder conservar-se sereno, já que entendes que é forçoso partir — parte... Mas vê que não só me privas de tua presença, mas tambem me privas de teus conselhos... Oh! Affonso que grande falta me fazes!

— Senhor pae, não exagereis, atalhou Affonso Sanches muito commovido... Não ficaes tão abandonado como dizeis... Fica-vos em meu logar o Conde de Barcellos, D. Pedro...

— Sim, tambem lhe quero muito, mas quero-te ainda mais...

— D. Pedro me substituirá em meu cargo senhor pae, e n'elle heis de encontrar um filho bem dedicado e um servidor zeloso e leal... O infante D. Affonso em me eu afastando da côrte, tambem se ha de voltar mais para vós e ha de perder toda a desconfiança que ainda o domina... Arrependido dos desgostos que vos causou tornar se-ha filho obediente e vassalo fiel... Mas para que isto succeda, é preciso que eu parta... Adeus, meu pae!

— Vae, Affonso Sanches, vae com minha benção — e que Deus te leve em bem!

*

* *

Affonso Sanches partiu para Albuquerque.

D. Diniz, sentindo-se enfraquecido pelos desgostos e dissabores, fez um novo testamento em 1322.

Affonso Sanches, ou porque tivesse saudades do pae, ou porque a vida da côrte lhe agradasse mais do que o exilio em Albuquerque, decorrido um anno sobre a sua partida, tornou de novo para o reino e apresentou-se ao pae, que o recebeu jubilosamente, forçando-o a residir na côrte.

O infante D. Affonso viu com maus olhos a volta de Affonso Sanches. Disfarçou a sua desconfiança, mas, a conselho dos seus

confidentes, reclamou do rei augmento dos rendimentos para custeio de sua casa.

D. Diniz respondeu que nada poderia fazer sem consentimento das côrtes.

— Convocae-as pois quanto antes, senhor pae e rei, disse D. Affonso...

— Bem está, concluiu D. Diniz, atalhando o filho e impedindo-o de proferir outras palavras... Convocal-as-hei para o fim d'outubro.

O infante esperou com certa impaciencia a reunião das côrtes. Estas, porem, regeitaram o pedido de D. Affonso, que partiu immediatamente para Santarem.

Aqui, vendo o infante desgostoso, foi facil aos seus cortezãos atear de novo a chama, ainda não apagada, do ciume e do odio, incitando-o a que vingasse a honra offendida.

CAPITULO VI

Nova revolta

O infante, revoltando-se de novo contra o rei, marchou com o exercito sobre Lisboa.

D. Diniz, ao saber do procedimento do filho, reuniu os seus conselheiros, que foram todos de opinião que se empregassem os meios para evitar a guerra. D. Diniz, cançado, exhausto de forças, partilhou a opinião dos seus ministros.

— Seguirei vosso conselho, senhores, disse o rei... Enviarei um emissario ao infante, intimando-o a que volte para Santarem... Se elle obedecer, discutirei suas exigencias, e, em tudo que fôr possivel attendel-o, attendel-o-hei... Se não obedecer, ver-me-hei então forçado a reunir de novo o meu exercito e a sair ao encontro das hostes do infante... Dar-lhe-hei batalha — e Deus me auxiliará!... Hei de vencer... E hei de castigal-o!... Meu corpo está fatigado, mas meu braço ainda se não recusa a empunhar a espada com o mesmo vigor com que a empunhava em outros tempos!... Resta escolher o emissario, que se incumba de dar meu recado ao infante...

Os ministros olharam-se enleados e conservaram-se silenciosos. Todos temiam comparecer ante o infante, de quem receavam a colera e a sanha. Apenas Estevam da Guarda e Affonso Sanches, não partilharam esse receio. Ambos se offereceram.

— Não, disse o rei, nenhum de vós será o emissario que envio

ao infante... Irá Mendo Vaz, que se ha de sair bem da incumbencia.

Com effeito, cumprindo as instrucções do rei, Mendo Vaz apresentou-se nos arraiaes do infante como emissario. O exercito de D. Affonso tinha acampado a algumas l[illegible] de Lisboa na estrada do Lumiar.

Mendo Vaz, na presença do infante, disse-lhe:

— O mui alto e poderoso rei D. Diniz vosso pae me envia como emissario junto de vós, senhor, a intimar-vos que torneis atraz com vesso exercito e que volteis para Santarem... Ahi esperareis suas decisões e suas ordens...

— Bofé! exclamou o infante com um riso sardonico, onde se adivinhava a colera de que se achava possuido... Bofé! que el-rei meu pae parece querer de novo zombar comigo... Que me retire para Santarem, que ahi espere suas ordens!... Se eu quizesse receber ou esperar suas ordens não teria marchado com o meu exercito para Lisboa... Eu não venho para receber ordens, venho para impor minha vontade... Dizei a meu pae que recuso obedecer-lhe... Dizei-lhe mais que marcharei sobre Lisboa e que porei cerco a esta cidade, até que caia em meu poder...

— E el-rei vos manda dizer, senhor, proseguiu o enviado, que se recusardes obedecer-lhe elle vos fará guerra sem treguas e vos tratará como mau e rebelde vassalo!... Como um filho deleal e perjuro!...

— Cuidado, Mendo Vaz, cuidado! exclamou o infante não podendo dominar a ira... Olhae que vos posso fazer metter pela gorja vossas palavras...

— Tal não podereis fazer, senhor, respondeu com altivez Mendo Vaz... Minha pessoa é sagrada... Lembrae-vos que sou um emissario de el-rei e que não faço mais do que repetir seus dizeres...

— Dizei pois a el rei, atalhou D. Affonso, que não lhe obedecerei, que seguirei para Lisboa, com os meus homens d'armas... Ide!

O emissario saiu fóra do acampamento do infante e seguiu para a Alcaçova de Lisboa a trazer ao rei a resposta do filho.

D. Diniz não hesitou mais. Juntou o seu exercito e dirigiu se com elle a encontrar-se com o do infante.

Este estava ás portas de Lisboa, na estrada junto ao Campo Pequeno

Ia a travar-se a peleja — uma peleja sanguinolenta e terrivel.

Na manhã em que era imminente a batalha, a rainha D. Izabel, montada na sua mula branca, interpoz-se entre os dois exercitos. Era a constante mensageira da paz, a obstinada conciliadora que porfiava mais uma vez em congraçar o pae e o filho.

Os exercitos do rei e do infante, que já a conheciam dos campos de Coimbra, abriram alas para deixar passar a rainha.

As lagrimas e os rogos de D. Izabel conseguiram vencer e impellir D. Diniz e D. Affonso a que desistissem da lucta.

Ao infante, a rainha disse:

— Meu filho, torna atraz com o teu exercito... Esta batalha não se póde ferir... E' um sacrilegio... Lembra-te, Affonso, que em Pombal juraste no altar de S. Martinho obediencia a teu pae e rei e que estás faltando a esse juramento!... Não é pela força armada que has de obter novas concessões de D. Diniz... Depois tambem deves lembrar-te em que estado se encontra teu pae... Acaba de soffrer uma grande enfermidade, de que ainda não está completamente curado... Esta guerra, agrava-lhe os padecimentos e pode até causar-lhe morte... Não é só a mãe que te fala, é a esposa, a esposa affiicta que receia pela vida de seu esposo... Não quererás cavar a sepultura de teu pae, não quererás chamar sobre ti a maldição do povo... E bem sabes como o povo ama el-rei D. Diniz, como se affligiu com a sua doença, e como rejubilou com as suas melhoras!... Vamos, Affonso, torna para Santarem com os teus homens d'armas e assim conseguirás abrandar a ira de teu pae...

O infante, abalado um pouco pelas supplicas e pelos conselhos da rainha, prometteu tornar para Santarem.

D. Izabel dirigiu-se por sua vez a D. Diniz intervindo a favor do filho.

— Senhor, disse ao esposo a rainha, banhada em lagrimas, Affonso está disposto a obedecer-vos e a tornar para Santarem com seu exercito, se vós o não perseguirdes e lhe perdoardes... Eu respondo por elle, senhor... Eu respondo por sua obediencia...

— Tambem vós, Izabel, me respondestes por elle da outra vez, quando o infante me jurou obediencia em Pombal no altar de S. Martinho, e nem por isso conseguiste evitar esta nova revolta... Como quereis que eu me fie nas promessas de Affonso?... Tem sido mau filho e mau vassalo...

— Senhor, tendes razão, e não serei eu quem vol-a negue... Mas vosso coração é bom... Tendes tido tanta generosidade e misericordia para com vosso filho, que não recusareis agora perdoar-lhe... Os povos não veem com bons olhos estas luctas, e vós, como bom rei, deveis cuidar dos prejuizos e das calamidades que esta guerra vae causar .. Não só por mim, que trago o coração ulcerado com estas dissensões, vos falo... Tambem em vós penso, senhor, e cuido nos estragos que póde causar á vossa saude..

— Senhora, não vos mofinheis por mim, observou D. Diniz commovido... Sinto-me forte e robusto e não me atemorisa a vida dos campos de batalha...

— Deus queira que vos não illudaes ou me não queiraes illudir, senhor! exclamou D. Izabel... Attendei pois o meu pedido... Acceitae a obediencia de vosso filho e promettei-me que o deixareis partir para Santarem...

— Que parta! disse o rei, não tendo já forças para resistir ás supplicas da esposa... Que parta!...

— Por que não haveis de vos congraçar com vosso filho? perguntou D. Izabel, que, tendo conseguido evitar a guerra, queria ainda conseguir muito mais e obter que se abraçassem e perdoassem um ao outro as mutuas offensas...

— Não Izabel, por emquanto é muito cedo para isso... Mais tarde, mais tarde, talvez lhe perdoe, e esqueça — e só por vós o farei, esposa da minha alma! exclamou D. Diniz abraçando a rainha.

D. Izabel agradeceu ao esposo com lagrimas de gratidão. É que D. Diniz, depois da doença que o acomettera, sentindo proximo o fim, procurava com affectos e carinhos fazer esquecer a D. Izabel os desgostos que lhe tinha dado.

A rainha correu a informar o filho da resposta de D. Diniz. O infante retirou-se para Santarem e depois para Coimbra; e o rei voltou para Alcaçova de Lisboa.

D. Affonso, seguindo os conselhos da mãe, mandou de Coimbra a Lisboa seu filho, o infante D. Pedro, então com tres annos apenas, a D. Diniz para que o rei o abençoasse.

D. Diniz, que ainda não conhecia o neto, teve uma grande alegria ao vel-o. Abençoou-o e escreveu ao filho a seguinte carta:

«Honrado infante e presado filho. Muito quizera tivesses empregado o tempo de nossas discordias em conhecer de mim o excessivo

Na manhã em que era imminente a batalha, a rainha D. Izabel, montada na sua mula branca, interpoz-se entre os dois exercito. (Pag. 571)

amor que te tenho; porque, se com os olhos desenganados o julgares foras mais rico de mercês minhas, do que eu fui de perseguições tuas; que lembro n'esta accasião, não para te lastimar por ellas, mas para me alegrar por as ver acabadas. Estimei tanto a prenda com que me

seguraste a satisfação da divida, que sua vista bastou para desterrar de minha lembrança alguma reliquia de agravo, que de ti me tivesse vindo; que sua innocencia e formosura podem e alcançam para mais do que soubeste querer e que me levam mais do que tive tenção de dar. Mas tudo tenho por bem empregado, por que entendo que conheces já a pouca razão que tiveste ao inquietar minhas cans com tão pouca causa e a muita que tenho para te estimar sobre tudo, pois alem de filho e successor do meu reino, merece tua palavra, não sendo de maus conselheiros damnificada, a venerem e queiram todos como causa de grande estima. Tendo-me por encommendado á prezada infanta minha filha, a quem satisfizera com palavras desculpando minha innocencia, se entre nós se houverem de tratar algum dia cousas passadas; mas pois estas o são, não quero occupar a memoria que guardo para suas e tuas lembranças, em cousas tão pouco gostosas. A ella e a ti desejo ver com a paz que Deus me concedeu no ultimo quartel de meus dias. E razão será te veja um dia vestido de festa com a cara risonha, pois tantos te vi com armas e côr de mudada. Dá-me este gosto antes que morra, que não será pequeno poder-te lançar a benção em paz, que tantas vezes ta neguei na guerra. O Senhor ta lance como pode, e eu te lanço a minha.»

Esta carta foi escripta em Lisboa em 1324.

Por ella se vê que o rei, envelhecido, aspirava ao socego e á paz, que o filho tantas vezes tinha perturbado.

CAPITULO VII

A Morte de D. Diniz

O rei partiu para Santarem. Embora com febre, não quiz adiar esta jornada. D. Izabel e a côrte acompanharam-no. No caminho agravou-se lhe a doença e, ao chegar a Villa Nova da Rainha, a febre augmentou tanto de intensidade, que se tornou necessario ficar ali alguns dias. D. Izabel, vendo o marido em tão perigoso estado, mandou á pressa chamar o infante D. Affonso, que estava então em Leiria.

O infante correu ao chamamento, dizendo muitas vezes durante o caminho que lhe pezava não ter tempo de mostrar ao seu pae o muito arrependimento que sentia por o haver offendido. Chegando a Villa Nova, foi logo beijar a mão ao rei, que o recebeu com mostras de grande amor, dando-lhe a beijar a mão muitas vezes e deitando-lhe a benção.

— Agora sim, filho, disse o rei, fixando o infante com os olhos internecidos, agora posso morrer em paz...

— Não faleis de morrer, senhor rei e pae! exclamou D. Affonso...

Haveis de melhorar, mas n'esta povoação não tendes os commodos precisos para vosso tratamento. Por isso urge que sigamos para Santarem...

— Não, Affonso, não me sinto em estado de fazer jornada... Meu corpo e minha cabeça escaldam!...

— Senhor pae e rei, é melhor que sejaes transportado para Santarem... Ali vos podereis tratar melhor...

— Pois sim, condescendeu o rei, resignado.

O infante mandou fazer uma especie de maca e D. Diniz poude, apezar do estado perigoso em que se encontrava, ser transportado, aos hombros de homens, para Santarem. Ali continuou sem melhoras até dezembro 1324. Em fim d'este anno, perdendo a esperança de recuperar a saude, e sentindo avisinhar-se a morte, fez testamento e dispoz as suas ultimas vontades.

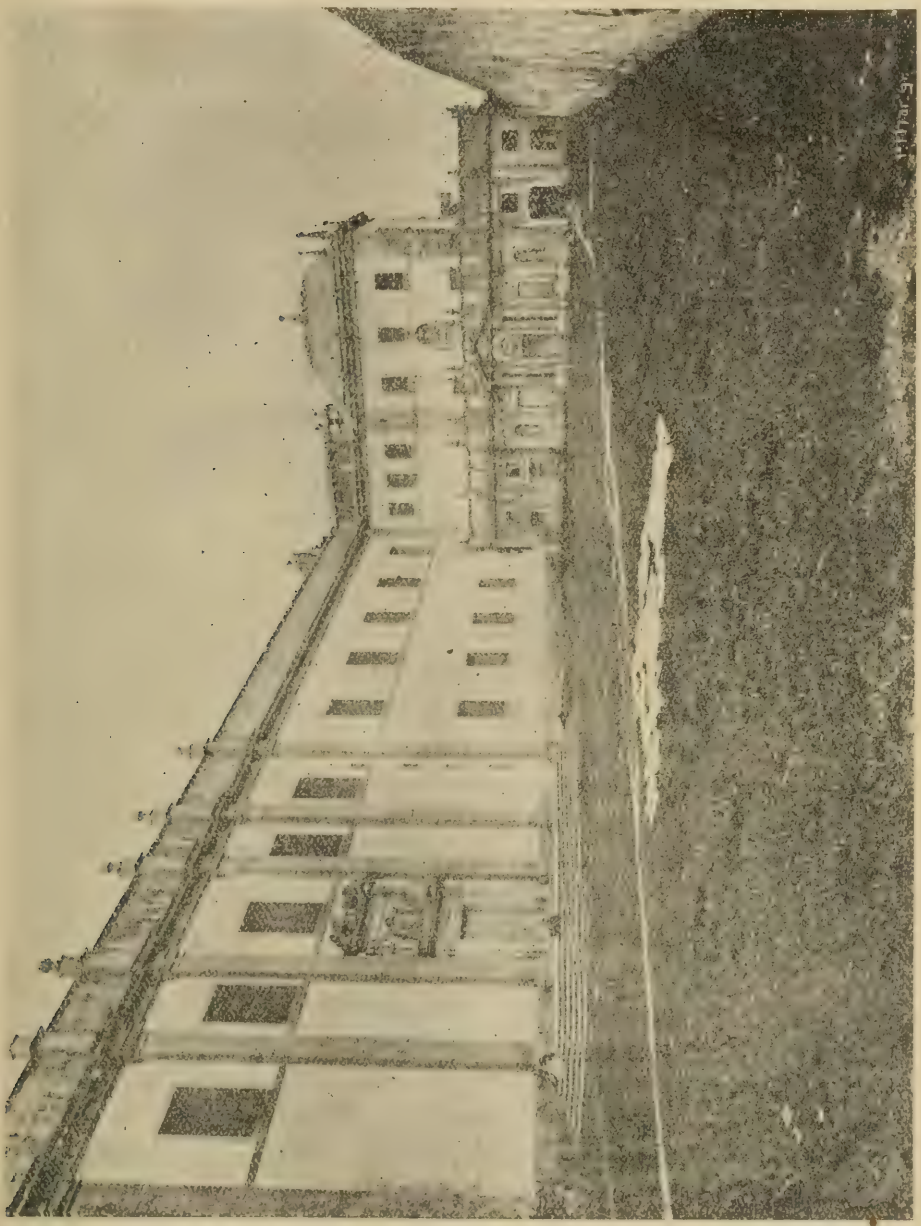
D. Izabel com uma constancia cheia de piedade, subjugando a afflição e o desgosto, nunca abandonou, nem de dia, nem de noite, o leito do rei, servindo-o como disvelada enfermeira.

A rainha orava com fervor, pedindo ao ceu a saude do esposo. «Mas, observa com certa ironia o chronista Francisco Brandão, sendo que por orações e rogos d'esta santa o Senhor concedeu a saude e vida a muitos, só para el rei seu marido a não poude alcançar.»

D. Diniz parecia resignado com o seu fim. Animava até os que o rodeavam e que se affligiam ao vel-o n'aquelle estado.

Em principios de janeiro de 1325 pareceu chegada a sua ultima hora Vendo a morte approximar-se, pediu que se reunissem em volta do seu leito a rainha D. Izabel, o filho D. Affonso, o neto D. Pedro, a sua nora, os filhos e alguns prelados e cortezãos. Despediu-se d'elles com estas palavras:

«São taes as mercês que do Creador tenho recebido e tão poucos os serviços que em reconhecimento d'elles lhe tenho feito, que só esta lembrança tem força para me representar aspera a hora da minha partida; que no mais não tenho que queixar-me, nem por que temer de partir-me, pois não me faltou na vida bemaventurança, creando-me Deus rei de gente portugueza; nem morro tão mal logrado, que me lastime de acrescentamentos e felicidades que pudera gosar no mundo. Assim que de minha parte não tenho embargos á partida e quando alguns tivera, fora por me não dar tempo de vos mostrar a todos com mercês o muito amor que vos tive, porque é tanto, que juro por mi-



Entrada da Igreja e Convento de Santa Clara

nha fé real, poderão paes de cada um tel-o egual, mas não excedente. E se a todos não dei como queria, ou não quiz como devia, ponde culpa ás inquietações que occuparam o remate de meus dias, com as

quaes perdi o fio de minhas lembranças. Estas te deixo, filho, (e ao dizer isto poz os olhos no infante) para que satisfaças em meu nome as dividas que eu não pude. Encommendo-te sobretudo o grande amor que deves ao povo, pois ficareis rei da melhor e mais leal gente que tem senhor pagão ou catholico; como tal has de fazer no reino officio brando e amoroso, antes que de rei absoluto. Tudo governarás com pouco trabalho, regendo-te por homens desinteressados e de são conselho, e afastando-te dos malsins e mexiriqueiros, que são traça das rendas reaes, e inquietadores do reino pacifico. Folga com justiça e não troças ponto d'ella por nenhum respeito da terra, porque a propria achareis em Deus, que guardares com teus vassalos. A palavra que deres seja como juramento, e não haja amor, ou temor que te obrigue a quebral-a, tomando de mim esta herança que nunca em coisa que dissesse faltei á minha palavra, porque o rei inconstante no que promette mais honra lhe fora não ter reino, que conhecerem-no por mentiroso. Sê inclinado á misericordia antes que ao rigor da justiça, que mais vale ser amado pela mansidão, que temido pelo rigor da justiça. E por que tudo isto como as mais coisas que conveem a quem ha de reger reino, as sabes como se quer, encommendo-te só a execução d'ellas. E a vós (continuou, dirigindo-se aos cortezãos,) meus leaes vassalos, peço-vos a obediencia ao rei que vos Deus quiz deixar, ao qual dará Deus, como eu confio, animo real, para que nem vós vivaes com elle queixosos, nem elle de vós deservido e lastimado. As coisas do reino ficam em tal disposição e termos, que com pouco sentimento meu as deixo n'este estado, que cuido ser o melhor que teve ha muitos tempos, depois que ha reis n'esta corôa. As leis que ordenei para seu governo encommendo muito que se executem, que a lei mal guardada é como planeta sem influencia. E por que entendo guardareis tudo segundo de vosso entendimento e nobreza se espera e de mim conheço a fraqueza que me vae por momentos limitando as horas da vida, vos deixarei de falar, rematando minha pratica com encommendar a todos a Rainha minha mulher, que está presente, o amor da qual para comvosco é assaz conhecido. O meu para com ella, se o não foi tanto em algum tempo, seja-o agora que vol-a encommendo; por que confio ser por sua via meu nome sabido e o reino honrado.»

O rei proferiu estas palavras com tão suave serenidade que todos os circumstantes conceberam novas esperanças de o verem convales-

cer. A seriedade respeitavel unida á intimidade attrahente, [1] que sempre o distinguira e acompanhára, não o abandonou tambem no leito e pareciam ambas confirmar o seu vigor inquebrantavel. Todavia a esperança foi illusoria: a morte approximava-se. Pediu e recebeu a Extrema-uncção. Conservou a lucidez até ao ultimo momento. Quasi a expirar, disse, dirigindo-se ao filho:

— Morro, querido filho, e só uma idéa me inquieta, ao lembrar-me de tua mãe, a quem causei alguns desgostos sendo moço. O que tu, por tua satisfação, em virtude do passado, me quererias testemunhar, isso retribue-lho a ella, largamente, em amor; terás a minha e a sua benção.

Em seguida lançando a benção aos filhos que lhe rodeavam o leito, e dizendo com a voz já muito fraca, o ultimo adeus á rainha, expirou. A sua morte foi a 7 de janeiro de 1325.

D. Diniz contava 64 annos incompletos, pois nascera em 1261.

*

* *

D. Izabel, logo depois da morte do rei, encerrou-se em seus aposentos com suas camareiras, despojou-se das vestes reaes, mandou que lhe vestissem o habito e o cordão da Ordem de Santa Clara e ordenou que lhe cortassem os cabellos.

Aberto o testamento do rei, viram que dispunha que o enterrassem em Odivellas, no mosteiro de S. Diniz, onde em tempo mandára construir sumptuosa sepultura. Prepararam-lhe o funeral com grande pompa. Metteram o corpo de D. Diniz, depois de embalsemado, em um ataude, que collocaram em uma liteira. Toda a corte, trajando os vestidos de luto, que n'esse tempo eram de burel branco, acompanhou o cadaver de D. Diniz de Santarem para Odivellas. Junto da liteira vinham as carpideiras ou mulheres que se alugavam para chorar os mortos e que faziam um alarido infernal, condigno com a funebre solemnidade.

D. Izabel mandou que das villas de Abrantes, Leiria e Torres Novas, que lhe pertenciam, viessem os nobres, o clero e o povo para acompanhar o corpo do rei.

---

[1] *Historia de Portugal* de Schœfer, 2.ª ed. Porto, 1895, vol. I.

Assim veio o prestito, parando nas diversas povoações, onde era recebido com grandes demonstrações de sentimento, até chegar a Odivellas. Aqui o corpo do rei, foi deposto na egreja, celebrando-se exequias solemnes.

Depois, acabadas as ceremonias competentes «pareceu conveniente recolhel-o na sepultura por haver já alguns dias que o corpo estava no ataude» observa o chronista Brandão na *Monarchia Lusitana,* parte 6.ª. Isto quer dizer que o corpo já deitava um cheiro insuportavel. Pozeram o cadaver do rei no tumulo, na presença da rainha. D. Izabel, depois que todos se retiraram da egreja, ajoelhou e esteve longas horas rezando junto á sepultura de D. Diniz.

CAPITULO VIII

O que fez depois a rainha

Vimos que D. Izabel, logo depois da morte de D. Diniz, se despojou das vestes reaes para vestir o habito de Santa Clara.

A rainha, porém, não era esquecida, e, lembrando-se do modo como os franciscanos tinham procedido com D. Mór Dias, decidiu mandar lavrar uma escriptura em que declarava que tomava aquelle traje, não como habito religioso, mas como signal de viuvez, lucto, tristeza e humildade.

Eis os termos d'este curioso documento:

«Em nome de Deus Amen. Conheçam todos quantos esta nossa presente carta virem que nós Dona Izabel, mulher em outro tempo do muito alto e mui nobre Rey e Senhor Dom Diniz pela graça de Deus rei de Portugal e do Algarve e rainha dos ditos reinos: havendo fé em nosso Senhor Jesus Christo e na Virgem Santa Maria sua mãe, e na côrte celestial, e havendo devoção na Ordem de Santa Clara, haviamos posto na nossa vontade, que se acontecesse que nós morressemos antes que o dito Rey Dom Diniz nosso marido lidimo, que haviamos devoção de morrer no habito de Santa Clara, o qual habito convem a saber: uma corda com nós para cingir, e um veo branco e uma vestidura, que tinhamos já em tempo em nossa arca para isso. E se por ventura o senhor Rey Dom Diniz primeiro morresse, o que

Deus não quizesse, e acontecesse que nós vivessemos depois, queriamos e entendiamos de filhar e receber e vestir este habito segundo como dito é: somente por razão de tristeza e de dó e de humildade, e não por religião nem por profissão, nem por obediencia a alguma ordem estremadamente. Porque estamos em tal idade e em tal estado, e havemos taes enfermidades, que não poderiamos manter nem cumprir o que manda a ordem, mas aquillo que nos Deus der graça que possamos fazer e sustentar, que aquillo fazemos sem outra obrigação, segundo o que se contem em uma declaração e protesto que fizemos em vida do dito senhor Rei nosso marido. E dissemos e falamos com o mui alto e mui nobre Dom Affonso, o filho primeiro herdeiro do dito senhor Rei Dom Diniz, e nosso, e com fr. João de Alcami da ordem de S. Francisco. E porque Deus teve por bem que o dito senhor Rei Dom Diniz nosso marido lidimo morresse antes que nós, em a qual morte nos temos que somos assim tambem morta com elle, e devemos segundo bom costume mudar nossa vida e nosso habito em dó e tristeza e em humildade, recebemos e vestimos primeiramente e presentemente a dita vestidura e corda e veo sobreditos, somente pelas razões sobreditas, e não por outras: os quaes recebemos das mãos de Marqueza Rodrigues e de Urraca Vasques, donas segrares de nossa casa e de Estevainha Martins, e Maria Annes, e Maria Martins, e Joanna Peres, segrares nossas camareiras, as quaes nos servem, e estão em uso de servir de nossa camara, e de nos ministrar aquillo que nos cumpre. E como quer que este habito como dito é, filhemos, e entendemos de trazer, nós não entendemos nem queremos deixar nossas donas, nem nossas donzellas nem nossa casa, mas entendemos trazer, e crear donas e donzellas leigas e segrares e manter a nossa casa, assim como virmos que nos convem, e por bem tivermos e como havemos acostumado. E as ditas donas e donzellas e outras quaesquer que por bem tivermos criar, e casar de nossos bens proprios, assim como nos semelhar, e nos nossos castellos e logares e dalhur ante essas, ou assim como quizermos, e pudermos segundo a nossa intenção de assim viver em quanto Deus tiver por bem. E demais dizemos que voto algum simples ou solemne, calado, ou expresso, ou profissão, ou obediencia calada, ou expressa, não havemos demonstrada, nem feito por alguma maneira, nem queremos nem entendemos demosntrar, nem fazer com este recebimento de corda e vestidura, e veu sobredito, nem em outra maneira. E outro sim

não demonstramos, nem entendemos, nem propomos, nem queremos fazer, nem fazemos a nenhuma ordem, nem regras, nem pessoa alguma obrigação de nós, nem de nossos bens, nem dos direitos por todas as coisas sobreditas, nem por alguma d'ella ; mais entendemos e queremos com todos os nossos bens e direitos moveis, de raiz, de todo em todo livremente ficar, e d'esses, vender, doar, alongar, apenhorar, emprazar, e emprazamentos ter, e fazer Egrejas e Mosteiros e Hospitaes, e outros piedosos lugares, e esmolas, e dos outros que quizermos dispôr em nossa vida, e em nossa morte, assim como a nós prouver, e por bem tivermos, e como nos Deus der graça de fazer. E estas coisas sobreditas, e cada uma d'ellas dizemos e protestamos a maior declaração da nossa vontade, e da nossa intenção, e agradamento do nosso estado, e dos nossos bens e direitos. E assim em todo e por todo dizemos a vós ditas donas camareiras, que das sobreditas coisas, e de cada uma d'ellas mandamos fazer, e sellar nossa carta com nosso sello em testemunho de verdade. Dada em Santarem no Castello, nos paços do sobredito rei em nossa camara oito dias de janeiro.»

Por esta escriptura se vê que o fervor religioso da rainha lhe não obliterava por completo o juizo, nem lhe deixava esquecer a cubiça desenfreada dos monges cruzios, que tão obstinadamente disputaram ás pobres donas de Santa Clara a herança de Mór Dias. D. Izabel, que contava então cincoenta e tres annos, quiz por esse meio precaver-se contra futuras tentativas de rapina fradesca.

CAPITULO IX

Ante a sepultura do pae

PENAS constou a Affonso Sanches que D. Diniz estava enfermo, saiu logo de Albuquerque, onde se encontrava, em direcção de Santarem.

Acompanhavam-no alguns dos seus homens d'armas. O infante enterrava os acicates no cavallo para lhe apressar a marcha e ver se conseguia chegar quanto antes. Mas não o conseguiu. Ao entrar em Santarem, logo o preveniram da morte do rei. O corpo já tinha sido levado para Odivellas.

Affonso Sanches, com a alma dilacerada, o coração opprimido, os olhos marejados de lagrimas, não se deteve. Partiu para Odivellas. Ao chegar ali, penetrou na egreja e veio ajoelhar junto da sepultura do pae.

Havia dois dias que o corpo do rei tinha sido recolhido no sarcofago.

Não fora dado a Affonso Sanches assistir-lhe aos ultimos momentos; tambem não lhe era dado vel-o, ainda mesmo depois de morto. Affonso Sanches, para mitigar a sua dôr, vinha todos os dias rezar junto do tumulo de Diniz e assim passava longas horas entregue á oração. Ao principio ninguem o conheceu em Odivellas.

D. Affonso, ainda ahi se encontrava, recolhido em seu paço, rodeado de cortezãos, e dirigindo os preparativos para a sua proxima acclamação, que devia fazer-se em breves dias na egreja de S. Domingos de Lisboa. As freiras de Odivellas, que n'essa epoca ainda não tinham a triste reputação que depois alcançaram no reinado de D. João V, notaram a insistente presença d'aquelle desconhecido na egreja, junto do sepulchro do rei, e narraram o facto a D. Izabel. A rainha habitava com as monjas. D. Izabel, desejosa de conhecer esse homem, que

Caveira de D. Bataça, vista de frente e de perfil, encontrada no seu tumulo na Sé Velha de Coimbra em 9 de junho 1895.

tanto dava que cuidar ás monjas, foi ao seu encontro. Logo o reconheceu.

— Ah, sois vós, Affonso Sanches! exclamou a rainha...

— Senhora, sim, sou eu... Quiz vir assistir aos ultimos momentos de meu pae, mas Deus não permittiu que chegasse a tempo... Vim a Odivellas, para resar junto de sua sepultura... Meu querido pae!... Como soffreu nos ultimos annos!... Como lhe tornaram amarga a velhice!

— Affonso Sanches, observou a rainha, não recordeis essas agitações e esses maus dias, por Deus vos peço!... Vosso pae perdoou áquelle a quem vos referis... Não deveis pois lembrar essas tristes luctas... Deixae vosso pae em descanço... Deixae-o dormir o somno dos mortos... Morreu como um justo e um crente... Deus já terá chamado sua alma... Por ella tenho pedido em minhas orações... Fazei vós o mesmo, Affonso Sanches...

— Assim tenho feito, senhora rainha... Desde que cheguei passo os dias na egreja, junto da sepultura de meu pae, pedindo a Deus por sua alma...

— Mas ninguem sabe de vossa presença em Odivellas... Affonso ignora que vos encontraes aqui, disse a rainha... Não receaes provocar sua sanha?

— Senhora, eu nada receio... Quererá meu irmão prohibir-me de visitar o tumulo de meu pae?... Não venho como inimigo... nem como tal consentirei que me tratem!

— Affonso Sanches, notou a rainha sobresaltada, falaes tão ousadamente, que me assustaes, apesar de me lembrar de vossa antiga prudencia e serenidade... Olhae, não vos faça a dôr pela perda de vosso pae esquecer o que deveis a vosso irmão e rei...

— Socegae, senhora, respondeu Affonso Sanches, não me esquecerei de meus deveres, mas comtanto que se não esqueçam tambem dos que me são devidos... Vim para chorar e orar... Não tenho tempo para odios nem disputas... O que desejo é que me deixem tranquillo.

A rainha despediu-se de Affonso Sanches, um tanto aprehensiva pelas palavras azedas que acabava de lhe ouvir. E com effeito justificaram-se as apprehensões da rainha.

Affonso Sanches, entendendo que não devia continuar incognito em Odivellas, deu-se a conhecer. D. Affonso, logo que soube da presença do odiado irmão n'aquella villa, ou por que sentisse acender-se em seu coração o antigo rancôr, ou por que receiasse que elle viesse disputar-lhe a herança da corôa, encheu-se de colera e intimou-lhe ordem para que comparecesse em sua presença.

Affonso Sanches, só, sem um companheiro, sem um amigo, sem um defensor, com a coragem serena que teem todas as consciencias tranquillas, entrou na camara onde se encontrava D. Affonso.

— Que me quereis, senhor? perguntou Affonso Sanches, fixando o irmão...

— Grande ousadia tivestes entrando em Odivellas e vindo desafiar minha colera...

— Eu não vim desafiar-vos, vim rezar ante o tumulo de meu pae... Não posso acaso entrar em Portugal?... Poucos dias ha que morreu el-rei D. Diniz, nosso pae, e já vossoo dio se acende de novo contra mim... Depressa esqueceis os desgostos que lhe destes e os annos de vida que lhe tirastes com vossa injusta revolta...

— Calae-vos, Senhor, e não profieis em lembrar esses maus tempos!.. Á-la-fé que vos atreveis a muito!... Se me revoltei foi contra vossa perversa ambição... Meu pae perdoou-me e, ao morrer, lançou-me a sua benção... Sei como filho quanto devo á sua memoria... Mas, se conheço os meus deveres de filho, tambem não desconheço os meus deveres de rei... Como rei não posso esquecer vossas culpas e vossos crimes, não posso esquecer que fostes vós, com a vossa desenfreada ambição, com a vossa diabolica cobiça, que me forçastes a romper com meu pae e com meu rei... Por isso nunca vos poderei ver com bons olhos... Por isso não tolerarei que habiteis n'este reino... Por isso vos mando que partaes...

— E se eu não vos obedecer? Tenho terras e bens em Portugal, terras em que exerço o senhorio... Nenhum crime cometti para que possaes despojar-me d'ellas... Faço parte da nobreza de Portugal e tenho direito de tomar parte nas côrtes do reino, ao lado dos meus irmãos, no logar que me compete...

— Basta, senhor, basta! exclamou Affonso, contendo a muito custo a ira que o ia dominando... Não quero ouvir-vos por mais tempo... Não provoqueis mais a minha colera... Esqueceis que vos posso mandar prender, que vos posso mandar metter em uma masmorra?... Esqueceis que falaes ao vosso rei?...

— Meu rei... sim, heis de sel-o, mas ainda o não sois.. Ainda as côrtes vos não acclamaram .. Quanto ao mandar-me prender, não o esqueço de que o podereis fazer, mas tenho a certeza de que o não fareis!... Vosso odio contra mim não vos cega, nem vos dementa a esse ponto... Meu irmão, o conde de Barcellos, meu irmão João Affonso, haviam de obstar a que me prendesseis... E mesmo alguns de vossos vassalos, a quem favoreci, quando exerci o cargo de mordomo-mór do reino, e que me ficaram fieis e dedicados, não levariam a bem a minha prisão...

— Não é meu intento prender-vos, observou D. Affonso que, apesar de não ser muito atilado, facilmente comprehendera os inconvenientes que lhe podiam trazer o aprisionamento do irmão... Não vos prenderei, mas espero que não continuareis a abusar por mais tempo da minha generosidade... Ide, senhor, ide para fora do reino, e não me forceis a pedir contra vós o auxilio das côrtes...

Affonso Sanches saiu do paço de Odivellas, pensando n'esta ultima ameaça do irmão. O espirito do filho predilecto de D. Diniz, es-

tava perplexo entre abandonar o reino e voltar para Castella, ou tomar o seu logar nas côrtes de Lisboa e defender ahi os seus direitos á posse das terras, caso o irmão lh'as quizesse confiscar. Antes de tomar uma resolução, Affonso Sanches foi visitar a rainha D. Izabel.

— Já sabeis, senhora, os propositos de D. Affonso a meu respeito?

— Meu filho contou-me a conversa que comvosco tivera, Affonso Sanches... Devo dizer-vos que amo e quero muito a meu filho, mas que tambem vos quero muito... Por isso tentei dissuadir Affonso, dos maus designios que contra vós nutria... Se o não consegui de todo, julgo ter-lhe abalado um pouco suas desconfianças a vosso respeito... Não havereis pois de me querer desmentir... Peço-vos, portanto, Affonso Sanches, que partaes para Castella ou mesmo para vossas terras, se assim o quizerdes, que eu me esforçarei para inclinar a indole de meu filho a vosso favor...

— Senhora, estou disposto a seguir vosso conselho e a partir, não para minhas terras, reino de Castella, onde toda a côrte me estima e onde os maiores fidalgos me querem com fraterna amisade... Antes, porém, de partir julgo que me compete assistir ás côrtes em Evora... Se D. Affonso n'ellas fizer contra mim as falsas accusações que eu o julgo muito capaz de fazer, poderei defender minha causa... Vêde que não é só por mim, nem só por meu nome, que me compete defender-me, é pelo nome de meus filhos... Compete-me defender o seu patrimonio... E no caso que D. Affonso me queira confiscar os bens que me pertencem — hei de fazer respeitar meus direitos ou por bem ou por força!

— Não faleis de tal modo, Affonso Sanches... Se soubesseis como me pesam vossas desoladas palavras!... Tenho a alma cheia de luto e de dôr... E vós quereis ainda augmentar a angustia que soffri com a morte d'el-rei D. Diniz, meu querido esposo, com vossas ameaças de perturbar a paz do reino e com vossas suspeitas sobre os intentos de vosso irmão... Tranquilisae-vos... Elle não pensa em tirar-vos vossas terras...

— Ameaçou-me de que mas confiscaria, senhora, e eu bem sei que d'elle devo esperar sempre o peior...

— Ameaçou-vos, mas não ousará levar por diante sua ameaça, observou a rainha... Fiae-vos em minha promessa... Hei de conseguir demover meu filho d'esses maus intentos...

— E se o não conseguirdes, senhora rainha? perguntou Affonso Sanches.

— Hei de conseguil-o, acreditae-me... Se, porém, o não conseguir, fazei vós então o que tiverdes por melhor... Mas quanto a irdes assistir ás côrtes de Evora, pelo santo nome d'el-rei D. Diniz, vosso pae, vos peço que o não façaes...

— Senhora rainha, seguirei vosso conselho... Partirei hoje mesmo para Castella.. Mas — ai de D. Affonso! — se ousar tocar em meus bens e senhorios... Responder-lhe-hei á mão armada! .. Ficae-vos em paz e que Deus vos tenha em sua santa guarda.

— Ide com o Senhor, Affonso Sanches, respondeu D. Izabel, lançando um olhar cheio de tristeza e de melancolia sobre o filho natural do seu chorado esposo.

O infante, como promettera, partiu n'aquelle mesmo dia para Castella.

CAPITULO X

A acclamação do novo rei

Affonso, logo depois da entrevista que teve com o irmão, apressou-se a prestar juramento e a fazer-se acclamar. Esta ceremonia teve logar em Lisboa, em janeiro de 1325.

Eis como na *Monarchia Luzitana* (parte VII) vem descrita esta ceremonia da acclamação dos reis n'essa epoca:

«Ao terceiro dia depois do enterro ou da morte dos reis que falleciam (definido e vistosamente ornado o logar aonde o principe herdeiro havia de ser acclamado) saia do paço com festivaes e magestosos adornos, que autorisava uma opa real, rica, vistosa e roçagante, assistido de toda a fidalguia da côrte vestida de festa; e montava em um cavallo ajaezado como convinha a função tão pomposa. Os maiores tres senhores do reino, ou por officio, ou por obsequio o acompanhavam a pé, um que o levava de redea, os outros dois de um e outro lado, as fraldas da opa; entre duas alas, que formavam da parte direita, os titulos e senhores do reino, e da esquerda os officiaes da casa real, e o senado da camara, seguidos de toda a nobreza, e dos tribunaes da côrte. Diante do principe ia o condestavel, ou quem seu officio fazia, com um estoque levantado; precedia-

lhe o alferes-mór do reino, que levava a bandeira real enrolada na haste, ao qual se adiantavam os tocadores de charamelas, atabales, e trombetas, e a estes os reis de armas com suas cotas, e n'ellas bordadas as divisas que os distinguiam, em seguimento dos porteiros, que com maças de prata ao hombro precediam a todos; e todos montados caminhavam para o logar destinado, já d'ante prevenido com um espaçoso tablado, para o qual se subia por degraus contados, e bem guarnecidos (e da mesma sorte todo o pavimento do solio) no qual os prelados do reino, que se achavam na côrte, esperavam e recebiam o principe.

No fim do theatro se levantava, com dois ou tres degraus, um estrado, como throno, com mais riqueza e primor, adornado e vestido; e n'elle um precioso docel, que cobria a cadeira da magestade, com uma almofada do mesmo lote; e da mesma sorte outra cadeira, a um lado, sobre a qual se escondia debaixo de um rico panno, uma cruz e um missal. Assim como o referido acompanhamento ia chegando, ia tambem subindo; e arrimando-se as alas ao lado do primeiro tabernaculo, em tal ordem, que os que ella adiantava, ficavam nos ultimos logares a respeito do principe, que subido ao throno, e assentando a cadeira real, lhe dava o camareiro-mór o sceptro, que recebia e sustentava na mão até ao fim do acto; á sua mão direita ficava o condestavel com o estoque levantado; na ponta direita do solio o alferes-mór, com a bandeira enrolada; á esquerda aquella pessoa a quem se tinha encommendado a oração, que em semelhantes actos se costuma fazer, cujo argumento se resumia em breve elogio das saudosas memorias do rei passado; e um compendioso panegirico das prendas, e promettidas esperanças do successor presente guardar todos os foros, previlegios e mercês concedidas por seus antecessores, e outorgar de novo os que por novos serviços fossem merecidos.

Finalisada a pratica, subia ao throno o ecclesiastico de maior dignidade, entre os presentes, e ajoelhado com o principe deante da cruz, lhe offerecia o missal, o nos evangelhos jurava elle guardar inteiramente aquellas obrigações que se lhe intimavam. O que feito se levantavam, voltando cada qual a seu devido posto; e assentando o principe, subiam por sua ordem os prelados, e senhores do reino um por um a jurar-lhe fidelidade, eom palavras certas, que se lhes liam; e beijando-lhe a mão, se voltavam a seus logares. Ulti-

mamente as repetia e jurava o senado da Camara, como cabeça do povo; e n'elle compromettidas todas as do reino; subindo do seu logar a beijar a mão do principe, se voltavam a elle. Concluido o juramento na forma dita, o primeiro rei d'armas posto na extremidade do tablado, falando com o povo, dizia em gesto que se percebesse: «Ouvide, ouvide, ouvide», e logo o alferes-mór em altas vozes: «Real real, pelo muito alto e muito poderoso principe, digno rei de Portugal.» Palavras que os reis d'armas repetiam, e o alvoroço do povo acompanhava com alegres acclamações e vivas mais festivos, e confusas com as vozes dos instrumentos referidos entre cujo estrondo, desenrolada a bandeira, fazia com ella o alferes-mór as devidas continencias; com o que se dava fim ao acto; e observada a primeira ordem do acompanhamento, e a repetição das acclamações, e instrumentos, caminhavam em direcção d'aquelle santuario, onde o nóvo rei (recebido com *Te-Deum laudamus)* dava graças a Deus, em reconhecimento de que sua omnipotencia é a que dá as corôas aos principes da terra. Imitando o possivel d'este plausivel acto, o representam todas as cidades e villas do reino com egual alvoroço e alegria, ainda que com desegual pompa».

Por estes fradescos dizeres já vê o leitor que o ceremonial usado hoje na acclamação dos reis não é menos tolo do que o da idade-media; antes com elle muito se assemelha.

D. Affonso, o IV do nome, foi pois acclamado no adro da egreja de S. Domingos de Lisboa em janeiro de 1325. Decorrido pouco tempo tiveram logar as côrtes de Evora.

A homenagem d'esta assembléa parecia ao rei tanto mais necessaria quanto as dissenções com seu irmão, tinham dividido muito o reino; Affonso Sanches contava alguns partidarios, que, como inimigos do novo rei, suscitavam propositadamente duvidas com referencia á successão.

D. Affonso, cioso de proclamar o seu direito exclusivo á corôa e querendo obter uma manifestação publica em seu favor, exigiu das côrtes de Evora o juramento de lealdade e fidelidade. Mas foi ainda mais adiante. Desacatando os conselhos de prudencia da mãe, a rainha D. Izabel, o rei atreveu-se a propôr ás côrtes o sequestro dos bens de Affonso Sanches e a sua expulsão do reino, como perturbador da ordem e como unico autor de todas as calamidades.

As côrtes, admiradas e indignadas de uma tal pretenção, nenhum

A Rainha Santa morta (Desenho original do Dr. Valle e Sousa)

caso fizeram de semelhante proposta e nada resolveram, contando que o tempo faria esquecer este conflicto. Mas o rei, apesar de estar na posse incontestada do throno, apesar da indignação que nas côrtes de Evora provocou a proposta que fizera contra o irmão, apesar dos rogos e dos conselhos de D. Izabel, não afrouxou no seu odio e na sua desconfiança contra Affonso Sanches. Accusou-o publicamente

de muitos maleficios e proclamou o intento de se lhe apossar dos bens e de lhe não permittir a entrada em Portugal.

Affonso Sanches, ante um desafio tão audacioso e imprudente, auxiliado por D. Filipe, infante de Castella, saiu de Albuquerque e invadiu o reino com o seu exercito, assolando e devastando todas as villas e povoações onde entrava. Parte d'estas povoações eram ao norte de Portugal, as terras de Bragança, fronteiras ao reino de Leão. D. Affonso, que se encontrava proximo de Lisboa, entregue aos prazeres da caça, pouco caso fez da invasão. Monteava nas asperezas de Cintra, onde então pelo agreste das mattas e grutas das penhas, abundancia das aguas e fertilidade dos pastos, se abrigavam feras e animaes silvestres.

O rei caçava descuidoso e alegre e os ministros, curvando as frontes sob os queixumes e as maldições do povo, interrogavam-se perplexos, sem saber que decisão haviam de tomar. Lance que pareceria um apologo contemporaneo, se os ministros de Affonso IV não tivessem nma grande superioridade sobre os servis mentecaptos dos nossos dias.

Os conselheiros de Affonso IV, sabedores dos excessos comettidos pelo infante revoltado e receosos que a guerra se ateasse em todo o reino, intimaram o rei a que voltasse para Lisboa.

Quando o rei entrou na alcaçova, já os ministros se achavam reunidos em conselho. Estevam da Guarda, que fôra chanceller de D. Diniz, e era dos que mais indignado se mostrára com o desleixo e a relaxação de D. Affonso[1], acercou-se do monarcha e disse-lhe:

— Senhor, os principes não sobem ao throno para satisfazer o particular de seus apetites, mas para acudir á conservação de seus vassalos... Buscar o monte para bater mattos e perseguir feras é officio de caçador e não de rei quando furta o tempo á obrigação para o dar ao alivio... Sabeis que Affonso Sanches invadiu o reino com o seu exercito e tem assolado todas as cidades, villas e povoações onde entrou... Sair a campo nas occasiões necessarias para reprimir inimigos, e romper exercitos, dispondo os meios para conseguir as victorias é a primeira obrigação dos principes .. De que servem as queixas e os pedidos do povo se não ha rei que despache.

[1] Este facto é authentico. Vide *Monarchia Lusitana*, vol. VII, pag. 347.

e resolva? Acceitae, senhor, esta advertencia que vos faço com o animo cheio de zelo por vosso serviço, quando não...

A ameaça contida na suspensão da phrase alterou e encolerisou o rei, que perguntou cheio de sanha:

— Quando não, o quê?... Quando não, o quê?... Vamos, atrevei-vos a dizel-o...

— Quando não, senhor, ajuntou serenamente o ministro, buscaremos rei que nos governe e que saiba governar.

— Ousaes dizer-me a mim, vós, que sois meu vassallo, que buscareis rei!

— A vossa real mercê, senhor, dizemos, e notae que vos falo em nome de todos nós, que se no governo do reino e defeza dos povos não tomardes nova vereda, trataremos de procurar rei que siga outro caminho. E quem assim vos não falar não é fiel a vosso serviço, nem zeloso de vossa honra.

O rei levantou-se colerico e abandonou o conselho.

Mas, momentos depois, serenou e conheceu a razão, inteireza e valor da advertencia.

CAPITULO XI

A vingança de Affonso Sanches

FFONSO Sanches perdera de todo a paciencia ante as provocações e as offensas do irmão. Promettera vingar-se e cumpriu terrivelmente a sua promessa. Uma parte do seu exercito entrou pelas terras de Bragança, fronteiras de Leão, roubando, pilhando e incendiando, segundo a tradicção constante dos heroicos guerreiros.

A invasão foi repentina e imprevista. Os que fugiam das espadas dos assassinos, morriam nas lavaredas do incendio ou caiam nos grilhões da prisão. Tudo era roubo, tudo ferro, tudo fogo.

Uma outra parte do exercito de Affonso Sanches, exercito composto de habitantes de Albuquerque, Medelim e outros logares de que era senhor o infante, entrou pelas terras de Portugal, fronteiras da Andaluzia, praticando as mesmas violencias, as mesmas pilhagens, os mesmes roubos.

Affonso IV teve difficuldade em convencer-se da ousadia do irmão, tanto estava persuadido que havia de encontrar n'elle a mesma paciencia e submissão do tempo de seu pae.

Mas quando se convenceu da gravidade do perigo, sobresaltou-se e procurou remedeal-o.

O infante, conseguida a invasão de Traz-os-Montes, continuara a guerra pelo Alemtejo; o rei mandou a embargar-lhe a marcha um exercito sob o commando de Gonçalo Vaz, mestre de Aviz. Ordenou tambem a todos os cavalleiros das regiões onde o infante quizesse entrar, que se puzessem á frente de homens d'armas, em quem mandavam, e lhe embargassem o passo.

Junto de Ouguella acampou o exercito sob as ordens do mestre de Aviz, esperando o do infante. Travou-se a peleja, e, apesar de ter sido muito renhida, Affonso Sanches saiu victorioso.

O rei, ao saber que fôra derrotado, cheio de furor, decidiu marchar com um outro exercito contra o irmão. Com elle entrou pelas terras de Albuquerque, assentando o arraial junto da villa. A noticia da morte de sua filha, a infanta D. Izabel, obrigou o rei a regressar a Lisboa.

D. Izabel, nascera em 1324 e morria em 1326, não tendo ainda dois annos de idade.

A morte d'esta princeza e o nascimento de um outro filho, o infante D. João, suspenderam a continuação da guerra.

Os bons officios do rei de Castella e a constante intercessão da rainha D. Izabel, conseguiram por fim vencer o rancor e o odio de Affonso IV e levaram-no a pactuar a paz.

D. Izabel não descançou emquanto não viu ajustada a paz entre os dois irmãos. Esta afinal concluiu-se em fins do anno de 1326.

A Affonso Sanches foram-lhe restituidos todos os bens.

O seu filho D. João Affonso de Albuquerque veio logo viver para Lisboa e habitar nos paços reaes, que lhe doara D. Diniz, na freguezia de S. Bartholomeu do Castello.

Affonso Sanches morreu em 1329 e foi sepultado no mosteiro de Villa do Conde, mosteiro que fundara e onde construira sepultura para elle e para toda a sua familia.

CAPITULO XII

Viagem da rainha

D. Izabel, apesar dos achaques que lhe tinham debilitado o organismo, não afrouxava no seu proselitismo caritativo e religioso.

Emprehendeu em 1325 uma peregrinação a Santiago de Compostella. No dia da festa do apostolo fez lhe a rainha e á sua egreja riquissimas offertas.

Figanière observa até com malicia:[1] «A munificencia da piedosa princeza não deixaria de ser largamente apregoada pelos sacerdotes do templo, cujos corações isentos, como devemos crer, sem duvida se sensibilisariam sempre com devoções de tão apreciavel natureza.

Ao regressar a Portugal, D. Izabel recebeu das mãos do arcebispo o bordão e a bolsa de peregrina. A sua jornada foi uma continuada ovação, correndo ao seu encontro os povos por onde passava soffregos de contemplar a futura santa, a fama de cujas virtudes tinha penetrado em todos os angulos do paiz, chegando aos ultimos recantos das Hespanhas e talvez a regiões mais longiquas. De feito, isto não é incrivel, porque existe uma carta bastante singular, escripta á rainha, pouco antes da morte de seu marido, por André, prior do

---

[1] *Memorias das rainhas de Portugal.*

hospital ou hospicio de Santa Maria de Roncesvalles, em Navarra, dizendo ahi que lhe constava que ella desejava tomar parte nas obras de devoção d'aquella communidade, e que, por consequencia, com verdadeiro jubilo a acceitava por participante e socia em todas as obras de devoção e piedade; que elle e os de sua casa offereceriam preces para que a sua vida crescesse em dias e prosperidade, convindo que ella promovesse o que fosse util ao estabelecimento, ajudando-se assim reciprocamente. N'este sanctuario de Roncesvalles corre em tradicção que D. Izabel o visitára em romaria, conservando-se ainda hoje um manto de seda encarnado, bordado pelas suas proprias mãos, que ella, segundo se referem, offerecera á imagem da virgem.

Esta carta datada de Roncesvalles a 22 de novembro de 1324 está no cartorio de Santa Cruz de Coimbra [1].

*

* *

A viagem de D. Izabel a Santiago de Compostella vem mencionada na celebre *Lenda*.

Dá-se este nome a uma *Relaçam da vida* da rainha Santa Izabel. Foi impressa, segundo o manuscripto que existia no mosteiro de Santa Clara de Coimbra, por fr. Francisco Brandão na *Monarchia Lusitana*, tomo VI. O autor d'esta relação ou lenda é desconhecido. Figanière não duvida de que foi composta pouco depois da morte da rainha. Fundamenta esta opinião, dizendo ser a linguagem genuina da epoca. E tambem em que o autor, mencionando logo no principio os filhos de D. Pedro III, de Aragão, diz: «e D. Fraderic, que *hora (agora)* chamam rei em Sicilia», mostrando que este principe ainda vivia quando se começara a compor a lenda; e como elle morreu em 1337, anno immediato ao da morte de sua irmã, D. Izabel, é de crer que o autor encetasse a sua narrativa pouco depois do fallecimento da rainha.

O manuscripto da lenda existente em Santa Clara de Coimbra é, segundo o mesmo Figanière, uma copia do antigo, copia que data

---

[1] Figanière, Obra citada.

dos primeiros tempos dos Filipes e á qual o copista fez acrescentamentos. A lenda, na sua forma primitiva, devia concluir onde se lê: «feito por Martins Esteves, tabalion em Coimbra.»

Admittido pois que a lenda, em parte, seja coeva á morte de D. Izabel, levanta-se a questão sobre o credito que merece.

Damos agora a palavra a Figanière, não só por que nos parece ter sido o escriptor que melhor comprehendeu a figura de Izabel d'Aragão, mas tambem por que nas linhas que transcrevemos synthetisa d'um modo nitido o juizo que se deve formar ácerca da esposa de D. Diniz e da epoca em que viveu.

«Mas [1] por isso que essa memoria é coeva, e que encerra factos reconhecidos, segue-se d'ahi que lhe devemos prestar implicita fé em tudo quanto narra? Parece-nos que n'esta idade, em que tanto teem progredido as regras da boa critica, ninguem se lembrará de sustentar similhante doutrina. Nas memorias contemporaneas foi costume em todos os tempos fazer apparecer verdades de envolta com mentiras, ora lisonjeiras, ora calumniosas, segundo o espirito que guiava o autor; e os exemplos não faltam ainda na actualidade. Se era mister acceitar quantos boatos circulam no publico, a latitude da credulidade não teria limites.

Os casos sobrenaturaes que veem narrados na Lenda a respeito de D. Izabel, são: 1.º o ter salvado a filha, D. Constança, do purgatorio mandando dizer missas durante um anno (pag. 499, columna 2 e seg. [2]); 2.º ter sido visitada no leito da morte por uma dama, que ninguem teria visto a não ser a muribunda, concluindo-se logo que devia ser uma mensageira que viera consolal-a da parte de Deus e da virgem Maria (pag. 522, col. I); supposição que mais tarde os autores monasticos encareceram, affirmando que fora inquestionavelmente a Virgem em propria pessoa.»

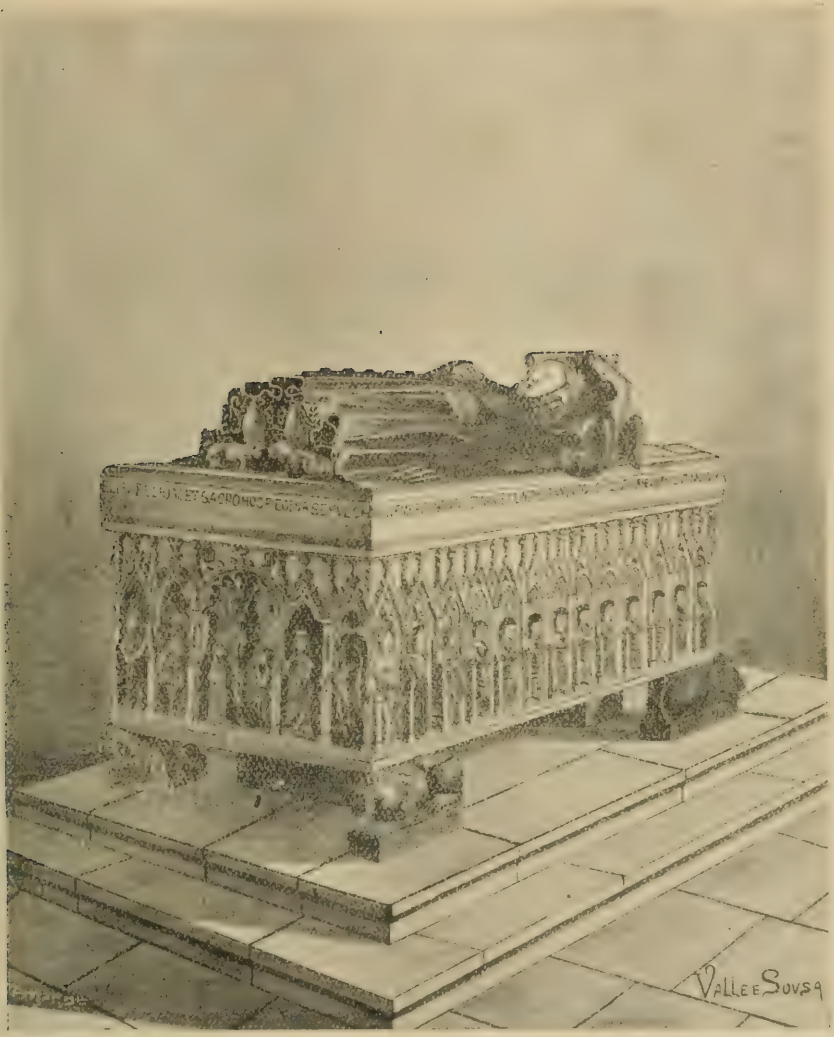
Sobre este facto exporemos mais adiante a opinião insuspeita do dr. Antonio de Vasconcellos, professor de theologia na Universidade e autor da obra a *Rainha Santa*, a que já nos temos referido.

«Finalmente, as ultimas folhas da memoria são dedicadas a fazer

---

[1] Figanière, *Memorias das Rainhas de Portugal*, pag. 259.

[2] Esta indicação é referente á *Monarchia Lusitana*, vol. 6.º, ed. de 1672, onde, como dissemos, vem a Lenda.



Primitivo tumulo da Rainha Santa em Santa Clara

conhecer varias curas milagrosas effectuados por intercessão da rainha, tanto em vida como depois de morta.

E não cuidem que estas suppostas curas eram invenções do autor da Lenda: salvemos a sua memoria da pecha de falsario.

Encontrámos no cartorio de Santa Clara de Coimbra um pergaminho assaz extenso, contendo os depoimentos (similhantes a alguns citados na Lenda) de duas mulheres que declararam terem sido curadas desde que se metteram a orar junto do tumulo da rainha, uma,

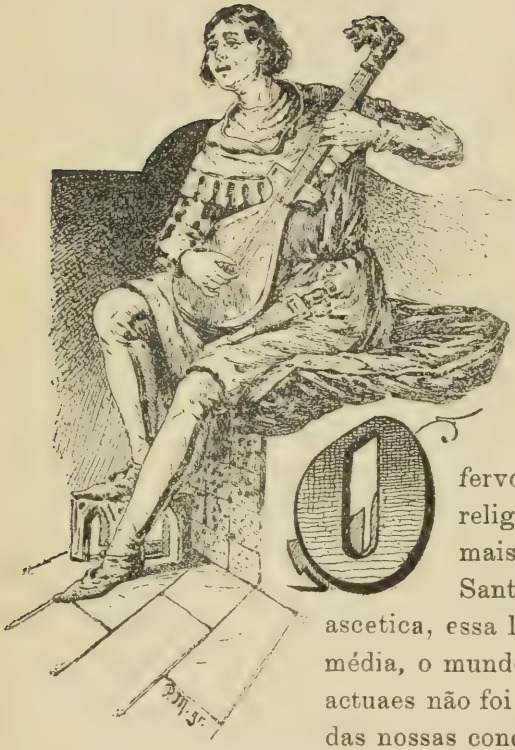
Catalina Lourenço, de um tumor no olho esquerdo, a outra Dominga Domingues, do uma sanguesuga que a atormentava havia muito tempo. E' o instrumento original, lavrado pelo tabellião Martim Affonso mencionado varias vezes na lenda como tendo feito outros taes. Os assistentes foram os bispos de Lamego (que fôra confessor da rainha, e figura tambem em outros documentos similhantes referidos na Lenda), D. Izabel de Cardona, abbadessa de Santa Clara (sobrinha dar ainha), e varios *ecclesiasticos* — a qualidade d'estas testemunhas é assaz significativo, e dispensa-nos de todo o commento. O documento é datado do convento de Santa Clara, a 27 de julho de 1336, isto é, quinze dias depois do enterro da rainha, não cabendo a menor duvida sobre a sua genuinidade, em vista da letra em que está escripto e outros signaes caracteristicos. Offerecemos este documento aos propugnadores de milagres se o julgarem apreveitavel.

Eis ao que se limitam os prodigios relatados na Lenda, e que ao depois foram multiplicados até ao infinito. Ora que ha de estranho que naquella epoca de superstição e credulidade, corressem entre o povo alguns casos dessa natureza (e que o clero tomaria a seu cargo propagar) a respeito de uma rainha que se tinha tornado muito conspicua, tanto pelo rigor com que seguia os preceitos da egreja, como pelo valioso auxilio que prestava ás ordens religiosas, e esmolas com que acudia á miseria do povo — diante do qual se abaixa aos misteres os mais humildes para mostrar a sua grande devoção e piedade? Não é mesmo preciso explicar esses milagres por coincidencias ou sonhos exagerados (o que porém, não fôra difficil quanto a alguns); basta afigurar-se a impressão que devia causar no povo — nimiamente dado a crenças absurdas, e sobre tudo então — a vista de uma rainha, que, tendo como consorte praticado os deveres da religião com mais rigor, talvez, que o commum dos seus contemporaneos, depois de viuva não se contentou com menos que clausurar-se, a bem dizer, como freira, não professando unicamente com o intuito de conservar os seus rendimentos para dispendel-os em obras de caridade, quer fosse esse ou não o verdadeiro motivo, assim o acreditavam vulgarmente e nol-o assegura a Lenda. Attendendo-se a taes circumstancias, facilmente se concebe que o autor da Lenda n'essas passagens, só se fez o echo das vozes populares.»

Eis como a Lenda refere a viagem de D. Izabel a Santiago de

Compostella. Transcrevemol-a em seus dizeres textuaes, por que ha certo encanto n'essa rudeza ingenua.

«E antes que se comprisse o anno do dia do passamento del Rey começou esta Rainha caminho, sem o dando a entender, para ir á Igreja em romaria hu jaz o corpo de Santiago Apostolo. E assi calou para hu hia, que os de sa companha per alguns dias que nom entendião a que partes hir queria, até que nom chegou acerca de Santiago a hum logar que he alongado da Villa per huma legua onde parecia a Igreja. Foi de pé com gram devoçam até á Igreja de Santiago, e esto era no mes de Julho ante a festa de Santiago por dias, e teve alli a festa e em no dia da festa dizendo o Arcebispo Missa offerecendo esta Rainha ao Apostolo Santiago a mais nobre coroa que ella havia com muitas pedras preciosas; e os mais nobres, e melhores panos apostados com muito aljofar, pedras ricas, panos que vivendo com seu marido vestira, e havia huma mui formosa, e de gran valia cuberta das mais ricas sueiras, que diziam aquelles que alli eram, que nunqua veer pudessem a Rainha, nem outra senhora tam nobres cousas offerecer. E a mua era enfreada de um freo que nom era senão ouro, e prata e pedras preciosas. E offereceu hi huns panos dondas de geebe rozado com sinaes de Portugal e Aragom, em que andava muito aljofar, e offereceu copas mui nobres, e mui bem lavradas, por que ella em tempo del Rey bebia. E trazia feitas capas, huma vestimenta com almatica para diacono, e com todo comprimento mui nobre, e rico, e mui bom, e offerecia ao Apostolo Santiago, e de seu haver fez outrosim grandes offertas, e esmolas, da guisa que dizião os da Igreja de Santiago que alli eram, que era memoria dos homens em a quel tempo, que tam nobre e tam rica offerta a nenhuma pessoa vissem dar á Igreja de Santiago. E comprida sa romaria, o Arcebispo da Igreja deu á Rainha hum bordom, e esportella, para per o bordom e esportella parecer romeira de Santiago, e tornou-se para Portugal. E as gentes das Comarcas per hu vinha sahião da sa propria vontade aos caminhos e logares hu passava por a veerem, por a bondade que della ouviam dizer, que havia e a servião. Em aquel tempo era já Rey de Castella e de Leon D. Affonso seu neto, filho del Rey D. Fernando e da rainha Dona Cõstança filha desta Rainha; e os das villas e logares do senhorio del Rey de Castella a acolhião em as cercas, ella, e os seus; e por que muitas campanhas com ella viessem non receavon da colherl-a, por sa bondade, e por que era avó del Rey seu senhor.»



CAPITULO XIII

Os bens da rainha

O fervor mystico, o morbido fanatismo religioso de D. Izabel atearam-se ainda mais ao regressar da peregrinação a Santiago de Compostella. A loucura ascetica, essa loucura que dominou toda a idade-média, o mundo moderno, e que ainda nos tempos actuaes não foi possivel banir d'uma grande parte das nossas concepções, loucura em que se baseia a dissolvente moral do christianismo, dominou muito mais a rainha no ultimo quartel da sua vida do que no tempo da joventude e da virilidade. Vimos que em jovem e na força da vida, D. Izabel já exagerava as praticas de devoção, as regras, os jejuns, as orações. Este desvario mystico exagerou-o ainda mais depois de viuva.

Por esse tempo D. Izabel fixou residencia em Coimbra, n'uns paços que comprára ao convento de Sant'Anna, situados junto de Santa Clara, um pouco mais chegados ao Mondego. Tendo mandado reconstruir e augmentar esses paços, ahi passou a maior parte da sua viuvez, ausentando-se apenas quando os negocios exigiam a sua presença em outros logares. Nos primeiros annos occupou-se ainda em aviar a conclusão do seu palacio, bem como do convento e egreja. A Lenda diz-nos que inspeccionava as obras e que até dava o risco dos edificios.

Fixando a residencia em Coimbra, o maior cuidado da rainha foi proseguir nas obras do mosteiro de Santa Clara, que desejava se concluissem ainda em sua vida. No capitulo em que tratámos da fundação de D. Mór Dias, já notámos que a rainha, tomando a peito levar por diante o plano da primeira fundadora de Santa Clara, alargára muito esse plano, e lançara as bases para o levantamento de um vasto mosteiro e de uma sumptuosa egreja.

A riqueza da rainha auctorisava-a a poder fazer face a todas as despezas. Apesar dos sustos e dos queixumes do seu thesoureiro, o judeu Judas Arabi, D. Izabel possuiu terras e bens como nunca nenhuma de suas antecessoras possuira. Foi mesmo uma das princezas mais ricas do seu tempo. Como porém a sua generosidade era talvez ainda maior do que a sua riqueza, D. Izabel dispendia prodigamente com a sua sublime obstinação de fanatica. Deverá até suppor-se com justo fundamento que foram as esmolas, as doações, as fundações de mosteiros e de hospitaes, mais ainda talvez do que os seus jejuns e a sua piedade, que melhor concorreram para entretecer entre o povo, o clero e os cortezãos, a lenda da sua santidade e dos seus milagres.

Anteriormente mencionámos em quanto se podiam orçar os rendimentos annuaes de D. Izabel.

Vejamos agora, em rapida revista, as doações que D. Diniz lhe fez. Por ellas se verá melhor o numero de terras que possuia e se terá alguma idéa dos meios pecuniarios de que dispunha.

D. Diniz, antes de a receber como esposa, doára-lhe, além de doze castellos por arrhas, e o direito de testar por 10:000 libras [1], as villas de Obidos, Abrantes e Porto de Moz, em 1281, por toda a sua vida, com seus termos, direitos, rendas, etc., menos o padroado das egrejas e da alcaidaria. Os doze Castellos eram: Villa Viçosa, Monforte, Cintra, Ourem, Feira, Gaya, Lamego, Nobrega, Santo Estevão de Chaves, Monforte do Rio Livre, Portel e Monte Alegre. Em 1289 deu o rei a sua mulher a colheita de Porto de Moz e a villa de Cintra e 600 libras que Trancoso lhe haveria de pagar annualmente. Em 1300 o infante D. Affonso, irmão do rei, recebeu da rainha Ourem e Cintra, e deu-lhe em troca Marvão e Portalegre. Em 1298, estando em Santarem, D. Diniz fez-lhe doação de Fandega da Fé, no termo de Torres Vedras. Em 1300 doou-lhe a importante villa de Leiria

[1] Figanière *Mem. das Rainhas.*

com todos os seus termos, aldeas, rendas, e direitos, bem como a alcaidaria. N'este mesmo anno a ordem de Santiago deu a D. Izabel em sua vida a villa de Arruda que pertencia á mesma ordem, que a havia cedido a D. Beatriz de Gusmão. Consta que o rei dera a D. Izabel, em sua vida, os reguengos e hectares de Souto de Rebordãos (proximo a Braga), Gondomar (no bispado do Porto), e Çodões, termo da Maia; mas ignora-se quando fez a doação, sabendo-se apenas que em 1301 Souto de Rebordãos já lhe pertencia, e que D. Diniz tomou essa propriedade outra vez para si, bem como Gondomar e Çodões, e as 600 libras que a rainha tinha de Trancoso, indemnizando-a com a posse de Torres Novas, — que pertencera á fallecida Beatriz de Gusmão — com todas as rendas e direitos, alcaidarias, padroados das egrejas e tabellionado; foi expedido o diploma da Guarda em 1304.

A villa de Atouguia, proximo a Peniche, pertencia a uma dona chamada Joanna Dias. A posse d'esta villa fôra-lhe disputada pela corôa; conseguiu conserval-a até á morte, em 1301. Durante alguns annos ainda os herdeiros de D. Joanna, retiveram esta villa, até que em 1307, foi em juizo julgado que devia pertencer á corôa. D. Diniz doou-a á rainha com todos os seus direitos, incluindo a alcaidaria e o tabellionato. Finalmente o rei deu a sua consorte a lezira da Atalaia em 1318.

Esta foi, segundo parece, a ultima doação que D. Diniz fez, á rainha. E' comtudo possivel que a rainha possuisse outros logares, além dos que mencionamos. Assim como se extraviaram as doações de Souto de Rebordãos, Gondomar e Çodões, que hoje não se encontram, do mesmo modo pode ser que tenham desappaaecido diplomas relativos a outras terras que porventura lhe pertencessem.

As doações feitas a D. Izabel, foram muito mais numerosas do que as que consta haverem sido feitas ás outras rainhas suas antecessoras; por quanto consta indubitavelmente que, á epoca da morte de seu marido, ella tinha nada menos de sete villas importantes — Obidos, Abrantes, Porto de Moz, Leiria, Arruda, Torres Novas e Atouguia, além da quinta da Fandega da Fé e a leziria de Atalaia. Existe um diploma pelo qual se reconhece a importancia dos rendimentos que D. Izabel recebia d'estes logares. Havendo a rainha feito o seu primeiro testamento a 19 de abril de 1314, em que deixava muitos legados, expediu-se na chancellaria real, no dia seguinte, um

documento em que D. Diniz concedia que os testamenteiros de sua mulher percebessem, durante tres annos depois da morte d'ella, os rendimentos e direitos de Abrantes, Porto de Moz, Torres Novas, Leiria, Obidos, Atouguia e os da quinta da Fandega da Fé, para cumprirem o que ella mandara n'esse testamento. Continua dizendo que, visto a grande demora que isso causaria na execução das ultimas vontades da rainha, consentia, a rogos d'esta, em dar aos testamenteiros por uma vez e até um mez depois da morte uma somma egual aquella em que importassem esses rendimentos e direitos durante os tres annos. Emfim estes rendimentos foram calculados em 36:000 libras [1] pelos tres annos.

D'aqui se mostra que as referidas 6 villas e a quinta davam conjuntamente um rendimento annual de 12:000 libras.

Com razão julga Figanière que os meios de D. Izabel se não limitassem a esta quantia, já de si bastante avultada; porque, no diploma mencionado, se não faz menção de Arruda por isso que a rainha a tinha por concessão da ordem de Santiago e não do rei — nem da leziria de Atalaia, que só D. Izabel veiu a possuir depois de 1314, nem finalmente entraram no calculos os direitos de alfandega de Porto de Selir, podendo ser comtudo que já os tivesse renunciado.

Vê-se portanto que na thesouraria da rainha haviam de entrar sommas assaz fortes e que os seus proventos estavam bem em relação com as despezas a que se abalançava.

---

[1] N'um anterior capitulo, já falámos do valor da libra e da sua actual equivalencia.

CAPITULO XIV

Ainda Santa Clara

QUIXANDO a residencia em Coimbra, D. Izabel procura concluir o mosteiro de Santa Clara. D'esde esta epoca consagrou a rainha os seus principaes e constantes cuidados ás obras de devoção e caridade e ás do convento.

Em 1326, a rainha adquiriu por escambo, feito com o mosteiro de Santa Cruz, duas fontes chamadas do *Pombal* para abastecer d'agua o convento. Os conegos cruzios entregaram a D. Izabel estas fontes e comprometteram-se a ir todos os annos, desde que D. Izabel falecesse, cantar a missa e dizer um responso por alma d'ella junto da sua sepultura no convento de Santa Clara e a sustentar a capella de S. Simão, instituida pela rainha em Leiria. A viuva de D. Diniz obrigou-se pela sua parte a dar-lhes posse das propriedades e bens sitos no termo de Leiria, que valessem a renda annual de duzentas libras. Este contracto realisado em 1326, foi em seguida confirmado por diploma de D. Affonso IV, no anno immediato. Este rei autorisou a mãe a dispôr como lhe parecesse, dos paços e vinha que possuia junto á cerca de Santa Clara, e em 1327 deu-lhe licença «para comprar herdades para o convento que rendessem até 150 libras.» D. Izabel comprou logo por 1.500 libras bens em Urgilli, termo de

Miranda, os quaes se calculava que renderiam a referida importancia. Em dezembro do mesmo anno de 1327, fazia D. Izabel o seu ultimo testamento, em que deixava recursos importantes para complemento das obras da Mosteiro de Santa Clara, que ainda continuavam; n'elle constituia este convento universal herdeiro de todo o remanescente de seus bens proprios e alienaveis, depois de satisfeitos os encargos e legados valiosissimos expressos no mesmo testamento.

D. Izabel, neta da Rainha Santa

A egreja estava n'esta epoca muito atrazada, continuando as freiras a servirem se provisoriamente da egreja ou capella construida por Mór Dias.

D. Izabel dispõe então do seu paço e vinha contigua, deixando-o por sua morte ao mosteiro de Santa Clara, com a seguinte clausula: que se alguma das pessoas reaes de sua linhagem quizesse alli viver, podia fazel-o com consentimento do rei e da abadessa, na certeza de que lhes deixava este direito apenas com o fim de protegerem e beneficiarem o mosteiro e hospicio annexo; pede tambem pela benção a el-rei e a seus descendentes que não permittam que ninguem mais nunca lá resida.

Em março de 1328 dôa ao convento este paço e vinha, reservando para si o usofructo emquanto viva e recommendando novamente a seu filho e aos outros monarchas seus successores que não consintam que alli pouse ninguem, a não ser os reis, os infantes herdeiros e suas esposas.

No mesmo documento fixa D. Izabel em cincoenta o numero de freiras que deve sempre haver no mosteiro, podendo comtudo ultrapassar-se, mas nunca diminuir-se este numero. Tambem determina o numero total de pessoas que teem de viver no convento, e no hospi-

cio annexo. Devem ser, ao todo, cem, incluindo freiras, capellães, pobres, criados e criadas.

Em 1330, D. Izabel, alarga as rendas do mosteiro com a doação de varios bens em Porto de Moz, que obtivera, por escambo, do seu escudeiro João Rodrigues, dando em troca a este os bens que Marqueza Rodrigues, sua dona e collaça, lhe deixara, por testamento, em Benavente.

*

* *

Finalmente em julho de 1330 celebrou-se a sagração da egreja do mosteiro pelo bispo de Coimbra D. Raymundo.

Ao passo que as obras do mosteiro avançavam, D. Izabel creou na visinhança do seu paço e do convento um hospicio para albergar pobres.

Em 1327, a rainha cuidava em seu testamento do futuro d'este hospicio, confiando-o por sua morte á guarda e administração da abbadessa de Santa Clara, a não ser que alguma das suas parentas mais chegadas quizesse dirigil-o e beneficial-o; as despezas deviam ser feitas á custa dos bens com que o dotaria, e dos que para este e outros fins deixava ao mosteiro. Ao rei e aos seus successores recommenda pela sua benção que protejam e defendam aquelle hospicio, que n'esse tempo ainda não estava aberto.

O primeiro desejo de D. Izabel foi que este hospicio só se inaugurasse apenas depois da sua morte, com a denominação de *Hospital de Santa Helisabet.*

O sr. dr. Antonio de Vasconcellos, a quem seguimos n'este assumpto,[1] diz o seguinte:

«A leitura reflectida dos documentos leva-me a crer que a intenção de D. Izabel era esta: em quanto viva continuaria ella dispendendo os seus grossos rendimentos no exercicio da caridade, segundo reclamassem as circunstancias e necessidades de occasião; depois de sua morte, não podendo já acudir aos pobres, era vontade sua que ao menos lhes ficasse um permanente abrigo onde fossem passar a coberto de privações os ultimos annos da vida.

A inauguração do plano da rainha foi antecipada, inaugurando-se o asylo ainda em vida d'ella.

---

[1] *Dona Isabel de Aragão*, I vol.

Quando D. Izabel falleceu já se achavam installados os trinta pobres no *Espital de santa Elisabet* e nos ultimos tempos da sua vida a viuva de D. Diniz costumava visitar estes pobres quando se achavam doentes, e até algumas vezes os servia, por espirito de caridade e humildade.

Em que epoca se fez esta inauguração?

Não encontro elementos para o determinar, mas foi certamente entre 1328 e 1336.

Algum motivo devia haver para D. Izabel mudar de plano, como realmente mudou, e abrir o hospicio ainda em vida. Os pergaminhos do seculo XIV dão-nos conta de um facto occorrido no anno de 1333, que bem podia ser esse motivo determinante.

Houve n'esse anno uma fome horrorosa em toda a peninsula. As terras ficaram inteiramente estereis, e, como as difficuldades de communicação eram grandes, não era possivel recorrer-se a outras regiões a pedir os alimentos que escaceavam aqui. Na cidade de Coimbra chegaram os generos de primeira necessidade a preços verdadeiramente fabulosos. Os pobres viam-se forçados a comer substancias improprias e que n'outras condições nunca utilisariam para se alimentarem. Morreu á fome gente innumera e muitos animaes; as egrejas e adros não bastavam para sepultar os cadaveres humanos, havendo necessidade de enterral-os por fóra; mettiam-se na mesma cova quatro e seis corpos.

Em face de tal desgraça o coração da rainha commoveu-se, e a sua caridade aproveitou a occasião para se exercer á larga.

Mandava distribuir abundantes esmolas de carne e de pão, soccorria os necessitados nas albergarias onde se accumulavam, e nem dos mortos se esquecia, fazendo repartir mortalhas, abrir covas, sepultal-os, e enviando os seus clerigos a recitar sobre elles as preces dos finados.

Tão largamente dispendeu a santa rainha n'esta conjunctura as suas rendas e haveres, que alguns familiares chegaram a observar-lhe que, se assim continuasse, certamente arruinaria a sua casa, e ficaria sem ter com que passar; ao que ella respondia com o sublime *Deus providebit* da mais absoluta confiança na sapientissima providencia divina.

Foi provavelmente n'esta altura que D. Izabel abriu o seu hospicio para alli abrigar alguns dos pobres que acossados pela fome,

affluiam de varias partes a Coimbra, como refere a Lenda, para escaparem ao terrivel flagelo, patrocionados pela egide tutelar da caritativa rainha.»

*

* *

Resta-nos dizer alguma coisa ainda sobre o antigo mosteiro de Santa Clara. Nos ultimos annos da vida de D. Izabel, este mosteiro foi o maior dos seus cuidados e dos seus disvelos.

Embora hoje só restem ruinas d'ese grande edificio, elle representou um papel importante no culto da rainha D. Izabel, merecendo por tanto que lhe consagremos algumas paginas.

CAPITULO XV

O antigo mosteiro de Santa Clara

Os edificios mandados construir por D. Izabel formavam dois agrupamentos distinctos: um era constituido pelo mosteiro e suas dependencias, o outro pelo paço da rainha, hospicio e casas proximas.

Do velho mosteiro de Santa Clara de Coimbra só hoje restam as paredes e as abobadas do coro e da egreja.[1]

O mosteiro desappareceu de todo, bem como os paços e o hospital. As aguas do Mondego, com o decorrer do tempo, destruiram e sepultaram nas suas areias as paredes d'esse vasto edificio medieval.

Ainda se vê a egreja que foi edificada debaixo das vistas de D. Izabel: está enterrada mais de metade, ficando os capiteis das columnas, que sustentam o arco do lado do norte, quasi ao nivel do chão. A parte que até agora escapou do diluvio das areias, está em estado bastante perfeito para se poder admirar a belleza das proporções e a elegancia do estylo gothico. Ainda se podem ver, embora os capiteis estejam um pouco damnificados, as tres naves e as abobadas de cantaria guarnecidas com os escudos das quinas de Portugal e das barras de Aragão.

---

[1] Tirámos estas informações da bella obra, já citada, do dr. Antonio de Vasconcellos.

Quando Figanière escreveu o seu excellente livro *Memorias das rainhas de Portugal* este monumento, que em sua opinião, facilmente se podia desentulhar e conservar, servia de celleiro!

*

* *

Uma porta do velho edificio, voltada ao norte, de que só hoje apparece a ogiva, era a unica por onde os fieis podiam entrar na egreja.

Para chegar a esta porta era preciso atravessar um grande pateo, cujo portico, fronteiro ao da egreja, ficava proximo da estrada da ponte do Mondego. Esta ponte ligava, no seculo XIV, a cidade de Coimbra á margem fronteira do rio.

Pelo lado oriental e norte era o pateo fechado por um muro; ao sul corria a parede da egreja e parte da do côro; a oeste haviam umas casas, dependentes do convento, onde habitavam as servas externas.

Ao occidente, havia um outro pateo, menos amplo, que communicava com o outro. Era aqui a portaria do mosteiro. Tambem este pequeno pateo communicava directamente com o exterior por uma porta que defrontava o monte, e que era denominada «porta da rosa». D'ella apenas existe hoje o arco superior.

O muro onde ficava a porta da rosa seguia em direcção ao sul, limitando a cerca do mosteiro; chegava até proximo da actual rua das Parreiras, voltando d'ahi para leste e seguindo parallelamente ao traçado da mesma rua; depois recurvava-se para o norte e ia terminar na parede oriental do pateo da egreja.

Dentro d'esta cerca é que se erguia o mosteiro de Santa Clara e Santa Izabel.

Os edificios que o constituiam ficavam todos ao sul do templo, menos a portaria, a casa de entrada e uns aposentos especiaes que a rainha para si reservára n'este sitio, e pelos quaes entrava, quando queria, no mosteiro, em virtude da licença apostolica que alcançára: tudo isto se adaptava ao topo occidental do côro.

Eis o que a este respeito nos conta a Lenda em seus simples dizeres:

«E des que foi o refeitorio aguisado para comerem em elle as Donas, e em primeiro dia que hi vierom comer, foi esta rainha (Dona Izabel) e a rainha Dona Beatris mulher del rey seu filho comer em aquel refeitorio novo, havendo ella outorgado per o Papa per entrarem em sua honesta companha dentro em no Mosteiro das Donas de Santa Clara. E as Rainhas des que as Freiras vierom a sas mezas hiam á cosinha por as iguarias que a comer as Donas apresentavam ante ellas. E esto faziam estas senhoras Rainhas com gram humildade em teendo que faziam serviço a Deos em servindo aquellas Donas, que por o seu amor leixárom o mundo, e quizerom alli vir, e a ello servir encerradas. E as Donas da Ordem em aquel Mosteiro eram ja mais de sincoenta. E esta Rainha entrava entre ellas por a dita graça que o Papa a ella outorgara; e fizera tambem uma camara para si á porta do Mosteiro, e per alli se vinha por vezes a rainha das casas outras de sa morada, e estava ahi por dias, e rezava com aquellas Donas do Mosteiro, e sia entre ellas, e de seer com ellas avia gram prazer, e confortava-as, e dizia a ellas que perseverassem em o serviço de Deos, cujas esposas erão, e outras e mui nobres palavras que ella bem sabia dizer.»

Partindo da egreja, côro e casas annexas á portaria, dois edificios corriam do norte a sul.

O refeitorio que era muito grande, estendia-se do lado do rio, o dormitorio, pela banda do monte; entre os dois ficava o claustro. De modo que o claustro era fechado a poente pelo dormitorio, do lado norte pelo côro e egreja, que ainda existem, e ao nascente pelo refeitorio.

Pelo sul limitava o claustro uma casa com uma grande piscina destinada á lavagem das freiras. Vê-se que, ao menos, as monjas claristas, desmentiam um pouco a phrase com que Michelet caracterisava a idade-média: «sete seculos sem um banho!»

Para lá da casa para as lavagens, havia ainda um segundo claustro, cingido por varias casas e officinas do mosteiro.

A area occupada por tudo isto apresentava a forma geral de um quadrilatero bastante irregular, cujos lados, relacionados com os quatro pontos cardeaes, tinham os seguintes metros de comprimento: a Este — 176,5; Norte — 76,5; Oeste — 132; Sul — 169,4.

Deve notar-se que as construcções que limitavam o convento pelo sul eram irregulares e que portanto a medida de 169 metros não

corresponde a uma recta aqui tirada da face oriental á occidental, mas a uma curva contornando este lado.

*

* *

Agora resta ainda falar dos edificios mandados construir por D. Izabel na margem esquerda do Mondego.

A oriente da cerca do mosteiro de Santa Clara havia, entre o muro que cercava o territorio do claustro e o rio, uma vinha e morada de casas que D. Izabel comprou ao visinho convento de Sant'-Anna. Foi ahi que a rainha fez construir os edificios que nos antigos documentos são denominados *paços:* um era destinado á sua habitação, o outro, o *paço dianteiro*, a albergar pobres.

O paço da rainha ficava junto do muro oriental da cerca. Ainda hoje se pode determinar o local onde foi, apezar de nenhuns vestigios nos restarem das velhas edificações. Uma viella que parte da estrada da ponte e segue para sul, encostada ao muro que corresponde ao limite oriental da cerca, chegando a certo ponto descreve uma curva e afasta-se do referido muro, deixando entre si e este um pedaço de terreno limitado ao sul pela rua das Parreiras; pois n'esse local, hoje ocupado por terra cultivada, é que se erguia o paço de D. Izabel.

A fachada principal do paço, estava voltada para o oriente. Aqui havia um pateo, mais tarde chamado *terreiro do meio* por ficar entre os dois paços, o da rainha e o do hospicio.

A' frente d'elle, mas do lado opposto do caminho e desviado um pouco mais para norte, estava a dupla casa do hospicio onde se abrigavam permanentemente quinze pobres de cada sexo.

No centro do hospicio ficava a capella.

Quem se dirigia pois do lado da ponte ou do mosteiro para os paços encontrava o hospicio antes de chegar ao paço da rainha: vistos de Coimbra tambem o hospicio se enxergava primeiro. Foi por isto que ao hospital se deu a denominação de *paço dianteiro* em relação ao da residencia de D. Izabel.

Ao norte dos paços e contigua ao muro da cerca havia uma torre, não se sabendo hoje ao certo o fim para que fôra construida. Proximo d'esta torre erguia-se um arco sobre o caminho, estabelecendo

uma communicação entre o paço de D. Izabel e o hospital. Contiguas do paço e hospital havia algumas outras casas mais modestas, constituindo dependencias dos mesmos: ahi habitavam algumas pessoas ao serviço da rainha. Foi n'estas casas que teve origem o velho burgo de Santa Clara.

O paço de D. Izabel deu o nome a todo este local, d'onde pouco a pouco se foi alargando o burgo, sendo depois nos documentos denominado *paços da rainha*.

Em frente da capella de Santa Izabel (da Hungria) e junto do caminho, ficava o adro ou cemiterio do hospital, onde eram sepultados os que falleciam em um e outro edificio, ou nas suas dependencias.

CAPITULO XVI

A neta de D. Izabel

oi em 1330 que se concluiu a edificação da egreja, que foi sagrada a 8 de julho O hospital já tinha sido inaugurado e o mosteiro estava, em grande parte concluido.

D. Izabel, entretanto, mandára fazer o seu tumulo. Este sepulchro era uma grande arca de uma só pedra, com quatro faces, todas cuidadosamente esculpidas.

Quando terminou a obra da egreja já este sepulchro estava concluidò. Foi logo collocado no meio da egreja de Santa Clara.

Em fevereiro de 1331 houve em Coimbra uma grande cheia e o Mondego, subindo até onde nunca se imaginou que pudesse chegar, innundou a nova egreja e submergiu o tumulo.

D. Izabel para pôr o mausoleu ao abrigo das cheias do rio, mandou construir ao fundo da egreja uma abobada, sobre a qual assentou uma capella, e para aqui fez transportar o tumulo.

Com a viuva de D. Diniz viveu até 1335, nos paços de Coimbra, a infanta D. Maria, sua neta, filha do rei D. Affonso IV. N'esta data a infanta desposou o rei de Castella, Affonso XI. D. Izabel acompanhou a neta até á villa d'Alfaiates, onde os desposorios se realisaram.

A nova e gentil infanta apartou-se de sua avó com o coração despedaçado. Chorava e ia-se-lhe a alma n'uma saudade infinita pelas ternuras e pelos carinhos que perdia. Dir-se-hia que tinha um como que presentimento da desgraça e das humilhações que a esperavam em terras de Castella.

Com effeito Affonso XI tratou logo de começo a esposa com o maior desprezo, abandonando-a por completo. Desde 1330 que o rei amava luxuriosamente D. Leonor de Gusman, a mulher de mais radiante formosura d'entre todas as fidalgas de Castella.

Os cortezãos, para lisongearem o rei, cercavam a amante e os filhos de considerações e honras devidas a pessoa real e afastavam se da rainha D. Maria, levando mesmo a insolencia ao ponto de humilharem e desdenharem a infeliz princeza.

D. Maria, ao principio, supportou tudo com resignada paciencia. Por fim, n'um assomo de revolta, sentindo se ferida na sua dupla qualidade de esposa e de rainha, implorou a protecção de seu tio D. Jayme, o rei Aragonez, irmão de D. Izabel.

Em Portugal e em Aragão havia já muito tempo que se sabiam os vexames por que passava a desdenhada rainha. Affonso IV, apesar do seu genio arrebatado e da sua indole indomavel, supportava comtudo a affronta feita a sua filha, reservando-se para mais tarde vingar-se e fazer pagar bem caro ao genro o seu indigno procedimento.

O rei de Aragão, esse, não estava em condições de poder intervir efficazmente em favor da sobrinha. Eram muito tensas, n'esse momento, as relações entre a côrte Castelhana e a côrte Aragoneza porque, tendo D. Leonor, irmã de Affonso XI de Castella, casado com D. Jayme, filho primogenito do rei de Aragão e herdeiro do throno, fôra repudiada no proprio dia do casamento, e obrigada a regressar á sua patria.

Affonso XI indignara-se com esta offensa feita a sua irmã e esfriára as relações com o monarcha visinho.

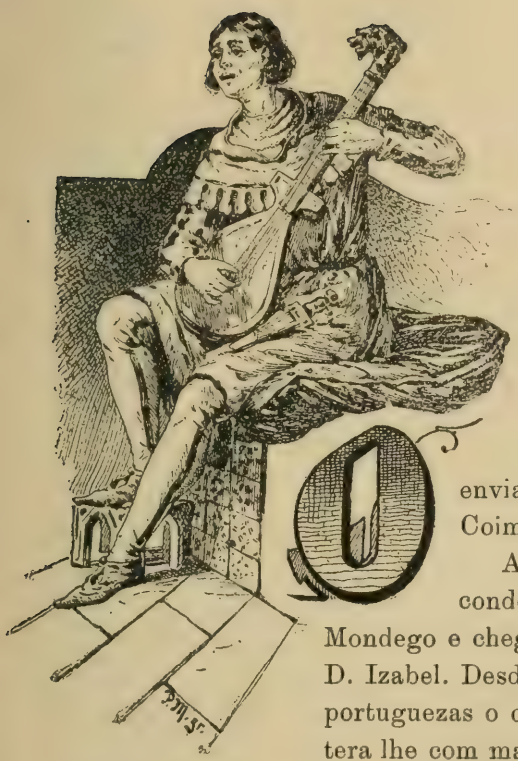
Mais tarde reatou-se a amisade entre os dois reis com o casamento de D. Leonor, a esposa abandonada e virgem, com Affonso, irmão do seu primeiro esposo.

Mas n'esta epoca ainda este casamento nem sequer estava tratado e D. Jayme, querendo auxiliar a sobrinha, lembrou-se de escrever a sua irmã D. Izabel, chamando a sua attenção para o desprezo e o abandono como era tratada a sua querida neta e pedindo-lhe para

que interviesse junto de D. Affonso XI, exprobando-lhe o seu procedimento e aconselhando-o.

D. Jayme esperava tambem que a fama das virtudes de D. Izabel produzisse uma benefica e salutar influencia no animo de D. Affonso em favor da esposa desdenhada.

Escreveu, pois, n'este sentido uma extensa carta a sua irmã; mandando a Coimbra a entregar essa missiva nas mãos de D. Izabel a um dos fidalgos mais notaveis da sua côrte, o conde de Lerida, que levava alem d'isso instrucções verbaes para communicar á viuva de D. Diniz sobre o escandalo da côrte castelhana.



CAPITULO XVII

O enviado do rei de Aragão

O enviado do rei Aragonez chegou a Coimbra em fins de março de 1336.

Acompanhado pelo seu sequito, o conde de Lerida atravessou a ponte do Mondego e chegou junto aos paços habitados por D. Izabel. Desde que o conde entrara em terras portuguezas o olhar avivara-se-lhe, o coração batera lhe com mais força, e aquelles que o acompanhavam observaram que o fidalgo ora parecia abysmado em saudosas meditações, ora lançava olhares contemplativos sobre a natureza primaveril.

O conde entrou no paço da rainha com alguns dos homens de sua comitiva e fez-se annunciar.

Estevainha Martins, a camareira que havia tantos annos servia a rainha, preveniu D. Izabel.

— Senhora, um enviado do rei Aragonez, o conde de Lerida, pede para vos falar... Traz carta de vosso irmão...

D. Izabel, surprehendida pela noticia e receando alguma grave nova, mandou entrar para uma sala o enviado do rei de Aragão e foi ao seu encontro.

— Trazeis carta de meu irmão D. Jayme? perguntou a rainha com interesse.

— Senhora, sim, respondeu o conde... Aqui tendes a carta do rei Aragonez, ajuntou, entregando a D. Izabel o pergaminho enrolado...

— Trazeis ruins novas, conde? Peguntou a inquieta rainha... Para que meu irmão me escreva depois de tanto tempo de silencio e para que vos envie junto a mim é por que deve ter occorido algum grave acontecimento... Vamos, dizei-me a nova que trazeis...

— Senhora, tudo vos direi, tudo quanto el-rei D. Jayme me ordenou que vos dissesse... Mas antes, senhora rainha, lêde a carta de vosso irmão... O rei Aragonez lembrou-se de me escolher para vos trazer sua carta e pedir-vos em seu nome a vossa intervenção a favor da rainha de Castella, vossa neta, não só por eu lhe ser dedicado e fiel e lhe merecer confiança, mas tambem por que já fui vosso servo ha longos annos, e vos servi com zelo e em bem...

— Fostes meu servo! Já me servistes, senhor! exclamou a rainha attonita, levantando os olhos para o conde de Lerida.

— Tão mudado estou, senhora, que não me haveis reconhecido!... Se ha trinta e cinco annos que me parti de vosso serviço!... Fostes vós, senhora, que me recommendastes ao rei Aragonez, a é a vós que eu devo os favores que o rei vosso irmão me dispensou e este titulo de conde com que me agraciou ha bem poucos mezes...

— Como havia eu de vos reconhecer, senhor! disse a rainha pousando um olhar de infinita tristeza e de indizivel melancolia no conde de Lerida... Sois então Fernam Garcia, o meu antigo pagem!... Excusae-me por vos não ter reconhecido...

— Senhora, não tenho que vos excusar... Estou velho e muito acabado — e já tanto tempo é passado que quem me poderia conhecer no que fui ha trinta e cinco annos!...

— Tambem eu estou muito velha e enferma, observou tristemente a rainha...

E acrescentou prudentemente:

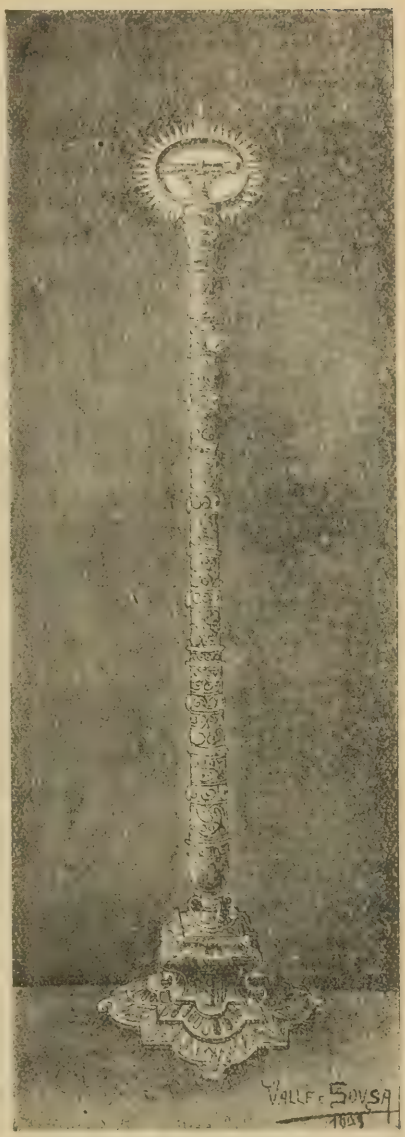
— Mas não recordemos mais o passado... E' tão triste!... E nem Deus Nosso Senhor nos póde dar remedio para esta magua... Tratemos do presente... Lede-me vós a carta de meu irmão... Minha vista está enfraquecida...

A rainha entregou o pergaminho ao conde, que o desenrolou e leu. D. Izabel, attenta a ouvir a leitura, teve tempo para enxugar

umas traiçoeira lagrimas, que lhe avermelhavam os olhos, provocadas pela presença do seu antigo pagem e pela recordação de um tão longiquo passado.

Esses dois velhos, que se tinham amado idealmente trintae cinco annos antes, estavam em frente um do outro. Ella contava sessenta e cinco annos, elle cincoenta e cinco, parecendo porem um ancião, com a barba e a cabeça toda branca, o rosto macerado, o corpo emagrecido e alquebrado, os olhos amortecidos, apenas de vez em quando e raras vezes faiscando com a antiga vivacidade. A rainha, essa, parecia uma sombra — bem apagada — do que fôra. O rosto pallido, os olhos pisados e com fundas olheiras, os labios exsangues, o corpo mirrado, tudo indicava a sua vida de penitencia e de doentio mysticismo.

Quando o conde de Lerida acabou a leitura da carta do monarcha Aragonez, D. Izabel, já preocupada com o pedido que seu irmão lhe fazia para intervir junto do rei de Castella a favor da esposa menosprezada, esquecera as saudosas recordações do seu poetico passado para se lembrar apenas da angustiosa situação de sua neta, a infeliz mulher de Affonso XI.



Custodia que existe em Santa Clara contendo o bordão da romeira dado á Rainha Santa em Sant'Iago de Galliza

O conde de Lerida, apoz a leitura do pergaminho, acrescentára:

— Senhora rainha, o rei meu senhor encarregou-me de vos communicar de viva voz aquillo que não poude escrever n'esta carta...

— Falae, conde, e dizei-me tudo quanto sabeis...

— Vossa neta, senhora, não é apenas deprezada pelo rei de Castella... Os cortezãos tambem a tratam com desdem e lhe infligem humilhações... A verdadaira rainha de Castella não é vossa neta, casada pela santa Egreja com Affonso XI, mas a barregan do rei, Leonor de Gusman... É a esta má mulher que os cortezãos prestam as homenagens de seu respeito e da sua vassalagem... Seus filhos são tratados como principes... O rei rejubila com estas provas de respeito dadas á sua amante, a quem adora com um amor cego... E no emtanto vossa infeliz neta, desprezada como esposa, humilhada como rainha, arrasta uma vida de mortificações, sem ter ninguem que a proteja e conforte.

— Pobre Maria! exclamou a rainha... Começa muito cedo a soffrer e a penar!... Fez bem o rei meu irmão em lembrar-se de mim para interceder a favor de minha querida neta... Irei a Castella e exprobarei a Affonso XI o seu mau procedimento.

— Pois quereis ir a Castella, senhora? perguntou o conde, admirado de que a velha rainha não receiasse emprehender uma tão longa jornada...

— Sim, conde, irei a Castella... Sou mui idosa e doente, é certo, mas não me assusta essa viagem... Para o bem e a felicidade de minha neta muito mais farei se preciso fôr... Dareis esta resposta ao rei D. Jayme... E tambem vou mandar fazer uma carta, que entregareis em suas proprias mãos... Agora ide descançar, conde... Deveis vir bem afadigado... Mandarei que preparem os aposentos para vós e para a vossa comitiva...

O conde de Lerida saudou a rainha e retirou-se para os aposentos que lhe foram reservados.

Dois dias depois, D. Izabel entregava-lhe o pergaminho com a resposta a D. Jayme.

E o fidalgo Aragonez, o antigo pagem que amára com tão puro affecto a rainha de Portugal, despediu-se com um olhar de amarga saudade d'essa velha doente e mirrada por quem tivera tanta adoração. É que essa saudade e essa amargura evocavam um passado longiquo que desapparecera de todo, que nunca mais poderia voltar! Nunca mais! Foi com esta desesperada e cruciante idéa que o conde de Lerida saiu de Coimbra em direcção ao reino Aragonez.

*

* *

D. Izabel, intercedeu com effeito como promettera ao irmão, a favor de sua neta. Mas não precisou de ir até Castella. Encontrou-se com Affonso XI em «Xares de Badajoz.» Assim o affirma Ruy de Pina na *Chronica de D. Affonso IV.* Diz este chronista, depois de narrar o escandalo da côrte de Castella:

«A rainha D. Izabel, mulher que foi d'el-rei D. Diniz, que ainda era viva, e avó que era de ambos, e este rei D. Affonso e a Rainha D. Maria sua mulher, desejando atalhar no começo este fogo de discordia antes que mais se accendesse, teve vistas com el-rei seu neto em Xares de Badajoz, a quem aconselhou em seus feitos tão sã e direitamente como se esperava de rainha tão virtuosa e tão santa como ella era, e que como elle tinha tanta razão; e d'alli se partiu el-rei com promessas que fez de se não dar tanto a afeição de D. Leonor, mas elle depois fez em tudo o contrario da sua promessa.»

D. Izabel voltou pois a Coimbra, confiando na promessa de Affonso XI. Mas o rei de Castella, que cedera talvez sinceramente aos rogos e ás supplicas da virtuosa rainha, ao encontrar se com Leonor de Gusman, não teve a força de vontade sufficiente para lhe poder resistir, e cahiu de novo sob o jugo d'essa deliciosa amante, que o enfeitiçava com os seus filtros magicos.

CAPITULO XVIII

Morte de D. Izabel

colera refreada de Affonso IV, colera motivada pelas offensas que a rainha D. Maria, sua filha, supportava, teve occasião de explodir.

Era quasi em meiado do anno de 1336. Em janeiro, d'esta data, celebrara-se o casamento do infante D. Pedro, o herdeiro da corôa, com D. Constança, filha do infante castelhano D. João Manoel. Esta D. Constança casára algum tempo antes com o rei de Castella, Affonso XI, mas fora logo repudiada, e em 1327 recolhera ao castello de Toro.

O rei de Castella não se molestou pelo infante portuguez desposar a princeza que elle alguns annos antes repudiara. Tinha porém um motivo plausivel para não gostar d'este casamento. Este motivo era o ser o infante D. Manuel um revoltado, um desinquieto, um insubmisso, que mantivera com elle quasi constantes hostilidades, e o rei recear que o casamento da filha com o herdeiro do throno portuguez désse novos alentos para a insubmissão e para a revolta do perpetuo rebelde.

O rei de Castella, em vez porem de se oppor abertamente ao casamento, simula uma grande satisfação e recebe com demonstrações de amisade e alegria os mensageiros que lhe vão participar o enla-

ce, auctorisando a passagem de D. Constança pelas terras do seu reino. Mas, a occultas, procura traças para addiar ou desmanchar o enlace ajustado.

O casamento, porém, celebrou-se na cidade de Evora em 1336, em fevereiro, sendo a infanta representada no acto pelo deão de Cuenca. A vinda de D. Constança para Portugal foi aprazada para o proximo mez de junho.

N'esta occasião, quando o pae D. João Manoel se dispunha a acompanhar a Portugal a filha, o rei de Castella impede-o de partir. Cerca-o na villa de Lerma e envia tropa a embargar-lhe o passo e contel-o em suas terras.

Affonso IV, que se achava em Vizeu, ao saber do procedimento do rei de Castella, mandou-lhe um enviado a intimar-lhe, em termos irados e violentos, para que levantasse immediatamente o cerco, sob pena de lhe fazer pagar semelhante injuria. Affonso XI respondeu á intimação no mesmo tom de violencia, e o rei portuguez, irritado pela offensa, preparou-se para a guerra.

A noticia d'estas desavenças entre os dois reis, desavenças que iam tornar inevitavel a guerra, chegou a Coimbra. D. Izabel assustou-se com tão desagradavel nova.

Os calores de maio tinham aggravado os padecimentos da rainha. Queixava-se a miudo de tonturas de cabeça, fraqueza de vista, dôres agudas e repentinas nos rins. D. Izabel tinha uma diabetes muito adeantada. Mestre Ayres Nogueira, o filho do velho physico da côrte, e que, como seu pae era tambem medico do rei, chamado a Coimbra para examinar a rainha, percebeu facilmente a doença que minava aquelle organismo debilitado. Prohibiu-lhe os jejuns, os excessos de devoção, e forçou-a a um regimem alimentar muito mais substancial.

As damas, que cercavam D. Izabel, forçaram-na a cumprir rigorosamente as prescripções de mestre Ayres Nogueira.

Mas quando a rainha soube da proxima lucta entre seu filho e o seu neto, resolveu immediatamente sair de Coimbra a fim de tentar congraçal-os. Decidiu partir para Estremoz. As pessoas que a rodeavam, em vão tentaram dissuadil-a de tão incommoda e perigosa viagem, attento o seu mau estado de saude. D. Izabel não as attendeu, e saiu de Coimbra em fim de junho.

A distancia de Coimbra a Estremoz era grande e a jornada foi o mais incommoda possivel. O calor era excessivo; dias successivos pe-

sadas nuvens pardecentas annunciaram trovoadas imminentes, que se não desencadearam. A atmosphera estava pesada e abafadiça.

O organismo gasto da velha rainha resentiu-se muito. Antes de chegar a Estremoz, nos ultimos dias de junho, queixou se de violentas dôres n'um braço. O physico da côrte, mestre Ayres Nogueira, que a acompanhava, examinou-lhe o braço e viu uma ferida que lhe não pareceu de mau aspecto. Era um tumor ou um furunculo. O medico mandou-lhe pôr compressas e aplicar-lhe mézinhas. Os panos vinham manchados de pus e de sangue. No emtanto, mestre Ayres Nogueira continuava a suppor que não haveria gravidade. O mal, porem, avançava com tanta rapidez que D. Izabel, ardendo em febre, teve de recolher ao leito, apenas chegou a Estremoz. A rainha não poude mais levantar-se. A febre era intensa e fazia-a delirar.

Foi então que se deu um caso, que se considerou logo como milagre, affirmando as pessoas que lhe assistiam á agonia que a Virgem Maria lhe apparecera na doença para a confortar.

Damos a palavra ao dr. Antonio de Vasconcellos: [1]

«Deitada sobre o leito jazia febricitante a rainha D. Izabel. Assistiam-lhe com amoroso cuidado a rainha D. Beatriz e algumas outras damas de côrte.

A rainha enferma, dirigindo-se a sua nora, diz:

— *Filha senhora, dade logo a essa Dona que ahi vai.* [2]

— *Que dona he?* pergunta admirada a esposa de D. Affonso IV.

— *Essa que por hi vai dessas vestiduras brancas*, replicou a santa rainha.

Olhando em redor nem *a Raynha nem as outras nom vião cousa do que ella dizia.*

D. Izabel delirava.

As pessoas que lhe assistiam, propensas a appellar para o sobrenatural, acharam muito justo que, vista a santidade da enferma, o Omnipotente mandasse do ceu um enviado especial que a consolasse n'essa hora de dôr e angustia. E assim *tiverõ que Deos e sa Madre a que ella direitamente e devotamente servia, a mandavam confortar.*

Este é o facto passado na camara da rainha moribunda, mas que em breve ia tornar-se publico. Quem poderia depois duvidar por um

[1] *A Rainha Santa*, pag. 246, 1.º vol.

[2] As palavras em italico são as textuaes da *Lenda*.

só momento de que D. Izabel, exhalando o ultimo suspiro, entrára logo em posse da bemaventurança celeste? E sendo isto assim, não deveriam prestar-lhe as homenagens e reverencia, de que é credor um bemaventurado?»

A doença, em tres dias, tomou um aspecto gravissimo. Cercavam-lhe o leito a rainha D. Beatriz, sua nora, o rei D. Affonso, seu filho, a camareira Estevainha Martins e outras damas.

Findava o dia 4 de julho de 1336. Começava a anoitecer. De manhã, D. Izabel confessara-se, ouvira missa no seu quarto, e recebera o viatico.

A rainha já não podia falar. Levantou um pouco o corpo fóra do leito e fez um gesto como pedindo aos seus que se approximassem. D. Beatriz e D. Affonso, tomavam-lhe as mãos e beijavam-lh'as, molhando-lh'as com as lagrimas. A camareira e as outras damas abafavam os soluços. A rainha, que parecia desfallecida, teve um estremecimento, e como que acordando, relanceou os olhos já mortiços para os que a rodeiavam como querendo de todos despedir-se. Parece que ainda tentou falar, mas não poude.

Depois caiu na modorra que antecede a agonia, e lentamente, serenamente, n'um arfar que pouco a pouco ia diminuindo, expirou.

*

* *

D. Izabel, em seu ultimo testamento, com data de 1327, pedia para ser sepultada no mosteiro de Santa Clara de Coimbra, deixando o seu corpo á guarda da abadessa d'este mosteiro.

A distancia, porém, de Estremoz a Coimbra era grande, e, em vista dos calores excessivos de julho, houve justos receios sobre a possibilidade de se cumprir logo esta ultima vontade da rainha.

O physico da côrte, attendendo á doença que victimara D. Izabel, aconselhou a que a sepultassem o mais depressa possivel em Estremoz ou em Evora, que ficava proximo, justificando a sua opinião com a quasi certeza de que o cadaver se decomporia.

Mais tarde, observou elle ao rei, se poderia fazer a trasladação para Coimbra.

Mas Affonso IV quiz cumprir religiosamente a vontade de sua mãe.

Mandou que preparassem o corpo da rainha, que o encerrassem n'um caixão para ser transportado para Coimbra.

Mestre Ayres Nogueira, auxiliado pelos outros medicos, em obediencia ás ordens do rei, preparou o corpo de D. Izabel com essencias, afim de evitar, tanto quanto possivel, o fedor e a putrefacção. As damas da rainha vestiram-lhe o habito de Santa Clara, embrulharam-no em um fino lençol de linho, e em colcha mais grossa, depois ainda em um panno de linho cru, muito grosseiro, que foi cosido a agulha. Foi ainda o corpo atado com um cordão, de modo que ficasse bem fechado, sendo por fim envolvido em uma colcha branca de algodão, e mettido n'um caixão de madeira. Fechado e bem pregado o caixão, envolveu-se em uma pelle de boi com o pello para fóra, e poz-se lhe em cima um panno de purpura.

No dia 5 de julho, de tarde, isto é, antes de decorrerem vinte e quatro horas sobre a morte de D. Izabel, estavam concluidos estes preparativos.

Affonso IV mandou que n'esse mesmo dia principiasse o transporte do feretro.

O sol abrazava. No emtanto seguiam o feretro, com religiosa devoção, os prelados, as damas da côrte, os nobres, e uma grande onda de povo, muitos dos quaes juntavam os seus prantos sinceros aos prantos de encommenda das carpideiras.

Fiados nos receios e nas observações dos physicos, muitos dos que acompanhavam o corpo da rainha tinham quasi a certeza de que em breve se teria de interromper a jornada, por não haver pessoa alguma que podesse approximar-se do athaude e supportar o cheiro do cadaver. Os que iam proximo sentiam o corpo bater n'um e n'outro lado do caixão, com o movimento que os portadores andando lhe imprimiam.

Passados alguns dias, as tabuas do caixão começaram a fender-se, por causa do calor, e pelas fendas corriam liquidos. Os physicos, avisados d'este facto, preveniram logo o rei, aconselhando-o mais uma vez a que desistisse de ir até Coimbra. Em breve o estado de decomposição do cadaver seria tal que o cheiro havia de ser intoleravel e perigoso.

Affonso IV, já um pouco convencido da impossibilidade de se poder chegar até Coimbra, prometteu aos medicos deter a marcha do feretro logo que o mau cheiro do caixão se comece a sentir.

O rei e os physicos approximam-se para examinarem o athaude, e constatam com espanto que exala um cheiro agradavel.

— Mestre Ayres Nogueira, observa o rei ao physico, estes aromas, quando julgaveis sentir o fedor da decomposição, não vos parecem milagre do Senhor?... E' Deus que se revela, mandando-me cumprir a vontade de minha santa mãe... Ainda tendes receio?

— Senhor, escusae minha teima, mas ainda não se me apagou de todo o medo... Estes aromas provêem das essencias que derramei sobre o corpo da santa rainha vossa mãe e sobre as suas vestes... Por emquanto exhalam-se aromas e perfumes; não tardará muito, porém, o fedor da decomposição...

— Deus tal não permittirá, mestre Ayres, disse o rei em tom convincente...

E Affonso IV, afastando-se do athaude com o medico, deu ordem aos portadores para que apressassem o passo. O prestito seguiu seu caminho com mais rapido andamento.

Os liquidos continuavam a sair do caixão, mas sempre exhalando aromas e perfumes.

Todos os que o acompanhavam, nobres, damas da côrte, padres, e a multidão do povo, todos extaziados, cheios de enthusiasmo e de uncção, proclamavam o milagre!

Com toda a razão e sagacidade diz o sr. dr. Antonio de Vasconcellos no seu excellente livro[1], já tantas vezes citado:

«Investigando a genese historica do culto de D. Izabel, aqui temos encontrado o primeiro facto da serie d'aquelles que metamorphosearam aos olhos do povo a virtuosa esposa de D. Diniz na Rainha Santa. Até aqui era ella para todos a rainha exemplarissima, a mãe carinhosa de seus vassallos, a bemfeitora dos pobres e opprimidos; d'hoje ávante será a gloriosa santa, a protectora celeste, a thaumaturga admiravel.»

Ao entardecer do dia 11 de julho, chegava a Coimbra o acompanhamento funebre e dava entrada na egreja de Santa Clara.

As freiras claristas e o povo de Coimbra receberam o corpo da rainha, chorando em alta gritaria a perda de tão grande bemfeitora.

Era immensa a dor e a devoção manifestada pelo povo e por toda a gente de Coimbra. As pessoas da côrte, que dirigiam o funeral,

[1] *Dona Izabel de Aragão. (A Rainha Santa).* Vol. I, pag. 44.

receiaram que os extremos de devoção d'estas gentes a levassem até ao excesso de violarem o athaude, para ainda pela ultima vez contemplarem a rainha querida, que já reputavam uma santa, e para se apoderarem das reliquias.

Os liquidos continuavam saindo pelas fendas do caixão, a ponto de que todos os que lhe tinham pegado ficaram com as mãos e as roupas manchadas.

Por estas razãos deliberaram as pessoas graduadas sepultar n'essa noite clandestinamente a rainha. Incumbem d'esta missão alguns familiares e criados da fallecida. Estes acceitam a incumbencia, mas de noite, nas horas em que deviam ir sepultar a rainha, cançados e exhaustos por aquelles sete dias de jornada, adormeceram profundamente e não puderam cumprir a sua missão.

Foi pois no dia seguinte que se celebraram as exequias e que se conduziu o feretro da egreja para a capella superior onde a rainha mandára collocar o tumulo.

Antes que o caixão se mettesse no tumulo, o povo e as freiras pediram e supplicaram para que o abrissem afim de verem pela ultima vez o rosto da sua bemfeitora. O bispo de Lamego D. fr. Salvado, que era um dos testamenteiros da rainha e um dos dirigentes do funeral, esforçou-se por convencer esses fanaticos da impossibilidade de lhes fazer a vontade.

Apesar de tudo, não poude evitar uma violencia piedosa. As pessoas que conseguiram chegar até junto do caixão, rasgaram o panno de purpura que o forrava, para guardarem os pedaços, e dividiram as andas em que tinha vindo o athaude.

Deu-se n'esta occasião um caso que vem contado na *Lenda*. Um homem, que se achava na egreja, de nome Fernando Esteves, querendo sair por causa da grande multidão de gente e do calor suffocante que fazia, feriu-se n'um dos pregos das andas e ficou com uma grande escuriação n'um pé, custando-lhe a andar. Chegou-se junto do athaude da rainha e, lamentando-se, disse:

— Ai, boa senhora, outro galardão cuidava eu levar pelo serviço que vos fazer viera, e não o de partir manco, tendo vindo aqui são. Pedi a Deus por mim mercê e curae-me da ferida que em vosso serviço fiz.

Parece que bastaram estas palavras para que as dores lhe desapparecessem e a ferida o não incommodasse mais, pois diz a *Lenda*

«e logo n'aquella hora se ergueu são do pé e não lhe pareceu a ferida do pé.»

Outros casos, d'este genero, se deram então, todos tendentes a provar ou a ingenua e parva credulidade do povo, ou, o que é mais provavel, o plano havia tempo antevisto de tornar a que fôra rainha devota e esmoler n'uma santa milagreira, curando achaques do corpo, e chamando ao seu sepulchro de Santa Clara de Coimbra a multidão dos crentes, que lhe iam implorar allivios para os seus males.

Por fim decidem-se a metter o caixão no sepulchro. Introduzem-no no sumptuoso tumulo, collocam-lhe em cima o bordão com as conchas, insignia de romeira de Santiago, e a bolsa das esmolas, e finalmente correm a pesada tampa.

Assim ficou sepultada em 12 de julho de 1336 a rainha D. Izabel.

CAPITULO XIX

Entretece-se a lenda

INDA em plena vida de D. Izabel se começou a entretecer a lenda de alguns dos seus milagres. A ingenua ignorancia do povo, sempre prompto para acreditar em tudo quanto as classes dominantes o forçam a crer, e o calculo interesseiro de frei Pedro de Serra, o primeiro confessor da rainha, já em principios do seculo XIV tinham attribuido actos milagrosos a D. Izabel.

Quando a rainha morreu, fr. Pedro de Serra ainda vivia, mas completamente impossibilitado. Era mais do que centenario, e estava de todo paralytico. Pouco tempo sobreviveu áquella a quem amára com verdadeira ternura paterna.

Em fins do anno de 1336 extinguiu-se no paço de Leiria.

Houve porem um outro padre que proseguiu na obra encetada por fr. Pedro de Serra. Em abono da verdade, deve dizer-se que era muito mais bem intencionado e muito mais escrupuloso do que o antigo monge mercenario. Esse homem foi o bispo de Lamego, D. fr. Salvado Martins, que fôra familiar de D. Izabel quando a rainha fixou residencia em Coimbra, seu confessor, e um dos seus testamenteiros, como já vimos.

Parece que era deveras sincero e que o culto que votou á rainha proveio da muita admiração em que tivera as suas virtudes e de um grande respeito pela sua memoria.

Os seus intentos revelaram-se logo depois da morte da rainha. Durante o funeral de D. Izabel, quando se começou a sentir os aromas das essencias que o caixão exhalava, o bispo de Lamego ordena a um tabellião que lavre publico testemunho d'este facto. Foi a 12 de julho de 1336 que o notario de Coimbra João Domingues, em cumprimento das ordens do bispo, lavrou um documento narrando o succedido, assignado por testemunhas presenciaes. Outro tabellião da mesma cidade, Martim Affonso, tambem foi incumbido de lavrar documentos publicos d'outros casos, considerados milagrosos, e attribuidos a D. Izabel.

Mas o bispo de Lamego não se contentou só com isto, foi mais longe. Parece que D. Salvado, se não escreveu, inspirou a *Lenda*, que, como se disse já, foi redigida logo apoz a morte da rainha.

Diz o dr. Antonio de Vasconcellos [1]:

«Mas a prova dos milagres não bastava para o effeito da canonização. Roma não podia nem devia canonizar, sem que constassem sufficientemente as virtudes eximias da pessoa canonizada.

Era pois necessario que se conservasse, ao lado dos publicos instrumentos dos milagres, uma biographia fidedigna, que a todo o tempo pudesse attestar que D. Izabel era um portento de virtudes. Por isso se redige logo em seguida a *Lenda*, que formaria com os restantes documentos, segundo a jurisprudencia canonica então em vigor, prova sufficiente para a rainha ser canonizada.

O espirito e pensamento de D. fr. Salvado, que se manifesta nos documentos dos milagres, revela-se-nos egualmente claro e irrecusavel na *Lenda*. Tanto aquelles como estes obedecem ao mesmo plano; são documentos complementares.

Aqui, como acolá, declara-se que se escreve para salvar do esquecimento os bons feitos ou os milagres da santa rainha: nota-se egualmente em todos esses documentos o cuidado muito intencional de citar testemunhas, que comprovem a realidade do que se diz.

O bispo que mandou exarar os publicos instrumentos, não foi certamente estranho á redacção da preciosa biographia. Estou conven-

[1] *A Rainha Santa*, vol. I, pag. 284.

cido de que ella é devida a D. fr. Salvado que, ao mandal-a escrever ou ao escrevel-a elle proprio, pensava na canonização de D. Izabel, de cujas virtudes mais do que ninguem podia dar testemunho.»

Além do bispo de Lamego, muitas outras pessoas apregoaram os milagres de D. Izabel. Tendo vivido na convivencia da rainha, testemunhas de suas virtudes e de sua inexgotavel caridade, alguns dos personagens d'esta narrativa tambem concorreram para que a lenda milagreira se formasse.

Estevainha Martins, que servira D. Izabel com tanto zelo e dedicação, sobreviveu-lhe ainda alguns annos. Morreu em 1342. Falava sempre da sua rainha como de uma santa e prestava-lhe verdadeiro culto.

Alvaro Mendes e Sarah nunca esqueceram os beneficios que deviam a D. Izabel. Já muito idosos, tendo attingido uma velhice calma e feliz, compraziam-se em narrar a seus filhos e netos, pois deixaram numerosa descendencia, as historias maravilhosas da vida e dos feitos d'aquella que fôra para elles a prodiga bemfeitora a quem tinham devido toda a felicidade.

Ruy Mendes, tomando o habito dos cistérserenses em um mosteiro de Avinhão, propagou ahi com fervor os casos prodigiosos da vida de D. Izabel.

O conde de Lerida, o antigo pagem que adorára D. Izabel com um tão mystico enlevo amoroso e que lográra tornar a vel-a em Coimbra, ainda viva, mas já amortalhada nos trajes de monja de Santa Clara, sempre que falava d'ella ao rei Aragonez dizia «a santa rainha vossa irmã», a «santa rainha D. Izabel.»

Coimbra foi a cidade onde logo depois da morte de D. Izabel se concentrou com mais persistencia o culto da rainha. D'ahi irradiou para todo o reino e depois para os outros reinos christãos onde chegára a fama dos seus feitos. Outras cidades e villas houve porém onde o culto pela memoria da rainha se manteve sempre na tradicção do povo. Em Lisboa, em Santarem, em Leiria, em Porto de Moz, em Marvão, emfim em todas as cidades, villas ou povoações em que D. Izabel residira ou em que exercera senhorio, em todos deixára recordações indeleveis.

Estes vestigios concorreram para que se entretecessem e se exagerassem as lendas dos milagres e dos prodigios operados, pela invocação do seu nome, logo depois de morta. Em vida já era a «san-

ta»; depois da morte continuou a sel-o muito tempo antes que Roma a canonizasse.

O mosteiro de Santa Clara guardava como preciosa reliquia o tumulo de D. Izabel e as freiras cuidavam d'elle com zelosa e devota piedade. Junto d'esse tumulo vinham ajoelhar os crentes na santidade de D. Izabel, implorando-lhe uns remedio, lenitivo e cura para os males da alma, outros remedio e cura para os males do corpo.

Leprosos, chaguentos, fistulosos, gangrenados, gafados, pustulentos, oravam junto do tumulo da rainha, e, diz a tradicção lendaria, que muitos ficaram curados. Era proprio do tempo.

A idade-média foi, por assim dizer, a idade da fiistula. N'este tempo, em que imperou mais calamitosamente o fanatismo catholico, a lepra, as pustulas e as chagas andavam muito ligadas ás superstições cultuaes. O catholocismo manda adorar o coração de Jesus, a sagrada viscera, vertendo sangue; nos altares ha as imagens de santos e de martyres ensanguentados. Muito d'estes santos, em vida, cultivaram com egual fervor a religião e a immundice. D. Izadel pouco se afastou do piedoso habito.

Vimos já como ella arrastava atraz de si a multidão dos leprosos ou gafados, como lhes lavava as chagas e lhas beijava por humildade. A rainha morreu de um antraz ou de um tumor. Sepultada, mettida em seu caixão, são ainda os fistulosos, os chaguentos, os que em maior numero se lhe approximam do tumulo, bemdizendo-a e implorando-a. São elles que mais andam ligados ás tradicções dos seus milagres e das suas curas, como andam ligados á maior parte dos milagres e das curas attribuidos a quasi todos os santos do catholicismo. Os sociologos que estudarem a evolução do culto catholico, não devem deixar de esclarecer estes factos evidentes.

O romance é, segundo Balzac, a historia dos costumes de uma época; sendo este romance a *Rainha Santa* a historia de alguns dos costumes de Portugal no seculo XIV, os casos de religiosidade morbida e de loucura individual e collectiva teem uma grande importancia psychologica.

As freiras de Santa Clara, o clero e o povo de Coimbra, tiveram ainda um outro auxiliar importante para a consagação da santidade de D. Izabel. Foi a Universidade. Reitores e lentes d'este estabelecimento de ensino, acompanharam sempre o povo, as freiras e os padres nas homenagens em honra da esposa de D. Diniz.

Não é nosso intuito narrar aqui todos os milagres attribuidos a D. Izabel. Elles foram os effeitos das causas psychologicas e pathologicas que acabamos de esboçar. A notação d'essas causas dispensa-nos os commentarios a que a narrativa d'esses milagres nos forçaria.

Por isso o leitor só encontrará mencionados aqui mui poucos d'esses prodigios. Se o move a curiosidade de os conhecer todos leia e consulte os muitos livros antigos que descrevem os milagres da Rainha Santa.

Modernamente porém escreveram-se tres obras que devem ser lidas por todos os que desejem conhecer, com verdadeiro rigor historico a rainha D. Izabel. Estas obras são: *Memorias das Rainhas de Portu, gal* por Frederico Francisco de La Figanière, Lisboa, 1859, 1 vol., *As Rainhas de Portugal* por Francisco da Fonseca Benevides, Lisboa, 1878-79, 2 vol. rica e luxuosamente illustrados, e a *Evolução do Culto de Dona Isabel de Aragão, etc. (a Rainha Santa)* pelo Dr. Antonio Garcia Ribeiro de Vasconcellos, Coimbra, 1894, 2 vol.

Estes tres trabalhos dispensam todo o elogio. Se esta narrativa levar o leitor a interessar-se pela curiosa figura de Izabel de Aragão, aconselhamos-lhe a leitura dos livros mencionados, pois d'ella tirará muito maior e muito diverso proveito do que se for ler sobre o mesmo assumpto algumas dezenas de alfarrabios.

CAPITULO XX

A Santa

Izabel foi beatificada pelo papa Leão X, cento e oitenta annos depois de morta.

O breve do pontifice permittia:

1.º Que em todas as egrejas, mosteiros e logares da cidade e diocese de Coimbra, uma vez em cada anno, se fizesse commemoração da bemaventurada rainha, ou mesmo se celebrasse o seu officio liturgico;

2.º Que nos mesmos logares se collocasse a sua imagem entre as outras imagens de santos, não só nas casas particulares, mas tambem nas egrejas publicas;

3.º Que os fieis lhe dirigissem preces e lhe prestassem veneração e culto como a bemaventurada;

4.º Que tudo isto se pudesse executar sem serem precisas licenças do ordinario ou de qualquer outro superior.

Leão X adverte comtudo que não quer que se supponha a bemaventurada inscripta no rol dos santos, em quanto não fôr solemnemente canonizada.

O rei D. Manoel, que pedira esta beatificação, envia o breve pontificio ás freiras de Santa Clara de Coimbra, que lhe agradecem em carta dizendo «que a santa que em este mosteiro jaz, cada dia faz muitos milagres.»

As freiras principiaram logo a prestar culto publico á rainha

D. Izabel e collocaram a sua imagem no altar da capella em que estava o seu tumulo.

O pontifice e a curia romana da Renascença eram mais dados a assumptos de arte do que a coisas do culto. Leão X, vivendo no meio de pintores, de esculptores, de poetas, de architectos e de eruditos, era um espirito subtil de humanista que não poderia tomar muito a serio o seu papel. Por isso errou ou deixou que no breve errassem o nome de D. Izabel, e chamassem sempre á nova bemaventurada D. Branca! Se era confusão propositada para recordar a memoria de D. Branca, a irmã de D. Diniz, e approximar a que fôra rainha virtuosa da infanta despejada, a troça era com effeito excessiva. Em todo o caso, com tal côrte e com tal pontifice o facto não é inacreditavel.

Mas o equivoco era por demais evidente, de modo que nenhuma autoridade ecclesiastica poz difficuldades para o reconhecimento de D. Izabel como bemaventurada.

D. João III pede ao pontifice que amplie o culto da rainha D. Izabel, limitado apenas á diocese de Coimbra, no que foi attendido. Em meiado do seculo XVI já no emtanto se celebrava a festa da bemaventurada D. Izabel no arcebispado de Braga e nos bispados do Porto, Vizeu, Lamego, Portalegre, Algarve.

No reinado de D. Sebastião pede-se para Roma a canonisação de D. Izabel.

Em Roma começaram os preparativos para se instaurar o processo para a santificação. Com a morte, em Alcacer-Kibir, d'esse ridiculo Rollando do seculo XVI o processo parou.

Filipe I de Portugal e Filipe II impetraram da curia romana a canonização da rainha D. Izabel.

O pontifice Pio V deu autorisação para ser instruido o processo de canonização.

Era necessario proceder-se aos inqueritos do costume, em Hespanha e Portugal, e especialmente em Coimbra, onde a santa vivera e onde se conservava o seu tumulo.

Nomeiam-se os juizes para este inquerito. Foram elles o bispo de Coimbra, D. Affonso de Castello Branco, o de Leiria, Martim Affonso Mexia, e o padre Francisco Vaz Pinto.

Os juizes procederam á abertura do tumulo da rainha D. Izabel em março de 1612.

Esta visita ao tumulo do veneravel ou bemaventurado que se trata de canonizar é obrigatoria.

A visita ao tumulo de D. Izabel e a abertura do sepulchro devia ser secreta.

Mas os juizes não o puderam conseguir e por isso assistiram á abertura do tumulo, que continha os restos da rainha D. Izabel, mais de quarenta pessoas.

As freiras tambem presencearam o acto do côro contiguo.

Desviada por alguns operarios a pedra que cobria o sepulchro, ficou a descoberto o caixão tal como fôra collocado 276 annos antes. [1]

Ainda estava envolto na pelle de boi, com que o forraram exteriormente em Estremoz. Verificou-se que nunca fôra aberto.

Os primeiros objectos que encontraram foram o bordão e a bolsa, que no acto do enterro haviam sido collocados no athaude.

Aberto o caixão, viu-se que os lençoes e pannos em que o corpo fôra envolvido estavam escuros, por causa dos liquidos que escorreram do cadaver e pela acção do tempo. O corpo não foi tirado, nem o desembrulharam. Apenas, pelo lado da cabeça se cortaram á tesoura as mortalhas, até ficar a descoberto a cara, o pescoço e o peito, bem como o braço e a mão.

O estado de conservação em que encontraram o corpo de D. Izabel surprehendeu todas as pessoas presentes.

Como a rainha fôra embalsamada, esta admiração não se cxplica muito bem. Todos tinham a idéa preconcebida e antecipada de que o corpo de D. Izabel estava incorrupto, em perfeito estado.

Entre as freiras de Santa Clara, entre o povo e entre todos os devotos d'esta rainha, acreditava-se unanimemente que o seu corpo estava inteiro.

Os devotos estavam persuadidos de que o corpo estava inteiro, e ficaram assombrados quando a abertura do tumulo veio comprovar a sua crença!

Ora é certo que o corpo de D. Izabel estava inteiro, mas mumificado, e, tendo a rainha sido embalsamada, o espanto dos devotos só era plausivel como pretexto para expandirem mais uma vez o seu fervor e o seu enthusiasmo pela memoria d'aquella que todos consideravam como santa.

---

[1] Dr. Antonio de Vasconcellos, *Isabel de Aragão (A Rainha Santa)* vol. I.

Eis o que o auto da abertura do tumulo de D. Izabel diz ácerca do estado do corpo [1]:

«As quaes mortalhas todos os ditos srs. juizes mandaram abrir, até se descobrir o corpo da Beata Rainha, desde a cabeça até aos peitos, o qual se achou mui são e inteiro. E sem corrupção, antes muito alvo e cheiroso e coberto de carne, de maneira que a cabeça estava com os cabellos inteiros, louros e sãos, que pegando por elles estavam fixos, a testa e todo o rosto coberto da mesma carne muito alva e bem proporcionada e com nariz, orelhas, olhos e boca sem corrupção, pegada a dita cabeça ao corpo com o seu pescoço muito alvo e inteiro. E d'ahi seguiam os peitos com as tetas levantadas tambem muito alvos e enxutos, e pondo-lhe a mão com muita força, estava firme sem se quebrar nem desfazer, e o braço direito posto sobre o peito, inteiro e consolidado com o corpo coberto de carne, descobrindo-se as veias e os nervos na mão, a qual estava com seus nervos e unhas mui consolidada.»

Os tres medicos que assistiram á abertura do tumulo, testemunharam tambem que o corpo se achava incorrupto, mas mirrado.

Diz o Dr. Balthasar d'Azeredo, lente de medicina da Universidade de Coimbra: [2] «... se abriu a sepultura em que jaz sepultado o corpo da Santa Rainha D. Izabel, e aberta ella estava o seu Santo corpo envolto em um lençol tão são e inteiro, que nem rasgar, nem despegar-se podia facilmente, e desembrulhando-se parte d'elle vi e notei que o santo rosto estava sem lesão, nem deformidade alguma; e *somente mirrado*, mas mui alvo e formoso, juntamente com o pescoço, peitos e braço, e mão direita, que tambem descobri, vi e palpei, e tudo estava consolidado, e em seu logar conjuntado, e assim me pareceu que estariam as mais partes, que se não descobriram, e que pareciam exteriormente mui conformes e proporcionadas; e outro sim tinha ainda cabellos na cabeça, e parte dianteira (onde mais cedo faltam) pelos quaes eu puxei, e estavam pegados, e mui brandos, delgados e bem córados; o que tenho por cousa extraordinaria, e *de que darei razão sendo mandado*. O que tudo certifico e afirmo pelo juramento do meu cargo e grao. Coimbra 3 d'abril de 1612.»

[1] Vem transcripto no vol. II da obra do Dr. Antonio de Vasconcellos.

[2] Na obra do Dr. Antonio de Vasconcellos, vol. II, pag. 121, documento XXXVII.

O medico Antonio Sebastião tambem viu o corpo e achou o: «com a carne pegada nos ossos, seca e coberta toda de pele, etc.»

Gonçalo Dias, cirurgião-mór de Coimbra, tambem encontrou o corpo da rainha: «com a carne pegada nos ossos, seca e coberta toda de pele.»

Vê-se por estes testemunhos que o corpo de D. Izabel estava mirrado, e apresentava a rijeza marmorea dos cadaveres embalsamados.

O bispo de Coimbra, D. Affonso de Castello Branco, um dos juizes, maravilhara-se tanto por encontrar inteiro o cadaver da rainha que declarou logo:

— Depois da Virgem Nossa Senhora e de S. João Baptista não houve santo como esta santa... Como o seu sagrado corpo está todo inteiro, hei de lhe fazer um sepulchro que custe cinco ou seis mil cruzados, com grades de prata ao redor, e um athaude de cristal em que se possa ver sem ser tocada.

As freiras, que assistiam do coreto á ceremonia, lamentaram-se por não poderem ver a rainha. Satisfez-se-lhes a devota curiosidade, trazendo um espelho, e pondo-o sobre o caixão, de modo que vissem no espelho a imagem de D. Izabel. Ficam enthusiasmadas, e rompem em canticos festivos.

Os juizes mandam encerrar o athaude, tendo antecipadamente distribuido pelos assistentes alguns pedaços das coberturas do corpo da rainha como reliquias.

Lavrou-se o auto de tudo e remetteu-se para Roma uma traducção latina d'esse auto para ser junta ao processo de canonisação.

Mas nem no pontificado de Paulo V, nem no de Gregorio XV se tomou resolução alguma.

Finalmente Urbano VIII, em 1625, canoniza a Rainha D. Izabel, e em 1626 dá parte d'esta santificação em duas epistolas, uma dirigida a Filippe III, a outra ao valido do rei, o conde de Olivares.

A esposa de D. Diniz estava por fim inscripta nos agiologios do christianismo.

Coimbra celebrou com pomposas festas a canonização de D. Izabel. Todas as classes da sociedade tomaram parte nos festejos, distinguindo-se como sempre n'estas solemnidades, as freiras, com o seu sincero enthusiasmo, e o povo, com a sua ingenua e servil ignorancia.

Em 1677 foi trasladado o corpo de Santa Izabel para o novo

mosteiro de Santa Clara, mosteiro que se edificou por estar o antigo convento em completa ruina. As cheias do Mondego tinham-lhe corroido os alicerces, e as freiras imploraram da munificencia dos reis uma nova casa para moradia. D. João IV em 1647 ordenou a mudança do convento para outro sitio; e em 1649 lança-se a primeira pedra do novo edificio. Só em 1696 se concluiu a egreja do novo convento de Santa Clara, onde devia ser collocado definitivamente o corpo de D. Izabel. Foi n'esse anno que se realisou a trasladação do athaude da rainha para a nova egreja, onde ainda hoje se encontra no côro superior do mosteiro.

CAPITULO XXI

Conclusão

A egreja tem canonizado outras princezas de Portugal,mas só D. Izabel ficou conhecida pela Rainha Santa. A aura que a acompanhou em vida, que a seguiu depois da morte pelos seculos adiante, veio até nossos dias. N'este ponto, o seculo XX pouco mais adiantadoestá do que os seculos XIV, XV e XVI.

Ainda hoje, ou annualmente, ou de dois em dois annos, se realisam em Coimbra pomposas festas, celebrando a memoria da Rainha Santa. E' o dia 4 de julho o que a egreja consagra a Santa Izabel.

O povo — a eterna creança — toma parte n'estas festividades. Não é só por infantil curiosidade que elle vae a Coimbra prestar culto a Santa Izabel. E' uma tendencia psychologica que obriga a multidão dos desprotegidos, dos doentes, dos famintos, dos humilhados, de todos os espiritos fracos, de todos os corações ulcerados, a appelar para o sobrenatural e a procurar nos actos cultuaes, nas preces, na

intervenção celeste de um santo ou santa, um balsamo para os males, um pouco de consolo para a vida, um pouco de lenitivo para a tristeza, um pouco de allivio para os soffrimentos. Esta doentia resignação é uma insânia, mas infelizmente domina ainda em nossos dias.

A mentalidade das multidões é sempre muito inferior á mentalidade media dos individuos. Se alguns individuos conseguem, graças á sciencia e á philosophia, emancipar-se das superstições religiosas, a collectividade ainda procura na loucura religiosa e nas praticas cerimoniaes um alimento para o espirito.

O catholicismo, que envenenou as fontes da vida, que preconisa que a existencia é um vale de lagrimas e que quanto mais se soffre n'este mundo maior será a recompensa no outro, no reino de Deus, escurecendo a humanidade durante dez seculos, concorreu para infiltrar nos povos que escravisou as suas concepções allucinantes e doentias. A sciencia tem procurado emancipar os homens, mas elles, como os escravos, detestam a liberdade e amam a servidão. Ás classes dominantes convem este jugo.

Por que, quando o povo tiver a concepção de que a vida merece ser vivida, de que o direito ao bem estar é egual para todos, e de que o homem só pode ser feliz quando souber dirigir-se e quando poder dispensar que o dirijam, então os dirigentes acabam, as classes desapparecem e a felicidade ha de reinar no mundo. Então todo o governo será inutil e acabará; e a propria natureza que torna os homens aptos para a liberdade, tornal-os-ha livres.

Quando este tempo chegar já elles não precisam nem de rainhas, nem de santas.

Mas a idade de oiro do genero humano ainda vem bem longe e talvez que durante seculos seja a alma humana preza das superstições e do instincto religioso.

Se os actos cultuaes representam em nosso tempo uma incoherencia e uma superstição que deveria já ha muito ter desapparecido, não quer isto dizer que muitos d'esses santificados pela piedade dos fieis, e que vivem ainda no espirito dos devotos, não tivessem sido seres bons, indoles bem inclinadas, almas bem formadas, merecendo ficar na lembrança dos homens.

E' este o caso de Izabel de Aragão, a Rainha Santa.

E agora que chegamos ao fim d'esta narrativa, concluil-a-hemos,

recordando a figura de D. Izabel e resumindo a impressão que se deve ter da protogonista que encheu estas paginas.

D. Izabel foi incontestavelmente uma santa. Passou a vida auxiliando os desprotegidos, soccorrendo os pobres, tratando e consolando os enfermos, semeando o bem-estar e a felicidade. Foi a rainha que mais conviveu com o povo e que mais se approximou d'elle. A sua alma affectiva comprazia-se minorando os soffrimentos e as privações da gente humilde e miserrima; D. Izabel tinha palavras de doçura e de conforto para todos os que padeciam, para todos os que d'ella se approximavam. Ella poderia ter sido apenas uma devota, exagerando os excessos da devoção com os jejuns e com as penitencias, e só pensando em salvar a sua alma, em obter para si o ceu, com esse egoismo muito feroz e muito peculiar em certos crentes fervorosos. D. Izabel não foi d'este numero. Os seus jejuns, os seus excessos de devoção, as suas penitencias, não a impediram nunca de exercer a favor dos pobres a sua prodiga caridade. Andava de terra em terra a semear esmolas, a tratar dos doentes, a distribuir alimentos. Nos annos de fome, nas épocas de epidemia, a rainha na sua cruzada piedosa, mandava abrir os seus celeiros, tirava das suas arcas o dinheiro para a construcção dos hospitaes e dos hospicios para recolher os enfermos e os desgraçados.

Toda a figura de Izabel de Aragão, apesar dos rigores do seu fanatismo, é uma figura poetica. As lendas e as tradicções populares cercaram-na d'essa auréola de poesia, que se não apagará tão cedo e que faltou a outras princezas.

A memoria do povo pagou bem a D. Izabel tudo quanto a rainha fez por elle. Immortalisou-a na tradicção, apagando-lhe o ascetismo pesado, e deu-lhe uma eterna mocidade, cercando-a de poesia e de flores.

Por isso a imagem de Izabel de Aragão nos apparece, mesmo nos seus trajes de monja, com o rosto de uma formosura encantadora e suave, o seu olhar meigo e dolente, o seu corpo esbelto, sempre jovem, sempre fresca e primaveril, com um braçado de rosas no regaço.

FIM

Nota explicativa e justificativa d'algumas gravuras que illustram o romance A RAINHA SANTA

Pag.

I — Figura de anjo sustentando o escudo que se divisa no tumulo collocado ao fundo da egreja do novo convento de Santa Clara de Coimbra, junto da grade do côro, ao lado da epistola.

Este tumulo encerra os restos da bisneta da Rainha Santa, a infanta D. Maria, filha d'El-rei D. Pedro I e da Rainha D. Constança, nascida em Evora a 6 de abril de 1342. Casou a 3 de fevereiro de 1354 com D. Fernando, marquez de Tortoza, senhor de Albarracim e filho de D. Affonso IV de Aragão, e que regressou a Portugal, depois de viuva, assistindo na villa de Aveiro.

O escudo de armas que se vê na face anterior do tumulo compõe-se das armas portuguezas e aragonezas, do banco dos infantes e da cruz de Aviz, que, sendo apenas usada pelos descendentes de D. João I, leva o dr. Vasconcellos a crer que n'esse tumulo descançam os despojos mortaes de D. Izabel, esposa do duque de Coimbra D. Pedro, filha de D. Jayme, conde de Urgel, e da infanta D. Izabel de Aragão. (Composição e desenho original do dr. Valle e Sousa)..... ..... 193, 300, 334, 423 e 484

II — A Rainha Santa, vestida de freira clarista e tendo na mão o bordão de romeira. (Desenho original do dr. Valle e Sousa) 340, 390 e 479

III — *O Milagre das rosas* (Copia d'um curioso quadro pelo dr. Valle e Sousa» 445

IV — Fachada oriental da egreja de Santa Clara, a *Velha*, onde se vêem ainda os restos da ábside, que terminava a nave central da egreja, e parte da qual está hoje escondida sob uma eira! Remata-a uma cruz com um escudo levando as quinas em uma e outra face e tendo nos lados os castellos do brazão nacional portuguez, que não couberam nas suas faces. (Desenho do dr. Valle e Sousa)... 461

V — Tumulo contendo os despojos de D. Izabel, neta da Rainha Santa, filha de D. Affonso IV, que falleceu ainda creança, sendo muito pranteada por sua avó, que lhe mandou fazer o lindo moimento

Pag.

que a gravura reproduz e a que se refere a *Lenda da Rainha Santa* n'estas palavras: *o muimento da Infante Dona Isabel sá neta q'ella criára, & passara em sá casa.*

Este tumulo está hoje collocado ao fundo da egreja do novo convento de Santa Clara de Coimbra, junto da grade do côro, ao lado do Evangelho (Desenho do dr. Valle e Sousa) ..... 491 e 581

VI — Fachada occidental da egreja de Santa Clara, a *Velha*, com o arco superior da grande rosacea, aberta ao fundo da nave central para dar mais luz ao côro, e que foi vandalicamente destruida para se abrir uma porta d'entrada, fazendo desapparecer o arco inferior e os ornatos centraes da grande rosacea que, segundo o dr. Vasconcellos, deu o nome *á porta da rosa.*

O desenho reproduz apenas a parte antiga d'essa fachada, hoje deploravelmente desfigurada e que é rematada por uma cruz com quatro escudos, sendo dois com as quinas de Portugal e dois com as barras de Aragão.

Ao lado do desenho vê-se uma freira clarista (Composição e desenho do dr. Valle e Sousa)..... 547

VII — *Tumulo de D. Bataça, dama de honor da Rainha Santa*, que acompanhou a Portugal a filha de D. Pedro III de Aragão, quando se matrimoniou com el-rei D. Diniz, e que mais tarde foi aia do infante D. Affonso, filho da Rainha Santa.

Acompanhou como camareira-mór a Castella a filha de D. Affonso IV, D. Constança, quando foi do seu casamento com o rei D. Fernando IV, creando alli a filha d'estes D. Leonor, e sendo a tutora dos infantes castelhanos quando falleceu aquella princeza.

Gosou de grande consideração nas côrtes de Portugal e Hespanha.

No segundo testamento da Rainha Santa ha referencias a D. Bataça.

O seu tumulo existe na Sé Velha de Coimbra. (Desenho do dr. Valle e Sousa)..... 553

VIII — Lettra inicial em que avulta o campanario da egreja de Santa Clara Velha. (Desenho do dr. Valle e Sousa)..... 560

IX — Collar que pertenceu á Rainha Santa e por ella deixado ao convento de Santa Clara. É adornado de pedras e perolas e existe no thesouro da Sé de Coimbra, emoldurado como uma reliquia n'um quadro de prata. Reproduz-se apenas o collar n'um enquadramento de rosas, a legendaria flôr de Santa Izabel. Na parte inferior do desenho divisa-se a silhueta da egreja de Santa Clara, a *Velha.* (Desenho do dr. Valle e Sousa) 561

X — *A Rainha Santa Izabel.* N'este desenho tomou-se por modelo, na parte respeitante ás feições da Rainha Santa, a estatua jacente

em Santa Clara de Coimbra e o retrato do seculo XIV que existe em Colonia. Ao fundo divisa-se a silhueta da fachada oriental da egreja de Santa Clara, a *Velha*. (Desenho original do dr. Valle e Sousa) ..... 566 e 596

XI — Caveira de D. Bataça, vista de frente e de perfil.

Em 9 de julho de 1895, procedendo-se á abertura do tumulo da dama de honor da Rainha Santa, encontrou-se dentro da arca a ossada um pouco revolvida, fragmentos de roupagem e a caveira n'uma bella configuração e muito bem conservada, tendo ainda adherentes alguns tecidhs mumificados. (Desenho do dr. Valle e Sousa)..... 585

XII — *A Rainha Santa morta.* (Desenho original do dr. Valle e Sousa).... 593

XIII — *Primitivo tumulo da Rainha Santa*, mandado lavrar pela propria rainha, alguns annos antes da sua morte, e no qual esteve sepultada até 1677.

Esta riquissima peça de arte esculptural existe no côro inferior do novo mosteiro de Santa Clara de Coimbra. (Desenho do dr. Valle e Sousa)..... 601

XIV — *D. Izabel, neta da Rainha Santa.* Este retrato é feito sobre a estatua jacente d'aquella princeza, que se vê na tampa do seu tumulo em Santa Clara. Como já dissémos, D. Izabel falleceu ainda creança, sendo sua avó que mandou executar o bello monumento tumular. (Desenho do dr. Valle e Sousa) 609

XV — *Custodia contendo o bordão dado á Rainha Santa em Sant'Iago de Compostella.*

Encontrando-se no tumulo da Rainha Santa, quando se abriu em 1612, o bordão de romeira que lhe déra o arcebispo de Sant'Iago, foi dividido em duas partes, ficando a superior no mosteiro e a inferior enviada á Rainha de Hespanha, D. Margarida. A parte superior do bordão, que é de pau preto, rematado por uma peça transversal de agata, montada em prata, existe hoje em custodia de prata na sachristia da egreja de Santa Clara, junto a uma nova imagem da Rainha Santa..... 623

ADVERTENCIA

O ex.mo sr. Armando da Silva, por motivo de doença, não poude continuar a sua collaboração n'este romance, escrevendo só os Capitulos II, III, VII, VIII, XII, XV, XVI, XVII, XXII, da Primeira Parte e os Capitulos I, V, VI e XIV da Segunda Parte.

ERRATAS

N'esta obra, cuja revisão teve de ser feita rapidamente, escaparam alguns erros typographicos e outros. O leitor com facilidade os emendará, pois nenhum d'elles altera o sentido. Tambem julgamos que nenhum terá importancia fundamental.

As irregularidades na ortographia, que foi quasi sempre deixada á vontade dos typographos, mencionam-se, embora não sejam erros e não mereçam importancia alguma. Como comtudo ha quem lh'a dê, aqui fica o aviso.

INDICE

	Pag.
Primeira Parte	1
Segunda Parte	153
Terceira Parte	423
Quarta Parte	534
Nota explicativa e justificativa d'algumas gravuras	648

PLEASE DO NOT REMOVE
CARDS OR SLIPS FROM THIS POCKET

UNIVERSITY OF TORONTO LIBRARY

BRIEF
PQD
0003325

01820417

UTL AT DOWNSVIEW
D RANGE BAY SHLF POS ITEM C
39 09 08 18 08 014 1